LYNN PICKNETT e CLIVE PRINCE

A REVELAÇÃO DOS TEMPLÁRIOS

"The Templar Revelation"

Os guardiões secretos da verdadeira identidade de Cristo

LYNN PICKNETT e CLIVE PRINCE

A REVELAÇÃO DOS TEMPLÁRIOS

Os Guardiões Secretos da Verdadeira Identidade de Cristo

Tradução de Adriano José Sandoval
1ª edição
Editora Planeta
2007

Para aqueles que mais amamos, Agora e sempre....

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível sem o auxílio de muitas pessoas, mas, devido à natureza controversa das nossas conclusões, devemos indicar que as pessoas abaixo referidas não partilham necessariamente das nossas opiniões.
Desejaríamos agradecer a: Keith Prince, pela sua meticulosa pesquisa, tanto em bibliotecas como no campo, em nosso favor, pelas suas considerações incisivas e, por vezes, muito heterodoxas sobre o tema - e por, literalmente, ter arriscado a vida e a integridade física por este projeto.
Craig Oakley, pelo seu constante apoio, entusiasmo e auxílio durante a nossa investigação.
Filip Coppens, pelo entusiasmo com que nos indicou e apresentou precioso material de investigação.
Lavinia Trevor, a nossa agente, por aplanar o

caminho para este livro e evitar que fôssemos pressionados.
Jim Cochrane, o nosso editor da Batam Press, pelos seus comentários informados e construtivos - e por manter a pressão «sobre nós». Agradecemos também aos seus colaboradores Kate Melhuish, Sheila Corr e Martin Macrae.
Lucien Morgan, por nos ter obrigado a pensar neste livro!
O material sobre Rennes-le-Château, apresentado nos Capítulos VIII e XIX, deve muito à informação prestada e discutida com várias pessoas:
No Reino Unido, com os membros do grupo de Rennes-le-Château Research, especialmente John e Joy Millar, Gay Roberts, Howard Barkway, Jonothon Boulter, Marke Pawson e Guy Patton. Também agradecemos a Guy o seu auxílio na investigação sobre os Cavaleiros Templários.
Em França, agradecemos particularmente a Alain Féral, Sonia Moreu, Antoine e Claire Captier, Jean-Luc e Louise Robin, Celia Brooke, Marcel Captier e Elizabeth van Buren. (Também a Monique e Michel Marrot de La Pomme Bleue, em Rennes-le-Château, cujas refeições, muitas vezes, eram uma festa.) Também gostaríamos de reconhecer o muito que devemos ao falecido Jos Bertaulet e à sua investigação sobre Notre-Dame de Marceille. Agradecemos à sua viúva, Suzanne, e a seus filhos, Christian e Diederik, a sua hospitalidade.
John Stephanson e Anita Forsythe, por terem cuidado de nós em Ferran, terem animado as nossas viagens ao Languedoc e por terem

partilhado connosco o seu conhecimento local. Também lhes estamos gratos pela sua maravilhosa hospitalidade e por nos terem emprestado Gold.
Peter Humber, por nos ter cedido a sua casa do Languedoc, durante a nossa primeira viagem de investigação, e pela sua reação muito descontraída perante o que quase fizemos dela... e os nossos agradecimentos também aos habitantes da aldeia de Ferran e ao serviço de Bombeiros de Montreal por nos terem socorrido naquele fatídico 17 de Janeiro de 1996. E também ao saudoso Café Fou de Peter, em Boundary Road, que parecia destinado, de algum modo, a ser o nosso refúgio.
Robert Howells, pelas muitas e agradáveis discussões, a horas tardias, sobre todas as questões esotéricas, e pelo benefício do seu vasto conhecimento.
André Douzet, pela partilha generosa dos resultados da sua exaustiva investigação dos mistérios franceses.
Niven Sinclair, pela sua grande generosidade e fascinantes informações sobre a Capela Roslyn e os Cavaleiros Templários.
Jane Lyle, por partilhar connosco o seu grande conhecimento sobre a sexualidade sagrada e - como sempre - pela alegria, encorajamento e apoio prático.
Steve Wilson, pelas informações sobre os mandeístas, por nos oferecer uma tribuna em «Talking Sticks» e por uma agradável e memorável viagem de comboio.

Karine Esparseil López, por nos ter ajudado nas traduções francesas, pelo apoio e valiosa amizade.
Pelas suas várias formas de auxílio, quer prestando-nos informações muito necessárias, quer pelo simples apoio e encorajamento, desejamos também agradecer a:
Nicole Dawe e Charles Bywaters e suas respectivas filhas, Laura Dawe e Kathryn e Jennifer Bywaters; Trevor Poots; Andy Collins; Dominique Hyde; Lionel Beer e o seu grupo TEMS; Steve Moore de Fortean Times; Veronica Cowley de RILKO; George Keiss; Yuri Stoyanov; BenoiSt Riviére; Henri Buthion; Jean-Pierre Aptel; André Galaup; Louis Vazart; Gino Sandri; Manfred Cassirer; Alun Harris; John Spencer; Steve Pear; Olivia Robertson da Associação de Tsis; Caroline Wise; Gareth Medway; Tony Pritchett; Mick e Lorraine Jones; Mark Benett; David Smith e Natalie Hac; Loren McLaughlin; David N. Corona; Dr. Richard Wiseman; Sylvia Patton; Barry e Fiona Johnstone; Sarah Litvinoff; Vida Adamoli; Helen Scott; Michèle Kaczynski; Mary Saxe-Falstein; Sally «Morgana» Morgan; Will Fowler; Sheila e Eric Taylor; Samuel Lopéz; James Dew; Nic Davies; Lisa Bailey; David Bell; I-N. E aos funcionários da British Library Reading Rooms e à Westminster Reference Library.
Também agradecemos aos serviços de emergência conjuntos de Limoux e de Carcassonne por terem socorrido Keith Prince - e ao nosso amigo anônimo que telefonou de Notre-Dame de Marceille a pedir socorro.

INTRODUÇÃO

Leonardo da Vinci foi o motivo da pesquisa que deu origem a este livro. Foi a nossa investigação sobre esse fascinante, embora ilusório, gênio da Renascença e o seu papel na mistificação do Sudário de Turim que se transformou num estudo muito mais vasto e abrangente das «heresias» que, secretamente, orientaram as suas ambições. Tivemos de descobrir de que fazia ele parte, o que conhecia e em que acreditava e por que empregara certos códigos e símbolos nas obras que legou à posteridade. Assim - embora tenhamos consciência de que é uma bênção equívoca -, temos de agradecer a Leonardo as descobertas que se transformaram neste livro.

A princípio, pareceu estranho vermo-nos arrastados para o mundo complexo e, por vezes, duvidoso das sociedades secretas e das crenças heterodoxas. Afinal, Leonardo é geralmente considerado como tendo sido ateu e racionalista. Mas iríamos descobrir que ele não era nada disso. Em breve o deixáramos ficar para trás e nos vimos confrontados com algumas implicações profundamente inquietantes. O que começara por ser um modesto estudo de alguns cultos interessantes, mas que dificilmente abalariam o mundo, tinha-se transformado numa investigação sobre as verdadeiras raízes e crenças do próprio cristianismo.

Essencialmente, foi uma viagem no tempo e no espaço: primeiro, partindo de Leonardo até à

atualidade; depois, recuando a partir da Renascença, passando pela Idade Média, até à Palestina do primeiro século, ao cenário criado pelas palavras e atos dos nossos três personagens principais - João Batista, Maria Madalena e Jesus. Ao longo do percurso, tivemos de nos deter para examinar, com um olhar totalmente novo e objetivo, muitos grupos e organizações secretos: os maçônicos, os Cavaleiros Templários, os cátaros, o priorado de Sião, os essênios e o culto de Ísis e Osíris.
Evidentemente, estes temas já foram discutidos em muitos outros livros recentes, especialmente The Holy Blood and the Holy Grail de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln - que, a princípio, foi uma particular inspiração para nós -, The Sign and the Seal de Graham Hancock, The temple and the Lodge de Baigent e Leigh, e, mais recentemente, The Hiram Key de Christopher Knight e Robert Lomas. Temos uma dívida de gratidão para com todos estes escritores, pela luz que lançaram sobre as nossas áreas comuns de investigação, mas pensamos que todos eles não conseguiram encontrar a chave essencial para o âmago destes mistérios.
Este fato não é surpreendente. Toda a nossa cultura se baseia em determinadas suposições sobre o passado e, em particular, sobre o cristianismo e o caráter e motivos do seu fundador. Mas, se essas suposições estiverem «erradas», então as conclusões delas decorrentes não serão inteiramente verdadeiras, ou

apresentarão, no mínimo, um quadro distorcido dos fatos.
Quando, pela primeira vez, fomos confrontados com as perturbadoras conclusões que expomos neste livro, fomos forçados a acreditar que estávamos enganados. Mas chegou um momento em que tivemos de tomar uma decisão: devíamos continuar a nossa investigação e publicar as nossas conclusões ou esquecer que fizéramos essas descobertas cruciais? Decidimos seguir em frente: afinal, este livro parece ser uma sequência dos livros atrás referidos, como se o seu momento oportuno tivesse, de fato, chegado.
Ao investigar as crenças perfilhadas por milhares de «heréticos», ao longo dos séculos, tínhamos descoberto um quadro notavelmente consistente. Subjacente às tradições de muitos grupos, aparentemente díspares, encontravam-se os mesmos - ou muito semelhantes - segredos. Pensámos, a princípio, que estas sociedades se mantinham secretas por mero hábito ou, talvez, por afetação - mas agora compreendemos o motivo por que têm necessidade de conservar o seu conhecimento oculto aos olhos das autoridades, especialmente da Igreja Católica. No entanto, a questão essencial não é aquilo em que acreditavam, mas se essas crenças se baseavam, ou não, em algo substancial. Porque em caso afirmativo, e se os movimentos secretos heréticos detinham a chave fundamental do cristianismo, então somos confrontados com um cenário verdadeiramente revolucionário.

Este livro descreve os nossos oito anos de pesquisa num território largamente inexplorado, porque, apesar de outros terem elaborado mapas para nossa orientação, eles não incluíam os lugares onde tínhamos de ir.

Lynn Picknett
Clive Prince St. John's Wood
Londres 22 de Julho de 1996

PRIMEIRA PARTE
AS TRAMAS DA HERESIA

CAPÍTULO I
O CÓDIGO SECRETO DE LEONARDO DA VINCI

É uma das mais famosas - e resistentes - obras de arte do mundo. O fresco de Leonardo da Vinci, A Última Ceia, é a única peça que resta da primitiva igreja de Santa Maria delle Grazie, próximo de Milão, encontrando-se na única parede que permaneceu de pé depois de o bombardeamento aliado ter reduzido a escombros o resto do edifício, durante a segunda guerra mundial. Embora muitos outros artistas consagrados, como Ghirlandaio e Nicolas Poussin - mesmo um pintor idiossincrático como Salvador Dali - também tenham oferecido ao mundo a sua versão desta relevante cena bíblica, é a de Leonardo que, por alguma razão, mais tem prendido a imaginação. Por toda a parte se vêem versões desta cena, tocando os dois extremos do espectro do gosto, desde o sublime ao ridículo.

Algumas imagens podem ser tão familiares que nunca são verdadeiramente examinadas e, embora estejam patentes ao olhar do observador e convidem a um exame mais minucioso, ao seu nível mais profundo e significativo elas permanecem, de fato, livros totalmente fechados. E o que sucede com a A Ultima Ceia de Leonardo - e, estranhamente, com todas as suas outras obras.
Seria a obra de Leonardo (1452-1519) - esse atormentado gênio da Itália renascentista - que nos arrastaria para um caminho que conduziu a descobertas tão assombrosas nas suas implicações que, a princípio, parecia impossível: impossível que gerações de acadêmicos não tivessem observado o que saltava ao nosso olhar surpreendido - e impossível que uma informação tão explosiva tivesse permanecido pacientemente, durante todo este tempo, à espera de ser descoberta por escritores como nós, à margem da corrente dominante da investigação histórica ou religiosa.
Assim, para começar a nossa história propriamente dita, temos de regressar à A Última Ceia de Leonardo e examiná-la com novo olhar. Este não é o momento para a considerar no contexto das familiares hipóteses histórico-artísticas. É o momento adequado para a examinar como um recém-chegado à mais familiar das cenas a olharia, para afastar dos olhos as vendas do preconceito e, talvez pela primeira vez, olhá-la verdadeiramente.
A figura central é, claro, a de Jesus, que Leonardo, nas suas notas para a obra, refere como «o Redentor». (No entanto, avisa-se o leitor para não

fazer aqui suposições óbvias.) Contemplativo, Jesus olha para baixo e ligeiramente para a esquerda, com as mãos estendidas sobre a mesa, como se apresentasse uma dádiva ao observador. Como esta é a última Ceia, na qual, segundo o Novo Testamento, Jesus iniciou o sacramento do pão e do vinho, exortando os seus discípulos a partilhar deles como a sua «carne» e o seu «sangue», seria razoável esperar que um cálice ou uma taça de vinho estivesse colocada em frente de Jesus, para ser abrangido por aquele gesto. Afinal, para os cristãos, esta refeição teve lugar imediatamente antes da «Paixão» de Jesus, no jardim de Getsamane, quando Ele pediu fervorosamente que «este cálice se afaste de mim [...]» outra alusão à imagem vinho/sangue - também antes da sua morte por crucificação, quando o seu sangue foi derramado em nome de toda a Humanidade. Contudo, não há vinho em frente de Jesus (e apenas uma quantidade simbólica, em toda a mesa). Pode acontecer que aquelas mãos estendidas estejam a fazer o que, segundo os artistas, é essencialmente um gesto sem significado?

À luz da ausência de vinho, talvez não seja por acaso que, de todo o pão que está sobre a mesa, muito pouco esteja realmente partido. Como Jesus identificou o pão com o seu próprio corpo, que ia ser despedaçado no sacrifício supremo, estará a ser transmitida alguma mensagem sutil acerca da verdadeira natureza do sofrimento de Jesus?

Contudo, isto é apenas a ponta do icebergue da

não-ortodoxia representada nesta pintura. No relato bíblico, é o jovem São João - conhecido pelo «Amado» - que está tão próximo de Jesus que se reclina «no seu peito». Contudo, na representação de Leonardo, este jovem não se reclina tanto, como exigia o «cenário» bíblico, mas inclina-se, afastando-se exageradamente do Redentor, com a cabeça quase provocantemente inclinada para a direita. Mas, no que diz respeito a esta personagem, isso não é tudo, porque devíamos perdoar aos que vêem a pintura pela primeira vez por alimentarem estranhas incertezas quanto ao chamado São João. Porque, embora seja verdade que as predilecções do artista tendiam a representar a epítome da beleza masculina como um tanto efeminada, certamente é para uma mulher que estamos a olhar. Tudo «nele» é surpreendentemente feminino. Embora o fresco possa estar envelhecido e desbotado, ainda se pode distinguir as mãos pequenas e graciosas, as feições bonitas e delicadas, o peito distintamente feminino e o colar de ouro. Esta mulher, porque seguramente é uma mulher, também usa roupas que a distinguem como sendo especial. Elas reflectem a imagem das roupas do Redentor: enquanto um veste uma túnica azul e um manto vermelho, o outro veste uma túnica vermelha e um manto azul, de estilo idêntico. Mais nenhum dos presentes à mesa usa um traje que, desta maneira, reflicta o de Jesus. Mas também mais nenhum dos presentes à mesa é uma mulher.

Central à composição global é a forma que Jesus e

esta mulher constituem em conjunto - um M enorme e aberto, quase como se estivessem literalmente unidos na anca e se tivessem zangado ou se tivessem afastado. Tanto quanto sabemos, nenhum académico se referiu a esta personagem feminina como não sendo São João, e a forma M ultrapassou-os. Como descobrimos durante a nossa investigação, Leonardo era um excelente psicólogo que se divertia apresentando aos seus patronos, que o encarregavam de pintar cenas religiosas clássicas, imagens muito heterodoxas, sabendo que as pessoas encarariam com equanimidade as mais surpreendentes heresias porque, geralmente, elas só viam o que esperavam ver. Se formos encarregados de pintar uma cena cristã clássica e apresentarmos ao público algo que superficialmente pareça sê-lo, o seu simbolismo dúbio nunca será questionado. Contudo, Leonardo devia ter esperado que talvez outros, que partilhavam a sua invulgar interpretação do Novo Testamento, reconhecessem a sua versão ou que, um dia, alguém, algures, um observador objectivo, captasse a imagem desta misteriosa mulher ligada à letra M e fizesse as perguntas óbvias. Quem era este M e por que razão era tão importante? Por que arriscaria Leonardo a sua reputação - mesmo a sua vida, naqueles tempos da pira funerária flamejante - para a incluir nesta crucial cena cristã?

Fosse ela quem fosse, o seu próprio destino não parece estar seguro porque uma mão se atravessa

em frente do seu pescoço, graciosamente inclinado, no que parece ser um gesto ameaçador. Também o Redentor é ameaçado por um dedo indicador estendido, positivamente apontado ao seu rosto com óbvia veemência. Tanto Jesus como «M» parecem totalmente alheios a estas ameaças, aparentemente perdidos no mundo dos seus pensamentos, cada um, à sua maneira, sereno e calmo. Mas é como se símbolos secretos estivessem a ser usados, não apenas para avisar Jesus e a sua companheira dos seus destinos separados mas também para transmitir (ou talvez recordar) ao observador uma informação que, de outro modo, poderia ser perigoso tomar pública. Está Leonardo a usar esta pintura para transmitir alguma crença particular, que teria sido quase loucura partilhar com uma audiência mais vasta, de qualquer forma mais óbvia? E podia acontecer que essa crença tivesse uma mensagem para muito mais pessoas além do seu círculo imediato, talvez mesmo para nós, agora?

Continuemos a examinar esta obra espantosa. À direita do observador do fresco, um homem alto, de barba, inclina-se exageradamente para falar com o último discípulo sentado à mesa. Ao inclinar-se, ele voltou completamente as costas ao Redentor. É este discípulo - São Tadeu ou São Judas - que se admite ter por modelo o próprio Leonardo. Nada do que os pintores renascentistas representassem era acidental ou incluído simplesmente por razão estética, e este exemplar específico da sua época e da sua profissão era

famoso por ser adepto do double entendre visual. (A sua preocupação de usar o modelo adequado a cada um dos vários discípulos pode detectar-se na sua perversa sugestão de que o irritante prior de Santa Maria posasse para a personagem de Judas!) Então, por que se representaria o próprio Leonardo a desviar o olhar de Jesus de forma tão óbvia?
Há mais. Uma mão anómala aponta uma adaga ao estômago de um discípulo que uma pessoa separa de «M». Por nenhum esforço de imaginação essa mão podia pertencer a alguém sentado àquela mesa, porque é fisicamente impossível aos que estão próximos terem-se voltado para colocar a adaga naquela posição. Contudo, o que é verdadeiramente espantoso nesta mão sem corpo não é tanto o facto de ela existir mas que em todas as nossas leituras sobre Leonardo apenas tivéssemos encontrado duas referências a essa mão, e que revelam uma estranha relutância em encontrar nela algo de anormal. Como o São João, que é realmente uma mulher, nada podia ser mais óbvio - e mais bizarro - logo que foi detectado, contudo ele é completamente ignorado pelo olhar e pela mente do observador, por ser tão extraordinário e tão chocante.
Ouvimos dizer, muitas vezes, que Leonardo era um cristão piedoso cujas pinturas religiosas refletiam a profundidade da sua fé. Como vimos até agora, pelo menos uma delas contém imagens altamente dúbias, em termos de ortodoxia cristã, e a nossa investigação, como veremos mais tarde, revela que nada podia estar mais longe da verdade do

que a idéia de que Leonardo era um verdadeiro crente - isto é, um crente em qualquer forma aceite ou aceitável do cristianismo. Nesta altura, as estranhas e anómalas características de uma única das suas obras parecem indicar que ele tentava revelar-nos outro estrato do significado daquela familiar cena bíblica, de outro mundo de fé, para além do desenho reconhecido da imagem fixada naquele mural do século XV próximo de Milão.

Seja qual for o significado dessas inclusões heterodoxas, elas estão, e não é de mais acentuá-lo, em total desacordo com o cristianismo ortodoxo. Este fato não é novidade para os atuais materialistas/racionalistas porque, para eles, Leonardo foi o primeiro verdadeiro cientista, um homem que não tinha tempo para qualquer forma de superstições ou de religião, que era a verdadeira antítese do místico ou do ocultista. Mas também eles foram incapazes de ver o que estava claramente exposto aos seus olhos. pintar A Última Ceia sem uma quantidade significativa de vinho é o mesmo que pintar o momento crítico de uma coroação sem a coroa: ou não atinge o objetivo ou atinge outro diferente, a ponto de o identificar como abertamente herético, alguém que possuía crenças religiosas, mas crenças que estavam em desacordo, talvez mesmo em guerra, com as da ortodoxia cristã. E descobrimos que outras obras de Leonardo sublinham as suas obsessões heréticas específicas, através de imagens cuidadosamente aplicadas e consistentes, o que

não aconteceria se o artista fosse um ateu, simplesmente interessado em ganhar a vida. Estas inclusões e símbolos desnecessários são mais, muito mais, do que a resposta satírica do cético a este tipo de incumbências - não são o mesmo que pintar um nariz vermelho a São Pedro, por exemplo. O que estamos a ver na A Última Ceia, e noutras das suas obras, é o código secreto de Leonardo da Vinci, que julgamos ter uma importância espantosa para o mundo atual.
Pode discutir-se que tudo em que Leonardo acreditou ou não acreditou era apenas o ponto fraco de um homem, para mais um homem notavelmente excêntrico, cuja história estava cheia de paradoxos. Podia ter sido um solitário, mas era também o animador de um grupo; desprezava os cartomantes, mas as suas contas registam dinheiro pago a astrólogos; era vegetariano e afectuoso amigo dos animais, mas o seu afeto raramente se estendia à Humanidade; dissecava obsessivamente cadáveres e assistia às execuções com um olhar de anatomista; era um profundo pensador e um mestre de enigmas, de artes mágicas e de mistificação. Dado este complexo panorama, não seria de estranhar que as suas ideias pessoais sobre religião e filosofia fossem invulgares, mesmo sutis. Apenas por esta razão, podia ser tentador considerar as suas crenças heréticas como irrelevantes para o mundo atual. Enquanto, de modo geral, se admite que Leonardo tinha um enorme talento, a moderna tendência para um «historicismo» arrogante

procura desvalorizar as suas realizações. Afinal, quando ele estava no apogeu, até a técnica de impressão era uma novidade. O que podia ter um inventor isolado desses tempos, tão primitivos, para oferecer a um mundo que é continuamente informado, navegando na Net, e que pode, numa questão de segundos, comunicar por telefone ou por fax com pessoas de continentes que ainda não tinham sido descobertos na sua época?
Há duas respostas para esta pergunta. A primeira é que Leonardo não era, para usar um paradoxo, um génio vulgar.
Dado que muitas pessoas sabem que ele desenhou máquinas voadoras e primitivos tanques militares, algumas das suas invenções eram tão inverosímeis para a sua época que algumas pessoas mais excêntricas sugeriram mesmo que ele devia ter tido visões do futuro. Os seus desenhos de uma bicicleta, por exemplo, só se tornaram conhecidos depois de 1960. Ao contrário das penosamente prolongadas fases de ensaio do aperfeiçoamento da primeira bicicleta vitoriana, a bicicleta de Da Vinci tinha duas rodas do mesmo tamanho, uma corrente e um mecanismo de engrenagem. Mas, ainda mais fascinante que o verdadeiro desenho, é saber, em primeiro lugar, o que o teria levado a inventar uma bicicleta. O homem sempre desejou voar como as aves, mas ter uma motivação para pedalar ao longo das estradas imperfeitas é completamente mistificador (e, ao contrário de voar, não figura em qualquer fábula clássica). Leonardo também previu o telefone, entre muitas

outras futuristas pretensões à fama.
Se Leonardo foi um génio ainda maior do que os livros de história admitem, resta saber que possível conhecimento podia ter possuído, e que causaria impacte, de forma significativa e prolongada, cinco séculos após a sua morte. Embora se possa discutir que os ensinamentos de um rabi do século I teriam menos relevância para o nosso tempo e lugar, também é verdade que algumas idéias são universais e eternas e que a verdade, se puder ser encontrada ou definida, nunca é essencialmente enfraquecida pela passagem dos séculos.
Não foi, contudo, nem a filosofia de Leonardo (quer evidente quer dissimulada) nem a sua arte que primeiro nos atraíram para ele. Foi a sua obra muito paradoxal, uma obra que é incrivelmente famosa e, ao mesmo tempo, muito pouco conhecida, que nos arrastou para a nossa intensa investigação de Leonardo. Como já descrevemos pormenorizadamente no nosso último livro, descobrimos que foi o maestro que forjara o Sudário de Turim, que há muito se julgava ter sido miraculosamente impresso com a imagem de Jesus no momento da Sua morte. Em 1998, os testes de carbono provaram a todos, exceto a um punhado de crentes desesperados, que o Sudário era um artefato do final da época medieval ou do princípio da época da Renascença, mas, para nós, ele permanecia uma imagem verdadeiramente notável - para não exagerar. Na nossa opinião, o primordial era a questão da identidade do mistificador. Quem

quer que tivesse criado esta espantosa «relíquia», tinha de ser um gênio.

O Sudário de Turim, como toda a literatura - tanto a favor como contra a sua autenticidade - reconhece, comporta-se como uma fotografia. Ele exibe um curioso «efeito negativo», o que parece uma vaga queimadura, a olho nu, mas que pode ser vista em nítido pormenor em negativo fotográfico. Porque nenhuma pintura conhecida se comporta deste modo, o efeito negativo tem sido considerado pelos «sudaristas» (crentes de que é verdadeiramente o Sudário de Jesus) como prova das qualidades milagrosas da imagem. Contudo, descobrimos que a imagem do Sudário de Turim se comporta como uma fotografia porque é isso exatamente que ele é.

Por incrível que possa parecer, a princípio, o Sudário de Turim é uma fotografia. Nós, juntamente com Keith Prince, reconstituímos o que julgámos ser a técnica original e, ao fazê-lo, tornamo-nos as primeiras pessoas a reproduzir as características do Sudário de Turim, inexplicáveis até então. E, apesar de os sudaristas alegarem que isso era impossível, fizemo-lo usando equipamento extremamente básico. Usámos uma câmara escura (uma câmara com um pequeno orifício), pano com revestimento químico, tratado com materiais facilmente disponíveis no século XV, e grandes doses de luz. Contudo, o objeto da nossa experiência fotográfica foi o busto em estuque de uma rapariga, o qual, infelizmente, estava a anos-luz do estado do modelo original. Porque, embora

o rosto do Sudário não fosse, como foi cabalmente demonstrado, o rosto de Jesus, ele era, de fato, o rosto do próprio mistificador. Em resumo, o Sudário de Turim é, entre muitas outras coisas, uma fotografia, com quinhentos anos, do próprio Leonardo da Vinci.

Apesar de algumas curiosas alegações em contrário, isto não pode ter sido obra de um piedoso crente cristão. O Sudário de Turim, visto em negativo fotográfico, mostra o corpo despedaçado e sangrento de Jesus. Devemos lembrar que este não é um sangue comum, porque para os cristãos ele não é apenas literalmente divino: é também o veículo através do qual o mundo pode ser redimido. Na nossa opinião, não se pode forjar aquele sangue e ser considerado crente - nem se pode ter o mínimo respeito pela pessoa de Jesus e substituir a Sua imagem pela de si próprio. Leonardo fez ambas as coisas, com cuidado meticuloso e mesmo, suspeita-se, com certo prazer. É claro que ele sabia que, como suposta imagem de Jesus - porque ninguém perceberia que era a do próprio florentino -, o Sudário seria venerado por apreciável número de peregrinos, mesmo durante a sua vida. Pelo que sabemos, ele manteve-se na sombra, observando a veneração dos peregrinos - o que estava de acordo com o que conhecemos do seu caráter. Mas calcularia Leonardo o número de peregrinos que, ao longo dos séculos, fariam o sinal da cruz em frente da sua imagem? Imaginou que, algum dia, pessoas inteligentes se converteriam ao

catolicismo simplesmente por olhar para aquele rosto belo e torturado? E poderia ele ter previsto que a imagem cultural que o Ocidente faz do aspecto de Jesus teria origem na imagem do Sudário de Turim? Teria percebido que, um dia, milhões de pessoas de todo o mundo adorariam a imagem de um herético homossexual do século XV em vez do seu amado Deus, que, literalmente, Leonardoda Vinci ia tornar-se a imagem de Jesus Cristo?
Pensamos que o Sudário esteve muito perto de ser a mais chocante - e bem sucedida - partida pregada à história. Mas, embora tenha enganado milhões, ele é mais do que um hino à mistificação de mau gosto. Pensamos que Leonardo aproveitou a oportunidade para criar a suprema relíquia cristã como veículo de duas coisas: uma técnica inovadora e uma fé herética codificada. Era muito perigoso - como os acontecimentos iriam mostrar - tornar pública a técnica da primitiva fotografia, naquela era paranóica e supersticiosa. Mas, sem dúvida, Leonardo divertiu-se ao assegurar que este protótipo estava ao cuidado dos sacerdotes que ele desprezava. É claro que era possível que esta irônica curadoria sacerdotal fosse pura coincidência, apenas um acidente fatal numa história já extraordinária, mas, para nós, ele sugere a paixão de Leonardo pelo controlo total que, como vemos aqui, se estendia para além da sepultura.
O Sudário de Turim, embora seja uma mistificação e uma obra de génio, também contém certos

símbolos que sublinham as obsessões pessoais de Leonardo, como em outras das suas obras, de modo geral, mais aprovadas. Por exemplo, na base do pescoço do homem do Sudário existe uma distinta linha de demarcação. Quando a imagem no seu todo, se transforma num «mapa de contornos», usando a mais sofisticada tecnologia computarizada, vemos que a linha marca a extremidade inferior da imagem frontal da cabeça e existe como um mar de escuridão uniforme, sem imagem, imediatamente abaixo da linha, até que a imagem começa novamente na parte superior do tórax. Acreditamos que há duas razões para este fato. Uma é puramente prática, porque a imagem frontal é um compósito; o corpo é o de um homem verdadeiramente crucificado, e o rosto é o de Leonardo, assim, essa linha, talvez necessária, indica a «junção» das duas imagens. Contudo, o mistificador não era um simples artífice, e ter-lhe-ia sido fácil obscurecer ou remediar aquela linha de demarcação denunciadora. E se Leonardo não desejasse, de fato, eliminá-la?
E se a deixasse ali, deliberadamente, à consideração «dos que tivessem olhos para ver»?
Que possível heresia pode conter o Sudário de Turim, mesmo em código? Certamente há um limite para os símbolos que se podem ocultar numa imagem simples e rígida de um homem nu crucificado - e uma imagem que já foi analisada pelos cientistas, usando o equipamento adequado? Embora na altura devida regressemos a este tema, digamos, por agora, que se pode responder a estas

perguntas olhando, de novo, para dois aspectos fundamentais da imagem. O primeiro diz respeito à abundância de sangue vivo que parece correr livremente pelos braços de Jesus - e que pode parecer, superficialmente, contradizer a falta de vinho sobre a mesa da A Última Ceia, mas que, de facto, reforça este ponto particular. O segundo diz respeito à óbvia linha de demarcação entre a cabeça e o corpo, como se Leonardo estivesse a chamar a nossa atenção para uma decapitação... Tanto quanto sabemos, Jesus não foi decapitado e a imagem é um compósito, portanto, somos chamados a considerar as imagens de duas pessoas distintas que, no entanto, estavam intimamente ligadas, de alguma maneira. Mas, no entanto, por que deveria alguém que foi decapitado ser colocado «acima» de alguém que foi crucificado?

Como veremos, esta indicação da cabeça decapitada, no Sudário de Turim, é apenas um reforço dos símbolos de muitas outras obras de Leonardo. Já vimos como a anómala jovem «M», na A Última Ceia, está aparentemente ameaçada por uma mão que se atravessa sobre o seu delicado pescoço, e como o próprio Jesus está a ser ameaçado por um dedo indicador estendido, apontado ao seu rosto, aparentemente como um aviso - ou, talvez, uma advertência, ou ambos. Nas obras de Leonardo, este indicador estendido é sempre, em todos os casos, uma referência direta a João Batista.

Este santo, o alegado precursor de Jesus, que

exortou o mundo a «contemplar o Cordeiro de Deus», cujas sandálias ele não era digno de desatar, foi de suprema importância para Leonardo, se julgarmos pela sua omnipresença nas obras de Leonardo que ainda subsistem. Esta obsessão, em si mesma, é curiosa em alguém que os modernos racionalistas consideram não ter tido tempo para a religião. Um homem, para quem todas as personagens e tradições do cristianismo nada valiam, dificilmente teria dedicado tanto tempo e energia a um santo específico como ele dedicou a João Batista. Continuamente, é este João que domina a vida de Leonardo, tanto a nível consciente, nas suas obras, como a nível sincrônico, nas circunstâncias que o rodeavam. Por exemplo, a sua amada cidade de Florença é dedicada a este santo, tal como a catedral de Turim, em que o forjado Santo Sudário se conserva com grande aparato. A sua última pintura, que, com a Mona Lisa, se encontrava no quarto em que Leonardo morreu, sem ser reclamada, era de João Baptista, e a sua única peça de escultura que subsiste (executada em conjunto com Goivas Francesco Rustici, um famoso ocultista) também representava Batista. Encontra-se agora na entrada para o batistério de Florença, muito acima das cabeças dos turistas e, infelizmente, danificada pelos irreverentes bandos de pombos.
O dedo indicador estendido - o que chamamos o «gesto de João» - foi realçado em A Escola de Atenas (1509) de Rafael. Aqui, vemos a venerável figura de Platão fazendo este sinal, mas em

circunstâncias que não são uma alusão tão misteriosa como se podia suspeitar. De fato, o modelo de Platão foi o próprio Leonardo, obviamente fazendo um gesto que, de certo modo, não só lhe era característico como também profundamente significativo para ele (e, presumivelmente, também para Rafael e outros do seu círculo).

Caso se pense que estamos a exagerar o que designamos por «gesto de João», examinemos outros exemplos dele na obra de Leonardo.

Este gesto figura em várias das suas pinturas e, como dissemos, tem sempre o mesmo significado. Na sua inacabada Adoração dos Magos (começada em 1481), um figurante anônimo faz este gesto junto de um monte de terra onde cresce uma alfarrobeira. A maioria dos observadores não repara nele, porque os seus olhos são inevitavelmente atraídos para o que julgam ser o objetivo do quadro - como o título sugere, a veneração da Sagrada Família pelos «homens sábios» ou magos. A bela e sonhadora Virgem, com Jesus ao colo, é pintada como uma figura insípida e descolorida. Os magos ajoelham, apresentando à Virgem os seus presentes para a criança, enquanto, ao fundo, um grupo se movimenta, aparentemente para também adorar a mãe e a criança. Mas, como na A Última Ceia, esta também só superficialmente é uma pintura cristã e merece um exame mais minucioso.

No primeiro plano, os devotos dificilmente são exemplos de saúde e beleza. Magros até ao ponto

de parecerem cadáveres, as suas mãos estendidas parecem estar levantadas, não tanto em assombro, mas mais como se estivessem a despedaçar o par duma forma assustadora. Os magos apresentam a suas dádivas - mas apenas dois dos lendários três magos. Oferecem incenso e mirra, mas não ouro. Para as pessoas do tempo de Leonardo, o ouro não só significava riqueza imediata como era também um símbolo de realeza - e, aqui, ela está a ser negada a Jesus.
Se olharmos para detrás da Virgem e dos Magos, parece haver um segundo grupo de devotos. Estes são muito mais saudáveis e têm um aspecto mais normal - mas, se seguirmos a linha do seu olhar, é óbvio que eles não estão a olhar para a Virgem nem para a criança, mas parece que estão a venerar as raízes da alfarrobeira, para a qual um homem está a fazer o «gesto de João». E a alfarrobeira é tradicionalmente associada a João Batista...
No canto inferior direito da pintura, um homem jovem afasta-se deliberadamente da Sagrada Família. Admite-se que este homem seja o próprio Leonardo, mas o argumento um tanto fraco usado para explicar esta aversão - que o artista se sentia indigno de os enfrentar - dificilmente convencerá, porque Leonardo é muito famoso por mão ter sido apreciador da Igreja. Além disso, a personagem de São Tadeu ou São Judas da A Última Ceia também se afasta ostensivamente do Redentor, sublinhando, assim, uma resposta emocional extrema às figuras centrais da história cristã. E,

como Leonardo dificilmente era a epítome da piedade ou da humildade, não é provável que esta reação tenha sido inspirada por um sentimento de inferioridade ou de espírito de adulação.
Voltando ao belo e obsidiante cartão de Leonardo para a Virgem e Jesus com Santa Ana (1501), que embeleza a National Gallery de Londres, novamente se encontram elementos que deviam perturbar - mas raramente perturbam - o observador, devido às suas implicações subversivas. O desenho mostra a Virgem e o menino, com Santa Ana (mãe de Maria) e João Batista, em criança. O menino Jesus, aparentemente, está a abençoar o seu primo João, que olha para cima. pensativo, enquanto Santa Ana lança, de muito perto, um olhar perscrutador ao rosto alheado da filha - e está a fazer o «gesto de João» com uma mão, curiosamente grande e masculina. Contudo, este dedo indicador estendido eleva-se imediatamente acima da pequena mão com que Jesus está a abençoar, como se a ensombrasse literal e metaforicamente. E, embora a Virgem pareça estar sentada numa posição extremamente desconfortável - de fato, quase como numa sela de amazona - é a posição do menino Jesus que é particularmente estranha. A Virgem segura-o como se o impelisse para a frente para dar a bênção como se o introduzisse no quadro apenas para abençoar, mas apenas o mantém ali com dificuldade. Entretanto, João, indiferente encosta-se no joelho de Santa Ana, desinteressado da honra que lhe está a ser

concedida. Poderia ser possível que a própria mãe da Virgem estivesse a recordar à filha algum segredo relacionado com João?
Segundo a respectiva nota da Natiomal Gallery, alguns críticos de arte, intrigados com a juventude de Santa Ana e com a presença anômala de João Batista, levantaram a hipótese de a pintura representar Maria e a sua prima Isabel - a mãe de João. Parece uma hipótese plausível, e, se for correta reforça o ponto essencial.
Esta aparente inversão dos habituais papéis de Jesus e de João também se verifica numa das duas versões da Virgem dos Rochedos de Leonardo. Os historiadores de arte nunca explicaram satisfatoriamente a razão de existirem duas versões, mas uma delas é atualmente exibida na National Gallery de Londres, e a outra - para nós, a mais interessante - encontra-se no Louvre, em Paris.
A encomenda original partiu de uma organização conhecida por Confraria da Imaculada Conceição, e era de uma única pintura, destinada a ser a peça central de um tríptico para o altar da capela da Confraria na Igreja de San Francisco Grand, em Milão. (As outras duas pinturas do tríptico foram encomendadas a outros artistas.) O contrato, datado de 25 de Abril de 1483, ainda existe e lança alguma luz interessante sobre o quadro esperado - e sobre o que os membros da Confraria realmente receberam. Especifica cuidadosamente a forma e a dimensão da pintura que desejavam - uma necessidade, porque a moldura para o

tríptico já existia. Estranhamente, ambas as versões acabadas de Leonardo correspondem a estas especificações, embora se desconheça por que razão fez duas versões. Podemos, no entanto, arriscar uma suposição acerca destas interpretações divergentes e que tem pouco a ver com perfeccionismo e mais com um conhecimento do seu potencial explosivo.
O contrato também especifica o tema da pintura. Devia representar um acontecimento, que não se encontra nos Evangelhos, há muito presente na lenda cristã. Era a história relativa à fuga para o Egipto, quando José, Maria e o menino Jesus se tinham abrigado numa caverna do deserto, onde encontraram o pequeno João Batista, que estava protegido pelo arcanjo Uriel. A particularidade desta lenda era o fato de ela permitir uma fuga a uma das mais óbvias e embaraçosas questões levantada pela história do Evangelho acerca do batismo de Jesus. Por que devia Jesus, supostamente sem pecado, precisar de ser batizado, dado que o ritual é um gesto simbólico da remoção dos pecados e do compromisso de religiosidade futura? Por que devia o próprio Filho de Deus ter-se submetido ao que era, manifestamente, um ato de autoridade da parte de Batista?
Esta lenda revela como, neste encontro curiosamente fortuito das duas crianças sagradas, Jesus conferiu a seu primo João a autoridade para o batizar quando ambos fossem adultos. Por várias razões, parece-nos muito irónico que a Confraria

fizesse esta encomenda a Leonardo, mas também podíamos suspeitar de que Leonardo teria ficado encantado ao recebê-la - e ao fazer a sua interpretação muito particular, pelo menos, numa das versões.
Ao gosto da época, os membros da Confraria tinham especificado uma pintura suntuosa e muito ornamentada, com grande quantidade de doirados, muitos querubins e velhos profetas do Antigo Testamento para preencher o espaço. O que acabaram por receber foi muito diferente, a ponto de as relações entre eles e o artista se tornarem acrimoniosas, culminando num processo judicial que se arrastou durante mais de vinte anos.
Leonardo preferiu representar esta cena o mais realisticamente possível, sem figuras estranhas - para ele, não deviam existir gordos querubins nem sombrios profetas da desgraça. De facto, as dramatis personae foram, talvez, excessivamente reduzidas, porque, embora esta cena supostamente descreva a fuga para o Egito, José nem figura nela.
A versão do Louvre, que foi a primeira, apresenta uma Virgem vestida de azul, com um braço protector à volta de uma das crianças; a outra faz grupo com Uriel. Curiosamente, as duas crianças são idênticas, mas o mais curioso ainda é a criança que está junto de Uriel, que está a abençoar a outra, e a criança de Maria é que está ajoelhada, em subserviência. Este fato levou os historiadores de arte a presumir que, por qualquer razão, decidiu colocar João junto de Maria. Afinal, não

existem rótulos para identificação individual, e a criança que tem autoridade para abençoar tem de ser Jesus.
Existem, no entanto, outras maneiras de interpretar este quadro, que não só sugerem insistentes mensagens subliminares e muito heterodoxas como também reforçam os códigos usados noutras obras de Leonardo. Talvez esta semelhança das duas crianças sugira que Leonardo estava deliberada e intencionalmente a mistificar a identidade das duas crianças. E, enquanto Maria estende um braço protector em torno da criança geralmente reconhecida como Jesus, a sua mão direita está estendida acima da cabeça de «Jesus», no que parece ser um gesto de manifesta hostilidade. E o que Serge Bramly, na sua recente biografia de Leonardo, descreve como «fazendo lembrar as garras de uma águia». Uriel está a apontar para o filho de Maria mas também, de forma significativa, olha enigmaticamente para o observador - isto é, afasta deliberadamente o olhar da Virgem e da criança. Embora seja mais fácil e mais aceitável interpretar este gesto como indicação de qual das crianças irá ser Messias, há outros significados possíveis.
E se a criança de Maria, na versão do Louvre de A Virgem dos Rochedos, for Jesus - como é lógico esperar - e o jovem, que está junto de Uriel, for João? Não esquecer que, neste caso, é João que está a abençoar Jesus, estando este a submeter-se à autoridade do primeiro. Uriel, como especial protetor de João, evita mesmo olhar para Jesus. E

Maria, protegendo o filho, estende uma mão ameaçadora, muito acima da cabeça do pequeno João. Algumas polegadas diretamente abaixo da palma da mão estendida de Maria, atravessa-se a mão indicadora de Uriel, como se os dois gestos estivessem a circunscrever uma indicação oculta. É como se Leonardo estivesse a indicar que um objeto, uma coisa importante - mas invisível - devia preencher o espaço entre os dois gestos. Neste contexto, não é, de modo nenhum, fantasista compreender que se pretende que os dedos estendidos de Maria pareçam estar colocados sobre uma cabeça invisível enquanto o dedo indicador de Uriel atravessa o espaço, exactamente onde se encontraria o pescoço. Esta cabeça fantasma flutua precisamente acima da criança que está junto de Uriel... Assim, esta criança está, afinal, efetivamente rotulada, por que qual das duas crianças iria morrer decapitada? E, se for realmente João Baptista, ele é apresentado a abençoar, detentor do estatuto superior.
Contudo, quando voltamos à versão da National Gallery, muito mais tardia, verificamos que desapareceram todos os elementos necessários para fazer estas deduções heréticas - mas apenas esses elementos. As duas crianças são muito diferentes na aparência, e a que está com Maria carrega a cruz de haste longa, tradicional de João (embora seja verdade que ela possa ter sido acrescentada, mais tarde, por outro artista). Nesta versão, a mão direita de Maria também está estendida acima da outra criança, mas agora sem

sugestão de ameaça. Uriel já não está a apontar nem desvia o olhar da cena.
É como se Leonardo nos convidasse a «descobrir as diferenças» - desafiando-nos a tirar conclusões dos pormenores anômalos.
Este tipo de exame à obra de Leonardo revela um excesso de correntes ocultas, provocadoras e perturbantes. Parece haver uma repetição do tema de João Batista, usando vários símbolos e sinais habilmente subliminares. Continuamente, João e as imagens que o indicam se elevam acima da figura de Jesus - mesmo, se tivermos razão, nos símbolos tão astuciosamente colocados no próprio Sudário de Turim.
Há uma motivação nesta insistência, não apenas na complexidade das imagens que Leonardo usava mas, de fato, no risco que ele correu ao apresentar ao mundo esta heresia inteligente e subliminar. Talvez, como já sugerimos, a razão por que ele não acabou a maior parte da sua obra não fosse tanto o fato de ser um perfeccionista mas antes por estar demasiado consciente do que lhe poderia acontecer se alguém importante compreendesse, sob a fina camada de ortodoxia, a completa «blasfêmia» que se encontrava quase à superfície. Talvez mesmo o gigante intelectual e físico que era Leonardo tivesse algum cuidado para não criar complicações com as autoridades - para ele, uma vez fora suficiente.
Contudo, ele não tinha necessidade de arriscar a cabeça por introduzir estas mensagens heréticas nas suas pinturas, a não ser que tivesse nelas uma

fé arrebatada. Como já vimos, longe de ser o materialista ateu tão querido de alguns modernistas, Leonardo estava profunda e seriamente comprometido com um sistema de crenças que fluía em sentido totalmente inverso ao que era na época, e ainda é, a corrente oficial do cristianismo. É aquilo a que muitas pessoas preferem chamar «oculto».

Atualmente, para a maioria das pessoas, esse é um mundo que tem conotações imediatas e não totalmente positivas. Supõe-se que significa magia negra ou as artimanhas de charlatães depravados - ou ambas. De fato, a palavra «oculto» significa simplesmente «escondido» e é vulgarmente usada em astronomia, tal como na descrição de um corpo celeste «ocultando» ou eclipsando outro. No que diz respeito a Leonardo, podíamos concordar que, embora existissem elementos na sua vida e nas suas crenças que sugerem ritos sinistros e práticas mágicas, também é verdade que o que ele procurou estava acima e além de tudo o mais, conhecimento. Contudo, grande parte do que ele procurava tinha sido efetivamente «ocultado» pela sociedade - em particular, por uma poderosa e onipresente organização. Nessa época, por toda a Europa, a Igreja desaprovava qualquer experiência científica e tomava medidas drásticas para silenciar os que tornavam públicas as suas opiniões heterodoxas ou particularmente pessoais.

No entanto, Florença - onde Leonardo nasceu e cresceu e em cuja corte começou a sua carreira - era um centro florescente de uma nova vaga de

conhecimento. Isto, com bastante surpresa, devia-se inteiramente ao facto de esta cidade ser um refúgio para numerosos ocultistas e mágicos influentes. Os primeiros patronos de Leonardo, a família De Medici, que governava Florença, encorajavam activamente o estudo do oculto e patrocinavam mesmo investigadores para procurar, e traduzir, tratados específicos perdidos.

Este fascínio pelo arcano não era o equivalente renascentista dos atuais horóscopos dos jornais. Embora existissem inevitáveis áreas de investigação que nos pareceriam ingênuas ou claramente supersticiosas, existiam também muitas mais que representavam uma séria tentativa de ir um pouco mais longe e descobrir o modo de controlar as forças da Natureza. Sob esta perspectiva, talvez não seja tão extraordinário que o próprio Leonardo fosse, como julgamos, um participante ativo na cultura ocultista da sua época e lugar. E a notável historiadora Dame Frances Yates sugeriu que toda a chave do génio de grande alcance de Leonardo podia residir nas ideias de magia contemporâneas.

Os pormenores das verdadeiras filosofias, tão dominantes neste movimento ocultista florentino, encontram-se no nosso livro anterior 13, mas, resumidamente, o fator de condenação de todos os outros grupos da época era o hermetismo, cujo nome deriva de Hermes Trismegisto, o grande, embora lendário, mago egípcio cujos livros apresentam um sistema coerente de magia. Indiscutivelmente, a parte mais importante do

pensamento hermético era a idéia de que o homem, de algum modo, era literalmente divino - uma idéia que, em si, era tão ameaçadora para o domínio da Igreja sobre os corações e as mentes do seu rebanho que foi considerado anátema.
Os princípios herméticos estavam certamente representados na vida e na obra de Leonardo, mas, ao primeiro olhar, pareceria haver uma notória discrepância entre estas sofisticadas idéias filosóficas e cosmológicas e os conceitos heréticos que, todavia, aprovavam as figuras bíblicas. (Devemos frisar que as crenças heterodoxas de Leonardo e do seu círculo não resultavam apenas da reação a uma Igreja corrupta e crédula. Como a história mostrou, existia, de fato, uma forte, e certamente não disfarçada, reação à Igreja de Roma - o movimento Protestante. Mas, se Leonardo vivesse hoje, também não o encontraríamos a participar no culto religioso daquele género de Igreja.)
Contudo, há muitas provas de que os herméticos também podiam ser completos heréticos. Giordano Bruno (1548-1600), o fanático pregador do Hermetismo, declarou que as suas crenças provinham de uma antiga religião egípcia que precedera o cristianismo - e que o eclipsava em importância.
Parte deste florescente mundo oculto - mas ainda demasiado receoso da desaprovação da Igreja para ser algo mais do que um movimento secreto - eram os alquimistas. É um outro grupo que é vítima de um preconceito moderno. Atualmente,

são ridicularizados como loucos, que passaram as suas vidas a tentar, em vão, transformar o vil metal em ouro; de fato, esta imagem era uma útil cortina de fumo para os verdadeiros alquimistas que estavam mais interessados na experiência científica correta - mas também na transformação pessoal e no implícito controlo total do seu próprio destino. E não é difícil compreender que alguém tão ávido de conhecimento como Leonardo fizesse parte desse movimento, talvez mesmo seu inspirador. Embora não existam provas directas do seu envolvimento, sabe-se que ele estava ligado a conhecidos ocultistas de todos os matizes, e a nossa investigação da sua mistificação do Sudário de Turim sugere fortemente que a imagem foi o resultado direto das suas experiências «alquímicas». (De fato, a fotografia foi, outrora, um dos grandes segredos alquímicos.

Em palavras simples: é muito improvável que Leonardo não estivesse familiarizado com qualquer sistema de conhecimento disponível na sua época, mas, ao mesmo tempo, também é igualmente improvável que ele confiasse ao papel qualquer prova desse fato. Mas, como vimos, os símbolos e as imagens que repetidamente usava nas suas chamadas pinturas cristãs dificilmente eram os que teriam sido aprovados pelas autoridades da Igreja, se elas tivessem compreendido a sua verdadeira natureza.

Mesmo assim, um fascínio pelo hermetismo podia parecer, pelo menos superficialmente, encontrar-se quase na extremidade oposta da escala,

relativamente a João Baptista - e ao reputado significado da mulher «M». De facto, foi esta discrepância que nos intrigou a tal ponto que continuámos a investigar. É claro que se podia alegar que o significado deste interminável levantar de dedos indicadores significava que um gênio da Renascença estava obcecado com João Batista. Mas era possível que um significado mais profundo estivesse por detrás da crença pessoal de Leonardo? A mensagem que se podia deduzir das suas pinturas era, de fato, verdadeira?

Certamente que o Maestro há muito fora reconhecido nos círculos ocultistas como sendo possuidor de conhecimento secreto. Quando começamos a investigar o seu papel no Sudário de Turim, verificamos que constava entre os ocultistas que, realmente, ele não só participara na sua criação como era também um conhecido mago de algum renome. Existe mesmo um cartaz parisiense que anuncia o Salão da Rosacruz - um lugar de encontro de ocultistas com tendências artísticas - que descreve Leonardo como Guardião do Santo Graal (o que, nestes círculos, pode ser tomado como símbolo de Guardião dos Mistérios). Novamente, boatos e liberdade artística, em si, não têm grande significado, mas, associados a todas as indicações já enumeradas, estimularam o nosso desejo de saber mais acerca do Leonardo desconhecido.

Até então, tínhamos isolado o elemento principal do que parecia ser a obsessão de Leonardo: João Batista. Apesar de ser natural que ele fosse

encarregado de pintar ou esculpir o santo enquanto vivia em Florença - uma cidade dedicada a João -, é um fato que, quando entregue a si próprio, Leonardo preferiu fazê-lo. Afinal, a última pintura em que trabalhava antes da sua morte, em 1519 - que não fora encomendada mas pintada por razões pessoais -, era de João Batista. Talvez ele quisesse que a imagem o contemplasse quando jazia moribundo. E, mesmo quando era pago para pintar uma cena cristã ortodoxa, sempre, se o podia fazer, realçava o papel de Batista nessa cena.

Como vimos, as suas imagens de João são elaboradamente planeadas para transmitir uma mensagem, mesmo que esta seja imperfeita e subliminarmente captada. Certamente João é apresentado como importante - neste caso, ele era o precursor, o arauto e o familiar de Jesus, por isso, era natural que o seu papel fosse reconhecido deste modo. Mas Leonardo não nos está a dizer que Batista era, como qualquer outra pessoa, inferior a Jesus. Na sua Virgem dos Rochedos, o anjo está, discutivelmente, a apontar para João, o qual está a abençoar Jesus, e não vice-versa. Na Adoração dos Magos, as pessoas saudáveis e de aspecto normal estão a venerar os ramos da alfarrobeira - a árvore de João - e não a descorada Virgem e o menino. E o «gesto de João», o dedo indicador direito levantado, está apontado ao rosto de Jesus, na A Última Ceia, no que não é, manifestamente, um gesto afetuoso ou de apoio; no mínimo, parece estar a dizer, de modo

rudemente ameaçador: «Lembra-te de João.» E a menos conhecida das obras de Leonardo, o Sudário de Turim, mostra o mesmo tipo de simbolismo, com a imagem de uma cabeça, aparentemente decapitada, a ser colocada «sobre» um corpo, classicamente crucificado. A esmagadora evidência é que, pelo menos para Leonardo, João Baptista era realmente superior a Jesus.

Tudo isto podia ter feito Leonardo parecer uma voz que clamava no deserto. Afinal, muitos gênios têm sido excêntricos, para dizer o mínimo. Talvez esta fosse uma outra área da sua vida em que ele se situou à margem das convenções da sua época, rejeitado e isolado. Mas também estávamos conscientes, logo no princípio da nossa investigação, no fim da década de 80, de que tinham surgido provas - embora de natureza muito polêmica - em anos recentes que o ligavam a uma sinistra e poderosa sociedade secreta. Este grupo, que alegadamente já existia muitos séculos antes de Leonardo, envolvia alguns dos mais poderosos indivíduos e famílias da história européia e - de acordo com algumas fontes - ainda hoje existe. Não só, diz-se, os inspiradores desta organização eram membros da aristocracia como também algumas das atuais figuras da vida econômica e política a mantêm viva, com objetivos particulares.

Se no princípio da nossa investigação, ingenuamente, tivéssemos pensado que íamos passar o tempo nas galerias de arte, a descodificar as pinturas da Renascença, dificilmente

poderíamos estar mais longe da verdade.

CAPÍTULO II NO MUNDO SECRETO

A nossa investigação do «Leonardo desconhecido» iria tornar-se uma longa busca, incrivelmente complicada - dir-se-ia mais uma iniciação do que uma simples deslocação de A para B. Ao longo do caminho, encontramo-nos em muitos becos sem saída e enredamo-nos no submundo dos que estão ligados às sociedades secretas e que têm prazer não só em se entregar a jogos sinistros mas também em ser agentes de desinformação e de confusão. Muitas vezes, ficamos estupefatos, perguntando a nós mesmos como uma simples investigação da vida e da obra de Leonardo da Vinci nos podia ter introduzido num mundo que não acreditávamos que existisse fora dos filmes impenetráveis do grande surrealista francês Cocteau, como o seu Orfeu, com a descrição de um submundo em que se penetra através de espelhos mágicos.
De facto, foi este verdadeiro expoente do bizarro - Cocteau - que nos iria fornecer mais indicações, não só acerca das crenças de Leonardo mas também da existência de uma continuada tradição secreta que tinha as mesmas preocupações. Iríamos descobrir que Cocteau (1889-1963) parece ter estado implicado nesta sociedade - a prova da sua implicação será adiante discutida. Mas, em primeiro lugar, analisemos o gênero mais imediato de prova testemunhal - a dos nossos olhos.

Espantosamente próxima das luzes brilhantes e do ruído de Leiceter Square, em Londres, encontra-se a Igreja de Notre Dame de Paris. Situada em Leiceter Square, virtualmente contígua a uma elegante gelataria, é muito difícil encontrá-la, porque a sua fachada não se anuncia com a arquitetura flamejante que nos habituamos a associar às grandes igrejas católicas. Podemos passar sem reparar nela e, certamente, sem fazer ideia de que a sua decoração é significativamente diferente da decoração da maioria das outras igrejas católicas.
Originalmente construída em 1865, num local com associações aos Cavaleiros Templários, Notre Dame de France foi quase totalmente destruída durante o Blitz e reconstruída no final da década de 50. Transposto o seu modesto exterior, o visitante encontra-se num vasto átrio, arejado e de grande altura, que, a princípio, pode parecer típico do moderno traçado cristão. Quase desprovida da aparatosa estatuária que adorna excessivamente muitos edifícios mais antigos, ela contém, todavia, pequenas placas decorativas que representam a Via Sacra, um altar-mor, abaixo de uma grande tapeçaria de uma jovem virgem loira, rodeada por animais que a veneram - a qual, embora um tanto sugestiva de uma das mais graciosas cenas de Disney, ainda está dentro dos limites do que constitui uma representação aceitável da jovem Maria - e algumas imagens de santos, presidindo às capelas laterais. Mas, à esquerda do visitante, quando está voltado para o altar-mor, há uma

pequena capela que não tem nenhuma estátua de culto mas, no entanto, tem o seu grupo de fiéis muito particulares. Os visitantes vêm admirar e fotografar o seu invulgar mural, obra de Jean Cocteau, que o terminou em 1960, e a igreja orgulha-se de vender postais ilustrados da sua obra de arte, muito particular e justamente famosa. Mas, tal como no caso das chamadas pinturas «cristãs» de Leonardo, este fresco, quando meticulosamente examinado, revela simbolismo muito pouco ortodoxo. E a comparação com a obra de Leonardo não é acidental.

Mesmo dada a distância de cerca de quinhentos anos, poderia dizer-se, no entanto, que Leonardo e Cocteau estavam, de algum modo, a colaborar, ao longo dos séculos?

Antes de voltarmos a nossa atenção para o curioso mural de Cocteau, examinemos a igreja, de modo geral. Embora não seja única, é invulgar que uma igreja católica seja redonda, e esta forma é aqui acentuada em vários pormenores. Por exemplo, há uma surpreendente clarabóia, em forma de cúpula, decorada com um desenho de anéis concêntricos que não é demasiado fantasista interpretar como um gênero de teia de aranha. E as paredes, tanto no interior como no exterior, ostentam o repetido motivo de cruzes de braços iguais, alternadas - e ainda mais círculos.

Esta igreja do pós-guerra, embora seja nova, ergueu-se orgulhosamente, incorporando uma placa de pedra que fora retirada da Catedral de Chartres, essa jóia da coroa da arquitetura gótica -

e, como iríamos descobrir, o ponto de convergência destes grupos, cujas crenças religiosas não são, de modo nenhum, tão ortodoxas como os livros de História nos levavam a pensar. Pode objectar-se que não há nada de particularmente profundo ou sinistro na inclusão desta pedra - afinal, durante a guerra, esta igreja foi um ponto de encontro das forças de Libertação Francesas e uma peça de Chartres era, seguramente, um símbolo vivo do que a pátria sempre representou. Contudo, a nossa investigação ia mostrar que era, de fato, mais importante do que isso.

Dia após dia, muitas pessoas - tanto londrinos como visitantes - passam por Notre Dame de France para rezar e participar nos serviços religiosos. A igreja parece ser uma das mais frequentadas de Londres e também representa um refúgio conveniente para os sem-abrigo, que são tratados com grande bondade. Mas é o mural de Cocteau que atua como um ímã para a maioria dos que visitam a igreja, como parte do seu passeio a Londres, embora também se possam deter para aproveitar um oásis de calma, no meio do grande movimento da capital.

De início, o mural pode decepcionar, porque - como grande parte da obra de Cocteau - parece, ao primeiro olhar, ser pouco mais do que um esboço pintado, uma cena apenas esboçada nalgumas cores, sobre o simples estuque. Representa a Crucificação: a vítima está rodeada de aterradores soldados romanos, de mulheres e

discípulos pesarosos. Certamente que contém, podia pensar-se, todos os ingredientes de uma cena da Crucificação tradicional, mas, como A Última Ceia de Leonardo, ela merece um exame mais minucioso, mais crítico - e mesmo mais sensato.
A figura central, a vítima da mais horrível das mortes por tortura, pode bem ser Jesus. Mas também é verdade que não temos a certeza da sua identidade, porque apenas o vemos dos joelhos para baixo. A parte superior do corpo não é mostrada. E, aos pés da cruz, está uma enorme rosa vermelho-azulada.
Em primeiro plano, há uma figura que não é romano nem discípulo, que está afastada da cruz e parece estar fortemente perturbada pela cena que se desenrola atrás de si. Na verdade, é um acontecimento profundamente perturbador - assistir à morte de qualquer pessoa, nestas circunstâncias, é, seguramente, pungente, mas estar presente quando Deus encarnado está a derramar o seu sangue seria indescritivelmente traumático. Todavia, a expressão desta personagem não é a do humanitarismo horrorizado, nem a do venerador consternado. Se formos sinceros, a testa franzida e o olhar de soslaio são os de uma testemunha decepcionada, mesmo desagradada. Não é a reação de alguém que esteja remotamente disposto a dobrar o joelho, em sinal de respeito, mas de alguém que expressa a sua opinião de igual para igual.
Então, quem é esta presença desaprovadora no

acontecimento mais sagrado da Cristandade? E nada menos que o próprio Cocteau. Se nos lembrarmos de que o próprio Leonardo se auto-retratou, desviando o olhar da Sagrada Família, na Adoração dos Magos, e de Jesus, em A Última Ceia, há, no mínimo, poderíamos dizer, uma semelhança secreta entre estas duas pinturas. E, quando se afirma que os dois artistas pertenciam à alta hierarquia da mesma sociedade herética e secreta, continuar a investigação torna-se irresistível.
Iluminando a cena, um sol negro lança os seus raios sinistros no céu circundante. Frente ao sol, encontra-se uma pessoa - provavelmente um homem - cujos olhos levantados e protuberantes, perfilados contra o horizonte, são notavelmente semelhantes a seios atrevidos. Quatro soldados romanos assumem uma atitude épica, em volta da cruz, mantendo as lanças em ângulos estranhos e, aparentemente, significativos - um deles agarra um escudo que ostenta o desenho de um falcão estilizado. E, aos pés de dois soldados, vê-se um pano, sobre o qual estão espalhados dados. A soma total dos números que os dados apresentam é cinquenta e oito.
Um homem jovem e insípido aperta as mãos em torno da base da cruz, e o seu olhar, um tanto inexpressivo, fixa-se vagamente numa das duas mulheres desta cena. Estas, por sua vez, parecem estar ligadas pela forma de um grande «M», exactamente abaixo do homem com olhos semelhantes a seios. A mulher mais velha, cheia de dor, olha para baixo e parece estar a chorar

sangue; a mais nova está literalmente mais distante, apesar de estar de pé, junto da cruz, todo o seu corpo está afastado dela. A forma do «M» aberto repete-se na frente do altar, imediatamente abaixo do mural.

A última figura desta cena, no extremo direito da pintura, é um homem de idade indefinida, cujo único olho visível tem a forma distinta de um peixe.

Alguns comentadores chamam a atenção para o fato de os ângulos das lanças dos soldados formarem um pentagrama - em si, uma característica pouco ortodoxa de uma cena tradicional cristã. Esta caraterística, apesar de intrigante, não faz parte da nossa presente investigação. Como vimos, parecem existir elos superficiais entre as mensagens subliminares das obras religiosas de Leonardo e de Cocteau, e foi esta utilização comum de determinados símbolos que chamou a nossa atenção.

Os nomes de Leonardo da Vinci e de Jean Cocteau figuram na lista dos grão-mestres daquela que alega ser uma das mais antigas e mais influentes sociedades secretas da Europa - o Prieuré de Sion, o Priorado de Sião. Altamente polêmica, a sua própria existência tem sido posta em questão e, portanto, quaisquer das suas alegadas atividades são, geralmente, ridicularizadas e as suas implicações ignoradas. De princípio, compreendemos este tipo de reação, mas as nossas investigações posteriores revelaram que a questão não era assim tão simples.

O Priorado de Sião chamou a atenção do mundo de língua inglesa apenas em 1982, através do best-seller The Holy Blood and the Holy Grail, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, embora, em França, a sua pátria, se tivesse tornado público, de forma gradual, a partir de 1960. É uma ordem quase maçônica ou de cavalaria, com determinadas ambições políticas e, parece, considerável poder oculto. Dito isto, é muito difícil classificar o Priorado, talvez porque exista algo de essencialmente quimérico em informação todo o movimentos foi dada pelo representante do Priorado, que informação conhecemos no princípio de 1991 - o encontro foi o resultado de uma série de cartas bizarras, que nos foram enviadas após uma discussão radiofônica acerca do Sudário de Turim.
O que conduziu a este encontro, ligeiramente surrealista, está pormenorizado no nosso livro anterior, mas, de momento, será suficiente dizer que um certo «Giovanni» - que sempre conhecemos sob este pseudônimo - um italiano que alegava ser um dos membros da alta hierarquia do Priorado de Sião, nos observara, cuidadosamente, durante as primeiras fases da nossa investigação sobre Leonardo e o Sudário de Turim. Por qualquer razão, ele decidira, por fim, informar-nos de certos interesses daquela organização, e talvez mesmo implicar-nos nos seus planos. Grande parte daquela informação iria conduzir eventualmente - depois de a termos verificado, de forma algo tortuosa - ao nosso livro

sobre o Sudário de Turim, mas essa informação de modo algum foi importante para aquela obra e, por conseguinte, foi omitida.
Apesar das implicações da informação de Giovanni, muitas vezes espantosas, ou mesmo chocantes, fomos obrigados a tomar a sério pelo menos a maior parte dela, apenas porque a nossa investigação independente a confirmava. Por exemplo, a imagem do Sudário de Turim comporta-se como uma fotografia, porque é exatamente isso que ela é, como já demonstramos. E se, como ele afirmava, a informação de Giovanni tivesse origem nos arquivos do Priorado, então, havia razão para abordar a idéia da sua existência - talvez com algum ceticismo saudável, mas de modo algum com a completa negação de muitos dos seus detratores.
Quando começamos a envolver-nos no mundo secreto de Leonardo, depressa compreendemos que, se esta sociedade pouco definida fizera realmente parte integrante da sua vida, então, ela podia contribuir muito para explicar a força motivadora de Leonardo. Se, de fato, ele fizera parte de qualquer tipo de rede, poderosa e clandestina, os seus influentes patronos - como Lorenzo de Medici e Francisco I, de França - também podiam estar implicados. Parecia haver uma organização misteriosa por detrás das obsessões de Leonardo: mas era essa organização, de fato, como alguns afirmam,o Priorado de Sião?
Se as reivindicações do Priorado são verdadeiras,

então ele era já uma venerável organização quando Leonardo foi recrutado para as suas fileiras. Mas, qualquer que fosse a sua antiguidade, o Priorado devia ter exercido uma atracção poderosa, talvez única, sobre o jovem artista e sobre vários dos seus colegas renascentistas, igualmente incrédulos. Talvez, como os maçônicos modernos, ela oferecesse progresso material e social, facilitando a carreira do jovem artista nas mais influentes cortes europeias, mas isso não explicaria a profundidade evidente das estranhas crenças de Leonardo. Fosse qual fosse a organização a que pertenceu, ela apelava ao seu espírito tanto como aos seus interesses materiais.

O poder subjacente ao Priorado de Sião é, no mínimo, parcialmente devido à sugestão de que os seus membros são, e sempre foram, guardiões de um grande segredo - um segredo que, se fosse tornado público, abalaria os verdadeiros alicerces tanto da igreja como do Estado. O Priorado de Sião, por vezes conhecido por Ordem de Sião ou Ordem da Nossa Senhora de Sião, assim como por outros títulos subsidiários, alega ter sido fundado em 1099, durante a Primeira Cruzada - e, mesmo então, foi apenas uma questão de formalizar um grupo cuja custódia deste conhecimento explosivo já datava de há muito tempo atrás. O Priorado alega estar por detrás da criação dos Cavaleiros Templários - essa curiosa organização de monges-soldados medievais de sinistra reputação. O Priorado e os Templários tornaram-se, consoante se alega, virtualmente a mesma organização,

presidida pelo mesmo grão-mestre, até sofrerem um cisma, em 1188, e seguirem caminhos distintos. O Priorado continuou sob a custódia de uma série de grão-mestres, incluindo alguns dos nomes mais ilustres da história, como Sir Isaac Newton, Sandro Felipepi (conhecido como Botticelli), Robert Fludd, o filósofo ocultista inglês - e, claro, Leonardo da Vinci, que, alegadamente, presidiu ao Priorado durante os últimos nove anos da sua vida. Entre os seus líderes mais recentes, contam-se Vítor Hugo, Claude Debussy - e o artista, escritor, dramaturgo e realizador cinematográfico Jean Cocteau. E, embora não fossem grão-mestres, alegadamente, o Priorado tem atraído outros luminares, ao longo dos séculos, como Joana d'Arc, Nostradamus (Michel de Notre Dame) e mesmo o papa João XXIII.
Além destas celebridades, a história do Priorado de Sião, alegadamente, envolveu as mais importantes famílias reais e aristocráticas da Europa, geração após geração. Estas famílias incluíam os D'Anjou, os Habsburgo, os Sinclair e os Montgomery. O objetivo declarado pelo Priorado é proteger os descendentes da antiga dinastia merovíngia, reis do que é agora a França - que reinaram desde o século V até ao assassinato de Dagoberto II, no final do século VII. No entanto, os críticos afirmam que o Priorado de Sião existe apenas a partir de 1950 e é formado por um pequeno grupo de mitomaníacos sem poder efetivo - monárquicos com ilimitadas ilusões de grandeza.
Assim, por um lado, temos as reivindicações do

Priorado à sua genealogia e raison d'étre e, por outro lado, os argumentos dos seus detratores. Fomos confrontados com este abismo, aparentemente intransponível, e - para ser honesto - tivemos dúvidasem continuar com esta linha particular de investigação. Contudo,compreendemos que, embora uma avaliação do Priorado se dividisse logicamente em duas partes - as questões da sua existência, em tempos recentes, e das suas pretensões históricas -, o problema era complexo, e nada ligado a esta organização era transparente. Uma ligação dúbia ou uma contradição aparente, relativas às atividades do Priorado, levava, inevitavelmente, os céticos a considerarem toda a situação como um disparate completo, do princípio ao fim. Mas devemos lembrar que estamos a lidar com criadores de mitos que, muitas vezes, estão mais preocupados em transmitir ideias poderosas, e mesmo chocantes, através de imagens de arquétipo do que em comunicar a verdade literal.
Não tínhamos dúvidas da existência moderna do Priorado. Os nossos contactos com Giovanni convenceram-nos de que ele, pelo menos, não era um impostor casual e que a sua informação era digna de confiança. Não apenas nos revelou factos preciosos acerca do Sudário de Turim como nos forneceu pormenores acerca de vários indivíduos que, atualmente, estão implicados no Priorado e noutras organizações esotéricas, talvez aliadas, tanto no Reino Unido como na Europa continental. Por exemplo, ele mencionou, como membro, um

consultor editorial com o qual um de nós trabalhara nos anos 70. À primeira vista, a afirmação de Giovanni referente a este homem parecia uma fantasia maliciosa da sua parte, mas, alguns meses depois, aconteceu uma coisa muito estranha.
Pelo que foi certamente uma coincidência espantosa, esse mesmo editor assistiu a uma festa organizada por uma das nossas amigas, em Novembro de 1991, num restaurante de que ela gostava particularmente - que não era, de modo nenhum, a sua casa num dos condados junto a Londres, mas que ficava muito próximo da casa de um de nós. Assim, foi verdadeiramente surpreendente encontrar entre os convidados, tão perto da nossa casa, alguém que fora mencionado por Giovanni. Depois mantivemo-nos em contato com ele e fomos convidados para a sua casa, no Surrey. Sendo boa companhia, não foi difícil passar algum tempo com ele e com a sua mulher, mas, gradualmente, um fato tornou-se evidente. Ele era membro do Priorado de Sião.
O nosso contacto com ele, durante este período, culminou com um convite para uma festa, após o Natal, na sua casa de campo. A festa foi uma fascinante reunião de amigos, e os outros convidados eram cosmopolitas encantadores, que estavam todos notavelmente - e, talvez, por percepção tardia, excessivamente - interessados no nosso trabalho sobre Leonardo e o Sudário. Foi muito lisonjeador, mas um pouco inquietante, sobretudo porque eram todos membros do cenário

bancário internacional.
Já sabíamos que o nosso anfitrião era membro de um gênero de organização maçônica, mas, apesar do seu espírito vivo e, por vezes, exuberante, era também um praticante do ocultismo. Sabíamos que isso era verdade, em parte, porque ele próprio nos informara, no que foi claramente uma atitude deliberada. Obviamente, ele queria que conhecêssemos alguma coisa acerca das tendências ocultistas dele próprio e do seu círculo - mas o quê exatamente? Fosse qual fosse a natureza da agenda oculta do nosso anfitrião, ficámos a saber que o Priorado existia entre homens e mulheres, cultos e influentes, que falavam inglês. Giovanni também mencionou um certo diretor de uma empresa de publicidade de Londres, também nosso conhecido, como membro do Priorado. Embora não conseguíssemos confirmar a sua qualidade de membro daquela organização, descobrimos que o seu interesse no ocultismo ultrapassava os artigos e os livros ocasionais que escrevia sobre o assunto usando pseudônimos. Também desempenhara um papel importante na publicidade de The Holy Blood and The Holy Grail quando foi publicado, em 1982. (E, certamente, não é coincidência que ele tenha uma segunda casa muito próximo de uma certa aldeia francesa que tem, como veremos, um papel importante a desempenhar no drama que rodeia o Priorado de Sião.)
O fato importante que emergiu dos nossos contatos com estes homens é que o moderno

Priorado de Sião não é, como alegam os críticos, uma simples invenção de um pequeno grupo de franceses com fantasias monárquicas. Devido aos nossos recentes contatos e experiência, não duvidamos de que o Priorado existe agora.
A sua alegada genealogia histórica, no entanto, é uma outra questão. Temos de admitir que os críticos do Priorado têm razão quanto à sua primeira referência documentada, que data apenas de 25 de Junho de 1956. Segundo a lei francesa, todas as associações têm de se registrar, por paradoxal que isso possa parecer, no caso das chamadas sociedades «secretas». No momento do registo, o Priorado declarou que o seu objectivo era oferecer «estudos e auxílio mútuo aos membros» - uma declaração que, embora pickwickiana no seu malicioso altruísmo, é também um caso de cuidadosa neutralidade. O Priorado declarou apenas uma atividade, a publicação de um jornal chamado Circuit que se destinava, nas palavras do Priorado, «à defesa e informação dos direitos e liberdades da habitação-de-renda-reduzida» (foyers HLM - literalmente o equivalente à habitação social inglesa). Esta declaração referia quatro funcionários da associação, o mais interessante - e o mais conhecido - dos quais era um certo Pierre Plantard, que era também o editor do Circuit.
Desde aquela obscura declaração, o Priorado de Sião tornou-se conhecido de uma audiência mais vasta. Não apenas os seus estatutos surgiram na imprensa, completados pela assinatura do seu

alegado anterior grão-mestre, Jean Cocteau (embora, evidentemente, ela possa ser uma falsificação), mas também o Priorado surgiu em vários livros. A sua estréia ocorreu em 1962, em Les Templiers sont parrmis nous (Os Templários Estão entre Nós), de Gérard de Sède, que incluía uma entrevista com Pierre Plantard. O Priorado, no entanto, teve de esperar vinte anos para ter impacte no mundo de língua inglesa. Em 1982, o fenomenal best-seller The Holy Blood and The Holy Grail, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln chegou às livrarias, e a controvérsia subsequente tornou o Priorado um tema de debate em voga entre um público muito mais vasto. O que esse livro reivindicava para a organização, e o que extrapolava dos seus alegados objetivos, será, no entanto, tratado mais tarde.

Pierre Plantard emerge dos elementos tornados públicos como uma figura plausível, que aperfeiçoou a arte dos políticos: olhar de frente para o entrevistador, enquanto, habilmente, consideram a verdadeira pergunta de modo muito diferente. Nascido em 1920, tornou-se conhecido do público, pela primeira vez, na França ocupada de 1942, como editor de um jornal, chamado Vaimcre pour ume jeume chevalerie (A Conquista de Uma Jovem Cavalaria) - que era nitidamente tolerante com os opressores nazis e que foi, de fato, publicado com a sua autorização. Oficialmente, este jornal era o órgão da Ordem Alpha-Galates, uma sociedade quase maçônica e cavaleiresca, sedeada em Paris, da qual Plantard

se tornou grão-mestre, aos 22 anos. De princípio, os seus editoriais surgiram sob o nome de «Pierre de France», depois «Pierre de France-Plantard e, finalmente, simplesmente «Pierre Plantard». A obsessão com que considerava ser a versão correcta do seu nome verificou-se novamente quando adotou o título mais grandioso de «Pierre Plantard de Saint-Clair», o nome sob o qual surgiu em The Holy Blood and The Holy Grail - e que usou quando foi grão-mestre do Priorado de Sião, entre 1981 e 1984. (Vaimcre é agora o título do boletim interno do Priorado, que é editado por Pierre Plantard de Saint-Clair e por seu filho Thomas.

Este antigo desenhador de uma firma de acessórios para fogões, que, alegadamente, tinha dificuldade, por vezes, em pagar a renda, exerceu, todavia, uma considerável influência na história europeia. Foi Pierre Plantard de Saint-Clair - sob o pseudônimo de «Capitão Way» - que esteve por detrás da organização dos Comitês de Salvação Pública que promoveram o regresso ao poder do general Charles de Gaulle, em 1958.

Consideremos, agora, a natureza essencialmente paradoxal do Priorado de Sião. Primeiro, donde vem, de facto, a informação pública acerca desta organização e até que ponto ela é digna deconfiança? Como foi citado em The Holy Blood and The Holy Grail,a fonte primordial é uma colecção de apenas sete enigmáticos documentos, conservados na Biblioteca Nacional de Paris, conhecidos como Dossiers secrets (arquivos secretos). À primeira vista, parecem uma

miscelânea de textos e de genealogias históricas e de obras alegóricas, mais modernas, atribuídas a autores anônimos ou a autores com pseudônimos banais ou ostentam nomes de pessoas que nada têm a ver com eles. A maioria destes registros diz respeito à suposta obsessão merovíngia da sociedade e centra-se no famoso mistério de Rennes-te-Château, a remota aldeia do Languedoc, que foi o ponto de partida da investigação de Baigent, Leigh e Lincoln. Contudo, emergem outros temas que, para nós, são muito mais importantes e que trataremos resumidamente. O primeiro artigo dos arquivos secretos foi depositado em 1964, embora esteja datado de 1956. O último artigo foi depositado em 1967.
Sensatamente, podíamos considerar grande parte do conteúdo dos arquivos como sendo qualquer tipo de brincadeira. Contudo, abstivemo-nos desta reação imediata porque sabíamos, pela nossa experiência do Priorado de Sião e do seu modus operandi, que ele se vangloria de desinformação deliberada e pormenorizada. Por detrás desta cortina de fumo de total disparate, prevaricação e ofuscação, existe um propósito muito sério e muito deliberado.
Contudo, o que nunca poderia ter fascinado e motivado nomes ilustres, como Leonardo ou Isaac Newton, durante tanto tempo era esta suposta obsessão de reconduzir a descendência merovíngia, há muito desaparecida, a uma posição de poder na França moderna. Face às provas apresentadas nos arquivos secretos, a causa da

sobrevivência da dinastia, para além de Dagoberto II, para não mencionar a continuação de uma clara linha de descendência até ao fim do século XX, é, na melhor das hipóteses, frágil, e, na pior das hipóteses, claramente fictícia. Afinal, qualquer pessoa que tenha estado a investigar a sua árvore genealógica para além das duas ou três gerações anteriores, em breve descobre que todo o processo é complexo e problemático. Assim, mantém-se a pergunta: esta causa podia ter inspirado homens e mulheres de grande inteligência, geração após geração? É difícil imaginar que pessoas como Isaac Newton e Leonardo tivessem sido muito influenciadas, por exemplo, por uma sociedade britânica cujos objetivos fossem reconduzir ao poder os descendentes do rei Haroldo II (morto pelas tropas de Guilherme, o Conquistador, em 1066).

Para o moderno Priorado de Sião, existem grandes dificuldades na realização do seu objetivo de restaurar a descendência merovíngia. Não existe apenas o problema de transformar a França republicana na monarquia que ela rejeitou, há mais de um século, mas, mesmo assine (supondo que a sucessão merovíngia pudesse ser provada), aquela mesma dinastia não tem qualquer direito ao trono porque a nação francesa não existia durante a era merovíngia. Como o escritor francês Jean Robin expôs a questão, de forma sucinta: «Dagoberto era... um rei em França, mas, de modo algum, rei de França."

Os arquivos secretos podem parecer um completo

disparate, mas a simples dimensão do esforço e dos recursos investidos neles e na manutenção das suas pretensões faz-nos hesitar. Mesmo o escritor francês Gérard de Sède, que dedica muitas páginas, minuciosamente argumentadas, à destruição das alegadas provas de defesa da causa merovíngia, apresentadas nos arquivos, admitiu que a investigação e os recursos eruditos e acadêmicos que estes implicaram eram desproporcionadamente impressionantes. Apesar de criticar severamente «este mito delirante», ele conclui, todavia, que existe um verdadeiro mistério por detrás de tudo isto. Uma característica curiosa dos arquivos é a implicação constante e subjacente de que os autores tinham acesso aos arquivos oficiais do Governo e da Polícia.
Citando apenas dois exemplos, entre muitos: em 1967, um folheto, chamado Le serpent rouge (A Serpente Vermelha), foi anexado aos arquivos e atribuído a três autores - Pierre Feugère, Louis Saint-Maxent e Gaston de Koker - datado de 17 de Janeiro de 1967, embora o talão de depósito na Biblioteca Nacional esteja datado de 15 de Fevereiro. Este extraordinário texto de treze páginas, geralmente muito apreciado como exemplo de talento poético, também engloba simbolismo astrológico, alegórico e alquímico. Mas o que isto tem de sinistro é que os três autores foram todos encontrados enforcados, com intervalo de vinte e quatro horas, a 6/7 de Março desse ano. A implicação sugere que as suas mortes foram consequência da sua colaboração na

composição de Le serpent rouge. Contudo, a investigação subsequente revelou que a obra fora anexada aos arquivos a 20 de Março - depois de todos terem sido encontrados mortos e que o talão de depósito fora deliberadamente falsificado para indicar a data de Fevereiro. Mas, indiscutivelmente, a coisa mais espantosa em todo este estranho caso é que os três alegados autores não tinham, de fato, qualquer ligação com este panfleto ou com o Priorado de Sião... Presumivelmente, alguém aproveitara o fato destas três mortes, bizarramente sincronizadas, e usara-as para estranhos objetivos pessoais. Mas porquê? E, como indica De Sède, decorreram apenas treze dias entre as três mortes e o depósito do panfleto na Biblioteca Nacional - o que foi um trabalho tão rápido que levantou fortes suspeitas de que o(s) verdadeiro(s) autor(es) tinha(m) conhecimento interno das investigações confidenciais da Polícia. E Franck Marie, escritor e detetive particular, provou, de forma concludente, que a mesma máquina de escrever fora usada para compor Le serpent rouge e alguns dos documentos posteriores dos arquivos secretos.

Depois verificou-se o caso da falsificação dos documentos do Lloyds Bank. Pergaminhos, alegamente do século XVII, encontrados por um sacerdote francês, no fim do século passado, e que, supostamente, provavam a continuidade da linha de descendência merovíngia, foram comprados por um cavalheiro inglês, em 1955, e depositados numa caixa-forte de uma agência do

Lloyds Bank em Londres. Embora ninguém tivesse visto estes documentos, conhecia-se a existência de cartas que confirmavam o fato de estes terem sido depositados e que estavam assinados por três importantes homens de negócio ingleses, todos eles com ligações anteriores aos Serviços Secretos Ingleses. Mas durante as investigações para The Messianic Legacy. (a sequela de The Holy Blood and The Holy Grail), Baigent, Leigh e Lincoln conseguiram provar que as cartas eram uma falsificação - embora incorporassem partes de documentos genuínos, com assinaturas verdadeiras, e cópias dos certificados de nascimento dos três homens de negócios. No entanto, a questão mais importante e de maior alcance é que quem quer que os forjasse parece ter obtido as partes genuínas dos documentos nos arquivos do Governo francês, de um modo que implica fortemente os Serviços Secretos Franceses. Mais uma vez, somos confrontados com uma sensação de grande estranheza. Um enorme montante de tempo, esforço e talvez mesmo perigo pessoal deve ter estado envolvido na montagem deste cenário. Mas, ao mesmo tempo, em última análise, ele parece ser completa e absolutamente desprovido de significado. Nesse aspecto, todo o caso se limita a seguir a velha tradição dos Serviços Secretos, em que poucas coisas são o que parecem ser e os fatos aparentemente de mais fácil compreensão podem bem ser exercícios de desinformação.

Há razões, no entanto, para tirar partido de

paradoxos - mesmo dos absurdos gritantes. Temos tendência a lembrar o absurdo, e, mais, as incongruências, que são deliberadamente apresentadas como fatos escrupulosamente argumentados, têm um efeito estranhamente poderoso sobre a nossa mente inconsciente. Afinal, é esta parte de nós que cria os sonhos que funcionam com o seu tipo próprio de paradoxo e de não-lógica. E é a mente inconsciente que é o motivador, o criador que, uma vez «em movimento», continuará a trabalhar, mesmo sobre a mensagem mais subliminar, durante anos. extraindo o último pedaço de significado simbólico de uma pequena migalha de aparente engodo.
Os céticos, que se orgulham, em geral, do seu discernimento material, são, por vezes, de fato, estranhamente ingénuos - porque eles vêem todas as coisas como sendo completamente brancas ou pretas, verdadeiras ou falsas, que é exactamente o modo como certos grupos querem que eles as vejam. Por exemplo, qual é o melhor meio de atrair a atenção, por um lado, mas afastar os intrusos indesejados ou os curiosos fortuitos, por outro lado, do que apresentar ao público informação, aparentemente, intrigante mas também virtualmente absurda? E como se a própria aproximação aos verdadeiros objetivos do Priorado constituísse, de facto, uma iniciação: se eles não nos são destinados, a cortina de fumo impedir-nos-á efectivamente de fazer uma investigação mais profunda. Mas se, de algum modo, nos estiverem destinados, em breve receberemos esse

material extra ou descobriremos por nós próprios, de uma maneira suspeitosamente sincrônica, esse conhecimento extra da organização que, subitamente, fará com que tudo se encaixe no seu lugar.
Na nossa opinião, é um grande erro ignorar os Arquivos Secretos apenas porque a sua mensagem explícita é manifestamente implausível. O simples volume do trabalho que implicam argumenta em favor de terem alguma coisa a oferecer. Manifestamente, muitos obsessivos desequilibrados gastaram todo o seu tempo num trabalho vasto e inútil e o total homem/horas implicado nele, por si mesmo, não torna os resultados mais dignos da nossa admiração ou respeito. Mas aqui estamos a lidar com um grupo que está claramente a preparar um plano intrincado e, considerado em conjunto com todas as outras indicações e pistas disponíveis (que, a seu devido tempo, se tornarão evidentes), é claro que alguma coisa se passa. Ou estão a tentar dizer-nos alguma coisa ou estão a tentar esconder alguma coisa - enquanto continuam a dar a entender a sua importância.
Assim, como interpretar as reivindicações históricas do Priorado? Remonta realmente ao século XI e as suas fileiras incluíram, de facto, todos os nomes ilustres revelados nos arquivos secretos? Em primeiro lugar, pode dizer-se que há sempre um problema na comprovação da existência, actual ou histórica, de uma sociedade secreta. Afinal, quanto mais secreta ela tenha

conseguido manter-se mais difícil é comprovar a sua existência. Contudo, onde se possa provar terem existido repetidos interesses, temas e objetivos, entre os que se supõe terem pertencido a este grupo, ao longo dos anos, é seguro e mesmo sensato admitir que este grupo possa, de facto, ter existido.

Por inverosímil que possa parecer a relação dos grão-mestres do Priorado (indicada nos arquivos secretos), a investigação de Baigent, Leigh e Lincoln provou que esta não é uma lista feita ao acaso. Na verdade, existem ligações convincentes entre os sucessivos grão-mestres. Além de se conhecerem uns aos outros - e, em muitos casos, terem relações de parentesco -, estes luminares partilhavam certos interesses e preocupações. Sabe-se que muitos deles estavam associados a movimentos esotéricos e a sociedades secretas, como os maçônicos, os rosacrucianos e a Companhia do Santo-Sacramento, e todos eles partilhavam alguns objetivos comuns. Por exemplo, há um tema, caracteristicamente hermético, que percorre toda a literatura conhecida destas sociedades - um sentimento de verdadeiro entusiasmo pela perspectiva de o homem se tornar quase divino, no incessante alargamento dos limites do seu conhecimento.

Além disso, a nossa investigação independente, que foi apresentada no nosso último livro, confirmou que estes indivíduos e famílias, alegadamente implicados no caso do Priorado, ao longo dos séculos, foram também os mesmos

inspiradores que apoiaram o que podia ser designado como a Grande Mistificação do Santo Sudário.
Como já vimos, tanto Leonardo como Cocteau empregaram simbolismo heterodoxo nas suas pinturas, supostamente cristãs. Separadas por quinhentos anos, as suas imagens revelam considerável consistência - e, na verdade, outros escritores e artistas, que também estavam ligados ao Priorado, também introduziram estes motivos nas suas produções. Em si, isto sugere insistentemente que eles, de facto, faziam parte de um género de movimento secreto organizado que já estava bem implantado mesmo na época de Leonardo. Como ambos, ele e Cocteau, têm sido apontados como seus grão-mestres, e se considerarmos as suas preocupações comuns, parece razoável concluir que eles foram realmente membros da alta hierarquia de algum grupo, no mínimo, muito semelhante ao Priorado de Sião.
O conjunto de argumentos reunidos por Baigent, Leigh e Lincoln, em The Holy Blood and The Holy Grail, em defesa da existência histórica do Priorado, é irrefutável. E mais provas - que foram reunidas por outros investigadores - foram publicadas na edição revista e actualizada de 1996 do livro destes três autores. (Este livro é uma leitura essencial para quem se interesse por este mistério).
Todos estes argumentos mostram que havia uma sociedade secreta que actuava desde o século XII - mas é o moderno Priorado o seu verdadeiro

descendente? Apesar de os dois grupos poderem não estar necessariamente ligados. como se alega, certamente, o moderno Priorado tem conhecimento interno da sociedade histórica. Afinal, foi apenas por intermédio dos actuais membros que, pela primeira vez, ouvimos falar do passado do Priorado.

Mas mesmo o acesso aos arquivos do velho Priorado não implica necessariamente uma genuína continuação. Numa conversa recente com o artista francês Alain Féral - que, como protegido de Cocteau, trabalhou com ele e o conhecia muito bem -, ele afirmou-nos peremptoriamente que o seu mentor não fora grão-mestre do Priorado de Sião. Pelo menos, assegurou-nos Féral, Cocteau não estivera implicado na mesma organização que, há muito, reclama Pierre Plantard de Saint-Claire como seu grão-mestre. Contudo, Féral levou a cabo a sua própria investigação de certos aspectos da história do Priorado de Sião, especialmente os aspectos relativos à aldeia de Rennes-le-Château, no Languedoc, e, na sua opinião, os que figuram nos Arquivos Secretos como grão-mestres, até, e incluindo, Cocteau, estavam ligados por uma genuína tradição secreta.

Nesta fase da nossa pesquisa, decidimos ignorar as supostas ambições políticas do moderno Priorado e concentrarmo-nos nos seus aspectos históricos, que podiam, evidentemente, lançar alguma luz sobre as primeiras.

Os arquivos secretos - à parte a sua mitomania merovíngia - dão grande ênfase ao Santo Graal, à

tribo de Benjamim e à personagem do novo Testamento, Maria Madalena. Por exemplo, em Le serpent rouge surge esta declaração:

Daquela que desejo libertar, chegam até mim os aromas do perfume que impregna o sepulcro. Antigamente alguns invocavam-na, Ísis, rainha das fontes benéficas. VINDE A MIM TODOS OS QUE SOFREM E ESTÃO OPRIMIDOS E EU VOS CONFORTAREI.

outros: MADALENA, do famoso vaso de unguento balsâmico. Os iniciados sabem o seu verdadeiro nome: NOTRE DAME DES CROSS.

Esta curta passagem é confusa, não apenas porque a última frase - Notre Dame des Cross - não faz qualquer sentido (a não ser que «Cross» seja um nome de família e, nesse caso, ela tornar-se-ia apenas um pouco mais inteligível). «Des» é a forma plural de «de», mas cross nem existe em francês e está no singular, em inglês. Há também a confusão peculiar de Ísis com Maria Madalena - afinal, uma era uma deusa e a outra «uma mulher perdida» e são figuras de culturas diferentes, sem qualquer ligação aparente. Podíamos pensar, evidentemente, que há um problema imediato em ligar temas, aparentemente tão diferentes, como Madalena, o Santo Graal e a tribo de Benjamim - para não falar de Ísis, a deusa-mãe egípcia - com o da descendência merovíngia. Os Arquivos Secretos explicam que os francos sicambros, a tribo da qual

descendiam os merovíngios, eram de origem judaica, eram a tribo perdida de Benjamim, que emigrou para a Grécia e, depois, para a Alemanha, onde se transformou nos sicambros.
Contudo, os autores de The Holy Blood and The Holy Grail complicaram ainda mais o cenário. Segundo eles, a importância da geração merovíngia não era apenas um sonho fantástico de um pequeno grupo de realistas excêntricos. As suas pretensões transpuseram toda a questão para uma esfera muito diferente - a esfera que prendeu a imaginação de milhares de leitores entusiásticos do livro. Eles alegaram que Jesus fora casado com Maria Madalena e que havia descendência dessa união. Jesus sobreviveu à cruz, mas a sua mulher partiu sem ele, quando levou os filhos para uma colónia judaica, fundada no que é atualmente o Sul de França. Foram os seus descendentes que se tornaram a família reinante dos sicambros, fundando, assim, a dinastia real merovíngia.
Esta hipótese pode parecer explicar os principais temas do Priorado, mas levanta as suas próprias interrogações. Como vimos, é impossível que qualquer linhagem sobreviva na forma «pura» necessária para apoiar semelhante campanha, independentemente de quem os sicambros descendiam.
É inegável que há bons argumentos a favor de Jesus ter sido casado com Maria Madalena - ou, pelo menos, de algum tipo de relação íntima com ela - que, mais tarde, discutiremos em pormenor, e mesmo de ele ter sobrevivido à Crucificação. De

fato, apesar da crença popular em contrário, nenhuma destas alegações depende da obra de Baigent, Leigh e de Lincoln, tendo sido minuciosamente discutidas por vários acadêmicos, muitos anos antes da publicação de The Holy Blood and The Holy Grail.
Há, contudo, um grande problema nas hipóteses que sustentam os seus argumentos - um problema de que eles estão manifestamente conscientes, embora evitem chamar a atenção para ele. Para eles, os merovíngios são importantes porque são os descendentes de Jesus. Mas, se ele sobreviveu à cruz, não podia ter morrido. Pelos nossos pecados, não podia ter ressuscitado - e, por conseguinte, não era divino, não era o Filho de Deus. Então, podíamos perguntar, por que eram os seus alegados descendentes considerados tão importantes.
Uma pessoa que faz parte deste santo grupo de descendentes julga-se ser o próprio Pierre Plantard de Saint-Clair. Apesar da linguagem empolada usada pelos comentadores em torno desta hipótese, o próprio Plantard nunca alegou ser descendente de Jesus. Nunca é de mais insistir que não é a ideia cristã de que Jesus era Deus encarnado - e, por conseguinte, os seus descendentes eram, de algum modo, também divinos - que dá à ideia da sucessão merovíngia a sua alegada importância. A base de toda esta crença é que, como Jesus era da descendência de David e, por conseguinte, o legítimo rei de Jerusalém, este título recai automaticamente,

mesmo que só em teoria, sobre a sua futura família. Assim, é político, mais do que divino, o poder que se reclama para a ligação merovíngia.

Baigent, Leigh e Lincoln, manifestamente, construíram a sua teoria sobre as reivindicações apresentadas nos Arquivos Secretos, mas, na nossa opinião, eles foram um tanto seletivos ao decidirem qual destas reivindicações deviam citar como prova. Por exemplo, os Arquivos Secretos afirmam que os reis merovíngios, desde o seu fundador, Meroveu, até Clóvis (que se converteu ao cristianismo em 496) eram «reis pagãos do culto de Diana». Certamente que é difícil conciliar esta afirmação com a ideia de que eles descendiam de Jesus ou de uma tribo judaica.

Outro exemplo desta curiosa seletividade, por parte de Baigent, Leigh e Lincoln, é o do «documento Montgomery». Segundo estes autores, este documento é «uma narrativa que emergira» entre os arquivos pessoais da família Montgomery e que um membro desta família partilhara com eles. A data da sua origem é incerta, mas a versão que lhes foi apresentada é do século XIX. Para eles, o valor deste documento residia no fato de que, em essência, ele apoiava as teorias avançadas em The Holy Blood and The Holy Grail, embora, claro, não pudesse ser considerado prova delas. Provou, pelo menos, que esta ideia - que Jesus era casado com Maria Madalena - já era conhecida, pelo menos, um século antes de eles começarem a sua investigação.

O documento Montgomery narra a história de

Yeshua ben Joseph (Jesus, filho de José), que era casado com Maria de Betânia (a figura bíblica que muitas pessoas consideram ser a mesma que Maria Madalena). Como consequência directa de uma revolta contra os romanos, Maria é presa e só é libertada porque está grávida. Depois, foge da Palestina e acaba por chegar à Gália (que é hoje a França), onde dá à luz uma filha.

Embora seja fácil compreender o motivo por que o documento Montgomery foi aproveitado por Baigent, Leigh e Lincoln como suporte para a sua hipótese, é estranho que não tenham atribuído maior importância a certos aspectos da história. Nesta narrativa, Maria de Betânia é descrita como «uma sacerdotisa de um culto feminino»; tal como a veneração dos merovíngios à deusa Diana, isto acrescenta à história uma feição distintamente pagã que é difícil conciliar com o conceito de que o Piorado está principalmente preocupado com a continuação da descendência do rei judaico David - a qual inclui Jesus.

Curiosamente, o moderno Priorado não confirmou nem desmentiu a hipótese de The Holy Blood and The Holy Grail - e mais uma vez se levantam suspeitas. Pode o Priorado estar a divertir-se connosco?

Uma coisa se tornou muito clara para nós: a ambição motivadora do Priorado não é puramente o poder político que Baigent, Leigh e Lincoln lhe atribuem. Continuamente, os arquivos mencionam pessoas - quer entre os verdadeiros grão-mestres quer entre os associados do Priorado - que não são

essencialmente políticos, mas ocultistas. Por exemplo, Nicolas Flamel, grão-mestre entre 1398 e 1418, era um mestre alquimista. Robert Fludd (1595-1637) era rosacruciano e, mais próximo do nosso tempo, Charles Nodier (grão-mestre entre 1081-1844) foi uma grande influência, que inspirou o renascimento do ocultismo moderno. Mesmo Sir lsaac Newton (grão-mestre entre 1691-1727), atualmente mais conhecido como cientista e matemático, era um alquimista e um hermético devotado e, certamente, possuiu cópias, profusamente anotadas, dos manifestos rosacrucianos. Há também, evidentemente, Leonardo da Vinci, outro gênio que os modernos interpretam mal, considerando a sua viva inteligência apenas como fruto do pensamento materialista. De fato, como vimos, as suas obsessões provieram de outras fontes e tomaram-no um candidato ideal à lista dos grão-mestres do Priorado.

Curiosamente, apesar de reconhecerem os interesses esotéricos de muitas destas pessoas, Baigent, Leigh e Lincoln parecem não avaliar o total significado das suas obsessões. Afinal, em muitos destes casos, o ocultismo não era um simples passatempo ocasional, mas era, de fato, o principal centro de interesse das suas vidas. E a nossa experiência provou que os indivíduos relacionados com o moderno Priorado também praticam o ocultismo.

Assim, que possível segredo podia ter atraído tantas das mais brilhantes mentes esotéricas

mundiais, durante tanto tempo, admitindo que é improvável que tivesse sido a inverosímil e ilusória história merovíngia? Por mais convincente e pioneiro que The Holy Blood and The Holy Grail possa ter sido, a sua explicação dos objetivos e razões do Priorado é basicamente insatisfatória. É evidente que alguma coisa se passa, a qual, dado o enorme montante de tempo e de energia que parece ter sido consumido, ao longo dos séculos, dificilmente pode ser relativa apenas à legitimidade da monarquia francesa. E, seja ela qual for, deve ser tão ameaçadora para o status quo que, mesmo depois do Século das Luzes, ela teve de continuar a ser mantida secreta, a ser cautelosamente guardada por uma rede oculta de iniciados.
No princípio da nossa investigação sobre Leonardo e o Sudário de Turim, vimo-nos confrontados, repetidas vezes, com a inevitável sensação de que existe um verdadeiro segredo, que tem sido cuidadosamente guardado pelos poucos escolhidos. A medida que as nossas investigações prosseguiam, não podíamos afastar a suspeita de que os temas, que tínhamos detectado na vida e na obra de Leonardo, eram muito semelhantes aos temas que tínhamos discernido no material divulgado pelo Priorado. E, seguramente, valia a pena comprovar as suspeitas de que estes mesmos temas também estavam entrelaçados na obra de Jean Cocteau.
Já descrevemos o mural daquele artista, que se encontra na igreja de Notre-Dame de France, em

Londres. Masque relevância têm as suas imagens, notavelmente peculiares, para a obra de Leonardo, muito anterior, e para algum suposto movimento esotérico - e mesmo herético?
A ligação mais óbvia com a obra de Da Vinci é o facto de o artista se ter auto-retratado, afastando o olhar da cruz. Leonardo, como já referimos, representou-se a si próprio, deste modo, duas vezes, pelo menos - na Adoração dos Magos e na última Ceia. Considerando a expressão do rosto de Cocteau, que sugere um profundo constrangimento perante toda a cena, não é uma concessão demasiado exagerada encontrar a mesma hostilidade na violência com que Leonardo se afastou da Sagrada Família na Adoração.
No mural de Cocteau, vemos o homem crucificado apenas das coxas para baixo, o que implica alguma suspeita quanto à sua verdadeira identidade. Como vimos, na Última Ceia de Leonardo, a estranha ausência total de vinho parece implicar uma séria dúvida acerca da natureza do sacrifício de Jesus: aqui, o artista vai mais longe, ao não representar Jesus. Muito semelhante, também, é o uso da forma de um M enorme - na obra de Cocteau, ele liga as duas mulheres pesarosas, presumivelmente a Virgem Maria e Maria Madalena. E, de novo, podemos supor que é esta última que vemos afastada da figura de Jesus. Enquanto a Virgem Maria olha para baixo, chorando, é a mulher mais nova que está voltada de costas para Jesus.
Na Última Ceia de Leonardo, o M liga Jesus ao

suspeitosamente feminino «S. João» - e esta «Senhora M» também está o mais possível afastada dele, enquanto, ao mesmo tempo, parece estar próxima.
O mural de Cocteau também contém simbolismo que, uma vez conhecidas as preocupações do Priorado de Sião, está explicitamente ligado a elas. Por exemplo, os dados que os soldados estão a lançar mostram cinquenta e oito pintas - e este é o número esotérico do Priorado. Aos pés da cruz, a rosa vermelho-azulada, extraordinariamente grande, é uma clara alusão ao movimento Rosacruz que, como veremos, tem ligações estreitas com o Priorado e, certamente, com Leonardo.
Como já vimos, os membros do Priorado acreditam que Jesus não morreu na cruz, e algumas das suas fações defendem que uma vítima substituta sofreu o que lhe estava destinado. A julgar apenas pelas imagens deste mural, podíamos ser tentados a pensar que estas eram as opiniões pessoais de Cocteau. Por exemplo, não só não vemos o rosto da vítima como há a inclusão de uma figura - que não é usual associar à cena da Crucificação. É o homem que se encontra à extrema-direita, cujo único olho visível tem a forma inconfundível de um peixe - é, certamente, uma alusão ao primitivo código cristão de «Cristo». Assim, quem se espera que seja este homem com os olhos em forma de peixe? À luz do conceito do Priorado, de que Cristonunca foi pregado na cruz, não podia ser que esta figura extra fosse o próprio Jesus? Foi o

suposto Messias, de facto, testemunha da tortura e da morte de um substituto? Se isto fosse verdade, podíamos imaginar as suas emoções.
Também nos murais de Leonardo e de Cocteau vemos a Senhora M - em ambos os casos, certamente, Maria Madalena. Assim, aquilo que conhecemos das crenças do Priorado - que ela era casada com Jesus - explicaria o motivo por que ela assistiu à última Ceia, sentada à direita do marido e por que - como sua «outra metade» - ela usava vestes que eram a imagem inversa das de Jesus.
Embora nos tempos medievais e do primitivo Renascimento existisse uma tradição, pouco conhecida, de representar Madalena na última Ceia, Leonardo fez saber que, na sua versão, a personagem sentada à direita de Jesus era S. João. Por que decidiu ele iludir desta maneira? Era este, talvez, um modo subtil de dar às suas imagens um poder subliminar acrescentado? Afinal, se o artista diz que é um homem e a nossa mente nos diz que é uma mulher, é provável que a confusão nos obrigue a continuar a reflectir sobre a imagem, a um nível inconsciente, durante muito tempo.
Tanto no mural de Leonardo como no de Cocteau, Madalena parece estar a exprimir, em silêncio, as suas dúvidas sobre o suposto papel de Jesus, através da sua linguagem corporal. Era ela, de facto, tão íntima de Jesus que conhecesse a verdadeira história? Era Madalena, de fato, a esposa de Jesus e, portanto, parte interessada na informação interna sobre o verdadeiro resultado da Crucificação? É por isso que ela se está a afastar?

O papel de Madalena está astuciosamente - mesmo que subliminarmente - realçado na Última Ceia, mas a maior obsessão de Leonardo parece ter sido com essa personagem trágica do Novo Testamento, S. João Batista. Se ele foi, de facto, membro do Priorado de Sião - e dado o interesse pela descendência de Jesus que lhes é atribuído -, esta obsessão com Batista parece um tanto complicada. Está ela em conformidade com os interesses do Priorado de Sião?
Giovanni, o nosso misterioso informador, deixou-nos com esta intrigante e exasperante pergunta: «Por que são os grão-mestres sempre chamados João?» Nessa altura, consideramos esta pergunta como uma espécie de alusão semivelada à escolha do seu próprio pseudônimo e concluímos que ele não ocupava uma posição secundária. Mas, de fato, ele estava a chamar-nos a atenção para uma outra questão, muito mais significativa.
Apesar de os grão-mestres do Priorado serem conhecidos na organização como «Nautonnier» (timoneiro), eles também adoptam o nome «Jean» (João) ou Jeanne (Joana), se são mulheres. Leonardo, por exemplo, figura nas suas listas como Jean IX. Vale a pena frisar que, por estranho que possa parecer numa antiga ordem cavaleiresca, o Priorado sempre reclamou ser uma sociedade secreta com igualdade de oportunidades, e quatro dos seus grão-mestres foram mulheres. (Hoje, uma das seções francesas do Priorado está sob o controle de uma mulher.) No entanto, esta política é totalmente consistente com a verdadeira

natureza e objectivos do Priorado - tal como os viemos a entender.
As preocupações do Priorado são indicadas pelos títulos usados na sua hierarquia organizativa. Segundo os seus estatutos, abaixo do Nautonnier há um grau formado por três iniciados, chamado «Prince Noachite de Notre Dame», e a este segue-se um grau, formado por nove membros, chamado «crisé de Saint Jean», ou «Cruzado de São João» (este último surge simplesmente como «Condestável» nas últimas versões dos estatutos).
Existem mais seis graus, mas os três primeiros, que compreendem os treze membros da mais alta hierarquia, formam o corpo dirigente. Coletivamente, este corpo dirigente é conhecido como Arch Kyria - a última palavra, em grego, é uma designação respeitosa de mulher, o equivalente ao português «senhora». Especificamente, no mundo helenístico dos primeiros anos antes da era cristã, era um epíteto da deusa Ísis.
O primeiro grão-mestre da sociedade era, devemos dizê-lo, um verdadeiro João - Jean de Gisors, um fidalgo francês do século XII. Mas o verdadeiro enigma reside no fato curioso de que o seu título do Priorado foi, na verdade, «Jean II».
Como divagam os autores de The Holy Blood and The Holy Grail:

Uma questão importante, evidentemente, era saber qual João. João Batista? João Evangelista - «o Discípulo Amado» do Quarto Evangelho? Ou João, o

Divino, autor do livro da Revelação? Parecia que tinha de ser um destes três... Quem foi, então, Jean I?

Outra ligação a «João» que desperta reflexão é a mencionada em Rennes-le-Château: capitale secréte de l'histoire de France (1982) de Jean Pierre Deloux e Jacques Brétigny. Os dois autores são conhecidos por estarem intimamente ligados a Pierre Plantard de Saint-Clair - por exemplo, faziam parte da sua entourage quamdo Baigent, Leigh e Lincoln o conheceram, mos amos 80 - e ele, certamente, deu uma enorme contribuição para o livro. Uma clara propaganda do Priorado, o livro explica como a sociedade se formou. (Deloux e Brétigny também escreveram artigos relativos ao Priorado de Sião, ma revista L' Inexpliqué - a versão francesa de The Unexplained - que, segundo algumas pessoas, foi lançada e financiada pelo Priorado. A ideia primordial era, segundo se afirma, formar um «governo secreto,» tendo Godefroi de Bouillon - um dos líderes da Primeira Cruzada - como seu inspirador. Na Terra Santa, Godefroi deparou com uma organização chamada a Igreja de João e, como resultado, «formou um grande desígnio». «Pôs a sua espada ao serviço da Igreja de João, essa Igreja esotérica e iniciadora que representava a Tradição. a Igreja que baseava a sua primazia no Espírito.» Foi a partir deste grande desígnio que se formaram tanto o Priorado de Sião - a organização que chama sempre «João» aos seus grão-mestres - como os Cavaleiros

Templários.
E, como diz Pierre Plantard de Saint-Clair, por intermédio de Deloux e Brétigny:
Assim, no princípio do século XII, estavam reunidos os meios, temporais e espirituais, que vieram a permitir a realização do sonho sublime de Godefroi de Bouillon; a Ordem do Templo seria o braço armado da Igreja de João e o porta-estandarte da primeira dinastia, as armas que obedeciam ao espírito de Sião.
A consequência deste fervoroso «joanismo» deveria ser um «renascimento espiritual» que «voltasse a Cristandade ao contrário».
Apesar da sua óbvia importância para o Priorado, a ênfase em «João» permaneceu extremamente obscura - mo princípio desta investigação, nem sabíamos qual João era tão venerado e, muito memos, porquê. Mas qual é a razão desta obsessão? Por que não nos indicam a que João se estão a referir? E por que deveria a veneração (mesmo que extrema) de qualquer dos santos de nome João começar por ameaçar precisamente as raízes da Cristandade?
É possível, pelo memos, supor a que João o Priorado se reteria, se a obsessão de Leonardo com Batista puder servir de orientação. Contudo, como vimos, a ideia do Priorado sobre o papel de Jesus dificilmente era ortodoxa, e parece absurdo que dispensasse esta veneração ao homem que, alegadamente, apenas era importante como precursor de Jesus. Será possível que o Priorado, tal como Leonardo, venere secretamente João

Batista acima do próprio Jesus?
É um conceito muito extravagante. Se existissem quaisquer razões para acreditar que Batista foi superior a Jesus, então as repercussões seriam inconcebivelmente traumáticas para a Igreja. Mesmo que o conceito «joanimo» se baseasse num equívoco, mão se pode duvidar dos efeitos que esta crença teria se fosse mais amplamente conhecida. Seria quase a heresia final - e os Arquivos Secretos acentuam, repetidamente, o caráter anti-clerical dos descendentes merovíngios e do seu possível encorajamento da heresia. O Priorado está interessado em transmitir a ideia de que a heresia é uma coisa boa, por alguma razão específica própria.
Compreendemos que a suposta heresia baptista tinha espantosas implicações e que, se continuássemos a investigar o Priorado, teríamos de nos confrontar, em primeiro lugar, com a questão de João Batista, embora, no início, mão estivéssemos convencidos de que encontraríamos qualquer prova que apoiasse a heresia. Naquele momento, tudo o que tínhamos como prova das ideias do Priorado acerca de Batista era a manifesta obsessão de Leonardo com ele e o facto de o Priorado chamar «João» aos seus grão-mestres. Sinceramente, não tínhamos, então, qualquer esperança verdadeira de encontrar algo mais concreto que isso, mas, à medida que o tempo passava, iríamos descobrir provas muito mais sólidas de que o Priorado, de fato, fazia parte dessa tradição «joanina».

Com ou sem provas a apoiá-la, esta heresia conseguiu, mesmo assim, ser «acreditada» por gerações de membros do Priorado. Mas fazia ela parte, pelo menos, do grame segredo que se julga que eles Possuem e guardam tão tenazmente?
A outra figura do Novo Testamento que tem enorme significado para o Priorado é, como vimos repetidamente, Maria Madalena. Os autores de The Holy Blood and The Holy Grail explicaram que a sua Particular importância reside unicamente no (alegado) fato de ter casado com Jesus e ser a mãe dos seus filhos. Mas, considerando a admiração, menos que total, do Priorado por Jesus, esta explicação parece fraca. Para aquela organização, Madalena parece ter alguma importância, por direito próprio, e o próprio Jesus é quase irrelevante - na história do «documento Montgomery», por exemplo, o seu papel limita-se a ser o pai do filho de Madalena e não desempenha qualquer outro papel no resto da narrativa. Poder-se-ia ir ao ponto de dizer que, mesmo sem Jesus, havia algo nesta mulher que a tornava de suprema importância.
Na continuação das nossas investigações, conseguimos contactar com Pierre Plantard de Saint-Clair e fazer-lhe algumas perguntas acerca do interesse do Priorado em Maria Madalena. Recebemos uma resposta do secretário de Plantard, Gino Sandri - um italiano que vive em Paris -, a qual, embora curta e concisa, era, todavia, sugestiva do famoso sentido malicioso do Priorado. Nela, Sandri dizia que podia ser possível

ajudar, mas «talvez já tenham informação sobre este assunto?» - era, claramente, uma «piada» maliciosa sobre alguma coisa que ele sabia a nosso respeito, mas o elogio indircto deu-nos ânimo. Parecia estar a sugerir que já tínhamos toda a informação que precisávamos conhecer - mas que competia a nós compreendê-la. Mas a carta de Sandri escondia ainda outra nota de malícia: embora trazendo o carimbo de 28 de Julho, a carta estava datada de 24 de Junho - o Dia de S. João Batista.

Para um leigo, qualquer ligação particularmente esotérica entre Maria Madalena e João Batista é uma questão de fantasia, porque os textos evangélicos conhecidos não registram que eles se tivessem conhecido. Contudo, aqui, temos um segredo aparentemente antigo que implica - e venera - ambos, e não de uma maneira vaga. Que havia nestas figuras do século I que assegurou esta tradição duradoura, embora «herética»? Que poderiam eles ter representado que fosse tão perturbador para a Igreja?

Como se pode imaginar, era muito difícil saber por onde começar. Mas, onde quer que investigássemos a história de Madalena, uma área, que ficava consideravelmente mais próxima de nós do que Israel, continuava a surgir como sendo importante. O Priorado sublinhava particularmente a lenda que a trouxe para o Sul de França, portanto, era ali que tínhamos de ir, para descobrir por nós próprios se esta história era apenas uma invenção medieval que, como o Sudário de Turim,

se destinava a atrair um lucrativo comércio de peregrinações. Mas havia, desde o princípio, alguma coisa especialmente fascinante na ligação desta enigmática figura do Novo Testamento com aquela determinada área, algo que ultrapassava estas considerações mercenárias. Decidimos investigar o segredo de Madalena no seu próprio terreno.

CAPÍTULO III
NO RASTRO DE MADALENA

Ela era bela - do mesmo modo que as estátuas das deusas gregas eram belas - mais propriamente que bonita, segundo o padrão moderno. De feições bem marcadas, com o cabelo apartado ao meio, a impressão que ela dá é quase a da severidade e integridade de uma mestra de escola de aldeia. Aqui, há pouco que sugira a voluptuosa mulher desonesta das lendas. Porque esta, segundo nos dizem, é a cabeça de Maria Madalena.
A caveira, normalmente em exibição em toda a sua perturbante glória macabra, na basílica, está agora decorosamente encerrada na sua máscara dourada e é exibida perante a multidão da cidade de St Maximin, na Provença. Este acontecimento anual regista-se no domingo mais próximo do dia comemorativo de Madalena, 22 de Julho. Em 1996, o ano da nossa visita, o desfile realizou-se a 23 de Julho, com sol brilhante e um calor sufocante.
Perto das quatro da tarde, depois de terem acabado os seus demorados almoços franceses, os

habitantes da cidade exibem, finalmente, a relíquia, colocada sobre um andor vagamente oscilante. Centenas de pessoas convergiram para a procissão, talvez só porque ela se realizava - toda a gente gosta de ver um desfile -, mas parecia haver muitos peregrinos verdadeiramente fervorosos entre a multidão, com os olhos rejubilantes, fixos na estranha cabeça que estava a ser conduzida por entre a multidão. Tivemos de nos lembrar, contudo, de que há sempre peregrinos, sempre crentes fervorosos nalguma coisa, ou em tudo, e que a fé, em si, não é medida de autenticidade histórica. Todavia, tendo nós vindo de uma cultura quase indiferente a Madalena, o simples poder deste festival fez-nos hesitar. Este é, na verdade, o país da solene Maria Madalena.

Também houve uma certa ironia na nossa presença em St Maximin. Os testes de carbono que, em 1988, dataram o Sudário de Turim e que provaram que ele era uma fraude - e que, por sua vez, despertaram o nosso interesse nele - tinham usado, como amostra de controle, tecido de uma capa do século XIII, pertencente a «S.» Luís IX, que se conserva na Basílica de St Maximin.

Para os fins desta investigação, no entanto, todas as reflexões sobre o Sudário de Turim foram afastadas. Estávamos ali, no Sul de França, para descobrir a verdade sobre Maria Madalena, a mulher que se julga estar no centro de muitos mistérios e cujo poder se estende até à cultura actual, de um modo que ainda não tínhamos

compreendido totalmente. Sob um calor extremo, quase estonteante, assistimos à procissão anual da suposta cabeça de Maria Madalena, com sentimentos confusos. Para as pessoas educadas na Inglaterra protestante, as festividades católicas e todo o ritual que rodeia as relíquias surgem um pouco como um choque cultural. Estas coisas podem parecer de mau gosto, aparatosas e até macabras.

Mas, aqui, o que mais nos chocou não foi a ridícula exibição de superstição, mas a devoção e o orgulho da população local, cujo entusiasmo por esta santa especial não pode ser considerado inteiramente solene. Talvez aqui a palavra apropriada seja «local», porque é a bandeira provençal, e não a francesa, que flutua por cima de nós, o que faz supor uma santa muito local, mesmo que tivesse chegado a estas paragens um pouco tarde na vida. Supõe-se que Maria Madalena veio da Palestina por mar e fixou-se na Provença, onde morreu. A continuidade do seu poder é tal que ela não é apenas venerada, mas amada com uma estranha paixão, nesta zona, até hoje.

Certamente que lhe é dedicada uma devoção extraordinária, mesmo fanática, na Provença, e persistem as lendas da sua morte nesta zona: muitas pessoas tomam isso como uma realidade. Mas isto não é apenas a continuação devota de uma tradição cristã. Fomos invadidos por um sentimento sutil de que alguma coisa mais importante se escondia sob a superfície. E era precisamente o significado desse veio submerso e

subterrâneo que estávamos determinados a descobrir.
Primeiro, como foi possível que o corpo de uma judia da Palestina do século I viesse a ser sepultado no Sul de França? Que há nesta mulher, nesta santa especial, que evoca tanta paixão e devoção, tanto tempo depois da sua morte? E porquê - se, de fato, for verdade - lhe presta o Priorado de Sião uma veneração tão invulgar?
Mesmo antes de fazermos a primeira viagem a França, especificamente para investigar os locais tradicionalmente associados ao seu culto, passamos algum tempo a reflectir sobre os seus antecedentes. Precisávamos conhecer a maneira como ela era historicamente compreendida na nossa cultura - e qual a força do seu continuado impacte. Porque, em contraste com a relativa frieza com que ela é recebida na moderna Inglaterra protestante, para muitos católicos europeus mais ardentes ela é objeto de uma devoção fervorosa, quase apaixonada. Para eles, depois da Virgem Maria, ela é a mulher mais importante.
Perguntem às pessoas mais instruídas da actualidade quem era Maria Madalena e o que ela representava, e as respostas serão muito interessantes. Quase todas as pessoas responderão que ela era uma prostituta, mas depois - dependendo da perspectiva da pessoa em questão - seguir-se-á, em geral, algum comentário a respeito da sua mal definida mas implicitamente íntima relação com Jesus. Esta hipótese cultural,

embora seja confusa, encontrou expressão na canção I Don 't Know How to Lave Him de Tim Rice / Andrew Lloyd Webber, da opereta Jesus Cristo Superstar (1970), em que ela é representada como «a mulher duvidosa com coragem», tão querida do teatro britânico. e no papel de consoladora de Jesus, o qual lhe restituíra o amor-próprio. Quando a opereta se estreou - e, mais tarde, foi adaptada ao cinema - causou alguma sensação entre a maioria cristã, mesmo entre os britânicos, tipicamente fleumáticos. Em grande parte, isso deveu-se talvez a um sentimento de afronta por uma história que implicava Jesus ter sido explorada para o showbiz, e, para cúmulo, transformada numa ópera rock!

Uma versão de Madalena surgiu em Monthy Python's Life of Brian (1979), embora esse não fosse o motivo dos gritos de indignação que se elevaram das fileiras dos cristãos de todo o mundo. Tomando a figura de Brian como uma mal disfarçada alusão ao próprio Jesus, esta inteligente comédia, estranhamente perturbadora, foi largamente considerada como uma gritante blasfêmia. Pondo de lado toda a irreverência, o filme nunca pretendeu retratar Jesus, sendo uma sátira aos cultos messiânicos da sua época, a qual, todavia, na nossa opinião, acidental ou propositadamente, reunia alguns conhecimentos profundos e pormenores curiosamente bem investigados. Em Judith, a namorada de Brian - surrealisticamente representada como sendo galesa -, residia o verdadeiro poder que sustentava

Brian e o seu movimento: na verdade, a sua retórica inflamada fez dele um homem, embora também acabasse por fazer dele um mártir.
Grupos de cristãos barraram a entrada dos cinemas de vários países quando estes exibiram A Última Tentação de Cristo (1988) de Martins Acorresse. Embora o próprio Jesus fosse retratado como tendo algo de simplório, não parece ter sido esta a razão da vasta reação horrorizada. Esta deveu-se mais à representação explícita de sexo entre Maria Madalena e Jesus - mesmo que fosse apenas uma sequência fantástica. Por razões que analisaremos mais tarde, todo este conceito é estranhamente repugnante para a maioria dos cristãos, provavelmente porque consideram que ele implica certas perguntas fundamentais acerca da divindade de Jesus. Para eles, o conceito de um Jesus sexualmente ativo, mesmo no contexto de um casamento, é automaticamente blasfemo: sugestões, nesse sentido, devem implicar que ele também não podia ser Filho de Deus. Mas o que foi mais significativo na produção de A Última Tentação de Cristo foi a óbvia e persistente fascinação de Acorresse por Madalena e pelo conceito da sua relação íntima com Jesus. (E, curiosamente, o próprio realizador é cristão.)
Não é, contudo, a permissividade moderna que transformou Madalena quase num ícone. Ao longo da história, ela sempre personificou, de algum modo, a atitude contemporânea em relação às mulheres - em perspectivas não acessíveis à única outra figura feminina dos Evangelhos, a não sexual

e remota Virgem Maria. Na época vitoriana, por exemplo, Madalena era uma boa desculpa para representar prostitutas arrependidas, semi-nuas e extáticas; ao mesmo tempo, santas e pecadoras, conhecedoras e desconhecidas. Era moda, nos bordéis da época, algumas prostitutas representarem o papel do arrependimento de Madalena, embora os pormenores exactos desses «mistérios» particulares pouco devessem à sua história, tal como é narrada nos Evangelhos. Na atual época feminista, a ênfase é posta na sua relação com Jesus.
Madalena pode ter mantido o seu papel como teste de tornesol dos costumes sexuais seculares contemporâneos, mas, ao longo da história, a sua imagem também refletiu a atitude da Igreja em relação às mulheres e à sua sexualidade. E apenas como prostituta arrependida que ela é admitida na congregação dos santos e a propagação da sua lenda depende do seu arrependimento e da sua maneira de viver, desconfortável e solitária. A sua santidade baseia-se na sua renúncia.
Nas duas últimas décadas, esta Maria tornou-se um foco da maneira como a Igreja tem lidado com os seus adeptos femininos, especialmente quando a ordenação sacerdotal de mulheres na Igreja Anglicana se transformou numa questão polêmica. E não foi por acaso que, quando foram ordenadas vigárias as primeiras mulheres, a epístola escolhida foi a história do Novo Testamento que narra o encontro de Jesus ressuscitado com Madalena no horto. Sendo a única mulher

importante na história de Jesus, além da sua mãe, é natural que ela seja aproveitada por muitas ativistas femininas, no seio da Igreja, como símbolo poderoso dos seus direitos. Porque o continuado poder de Maria Madalena não é imaginário; sempre existiu e exerceu uma profunda atração ao longo dos séculos, como explica Susan Haskins no seu recente estudo Mary Magdalen (1993).

No princípio, o simples poder de atração de Madalena parece intrigante, especialmente porque quase não é mencionada no Novo Testamento. Fomos tentados a pensar que, como no caso de Robim dos Bosques, a própria escassez de informação constituía uma tentação para inventar elementos míticos para preencher as lacunas.

Contudo, se alguém criou uma Maria Madalena imaginária, foi a Igreja. A sua imagem de prostituta arrependida não tem nada a ver com a sua história, narrada por Mateus, Marcos, Lucas e João: a figura descrita no Novo Testamento é completamente diferente da que é evocada pela Igreja.

Os Evangelhos são os únicos textos relativos a Maria Madalena que a maioria das pessoas conhece, portanto, voltamo-nos agora para eles.

Até há pouco tempo, a sua figura era considerada pela maioria dos cristãos como sendo marginal à história mais ampla de Jesus e dos seus discípulos. Mas, nos últimos vinte anos, houve uma clara mudança na percepção que os estudiosos têm dela. Hoje, o seu papel é considerado bastante

mais importante, e é à luz destas conclusões que fundamentamos a nossa hipótese.
Além da Virgem Maria, Maria Madalena é a única mulher cujo nome é referido nos quatro Evangelhos. Surge, pela primeira vez, durante o ministério de Jesus na Galileia como fazendo parte de um grupo de mulheres que o seguiam - e «o serviam com os seus próprios recursos». Foi dela que foram expulsos «sete demônios». A tradição também a tem identificado com duas outras mulheres do Novo Testamento: Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro, e uma mulher anônima que unge Jesus com perfume de nardo, contido num vaso de alabastro. Esta ligação será explorada mais tarde, mas, por agora, cingir-nos-emos à figura inequivocamente identificada como Maria Madalena.
O seu papel adquire um significado totalmente novo, profundo e duradouro quando ela é referida como tendo assistido à Crucificação e, mais especialmente, quando se torna a primeira testemunha da Ressurreição. Embora os relatos dos quatro Evangelhos relativos à descoberta do túmulo vazio sejam notoriamente diferentes, todos estão de acordo quanto à identidade da primeira testemunha do Jesus ressuscitado: sem dúvida, Maria Madalena. Ela não foi apenas a primeira testemunha feminina, mas a primeira pessoa a vê-lo depois de ele ter emergido do túmulo, um facto que tem sido largamente obscurecido pelos muitos que preferem contar apenas os homens que seguiram Jesus como sendo os seus verdadeiros

apóstolos.
De facto, a Igreja baseou a sua autoridade inteiramente no conceito de apostolado - sendo Pedro o «primeiro apóstolo» e, portanto, o canal através do qual o próprio poder de Jesus se transmitiu à posteridade. A autoridade de Pedro, embora muitos julguem que ela provém da afirmação expressa no jogo de palavras «sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja», oficialmente provém do facto de ter sido Pedro o primeiro dos discípulos de Jesus a vê-lo, depois de ressuscitado. Mas o relato do Novo Testamento contradiz terminantemente os ensinamentos da Igreja sobre este fato.
Manifestamente, só a este respeito, Madalena sofreu uma enorme injustiça, uma injustiça com implicações excepcionalmente vastas. Mas há mais. Ela foi também a primeira a receber de Jesus uma incumbência apostólica direta, ao ser encarregada de levar aos outros discípulos a notícia da ressurreição. Curiosamente, talvez, logo no início, a Igreja reconheceu o seu verdadeiro lugar na hierarquia e conferiu-lhe o título Apostola Apostolorum (Apóstola dos Apóstolos), ou, ainda mais explicitamente, «O Primeiro Apóstolo».
A razão porque Jesus optou por aparecer primeiro, na sua imagem de ressuscitado, a uma mulher foi sempre um espinho no flanco dos teólogos. Talvez a explicação mais original surgisse na Idade Média, quando foi seriamente sugerido que a maneira mais rápida de espalhar a notícia era contá-la a uma mulher. Atualmente, é geralmente aceite

pelos estudiosos que as mulheres desempenharam um papel muito maior e mais ativo no movimento de Jesus, tanto durante a sua vida como mais tarde, quando o movimento se divulgou entre os pagãos, do que tem sido geralmente admitido pela Igreja.

Foi apenas quando a Igreja se tornou uma instituição formalizada - sob a influência de S. Paulo - que o papel das mulheres foi minimizado. E o processo foi também retrospectivo. Por outras palavras, embora as mulheres não tivessem sido figuras menores do drama cristão original, Paulo e os seus homens de confiança asseguraram-se de que elas fossem marginalizadas ao longo da história.

É verdade que a impressão, transmitida apenas pelos Evangelhos, é a de que os discípulos de Jesus eram, de facto, todos homens. Apenas uma única referência do Evangelho de Lucas menciona mulheres que acompanhavam Jesus. Isto pode causar confusão quando, mais tarde, parece que surgem mulheres vindas não se sabe de onde para ocupar o lugar central, em redor da cruz. A julgar pela cavaleiresca marginalização das mulheres nos relatos, em geral, é intrigante a razão por que, abruptamente, elas são o centro da atenção. Seria porque todos os discípulos de Jesus o tivessem, de fato, abandonado? As mulheres ficaram na história, neste ponto crucial. apenas porque foram os únicos amigos que se mantiveram fiéis? Os evangelistas talvez tivessem de registar o papel das mulheres na Crucificação, simplesmente

porque elas foram as suas únicas testemunhas, e é do seu testemunho que toda a história depende. Significativamente, o testemunho das mulheres não era admitido nos tribunais judaicos dessa época, assim, a sua palavra sobre qualquer coisa não era considerada importante.

Entre as muitas implicações desta questão, está a de que a história de Maria Madalena ser a primeira a encontrar Jesus ressuscitado devia ter tido alguma base de facto. É altamente improvável que uma história que se baseia fundamentalmente na palavra de uma mulher tenha sido inventada.

Exemplos notáveis de lealdade e de coragem, por se manterem junto de um criminoso condenado, estas mulheres são dignas de aplauso. Mas uma, em particular, paira acima das outras: Maria Madalena. A sua importância é sugerida pelo facto, quase sem excepção, de que o seu nome é o primeiro sempre que se apresenta uma relação das discípulas de Jesus. Mesmo que alguns católicos atuais sugiram que isso se devia ao fato de ela ser a líder das discípulas. Numa sociedade tão rigidamente convencional e hierárquica, esta honra não era menor nem acidental: Madalena é a primeira, mesmo quando referida por aqueles que não têm qualquer consideração pelo lugar de nenhuma mulher do movimento de Jesus e especialmente qualquer amor por esta mulher, em particular.

Era ela, como vimos, que «cuidava» de Jesus e dos seus discípulos. Isto foi sempre explicado pela ideia de que ela era uma espécie de serva

dedicada, constantemente prosternada ante os homens, muito mais importantes, do grupo. Mas os factos são muito diferentes: não há dúvida de que as palavras originais usadas significam «sustentava» os outros, e «da sua substância» significa «com as suas posses». Na opinião de muitos eruditos, Maria Madalena - talvez como as outras mulheres do movimento de Jesus - não era uma pessoa dependente e pobre, mas uma mulher de recursos financeiros independentes que sustentava Jesus e os outros homens. Embora a narração bíblica também use estas palavras em relação a outras mulheres apoiantes, é ela, como vimos, que está em primeiro lugar.

Maria Madalena é definitiva e deliberadamente separada das outras mulheres pelo seu próprio nome. Todas as outras mulheres, cujo nome é mencionado nos Evangelhos Canônicos, são definidas pela sua relação com um homem, como «esposa de...» ou «mãe de...». Apenas esta Maria tem o que se pode considerar um nome completo, embora o seu significado exacto seja discutido mais tarde.

Contudo, esta figura poderosa e importante mantém-se curiosamente enigmática. Após o elogio, um tanto indireto, que os Evangelhos lhe dispensam, quando ela parece ter sido a escolhida, ela não volta a ser mencionada - nem nos Actos dos Apóstolos, nem nos textos de Paulo (nem na sua descrição da descoberta do túmulo vazio), nem nas epístolas de Pedro. Isto podia parecer ser um outro mistério, destinado a ser muito discutido,

mas nunca desvendado - até consultarmos os textos conhecidos por Evangelhos gnósticos, onde o quadro é subitamente clarificado, até um ponto espantoso. Estes documentos - de que existem mais de cinquenta - foram descobertos em 1945, em Nag Hammadi, no Egito, e são uma coletânea de primitivos textos cristãos gnósticos; os originais de alguns dos textos são reconhecidos como datando aproximadamente da mesma época dos Evangelhos Canônicos. São textos que foram declarados «heréticos» pela Igreja primitiva e, portanto, foram sistematicamente reunidos e destruídos, como se contivessem algum grande segredo que fosse potencialmente perigoso para a instituição emergente.

O que muitos destes textos proclamam é a primazia de Maria Madalena: um deles é mesmo chamado O Evangelho de Maria. Maria deste Evangelho não é a Virgem, mas Maria Madalena.

Talvez não seja por coincidência que os quatro Evangelhos do Novo Testamento a marginalizem efectivamente, ao passo que textos «heréticos» realcem a sua importância. Seria possível que o Novo Testamento fosse, de fato, uma forma de propaganda, em nome do partido anti-Madalena?

Apesar de discutirmos os Evangelhos gnósticos com muito mais pormenores, num capítulo posterior, os seguintes pontos são de importância imediata. A história do Novo Testamento, como vimos, sugere, com relutância, que ela teve um papel importante no movimento de Jesus, mas os Evangelhos gnósticos proclamam e confirmam

abertamente a sua primazia. Além disso, esta posição superior não se limita apenas ao seu lugar entre as outras mulheres - ela é literalmente Apóstola dos Apóstolos e, por conseguinte, reconhecida como subordinada apenas a Jesus, com categoria superior aos discípulos, tanto masculinos como femininos. Ela foi efetivamente, segundo parece, a ponte entre Jesus e todos os outros discípulos, e foi ela que interpretou as suas palavras em benefício deles. Nestes textos, não foi Pedro o escolhido de Jesus para seu lugar-tenente, mas Maria Madalena.

Foi ela, segundo o Evangelho gnóstico de Maria, que reagrupou os discípulos desanimados, depois da Crucificação, e lhes incutiu alguma coragem quando eles estavam preparados para desistir e regressar às suas casas, depois da aparente perda do seu carismático líder. Ela desfez todas as dúvidas, não apenas com paixão mas também com inteligência, e conseguiu encorajá-los a tornarem-se verdadeiros e devotos apóstolos. Isto não devia ter sido fácil, porque não só teve - presumivelmente - de enfrentar o sexismo predominante da sua época e cultura mas também teve de lutar contra um poderoso antagonista pessoal: Pedro, o Grande Pescador da lenda, o mártir e o fundador da Igreja Católica romana. Ele, alegam repetidamente os Evangelhos gnósticos, odiava-a e receava-a. embora, quando o seu mestre estava vivo, ele apenas pudesse protestar, em vão, contra o grau da sua influência. Vários destes textos narram discussões acaloradas entre

Pedro e Maria, com o primeiro a perguntar a Jesus porque prefere, aparentemente a companhia daquela mulher. Como diz Maria Madalena, noutro Evangelho gnóstico, o Pistis Sophia: «Pedro faz-me hesitar; tenho medo dele, porque ele odeia a raça feminina.» E no Evangelho gnóstico de Tomás, encontramos Pedro a dizer: «Deixem Maria ir-se embora, porque as mulheres não são dignas de viver.» Há alguma coisa mais nos relatos gnósticos que os torna explosivos no que diz respeito à Igreja. O quadro que eles pintam da relação de Maria e Jesus não é apenas o de mestre e aluno, nem o de guru e discípulo favorito. Eles são representados - muitas vezes, de forma viva - como estando em termos mais íntimos. Vejamos, por exemplo, o Evangelho gnóstico de Filipe:

Mas Cristo amava-a mais do que a todos os seus discípulos e costumava beijá-la, por vezes, na boca. O resto dos discípulos sentiu-se ofendido por isso e exprimiram desaprovação. Perguntaram-lhe: «Porque a amas mais do que a todos nós?». O Salvador respondeu-lhes: «Por que não vos amo como a amo a ela?»

No mesmo Evangelho gnóstico, lemos a frase aparentemente inócua: «Havia três que acompanhavam sempre o Senhor: Maria, sua mãe, sua irmã e Madalena, que é chamada a sua companheira. A sua irmã, a sua mãe e a sua companheira, todas se chamam Maria. E a companheira do Salvador é Maria Madalena.»

Enquanto, hoje, a palavra «companheiro» sugere camarada, colega ou amigo, num sentido puramente platónico, a palavra grega original significava, de fato, «consorte» ou parceiro sexual... Ou os Evangelhos canónicos foram incluídos no Novo Testamento porque eles, e apenas eles, são a verdadeira palavra de Deus - ou os Evangelhos gnósticos contêm, no mínimo, informação tão válida como a de Mateus, Marcos, Lucas e João. O equilíbrio de probabilidade inclina-se a favor de os Evangelhos gnósticos terem tanto direito ao nosso respeito como os do Novo Testamento.
Se Madalena fosse realmente a amante ou a esposa de Jesus, a sua enigmática posição no Novo Testamento estaria explicada. Ela parece importante, mas a razão da sua posição nunca é clarificada; talvez os autores esperassem que a sua audiência já tivesse conhecimento prévio da sua relação com Jesus. Afinal, como tem sido referido, os rabis eram normalmente homens casados; um pregador solteiro teria causado muito maior sensação, e uma afirmação nesse sentido teria sido certamente incluída nos Evangelhos. Numa cultura tão dinástica, se Jesus fosse solteiro e sem filhos, esse facto não só teria causado sensação como teria constituído uma parte mais óbvia do relato dos seus ensinamentos. De fato, o celibato era e é considerado tão horroroso, na tradição judaica, a ponto de ser considerado pecaminoso. Jesus teria sido conhecido por pregar o celibato; esta acusação nunca lhe foi feita, nem

mesmo pelos seus inimigos mais implacáveis. A vida monástica foi uma inovação muito mais tardia da Cristandade - mesmo Paulo, aparentemente misógino, admitiu que «é melhor casar que arder».
A própria ideia de Jesus como um ser sexual é tão desagradável à maioria dos cristãos modernos que, como vimos, a sequência imaginária de Scorsese, com Jesus e Maria na cama, provocou clamores de horror em massa. Por toda a parte, os cristãos declararam-na sensacionalista, sacrílega e blasfema. Mas a verdadeira razão desta revolta foi nada menos que os subjacentes medo e ódio atávicos às mulheres. Tradicionalmente, elas são consideradas como basicamente impuras, e a sua proximidade física como poluente do corpo, da mente e do espírito dos homens, naturalmente bons e puros; certamente que o Filho de Deus nunca se exporia a esse perigo mortal. O horror provocado pela ideia de Jesus, entre todos os homens, ser o parceiro sexual de qualquer mulher é multiplicado por mil quando o nome da sua amante é Maria Madalena - uma conhecida prostituta.
Embora este assunto seja minuciosamente analisado mais tarde, é suficiente dizer agora que a questão de ela ser, ou ter sido, uma mulher da rua deve permanecer em aberto. Há testemunhos pró e contra a sua antiga profissão, mas o aspecto mais significativo da questão é que a Igreja preferiu retratá-la como prostituta, mesmo que arrependida. Esta interpretação, altamente selectiva, da sua personalidade também serviu

para transmitir duas mensagens importantes: que Madalena, em particular, e todas as mulheres, em geral, eram impuras e espiritualmente inferiores aos homens e que a redenção só se encontra na Igreja.
Se é impensável que Jesus e esta (suposta) ex-prostituta fossem amantes, também para a maioria dos cristãos é quase igualmente ultrajante sugerir que eles fossem marido e mulher. Como vimos, os autores de The Holy Blood and The Holy Grail argumentam que, se Madalena fosse a mulher de Jesus, isso explicaria o motivo por que ela é tão importante para o Priorado de Sião e para a sua ideia de uma descendência divina. Contudo, esta não foi, de modo algum, a primeira vez que esta idéia foi publicada.
Foi em 1931 que D. H. Lawrence publicou a sua última novela The Man Who Died, em que Jesus sobrevive à cruz e encontra verdadeira redenção através do acto sexual com Maria Madalena que é claramente identificada como sacerdotisa de Ísis. Lawrena também associa Jesus a Osíris, o deus morto-e-ressuscitado, consorte daquela deusa. Originalmente, a história foi intitulada The Escapes Cock, e como escreve Susan Haskins: o galo... está associado à ideia do corpo ressuscitado (a figura humana de Cristo, fazendo um jogo de palavras, exclama: «Ressuscitei!» quando, por fim, teve uma erecção...) parece estranho que se tivesse concentrado tanto a atenção em o Amante de Lady Chatterley, quando esta outra obra, potencialmente muito mais controversa, escapou à

censura.
Embora seja possível apresentar bons argumentos a favor de Jesus e Madalena terem sido casados - e, por implicação, terem tido filhos -, esse fato, em si, parece uma fraca razão para que o priorado investisse tanta paixão na sua devoção a Madalena, porque, como vimos no capítulo anterior, há razões importantes para dar pouco crédito à ideia de que a dinastia merovíngia descendia dos dois. O seu fascínio reside noutra coisa, alguma coisa evasiva mas não impossível de sentir. Sugestões desse encanto vislumbram-se no poder da sua imagem na nossa cultura, mas foi em França, dizem, que a verdadeira mulher acabou os seus dias.
O mais famoso relato de Madalena, em França, é Golden Legend (1250) de Jacobus de Voragine. Nele, De Voragine, o dominicano arcebispo de Gênova, descreve-a como Iluminata e Iluminatrix - a Iluminada e a Iluminados -, o que é particularmente interessante porque são estes os papéis que lhe são atribuídos em todos os textos gnósticos proibidos. Ela é retratada como sendo, ao mesmo tempo, a iluminada e a que confere a luz, iniciada e iniciadora: não há qualquer sugestão de que fosse espiritualmente inferior por ser mulher - é exatamente o contrário.
Como sucede com todas as lendas, há várias versões de um tema central que, todavia, permanece notavelmente constante. A história essencial é a seguinte: pouco depois da Crucificação, Maria Madalena, juntamente com os

seus filhos, Marta e Lázaro, em companhia de várias outras pessoas - as suas identidades variam, consoante a versão da história -, viajou por mar até à costa do que é agora a Provença. Entre o elenco dos seus acompanhantes, contam-se São Maximin, considerado um dos setenta e dois discípulos de Jesus e lendário primeiro bispo da Provença, Maria Jacobi e Maria Salomé, alegadamente tias de Jesus, uma serva negra chamada Sara e José de Arimateia, um homem rico, amigo de Jesus e associado, muitas vezes, à história de Glastonbury. O motivo desta longa viagem, supostamente arriscada e incômoda, também depende da versão que lemos. Segundo uma versão, este grupo fugiu à perseguição dos judeus à Igreja primitiva. Outro motivo essencial apresentado é que eles foram deliberadamente lançados à deriva num barco sem leme e sem remos. É evidente que foi literalmente um milagre terem alcançado terra.

O quadro do Sul de França, nos tempos de Madalena, pintado pela história medieval era o de um deserto remoto, habitado apenas por selvagens pagãos. Na realidade, a Provença era uma parte importante do Império romano - uma zona altamente civilizada, com prósperas comunidades romanas, gregas e mesmo judaicas; a família Herodes possuía propriedades no Sul de França. E, longe de esta viagem ser extraordinariamente árdua e invulgar, ela era a rota normal dos navios mercantes e não era mais difícil que a viagem, digamos, de Tiro ou Sídon

para Roma. Se este determinado grupo veio para a Provença, podia ter vindo voluntariamente, sem ter sido obrigado a fugir.
As lendas concordam que eles desembarcaram no que é hoje a cidade de Saintes-Maries-de-la-Mer, na Camarga. Chegados ali, o grupo dividiu-se e seguiu caminhos diferentes para espalhar o Evangelho. Diz a história que Madalena pregou por toda a região, convertendo os pagãos, antes de se tornar eremita, numa caverna em Sainte-Baume. Segundo algumas histórias, ela viveu ali durante quarenta anos, um período improvável mas biblicamente venerável, passando o que deviam ter sido longos dias a arrepender-se dos seus pecados e a meditar sobre Jesus. Para condimentar um pouco a história, diz-se que ela passou todo este tempo nua, à exceção de um cabelo curiosamente abundante que efectivamente a revestia e que faz lembrar as peles de animais de João Baptista. No fim da vida, dizem, ela foi transportada por anjos até junto de São Maximin (então o primeiro bispo da Provença), que lhe administrou os últimos ritos antes de ela morrer. O seu corpo foi enterrado na cidade a que deram o nome do bispo.
É uma história bonita, mas há nela alguma verdade? Para começar, é extremamente improvável que Madalena fosse eremita, durante qualquer período de tempo, numa caverna em Sainte-Baume. Mesmo o atual guardião oficial do santuário católico admite que ela nunca ali esteve. Contudo, o local não é desprovido de significado.

Na época romana, longe de ser um eremitério na região mais remota da Terra, era uma região muito povoada, e a própria caverna era um centro de culto da deusa Diana Lucifera (a «portadora de luz» ou Iluminatrix). Embora uma Madalena nua - mas sem o cabelo cortado - tivesse sido certamente o centro das atenções, dificilmente ela estaria sozinha naquele lugar de culto porque muitas outras sacerdotisas e cultistas teriam afluído à caverna. Mas, apesar de a Cristianização dos lugares pagãos, mesmo que apenas retrospectivamente, ser uma famosa prática histórica, outra coisa parece ser ali sugerida.

(Curiosamente, Arles - a populosa cidade mais próxima do lugar onde se julga que Madalena desembarcou - era um centro importante do culto de Ísis. Esta região pantanosa e inóspita parece ter abrigado vários grupos de culto da deusa e, sem dúvida, continuou a oferecer refúgio aos membros do culto numa época avançada da era cristã).

De fato, a metamorfose da outrora esplendidamente voluptuosa Madalena numa eremita magra e chorosa foi a Cristianização deliberada de uma história muito mais ambivalente: todos os elementos importantes foram extraídos da lenda do século V relativa a Santa Maria, a egípcia, que foi também uma prostituta transformada em eremita e cuja penitência, no deserto da Palestina, durou quarenta e sete anos. (Obviamente, no entanto, os hábitos antigos são difíceis de perder, porque ela financiou a sua viagem de barco para a Palestina

oferecendo aos marinheiros os seus habituais serviços pessoais - e, ainda mais singular, ela foi considerada santa por ter procedido assim...)
Evidentemente - e à luz de outros argumentos que serão apresentados mais tarde -, a «parte» penitente da história de Madalena é uma invenção deliberada da Igreja medieval para a tornar mais aceitável. Mas descobrir o que ela não foi não clarifica, só por si, nem a sua história nem a sua personalidade. No entanto, repetidas vezes enfrentámos a curiosa atração desta mulher que ultrapassa o simples carisma contemporâneo e cujo apelo não só sobreviveu aos séculos como parece estar a aumentar no nosso tempo.
Há milhares de lendas de santas, umas mais credíveis que outras, mas, infelizmente, a maioria delas são simples fábulas. Por que deveria ser diferente o caso de Maria Madalena? Por que deveria haver alguma realidade nesta lenda? Muitos comentadores alegaram que a lenda de Madalena, em França, era a simples invenção de publicitários franceses astutos, ansiosos por criar para si mesmos um legado bíblico espúrio (muito semelhante às histórias do jovem Jesus visitando a região oeste da Inglaterra).
Inegavelmente, muitos pormenores da história francesa de Madalena são acrescentos posteriores, mas há razões para suspeitar de que, no todo, ela se baseia em factos. Porque, embora seja ir demasiado longe pretender que Jesus visitou a região oeste - na época, uma área muito remota, para além do Império romano -, dificilmente se

compara a sugerir que uma mulher, com recursos financeiros independentes, embarcasse com destino a uma cultura florescente nas margens do Mediterrâneo romanizado. Mas muito mais significativa era a natureza do seu papel nestas histórias: ela é explicitamente descrita como pregadora. Como vimos, logo no início, a Igreja referiu-a como «a Apóstola dos Apóstolos», mas, na Idade Média, teria sido impensável atribuir este papel a uma mulher. Se, como afirmam os críticos, a lenda francesa de Madalena tivesse sido inventada por monges medievais, eles não lhe teriam atribuído o papel de apóstola, então enfaticamente masculino. Isto sugere que a história se baseou numa reminiscência verdadeira da própria mulher, embora embelezada, ao longo dos séculos. E, curiosamente, os historiadores concordam que o cristianismo foi instituído na Provença no século I.

Tomando a cidade de Marselha como base, partimos para visitar os principais locais associados à lenda de Madalena.

O rasto, como a própria história, começava em Saintes-Maries-de-la-Mer, a duas horas de viagem de Marselha, na Camarga, a região pantanosa salpicada de lagoas - étangs - onde o Rhône desagua no Mediterrâneo. Saintes-Maries-de-la-Mer é a única cidade de uma região que também se dedica à criação de cavalos, pelos quais a Camarga é famosa, e que constitui um santuário para muitas espécies de aves marinhas, incluindo bandos de flamingos que, vindos de África, visitam

este litoral. É um lugar selvagem, zumbindo com nuvens de mosquitos, ao crepúsculo, e, após uma longa viagem através dos pântanos, desde Arles, é quase um choque chegar a Saintes-Maries e descobrir que é uma cidade com grande movimento turístico, incluindo feiras de diversões, bares e restaurantes. Como o resto da Camarga, a cidade tem um toque distintamente espanhol, até mesmo uma praça de touros - que, aqui, se situa junto à praia.
A Igreja de Notre-Dame de la Mer, em forma de galeão, eleva-se, abruptamente, acima dos edifícios baixos da cidade, e não é surpresa saber que esta igreja foi completada com fortificações: situada numa remota cidade costeira, a igreja estava sob constante ameaça de piratas e de outros inimigos.
Três Marias são veneradas aqui: Maria Madalena, Maria Jacobi e Maria Salomé. A igreja tinha particular interesse para René d'Ánjou (1408-1489), rei de Nápoles e da Sicília e, segundo o Priorado de Sião, um dos seus antigos grão-mestres. O «Bom Rei René», como ficou conhecido na história, era um fervoroso devoto de Madalena e obteve autorização do papa para escavar a cripta. Encontrou dois esqueletos, que foram declarados como sendo os de Maria Jacobi e Maria Salomé, mas não encontrou vestígios de Madalena.
No interior da igreja existe um curioso altar, dedicado a Sara, a egípcia, supostamente a serva das Marias. Considerada, tradicionalmente, de cor negra, ela é a santa padroeira dos ciganos, que

convergem para a cidade aos milhares, todos os dias 25 de Maio, um festival em sua honra, Elege a rainha cigana de cada ano, para em frente da estátua de Sara, a qual é depois levada em procissão e cerimonialmente mergulhada no mar. Naturalmente, este evento tornou-se o principal programa turístico da região e tem atraído muitos nomes famosos ao longo dos anos - incluindo Bob Dylan, que se inspirou para escrever uma canção acerca da sua visita.

Entre outros visitantes ilustres, uma visita é comemorada por uma placa, na praça exterior à igreja: a do cardeal Angelo Roncalli (1881-1963), então embaixador do Vaticano em França e, mais tarde, papa João XXIII. Tem-se afirmado que ele era membro do Priorado de Sião quando Jean Cocteau detinha o título de Jean XXIII como grão-mestre.

Seguindo o que se afirma ter sido o itinerário da própria Madalena, regressámos ao calor e ao movimento de Marselha, onde ela pregava. Das duas catedrais que se erguem lado a lado, uma tem apenas 150 anos e continua a ser usada. Embora a sua decoração celebre o tema de Madalena, ela é, presumivelmente, o resultado da tradição e das expectativas locais. E o edifício mais antigo, o Vicille Major, que, indiscutivelmente, é o mais interessante dos dois e contém representações aparentemente autênticas da vida e da obra da santa naquela região. E, tal como a cúpula de Notre-Dame de France, em Londres, o teto foi decorado para parecer uma gigantesca teia

de aranha. Actualmente considerada insegura, esta catedral já não está aberta ao público.
Construída no século XII, no local de um baptistério do século v, a catedral é evocativa do antigo madalenismo. Não apenas possui uma capela, que é especificamente dedicada à Madalena, como a capela de São Sereno tem uma série de baixos-relevos que representam cenas da sua vida - que foram encomendados por René d'Anjou. Um deles representa-a, de fato, a pregar, reforçando assim a sua imagem de apóstola, segundo os Evangelhos gnósticos. E, provavelmente, como teve êxito na conversão dos «pagãos», alguém devia estar disponível para os baptizar na fé cristã - mas quem? Poderia ser que ela, a Apóstola dos Apóstolos, assumisse também esse papel?
Segundo a tradição local, ela pregava nos degraus da escada de um antigo templo de Diana. Este edifício não serviu, de facto, de alicerce a qualquer das catedrais de Marselha, mas estava localizado, diz-se, no que é agora a Place de Lenche - num emaranhado de ruas, aproximadamente a 200 metros de distância. Ali não há nada a comemorar a sua pretensão à fama histórica, mas há alguma coisa de coercivo na insistência dos habitantes locais quando afirmam que este banal lugar triangular é o lugar onde, outrora, Madalena pregou.
Passado o forte de S. João Batista e o antigo e pitoresco porto, com o seu mundialmente famoso, se bem que de cheiro desagradável, mercado do peixe, situa-se a abadia de S. Victor. Este é outro

lugar religioso importante - ali houve um mosteiro do princípio do século v, que, por sua vez, fora construído sobre um cemitério pagão. O actual edifício data do século XIII, mas a cripta é muito mais antiga e contém vários sarcófagos ornamentados datando da época romana. A cripta também contém uma capela, em forma de caverna, dedicada a Madalena. Mas para nós, indiscutivelmente, a nota principal deste lugar era a estátua de Notre-Dame de Confession, do século XIII. Segurando uma criança nos braços, a Virgem é representada como se fosse de raça negra. É uma das lendárias - e polémicas - «Madonas Negras».

A leste de Marselha, situa-se Sainte-Baume - a grande caverna em que se supõe que Maria Madalena acabou os seus dias como eremita. Uma estrada íngreme e sinuosa eleva-se, abruptamente, a muito perto de 1000 metros de altura, antes de atingir um planalto e, por fim, conduzir o visitante a um pequeno aglomerado de edifícios, que constituem a aldeia de Sainte-Baume. Dali, é uma caminhada longa, e com muito calor, através dos bosques até à gruta, agora um santuário católico. Contudo, não se encontram ali quaisquer revelações, porque, como vimos, a Igreja inseriu Sainte-Baume na história de Madalena para a tornar paralela à vida de outra prostituta-santa, Maria, a egípcia, e no tempo em que, supostamente, Madalena ali viveu, a gruta era um centro de culto de uma deusa pagã. O mito tem o duplo valor de transformar a errante

Madalena em alguém mais fácil de ser patrocinado pela Igreja e de transformar um antigo local pagão num centro de peregrinação cristã.
A partir de Sainte-Baume, a estrada continua até ao suposto lugar da morte e da sepultura de Madalena, Saint-Maximin-la-Sainte-Baume, onde o seu festival anual estava no auge.
A magnífica procissão da cabeça de Madalena começa com uma cerimónia religiosa, no interior da basílica de Saint-Marie-Madeleine; em seguida, as relíquias, que estão normalmente guardadas na sacristia, são colocadas em andores e transportadas ao longo de um percurso, fixado de antemão, pelas ruas estreitas e sinuosas de St. Maximin. Uma banda de gaitas-de-foles e de tambores, envergando os trajes tradicionais da Provença, abre o desfile, precedendo bispos, sacerdotes, monges dominicanos e dignatários locais. Talvez como uma espécie de «animação», seguem-se dois pequenos andores transportando pequenas imagens de santos menores. Após uma longa espera, surge a cabeça de Madalena. Adornada com pequenas medalhas de ouro, ao longo da orla do pálio, a preciosa relíquia é, evidentemente, de grande importância. Habitantes da cidade empunhando lanças mantêm uma guarda simbólica em seu redor, e o poder de atração é tanto que localizamos uma rapariga que esqueceu totalmente as idéias de modéstia e se debruçou da sua janela para ver a procissão - estando nua. (Há quem possa dizer que isso era muito apropriado, no tocante a esta santa

particular.)
Por onde a relíquia passa, o mesmo refrão obsidiante eleva-se do clero oficiante e da multidão, um hino especial a Maria Madalena, que culmina com uma altissonante interpretação musical no interior da basílica, conduzida pelo seu grande órgão mundialmente famoso. Mas toda esta exuberância e este cerimonial são apenas fachada'? Dizem-nos alguma coisa sobre a verdadeira Maria Madalena, a enigmática mulher do Novo Testamento, que pode realmente ter sido a esposa de Jesus?
As suas relíquias foram encontradas, diz-se, enterradas na cripta da igreja de St Maximin, a 9 de Dezembro de 1279, por Carlos d'Anjou, conde da Provença. O que se julgava ser o seu esqueleto foi descoberto num rico sacórfago de alabastro, datando do século V. A explicação deste enterramento tardio encontrou-se em documentos descobertos no interior do sarcófago - dizendo que em 710 d.C. o corpo de Madalena fora escondido noutro sarcófago para o proteger dos invasores sarracenos e que apenas naquela data tardia o registo tinha sido corrigido. O esqueleto ainda se encontra no seu ataúde de pedra, na cripta da basílica, embora a caveira fosse colocada no ornamentado relicário dourado, na sacristia.
Carlos d'Anjou patrocinou a construção da basílica e também - com a aprovação papal - a confiou à protecção da Ordem Dominicana. O edifício, começado em 1295, foi aparentemente acabado duzentos e cinquenta anos depois, mas - como

sucede com as catedrais - nunca foi realmente completado. A intenção original de Carlos fora torná-la um centro de peregrinos de Madalena, embora nunca conseguisse atingir a mesma fama de, digamos, S. Tiago de Compostela.
O comércio medieval de relíquias, mesmo nesta época, era considerado abominável pelas pessoas esclarecidas, como sendo uma prática clamorosa de conseguir dinheiro à custa da piedade simples. Milhares de peregrinos e de crentes lançavam dinheiro nos cofres das autoridades eclesiásticas, que alegavam possuir verdadeiras relíquias sagradas nos seus edifícios. É claro que, de longe, o tipo de relíquia mais lucrativo era o verdadeiro corpo de um santo, ou, no mínimo, parte dele. Em qualquer parte da Cristandade, tinha-se a certeza de encontrar a unha do pé de algum santo ou o lóbulo da orelha de outro. Por ironia, mesmo os mais cínicos e indignos expositores de relíquias tinham dificuldade em convencer as hordas de ansiosos peregrinos de que possuíam alguma coisa relacionada com o próprio Jesus, pois não ascendera ele corporalmente ao céu'? O mais próximo que conseguiram arranjar eram espinhos da «coroa de espinhos», ou lascas da Vera Cruz - as quais eram tantas que, se fossem reumidas, julga-se que formariam uma verdadeira floresta.
Actualmente, muito poucos comentadores, especialmente os que estão à margem da Igreja Católica, têm dúvidas em declarar falsas quase todas as chamadas relíquias, admitindo mesmo que são mistificações tão patéticas que juntam o

insulto à injúria. Infelizmente, os «ossos de Maria Madalena», em St Maximin, são definitivamente falsos, e pode provar-se, sem margem para dúvida, que os documentos que, aparentemente, os autenticam são clamorosas falsificações - usam o sistema de datação corrente no século XIII, o qual era diferente do sistema do século VIII, e não houve qualquer ameaça sarracena em França na época indicada.

Há, no entanto, elementos nesta história que sugerem que alguma coisa mais que a simples venalidade estava por detrás da mistificação. É verdade que a posse de relíquias era um negócio lucrativo, mas, no que diz respeito aos alegados corpos de grandes figuras históricas, há, muitas vezes, outro motivo implicado. Por exemplo, os supostos restos mortais do rei Artur e da sua rainha foram descobertos em Glastonbury no século XI. Muitas pessoas consideram esta descoberta apenas um estratagema do abade para pôr a sua abadia no mapa, mas ela tem uma outra dimensão. Nessa época, os ingleses estavam envolvidos na conquista de Gales e, para os galeses, o rei Artur era um herói lendário, um símbolo da sua revolta, o qual, segundo a crença popular, não morrera, mas regressaria, em algum momento futuro, para os apoiar contra os seus inimigos. Ao apresentar o seu cadáver, os ingleses desferiram um golpe psicológico aos galeses.

Supunha-se que as ossadas de Maria Madalena se encontravam em Vézeley, na Borgonha, para onde tinham sido trazidas da Provença e conservadas

sob o altar da abadia de Saint-Marie-Madaleine e nunca tinham sido vistas. Mas, em 1265, S. Luís - um grande coleccionador e venerador de relíquias - ordenou que fossem exumadas e, dois anos mais tarde, exibidas numa cerimónia solene, à qual ele assistiu. Infelizmente, tudo o que os monges conseguiram arranjar foram alguns ossos dentro de uma caixa de metal e não o esqueleto completo que se supunha que eles possuíam. (Esta história é notável pela completa falta de expediente demonstrada pelos monges nesta situação.) Como neto de Luís, Carlos d'Anjou, então com 19 anos, teria estado presente nesta cerimônia.
Depois deste acontecimento, Carlos ficou convencido - por razões que permanecem um mistério - de que o verdadeiro corpo de Madalena ainda se encontrava algures na Provença, e ficou obcecado com a ideia de o encontrar. A sua paixão por ela sempre intrigou os eruditos e levou um historiador francês a escrever: «Gostaríamos de saber onde o príncipe foi buscar esta devoção."
Carlos mandou fazer escavações por debaixo da igreja de St Maximin, cavando com as próprias mãos. Apesar de as relíquias que, eventualmente, foram desenterradas e que são hoje veneradas serem falsas, pelos actos de Carlos pareceria que, se houve fraude, ele foi a vítima e não o autor. Mas há outra possibilidade: a «descoberta» das relíquias em St Maximin foi, de fato, um expediente deliberado para impedir a continuação da busca das relíquias. Entretanto, secretamente, Carlos e a família continuaram a procurar...

Quando as ossadas foram encontradas, Carlos pressionou o papa para reconhecer oficialmente estas relíquias como superiores às de Vézely - o que ele fez em 1295 - e para aprovar a construção da basílica. No entanto, parece que alguma coisa mais se estava a passar, porque é sabido que Carlos fez os seus planos em encontros secretos com os arcebispos locais. Ele também estava muito interessado em que a Ordem Dominicana substituísse os beneditinos, que já estavam instalados em St Maximin, apesar de os primeiros se mostrarem relutantes em suceder aos beneditinos e, eventualmente, terem de receber ordem do papa para se instalarem. A basílica foi colocada sob o controlo directo do papa e não do arcebispo local, mas a mudança de auspícios foi recebida com uma resistência local tão violenta que Carlos foi obrigado a enviar tropas para socorrer o novo senhor dominicano, os representantes do papa e o rei quando os dominicanos se instalaram oficialmente.
Uma curiosa consequência destes acontecimentos foi o fato de os dominicanos adotarem Madalena como santa padroeira, em 1297, com o epíteto de «filha, irmã e mãe» da ordem.
Como vimos, um futuro descendente de Carlos, Réne d'Anjou (alegado grão-mestre do Priorado de Sião), também tinha Madalena em alta estima. Diz-se que possuía uma taça de forma semelhante à do Graal e que ostentava a enigmática inscrição:

Aquele que beber até ao fundo verá Deus. Aquele

que beber tudo num só trago verá Deus e Madalena.

Maria Madalena era, claramente de grande e permanente importância para a família D' Anjou: mas há um mistério oculto neste fervor por ela. O fato de Réne d'Anjou ter feito escavações em Saint-Maries-de-la-Mer - aparentemente, em busca dos restos mortais de Madalena - foi particularmente estranho porque, duzentos anos antes, Carlos d'Anjou alegou tê-los encontrado. Parece que, apesar das declarações antagônicas sobre quem detinha os seus restos mortais, ninguém, de fato, os encontrou.
Em Marselha, tínhamos descoberto uma das estranhas «Madonas Negras», que sabíamos estarem intimamente ligadas à tradição de Madalena, embora não soubéssemos bem como e porquê.
Estas imagens religiosas são exactamente iguais à habitual representação da Madona e o filho, mas, por alguma razão, a Madona é representada como sendo de raça negra. Elas não são, deve dizer-se, muito apreciadas pela Igreja, que as considera, no mínimo, com suspeita. e há muitas teorias para explicar a sua cor negra. Que possível ligação podiam elas ter com Madalena, uma mulher que se presume ter sido da raça do Médio Oriente - e, tradicionalmente, considerada sem filhos'? Continuámos a investigar o culto da Madona Negra, na esperança de encontrar algumas pistas.
Conhecidas também como Virgens Negras, cada

uma destas estátuas tomou-se o centro de um culto, onde quer que estivesse localizada. Embora as Madonas Negras se encontrem numa vasta área da Europa, incluindo locais da Polônia e do Reino Unido, a maior proporção delas - cerca de 65%, segundo o estudo de Ean Begg, de 1985 - encontra-se em França, e a maioria delas está localizada no sul.
Embora estas estátuas ainda suscitem uma enorme e apaixonada devoção, esta é à escala local e nunca é oficialmente reconhecida e apoiada pela Igreja Católica. Como podemos confirmar por experiência própria, há alguma coisa considerada «não muito agradável» nas Madonas Negras. Ean Begg, no seu livro The Cult of the Black Virgin (1985), escreve:

[...] não havia qualquer engano quanto à hostilidade. quando, a 28 de Dezembro de 1952, [ao serem apresentadas comumicações) sobre as Virgens Negras à American Association for the Advencement of Science, todos os sacerdotes e freiras, que faziam parte da audiência, saíram da sala.

Falta mencionar que, à parte a hostilidade ativa, a maioria dos sacerdotes modernos confessa falta de interesse ou ignorância do assunto e não deseja investigá-lo.
Durante as pesquisas para o seu livro, Begg fez frequentes visitas a conhecidos locais da Madona Negra e descobriu que os sacerdotes locais

declaravam que não tinham conhecimento de semelhante estátua ou alegavam que ela, de qualquer maneira, desaparecera. Contudo, em toda a parte em que as Madonas Negras existiram, ou continuam a existir, elas são alvo de enorme amor e devoção locais.

Assim, que há nestes cultos que é tão desagradável para o catolicismo oficial?

Têm sido apresentadas muitas teorias para explicar a sua cor negra, que vão do ridículo ao sublime, embora com maior peso para o primeiro. Ean Begg cita o exemplo de uma típica troca de palavras entre um colega e um sacerdote sobre este assunto: à pergunta «Padre, por que é negra a Madona?» , o sacerdote respondeu: «Meu filho, ela é negra porque é negra». Outras explicações incluem a condescendente sugestão de que as estátuas enegreceram, ao longo dos séculos, por terem estado sujeitas a ambientes carregados de fumo das velas. E evidente que o facto de todas as outras estátuas da mesma época e do mesmo lugar se terem conservado, no mínimo, laváveis levanta perguntas bastante óbvias. As pessoas não são tão ingénuas que, por engano, tivessem venerado, ao longos dos séculos, Madonas com o rosto sujo, com tão rara e especial paixão. Além disso, a maioria destas estátuas foi, de facto, deliberadamente pintada de negro ou feita de material negro como o ébano; portanto, é lógico supor que elas se destinavam a ser negras.

Talvez mais plausível seja a ideia de que estas estátuas são escuras porque foram trazidas pelos

cruzados de lugares onde as pessoas têm a pele negra. O fato, contudo, é que a maioria das Virgens Negras foram feitas nos lugares onde se destinavam a ser veneradas e não são copiadas de um desenho trazido de exóticos países estrangeiros pelos cruzados.
Existe também outra teoria, consideravelmente mais convincente. As Madonas Negras estão quase sempre associadas a lugares pagãos, muito mais antigos.
Apesar de a cristianização destes lugares pagãos ter sido um fenómeno europeu muito comum, a própria cor negra destas imagens sugere que elas representam a continuação do culto da deusa pagã sob o disfarce de cristianismo. É este, presumivelmente, o motivo por que a Igreja as trata com desdém, embora a devoção que lhes é prestada torne quase impossível proibir este culto. Além disso, para que uma proibição entre em vigor - sem dúvida, atualmente - teriam de ser apresentadas razões, as quais apenas chamariam a atenção para o que vem acontecendo há quase dois mil anos.
As ligações pagãs, só por si, não explicam o motivo por que as Madonas são negras - apesar de os apologistas cristãos alegarem que estes elos de ligação têm, pelo menos simbolicamente, de ser «escuros». Mas muitos destes lugares estiveram associados a deusas pré-cristãs, como Diana e Cibele, que foram representadas como sendo negras durante o longo período em que foram veneradas.

Outra deusa que era representada, por vezes, como sendo negra era Ísis, cujo culto se manteve por um período considerável da era cristã na bacia do Mediterrâneo. Irmã de Néftis, era uma divindade multifacetada, cujos dons pessoais incluíam a magia e a cura, e intimamente associada ao mar e à Lua. O seu consorte, Osíris, que, como deus do mundo dos mortos e da morte, também era representado como sendo negro, foi atraiçoado e morto por Set, o deus mau, mas foi magicamente ressuscitado por Ísis, para conceber o filho, Hórus.

É reconhecido que os cristãos primitivos se apropriaram de muito da iconografia de Ísis para a Virgem Maria. Por exemplo, foram-lhe atribuídos vários títulos de Ísis - como «Estrela do Mar» (Stella Maris) e «Rainha do Céu». Tradicionalmente, Ísis era representada de pé sobre a Lua em quarto-crescente ou com estrelas nos cabelos ou em volta da cabeça; a Virgem Maria também é assim representada. Mas a imagem mais notavelmente semelhante é a da mãe e filho. Os cristãos podem pensar que as estátuas de Maria e o menino Jesus representam iconografia exclusivamente cristã, mas, de fato, todo o conceito da Madona e o menino já estava firmemente presente no culto de Ísis.

Também Ísis era venerada como uma virgem sagrada. Mas, apesar de também ser a mãe de Hórus, isso não constituía problema para as mentes dos seus milhões de adeptos. Enquanto se espera que os cristãos modernos aceitem o

nascimento virginal como artigo de fé e como verdadeiro acontecimento histórico, os adoradores de Ísis e outros pagãos não enfrentavam este dilema intelectual. Para eles, Zeus, Vênus ou Maat podiam, ou não, ter descido à Terra; o importante era o que eles personificavam. Cada um dos deuses do panteão reinava sobre a sua área própria da vida humana; por exemplo, a deusa egípcia Maat estava relacionada com o conceito de justiça no mundo material e quando as almas dos mortos eram pesadas na balança. Os deuses eram interpretados como arquétipos vivos, não como figuras históricas. Os adoradores de Ísis não perdiam tempo a procurar roupas que podiam ter envolvido o corpo de Osíris nem consideravam importante encontrar uma lasca do caixão em que esteve confinado. Longe de ser uma religião simples e ignorante, a religião dos adoradores de Ísis parece ter tido uma profunda compreensão da psique humana.
Ísis era venerada como Virgem e como Mãe - mas não como Virgem Mãe. Os adoradores de Ísis teriam considerado o conceito de nascimento virginal francamente ridículo: os deuses podem fazer maravilhas, mas não exigem que os seus fiéis suspendam tanto a sua descrença. O culto das deusas mais importantes acentuava a sua feminilidade essencial, ao dividi-la em três aspectos principais, cada um deles representando o ciclo de vida das verdadeiras mulheres. Primeiro a Virgem, depois a Mãe, em seguida a Velha, todas três ligadas à Lua nova, à Lua cheia e ao

obscurecimento da Lua. Cada deusa, incluindo Ísis, era interpretada como representação de toda a experiência feminina, incluindo o amor sexual - e, portanto, podia ser invocada para ajudar uma mulher com qualquer tipo de problema -, ao contrário da Virgem Maria, cuja suposta pureza é uma barreira impenetrável para os que gostariam de compartilhar com ela os seus problemas sexuais.

Ísis, uma verdadeira mulher que representa um ciclo de vida feminino completo, era por vezes representada como sendo negra. E o seu culto estava bastante mais divulgado do que se podia supor. Por exemplo, um templo que lhe era dedicado foi descoberto tão a norte quanto Paris e há razões para supor que este não era um templo isolado. Ísis, a bela jovem-deusa, a quem as mulheres podiam invocar - com a consciência tranquila - absolutamente para tudo, apelava às mulheres de todas as culturas. Quando surgiu a Igreja patriarcal, o seu primeiro instinto foi erradicar o culto da deusa pagã. Mas o anseio por uma deusa permanecia firme e constituía uma ameaça para os padres da Igreja. Assim, permitiu-se que a Virgem Maria existisse como uma versão expurgada de Ísis, decididamente ignorante dos imperativos biológicos, emocionais e espirituais das verdadeiras mulheres, uma deusa de emergência, criada por misóginos para misóginos. Mas era improvável que a assexuada Virgem Maria tivesse vencido Ísis sem algum tipo de represália dos seus adeptos. Como podia a boa, mas

essencialmente descolorida, mãe de Jesus preencher o lugar da bem-torneada Ísis - não apenas Virgem, Mãe e Velha, mas também iniciadora sexual e dominadora dos destinos dos homens? Podia acontecer que o culto de Maria Madalena, como o da Madona Negra, que é tão desprezado pela Igreja, escondesse realmente uma idéia das mulheres muito mais antiga e mais completa?

Ficou bem provado que os locais da Madona Negra estão associados a antigas localizações pagãs - mas há uma outra ligação que não é tão amplamente reconhecida. Continuamente, estas estátuas enigmáticas e os seus antigos cultos parecem florescer paralelamente ao de Maria Madalena. Por exemplo, a famosa estátua negra de Santa Sara, a egípcia, encontra-se em Saintes-Maries-de-la-Mer - o mesmo lugar em que se diz que Madalena desembarcou, vinda da Palestina. Em Marselha, há nada menos de três Madonas Negras; uma na cripta da basílica de S. Victor, imediatamente à saída da capela subterrânea que é dedicada a Maria Madalena. Há outra na «sua» igreja de Aix-en-Provence (próximo do lugar onde se julga que ela foi enterrada) e ainda uma outra na principal igreja daquela cidade, St Saveur.

A ligação entre o culto de Maria Madalena e o da Madona Negra é inegável. Ean Begg observa que nada menos de cinquenta centros do primeiro também contêm santuários da Virgem Negra. Um estudo do mapa dos locais da Madona Negra mostra que a maior concentração, em França, se

encontra na área Lyons/Vichy/Clermont-Ferrand, centrada na cadeia de montanhas denominada montes de Madalena. Uma grande concentração de locais da Madona Negra também se encontra na Provença e nos Pireneus orientais, duas áreas intimamente ligadas à lenda de Madalena - assim, é clara a associação entre os dois cultos, embora o seu motivo não o seja tanto.
Aqui voltamos a deparar com o Priorado de Sião porque - embora isso não seja muito conhecido - ele está particularmente interessado no culto da Madona Negra. (É curioso que isso não seja mencionado em The Holy Blood and The Holy Grail, porque dois dos seus autores, Michael Baigent e Richard Leigh, escreveram artigos sobre o assunto para a publicação semanal The Unexplained, quando o seu livro foi publicado.) Vários lugares associados ao Priorado têm as suas próprias Madonas Negras, como Sion-Vaudémont e o lugar onde os seus membros, tradicionalmente, se reúnem para eleger os grão-mestres, Bolos, no vale do Loire.
O culto da Madona Negra é central para o Priorado. Os seus membros escolheram uma em Goult, próximo de Avignon, para especial veneração, que é conhecida como «Notre-Dame de Lumiéres» (Nossa Senhora das Luzes). Para eles, pelo menos, não há dúvidas quanto ao verdadeiro significado da Madona Negra. Pierre Plantard de Saint-Clair escreve, explicitamente, «a Virgem Negra é Ísis e o seu nome é Notre-Dame de Lumières».
Parece haver aqui uma discrepância: que possível

ligação podia haver entre Ísis/Madonas Negras e a obsessão do Priorado com a descendência merovíngia? Plantard de Saint-Clair explica a ligação entre o Priorado e as Madonas Negras alegando que o seu culto foi promovido pelos merovíngios. Mesmo excluindo a descrença na realidade desta descendência, esta explicação não se coaduna inteiramente com a pretensão de que os merovíngios descendiam de judeus da estirpe de David. Begg nota outra discrepância: embora a veneração de Ísis, por parte do moderno Priorado, lhes proporcione uma árvore genealógica que remonta aos tempos pré-romanos, as divindades femininas mais veneradas na Gália eram Diana e Cibele, não Ísis. Plantard de Saint-Clair insiste em que o envolvimento do Priorado é especificamente com Ísis - mas porquê? Begg sugere que esta pode ser um meio de insinuar uma antiga e importante ligação egípcia.

Se há uma figura lendária que possa proporcionar uma resposta a este enigma ou que represente a ponte entre as tradições pagãs e cristãs que se fundiram no culto da Madona Negra, é certamente Maria Madalena. Vimos como ela é importante para o Priorado, que vê ísis nas Madonas Negras. Mas por que acabaria esta famosa penitente cristã por ser associada aos antigos lugares pagãos?

Uma pista pode encontrar-se no Cântico dos Cânticos, a compilação de poesia erótica que, bizarramente, está incluída no Novo Testamento e que, tradicionalmente, é atribuída ao rei Salomão, que a escreveu para celebrar os generosos

encantos da rainha de Sabá.
Curiosamente, uma dessas passagens é lida em voz alta no dia da festa de Madalena, na Igreja Católica. Essa passagem (Cântico dos Cânticos 3:1-4) diz o seguinte:

De noite, na minha cama, procurei aquele que a minha alma ama, e não o encontrei.
Levantar-me-ei e percorrerei toda a cidade e pelas ruas e praças procurarei aquele que a minha alma ama; procurei-o mas não o encontrei. As sentinelas que vigiam a cidade encontraram- me. Então perguntei-lhes: Viram aquele que a minha alma ama?
E, pouco depois de já ter passado por elas, encontrei aquele que a minha alma ama.
Detive-o e não o deixarei mais até o trazer para casa da minha mãe e para o quarto daquela que me gerou.

O Cântico dos Cânticos tem sido associado, desde os primeiros anos da era cristã, a Madalena. Nesse caso, talvez exista uma outra ligação oculta nos versos, porque neles a mulher apaixonada também diz «sou negra, mas graciosa», o que é outro elo de ligação com o culto da Madona Negra, e, se sob este aspecto o Priorado for credível, com a deusa egípcia Ísis. Isso era desconcertante porque, se parece haver poucas ligações óbvias entre Madalena e a Madona Negra, também há poucas entre a santa e o Cântico dos Cânticos. Embora, tal como a mulher apaixonada que se lamenta nestes

versos, ísis também andasse em busca do seu marido Osíris, que possível paralelo existe na história de Maria Madalena? A princípio, parece não haver respostas diretas. É como se nenhum conjunto de permutas corresponda aos fatos conhecidos.
Há um outro elemento, ainda mais confuso, a ter em conta. A Provença, pátria do madalenismo e de várias Madonas Negras, também está impregnada de um forte sentido de outra importante figura do Novo Testamento - João Batista. Ficámos surpreendidos com o número de igrejas que lhe são dedicadas e de lugares que têm o seu nome naquela região. Em Marselha, além da igreja dedicada a Batista, existe o velho forte de S. João dos Cavaleiros Hospitalários, o qual ainda guarda a entrada do porto. Em Aix-en-Provence encontramos a grande igreja de S. João de Malta; há um baixo-relevo da decapitação de S. João na parede de uma casa situada na rua que conduz à igreja. Por toda a parte, nas nossas viagens, iríamos encontrar um fenômeno inexplicável: a maior concentração de lugares de Madalena também continha um número invulgar de igrejas dedicadas a João Baptista. Talvez tivesse sido esta ligação, aparentemente estranha, que levou Ean Begg a refletir:

[...] a história da Virgem Negra também pode incluir um segredo herético com o poder de chocar e surpreender até as atuais atitudes pós-cristãs, um segredo que, além do mais, envolve forças

políticas ainda influentes na Europa moderna.

A predominância de edifícios dedicados a João Baptista pode explicar-se facilmente pelo fato de os Cavaleiros Hospitalários (mais tarde conhecidos por Cavaleiros de Malta) sempre lhe terem dedicado uma veneração particular e de terem tido uma presença forte na região. Mas outra ordem de cavalaria importante, que era uma força a ter em conta, no Sul de França, eram os mais famosos Cavaleiros Templários - e eles também prestavam uma homenagem especial a Batista.
Enquanto estivemos na Provença, não pudemos perder a oportunidade de visitar a zona de St Jean-Cap-Ferrat, que Jean Cocteau escolheu para seu refúgio. A viagem de Marselha para Nice pareceu interminável, embora esta cidade se situe um pouco mais a norte do litoral, em direcção à mais elegante cidade-estado do Mónaco. St Jean-Cap-Ferrat situa-se na extremidade de uma península e a sua história de constituir refúgio para estrelas de cinema, como David Niven, evoca inevitavelmente imagens cinematográficas. Ela orgulha-se das mais sumptuosas residências que se possa imaginar fora de um filme de Bond - e um certo Château de Jean, de aspecto quase ameaçador, atrás das suas sinistras sombras, parece saído de um filme de Hitchcok. Contudo, mesmo neste lugar de recreio dos ricos e famosos, nem tudo é tão materialista como parece: e a ênfase local em «St Jean» não é acidental.
A própria aldeia tem uma igreja dedicada a João

Baptista, o santo que deu o nome a esta área. Mais uma vez isso é devido à presença dos Cavaleiros de Malta, cuja capela de St Hospice ainda se ergue no local do forte original da ordem, na ponta extrema da península - o cabo de S. João -, claramente um excelente lugar para estar de atalaia. As paredes da capela estão decoradas com várias placas comemorativas das visitas de vários grão-mestres da ordem ao longo dos anos, e a área exterior ostenta o nome «Place des Chevaliers de Malte» (Praça dos Cavaleiros de Malta). Esta praça é dominada por uma enorme estátua em bronze da Madona e o menino, a qual, embora tenha adquirido uma nítida pátina verde-escura, é conhecida localmente por La Vierge Noire - a Virgem Negra. Com mais de cinco metros de altura, ela vigia o mar há quase um século. Este é o estranho fenômeno da relação, aparentemente simbiótica, entre os lugares da Madona Negra e os dedicados a S. João.

E na terra firme imediata, no entanto, que encontramos uma ligação inesperada com o Priorado de Sião. Na pequena cidade de Ville-franche-sur-Mer há uma pequena capela, junto ao porto, frequentada pela comumidade piscatória. Por essa associação, ela é dedicada a S. Pedro (o «Grande Pescador»), mas, para nós, o seu interesse reside na identidade do criador da sua notável decoração - foi desenhada e executada por Jean Cocteau, que a completou em 1958, embora ela fosse o seu sonho durante muitos anos. Por fim, ele foi pessoalmente responsável por todos os

aspectos da decoração da capela, até ao reboco das paredes e ao desenho dos candelabros. E o resultado final é, para falar francamente, misterioso. Há uma vaga semelhança com a decoração de um templo maçônico, embora as imagens sejam bastante mais surrealistas. Olhos espantados estão pintados por toda a parte: há olhos enormes, de cada lado do altar, mas uma porção de olhos pequenos está espalhada por toda a capela e figuras peculiares - como uma mulher que, deliberadamente, aponta três dedos ao observador - decoram as paredes.

De todos os grupos bizarros de figuras e de símbolos da capela, um, em particular, chamou-nos a atenção: representa figuras de ciganos que dançam, acompanhados de uma rapariga semelhante a uma deusa - uma clara alusão à cerimónia anual em Saintes-Maries-de-la-Mer. É estranho encontrar esta referência no lado oposto da Provença e numa capela dedicada a S. Pedro - que, segundo os Evangelhos gnósticos, era o inimigo da amada Maria Madalena do Priorado.

Cocteau decorou esta capela imediatamente antes de trabalhar no mural de Londres, e em ambos os casos o visitante sai com um sentimento de inquietação, como se as mensagens subliminares estivessem a comunicar, a nível inconsciente, alguma coisa muito diferente da mensagem supostamente contida no interior dos edifícios cristãos.

A cerca de trinta e cinco quilômetros a norte da ostentação de Nice, encontra-se um grupo de

aldeias que fazem parte do padrão emergente dos lugares em que coexistem Madalena e João Batista. Ao longo do vale do rio Vésubie, estende-se o outrora famoso caminho dos Alpes para o litoral, e é próximo desta área que encontramos topónimos evocativos, com as mesmas associações que encontramos próximo de St Jean-Cap-Ferrat. Por exemplo, a aldeia de Saint-Madaleine (sic) situa-se próximo dos lugares de Marie e de St Jean.

Isto não é tudo. Na mesma área, encontra-se Utelle, a velha cidade dos Templários, cujas casas medievais ainda ostentam as velhas chancelas esotéricas dos alquimistas, e, mais adiante, junto do vale, fica Roquebillière, outro domicílio da irmandade cavaleiresca. A maior cidade é St Martin-de-Vésubie, o lugar de um lendário massacre dos Templários em 1308.

Esta é a pátria de uma famosa Madona Negra: la Madone des Fenestres (a Madona das Janelas, embora a verdadeira derivação seja contestada), que foi trazida pelos Templários para esta área. Mas a estátua, segundo a tradição local, foi trazida para França por Maria Madalena. E, embora as lendas não tenham necessariamente uma base de fato, é interessante que os habitantes locais achem natural fazer associações entre Madalena, o culto da Virgem Negra - e os Templários.

No outro lado do vale, em frente de St Martin-de-Vésubie, fica a aldeia de Venanson, onde a capela de S. Sebastião se ergue sobre uma grande rocha sobranceira à única estrada. No seu interior, ela

ostenta um quadro de St Grat, um antigo bispo local, segurando a cabeça de João Batista. Apenas a cinco quilómetros da capela, na aldeia de Saint-Dalmas, existe a igreja templária de Saint-Croix, um dos mais antigos edifícios religiosos de França. As suas paredes apresentam quadros pintados que descrevem Salomé a apresentar a cabeça de João Batista a Herodíade, sua mãe, e a Herodes, seu padrasto.
Certamente que muitas igrejas, tanto católicas como protestantes, contêm algum tipo de representação de Batista, mas geralmente apresentam João a batizar Jesus. Muito poucas representam cenas da decapitação de João ou expõem a sua cabeça decapitada, porque é apenas nos lugares onde ele é particularmente venerado que estas imagens são consideradas apropriadas. Nesta área de França, no entanto, há inúmeras pinturas semelhantes - e não é, de modo algum, por acaso porque, como vimos, é uma região que conheceu outrora uma grande concentração de Templários e ordens associadas. João Batista foi sempre conhecido como o santo patrono dos Templários e é, portanto, especialmente venerado por eles. Mas por que era João Baptista tão importante para os Templários e para os Cavaleiros de Malta? Esta era a pergunta que iria assumir a maior importância à medida que a nossa investigação prosseguia.
A nossa viagem à Provença revelara que havia alguma coisa substancial por detrás das lendas locais de Madalena mas também permitira

intrigantes vislumbres de alguma coisa mais antiga, maior, mais organizada - talvez, mesmo mais misteriosa. À medida que seguíamos o rasto de Madalena, começamos a encontrar camada sobre camada de associações esotéricas que recuavam nos séculos. Onde se encontrava Madalena havia geralmente uma Madona Negra, e onde esse culto era praticado existira, outrora, um florescente santuário de uma deusa pagã. Os outros fios da teia ligavam este triunvirato feminino ao Priorado de Sião e - inexplicavelmente - à veneração de João Batista por parte dos Templários.

Nas primeiras fases da nossa investigação, reconhecemos que essas ligações existiam mas não conseguíamos compreendê-las. Por vezes receamos, de fato, nunca conseguir compreender. Mas, à medida que persistíamos na nossa investigação, fatos, lendas e personagens, aparentemente inconciliáveis, começaram a ajustar-se ao quadro global - um quadro de que o próprio Leonardo se teria orgulhado.

Sem fazer a menor ideia de como as nossas descobertas finais seriam perturbantes, abandonamos a Provença e mergulhamos mais profundamente na terra que é o coração da heresia européia.

CAPÍTULO IV
A PÁTRIA DA HERESIA

As lendas de Maria Madalena ultrapassaram a Provença, embora os lugares associados à sua vida em terras de França só se encontrem ali. Todo o sul está cheio das suas lendas, embora elas se concentrem particularmente junto dos Pirenéus, a sudoeste, e na região de Ariège. Foi para estas terras, diz-se, que Madalena trouxe o Santo Graal. Como era de prever, elas também albergam numerosas Madonas Negras, especialmente nos Pireneus orientais.
Partindo de Marselha, em direção a oeste, aproximamo-nos da região de Languedoc-Roussilon, outrora a mais rica região de França e agora uma das mais pobres. Nesta região despovoada, a terra parece fazer eco dos nossos pensamentos e pouco mais, milha após milha, apesar do crescente número de turistas que vêm apreciar a sua história encharcada de sangue - para não mencionar o vinho local. Mas, apesar de nós, como bons europeus, termos dado a nossa contribuição para a economia local, estávamos ali, antes de mais nada, para estudar o passado.
Testemunhos da turbulenta história da região vêem-se por toda a parte. Castelos arruinados e antigas cidadelas, destruídos por ordem de reis e papas, enchem a paisagem e revelam brutalidades que ultrapassam mesmo a habitual tendência medieval para governar pela atrocidade. Porque, se algum lugar da Europa podia ser considerado a pátria da heresia, era o Languedoc-Roussilon. E é este simples facto histórico que foi responsável

pelo empobrecimento sistemático da zona. Exceptuando regiões como a Bósnia e a Irlanda do Norte, raramente a religião deixou as suas marcas nos destinos de um país de uma maneira tão óbvia.
Antigamente o Languedoc - de Langue d'Oc, a língua local - estendia-se da Provença para a área entre Toulouse e os Pirenéus orientais. Até ao século XIII, não fazia propriamente parte da França, mas era governado pelos condes de Toulouse, que, embora nominalmente devessem fidelidade aos reis de França, na prática eram até mais ricos e poderosos.
Nos séculos XII e XIII, esta área era a inveja da Europa, pela sua civilização e cultura. A sua arte, literatura e ciência eram, de longe, as mais avançadas da época - mas, no século XIII, esta brilhante cultura foi destroçada por uma invasão dos bárbaros do norte. provocando um sentimento de indignação latente, que dura até hoje. Muitos habitantes ainda preferem considerar a região como Occitânia, o seu antigo nome. E, como iríamos verificar, uma região com uma memória particularmente longa.
O velho Languedoc foi sempre um lugar de refúgio para ideias heréticas e heterodoxas, provavelmente porque uma cultura que encoraja a busca de conhecimento tem tendência para tolerar um novo pensamento radical.
Uma parte central deste ambiente social eram os trovadores - os menestréis itinerantes cujas canções de amor eram essencialmente hinos ao

Princípio Feminino. Esta tradição do amor cortês concentrava-se na mulher idealizada e na mulher ideal, a deusa. Podem ter sido românticas, mas as canções dos trovadores também continham verdadeiro erotismo. A influência do movimento estendeu-se para lá do Languedoc e teve particular êxito na Alemanha e nos Países Baixos, onde os trovadores eram conhecidos como minnesingers - literalmente, «cantores das damas», embora aqui a palavra tenha o significado de mulher arquétipo ou idealizada.
O Languedoc assistiu ao primeiro acto de genocídio europeu, quando mais de 100.000 membros da heresia cátara foram massacrados por ordem do papa durante a Cruzada dos Albigenses (derivado do nome da cidade de Albi, uma fortaleza cátara). Foi especificamente para o interrogatório e extermínio dos cátaros que a Inquisição foi criada. Talvez porque a Cruzada dos Albigenses remonta ao século XIII, o seu impacto nunca igualou o dos holocaustos mais modernos. Muitos habitantes locais ainda ardem com paixões antigas e alguns sugerem mesmo que houve um encobrimento oficial, ao longo dos séculos, uma conspiração para impedir que a história dos cátaros fosse mais largamente conhecida.
Além dos cátaros, a região era, e sempre foi, um centro de alquimia, e várias aldeias atestam as preocupações alquímicas dos seus anteriores habitantes, especialmente Alet-les-Bains, próximo de Limoux, onde as casas ainda estão decoradas com símbolos esotéricos. Foi também em

Toulouse e Carcassonne que surgiram as primeiras acusações de participação no chamado Sabat das Bruxas, nos anos 30 e 40 do século XIV. Em 1335, sessenta e três pessoas foram acusadas de bruxaria em Toulouse, e as confissões foram-lhes arrancadas pelos habituais métodos garantidos. Entre elas, havia uma rapariga, Anne-Marie de Georgel, que se julga ter sido a porta-voz das outras quando descreviam as suas crenças. Disse que todas elas viam o mundo como um campo de batalha entre o Senhor do Céu e o Senhor Deste Mundo; ela e as restantes apoiavam o último, porque pensavam que ele seria o vencedor. Esta afirmação podia ter sido «bruxaria» para os juízes eclesiásticos, mas era gnosticismo puro e simples. Outra mulher, igualmente acusada, declarou que assistira ao «Sabat» para «servir os cátaros, ao jantar».

Muitos elementos pagãos sobrevivem nesta área e encontram-se nos lugares mais surpreendentes. Embora esculturas do «Homem-Verde» - o Deus da vegetação, que foi venerado na maioria das regiões rurais da Europa - se encontrem em igrejas, sob outros aspectos, cristãs, como a Catedral de Norwich, ele não é geralmente representado como filho de uma deusa do Antigo Testamento. Como escreveram A. T. Mann e Jane Lyle:

Na catedral pirenaica de St Bertrand-de-Comminges, Lilith arranjou maneira de entrar numa igreja: ali, uma escultura representa uma mulher alada e com pés de pássaro dando à luz

uma figura dionisíaca, um Homem Verde.
A mesma pequena cidade alega ter sido o local do túmulo de uma personagem tão importante como Herodes Antipas, o governador da Palestina que mandou executar João Batista. Segundo Josefo, o cronista judaico do primeiro século, o triunvirato perverso, Herodes, sua mulher e a sua astuciosa enteada, Salomé - a da chamada «Dança dos Sete Véus» -, foram exilados para a cidade romana de Lugdunum Convenarum, na Gália, que é agora St Bertrand-de-Comminges. Herodes desapareceu, sem deixar rasto, mas Salomé morreu num rio de montanha, e Herodíades continuou a viver na lenda local, transformando-se na líder do pato de «bruxas que cavalgam de noite pelo ar».
Outra pitoresca lenda languedociana diz respeito à «Rainha de Sul» (Reine du Midi), um título da condessa de Toulouse. No folclore, a protetora de Toulouse é La Reine Pedauque (a Rainha com Pés de Ganso). Isto pode ser uma referência ao Pays d'Oc, na «língua dos pássaros», esotérica e cheia de trocadilhos, mas investigadores franceses identificaram esta figura com a deusa síria Anat, que, por sua vez, está intimamente associada a Ísis. E há ainda a óbvia associação a Lilith, a mulher com pés de pássaro.
Uma outra figura lendária da região é Meridiana. O seu nome parece ligá-la a meio-dia e a sul (ambos midi em francês). A sua mais famosa aparição ocorreu quando Gilbert d'Aurillac (c. 940-1003). que. mais tarde, foi o papa Silvestre 11, viajou para Espanha para aprender os segredos de

alquimia. Silvestre, que possuía uma cabeça que falava como um oráculo, recebeu a sua sabedoria desta Meridiana, que lhe ofereceu «o corpo, riquezas e a sua sabedoria mágica» - claramente uma forma de conhecimento alquímico e esotérico que era comunicado através da iniciação sexual. A escritora-investigadora americana Barbara G. Walker deriva o nome Meridiana de «Maria-Diana» ligando, assim, esta deusa pagã compósita às lendas de Madalena no Sul de França.

O Languedoc também acolheu a maior concentração de Cavaleiros Templários da Europa, até à sua supressão no princípio do século XIV, e ainda está juncada de evocativas ruínas dos seus castelos e fortes militares.

Se, como suspeitámos, existissem muitas mais ramificações «heréticas» do culto de Madalena, além das que encontrámos na Provença, então seria aqui, seguramente, que as encontraríamos. Uma das primeiras cidades importantes porque passamos, na auto-estrada de Marselha, conhecera incríveis paixões despertadas em seu nome - e milhares de pessoas foram mortas devido ao significado que Madalena tinha para elas.

Atualmente, Béziers situa-se no departamento de Hérault, no Languedoc-Roussillon, uma cidade populosa, aproximadamente a dez quilômetros de distância do golfo de Lions, no Mediterrâneo. Mas, em 1209, todos os habitantes da cidade foram impiedosamente perseguidos e chacinados pelos cruzados albigenses. Mesmo para os anais desta longa campanha sangrenta - e, por vezes,

francamente bizarra - esta é uma história particularmente estranha.
A história foi relatada por vários comentadores contemporâneos, mas vamos limitar-nos ao relato de Pierre des Vaux-de-Cernat, um monge cisterciense que o escreveu em 1213. Ele não assistiu pessoalmente aos acontecimentos, mas baseou o seu relato no dos cruzados que os testemunharam. Béziers tornara-se um centro de heréticos e, por esse motivo, quando os cruzados atacaram a cidade, existia um enclave de 222 cátaros que viviam ali sem serem molestados pela população em geral. Embora não se saiba se o conde de Béziers era, ou não era, ele próprio, um cátaro, ou um mero simpatizante, o que é certo é que, então, ele não fez nada para os perseguir ou eliminar, e foi isso que particularmente irritou os cruzados.
Exigiram que os habitantes da cidade - católicos comuns - entregassem os cátaros ou abandonassem a cidade para que os restantes cátaros pudessem ser mais facilmente eliminados. Embora esta ordem fosse dada sob pena de excomunhão - que não era uma questão irrelevante naqueles tempos em que o inferno era uma grande realidade - e a opção alternativa parecesse bastante generosa, no sentido em que aos católicos era dada uma oportunidade de fugir ao massacre iminente, sucedeu uma coisa espantosa. Os habitantes da cidade recusaram-se a acatar qualquer das ordens. Como escreve Des Vaux-de-Cernat, preferiram morrer como heréticos

a viver como cristãos. E, segundo o relato enviado ao papa pelos seus representantes, os habitantes da cidade fizeram juramento de defender os heréticos.
Dadas as circunstâncias, em Julho de 1209, os cruzados entraram em Béziers e, sem dificuldade, tomaram a cidade e mataram todos os seus habitantes - homens, mulheres, crianças e sacerdotes - e o lugar foi incendiado. Entre 15.000 e 20.000 pessoas foram chacinadas; destas, pouco mais de 200 eram heréticas. «Nada os pôde salvar, nem a cruz, nem o altar, nem o crucifixo.» Foi ali que os cruzados perguntaram aos legados do papa como podiam distinguir os heréticos do resto da população e receberam a famosa resposta: «Matem-nos todos. Deus conhecerá os seus.» Embora seja fácil compreender que a população podia ter pretendido defender a sua cidade dos saques característicos de um exército, não se deve esquecer que lhe foi dada oportunidade de partir, e se a segurança dos seus bens era a sua principal preocupação, então eles podiam simplesmente ter entregue os heréticos e voltado aos seus afazeres quotidianos sem olhar para trás. No entanto, eles ficaram e assinaram efetivamente a sua sentença de morte duas vezes seguidas, ao fazer um juramento de apoio aos cátaros. Mas que se passou realmente em Béziers?
Em primeiro lugar, deve ser tomada em conta a data precisa do massacre. Foi a 22 de Julho - o dia da festa de Maria Madalena, o que é apontado por todos os escritores contemporâneos como sendo

de singular importância. E fora na igreja de Maria Madalena, em Béziers, que, quarenta anos antes, o senhor local, Raymond Trencavel I, fora assassinado - embora as razões da sua morte continuem obscuras. Mas em Béziers, pelo menos, o elo entre Madalena e a heresia não era acidental e permite prescrutar os antecedentes da Cruzada dos Albigenses no seu conjunto.
Como escreve Pierre des Vaux-de-Cernat:

Béziers foi conquistada no dia de Santa Maria Madalena. Oh! Suprema justiça da Providência!... Os heréticos alegavam que Maria Madalena era a concubina de Jesus Cristo... e foi, por conseguinte, com justa causa que aqueles cães repugnantes foram capturados e massacrados durante a festa daquela que eles tinham insultado...

Por mais chocante que esta idéia possa ter sido para o bom monge e para os cruzados, obviamente ela não o era para a grande maioria do povo da cidade, que activamente apoiara os heréticos até à morte. É claro que esta crença era uma tradição local, de poder quase único sobre o coração e a mente do povo. Como vimos, os Evangelhos gnósticos e outros textos primitivos não hesitam em descrever a relação entre Maria Madalena e Jesus como sendo notoriamente sexual. Mas como é que estes cidadãos franceses medievais ouviram falar disso? Os Evangelhos gnósticos ainda não tinham sido descobertos (e, mesmo que tivessem sido, é improvável que chegassem ao seu

conhecimento). Então, de onde veio esta tradição?
Este episódio representou o levantar da cortina para toda a Cruzada Albigense, que iria devastar o Languedoc durante mais de quarenta anos, deixando cicatrizes tão profundas na psique colectiva do povo, que não é, de modo nenhum, bizarro detectá-las ainda. Mas quem eram este cátaros - cujas crenças deram origem a que uma cruzada fosse montada contra eles? Que aterrorizava tanto a Instituição, que esta criou a Inquisição especificamente como arma contra eles?
Ninguém pode, com alguma exactidão, identificar a génese da fé cátara, mas ela tornou-se rapidamente um poder a considerar no Languedoc do século XI. Para os habitantes do Languedoc, os cátaros não eram tratados com o desdém e o ridículo com que a nossa cultura tende a considerar os cultos religiosos minoritários; eles eram a religião dominante da região e tratados, localmente, com o maior respeito. Todas as famílias nobres da área eram, elas próprias, cátaras ou simpatizantes dos cátaros, que lhes deram ativo apoio. O Catarismo era virtualmente a religião de Estado do Languedoc.
Conhecidos como Les Bonhommes ou Les Bons Chrétiens - os «homens bons» ou «bons cristãos» -, os cátaros pareciam não ter ofendido ninguém. Os modernos comentadores, especialmente os que têm uma perspectiva da New Age, afirmam que eles representavam um irrepreensível movimento de regresso aos princípios fundamentais da

Cristandade. Embora, como veremos, tivessem absorvido muitas outras idéias e tivessem a sua própria ideologia algo confusa, é verdade que a sua maneira de viver era uma tentativa de obediência aos ensinamentos de Jesus. Acusavam a Igreja Católica de se ter afastado demasiado do conceito original do movimento de Jesus. Consideravam anátema a riqueza e a pompa da Igreja, as quais eles julgavam ser o oposto do que Jesus destinara aos seus discípulos. Superficialmente, portanto, parecem ter sido os percursores do movimento protestante, mas, apesar de certas similaridades, não foi esse o caso. Os cátaros viviam umas vidas muito simples. Preferiam reunir-se ao ar livre ou em casas vulgares, mais do que em igrejas e, embora tivessem uma hierarquia administrativa que incluía bispos, todos os membros batizados eram espiritualmente iguais e considerados sacerdotes. Talvez o mais surpreendente para aquela época fosse a sua ênfase na igualdade dos sexos, embora o civilizado Languedoc já tivesse uma atitude em relação às mulheres mais esclarecida do que era habitual. Os cátaros eram vegetarianos e pacifistas e acreditavam numa forma de reencarnação. Eram também pregadores itinerantes, viajando aos pares, vivendo na mais completa pobreza e simplicidade, detendo-se para ajudar e curar sempre que podiam. Em muitos aspectos, os Homens Bons não pareciam constituir ameaça para ninguém - exceto para a Igreja.

Esta organização encontrou muitas razões para

perseguir os cátaros. Eles eram clamorosos inimigos da cruz, considerando-a uma sinistra e doentia lembrança do instrumento que torturara Jesus até à morte. Também odiavam todo o culto dos mortos e o comércio de relíquias que lhe estava associado - um meio essencial para rechear os cofres de Roma na época dos cátaros. Mas a razão primordial que levou os cátaros a terem dificuldades com a Igreja foi a sua recusa em reconhecer a autoridade do papa.

Durante o século XII, vários concílios da Igreja condenaram os cátaros, mas, por fim, em 1179, eles e os seus protetores foram declarados «malditos». Até esse momento, a Igreja enviara missionários - os oradores de talento da época - para tentar recuperar os habitantes do Languedoc para a «verdadeira fé»; mas estes missionários eram recebidos com apatia. Até o grande S. Bernardo de Clairvaux (1060-1153) foi enviado para aquela zona, mas regressou exasperado com a intransigência dos languedocianos. Curiosamente, no entanto, no seu relato para o papa, teve o cuidado de explicar que, apesar de os cátaros estarem doutrinariamente em erro, se «examinarmos a sua maneira de viver, não encontraremos nada mais irrepreensível». Esta iria ser a característica comum a toda a cruzada: mesmo os inimigos dos cátaros tiveram de admitir que a sua maneira de viver era exemplar.

A táctica imediata da Igreja foi tentar usar as mesmas armas dos cátaros, enviando-lhes a sua versão de pregadores itinerantes. Entre os

primeiros destes pregadores, em 1205, estava o famoso Dominicano Gusmão, um monge espanhol que viria a fundar a Ordem dos Frades Pregadores (mais tarde, a Ordem de S. Domingos, cujos membros, ainda mais tarde, dirigiram a Santa Inquisição).

As duas facções encontraram-se numa série de discussões abertas. uma espécie de debate público, muito aceso, que não resolveu nada. Finalmente, em 1207, o papa Inocêncio III perdeu a paciência e excomungou o conde de Toulouse, Raimundo VI, por não ter agido contra os heréticos. Esta atitude foi obviamente impopular, porque o legado papal, que transmitiu a notícia, foi morto por um dos cavaleiros de Raymond. Foi a última gota: o papa declarou uma cruzada total contra os cátaros, os seus apoiantes e simpatizantes. A cruzada foi convocada a 24 de Junho de 1209 - o dia da festa de S. João Batista.

Até àquela altura, todos os cruzados tinham sido convocados contra os muçulmanos - contra «selvagens» estrangeiros, que viviam em terras tão distantes que eram literalmente inimagináveis. Mas esta cruzada ia ser travada por cristãos contra cristãos, quase na vizinhança do papa. Havia todas as possibilidades de alguns cruzados conhecerem pessoalmente os heréticos que tinham jurado exterminar.

A Cruzada dos Albigenses, que começou em Béziers em 1209, prosseguiu com a maior brutalidade, à medida que cidade após cidade caíam em poder dos soldados, sob o comando de

Simon de Monfort. A campanha prolongou-se até 1244 - um período de tempo considerável para que os soldados fizessem o seu pior. Há lugares no Languedoc onde ainda hoje o nome Simon de Monfort suscita uma reação de medo misturada com aversão.
Na época, os motivos, manifestamente religiosos, da campanha em breve se misturaram com razões políticas mais cínicas. A maioria dos cruzados veio do norte de França e a riqueza e o poder do Languedoc eram demasiado atrativos para serem ignorados. No princípio da cruzada, esta região podia ter desfrutado de considerável independência; no final, ela fazia definitivamente parte de França.
Este episódio da história europeia foi, pelos padrões de qualquer pessoa, enormemente importante. Não foi apenas o primeiro genocídio europeu, mas foi também um passo crucial na unificação da França - e deu o impulso directo à criação da Inquisição. Mas, na nossa opinião, a Cruzada dos Albigenses representa muito mais que uma campanha de atrocidades curiosamente esquecida.
Os cátaros eram pacifistas e desprezavam tanto «o imundo invólucro da carne» que estavam ansiosos por se libertar dele, mesmo que o meio de libertação significasse o martírio de serem queimados vivos. Durante a campanha, inúmeros milhares de cátaros morreram na fogueira, e muitos destes não demonstraram o menor horror ou medo quando confrontados com ela.

Aparentemente, alguns foram mais longe e não evidenciaram qualquer dor. Isto foi particularmente notável no final do cerco do seu último refúgio, Montségur.
Paragem essencial para o turista moderno, Montségur tornou-se quase num lugar mítico, muito semelhante a Glastonbury Tor. Mas, embora os que estão destreinados possam considerar este último uma subida íngreme, não é nada, comparado com a estrada que leva ao topo do château de Montségur. Uma cidadela de pedra, ele ergue-se de modo quase impossível nas alturas vertiginosas de uma montanha escarpada, com a forma aproximada de um antigo pão-de-açúcar, que domina a aldeia e um vale que se tomou perigoso devido à queda regular de pedras dos rochedos. Indicações em várias línguas advertem aqueles, cujo vigor esteja em dúvida, contra tentativas suicidas de subir ao château; mesmo os bronzeados carregadores acham a subida muito dura. É difícil imaginar como os cátaros e os seus abastecimentos conseguiram chegar ao topo. No entanto, uma vez lá chegados, era relativamente fácil aguentar até ao fim do cerco, porque os cruzados - com todas as suas armaduras e cavalos - nem podiam tentar a subida.
Mas, a partir de 1240, quando os cruzados tinham obrigado os restantes cátaros a recuar cada vez mais para os contrafortes dos Pireneus, Montségur tornou-se o seu quartel-general. Como refúgio de cerca de 3(X) cátaros, mas, mais particularmente, dos seus líderes, Montségur era a presa cobiçada

pelos homens do papa. A rainha de França, Branca de Castela, reforçou a importância de Montségur quando escreveu sobre a sua captura: «[devemos] cortar a cabeça do dragão».
Durante os dez meses que durou o cerco de Montségur, aconteceu um fenômeno curioso. Vários dos soldados sitiantes desertaram e juntaram-se aos cátaros, apesar de conhecerem bem o fim que os esperava. Que os poderia ter incitado a esta bizarra deserção? Algumas pessoas sugeriram que eles estavam tão impressionados pelo comportamento exemplar dos cátaros que sofreram uma profunda conversão interior.
Como vimos, os cátaros encararam a sua morte certa pela tortura não apenas com estoicismo mas com total calma - mesmo, diz-se, quando as chamas começaram a envolvê-los. Para aqueles que se recordam dos anos 70 deste século, isto faz lembrar imediatamente a imagem obcecante daquele solitário monge budista imolando-se como protesto contra a guerra do Vietname. Estava sentado, completamente imóvel, num transe nascido de uma longa preparação e de inimaginável disciplina, enquanto o fogo o consumia. E os cátaros, conscientemente, prepararam-se para a morte, fazendo mesmo um juramento, que prometia especificamente fidelidade à sua fé, face a todos os tipos de tortura. Usaram eles também uma técnica de transe semelhante, que lhes permitisse vencer a mais extrema das agonias? Certamente, este segredo era algo que os soldados, desde tempos

imemoriais, sempre desejaram conhecer.
Seja como for, a queda de Montségur deu origem a muitos e persistentes mistérios, que exerceram um fascínio durante gerações, incluindo os caçadores de tesouros nazis e os que procuram o Santo Graal. O mistério mais persistente diz respeito ao chamado tesouro dos cátaros, que quatro deles conseguiram levar para fora da cidadela na noite anterior ao massacre dos restantes cátaros. Estes intrépidos heréticos conseguiram fugir, descendo por cordas, pelo lado mais íngreme da montanha, no meio da noite.
Embora se tivessem rendido formalmente a 2 de Março de 1244, por razões que nunca foram explicadas, os cátaros foram autorizados a permanecer na cidadela durante mais quinze dias - passado esse tempo, entregaram-se para serem queimados. Alguns relatos vão mais longe e descrevem-nos como tendo descido a correr a encosta da montanha e saltado para as fogueiras, que os aguardavam em baixo, no sopé da montanha. Tem sido especulado que eles pediram este tempo extra para proceder a algum ritual, mas nunca ninguém saberá a verdade do fato.
A natureza exacta do tesouro dos cátaros é uma questão de viva especulação. A julgar pelo percurso arriscado seguido pelos quatro fugitivos, o tesouro dificilmente podia ter consistido em pesados sacos com barras de ouro. Tem-se especulado que era o próprio Santo Graal - ou qualquer objeto ritual com grande significado - enquanto outras pessoas alegam que ele revestia

a forma de manuscritos, ou conhecimento, ou mesmo que os quatro cátaros eram eles próprios, de algum modo, importantes. Podiam ter representado uma hierarquia de autoridade, talvez mesmo personificarem literalmente a lendária descendência de Jesus.

Mas se o tesouro cátaro fosse realmente conhecimento secreto, que forma teria revestido? Em que acreditavam, de fato, os cátaros? É difícil avaliar as suas crenças com alguma exatidão, porque eles deixaram poucos registros escritos e muito do que se diz que eles acreditavam proveio dos escritos dos seus inimigos - a Inquisição. E como sagazmente observam Walter Birks e R. A. Gilbert. em The Treasure of Moniségur (1987), deu-se demasiada ênfase à sua suposta teologia quando, com todas as probabilidades, foi o seu modo de viver que constituiu a atração. Contudo, a religião foi consequência de uma visão do mundo específica, e as suas origens exactas continuam discutíveis.

Os cátaros eram uma ramificação dos bogomilos, um movimento herético que floresceu nos Balcãs, no meado do século X, mas que manteve a sua influência na zona até os cátaros encontrarem a morte. O bogomilismo teve larga divulgação - pelo menos, até Constantinopla - e foi considerado uma séria ameaça à ortodoxia religiosa.

Os bogomilos da Bulgária eram, eles próprios, herdeiros de uma longa geração de «heresia» e tinham adquirido uma pitoresca reputação entre os seus opositores. Por exemplo, a palavra inglesa

hugger, que significa «sodomita», deriva do nome «búlgaro» e emprega-se tanto literalmente - todos os heréticos são acusados de desvio sexual, quer a acusação seja, ou não, justificada - como em sentido pejorativo.

Os bogomilos e as suas ramificações, como os cátaros, eram dualistas e gnósticos: para eles, o mundo é inerentemente mau, o espírito está prisioneiro num corpo imundo e o único meio de libertação é através da Gnosis, a revelação pessoal que conduz a alma à perfeição e ao conhecimento de Deus. Há muitas raízes possíveis do gnosticismo - a antiga filosofia grega, cultos misteriosos, como o dionisismo, e outras religiões, como o zoroastrianismo, são possíveis candidatos. (Mais pormenores podem encontrar-se no estudo magistral de Yuri Stoyanov, The Hidden Traditionin Europe, 1994.)

Confrontados com o gênero de literatura sobre o tema do catarismo, que se encontra nas lojas turísticas do Languedoc, é desculpável pensarmos que era uma espécie de visão rudimentar da New Age. com uma teologia bem definida e simplista, Existem literalmente dúzias de livros e panfletos que glorificam o humanitarismo dos cátaros e as suas crenças em princípios tão «modernos» como a reencarnação e o vegetarianismo. De modo geral, isso é um absurdo sentimental. Os cátaros praticavam o vegetarianismo, não pelo seu amor aos animais mas devido à sua aversão pela procriação, e apenas comiam peixe, na convicção errada de que os peixes se reproduziam

assexuadamente. A sua ideia de reencarnação baseava-se no conceito do «bom fim» (morte), que significava geralmente ser martirizado pela sua fé. Se sofriam esse fim, não se punha a questão de voltar a reencarnar neste miserável vale de lágrimas, caso contrário, teriam de regressar até o conseguirem.

Tem-se tentado argumentar que o catarismo era inteiramente um produto local do Languedoc; isso é manifestamente falso, mas ele englobou elementos regionais na sua teologia. Curiosamente, uma coisa que era única dos cátaros era a crença de que Maria Madalena era mulher de Jesus, ou talvez sua concubina. Esta crença, no entanto, não era considerada conhecimento apropriado para todos os cátaros, mas era reservada apenas para os principais iniciados - o círculo secreto.

Os cátaros eram violentamente anti-sexo e mesmo anticasamento, por isso era improvável que eles tivessem inventado esta ideia; talvez ficassem tão horrorizados com ela que a reservaram para aqueles que já tinham provado ser fiéis.

Por vezes, os cátaros encontraram-se numa posição teológica embaraçosa; por um lado, encorajavam ativamente os seus fiéis a ler a Bíblia (ao contrário do catolicismo ortodoxo, que se opunha energicamente ao acesso popular às Escrituras), mas, por outro, tiveram de reinterpretar radicalmente os acontecimentos bíblicos para os harmonizar com as suas crenças. O exemplo principal da sua reinvenção do Novo

Testamento é o da sua visão da crucificação, em que eles colocam um Jesus, feito de puro espírito, a ser pregado na cruz. Embora não exista qualquer fundamento bíblico para este conceito, eles tiveram de inventar este «outro» Jesus, devido à sua aversão pelo corpo físico - ter um Cristo corpóreo, para eles, era impensável.
Assim, a sua ideia de Jesus e Maria Madalena serem parceiros sexuais dificilmente pode ter sido o resultado de uma suposição desejada por eles. De facto, eles debateram-se com diferentes justificações teológicas para explicar o casamento, algo que não os teria preocupado tanto se sentissem que podiam considerar a história um completo absurdo. Isto parece apontar para a preponderância da idéia da relação de Jesus e Maria Madalena, no Languedoc da época - não era apenas uma parte integrante do que as pessoas vulgares acreditavam, sem qualquer dúvida, mas também tão central para todo o mundo cristão daquela região que tinha de ser resolvida, de preferência a ser ignorada. Como escreve Yuri Stoyanov:

Apresentar Maria Madalena como «esposa» ou «concubina» de Cristo parece ser, além do mais, uma tradição original cátara que não tem qualquer contrapartida nas doutrinas bogomilos.

Embora Maria Madalena fosse, e ainda seja, uma santa muito popular na Provença, onde se supõe que ela viveu, foi no Languedoc que ela se tornou

o centro de crenças abertamente heréticas e - como iríamos descobrir - é também nesta região que essas crenças originam paixões espantosas, boatos insensatos e segredos misteriosos.
Como vimos, a idéia de Jesus e Maria Madalena serem amantes também se encontra nos Evangelhos de Nag Hammadi, que foram escondidos no Egito no século IV da era cristã. Seria possível que as crenças semelhantes do Languedoc tivessem origem neles ou numa fonte comum? Alguns estudiosos, especialmente Marjorie Malvern, especularam que o culto de Madalena, no Sul de França, preservou estas primitivas idéias gnósticas. E há algumas provas de que, de fato, foi este o caso.
Na terceira década do século XIV, um notável opúsculo, denominado Schwester Katrei (Irmã Catarina) foi publicado em Estrasburgo, alegadamente escrito pelo místico alemão mestre Eckhart - mas os estudiosos são de opinião de que o verdadeiro autor foi uma das suas discípulas. Apresenta uma série de diálogos entre a «irmã Catarina» e o seu confessor, relativos à experiência religiosa de uma mulher e, embora contenha muitas idéias ortodoxas, também expõe muitas outras que, decididamente, não são tão ortodoxas. Por exemplo, faz esta afirmação: «Deus é a Mãe Universal [...]» e revela claramente uma forte inspiração cátara, além da influência da tradição dos trovadores/Minnesingers.
Este invulgar e claro opúsculo liga Madalena com a Minne - a Mulher amada dos Minnesingers, e o

mais interessante é que constituiu motivo de reflexão para os estudiosos porque contém ideias sobre Maria Madalena que, de outro modo, só se encontravam nos Evangelhos de Nag Hammadi: ela é retratada como sendo superior a Pedro, devido à sua maior compreensão de Jesus, e existe a mesma tensão entre Pedro e Maria. Além disso, acidentes factuais que são descritos nos textos de Nag Hammadi também são referidos no opúsculo da Irmã Catarina.

A professora Barbara Newman, da Universidade da Pensilvânia, foca esta dificuldade acadêmica nestas palavras: «O fato de a irmã Catarina usar estes temas levanta um problema espinhoso de transmissão histórica», e confessa que é «um fenómeno real, embora desconcertante. Como é que o autor da Irmã Catarina, no século XIV, obteve textos que só foram descobertos no século XX? Não pode ser por coincidência que o opúsculo revela a influência dos cátaros e dos trovadores do Languedoc, e a conclusão óbvia é que foi através deles que foi transmitido o conhecimento dos Evangelhos gnósticos relativos a Maria Madalena; os seus segredos podem residir não só no que conhecemos como textos de Nag Hammadi mas também em documentos semelhantes, que ainda não foram redescobertos.

É interessante que exista no Sul de França, uma crença permanente na relação sexual entre Madalena e Jesus. A investigação inédita de John Saul desenterrou muitas referências a esta união, na literatura do Sul de França, até ao século XVII -

especificamente em obras de autores associados ao Priorado de Sião, como César, filho de Nostradamus (a obra de César foi publicada em Toulouse).
Víramos na Provença que onde existem centros de Madalena se encontram habitualmente lugares associados a João Batista. Como os cátaros pareciam ter grande consideração por ela, talvez também prestassem a mesma veneração a Baptista. Mas, pelo contrário, parecia que os cátaros tinham uma forte antipatia por Baptista, a ponto de o descreverem como «um demônio». Este sentimento vem directamente dos bogomilos, alguns dos quais o referiram (de modo um tanto confuso) como «precursor do Anticristo».
Um dos poucos textos sagrados dos cátaros ainda existente é o Livro de João (também conhecido por Liber Secretum), que é uma versão gnóstica do Evangelho de um outro João: grande parte dele é exactamente igual ao Evangelho canónico, mas contém algumas «revelações» extra, supostamente feitas, em segredo, a João, o «discípulo amado». Estas revelações são ideias gnóstico-dualistas, que se harmonizavam com a teologia geral dos cátaros.
Neste livro, Jesus diz aos discípulos que João Baptista era, de fato, um emissário de Satanás (o senhor deste mundo), enviado para tentar sabotar a sua missão de salvação. Era um texto originariamente bogomilo e não foi completamente aceite por todos os bogomilos ou por todos os cátaros. Muitas seitas cátaras alimentavam ideias

mais ortodoxas em relação a João Batista, e existem mesmo sinais de que os bogomilos dos Balcãs celebravam ritos a 24 de Junho, o dia da sua festa.
O que é certo é que os cátaros tinham um especial respeito pelo Evangelho de João, o qual é geralmente considerado pelos estudiosos como sendo o gnóstico do Novo Testamento. (Nos círculos ocultistas há um antigo rumor de que os cátaros tinham uma outra versão, agora perdida, do Evangelho de João, e muitos ocultistas têm pesquisado a área em redor de Montségur, na esperança de o encontrar - mas sem sucesso.)
É evidente que os cátaros tinham ideias não ortodoxas, embora talvez confusas, sobre João Batista. Mas teria algum significado o seu conceito de um João perverso e de um Jesus bom? Talvez não tivesse, mas - como sugeriram alguns comentadores modernos - a relação entre dois homens talvez não tivesse sido tão bem definida como a maioria dos cristãos é levada a acreditar. A idéia cátara pode ter representado a sua filosofia dualista no seu máximo simplista: do par, João e Jesus, um é mau e outro é bom. Mas, se é assim, então a conclusão lógica é que eles os consideravam como sendo opostos mas iguais. Isto implica que os cátaros os consideravam rivais, o que dificilmente é a visão cristã tradicional - e revela que dúvidas desconcertantes acerca do apoio de João à missão de Jesus há muito tempo tinham sido reconhecidas nesta região. Como a revelação de Madalena e Jesus, também a de João

e Jesus parece ter sido entendida como sendo radicalmente diferente da versão ensinada pela Igreja.
Superficialmente, é decepcionante contar com os cátaros para a confirmação da importância de João para os movimentos heréticos. Mas existe uma importante organização histórica que faz mais do que repor o equilíbrio. São, evidentemente, os Cavaleiros do Templo, Para quem João Batista sempre foi - inexplicavelmente - objecto de grande devoção. E tal como a cruzada dos cátaros deixou uma visível herança dos seus traumas na paisagem do Languedoc, também os castelos destes enigmáticos cavaleiros ainda se erguem das brumas nas partes mais remotas desta região.
Os Templários são, nesta altura, uma espécie de lugar-comum esotérico, como saberá qualquer pessoa que esteja familiarizada com a ficção de Umberto Eco, e a maioria dos historiadores não sente qualquer constrangimento em afastar, com o maior desdém, qualquer coisa que pretenda ser inspirada nos seus «segredos». No entanto, qualquer mistério ligado ao Priorado de Sião também envolve estes guerreiros-monges, e, portanto, eles são parte intrínseca desta investigação.
Um terço de todas as propriedades européias dos Templários encontrava-se, outrora, no Languedoc, e as suas ruínas apenas aumentam a beleza selvagem da região. Segundo uma das mais pitorescas lendas locais, sempre que o dia 13 de Outubro cai a uma sexta-feira (o dia e a data da

súbita e brutal supressão da ordem) estranhas luzes aparecem nas ruínas e vêem-se figuras misteriosas a deambular entre elas. Infelizmente, nas sextas-feiras que passamos naquela região, não vimos nem ouvimos nada, excepto os roncos alarmantes dos javalis; mas a história mostra como os Templários se tornaram parte da lenda local.

Os Templários continuam a viver nas lembranças dos habitantes locais, e essas lembranças não são, de modo algum, negativas. Mesmo neste século, a famosa cantora de ópera Emma Calvé, que veio de Aveyron para o norte do Languedoc, registrou nas suas memórias que os habitantes locais, a respeito de um rapaz especialmente bonito ou inteligente, dizem: «É um verdadeiro filho dos Templários."

Os fatos principais relativamente aos Templários são simples. Oficialmente conhecidos por Ordem dos Cavaleiros Mendicantes do Templo de Salomão, foram organizados em 1118 pelo fidalgo francês Hugues de Payens, como escolta cavaleiresca dos peregrinos da Terra Santa. Inicialmente, foram apenas nove, durante os primeiros nove anos, depois a ordem expandiu-se e, em breve, estabeleceu-se como uma força a considerar, não apenas no Médio Oriente mas também em toda a Europa.

Após o reconhecimento da ordem, Hugues de Payens iniciou uma viagem européia, solicitando terras e dinheiro à realeza e à nobreza. Em 1129, visitou a Inglaterra e fundou o primeiro centro templário daquele país, no lugar que é agora a Estação do Metropolitano de Holborn, em Londres.

Como todos os outros monges, os cavaleiros faziam votos de pobreza, castidade e obediência, mas viviam no mundo e do mundo e comprometiam-se a usar a espada, se necessário, contra os inimigos de Cristo - e a imagem dos Templários tornou-se inseparavelmente associada às cruzadas que foram empreendidas para expulsar os infiéis de Jerusalém e conservá-la cristã.
Foi em 1128 que o Concilio de Troyes reconheceu oficialmente os Templários como uma ordem religiosa e militar. O principal protagonista que esteve por detrás deste movimento foi Bernamd de Clairvaux, o dirigente da Ordem de Cister, que, mais tarde, foi canonizado. Mas como escreve Bambem Gascoigne:
Ele era agressivo, era injurioso... era um político desleal, pouco escrupuloso nos métodos que usava para abater os seus inimigos.
Bernamd foi, de fato, o autor da Regra dos Templários - que foi baseada na de Cister - e foi um dos seus protegidos quem, como papa Inocêncio II, declarou, em 1139, que os Cavaleiros apenas seriam responsáveis perante o papado a partir daquela data. Como as Ordens dos Templários e de Cister evoluíram em paralelo, pode discernir-se alguma coordenação deliberada entre elas - por exemplo, o suserano de Hugues de Payens, o conde de Champagne, doou a S. Bernardo as terras de Clairvaux, em que ele construiu o seu «império» monástico. E, de modo significativo, André de Montbard, um dos nove

Cavaleiros fundadores, era tio de Bernardo. Tem sido sugerido que os Templários e os cistercienses atuavam em conjunto, segundo um plano pré-estabelecido, para dominar a Cristandade, mas esse plano nunca teve êxito.
É difícil exagerar o prestígio e o poder financeiro dos Templários quando estavam no auge da sua influência na Europa. Dificilmente existia um centro importante de civilização onde eles não tivessem um preceptorado - como, por exemplo, a proliferação de topônimos, como Temple Fortune e Temple Bar (Londres) e Temple Meads (Bristol) em Inglaterra ainda mostra. Mas, à medida que o seu império se expandia, a sua arrogância aumentou e começou a envenenar as suas relações com os chefes de Estado temporais e também seculares.
A riqueza dos Templários, em parte, era resultante da sua regra: todos os novos membros tinham de entregar os seus bens à ordem, a qual também acumulou uma considerável fortuna através de enormes doações de terras e de dinheiro feitas por reis e nobres. Os cofres da ordem em breve transbordavam de dinheiro, não menos devido a terem adquirido uma impressionante astúcia financeira, cuja consequência foi transformá-los nos primeiros banqueiros internacionais, de cujo critério dependiam as taxas de crédito das outras instituições. Foi uma maneira segura de se instituírem como um poder importante. Num curto espaço de tempo, o seu título de «Cavaleiros Mendicantes» tomou-se uma profunda hipocrisia, apesar de os soldados rasos poderem ter

continuado pobres.
Além da sua espantosa riqueza, os Templários eram famosos pela sua destreza e coragem em combate - por vezes, até ao ponto da loucura. Tinham regras específicas que regulamentavam a sua conduta como guerreiros, por exemplo, era proibido renderem-se, a não ser que as probabilidades em seu desfavor fossem superiores a três contra uma, e mesmo assim tinham de obter a aprovação do seu comandante. Eram os serviços especiais da sua época - uma força de elite, com Deus, e dinheiro, do seu lado.
Apesar dos seus melhores esforços, a Terra Santa caiu em poder dos sarracenos, pouco a pouco, até que, em 1291, o último território cristão, a cidade de Acre, passou para mãos inimigas. Não havia nada que os Templários pudessem fazer para além de regressar à Europa e planear a sua eventual reconquista, mas, infelizmente, nessa altura a motivação para tal campanha já desaparecera entre os vários reis que a podiam ter financiado. A sua principal razão de existir reduzira-se a nada. Sem ocupação, mais ainda ricos e arrogantes, eram alvo de ressentimento generalizado porque estavam isentos de pagamento de impostos e apenas deviam obediência ao papa e a mais ninguém.
Assim, em 1307, inevitavelmente, caíram em desgraça. O poderosíssimo rei francês Filipe, o Belo, começou a orquestrar a queda dos Templários com a conivência do papa, o qual, em todo o caso, o rei dominava. Foram emitidas

ordens secretas aos representantes aristocráticos do rei e os Templários foram capturados a 13 de Outubro de 1307, sexta-feira, presos, torturados e condenados à morte pelo fogo.
Pelo menos, esta é a história contada na maioria das obras clássicas sobre este tema. Fica-se com a ideia de que toda a ordem encontrou o seu horrível fim naquele dia longínquo e que os Templários foram efetivamente varridos da face da Terra para sempre. Contudo, nada pode estar mais longe da verdade.
Para começar, relativamente poucos Templários foram, de facto, executados, embora a maioria dos que foram presos fosse «sujeita a interrogatório» -um velho eufemismo para o sofrimento de torturas atrozes. Relativamente poucos Templários foram condenados à fogueira, embora o seu grão-mestre Jacques de Molay fosse queimado lentamente, até à morte, na Île de La Cité, à sombra da Catedral de Notre Dame em Paris. Dos milhares de outros Templários, apenas os que se recusaram a confessar ou se retractaram da sua confissão foram mortos. Mas que validade tinham as confissões arrancadas com ferros em brasa ou com instrumentos para esmagar os polegares? E que se esperava, exatamente, que eles confessassem?
Os relatos das confissões dos Templários são, no mínimo, coloridas. Ficamos a conhecer que veneravam um gato ou que se entregavam a orgias homossexuais como parte dos seus deveres de cavaleiros ou veneravam um demônio

conhecido por Baphomet e/ou uma cabeça decepada. Também foram acusados de terem pisado e cuspido na cruz num rito de iniciação. Tudo isto, evidentemente, parecia tornar absurda a idéia de que eles eram dedicados cavaleiros de Cristo e defensores do ideal cristão, e quanto mais eram torturados mais aparente se tornava esta divergência.
Mas isto não é surpreendente: não são muitas as vítimas de tortura que conseguem ranger os dentes e recusar concordar com as palavras que são postas na sua boca pelos carrascos. Mas, neste caso, há mais nesta história do que aquilo que é visível. Por um lado, tem havido sugestões de que todas as acusações apresentadas contra os Templários foram forjadas pelos que invejavam a sua riqueza e se sentiam exasperados pelo seu poder, e que essas acusações deram ao rei francês um bom pretexto para se libertar das suas conhecidas dificuldades económicas, apoderando-se da riqueza dos Templários. Por outro lado, embora as acusações possam não ser estritamente verdadeiras, há provas de que os Templários encontraram uma coisa misteriosa e talvez «secreta», no sentido ocultista. É evidente que estas duas ideias alternativas não se excluem mutuamente.
Muita tinta tem corrido sobre o debate das acusações feitas aos Templários e às suas confissões. Cometeram eles, de fato, os atos que confessaram ou os inquisidores inventaram, antecipadamente, as acusações e simplesmente

torturaram os cavaleiros até que eles concordassem com elas? (Alguns cavaleiros declararam que lhes tinham dito que Jesus era um «falso profeta», por exemplo.) É impossível afirmar uma coisa ou outra de forma conclusiva.
Há, contudo, uma determinada confissão que constitui motivo de reflexão. É a de um certo Fulk de Troyes, que disse que lhe tinham mostrado um crucifixo dizendo: «Não acredites nisto, porque é demasiado novo.» Dado o conceito rudimentar da história nessa época, parece improvável que um inquisidor tivesse inventado esta enigmática afirmação.
É certo que o Priorado de Sião alega ter sido o poder quem estava por detrás da criação dos Cavaleiros do Templo; se foi assim, então este é um dos segredos mais bem guardados da história. Diz-se, contudo, que as duas ordens foram virtualmente indistinguíveis até ao seu cisma, em 1188 - após o qual seguiram caminhos separados *32. Contudo, parece ter havido uma espécie de conspiração relativamente à criação dos Templários. O senso comum sugere que seriam necessários mais do que apenas os nove cavaleiros originais para proteger e oferecer refúgio a todos os peregrinos que visitavam a Terra Santa, especialmente durante nove anos; além disso, há poucas provas de que alguma vez tivessem feito uma tentativa séria nesse sentido. Em breve os Templários verificaram que eram os meninos mimados da Europa, sendo-lhes concedidos privilégios e honras muito

desproporcionados em relação àqueles que, de facto, mereciam. Por exemplo, foi-lhes concedida toda uma ala do palácio real de Jerusalém - o lugar que, anteriormente, era uma mesquita. Esta, por sua vez, julgava-se, erradamente, ter sido construída sobre os alicerces do Templo de Salomão, do qual os Templários tomaram o seu nome completo.
Outro mistério ligado aos seus primeiros tempos centra-se no fato de que há provas de que a ordem já existia há bastante tempo, antes de 1118, embora permaneça obscuro o motivo por que a data foi falsificada. Muitos comentadores sugeriram que o primeiro relato da sua criação - da autoria de William of Tyre e escrito cinquenta anos depois do acontecimento - foi simplesmente uma história de fachada. (Embora William fosse profundamente hostil aos Templários, ele estava, presumivel mente, a recontar a história tal como a conhecia). Mas, mais uma vez, o que o relato estava a encobrir é uma questão para especulação.
Hugues de Payens e os seus nove companheiros eram todos originários de Champagne e do Languedoc, incluindo o conde da Provença, e é evidente que partiram para a Terra Santa, tendo em mente uma missão específica. Talvez, como foi sugerido, estivessem à procura da Arca da Aliança ou de outro tesouro ou documentos antigos que os conduzissem até ela ou de algum tipo de conhecimento secreto que lhes concedesse o domínio sobre as pessoas e as suas riquezas.

Recentemente, Christopher Knight e Robert Lomas, em The Hiram Key, afirmaram que os Templários procuravam e encontraram um esconderijo de documentos da mesma fonte dos manuscritos do Mar Morto. No entanto, por intrigante que esta sugestão possa ser, os autores não apresentam provas convincentes - e, como veremos, toda a questão da proveniência dos manuscritos está cheia de equívocos e mitos. Mas há provas de que os Templários, de fato, encontraram novo conhecimento junto dos árabes e de outros povos, em consequência das suas viagens.

Para nós, uma das coisas mais fascinantes relativamente aos Templários era a sua invulgarmente profunda veneração de João Baptista, que parece ser bastante mais importante para eles do que o típico santo patrono. O Priorado de Sião - outrora, diz-se, inseparável dos Templários - dá o nome de «João» aos seus grãomestres, talvez por deferência para com ele. Contudo, é virtualmente impossível descobrir as razões da fidelidade dos Templários em qualquer história clássica; a explicação habitual é que João era especial para eles, porque foi o mestre de Jesus. Algumas pessoas sugeriram que a cabeça decepada, que se dizia ser venerada por eles, era a do próprio Baptista - mas o culto deste tóteme implica, em todo o caso, que os Templários eram algo muito diferente de simples cavaleiros cristãos. Muito do seu simbolismo, aparentemente ortodoxo, esconde alusões específicas a «João». Por exemplo, o Cordeiro de Deus era uma das suas

imagens mais importantes. Muitos cristãos presumem que ela refere Jesus - tendo Batista dito dele «eis o Cordeiro de Deus» -, mas, em muitos locais, como a região oeste de Inglaterra, presume-se que este símbolo se refere a João, e os Templários parecem ter-lhe atribuído o mesmo significado. O símbolo do Cordeiro de Deus foi adoptado como um dos selos oficiais dos Templários; este símbolo era específico da ordem no Sul de França.

Uma pista de que a veneração de João Batista por parte dos Templários não era uma simples questão de prestar homenagem ao santo escolhido para patrono, mas escondia alguma coisa muito mais radical, encontra-se na obra de um sacerdote erudito de nome Lambert de St Omer. Lambert era companheiro de um dos nove Cavaleiros fundadores e lugar-tenente de Hugues de Payens, Godefroi de St. Omer. Em The Hiram Key, Christopher Knight e Robert Lomas reproduzem uma ilustração de Lambert que representa a «Jerusalém celeste» e observam que:

[...] aparentemente indica que o fundador [da Jerusalém celeste] é João Batista. Não há qualquer referência a Jesus em todo este documento chamado cristão.

Como no simbolismo da pintura de Leonardo, a implicação é que João Batista é importante por direito próprio e não apenas pelo seu papel de precursor de Jesus.

Dois anos depois das prisões em massa, enquanto os Cavaleiros estavam ainda a ser julgados, o visionário e o ocultista catalão Ramon Lull (c. 1232-c. 1316), anteriormente um firme apoiante da ordem, escreveu que os julgamentos revelam «perigos para o barco de S. Pedro» e acrescenta: Há talvez entre os cristãos muitos segredos, dos quais um [determinado] segredo pode dar origem a uma revelação incrível, tal como aquele [que está] a emergir dos Templários... uma infâmia tão pública e manifesta que pode, por si própria, pôr em perigo o barco de S. Pedro.

Lull parece estar a referir-se não só aos perigos para a Igreja provocados pelas revelações acerca dos Templários mas também a outros segredos de igual magnitude; também parece aceitar as acusações feitas contra os Templários - embora, naquela fase, talvez fosse imprudente questioná-las.

Podia o Languedoc, outrora pátria da maior concentração de Templários da Europa, fornecer algumas pistas quanto à verdade acerca da ordem? Mesmo passado todo este tempo, esta é uma região com longas memórias e um saudável desrespeito pela convenção.

Como vimos, os cátaros e os Templários floresceram aqui, ao mesmo tempo, mas, dada a interpretação que geralmente se faz dos seus valores relativos, pareceria que estes dois grupos, altamente influentes, deviam estar em lados opostos. Na verdade, o símbolo dos Templários, uma cruz vermelha sobre fundo branco, é tomado,

muitas vezes, como o de um cruzado típico. Contudo, há muitas indicações de que os Templários eram, se não apoiantes ativos, certamente simpatizantes dos «heréticos» das montanhas - e é indiscutível que os Templários foram notáveis pela sua ausência na Cruzada dos Albigenses. E reconhecido que o interesse primordial dos Cavaleiros, na época, se situava muito longe, na Terra Santa, e muitos deles eram oriundos das mesmas famílias dos cátaros, mas talvez nenhuma destas razões explique totalmente a sua falta de interesse em perseguir os cátaros.
Quais eram, então, os verdadeiros interesses e motivos dos Templários ? Eram eles apenas os monges guerreiros que alegavam ser ou os seus planos tinham uma dimensão secreta, oculta?

CAPÍTULO V
GUARDIÃES DO GRAAL

Segundo a linha acadêmica clássica, idéias ocultistas acerca dos Templários são um absurdo; muitos historiadores afirmam que eles eram simplesmente os monges-guerreiros que afirmavam ser, e qualquer sugestão de que estivessem envolvidos em qualquer coisa remotamente esotérica é resultado de uma imaginação excessiva ou de investigação pouco cuidada. Porque este é o consenso, historiadores que se interessam por esta faceta da ordem não ousam revelá-lo abertamente por receio de perderem a sua reputação (e fundos acadêmicos).

Assim, esta investigação ou é evitada ou, se é feita, nunca é publicada. (Há vários historiadores respeitados que, em privado, reconhecem que o lado esotérico dos Templários é importante, mas nunca o reconhecerão publicamente.)
Esta atitude conduziu a um abandono do estudo de certos lugares importantes dos Templários. E verificámos que a região que é a maior vítima deste fenómeno - a um ponto mistificador - é a região do nosso particular interesse, o Languedoc-Roussillon. Fora da Terra Santa, esta era a pátria da ordem - mais de 30% de todas as fortalezas e postos de comando templários, em toda a Europa, encontravam-se nesta pequena área. Contudo, uma quantidade insignificante de trabalho arqueológico tem sido realizado ali, e há alguns lugares importantes que nunca foram investigados.
Felizmente, o abandono oficial é contrabalançado por muitos investigadores particulares com um interesse apaixonado por estes cavaleiros misteriosos, e muitos habitantes locais consideram seu dever preservar e proteger os velhos lugares templários. Também existem várias organizações de investigação «amadora» (no sentido de que não são subsidiadas, mas, de modo algum, no que respeita à qualidade dos seus conhecimentos), como o Centro de Estudos e Investigação Templários, dirigido por George Kiess, em Espéraza (Aude), que envergonharam os académicos. As descobertas feitas por estes entusiastas a partir de um estudo dos lugares e de muitos documentos

templários esquecidos nos arquivos locais são impressionantes - especialmente, dada a falta de fundos e a pura frustração de lidar com arquivistas apáticos e historiadores profissionais.

Um destes grupos de investigação é o Abraxas, dirigido pela expatriada britânica Nicole Dawe e pelo texano Charles Bywaters a partir de estância termal de Rennes-les-Bains, Aude. As suas investigações, em conjunto com as da rede de grupos similares, produziram sólidas e documentadas descobertas que, literalmente, reescreveram os estudos templários. Lutando contra a maré da apatia oficial, por um lado, e contra o entusiasmo excessivo dos caçadores de tesouros locais - que representam uma verdadeira ameaça à estrutura dos lugares - por outro, Nicole e Charles descobriram lugares-chave dos Templários que nunca tinham sido tocados pelas pás dos arqueólogos. Grande parte do seu trabalho ainda é inédito, embora eles planeiem a publicação no futuro próximo.

Assim, para descobrir mais coisas sobre os Templários nesta terra herética do Languedoc-Roussillon, não foi aos académicos que nos dirigimos, mas a Charles e a Nicole.

Sentados no apartamento de Charles, situado na rua principal (e, na verdade, quase única) de Rennes-les-Bains, começamos por o interrogar, e a Nicole, sobre as possíveis ligações entre os Templários e os cátaros. Responderam que existiam claros elos de ligação entre os dois grupos, que ultrapassam os simples laços

familiares e que eram geralmente ignorados pelos historiadores - por exemplo, no auge da Cruzada dos Albigenses, os Templários albergavam fugitivos cátaros, e existem exemplos documentados de que eles também socorriam cavaleiros que lutavam activamente a favor dos cátaros contra os cruzados.
Como disse Nicole:

Só temos de examinar os nomes de família dos cátaros nos documentos da Inquisição, e os nomes dos Templários do mesmo período, para verificar que são os mesmos. Mas, mais particularmente, é inegável que certos lugares templários alojaram, protegeram e enterram cátaros em chão sagrado.

Têm surgido sugestões cínicas de que isto se deve ao fato de estas pessoas, para se tornarem membros leigos do Templo, lhes doarem todos os seus bens. De fato, temos provas de cátaros que recorreram aos Templários depois de terem sido completamente desapossados e foram não só recebidos e protegidos como morreram e foram lá enterrados. Mais tarde, os Templários, por vezes, fizeram o que puderam para assegurar que as famílias cátaras, ou seus descendentes, recuperassem as suas terras.
Charles acrescentou:

Numa área em particular, os Templários permitiram claramente atividade hostil a partir dos seus domínios. Os cavaleiros cátaros continuavam

a participar na luta, depois retiravam-se para propriedade templária.

É muito facilmente documentado.
Pareceu-nos muito significativo que, dado que muitas acusações levantadas contra os Templários foram definitivamente forjadas, a única coisa que não foi usada como prova contra eles foi a sua estreita ligação com proscritos como os cátaros. Que a Inquisição tinha inteiro conhecimento dessa ligação é revelado pela exumação, levada acabo pela Inquisição, de corpos de cátaros enterrados em terra templária, para serem queimados como meio de intimidação dos supostos heréticos, mais de trinta anos depois do fim da cruzada. (E foi a Inquisição que torturou os Templários. portanto, se alguém conhecia a ligação com os cátaros, eram os inquisidores.) Era evidente que mais alguma coisa se passava, talvez alguma coisa do conhecimento da Coroa francesa, mas que era considerado tão perigoso tornar pública que nunca uma palavra acerca dela se tornou conhecida. Em toda a nossa investigação sobre os Templários, de fato, tivemos um sentimento inquietante - mas crescente - de que havia algum segredo monumental escondido sob a superfície da história oficial. Seria possível que os Templários e os cátaros partilhassem algum conhecimento potencialmente explosivo? E poderia ter sido este segredo o verdadeiro motivo de Filipe, o Belo, para montar uma campanha tão bem planeada contra os Templários?

Nem todos os Templários foram aniquilados naquela sexta-feira, dia 13. A muitos foi-lhes permitido viver e voltar a reagrupar-se sob um nome diferente, e dois países, em particular, ofereceram refúgio seguro aos cavaleiros fugitivos - Escócia e Portugal. (Neste último, os cavaleiros tornaram-se conhecidos por Cavaleiros de Cristo.)
A área em redor do Languedoc, segundo Charles e Nicole nos informaram, constituiu uma curiosa exceção ao padrão global da perseguição. O Roussillon, a leste desta área, estava sob os auspícios do reino espanhol de Aragão, embora a parte norte, que incluía Carcassonne, fizesse parte da França. Os Templários do Roussillon foram presos e julgados - mas declarados inocentes - e, quando o papa dissolveu oficialmente a ordem, os cavaleiros ingressaram noutras irmandades semelhantes ou viveram o resto das suas vidas da renda das suas terras.
Como vários comentadores têm sugerido, os Templários sobreviveram à tentativa de os exterminarem totalmente e continuaram a existir até hoje, embora as provas sugiram que sofreram vários cismas e actuaram como organizações diferentes, todas proclamando-se descendentes directas da ordem original.
Se os Templários estavam a esconder alguma coisa - que era considerada tão perigosa pelo rei francês, que o levou a tomar medidas tão drásticas contra eles -, que podia ser? Quem estava a usar quem - o papa ou Filipe? De qualquer ângulo que a história seja encarada, parece faltar um elo de

ligação crucial.
Suponhamos que este componente elusivo estava relacionado com o Priorado de Sião. Como já vimos, existem indicações de uma presença misteriosa que inspirou a própria criação dos Templários, e este grande grupo-fantoche (quem quer que fossem) parecia dirigir as cenas subsequentes. Charles e Nicole não duvidam da existência de um «círculo secreto» no seio da liderança dos Templários, que antecedeu o seu começo oficial; e vão ao ponto de argumentar que todo o movimento Templário foi criado para dar um rosto público a este círculo secreto, no momento em que a Terra Santa se abriu aos viajantes europeus.
Outros investigadores também chegaram à mesma conclusão. Como escreve o autor francês Jean Robin (baseando-se na investigação de George Cagger):

A Ordem do Templo era, na verdade, constituída por sete círculos «exteriores», dedicados aos mistérios menores, e por três círculos «interiores», correspondentes aos iniciados nos grandes mistérios. E o «núcleo» era composto pelos setenta Templários «interrogados» por Clemente V (depois das prisões de 1307).

Igualmente, em The Sign and The Seal, o autor britânico Graham Hancock escreve:

[...] a investigação que conduzi, sobre as crenças e

o comportamento deste estranho grupo de guerreiros-monges, convenceram-me de que eles penetraram numa tradição de sabedoria extremamente antiga [...].
Era possível manter um grupo interno secreto porque os Templários eram essencialmente uma escola de mistério - isto é, eles operavam como uma hierarquia, que se baseava na iniciação e no sigilo. Por conseguinte, é provável não só que um soldado raso Templário soubesse bastante menos que os seus superiores mas também que as suas reais crenças fossem diferentes. É provável que a maioria dos Cavaleiros Templários não fossem mais do que os simples soldados cristãos que pareciam ser, mas o círculo interno era diferente.
O círculo interno dos Templários parece ter existido para promover a pesquisa ativa das matérias esotéricas e religiosas. Talvez uma das razões do seu sigilo fosse o fato de estarem a lidar com os aspectos arcanos dos mundos judaico e islâmico. Eles procuravam, literalmente, os segredos do Universo, onde quer que suspeitassem que eles se podiam encontrar, e, no decurso das suas deambulações geográficas e intelectuais, vieram a tolerar - talvez mesmo a adotar - algumas crenças muito heterodoxas.
Nessa época, tinha de haver uma força impulsionadora muito forte para andar em busca de conhecimento contra todas as desvantagens, e os Templários não estavam interessados nas complexidades da pesquisa pela pesquisa - eles não eram mais do que pessoas extremamente

práticas. Quando seguiam uma determinada linha de investigação, era por uma boa razão, e, por isso, deixaram certas pistas relativas ao que era particularmente importante para eles.
Uma dessas indicações reside nas obsessões de Bernardo de Clairvaux, a primitiva éminence grise dos Templários. Este monge intelectual, mas impetuoso, aparentava ser extremamente devotado à Virgem Maria, como provam os seus múltiplos sermões. No entanto, parece que a Virgem não era o verdadeiro objeto do amor espiritual de Bernardo. Era uma outra Maria, uma cuja verdadeira identidade é sugerida pelo fato de ele ter muita simpatia pelas Madonas Negras. Bernardo também escreveu cerca de noventa sermões sobre o tema do Cântico dos Cânticos e pregou muitos mais, ligando explicitamente a «Noiva» Maria de Betânia que, nessa época, era inquestionavelmente assumida como sendo a própria Maria Madalena.
«Sou negra, mas graciosa», diz a mulher apaixonada, uma frase que também associa o Cântico dos Cânticos ao culto da Madona Negra - ao qual Bernardo (que nasceu em Fontaines, próximo de Dijon, um centro da Madona Negra) era excepcionalmente dedicado. Afirmou ter recebido a sua inspiração na infância, tendo recebido três gotas de leite milagroso do peito da Madona Negra de Châtillon. Tem-se especulado que esta afirmação era uma referência codificada à sua iniciação no culto da Madona Negra. E, quando Bernardo pregou a Segunda Cruzada, decidiu fazê-

lo em Vézelay, um centro de Maria Madalena.
É provável, assim, que a aparente devoção de Bernardo à Virgem fosse apenas uma cortina de fumo para a sua indubitável paixão por Madalena, embora as duas não se excluam mutuamente. Contudo, ao criar a regra templária, Bernardo chamou os Cavaleiros à «obediência de Betânia, o castelo de Maria e Marta», e é conhecido por ter transmitido à ordem esta particular devoção. Mesmo quando confrontados com a extinção total, os cavaleiros aprisionados com o grão-mestre Jacques de Molay, nas masmorras da fortaleza de Chinon, compuseram uma oração dedicada a Notre Dame (Nossa Senhora) em que recordam S. Bernardo como o fundador da religião da Santa Virgem Maria. Mas, dadas todas as outras provas, isto podia ter sido outra referência codificada ao culto de Madalena.
É significativo que o juramento templário fosse prestado a «Deus e a Nossa Senhora» - ou, muitas vezes, a «Deus e a Santa Maria». Há uma indicação de que a «Nossa Senhora» referida no juramento não é a Virgem, o que também é reforçado pelas palavras da absolvição templária: «Peço a Deus que te perdoe os teus pecados como perdoou a Santa Maria Madalena e ao ladrão, que foi crucificado.» - No mínimo, isto revela a importância de Madalena para os Templários. (É digno de nota que, no caso dos Templários do Roussillon, as condições em que estavam acorrentados eram deliberadamente agravadas - por ordem do papa -, especificamente, no dia da

festa de Santa Maria Madalena. Não esquecer que o massacre de Béziers ocorreu no dia desta festa, para evidenciar a natureza da «heresia».)
De fato, os Templários estavam interessados em todo o conceito do Feminino - um conceito que pode parecer estar em séria contradição com a sua imagem de guerreiros. Mas, como Charles e Nicole descobriram, a Ordem do Templo incluía mulheres. Nos primeiros anos da sua existência, muitas mulheres prestaram o juramento da ordem, embora permanecessem membros leigos do Templo. No entanto, não há nenhuma indicação de que existisse um enclave secreto de rainhas-guerreiras no seio da Ordem do Templo, como escrevem Michael Baigent e Richard Leigh em «The Temple and The Lodge» (1980):

[…] em Inglaterra, um relato do fim do século XII fala de uma mulher ter ingressado no templo como irmã, e parece implicar claramente uma espécie de ala feminina ou complementar da ordem. Mas nunca se encontrou nenhuma elaboração ou clarificação do fato. Mesmo esta informação, como devia ter estado contida nos registos oficiais da Inquisição, há muito que desapareceu ou foi suprimida.

Nicole e Charles, baseados no seu estudo minucioso de documentos templários, são mais categóricos:

Se consultarmos documentos do século XII,

encontramos numerosos exemplos de mulheres terem ingressado na ordem, certamente no primeiro século da sua existência. Qualquer novo membro tinha de fazer o juramento de dar «a minha casa, as minhas terras, o meu corpo e a minha alma à Ordem do Templo». Estes documentos encontram-se principalmente nesta área [o Languedoc] e são exemplos bastantes para mostrar que deve ter havido um grande número de mulheres envolvidas, ao mesmo tempo.

Charles e Nicole também referem que houve uma alteração posterior nas regras, em que os Templários ficavam especificamente proibidos de aceitar mulheres - com a implicação de que, até esse momento, eles as tinham aceitado.
Quando manifestamos alguma surpresa por este fato não ser mais conhecido, e, além de algumas vagas indicações, o envolvimento das mulheres não ser realçado nas obras clássicas sobre os Templários.
Charles explicou:

Por vezes, parece que grande parte desta informação foi intencionalmente ignorada. O que temos nos livros é muita informação redundante, a mesma coisa, repetidamente relembrada. Só pode ser uma de duas coisas: ou estas pessoas são cegas ou, por qualquer razão específica não realçam esta informação. No caso de um investigador, o que se supõe que estas pessoas sejam, isso é bem visível. Mas é ignorada.

É notável que a rusga de 13 de Outubro de 1307 fosse tão surpreendentemente isenta de derramamento de sangue. Em toda a França, os senescais do rei abriram as suas ordens seladas, as quais lhes ordenavam que organizassem tropas suficientes para prender os guerreiros mais bem preparados da Cristandade - qualquer coisa como a típica esquadra de Polícia suburbana do Reino Unido receber ordens para reunir forças para prender membros do SAS estacionados na sua área. E a maioria dos Templários de França parece ter ido como cordeiros para o matadouro. E estranho que os Cavaleiros não tivessem pedido reforços doutros países.
É significativo que alguns Cavaleiros, incluindo o tesoureiro da ordem, conseguissem escapar-se, de um modo que sugeria que tinham morrido. Além disso, a famosa armada dos Templários, que estivera fundeada junto à costa francesa, simplesmente desaparecera nessa altura. Em todos os registos da espoliação templária, ordenada pelo rei de França, não figura um único navio. Para onde foi a armada? Era impossível ter desaparecido sem deixar vestígios.
Mas o círculo interno dos Templários pareceu recorrer a todos os meios para preservar o seu conhecimento secreto. Como demonstrou Hugh Schonfield, o respeitado estudioso do Novo Testamento, os Templários usavam o código conhecido por «Cifra Atbash». Isto é verdadeiramente notável, porque ele fora usado

pelos autores de alguns dos Manuscritos de Mar Morto, pelo menos mil anos antes da fundação da Ordem do Templo. Além de qualquer outro significado que possa ter, isto revela, por si, que os Templários eram peritos em manter os seus segredos pelos mais engenhosos processos - e também que o seu conhecimento proveio de variadas fontes esotéricas. Schonfield revela que, quando o código se aplica ao nome do ídolo da misteriosa cabeça decepada, alegadamente venerada pelos Templários - Baphomet -, o nome transforma-se na palavra grega Sophia. Graham Hancock escreve em The Sign and The Seal que Sophia significa nada menos nada mais que «Sabedoria». Mas, de fato, ela significa bastante mais do que isso, e o seu significado completo acrescenta uma interpretação diferente a toda a raison d'être dos Templários.

Simplesmente referida como «Sabedoria», em hebraico Chokmah - uma figura feminina, que surge no Antigo Testamento, especificamente no Livro dos Provérbios -, Sofia provocou muitos embaraços a comentadores judaicos e cristãos, porque ela é apresentada como a companheira de Deus. É ela quem tem influência sobre ele e, de fato, o aconselha.

Sofia também era central para a cosmologia gnóstica - na verdade, no texto de Nag Hannmadi chamado Pistis Sophia, ela era intimamente associada a Maria Madalena. E, como Chokmah, ela é chave para a compreensão gnóstica da cabala (o importante e muito influente sistema

ocultista que constituiu a base da magia medieval e renascentista). Para os gnósticos, ela era a deusa grega Atena e a deusa egípcia Ísis - que, por vezes, era chamada Sofia.

Só por si, evidentemente, o uso da palavra Sofia, por parte dos Templários - como estando codificada em «Baphomet» - não prova qualquer veneração especial dos Cavaleiros pelo feminino. Podem ter admirado apenas a busca da sabedoria. Contudo, há muitas outras indicações de que isso fazia parte de uma profunda obsessão com o princípio feminino, a qual ultrapassava muito a mera semântica - no que diz respeito aos Templários e também a outros grupos esotéricos.

Como afirmou Niven Sinclair, um investigador escocês cujo conhecimento dos Templários é particularmente vasto: «Os Templários eram firmes crentes do aspecto feminino.» Para Sinclair, não há dúvida disso, nem há nada de estranho nisso.

Os Templários, por norma, construíam as suas igrejas redondas porque acreditavam que era a forma do Templo de Salomão. Por sua vez, isso pode ter simbolizado a ideia de um universo redondo, mas é mais provável que tivesse representado o Feminino. Círculos e ciclos foram sempre associados a deusas e a todas as coisas femininas. tanto esotéricas como biológicas. É um símbolo arquetípico, recorrente em toda a civilização: as elevações tumulares pré-históricas eram redondas porque representavam o ventre da Terra, que acolhia os mortos para renascerem

como espíritos. E toda a gente está familiarizada com a rotundidade da gravidez e com o símbolo da fase-«mãe» da deusa, a Lua cheia.
Fosse qual fosse o significado da rotundidade para os Templários, é indubitável que ela nunca foi masculina. E, após a época dos Templários, a construção de igrejas redondas foi oficialmente declarada herética pela Igreja. Contudo, como já observámos, a Igreja francesa de Londres é redonda, uma característica que é repetida e reforçada pelos outros motivos decorativos, exteriores e interiores.
Os Templários, segundo parece, tinham adquirido um conhecimento exótico e herético, mas fora casual ou intencional? As provas apontam para o último: eles foram procurar certos segredos que, uma vez seus, os colocavam em situação de os divulgar ou de reter. Enquanto muitos dos seus segredos continuam sob a sua custódia, eles deixaram indicações de alguns deles sob a forma de código - mesmo esculpidos em pedra.
Os Cavaleiros Templários foram os grandes inspiradores da construção das grandes catedrais góticas, especialmente a de Chartres. Como preponderantes - muitas vezes, únicos - «agentes de desenvolvimento» dos grandes centros europeus de cultura, eles foram os inspiradores das corporações de construtores, incluindo a dos pedreiros - que se tornaram membros leigos da Ordem do Templo, com todas as suas vantagens, como a isenção do pagamento de impostos.
Em toda a longa história das grandes catedrais, o

estranho simbolismo da sua decoração e planta tem causado perplexidade a peritos de muitas disciplinas.
Só recentemente se compreendeu o que, sem dúvida, ele representava: a codificação do conhecimento esotérico dos Templários. Graham Hancock, ao discutir a arquitetura sagrada dos antigos egípcios, observa que «ela apenas foi igualada, na Europa, pelas grandes catedrais góticas da Idade Média, como a de Chartres» e põe a questão: «Foi um acidente?». Hancock continua:

Há muito que suspeitava de que tinha havido uma ligação e que os Cavaleiros Templários, através das suas descobertas, durante as Cruzadas, podiam ter constituído o elo que faltava na cadeia de transmissão do conhecimento arquitetônico secreto... S. Bernardo, o patrono dos Templários, definira Deus - espantosamente para um cristão - como «comprimento, largura, altura e profundidade». Nem pude esquecer que os próprios Templários tinham sido grandes construtores e grandes arquitectos nem que a ordem monástica de Cister, a que S. Bernardo pertencera, também se tinha distinguido neste campo particular do esforço humano.

O plano das catedrais era projetado especificamente para tomar em consideração - para exemplificar - os princípios da geometria sagrada. Isto é, a ideia de que a proporção geométrica tem, em si mesma, uma ressonância

com a harmonia divina e que algumas proporções particulares são mais divinas que outras. Isto sublinhava a afirmação sumária de Pitágoras de que «o número é tudo» e reforçava o conceito hermético de que a Matemática é o código em que os deuses falam ao Homem. Particulares adeptos desta arquitetura esotérica foram os artistas e os construtores renascentistas, para os quais o «meio termo ideal» - para eles, a proporção perfeita - era quase uma panaceia universal. Contudo, isto não era, de modo algum, a soma total do seu pensamento, e o conceito de geometria sagrada impregnou toda a sua vida intelectual. Os desenhos de Leonardo, sejam de homens ou de máquinas, o interior de uma flor ou a forma de uma onda, transmitem a convicção do artista de que havia significado no padrão e harmonia na proporção, e um dos seus famosos desenhos, Vitruvian Man, personifica literalmente o Termo Médio Ideal.
O lendário Templo de Salomão era, para os Templários e, mais tarde, para os maçónicos, a fina-flor e modelo de toda a geometria sagrada. Não era apenas um supremo deleite para os olhos de todos os que o contemplavam ou nele prestavam culto, mas ultrapassava os meros cinco sentidos. Considerava-se que fazia ressonância, de forma única e transcendental, da própria harmonia celestial; o seu comprimento, largura, altura e profundidade estavam em total harmonia com as proporções preferidas pelo Universo. O Templo de Salomão era, se quisermos, a própria alma de

Deus escrita em pedra.

Muitos visitantes modernos ficam perplexos com as decorações das antigas catedrais, que são claramente de natureza astrológica. Hoje, poder-se-ia pensar que o inconfundível signo de Carneiro, gravado na porta principal de tão venerável edifício, devia ser uma aberração ou o fraco pessoal de um pedreiro individual? Mas, continuamente, em muitas catedrais diferentes, estes símbolos surgem - e nunca são casuais.

Todo o alto simbolismo que se encontra nas catedrais era interpretado pelos iniciados da época como o reflexo de um velho adágio hermético: como em cima, assim em baixo. Pensava-se que a frase tinha origem na Tábua da Esmeralda de Hermes Trismegisto, o lendário mágico ou mago egípcio, embora as palavras possam ser muito mais antigas. Elas significam que tudo na Terra tem uma contrapartida no céu e vice-versa, algo que Platão popularizou com o seu conceito do Ideal. Segundo este conceito, tudo o que existe, desde uma colher a um homem, era apenas uma versão do seu ideal, o qual existia numa espécie de dimensão alternativa cheia de padrões perfeitos. Os mágicos - ou magos - foram mais longe, e acreditam que todo o pensamento ou ato era refletido num outro plano e que ambas as dimensões, de algum modo, se afetavam mútua e irresistivelmente. Existem ressonâncias deste conceito na moderna idéia científica de universos paralelos. Assim, as histórias dos antigos deuses, com os seus ciúmes mesquinhos e obsessões, por

vezes, sórdidas eram consideradas como sendo representativas do arquétipo da raça humana. Para os antigos, não havia discrepância entre humilhar-se perante o grande deus olímpico Zeus e acreditar que, ocasionalmente, ele revestia a forma de um animal para seduzir donzelas terrenas. Esperava-se que um deus se comportasse como um homem - mas o inverso deste conceito era a ideia herética para os judeus e para os cristãos, de que um homem se podia tornar deus.
Nada disto constituía novidade para os Templários. A planta das catedrais revela uma compreensão dos princípios herméticos por parte dos construtores e dos cavaleiros que patrocinavam a sua edificação. Eles, mais do que todos os medievais, acarinhavam especialmente a aplicação prática, sempre que possível, de qualquer conhecimento esotérico. Para eles, a codificação de mensagens secretas na própria pedra das catedrais ultrapassava a mera fantasia. Como afirmam Baigent e Leigh em The Temple and The Lodge:

[...] Deus ensinara, de fato, a aplicação prática da geometria sagrada através da arquitetura. E mais uma vez nos encontramos orientados na direção do Templo de Salomão.

Filho do lendário herói judaico rei David, Salomão construiu um templo de inigualável beleza, usando os mais belos e os mais dispendiosos materiais.

Mármore e pedras preciosas, madeiras aromáticas e os mais finos panos foram empregues para criar um lugar que fizesse os sentidos dos crentes transbordar de deleite e também onde o próprio deus se sentisse na sua própria casa. Na parte mais central do templo, encontrava-se o santo dos santos, onde o sumo-sacerdote podia receber o Todo-Poderoso através do mais misterioso dos instrumentos, a Arca da Aliança. Este instrumento, muito temperamental, era conhecido, por um lado, por conferir grandes bênçãos aos «justos» e, por outro, por destruir os malfeitores ou aqueles que não sabiam combater os efeitos da sua presença sinistra. Para os Templários, talvez ela parecesse a arma fundamental, e partiram, portanto, para a encontrar, como tem sido sugerido.
Existem, talvez, indicações, na decoração das catedrais, do que os Templários acreditavam ser o significado da «Arca». Por exemplo, a catedral de Chartres, produto do génio da sua eminence grise, Bernardo de Clairvaux, contém uma escultura em pedra que parece representar a Virgem Maria, com o «rótulo» gravado: arcis foederis - Arca da Aliança. Em si mesmo, isto não é importante, porque era um símbolo clássico cristão da era medieval. Mas, como Chartres era um centro de culto da Madona Negra, está a Arca a ser comparada àquela outra Maria, Madalena, ou mesmo a uma deusa pagã, muito mais antiga? Talvez seja o próprio princípio feminino que está a ser evocado, sob a «cobertura» do símbolo mariano. Não pode ser uma referência à própria

Virgem, porque os arquitetos das catedrais medievais tinham uma razão especial para evocar o arquétipo de uma mulher sexualmente ativa. (Também é significativo que as primeiras representações da lenda de Maria Madalena em França se encontrem nos vitrais da Catedral de Chartres.)
E, de fato, a muito difamada e mal interpretada disciplina da alquimia a inspiradora das decorações, aparentemente bizarras, dos edifícios góticos (porque, na verdade, era a alquimia que parecia ser o denominador comum da maioria dos grão-mestres do Priorado de Sião).
Pensa-se que a alquimia veio dos egípcios, via árabes (a própria palavra deriva do árabe). Era mais do que ciência: a prática abrangia uma delicada teia de actividades interligadas e modos de pensamento, desde a magia à química, desde a filosofia e o hermetismo até à geometria sagrada e à cosmologia. Também se interessava pelo que, atualmente, se chama engenharia genética e por métodos de retardar o envelhecimento e por tentar alcançar a imortalidade física. Os alquimistas eram ávidos de conhecimento e não tinham tempo para o antagonismo da Igreja em relação à experimentação; por isso, ocultaram-se e continuaram as suas investigações em segredo. Para os alquimistas, não existia heresia - ao passo que para a Igreja não existia um alquimista não herético; por isso, toda a prática se tornou conhecida por Arte Negra.
A alquimia tinha muitos níveis: o exterior, ou

exotérico, estava relacionado com o trabalho e as experiências com metais, mas havia outros níveis, sucessivamente mais secretos, que incluíam a realização da misteriosa «Grande Obra». Esta era interpretada como o momento culminante da vida de um alquimista, quando ele transforma, finalmente, o vil metal em ouro. Contudo, nos círculos esotéricos, ele também é considerado o momento em que o alquimista se torna espiritualmente iluminado e fisicamente revitalizado - através de um «trabalho» mágico que gira à volta da sexualidade. (Esta questão será discutida pormenorizadamente, mais tarde). Parece que o Grande Trabalho representava um acto de suprema iniciação.

Talvez se pensasse que este rito conferia longevidade. Dizia-se que Nicolas Flamel, alegadamente grão-mestre do Priorado de Sião, realizara a Grande Obra acompanhado por sua mulher, Perenelle, a 17 de Janeiro de 1382, e depois vivera durante um tempo excepcionalmente longo.

Na alquimia, o símbolo da Grande Obra completada e o hermafrodita - literalmente, o deus Hermes e a deusa Afrodite fundidos numa só pessoa. Leonardo ficou fascinado com os hermafroditas, a ponto de encher folha após folha do seu bloco de papel de esboços com desenhos deles - alguns pornográficos. E o estudo recente do mais famoso retrato do mundo - a Mona Lisa do sorriso enigmático - mostrou, de forma convincente, que «ela» não era outra senão o

próprio Leonardo. Os investigadores Dr. Digby Quested do Maudsley Hospital de Londres e Liliam Schwartz dos Bell Laboratories dos EUA. usaram as mais sofisticadas técnicas de computador, independentemente um do outro, para ajustar o rosto do retrato com o rosto do artista, e o resultado foi um ajustamento perfeito. Talvez fosse apenas uma das suas inteligentes partidas feitas à posteridade, mas também existe a possibilidade de que Leonardo, sendo um alquimista, estivesse a encerrar numa cápsula a sua idéia de ter realizado a Grande Obra.

Algumas pessoas pensam que esta realização podia provocar uma transformação física tão profunda que o alquimista de sucesso podia mesmo mudar de sexo - talvez fosse este o conceito que inspirou a Mona Lisa. Mas o símbolo do hermafrodita também representa o momento do orgasmo, quando os participantes masculino e feminino do rito experimentam a sensação de se fundirem um no outro, ultrapassando os seus próprios limites e atingindo um conhecimento místico de si mesmos e do Universo. As catedrais góticas ostentam muitas figuras curiosas, desde demónios até ao Homem-Verde. Mas algumas são extraordinariamente estranhas: uma gravura da Catedral de Nantes representa um homem a olhar para um espelho, mas a parte posterior da cabeça é, de fato, a de um homem velho. E, em Chartres, a chamada gravura da «rainha de Sabá» exibe, efetivamente, uma barba. Os símbolos alquímicos encontram-se em muitas catedrais que estão

associadas aos Cavaleiros Templários.
Estes elos de ligação são implícitos, mas Charles Bywaters e Nicole Dawe descobriram lugares templários do Languedoc-Roussillon com símbolos alquímicos explícitos:

A nossa investigação mostrou, entre outras coisas, que eles estavam muito familiarizados com as propriedades do solo. Numa determinada área, criaram um hospital para os Templários que regressavam da Terra Santa, porque o solo tinha propriedades terapêuticas. Existem sinais alquímicos nesse lugar...

É muito claro que eles estavam familiarizados com a alquimia. É significativo quando encontramos uma localização especialmente escolhida devido à natureza do solo, onde existem claros sinais alquímicos na estrutura e onde existem ligações com os cátaros e os muçulmanos. É uma evidência sólida e documentada; é muito fácil de provar.
Durante as nossas viagens em França, verificámos repetidamente que cidades que foram antigamente propriedade templária - como Utelle na Provença e Alet-les-Bains, no Languedoc - se tornaram, subsequentemente, centros de alquimia. Também é importante que os alquimistas, como os Templários, tivessem uma veneração especial por João Batista.
Como vimos, as grandes catedrais e muitas igrejas famosas foram construídas em lugares conhecidos por terem sido consagrados a antigas deusas. Por

exemplo, Notre Dame de Paris ergueu-se dos alicerces de um templo de Diana, e St. Sulpice, em Paris, foi construída sobre as ruínas de um templo de Ísis. Em si, isto não é invulgar porque, em toda a Europa cristã, as igrejas foram construídas em antigos lugares pagãos, como uma atitude deliberada por parte da Igreja para mostrar que triunfara sobre os pagãos. Mas, muitas vezes, o que realmente aconteceu foi que os habitantes locais apenas adaptaram a sua forma de paganismo para incluir o cristianismo e consideraram o lugar da nova igreja como complementar da Antiga Religião, mais do que antagônico. No entanto, dada a prova dos interesses mais profundos dos Templários, não poderia ser, no caso das catedrais, que elas se destinassem a continuar o culto do feminino, mais do que a suprimi-lo? Talvez as catedrais fossem hinos à deusa, esculpidos em pedra, e a «Notre Dame», a quem tantos deles eram devotados, fosse realmente o próprio princípio feminino - Sophia...
Atualmente, a maioria das pessoas considera a arquitectura gótica como sendo muito «masculina», com as suas elevadas espirais e as naves em forma de cruz, mas a maior parte da decoração interior é subtilmente feminina, especialmente as esplêndidas rosáceas. Barbara G. Walker mostra a importância de:

[...] a Rosa, que os antigos romanos conheciam pela Flor de Vênus, lera] o distintivo das prostitutas

sagradas. Palavras proferidas «ao abrigo da rosa» (sub rosa) faziam parte dos mistérios sexuais de Vênus, não podiam ser reveladas aos não-iniciados [...] Na grandiosa era da construção das catedrais, quando Maria era venerada como deusa, nos seus «Palácios de rainha do Céu», ou Notre Dame, ela era evocada como a Rosa, a Roseira, a Grinalda de Rosas... a Rosa Mística. Como um templo pagão, a catedral gótica representava o corpo da deusa, a qual era também o Universo, contendo no seu interior a essência do masculino [...]

A rosa, como veremos, foi também o símbolo adotado pelos trovadores, os cantores das canções de amor do Sul de França, que estavam intimamente ligados aos mistérios eróticos, outros símbolos, encontrados nas catedrais góticas, transmitem fortes mensagens subliminares relativas ao poder do Feminino. Teias de aranha esculpidas na pedra - uma imagem repetida na cúpula da clarabóia da igreja de Notre-Dame de França, em Londres - representam Aracne, a deusa-aranha que rege o destino do homem, ou Ísis, no seu papel de fiandeira do destino. Igualmente o grande dédalo ou labirinto, desenhado no pavimento da Catedral de Chartres, remete para os mistérios femininos através dos quais o iniciado pode encontrar o seu caminho, seguindo o fio que a deusa fiou para ele. Este lugar não se destina ao louvor da Virgem Maria, particularmente porque ele também contém uma Madona Negra - Notre Dame de Souterrain (Nossa

Senhora do Mundo Inferior). Também em Chartres existe um vitral que representa Maria Madalena a chegar a França, de barco, combinando, assim, uma referência desta lenda com a de Ísis, para quem este era também um meio de transporte favorito. [Talvez o título de Nautonnier (timoneiro) dos grão-mestres do Priorado remeta para o seu suposto papel no Barco de Ísis.] Esta janela é a mais antiga representação da lenda de Madalena em França, e, numa catedral, a tantas milhas de distância da Provença, certamente os arquitetos a consideraram de grande importância.

Ao mesmo tempo que se construíam as catedrais, a heresia encontrou uma outra expressão, assegurando, deste modo, que a sua mensagem ficaria na história - embora, como A Última Ceia de Leonardo, os códigos através dos quais ela encontrou expressão sejam, por vezes, mal interpretados. Esta outra tradição herética era a lenda do Graal.

Actualmente, o termo Santo Graal é usado para designar um alvo elusivo, o galardão brilhante que coroará o trabalho de toda uma vida. A maioria das pessoas compreende que ele se refere a uma coisa mais antiga, de natureza religiosa - geralmente, a taça por onde Jesus bebeu na Última Ceia. Segundo uma lenda, José de Arimateia, o amigo rico de Jesus, recolheu nele o sangue derramado na Crucificação, que se verificou, nessa altura, ter propriedades curativas. A demanda do Santo Graal é interpretada como uma expedição cheia de perigos físicos e espirituais, porque aquele que o

procura luta com toda a espécie de inimigos, incluindo os do domínio sobrenatural. Em todas as versões da história, a taça é um objecto literal e um símbolo da perfeição. Considera-se que ele representa algo que, ao mesmo tempo, pertence a duas dimensões - a real e a mítica - e, como tal, nunca nada prendeu tanto a imaginação.

O Graal pode ser considerado um objecto misterioso, um verdadeiro tesouro que existe algures, nalguma caverna, mas contém sempre a ideia implícita de que simboliza algo de inefável, que ultrapassa a vida de todos os dias. Esta aura de demanda espiritual surgiu não só das lendas originais do Graal mas também da cultura em que elas floresceram.

Dos milhões de palavras que têm sido escritas sobre este tema, ao longo dos séculos, na nossa opinião, algumas das mais judiciosas encontram-se em The Holy Grail de Malcolm Godwin, publicado em 1994. É uma síntese notável de todas as lendas e interpretações díspares e que, através da verbosidade, têm a percepção exacta do âmago da questão. Além dos habituais elementos cristãos e célticos dos romances do Graal do fim do século XII - princípio do século XIII, Godwin também identifica um terceiro elemento, igualmente importante - o alquímico. Este autor revela que as primeiras versões da história do Graal se inspiraram em mitos célticos que envolviam os feitos do grande herói rei Artur e da sua corte, e muitos elementos destes contos centravam-se em conceitos de culto de deusas célticas. As histórias do Graal

redefiniram as velhas lendas célticas e ampliaram-nas para incluir ideias heréticas, que eram correntes no século XIII.
O primeiro dos romances do Graal foi O Romance do Graal (c. 1190), a obra incompleta de Chrétien de Troyes. É significativo que a cidade de Troyes, cujo nome Chrétien adotou como apelido, fosse um centro cabalístico e o lugar do primeiro preceptorado templário - e era ali que o conde de Champagne reunia a sua corte. (Na verdade, a maioria dos nove Templários originais eram seus vassalos.) E a mais famosa igreja de Troyes é dedicada Maria Madalena. Na versão de Chrétien, não há qualquer referência ao Graal como sendo uma taça nem qualquer ligação com a última Ceia ou com Jesus, explicitamente descrita. De fato, não existe nenhuma conotação religiosa óbvia, e tem-se afirmado que, se alguma existe, é distintamente pagã. Aqui, o objeto, denominado Graal, era uma escudela ou um prato - o que, como veremos, é muito significativo. De facto, Chrétien inspirara-se num conto celta muito mais antigo que tem como herói Peredur, cuja aventura envolveu o encontro com uma macabra procissão, aparentemente muito ritualista, num castelo remoto. Transportadas nesta procissão, entre outras coisas, contavam-se uma lança que gotejava sangue e uma cabeça decepada colocada numa escudela. Um traço comum às histórias do Graal é o momento crítico, em que o herói se esquece de fazer uma pergunta importante, e é esse o pecado de omissão que o arrasta para um perigo grave.

Como escreve Malcolm Goddwin: «Aqui a pergunta, que não foi feita dizia respeito à natureza da cabeça. Se Peredur tivesse perguntado de quem era a cabeça, teria sabido como levantar o encantamento da Terra Árida» (A terra fora amaldiçoada e tornada árida.)
Mesmo incompleta, a história de Chrétien foi um enorme sucesso e deu origem a um grande número de histórias do mesmo gênero - a maioria das quais era explicitamente cristã. Mas, como afirma Malcolm Godwin, referindo-se aos monges que as escreveram:
Eles conseguiram envolver uma obra da mais profunda heresia num mistério tão piedoso que tanto a lenda como os autores sobreviveram ao ardente fanatismo dos padres da Igreja.
As mentes ortodoxas da Roma papal, apesar de nunca reconhecerem, de fato, a existência do Graal, foram também surpreendentemente tímidas para a condenar...
E o mais estranho é que a lenda não foi corrompida pela queda dos cátaros heréticos... nem mesmo dos Cavaleiros Templários, que, implicitamente, figuram em vários textos. Uma dessas versões cristianizadas foi Perlesvaus, que foi escrita, dizem, por um monge da abadia de Glastonbury, c. 1205, enquanto outros acreditam que foi obra de um Templário anônimo. Esta história é relativa a duas demandas, que estão interligadas. O Cavaleiro Gawain procura a espada que decapitou João Baptista e que, magicamente, sangra todos os dias ao meio-dia. Num dos

episódios, o herói encontra uma carroça com 150 cabeças de cavaleiros decapitados: algumas estão seladas em ouro, algumas em prata e outras em chumbo. Há também uma estranha donzela que leva numa mão a cabeça de um rei selada em prata e, na outra, a de uma rainha selada em chumbo.

Em Perlesvaus, os servidores de élite do Graal usam vestes brancas, adornadas com uma cruz vermelha - exactamente como os Templários. Há também uma cruz vermelha que se ergue numa floresta e que é vítima de um sacerdote que lhe bate «em toda a parte» com uma vara, um episódio que tem uma clara conotação com a acusação de que os Templários cuspiam e pisavam a cruz. De novo, há uma curiosa cena que envolve cabeças decepadas. Um dos guardiões do Graal diz ao herói Perceval: «Há cabeças seladas em Prata e cabeças seladas em chumbo, e os corpos a que essas cabeças pertencem: digo-te que tens de separar dentre elas a cabeça do rei e a da rainha.» O simbolismo alquímico é abundante: metais vis e preciosos, reis e rainhas. Estas imagens também se encontram em profusão noutras adaptações importantes da lenda do Graal, como veremos.

Apesar da tácita antipatia da Igreja pelo Graal, a versão mais cristianizada foi, de fato, escrita por um grupo de monges de Cister. Chamada Queste del San Graal, é mais notável pelo fato de o Cântico dos Cânticos ser a fonte do seu poderoso simbolismo místico.

De todas as histórias do Graal francamente bizarras, a mais misteriosa - e a mais provocadora - é Parcifal (c.1230) do poeta bávaro Wolfran von Eschenbach. Nela, o autor afirma que está deliberadamente a corrigir a versão de Chrétien de Troyes, que não continha toda a informação disponível. Alega que a sua versão é mais exata porque obtivera a verdadeira história através de um certo Kyot de Provença - que tinha sido identificado como Guiot de Provins, um monge que era uma expressão da Ordem dos Templários e um trovador. Como Wolfran diz em Parcifal: «A verdadeira história, com a conclusão do romance, fora enviado da Provença para terras alemãs.» Mas o que era esta importante conclusão? Em Parcifal, o Castelo do Graal era um lugar misterioso, guardado pelos Templários (que, de modo significativo, Wolfran chama «homens batizados»), que são enviados para espalharem a sua fé em segredo. Segredo e a aversão do Grupo do Graal a ser interrogado são realçados.

No fim da história, Repanse de Schoye (a portadora do Graal) e o meio-irmão de Parcifal, Fierefiz, partem para a Índia e têm um filho chamado João - o famoso Prestes João -, que é o primeiro de uma linhagem que toma sempre o nome João... Poderia isto ser uma referência codificada ao Priorado de Sião, cujos grão-mestres, supostamente, adotam sempre este nome?

E o conceito de linhagem que é central para as teorias de Baigent, Leigh e Lincoln relativamente ao Graal. Como indica o título do seu primeiro livro,

para eles, o «Santo Graal» era, de facto, o «Sangue Divino», baseado na ideia que o original francês sangraal. geralmente entendido como san graal (Santo Graal), devia ser correctamente interpretado como sang real - o sangue real, que eles interpretaram como uma descendência. Baigent, Leigh e Lincoln relacionaram a importância que as lendas do Graal dão à linhagem com o que eles acreditam ser o grande segredo sobre Jesus e Madalena terem sido marido e mulher e surgiram com a sua própria teoria: o Graal das lendas era uma referência simbólica aos descendentes de Jesus e de Maria Madalena. Segundo esta teoria, os guardiães do Graal eram aqueles que conheciam esta linhagem sagrada e secreta - como os Templários e o Priorado de Sião.
Mas esta idéia apresenta uma dificuldade: nas histórias do Graal, a ênfase é na linhagem dos guardiães do Graal ou dos que encontram o Graal: o Graal, em si mesmo, é distinto deles. Apesar de ser possível que as lendas se refiram a um segredo guardado por certas famílias e passado de geração em geração, parece improvável que elas aludam realmente a uma descendência. Afinal, a idéia surge da fixação numa simples palavra francesa - sangraal - e já vimos as dificuldades que surgem de uma hipótese que assenta na ideia da manutenção de uma descendência «pura» ao longo dos tempos.
A ligação entre as histórias do Graal e a herança dos Templários parece bastante real. Wolfran von Eschenback. segundo se pensa, viajou muito e não

desconhecia os centros Templários do Médio Oriente, e o seu conto é, de longe, o mais explicitamente templário dos romances do Graal. Como escreve Malcolm Godwin: «Ao longo de Parcifal, Wolfran intercala o relato com alusões a astrologia, alquimia, à cabala e às novas ideias espirituais do Oriente.» Também inclui simbolismo óbvio, colhido no Tarot.

É na sua versão que os guardiões do Graal, no castelo de Montsalvasch, são explicitamente chamados Templários. O castelo original fora identificado com Montségur, a última fortaleza importante dos cátaros - e, notavelmente, noutro dos seus poemas, Wolfran chama Perilla ao senhor do castelo do Graal. O verdadeiro senhor de Montségur, na época do poeta, era Ramon de Perella. Mais uma vez, vemos os Templários e os cátaros associados uns aos outros e a um tesouro mal definido mas muito valioso.

Na versão de Wolfran não há nenhuma taça dotada de poderes sobrenaturais; aqui, o Graal é uma pedra - lapsi exillis - que talvez signifique a Pedra da Morte, embora isto seja mera especulação. Ninguém, de fato, sabe. Segundo outras explicações, a pedra é uma jóia que caiu da coroa de Lúcifer quando ele desceu do céu à Terra, e a famosa Pedra Filosofal (lapis elixir) dos alquimistas. Neste contexto, a última interpretação é a mais verosímil: o texto, no seu todo, é rico em símbolos alquímicos.

Alguns escritores consideraram que a figura de Cundrie, a «mensageira do Graal» no Parsifal,

representava Maria Madalena. (Certamente que Wagner a considerou como tal - na sua ópera Parsifal (1882), a sua Kundry traz um frasco de bálsamo e lava os pés do herói, os quais ela, como Madalena, enxuga com o seu cabelo.) Talvez haja alguma ressonância da taça do Graal no jarro de alabastro de Madalena na iconografia cristã tradicional.

Em todas as histórias, no entanto, a demanda do Graal é uma alegoria da jornada espiritual do herói em direção - e para além - da transformação pessoal. E, como vimos, uma das motivações Principais de todos os verdadeiros alquimistas era precisamente essa.

Mas foi apenas o seu subtexto alquímico que tornou «heréticas» todas as lendas do Graal?

Sem dúvida que a Igreja ficou mortalmente ofendida pela maneira como as histórias do Graal ignoraram ou renegaram a sua autoridade e a da sucessão apostólica. O herói agia sozinho - embora, ocasionalmente, com auxiliares - na busca da iluminação e da transformação espirituais. Assim, na essência, as lendas do Graal são textos gnósticos acentuando a responsabilidade do indivíduo pelo estado da sua alma.

Há, no entanto, muito mais para ofender as sensibilidades da Igreja e que está implícito em todas as histórias do Graal. Porque a experiência do Graal é inevitavelmente apresentada como estando reservada apenas aos grandes iniciados - a nata da élite -, algo que ultrapassa mesmo a transcendência da missa. Além disso, em todas as

histórias do Graal, o próprio objeto - seja ele qual for - é guardado por mulheres. Mesmo na história céltica de Peredur, os jovens podem empunhar a lança mas são as donzelas que transportam o que se pode chamar o protótipo do Graal - a escudela com a cabeça. Mas que faziam as mulheres ao assumirem um papel de tanta autoridade numa coisa que era, efectivamente, uma forma superior de missa? (Lembremos que os cátaros, cuja cidadela de Montségur foi, quase certamente, o modelo do Castelo do Graal de Wolfran, promoviam um sistema de igualdade de sexos, de modo que tanto homens como mulheres podiam ser chamados «sacerdotes».)

Mas é a ligação com os Templários que mais impregna as história do Graal. Como observaram diversos comentadores, a acusação de que os cavaleiros veneravam uma cabeça decepada - que se julgava chamar Baphomet - tem ressonâncias com os romances do Graal, nos quais, como vimos, figuram largamente cabeças decepadas. Os Templários foram acusados de atribuir poderes semelhantes aos do Graal a este Baphomet: fazia florescer as árvores e tomava a terra fértil. De fato, os Templários não só foram acusados de reverenciar esta cabeça-ídolo como também possuíam um relicário em prata, com a forma de uma caveira feminina, que era designada apenas por caput (cabeça).

Hugh Schonfield, ao considerar as implicações desta cabeça feminina, juntamente com a sua «descodificação» de Baphomet como Sophia,

escreve:

Pareceria haver poucas dúvidas de que a cabeça da bela mulher, pertencente aos Templários, representava Sofia, no seu aspecto feminino e de Ísis, e estava associada a Maria Madalena na interpretação cristã.
As relíquias dos Templários têm a fama de terem incluído o (suposto) indicador direito de João Baptista, o que pode ser mais importante do que parece. Como vimos no Capítulo I, Leonardo representava figuras de cenas religiosas apontando para cima, deliberada e ritualisticamente com o indicador direito, e este gesto parece ter estado relacionado com João Batista. Por exemplo, vimos que um indivíduo que parecia estar a venerar a alfarrobeira na Adoração dos Magos estava a fazer este gesto: tanto a árvore como o gesto estão associados a João. A relíquia, considerada ter sido propriedade dos Templários, pode ter sido a razão material de Leonardo ter aderido a estas imagens.(Jacobus de Voragine, em Golden Legend, relata uma tradição segundo a qual o dedo de João Batista - a única parte do corpo decapitado que escapou à destruição ordenada pelo imperador Juliano - foi trazido para França por Sta. Tecla, portanto, talvez haja razão para acreditar que a relíquia dos Templários e a da lenda fossem uma e a mesma relíquia. E De Voragine também regista que, segundo a lenda, a cabeça de Batista foi enterrada debaixo do Templo de Herodes, em Jerusalém,

onde os Templários fizeram escavações).
Os Templários são continuamente associados ao Graal. A escritora de viagens britânica Nina Epton, em The Valley of Pyrene (1955), descreve a sua subida às ruínas do castelo dos Templários de Montréal-de-Sos, no Ariège, para observar os murais que representam uma lança com três gotas de sangue e um cálice - uma imagem claramente inspirada nas lendas do Graal.
Outros graffiti bizarros foram encontrados no castelo de Domme, onde muitos Templários estiveram prisioneiros. Ean e Deike Begg descrevem uma estranha cena da Crucificação, a qual representa José de Arimateia (tendo na mão uma cruz de Lorena), à direita, recolhendo gotas do sangue de Jesus. À esquerda, vê-se uma mulher nua, grávida, tendo na mão uma vara ou um bastão.
Há outros elos de ligação mais curiosos. Em St. Martin-du-Vésubie, na Provença, que, como vimos, é um lugar famoso da Madona Negra e dos Templários, existe uma lenda que reúne interessantes elementos das histórias do Graal. Diz-se que os Templários daquele local foram todos decapitados durante a repressão - o que, dada a completa falta de verificação oficial, parece altamente improvável - e que eles amaldiçoaram a terra. Os homens tornaram-se impotentes ou estéreis e a terra árida. Qualquer que seja a verdade da questão, é um facto histórico que, em 1560, o duque Emmanuel Filibert de Sabóia mandou exorcizar a terra, porque ela se

encontrava num estado lastimável. De fato, um dos montes vizinhos ainda é conhecido por Maledia (de modo geral, traduzido por «doença»). Mas a parte mais significativa desta triste história é a que associa a decapitação dos Templários com uma maldição sobre a terra - dois elementos essenciais do cânone do Graal. Para os autores das histórias do Graal, havia alguma coisa relacionada com cabeças decapitadas, ou, talvez, com uma cabeça decapitada, que lançou a maldição sobre a terra mas que também podia oferecer abundância àqueles que ela favorecia.

As diferentes histórias do Graal e os vários elementos que elas contêm podem parecer confusos, mas no seu estudo monumental das lendas do Santo Graal, The Hidden Church of the Holy Grail (1902), o grande erudito ocultista A. E. Waite discerniu a presença de uma tradição secreta no seio do cristianismo, que inspirou todo o conceito das lendas. Waite foi um dos primeiros a reconhecer os elementos alquímicos, herméticos e gnósticos das histórias. Embora estivesse certo de que há fortes sugestões da existência dessa «igreja oculta» nas lendas do Graal, ele não chega a qualquer conclusão definitiva relativa à sua natureza, mas dá um lugar importante ao que ele designou por «Tradição Joanina». Ele refere-se a uma antiga ideia dos círculos esotéricos, relativa a uma escola mística do cristianismo, que foi fundada por João Evangelista baseada nos ensinamentos secretos que ele recebera de Jesus. Este conhecimento arcano não surgia no

cristianismo externo ou exotérico que proveio dos ensinamentos de Pedro. Notavelmente, Waite considera que esta tradição chegou à Europa, via sul da Gália - o Sul de França - antes de se infiltrar na primitiva Igreja Céltica da Bretanha.

Apesar dos elementos célticos das histórias do Graal, Waite considera a sua influência joanina como oriunda do Médio Oriente, via Templários. Habilmente, ele não a declara a única ligação possível, porque não há provas conclusivas dela, mas admite que seja a mais plausível. No entanto, ele está certo de que os romances do Graal se basearam em qualquer gênero de «igreja oculta» que estava relacionado com os Templários.

A insistência de Waite numa tradição «joanina» foi um tanto desesperante - ele não a desenvolveu e a sua fonte permanece envolta em mistério. Mas, claramente, ela pareceu oferecer um elo de ligação potencialmente excitante entre as histórias do Graal e um S. João - aquele que, como veremos no próximo capítulo, viria dar sentido a muita da aparente confusão que rodeia esta questão.

As histórias do Graal são ainda outra manifestação das idéias secretas que circulavam na França medieval sob os auspícios dos Templários, como o culto da Madona Negra. A ligação entre os dois é notável. Ambos são baseados nos primitivos temas pagãos: as histórias do Graal baseadas em mitos célticos e o culto da Madona Negra baseado nos santuários de deusas pagãs. Contudo, ambos floresceram nos séculos XII e XIII, devido ao contacto - via Templários - com a Terra Santa.

Os Templários eram um repositório de conhecimento colhido em muitas fontes esotéricas, incluindo as da alquimia e da sexualidade sagrada. [A ligação entre as Madonas Negras, os Templários e a alquimia é o tema de um estudo do historiador francês Jacques Huynen, em L'énigme des Vierges Noires (O Enigma das Virgens Negras) (1972).] E a «ponte» entre as idéias exóticas e esotéricas dos Templários e o mundo cristão da sua época estava personificada na imagem de uma mulher: Maria Madalena.

Tudo isto aconteceu há muito tempo. Há muito que os cátaros desapareceram. e a Ordem do Templo foi extinta não muito tempo depois. Mas este conhecimento secreto, esta consciência mística e alquímica do Feminino, também está enterrado sob a poeira dos séculos?

Talvez não. Talvez se tenha tornado o mais excitante e mais perigoso segredo mantido vivo no mundo secreto da Europa atual.

CAPÍTULO VI
A HERANÇA DOS TEMPLÁRIOS

Muitos historiadores consideram os violentos acontecimentos do princípio do século XIV como o derradeiro cair do pano para os Templários - e, portanto, não procuram quaisquer sinais de continuação da sua existência. Mas a tradição ocultista sempre falou de descendentes espirituais desses Cavaleiros Templários, que continuam a viver entre nós, atualmente, e existem sociedades

modernas que reclamam serem esses descendentes. Além disso, uma viragem da recente investigação provou, de forma convincente, que a ordem sobreviveu e exerceu uma enorme influência na cultura ocidental.
As implicações são profundas e de longo alcance. Porque se eles eram, como nós e outros investigadores acreditam, coleccionadores de conhecimento esotérico e alquímico, então qualquer sobrevivência templária aponta para algum tipo de continuação dos grandes segredos, através de uma tradição ocultista que pode ainda hoje existir.
Esses segredos - que talvez incluam conhecimento científico de velhos alquimistas e práticas mágicas das tradições esotéricas orientais - podem continuar vivos, mesmo na nossa comunidade. Se for assim, então, como exemplos primordiais de um antigo sistema herético de crença e de prática, os Templários actuais podiam lançar alguma luz sobre a nossa investigação. Mas primeiro temos de nos convencer de que os Templários, de fato, não se extinguiram.
O bom-senso dita que a ideia de os Templários, tão altamente organizados, não resistirem e morrerem submissamente é inverosímil. Para começar, nem todos os Cavaleiros da Europa foram presos em simultâneo naquela sexta-feira, dia 13. Esse tipo de cataclismo para a ordem só aconteceu em França - e, mesmo lá, alguns Cavaleiros fugiram. Noutros países houve, se foi o caso, uma escala variável de perseguição e supressão. Em

Inglaterra, por exemplo, Eduardo II recusou-se a acreditar que os Templários fossem culpados das acusações que lhes foram feitas e travou um acalorado debate com o papa sobre a questão. Recusou terminantemente aplicar tortura aos Cavaleiros.

Na Alemanha, registou-se uma cena verdadeiramente hilariante. Hugo de Gumbach, mestre Templário da Alemanha, fez uma entrada dramática no concilio convocado pelo arcebispo de Metz. Vestido com grande uniforme e acompanhado por vinte cavaleiros, cuidadosamente selecionados e experientes no combate, proclamou que o papa era perverso e devia ser deposto, que a ordem estava inocente - e, a propósito, que os seus homens estavam desejosos de serem submetidos a julgamento por combate contra a assembléia ali reunida... Após um silêncio estupefato, o caso foi rapidamente abandonado e os cavaleiros viveram para provar a sua inocência noutra ocasião.

Em Aragão e Castela, os bispos presidiram a julgamentos dos Templários - mas declararam-nos inocentes. Contudo, por mais clementes e liberais que os juízes desejassem ser em relação aos cavaleiros, nenhum deles se podia permitir ignorar as ordens do papa para dissolver a ordem em 1312. Mas, mesmo em França, relativamente poucos Cavaleiros foram executados - muitos foram libertados após se terem retractado - e, noutros países, reagruparam-se simplesmente sob outro nome ou ingressaram noutras ordens

existentes, como os Cavaleiros Teutônicos.
Assim, historicamente, há poucas provas de que os Cavaleiros Templários fossem efetivamente exterminados. É evidente que eles se teriam ocultado para se reagrupar e formar de novo. De fato, o processo da sua dissolução virtualmente o garantia.
Recordemos que os soldados de categoria inferior eram muito diferentes do círculo interno, os cavaleiros de élite que não só geriam a organização mas eram também um repositório de conhecimento secreto. E muito provável que os cavaleiros de ambos os níveis partissem e fundassem os seus próprios movimentos secretos, dando início efectivo a duas organizações distintas, cada uma delas reivindicando possuir a verdadeira ascendência templária.
Após o desmantelamento dos Templários, a maior parte das suas terras foi entregue aos seus rivais, os Cavaleiros Hospitalários. Na Escócia e na Inglaterra, no entanto, grande parte desta transferência de propriedade não se verificou, e há provas de que os antigos bens dos Templários, em Londres, ainda eram propriedade da famílias descendentes dos Templários numa data tão tardia como 1650. Mas não é na continuidade da propriedade da terra e dos edifícios que estamos interessados, mas na perpetuação do conhecimento esotérico dos Templários.
Embora não existam provas conclusivas de que os Templários eram os cérebros que inspiraram a rede secreta alquímica, sabemos que o «círculo

interno» estava interessado na alquimia - como vimos na proximidade entre centros alquímicos, como Alet-les-Bains, e postos avançados templários. E, como vimos, os alquimistas - como os Templários - prestavam uma veneração especial a João Batista.
Recentemente, vários comentadores apresentaram provas convincentes de que a maçonaria teve a sua origem no Templarismo: tanto The Temple and the Lodge, de Michael Baigent e de Richard Leigh, como Bom in Blood do historiador-investigador americano John J. Robinson, chegaram a essa conclusão, apesar de abordarem o tema sob perspectivas completamente distintas.
O primeiro investiga a continuidade Templária na Escócia, enquanto o último incide mais no estudo retrospectivo, partindo do moderno ritual maçônico para as suas origens - e, mais uma vez, chega aos Templários. Assim, estes dois importantes livros complementam-se, oferecendo um quadro mais ou menos completo da ligação entre as duas grandes organizações secretas.
O único ponto importante de desacordo entre Baigent/Leigh e Robinson é o facto de os primeiros considerarem que a maçonaria se formou a partir de Templários isolados na Escócia que, em 1603, partiram para Inglaterra, com a ascensão do rei escocês, Jaime VI, ao trono inglês e subsequente influxo de aristocracia escocesa. Robinson, por outro lado, pensa que os Templários, em Inglaterra, se transformaram em maçónicos. Ele está convencido de que os Templários estiveram

por detrás da Revolta dos Camponeses de 1381, que atacou especificamente os bens da Igreja e os dos Cavaleiros Hospitalários - os dois grandes inimigos dos Templários - e fez tudo para evitar danificar antigos edifícios templários.
Para muitos leigos, a Maçonaria é apenas um bizarro clube de velhos amigos, uma rede de associados que proporciona lucrativos contatos de negócios e influências aos seus membros. O seu lado ritual é considerado ridículo - com os irmãos a arregaçar uma perna das calças e a prestar juramentos arcaicos e sem sentido. As coisas podem ter mudado, mas a Maçonaria dos primeiros tempos era uma escola de mistério, com iniciações solenes que se inspiravam nas antigas tradições secretas e que eram especificamente destinadas a conferir iluminação transcendental, além de ligar mais intimamente os iniciados aos seus irmãos.
Na sua origem, era uma organização secreta, explicitamente interessada na transmissão do conhecimento sagrado. Muita coisa, a que chamaríamos ciência, proveio, de fato, daquela irmandade - como podemos verificar pela formação da Royal Society de Inglaterra, em 1662, que estava, e está, relacionada com a recolha e promulgação de conhecimento científico. Foi a instituição oficial do primeiro «Colégio Invisível» dos maçônicos que fora formado em 1645. (E, tal como na época de Leonardo, o conhecimento científico e ocultista - longe de serem antagônicos - eram considerados idênticos).

Embora, sem dúvida, muitos maçônicos modernos aceitem a sua iniciação solenemente e com um sentido de espiritualidade, o quadro global é o de uma organização que esqueceu o seu significado original. De fato, a corrente dominante da Maçonaria atual é a da Grande Loja, cuja formação é relativamente recente - no dia de João Baptista (24 de Junho), em 1717. Antes desta data, a Maçonaria fora uma verdadeira sociedade secreta, mas o aparecimento da Grande Loja marcou uma era em que ela já se transformara num famoso clube de jantares e que se tornara semi-pública porque já não havia segredos a guardar. Então, de quando data a Maçonaria? A mais antiga referência conhecida é de 1641, mas, se existe uma ligação aos Templários, é óbvio que ela é muito mais antiga. John J. Robinson cita exemplos de lojas maçónicas existentes nos anos 80 do século XIV e um tratado de alquimia datando dos meados do século XV, que, explicitamente, usa o termo «maçônico».

Os próprios maçônicos afirmam ter emergido das corporações de pedreiros da Inglaterra medieval - que tinham criado gestos e códigos secretos de reconhecimento por possuírem o conhecimento, potencialmente perigoso, da geometria sagrada. Mas, como a extensa e meticulosa investigação de John J. Robinson demonstrou contra todas as expectativas, estas corporações tornaram-se conspícuas pela sua ausência na Inglaterra medieval. Outro mito maçônico é a sua pretensão de que os pedreiros herdaram o seu conhecimento

secreto dos construtores do fabuloso Templo de Salomão. Nesse caso, por que ignoraram outro grupo com ligações mais óbvias ao templo? Parecem estar a evitar a ligação mais óbvia de todas: o grupo cujo nome completo era Ordem dos Cavaleiros Mendicantes de Cristo e do Templo de Salomão - por outras palavras, os Templários.
Contudo, antes da formação da Grande Loja, os maçónicos, de facto, promulgaram o mesmo tipo de informação sobre a geometria sagrada, alquimia e hermetismo que os Templários tinham tornado conhecida. Por exemplo, os primeiros maçônicos estavam muito interessados na alquimia: um tratado alquímico do meado do século XV alude aos maçônicos como «trabalhadores da alquimia» e um dos primeiros iniciados maçônicos foi registado como sendo Elias Ashmole (iniciado em 1646), fundador do Ashmolean Museum de Oxford, que era alquimista, hermético e rosacruciano. (Ashmole foi a primeira pessoa a escrever em defesa dos Templários, desde a sua extinção.)
Uma jóia-da-coroa da Maçonaria é o curioso e fascinante edifício chamado «Capela Rosslyn», situado a algumas milhas de Edimburgo. Vista do exterior, parece muito delapidada, quase em risco de ruína completa, mas o interior é espantosamente sólido - como, na verdade, teria de ser, porque a Capela Rosslyn é a sede oficial dos atuais maçônicos e de várias organizações templárias.
Construída entre 1450 e 1480 por Sir William St.

Clair, senhor de Rosslyn, destinava-se a ser apenas a capela das senhoras, fazendo parte de um edifício muito mais amplo que se supunha ser baseado no desenho do Templo de Salomão, mas acabou por se erguer isolada ao longo dos séculos. Os St. Clair (mais tarde, o seu nome transformou-se em Sinclair) viriam a ser os patronos hereditários dos maçônicos da Escócia, a partir do século XV certamente, não é coincidência que, antes dessa data, eles exercessem as mesmas funções em relação aos Templários.
Desde o início que a Ordem dos Templários estava relacionada com os Sinclairs e com Rosslyn: o grão-mestre fundador, Hugues de Payens, era casado com Catherine St. Clair. Descendentes de viquingues, os St. Clairs/Sinclairs são uma das mais intrigantes e notáveis famílias da história e foram importantes na Escócia e em França desde o século XI. (Curiosamente, o seu nome de família derivou do mártir escocês Saint-Clair, que foi decapitado.) Hugues e Catherine visitaram as terras dos St. Clair, próximas de Rosslyn, e fundaram ali o primeiro posto avançado templário da Escócia, o qual se tomou o seu quartel-general.
Como vimos, Pierre Plantard adoptou o nome «de Saint-Clair», ligando-se, deste modo deliberado, ao ramo francês desta antiga família. Vários comentadores têm-se interrogado se ele está habilitado a usar esta designação, mas há, pelo menos, uma boa razão para ele o fazer.
Certamente que os cavaleiros fizeram da Escócia o seu principal refúgio, após a sua extinção oficial -

talvez porque era a pátria de Robert Bruce, que fora excomungado, de modo que o papa, nesse momento, não tinha autoridade na Escócia. E Baigent e Leigh estão convencidos de que a Armada templária desaparecida arribou junto à costa escocesa.
Um dos acontecimentos históricos críticos das ilhas Britânicas foi, sem dúvida, a batalha de Bannockburn, travada a 24 de Junho (dia de João Batista) de 1314, quando as forças de Robert Bruce venceram decisivamente os ingleses. Contudo, a evidência sugere que eles tiveram um formidável auxílio - sob a forma de um contigente de Cavaleiros Templários que conseguiram a vitória à última hora. Certamente, é nisso que acreditam os atuais Cavaleiros Templários escoceses (que se reclamam descendentes dos Cavaleiros fugitivos), quando comemoram o aniversário da Batalha de Bannockburn, em Rosslyn, como sendo a ocasião em que «foi levantado o Véu dos Cavaleiros Templários». Um dos cavaleiros que lutou ao lado de Robert Bruce, em Bannockburn, foi (um outro) Sir William St. Clair, que morreu em 1330 e foi sepultado em Rosslyn - num túmulo tipicamente templário.
A Capela Rosslyn contém aparentes anomalias na sua decoração. Cada centímetro quadrado do interior da capela está coberto de símbolos gravados e o edifício, no seu todo, é desenhado em harmonia com os altos ideais da geometria sagrada. Grande parte dele é inegavelmente maçônico. Ostenta o «Pilar do Aprendiz», um

paralelo explícito com o mito de Hiram Abiff, e o aprendiz, nele representado, é conhecido como «o Filho da Viúva», um termo maçônico de grande significado (que também é importante nesta investigação). O lintel, imediato a este pilar, ostenta a inscrição:

O vinho é forte, o rei é mais forte, as mulheres são as mais fortes, mas a VERDADE vence tudo.

Mas, enquanto muito do simbolismo de Rosslyn é claramente maçônico, pelo menos outro tanto é definitivamente templário: a planta da capela baseia-se na cruz templária, e há gravuras que incluem a famosa imagem do selo dos Templários: dois homens montando um só cavalo. Um antigo bosque vizinho foi plantado em forma de cruz templária.

Tudo isto é muito curioso porque, de acordo com os textos históricos, a Maçonaria data apenas do final do século XVI, e os Templários já não eram uma força a considerar após 1312. Assim, as imagens da capela, que são posteriores a 1460, seriam demasiado antecipadas para a Maçonaria e demasiado tardias para os Templários.

Há, no entanto, muito simbolismo na Capela Rosslyn que, classicamente, não é maçônico nem templário. Há uma super abundância de imagens pagãs - e mesmo algumas islâmicas. E, no exterior da capela, há uma representação gravada de Hermes - uma clara alusão ao hermetismo - enquanto o interior está ornado com mais de uma

centena de representações do Homem Verde, o deus da Vegetação dos celtas pagãos. Tim Wallace Murphy, na sua história oficial da Capela Rosslyn, associa o Homem Verde a Tamuz, o deus babilônico que morre e ressuscita. Todos estes deuses têm atributos similares e, muitas vezes, são representados com o rosto verde - embora o deus que com maior frequência era assim representado seja Osíris, o consorte de Ísis.
Quando visitamos Niven Sinclair, membro desta ilustre família, fomos virtualmente bombardeados com provas de que os Sinclairs tinham sido não apenas Templários mas também pagãos. Niven, um apaixonado investigador da história de Rosslyn e dos Sinclairs deu-nos algumas informações muito reveladoras do que acontecera ao conhecimento templário perdido. Segundo Niven, ele foi codificado na estrutura da Capela de Rosslyn, para ser transmitido às futuras gerações. Segundo as suas palavras, «o conde William St. Clair construiu a capela numa época em que os livros podiam ser queimados ou proibidos. Ele queria deixar uma mensagem para a posteridade».
Como Niven se entusiasmou com este tema, convenceu-nos do autêntico engenho do seu antepassado Sir William, ao criar este livro de pedra. Como ele disse: «Se forem a Catedral de S. Paulo, podem compreendê-la numa só visita. Se foram à Capela Rosslyn, não podem. Já lá estive centenas de vezes, e cada vez que lá entro encontro alguma coisa nova. É esta a beleza do lugar."

Rosslyn está longe de ser uma típica capela cristã. De fato, Niven foi a ponto de afirmar:

«Dizia-se que o conde William construiu a Capela Rosslyn para "a maior glória de Deus". Se é assim, é extraordinário que se encontrem nela tão poucos símbolos cristãos.»

Na Idade Média, os Sinclairs promoveram activamente celebrações pagãs e ofereceram refúgio a ciganos (os quais eram considerados incluídos «entre os últimos defensores ativos do culto da deusa na Europa»). E é significativo que muitas autoridades acreditem que havia uma Madona Negra na cripta da Capela Rosslyn.
Já tínhamos percebido, com alguma surpresa, que os Templários não eram, de modo algum, os devotados cavaleiros cristãos da imaginação popular. A imagem que tinham criado de si mesmos, como cobertura, fora extremamente bem sucedida, mas era óbvio que eles tinham pretendido deixar indicações das suas verdadeiras preocupações para «aqueles que tinham olhos para ver». A decoração da Capela Rosslyn era um exemplo desta mensagem críptica mas reveladora.
O amor e a preservação do conhecimento professados pelos Templários foram decisivos para que, em Rosslyn, também encontrássemos o «Manuscrito Rosslyn-Hay», o mais antigo exemplar conhecido de prosa escocesa. E uma tradução dos escritos de Renê d'Anjou sobre cavalaria e governo, e na sua encadernação lê-se esta

inscrição: «JHESUS [sic] - MARIA - JOHANNES» (JESUS, Maria, João). Como afirma Andrew Sinclair em The Sword and the Grail (1992):

A associação do nome de S. João ao de Jesus e de Maria é invulgar, mas ele era venerado pelos gnósticos e pelos Templários. Outra característica notável desta encadernação é o uso do Agnus Dei, o Cordeiro de Deus... Na Capela Rosslyn também está gravado o selo templário do Cordeiro de Deus. O conde William e René d'Anjou eram amigos, sendo ambos membros da Ordem do Tosão de Ouro, um grupo cujo objetivo declarado era restaurar os velhos ideais de cavalaria e de fraternidade dos Templários.
É claro que os Templários sobreviveram na Escócia e continuaram a agir publicamente, não apenas em Rosslyn mas também em vários outros lugares. Contudo, em 1319, a sua vida tranquila foi mais uma vez ameaçada quando a excomunhão de Robert Bruce foi levantada e a sombra da autoridade do papa voltou a persegui-los. Em dado momento, houve mesmo uma clara possibilidade de uma cruzada ser lançada contra a Escócia, e, embora ela não se concretizasse, os Templários escoceses consideraram prudente ocultarem-se, como tantos dos seus irmãos europeus; e foi isto, dizem, que deu origem ao início da Maçonaria.
Curiosamente, certos ramos da Maçonaria sempre reivindicaram serem descendentes dos Templários e terem a sua origem na Escócia, mas poucos historiadores - mesmo no seio da própria

Maçonaria - os levaram a sério. Este maçónicos «templaristas» podem ter herdado, pelo menos parcialmente, os genuínos segredos templários. O seu conhecimento, que incluía a sabedoria hermética e alquímica, além da ciência da geometria sagrada, ainda é considerado valioso - talvez mais valioso porque visa questões muito diferentes das do mundo moderno em geral.
Foi um escocês, Andrew Michael Ramsey, que proferiu o que se tornou conhecido por «Oração de Ramsey», em 1737, perante os maçônicos de Paris. Cavaleiro da Ordem de S. Lázaro - e tutor do Bonnie Prince Charlie - o «Cavaleiro» Ramsey fez questão de recordar à irmandade que eram descendentes dos cavaleiros cruzados, o que era uma referência mal disfarçada aos Templários. Foi do seu interesse usar esta terminologia enviesada porque os Templários ainda eram considerados malditos na sociedade francesa. A oração também afirmava, polemicamente, que os maçônicos tinham origem nas escolas de mistério das deusas Diana, Minerva e Ísis.
A oração tem sido muito escarnecida, ao longo dos anos, não só devido à última afirmação quanto às origens no culto da deusa mas também porque o cavaleiro Ramsey afirmou que a ordem não descendia dos pedreiros medievais. As autoridades neste assunto atacaram esta afirmação, alegando que, como ela era obviamente falsa, punha em questão toda a oração. Mas, como vimos, investigações recentes provaram que não existiram corporações de pedreiros na Inglaterra

medieval, portanto, talvez devêssemos dar ao bom cavaleiro o benefício da dúvida relativamente a esta - e às suas restantes afirmações.

A oração de 1737 foi a primeira indicação pública de que a Maçonaria descendia dos Templários - poderá haver qualquer ligação com o fato de, um ano mais tarde, o papa condenar toda a irmandade de maçônicos? Espantosamente, mesmo nesta data tardia, a Inquisição prendeu e torturou maçônicos, em consequência directa desta bula papal.

Depois das fortes insinuações de Ramsey acerca da ligação templária, surgiu uma declaração mais explícita e mais autorizada. Num dos episódios mais polémicos da história da Maçonaria, Karl Gotthelf, barão de Von Hund und Alten-Grotkau, declarou que fora iniciado na ordem maçônica do Templo, em Paris, em 1743, e que lhe fora revelada a «verdadeira» história da Maçonaria e fora autorizado a fundar lojas maçônicas, segundo aquela linha de autoridade, a qual ele denominou «Estrita Observância» - embora, curiosamente, ela fosse conhecida na Alemanha por Irmandade de João Batista. A verdadeira história, que lhe fora revelada, incluía a seguinte informação: quando os Templários foram extintos, alguns Cavaleiros tinham fugido para a Escócia e ali se tinham estabelecido. Von Hund possuía uma lista dos supostos nomes dos grão-mestres que sucederam a Jacques de Molay no movimento templário secreto, após a extinção.

As lojas de Von Hund tiveram um sucesso

imprevisto e quase imediato, mas, infelizmente, ele não tinha amigos entre os historiadores, os quais o declararam um completo charlatão e rejeitaram a sua versão da «verdadeira história» como sendo «um completo absurdo». Menosprezaram igualmente a sua lista de alegados grão-mestres. A principal razão desta total rejeição foi o fato de as suas afirmações serem baseadas nas palavras de contatos anônimos - que Von Huod denominava «superiores desconhecidos» -, e, parecia, portanto, que ele tinha inventado tudo. De fato, informações confidenciais anônimas são ocorrências frequentes no interior dos grupos ocultistas, como podemos confirmar, e, recentemente, alguns nomes muito credíveis foram imputados aos superiores desconhecidos; por isso, parece que, afinal, ele poderia estar a dizer a verdade sobre os seus contatos.

Curiosamente, os historiadores nunca conseguiram apresentar uma lista definitiva dos grão-mestres dos Templários históricos - devido à natureza incompleta dos arquivos disponíveis. No entanto, a lista de Von Hund é idêntica à que surge nos Arquivos Secretos do Priorado de Sião. As investigações de Baigent, Leigh e Liocoln convenceram-nos de que a lista do Priorado é a mais exata que se conhece; embora, devido à escassez de registos, nunca se possa ter a certeza, ela resiste ao escrutínio acadêmico e pode ser considerada correcta. Mas, apesar de a lista do Priorado poder - para ser cínico - ter sido inventada

nos anos 50, é improvável que a de Von Hund tivesse sido igualmente inventada, em 1750, quando não existiam registros disponíveis nem investigações históricas sobre os Templários. No mínimo, o elo de ligação revela uma tradição conjugada entre a Estrita Observância Templária e o Priorado de Sião.
Apesar de muito se ter escrito sobre as afirmações e a organização de Von Hund, há uma curiosa falta de especulação sobre o que podia ter sido a sua motivação oculta. De fato, a sua estrita observância era basicamente uma rede alquímica, e ele próprio era, antes de mais nada, um alquimista. Estava Von Hund a continuar a tradição templária?
Seja qual for a verdade que inspirou a organização e as preocupações de Von Hund, a Maçonaria Templarista em breve estava bem implantada e ia tornar-se uma importante forma de Maçonaria em ambas as margens do Atlântico. (Fora avançada a idéia de que os Templários efetivamente se «ocultaram» nos mais altos graus da Maçonaria.) A Maçonaria Templarista também influenciou novos acontecimentos que iriam tornar-se importantes para a nossa linha de investigação - a Maçonaria de Rito Escocês, especialmente a forma conhecida por Rito Escocês Rectificado, que é particularmente poderosa em França.
Os maçônicos franceses têm uma lenda curiosa acerca de «mestre Jacques», uma figura mítica que era patrono das corporações medievais de pedreiros franceses. De acordo com a história, ele

foi um dos mestres pedreiros que trabalhou no Templo de Salomão. Depois da morte de Hiram Abiff, deixou a Palestina e, com treze companheiros, embarcou para Marselha. Os partidários do seu grande inimigo, o mestre pedreiro padre Soubise, decidiram matá-lo, por isso ele escondeu-se numa caverna em Sainte-Baume - a mesma que viria a ser ocupada por Maria Madalena. De nada lhe valeu: foi traído e morto. Os maçônicos ainda continuam a fazer uma peregrinação ao local, todos os anos, a 22 de Julho.
Outro forte candidato ao papel de herdeiro do conhecimento esotérico dos Templários é o movimento conhecido por Rosacruz. Outrora muito ridicularizado pelos historiadores do princípio do século XVII, está a ganhar terreno o reconhecimento de que ele tem verdadeiras raízes nas tradições da Renascença. O movimento Rosacruz, como um ideal, ou atitude - embora não nominalmente - é reconhecido como a força inspiradora da Renascença, um ideal simbolizado em Leonardo.
Como escreve Dame Frances Yates:

Talvez não estivesse na visão de um mago que uma personalidade como Leonardo fosse capaz de coordenar os seus estudos matemáticos e mecânicos com o seu trabalho artístico.

Certamente que Leonardo viveu numa época em que os grandes movimentos intelectuais e místicos representavam um ímã para os que estavam

ávidos de conhecimento e de poder. Devido à hostilidade da Igreja, estes movimentos tiveram de se manter secretos, mas os três principais ramos, que floresceram secretamente, foram a alquimia, o hermetismo e o gnosticismo. O hermetismo, que foi um impulso tão importante para o iluminismo renascentista/rosacruz, e o gnosticismo, que deu origem aos cátaros, são dois desenvolvimentos das mesmas idéias cosmológicas. O mundo da matéria é o mais inferior de uma hierarquia de «mundos» - «esferas», em termos cosmológicos, «planetas» ou «dimensões», na terminologia actual - na qual o grau mais elevado é Deus. O homem é um ser, outrora divino, que está «prisioneiro» do seu corpo material mas ainda retém uma centelha divina. (Uma frase hermética muito citada era: «Não sabeis que sois deuses?») É possível - na verdade é o dever do Homem - tentar a reunião com o divino. Os gnósticos expressavam esta ideia em termos religiosos (considerando a reunião com o divino como a salvação), ao passo que os herméticos a consideravam em termos mágicos, mas a idéia básica é a mesma. É impossível traçar uma linha entre o gnosticismo e o hermetismo, tal como é impossível traçar uma linha divisória entre religião e magia.
Além disso, tanto o gnosticismo como o hermetismo remontam à mesma época e lugar - o fermento de ideias que se verificou no Egipto, mais particularmente em Alexandria, no primeiro e segundo séculos antes de Cristo. Este enorme cadinho de ideias religiosas e filosóficas valeu-se

de crenças de muitas culturas - grega, persa, judaica, do antigo Egito, e mesmo de religiões do Extremo Oriente - para criar ideias que sustentam toda a nossa cultura. (A estreita relação entre gnosticismo e hermetismo é ilustrada pelo fato de os «Evangelhos gnósticos», encontrados em Nag Hammadi, incluírem tratados que contêm diálogos de Hermes Trismegisto).

A cosmologia de Pistis Sophia - o Evangelho gnóstico, em que Maria Madalena tem um papel tão importante - não difere, no essencial, da cosmologia dos magos renascentistas, como Marsílio Ficino, Cornélio Agripa ou Robert Fludd. As mesmas ideias, a mesma cultura, época e lugar deram origem à alquimia. Embora também se valesse de conceitos muito mais antigos, a alquimia era - no sentido em que é, actualmente, entendida - um produto do Egito dos primeiros séculos da era cristã. As raízes da alquimia e os seus paralelos com o hermetismo e o gnosticismo são explorados em The Origins of Alchemy in Graeco-Roman Egypt (1970) de Jack Lindsay.

Não é difícil compreender o fascínio do gnosticismo, embora ele não fosse uma opção fácil - dada a ênfase na responsabilidade pessoal das ações individuais -, mas a ameaça para a Igreja de Roma é óbvia. Como supostamente Hermes Trismegisto escreveu: «Oh! Que milagre é o Homem!», uma exclamação que encerra a ideia de que a Humanidade contém a centelha divina. Nem os gnósticos nem os herméticos se humilhavam ante o seu deus. Ao contrário dos católicos, eles

não se consideravam criaturas inferiores e perversas destinadas ao Purgatório, se não mesmo ao Inferno. O reconhecimento da sua centelha divina conferia-lhes, automaticamente, o que hoje chamaríamos «auto-estima» ou confiança - o ingrediente mágico do processo de realização do potencial individual. Esta foi a chave do Renascimento no seu todo, e a coragem, que ela motivou, pode ser constatada na súbita abertura ao mundo através da circum-navegação e da exploração. Pior ainda, no que diz respeito à Igreja, esta idéia de potencial individual de divindade implicava que as mulheres eram tão autênticas como os homens, pelo menos, espiritualmente. As mulheres gnósticas sempre tiveram voz e celebravam mesmo cerimónias religiosas: esta foi uma das maiores ameaças que o gnosticismo colocou à Igreja Católica. Além disso, a idéia do status essencialmente divino da Humanidade não estava de acordo com a ideia cristã de «pecado original» - a idéia de que todos os homens e mulheres nascem pecadores, devido à queda de Adão e Eva (especialmente da última). Porque todas as crianças são resultado do ato sexual «indigno», esta ideia associava as mulheres e as crianças, de forma inextricável, a uma espécie de conspiração perpétua contra os homens puros e um deus vingativo. Os gnósticos e os herméticos, de modo geral, não tinham nada a ver com «pecado original».
Cada indivíduo era encorajado a explorar os seus mundos interior e exterior por si próprio -

experimentando a gnosis, conhecimento do divino. Esta insistência na salvação individual era totalmente contrária à insistência da Igreja de que apenas os sacerdotes eram os canais através dos quais Deus podia comunicar com a Humanidade. A ideia gnóstica de uma ligação directa com Deus, por assim dizer, ameaçava a própria existência de Igreja. Sem o domínio sacerdotal sobre o rebanho, que possibilidade tinha a Igreja de manter o seu controle? Como no caso da alquimia, foi prudente manter o gnosticismo e o hermetismo ocultos dos olhos da Igreja.

A combinação de ciência proibida e de filosofia excomungada significava que os praticantes destas crenças estavam para além dos limites aceitáveis, e foi inevitável a sua associação em redes secretas. Muitas destas pessoas (e os alquimistas renascentistas incluíam mulheres) tinham crenças invulgares relativamente a questões como a arquitetura e a matemática, além de alimentarem idéias teológicas, excepcionalmente heterodoxas. Estas pessoas eram perigosas e tornadas duplamente perigosas pelo poder do segredo que é hábito das heterodoxias. Uma manifestação importante desta heresia foi o movimento Rosacruz.

O termo «rosacruciano» data apenas do início do século XVII, mas foi certamente criado para descrever um movimento que, nessa altura, já estava bem implantado. O seu primeiro florescimento importante, como o de tantos outros movimentos relevantes, verificou-se durante a

Renascença - de fato, não é exagero dizer que a Rosacruz era a Renascença. A segunda metade do século XV conheceu uma explosão de interesse no hermetismo e nas ciências ocultas.
Muito pouco da verdadeira informação envolvida era, de fato, nova, embora existissem muitas influências e personalidades contemporâneas, e esta época conheceu um desejo sem precedentes de explorar as implicações mais vastas do hermetismo. Subitamente, este foi considerado como tema de debate intelectual, para além dos enclaves secretos que, até então, tinham sido os seus guardiães. Se dependesse dos entusiastas renascentistas, o hermetismo deixaria de ser secreto.
O aumento súbito do fascínio por tudo o que era hermético centrava-se, nesta época, na corte dos Medici, em Florença (onde teve uma poderosa influência sobre Leonardo da Vinci, entre muitos outros grandes pensadores). Sob o patrocínio dos Medici - especialmente, Cosimo, o Velho (1389-1460) e seu neto Lourenço, o Magnífico (1449-1492) - empreendeu-se a primeira grande síntese de muitas e diversas ideias ocultistas. Não só Cosimo enviou emissários em busca de tomos lendários, como o Corpus Hermeticum, alegadamente escrito pelo próprio Hermes Trismegisto, como também patrocinou a sua tradução. A corte dos Medici era um salão para famosos - e talvez com má reputação - pensadores ocultistas, como Marsilio Ficino (1433-1499), tradutor de Corpus Hermeticum, e Pico della

Mirandola (1463-1494). A maior contribuição deste último foi a introdução da teoria e da prática cabalística neste cadinho de ideias ousadas.
Mirandola, talvez devido a um falso sentido de segurança que lhe oferecia o seu aristocrático patrono, foi demasiado explícito nas suas ideias ocultistas e, em breve, viu os seus livros incluídos no Index papal, e a si próprio sob a ameaça do papa Inocêncio VIII. Durante algum tempo, pareceu que Mirandola seguiria o caminho dos que se opunham ao Vaticano, mas aconteceu uma coisa estranha. O novo papa, Alexandre VI - membro da família Bórgia -, misteriosamente, deixou cair todas as acusações e ameaças contra ele, dirigindo-lhe uma carta pessoal de apoio - mas porquê? Talvez uma pista resida no facto de este papa ter decorado o seu apartamento privado do Vaticano com murais representando antigos temas egípcios, incluindo a deusa Ísis.
Os historiadores modernos tendem a menosprezar o poder e a influência do oculto. Se chegam a discuti-lo, é apenas para sublinhar, por comparação, o triunfo da Idade das Luzes, quando estes «absurdos supersticiosos» foram rejeitados por todos os que tinham o sentido da razão. Mas o ocultismo sobreviveu e, de fato, tomou-se a força que maior influência exerceu sobre a Renascença. O fascínio com o ocultismo não foi apenas um sintoma da nova abertura às ideias, mas foi, de fato, a causa.
Dame Frances Yates, numa série de livros, fez o levantamento da história do verdadeiro papel do

ocultismo no surgimento da Renascença. Como ela demonstra, a nova filosofia ocultista expandiu-se da Itália para o resto da Europa, culminando na campanha européia do grande pregador hermético Giordano Bruno (1548-1600). Fazendo largas viagens por países como a Alemanha e a Inglaterra, ele pregava um retorno ao que era essencialmente a antiga religião egípcia e foi caracteristicamente explícito em relação ao que ele considerava o mal da corrente dominante do cristianismo.

Como vimos, pensava-se que o hermetismo tinha sido fundado pelo próprio «Hermes três-vezes-grande», via fragmento da Tábua da Esmeralda, na qual estavam inscritos vários e profundos segredos. Embora poucos herméticos acreditassem, de facto, neste mito, eles acreditavam no continuado significado do panteão egípcio. Mas, apesar de a maioria dos herméticos acreditar que os seus segredos provinham do Egipto faraónico da época de Moisés, eles provinham de uma época mais próxima da era de Jesus. As raízes das suas idéias podem ser reconstituídas até ao Egito dos séculos I-III: para além dessa época, temos de admitir a influência de muitas culturas. Contudo, estudos recentes reconheceram que, enquanto gerações anteriores tinham tendência para acentuar a influência da filosofia grega, as ideias, que acabaram por fazer remontar essa influência aos antigos egípcios, tiveram mais influência no desenvolvimento das ideias herméticas do que se pensava até então.

Os herméticos reconheceram que, embora a antiga Grécia tivesse muito a oferecer aos pensadores, era sobretudo o Egito que detinha as chaves do conhecimento que eles procuravam. Também perceberam que esse conhecimento não estava lá pronto a ser apreendido: o sistema egípcio fora codificado numa escola de mistério, e os segredos exigiam que o estudante dedicado os adquirisse, através de fases árduas de iniciação progressiva.

Página 144 Giordano Bruno chegou a Inglaterra em 1583 e, rapidamente, travou conhecimento com pessoas ilustres como Sir Philip Sidney, autor - entre várias obras - de Arcadia. Sidney, que fora aluno do grande ocultista inglês Dr. John Dee (1527-1606), era uma figura importante deste mundo misterioso porque Bruno dedicou-lhe duas das suas obras, enquanto esteve em Inglaterra. Também é possível que uma outra figura destes círculos entrecruzados da sociedade isabelina e do ocultismo estivesse presente, quando Bruno e Sidney se encontraram - um certo William Skakespeare. (É significativo que o original Globe Theatre de Londres fosse construído segundo os princípios da geometria sagrada e também que o último drama de Shakespeare, The Tempest, seja considerado relativo ao Dr. Dee, encarnando muitos conceitos rosacrucianos.) Em Bruno, temos uma figura de estatura semelhante a Lutero ou a Calvino, mas o seu nome raramente é mencionado na história que é ensinada nas escolas. Como eles - e, na verdade, como os grandes nomes da Contra-Reforma -, ele foi

intransigente e implacável, à maneira da sua época. Mas, ao contrário deles, Bruno não pregava qualquer versão do cristianismo oficial, e, apenas por essa razão, os seus dias estavam contados. Acrescentemos a isto a sua natureza bombástica, e é demasiado fácil prever o seu destino. Bruno foi condenado à fogueira em 1600, em Roma, depois de ter sido traído e denunciado à Inquisição por um discípulo desencantado.

Bruno fundou a sua sociedade secreta, a Giordanisti, na Alemanha. Pouco se sabe sobre ela, mas ela tornou-se uma das principais influências no desenvolvimento da Rosacruz na Europa. Mas igual crédito deve ser concedido ao já citado Dr. Jhon Dee, um verdadeiro mago galês. Homem de muitos talentos, não foi apenas astrólogo e conselheiro de Isabel I mas também chefe de espionagem - além de alquimista e necromante. (É um fato que não é muito conhecido: o número de código do Dr. Dee, como espião, era 007!).

Destas raízes nasceu a Rosacruz, um dos movimentos mais misteriosos da história. A sua existência tornou-se conhecida quando dois panfletos anônimos, Fama et Fraternitatis, ou Uma Descoberta da Fraternidade da Muito Nobre Ordem da Rosacruz e Confessio Fraternitatis, ou A Confissão da Louvável Fraternidade da Honorável Ordem da Rosacruz, circularam na Alemanha, em 1614 e 1615. Estas publicações anunciavam a existência de uma irmandade secreta de conhecedores de magia - os rosacrucianos, que tomaram o nome do seu mítico fundador,

Christian Rosenkreutz (Cristão Rosa Cruz). Supostamente, este herói viajou pelo Egito e pela Terra Santa, coligindo conhecimento secreto e ocultista, que transmitiu a uma nova geração de adeptos. Mas se a sua vida foi invulgar, a sua morte e enterro ainda foram mais bizarros. Diz-se que Rosen Kreutz morreu aos 106 anos, em 1484, e foi enterrado num lugar secreto que se mantinha iluminado por um «sol interior». Também se dizia que o corpo se manteve incorrupto - permaneceu com o aspecto de vida e não se decompôs (um fenômeno que parece acompanhar os estados pós- morte de um número surpreendente de pessoas, principalmente de santos católicos).
Estes manifestos rosacrucianos, como as publicações se tornaram conhecidas, não revelavam qualquer segredo, mas, ao anunciar a existência da irmandade, eles também sugeriam que qualquer pessoa que desejasse obter mais informações entrasse em contacto com eles. Provavelmente, este era um tipo de teste de iniciativa, porque não se indicava qualquer endereço para a correspondência. Este processo foi suficiente para que os manifestos merecessem o desprezo de todos os historiadores importantes, que os consideraram um gênero de mistificação incompreensível. Mas, como demonstrou Frances Yates, os autores dos manifestos revelaram um profundo e genuíno conhecimento da sabedoria hermética e alquímica. Curiosamente, os manifestos consideravam a alquimia como uma disciplina espiritual, de modo algum relacionada

com a criação de ouro, que eles designaram de «ímpio e maldito».
Seja qual for a verdade relativamente às origens dos rosacrucianos, eles influenciaram muitos pensadores famosos, como Robert Fludd (1574-1637) e Sir Isaac Newton. Mesmo, surpreendentemente, o famoso racionalista Francis Bacon foi, essencialmente, um rosacruciano. No entanto, isto faz sentido porque o movimento Rosacruz era uma síntese de todos os conceitos herméticos e ocultistas: a única coisa verdadeiramente nova era o fato de agora terem um nome. E Francis Yates não tem escrúpulos em descrever Leonardo - precisamente ele - como «um rosacruciano precoce». Como vimos, o nome de Leonardo figura na lista dos grão-mestres do Priorado de Sião, mas ele não se teria intitulado um rosacruciano porque, na sua época, o termo ainda não fora criado. Contudo, outros nomes daquela lista não têm esse problema - como Johann Valentin Andraea (1586-1645), o dramaturgo e poeta alemão que fora também pastor luterano. Os Arquivos Secretos afirmam que ele esteve ao leme do Priorado entre 1637 e 1654, mas é muito mais largamente aceite que foi ele o autor dos manifestos rosacrucianos ou, pelo menos, o seu inspirador.
Em definitivo, Andrea escreveu o que, essencialmente, foi o terceiro manifesto, O Casamento Químico de Christian Rosenkreutz, em 1616, muitos anos antes de, alegadamente, se ter tornado mestre do Priorado. Talvez fosse o seu

papel de líder da Rosacruz que lhe assegurou o cargo. Parece que o tema da Rosacruz era o fio comum que uniu os quatro alegados grão-mestres, cujo exercício do cargo
Página 146 abrangeu todo o século XVII. Em certo sentido, este facto aumenta a credibilidade da lista porque foi apenas a partir de 1970 que Frances Yates provou a existência e a influência do legado rosacruciano.
A sucessão rosacruciana entre os grão-mestres do Priorado começou, no mínimo, com Robert Fludd, o alquimista inglês que exerceu o cargo entre 1595 e 1637. Fludd afirmou que tentara encontrar os rosacrucianos depois de ler os manifestos, mas não conseguira. No entanto, ele escreveu muito sobre o tema e incorporou ideias dos manifestos nas suas obras extremamente influentes, como Utriusque cosmi historia (História de Dois Mundos) (1617) . (Curiosamente, o comentador ocultista Lewis Spencer observou que Robert Fludd, escrevendo por volta de 1630, usa «linguagem que sugere fortemente a Maçonaria» e que organizou a «sua sociedade» em graus.) A Fludd sucedeu o próprio Andraea, que foi grão-mestre até à morte, em 1654, a quem, por sua vez, sucedeu Robert Boyle, o químico de Oxford.
Tanto quanto se pode averiguar, Boyle nunca mencionou a palavra «rosacruz» nos seus escritos, mas eles revelam mais do que uma familiaridade passageira com o conteúdo dos manifestos. E quando Boyle fundou o que se tornaria a Royal Society, sob o nome de «O Colégio Invisível», este

foi uma referência irónica à descrição comum que os rosacrucianos faziam de si próprios: uma sociedade «invisível».
Depois surgiu Isaac Newton, alegado grão-mestre do Priorado entre 1691 e 1727. Há muito conhecido como praticante de alquimia, também possuía um exemplar da tradução inglesa dos manifestos, embora haja provas de que reconhecia a história de Rosenkreutz como o mito que se destinava a ser. (Os comentadores esotéricos, pelo menos, sempre compreenderam que ele não se destinava a ser considerado como verdade literal.) Só recentemente foi reconhecido o grau de envolvimento de Newton como ocultismo: mais de 10% dos seus livros eram tratados alquímicos. E o mais significativo, talvez, é que ele também desenhou uma planta reconstruída do Templo da Salomão.
A Rosacruz também teve uma forte ligação com o florescimento da Maçonaria. Os primeiros dois maçônicos ingleses conhecidos - Elias Ashmole e o alquimista Sir Robert Moray - estavam ligados ao movimento Rosacruz. Ashmole, em particular, era um conhecido rosacruciano, enquanto Moray, segundo Frances Yates, «fez mais, provavelmente, do que qualquer outro indivíduo para encorajar a fundação da Royal Society».
Também existem várias referências na primitiva literatura maçônica que, explicitamente, associam «os da Irmãos Rosacruz» aos maçónicos, embora elas pareçam indicar que as duas irmandades se mantinham sociedades relacionadas - mas

distintas.
A interligação entre Rosacruz, Maçonaria, hermetismo e alquimia - prévia e cuidadosamente reconstruída por historiadores como Frances Yates - foi dramaticamente confirmada, em anos recentes, pela descoberta de uma colecção de documentos que ilustram o grau de interligação destes movimentos e temas. Em 1984, Joy Hancox, uma professora de Música de Manchester, em consequência da investigação da história da casa em que vivia, deparou com uma colecção de papéis, sobretudo diagramas e desenhos geométricos, que tinham sido reunidos por John Byrom (1691-1763) e conservados pelos seus descendentes, que desconheciam a sua importância. Estes documentos, que são mais de 500, estão relacionados, principalmente, com geometria sagrada, arquitectura e símbolos cabalísticos, maçónicos e alquímicos.
A importância da «Coleção Byrom» reside na luz que lança sobre a relação entre estes temas e sobre os indivíduos - a nata da comunidade intelectual e científica da época - que se preocupavam com eles. Byrom, uma figura importante do movimento jacobita, que pretendia repor os Stuarts no trono de Inglaterra, era membro da Royal Society e maçônico. Fazia parte do «Cabala Club», também conhecido por «Sun Club», que se reunia num edifício de St. Paul's Churchyard e que também albergava uma das quatro primeiras lojas maçônicas da Grande Loja da Maçonaria Inglesa. O seu diário revela que ele

estava em contacto com os mais importantes intelectuais da sua época.
O trabalho, incorporado na sua coleção, foi deduzido a partir de todas as sociedades e indivíduos que já discutimos, incluindo os rosacrucianos John Dee (com quem Byron estava relacionado pelo casamento), Robert Fludd, Robert Boyle - e mesmo os Templários.
A colecção inclui diagramas que especificam a geometria sagrada de numerosos edifícios de muitas épocas e, por conseguinte, revela a continuidade do conhecimento dos princípios subjacentes a estes edifícios. Por exemplo, um diagrama mostra que o desenho da capela de King's College, Cambridge, de meados do século XV - «uma das últimas grandes estruturas góticas deste país» - era baseado na Árvore da Vida cabalística (uma conclusão a que Nigel Pennick, uma autoridade em simbolismo esotérico, já chegara). Aparentemente, o desenho da capela foi inspirado na catedral de Albi, do século XIV, no Languedoc, um antigo centro cátaro. A coleção também inclui um diagrama da Temple Church de Londres, assim como de outros edifícios templários, demonstrando que todos estes edifícios faziam parte de uma tradição contínua e que os membros das irmandades rosacruz/maçônica do século XVIII tinham consciência dela. A colecção Byrom inclui também elementos relativos ao Templo de Salomão e à Arca da Aliança.
Se, como parece ser o caso, os maçônicos são

descendentes dos Templários, seria possível que os rosacrucianos também pertencessem à mesma linhagem? O próprio nome «rosacruciano» transmite uma forte sugestão daqueles cavaleiros, com o seu emblema de uma cruz vermelha ou rosa. Em Chemical Wedding de Andraea, a cruz vermelha sobre fundo branco é um tema recorrente e a sua obra, de modo geral, transmite fortes conotações com as histórias do Graal - e, por conseguinte, com os Templários. E a presença de elementos templários nos documentos de Byrom, predominantemente rosacruciano, sugere que esta fraternidade e os maçônicos partilhavam uma origem comum.

Contudo, enquanto os maçônicos eram, e são, uma organização definida, com membros e lugares de reunião conhecidos, a Rosacruz tem sido considerada bastante mais elusiva, a ponto de a palavra «rosacruz» ser tomada mais como referência a um ideal do que à descrição da qualidade de membro daquela associação - na verdade, os próprios manifestos referem a Rosacruz como uma «sociedade invisível». Mas a primeira sociedade rosacruciana «concreta e visível» foi a Ordem da Cruz Ouro e Rosa, fundada na Alemanha, em 1710, por Sigmund Richter, cujo principal objectivo era a investigação alquímica. Contudo, sessenta anos mais tarde, esta ordem transformou-se numa loja maçônica da Estrita Observância Templária, embora conservasse a sua natureza alquímica. Sob esta forma, teve membros muito influentes, incluindo Franz Anton

Mesmer (1734-1815), que descobriu o «magnetismo animal» (embora não fosse, como é frequentemente afirmado, o pioneiro do hipnotismo). O próprio fato de uma sociedade rosacruciana se poder transformar, tão facilmente, numa loja da Estrita Observância Templária revela a sua herança comum.

Depois de 1750, a história torna-se irremediavelmente confusa. Onde outrora existiam claras distinções entre maçônicos, rosacrucianos e organizações que se reclamavam de origem templária, subitamente, todos estes grupos se tornam tão intimamente entrelaçados que parecem virtualmente idênticos. Por exemplo, nalgumas formas de maçonaria, os iniciados tomam o título de «Cavaleiro Templário» e de «rosacruciano», e é impossível concluir se isto acontece porque existia uma genuína linha de descendência ou, simplesmente, porque estes títulos tinham para eles uma ressonância grandiosa. Calcula-se que mais de 800 graus e rituais foram acrescentados à Maçonaria entre 1700 e 1800.

As tentativas para encontrar uma linha directa de sucessão templária na Maçonaria e na Rosacruz, depressa se malograram devido à enorme proliferação de ritos e sistemas maçônicos. Esta situação é particularmente confusa porque, em muitos casos, é impossível determinar quais os sistemas que são inovações do século XVIII e quais são os genuinamente mais antigos.

Contudo, é possível encontrar um fio comum entre

certos sistemas maçónicos, que foram renegados ou rejeitados pela Maçonaria oficial. Existem variações da Maçonaria «ocultista», e todas remontam à Estrita Observância Templária do barão Von Hund, cujo desenvolvimento ocorreu principalmente em França. A chave desta situação é um sistema maçônico, conhecido por Rito Escocês Rectificado, que se dedica especificamente a estudos ocultistas e que atribui maior importância às suas origens templários. É também esta a forma de Maçonaria que tem ligações mais próximas com as sociedades rosacrucianas.

O uso da palavra «Templário» tornou-se um problema para esta escola de Maçonaria. Existe uma fricção entre os seus membros e a corrente dominante dos maçônicos, que, oficialmente, rejeitam a sugestão de origens templárias - ficando especialmente irritados com a seguinte declaração de Von Hund: «Todo o maçônico é um Templário.» Mais preocupante era a suspeita que eles despertavam às autoridades, porque corriam numerosos rumores sobre o plano secreto dos Templários para se vingarem da monarquia francesa e do papado pela extinção da sua ordem e pela excomunhão de Jacques de Molay. Por isso, realizou-se em Lyons, em 1778, uma convenção de «maçónicos templaristas» na qual foi criado o Rito Escocês Rectificado, com uma ordem interior chamada o Chevalier Bienfaisant et la Cité Sainte. Esta ordem, no entanto, era apenas outra designação de «Templários».

Uma influência importante na convenção de Lyons - e no subsequente esoterismo francês - foi o filósofo ocultista Louis Claude de Saint-Martin (1743-1804). Embora pareça que ele se dedicou ao celibato, a sua filosofia centra-se numa veneração do Feminino, sob a forma de Sophia, que ele considerava «a forma feminina do Grande Arquiteto».
O «martinismo» foi a mais influente filosofia ocultista, não só sobre estas formas de Maçonaria ocultista mas também nas sociedades rosacrucianas da França do século XIX, que serão discutidas pormenorizadamente no próximo capítulo.
Alguns anos após a reunião de Lyons, em 1782, realizou-se outra grande conferência maçônica - desta vez com representantes de todos os grupos maçónicos da Europa - em Hessen, sob a presidência do duque de Brunswick; o seu objetivo era sanar as profundas divisões no seio da Maçonaria, resolvendo definitivamente a questão da relação entre a Maçonaria e os Cavaleiros Templários. O resultado foi uma humilhação para o barão Von Hund, que defendeu a causa templária e foi, efectivamente, o fim da Estrita Observância Templária. No entanto, os Templários ganharam a batalha: a convenção concordou em reconhecer o Rito Escocês Rectificado - que era exatamente a Estrita Observância Templária sob outro nome.
Também importantes na Maçonaria ocultista são os sistemas conhecidos por «ritos egípcios», que irão assumir importância no desenrolar da nossa

investigação. Mas todos eles derivam da dilecta Estrita Observância Templária do barão Von Hund e estão, por conseguinte, muito intimamente relacionados com o Rito Escocês Retificado. Ao contrário da imagem habitual da Maçonaria, eles dão um realce especial ao Feminino (algumas formas incluem activas lojas femininas). Todos os maçónicos veneram o misterioso «filho da viúva». Nos ritos egípcios, a «viúva» é Ísis.
O Priorado de Sião, com a sua reconhecida insistência em Ísis, afirma que começou como um círculo interno da Ordem Templária e, naturalmente, desenvolveu-se, ao longo dos anos, e adquiriu outras associações esotéricas, algumas das quais são, em si mesmas, muito significativas. Uma forte influência parece ter sido Jacques-Étienne Marconis de Nègre (1795-1865), que fundou um dos ritos egípcios da Maçonaria ocultista, em 1838, conhecido por «Rito de Mênfis». Este rito também se afirmava descendente da tradição «templarista» de Von Hund.
Marconis de Nègre esboçou um complicado «mito da fundação» para a sua organização, fazendo a habitual afirmação pomposa de que o rito remontava à antiguidade, a um grupo chamado a Sociedade dos Irmãos Rosacruz do Oriente. Esta, por sua vez, fora fundada por um sacerdote da antiga religião egípcia, que fora convertido ao cristianismo por S. Marcos e cujos discípulos incluíam membros dos essénios.
O mito de Ormus sugere quatro influências:

rosacruciana, egípcia, esoterismo judaico, como a cabala (certa ou erradamente, os essénios eram considerados como tendo sido cabalistas), e cristã, talvez de um género herético.
O que realmente nos interessava neste mito era - como saberão os leitores de The Holy Blood and the Holy Grail - o fato de o Priorado de Sião ter adoptado o nome «Ormus» como «subtítulo». E, viríamos a saber, a história de Ormus surgiu, pela primeira vez, em ligação com a Ordem da Cruz Ouro e Rosa, quando, em 1770, ela se tornou uma Loja da Estrita Observância Templária.
Mas, como veremos, a história que inspirou este mito tinha implicações muito vastas no que diz respeito a esta investigação.
Talvez não seja surpreendente que existam sociedades que se declarem sucessoras oficiais dos Templários. A maioria delas pode ser facilmente ignorada, embora a Antiga Ordem Militar do Templo de Jerusalém apresente argumentos suficientemente convincentes para ser levada a sério. Atualmente, tem a sede em Portugal, onde afirma dedicar-se a obras de caridade e à investigação histórica, embora exista um grupo minoritário, que opera a partir de uma localidade da Suíça, com o sugestivo nome de Sion. Mas as suas origens - na sua forma ressurgida - estavam em França.
A Antiga Ordem Militar do Templo de Jerusalém foi fundada, em 1804, por um médico com o imponente nome de Bernard Fabré-Palaprat, que alegava ter recebido a sua autoridade da Carta de

Transmissão de Arménio, geralmente conhecida por Carta de Arménio. Se fosse verdade, contribuiria muito para determinar se Fabré-Palaprat era, na verdade, da verdadeira linha templária, porque esta carta reivindicava ter sido escrita em 1324, por Marco Armênio, que fora nomeado grão-mestre pelo próprio Jacques de Molay. Supostamente, o pergaminho apresenta as assinaturas de todos os subsequentes grão- mestres da ordem, o que é significativo, porque, após a execução de Jacques de Molay, supunha-se que não existia mais nenhum grão-mestre.

Como era de prever, os historiadores rejeitaram a carta como sendo uma falsificação. Mesmo autores de espírito aberto, como Baigent e Leigh, concordaram que ela era uma mistificação. Mas os críticos nunca a viram, de facto, e basearam as suas objecções numa tradução do latim original, datada do século XIX. (O documento está escrito em latim, que foi transcrito num código baseado na geometria da cruz templária). Uma das razões por que a carta foi declarada uma falsificação é que o latim é demasiado bom para a sua época - o latim medieval é notoriamente irregular -, mas, neste caso, o tradutor corrigira a gramática. Os críticos também rejeitaram a lista das declarações de grão-mestres porque a formulação das palavras de cada uma delas é a mesma - uma coisa improvável, durante o espaço de tempo entre 1324 e 1804. Mas isso também se pode dever ao fato de o copista as ter uniformizado: no original,

elas eram diferentes. Assim, as duas razões principais para rejeitar a Carta de Larménio não são, de fato, válidas.
Outra razão por que a carta tem sido criticada é pelo facto de conter censuras contra «os desertores Templários escoceses», os quais, declara Larménio, deviam ser «excomungados» (juntamente com os Cavaleiros Hospitaleiros). Assumindo que estes cismáticos eram maçónicos da Estrita Observância Templária de Von Hund, os historiadores consideraram isso uma prova de que a carta era uma fraude - porque eles pensavam que o barão inventara a «Transmissão Escocesa» por volta 1750. Mas, se ele estiver a dizer a verdade sobre as origens dos maçônicos, emerge um quadro radicalmente diferente.
De facto, a Antiga Ordem Militar do Templo afirma que a carta já existia, pelo menos cem anos antes de Fabré-Palaprat a ter tornado pública, quando Filipe, duque de Orleães - mais tarde regente de França - a usou como texto para convocar uma assembléia de membros do Templo em Versalhes. Se é verdade, então este acontecimento é, em si mesmo, a prova da continuidade da presença templária na Europa. (Foi o mesmo duque de Orleães que admitiu o Cavaleiro Ramsey na Ordem de S. Lázaro.)
Além da Carta de Arménio, Fabré-Palaprat possui outro documento importante - que também foi rejeitado imediatamente pela maioria dos comentadores. Era o Levitikon - uma versão do Evangelho de João, com flagrantes implicações

gnósticas -, que Palaprat afirma ter encontrado num quiosque de livros em segunda mão. Mais uma vez, isto parece ser demasiado simples, mas, se o documento for autêntico, ele lança uma luz sobre as verdadeiras razões para conservar secreta grande parte do conhecimento gnóstico. Porque o Levitikon, uma versão do Evangelho de S. João, que alguns críticos datam do século XI, conta uma história muito diferente da que se encontra no livro habitual do Novo Testamento, com o mesmo nome.

Fabré-Palaprat usou o Levitikon como base para fundar a sua Igreja Joanina Neotemplarista de Paris, em 1828, na qual os seus adeptos foram devidamente iniciados, e após a sua morte, dez anos mais tarde, sucedeu-lhe Sir William Sidney Smith, membro da alta hierarquia maçónica e herói das Guerras Napoleónicas.

O Levitikon, que fora traduzido de latim para grego, era formado por duas partes. A primeira contém doutrinas religiosas que se destinam aos iniciados, incluindo rituais relativos aos nove graus da Ordem Templária. Descreve a «Igreja de João» dos Templários e explica o fato de se intitularem «joaninos» ou «cristãos originais».

A segunda parte é igual ao Evangelho oficial de João, excepto nalgumas omissões significativas. Faltam os capítulos 20 e 21, os dois últimos do Evangelho. Também elimina todas as sugestões de milagre das histórias da transformação da água em vinho, do pão e dos peixes e da ressurreição de Lázaro. São excluídas certas referências a S.

Pedro, incluindo a história de Jesus declarar «sobre esta pedra edificarei a minha Igreja».
Se isto causa perplexidade, o Levitikon também contém material surpreendente, mesmo chocante: Jesus é apresentado como tendo sido iniciado nos mistérios de Osíris, o grande deus egípcio da sua época.
Osíris era consorte da sua irmã, a bela deusa Ísis, que dominava o amor, a cura e a magia - entre muitos outros atributos. (Embora, atualmente, nos possa parecer desagradável esta relação incestuosa, ela fazia parte da tradição faraônica e teria parecido perfeitamente normal a qualquer crente do antigo Egipto.) Set, o irmão de ambos, desejava Ísis e planeou matar Osíris. Este foi surpreendido pelos sequazes de Set, que desmembraram o seu corpo e espalharam os seus restos mortais. Terrivelmente desolada, Ísis vagueou pelo mundo, procurando-os, sendo ajudada na sua busca pela deusa Néftis, mulher de Set, que desaprovou este crime. As duas deusas encontraram todos os restos do corpo de Osíris, excepto o falo. Reconstituindo-os, Ísis usou um falo artificial com que magicamente concebeu o filho, Hórus. Nalgumas versões desta história, Ísis teve uma aventura amorosa com Set, embora os motivos de Ísis pareçam obscuros - parece haver um elemento de vingança implicado nesta relação. Hórus, agora um jovem, ficou enfurecido por esta união, que ele considerava uma traição à memória do seu pai, Osíris, e travou um duelo com Set, que resultou na morte do último e deixou

Hórus apenas com um olho. Curou-se e o Olho de Hórus transformou-se no talismã mágico favorito do Egito.
O Levitikon, além de fazer a extraordinária afirmação de que Jesus era um iniciado do culto de Osíris, também declara que ele transmitiu este conhecimento esotérico a João, «o Discípulo Amado». O Levitikon também afirma que Paulo e os outros apóstolos podem ter fundado a Igreja cristã, mas que o fizeram sem nenhum conhecimento dos verdadeiros ensinamentos de Jesus. Não faziam parte do círculo interno. Segundo Fabré-Palaprat, foram os ensinamentos secretos, tal como foram revelados a João, o discípulo amado, que foram preservados pelos Templários, e que, eventualmente, os influenciaram.
O Levitikon regista uma tradição que, alegadamente, foi transmitida ao longo das gerações, acerca de uma seita, ou Igreja, de cristãos joaninos do Médio Oriente. Estes afirmavam-se herdeiros dos «ensinamentos secretos» e da verdadeira história de Jesus, a quem eles se referiam como «Yeshu, o Ungido». De facto, se esta seita existiu, a sua versão da história de Jesus é tão heterodoxa que não sabemos por que razão se intitulavam «cristãos». Para eles, não só Jesus era um iniciado de Osíris como era apenas um homem, não o filho de Deus. Além disso, era filho ilegítimo de Maria - não se punha a questão de miraculoso nascimento virginal. Atribuíam essas afirmações a uma

engenhosa - embora indigna - história de fachada, inventada pelos evangelistas para obscurecer a ilegitimidade de Jesus e o facto de sua mãe não fazer nenhuma idéia da identidade do pai!
A seita joanina reconhecia que o título de «Cristo» não era único de Jesus: o grego original Christos apenas significava «Ungido» - um termo que se podia aplicar a muitos outros, incluindo reis e oficiais romanos. Assim, os líderes joaninos sempre se intitulavam «Cristo», (Curiosamente, o Evangelho de Filipe de Nag Hammadi aplica o termo «Cristo» a todos os iniciados gnósticos.
O grupo era considerado uma seita gnóstica, que preservou vários segredos esotéricos, incluindo os da cabala. Também conceberam um plano para se transformarem numa organização secreta, que seria (nas palavras do escritor do século XIX Elias Levi) o único repositório dos grandes segredos religiosos e sociais, elegeria reis e pontífices sem se expor à corrupção do poder - isto é, uma organização secreta que não estaria sujeita aos caprichos e às incertezas das mudanças políticas e sociais no decurso dos anos. O seu instrumento seria a Ordem dos Cavaleiros Templários, e Hugues de Payens e os restantes Cavaleiros fundadores foram, de facto, iniciados joaninos. Contudo, os próprios Templários se tornaram corruptos, devido ao seu amor pela riqueza e pelo poder, e foram eventualmente extintos. O rei francês e o papa não podiam permitir que a verdadeira natureza da ameaça templária se tornasse conhecida; portanto, inventaram as

acusações de idolatria, heresia e imoralidade. Mas, antes da sua execução, Jacques de Molay, segundo as palavras de Levi, «organizou e instituiu a Maçonaria Ocultista».
Admitindo que é verdadeira, só esta reivindicação altera dramaticamente a versão oficial da história. Apresenta o elo de ligação direta e autorizada entre um tipo de Maçonaria e os antigos Templários - e, assim, podia acontecer que estes mesmos maçónicos pudessem ter alguma coisa a ensinar-nos sobre o conhecimento templário.
Como vimos, Eliphas Levi dedica uma secção da sua History of Magic à tradição joanina, tal como ela é descrita no Levitikon. Já a tínhamos lido na tradução inglesa de A. E. Waite, mas deparamos com outra tradução desta mesma secção, numa obra de Albert Pike, o erudito intelectual maçônico e grão-mestre do Antigo e Reconhecido Rito Escocês da América, Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonary (1871). Esta versão apresenta várias diferenças - mas qual delas era a autêntica?
Consultámos a edição francesa original da obra de Levi e verificamos que Pike fizera certos aditamentos ou correcções pessoais, provavelmente baseado na sua compreensão desta tradição. Por exemplo, ele traduz a frase histórica, acima citada, como «Maçonaria Ocultista, Hermética ou Escocesa». Também corrige as palavras de Levi relativamente a uma ligação entre os Templários joaninos e os rosacrucianos. Levi escreve (na fiel tradução de A.

E. Waite):

Os sucessores dos rosacrucianos, modificando gradualmente os métodos austeros e hierárquicos dos seus precursores da iniciação, tinham-se transformado numa seita mística e adoptado zelosamente as doutrinas mágicas dos Templários, do que resultou eles considerarem-se os únicos depositários [sic] dos segredos sugeridos pelo Evangelho segundo S. João.

De forma notável, Pike emenda as palavras em itálico para:

... Tinham-se associado com muitos Templários, confundindo-se o dogma dos dois...

As alterações de Pike são significativas porque, enquanto Levi era um observador e comentador do mundo ocultista e maçônico e, até certo ponto, um leigo, Pike conhecia bem a questão. Achou adequado corrigir a versão de Levi, de modo que, em vez de falar de os rosacrucianos adoptarem as «doutrinas templárias», ele fá-los, de facto, fundirem-se com os grupos templários existentes.
Mas a correcção mais significativa de Pike é algo inteiramente novo. Depois da frase sobre o incitamento de Jacques de Molay à «Maçonaria Ocultista, Hermética ou Escocesa», Pike acrescenta que esta ordem:

Adotou S. João Evangelista como um dos seus

patronos, associando-se a ele, para não despertar as suspeitas de Roma. S. João Batista...

Isto é curioso, para dizer o mínimo. Considerando que tanto João Evangelista como João Baptista são santos católicos reconhecidos, por que deveria a veneração de um deles ser necessária como «cobertura» da veneração prestada ao outro? Contudo, não é provável que Pike, o mais erudito dos intelectuais maçónicos, tenha inserido esta informação na reprodução da passagens do livro de outro autor sem uma boa razão. Evidentemente que precisávamos de investigar mais este tema joanino, no seio da tradição maçônica.

Como vimos, no último capítulo, A. E. Waite referira-se a uma «tradição joanina» que influenciara as lendas do Graal e que, a princípio, parecia mistificadora. Mas agora começava a fazer sentido: era evidente que a «tradição joanina» era algo relacionado com João Evangelista ou com João Batista.

É claro que a história subjacente não é nova para esta investigação. A «tradição joanina», com a sua clara ligação a S. João, também é central para o Priorado de Sião - e, para eles, como tínhamos discernido, é João Batista que é preeminente.

Como vimos no Capítulo II, o Priorado afirma que Godefroi de Bouillon conheceu representantes de uma misteriosa «Igreja de João» - por outras palavras, os Irmãos de Ormus - e, em consequência desse encontro, decidiu formar um «governo secreto» Os Cavaleiros Templários e

o Priorado de Sião foram criados como parte desse plano original. Nunca é de mais salientar que, pelo menos, segundo esta história, tanto o Priorado como os Templários foram criados para dar forma aos ideais desta misteriosa Igreja de João. À parte alguns detalhes menores, esta história é idêntica à do Levitikon e, além disso, demonstra que o moderno Priorado e os Templários fazem parte da mesma tradição.

O conceito dos Templários como uma organização secreta, com autoridade para eleger e depor reis, é igual ao dos Cavaleiros Templários do Graal de Parsifal de Wolfran Eschenbach - certamente que há provas de que os Templários reivindicaram esse direito. O problema é que a maioria destas exóticas reivindicações de uma longa linhagem histórica data apenas das organizações neotemplárias do século XIX. Mas elas podiam ser válidas, se pudessem ser corroboradas por provas independentes que ligassem os seus movimentos a organizações que já existiam definitivamente há séculos, como a ligação rosacruciana - Maçonaria.

Outra dificuldade reside no facto de serem feitas duas reivindicações diferentes: uma delas defende que certas formas de Maçonaria descendem diretamente dos Templários. De acordo com a outra, os próprios Templários são uma continuação de uma tradição herética, mais antiga, que remonta à época de Jesus. Infelizmente, provar a primeira não significa automaticamente que a segunda seja verdadeira.

Mas a importância atribuída à versão

idiossincrática do Evangelho de João é excitante, embora pareça haver alguma confusão entre João Evangelista e João Batista. A afirmação de Albert Pike, segundo a qual os maçónicos adotaram Baptista como cobertura para a sua veneração secreta de João Evangelista, é, como vimos, absurda. Por que deveriam os maçónicos querer esconder a sua veneração de qualquer dos santos, quando ambos são perfeitamente aceitáveis para a Igreja? Tudo o que Pike conseguiu foi chamar a atenção para os dois santos de nome João e envolvê-los numa aura de mistério e intriga. Talvez fosse essa a sua intenção. Noutra obra, A. E. Waite cita textos maçônicos, relativos à Maçonaria joanina, que reclamam uma ligação com um cristianismo joanino centrado em Batista e que o considera o «único verdadeiro profeta».

Como já vimos, João Batista era santo patrono dos Cavaleiros Templários e dos maônicos. Na verdade, a Grande Loja de Inglaterra foi fundada a 24 de Junho - Dia de João Batista. E no pavimento de todos os templos maçónicos vêem-se duas linhas paralelas: uma representa o bordão de João «Evangelista» (outra designação de João, o Amado), enquanto a outra linha representa o bordão de Batista. É evidente que os dois «João» são de especial importância para a irmandade, embora seja o mais velho que tenha precedência. Além disso, o juramento maçônico é prestado aos «divinos santos João». Mas, atualmente, os maçónicos, como eles próprios admitem, não sabem por que razão os dois santos de nome João

são tão venerados. Talvez estas duas figuras bíblicas, ao longo dos anos, se tenham confundido e que o termo «joanino», que se julga referir os discípulos do Amado, também possa, de fato, referir os de Batista. Mas se é o João mais velho ou o mais novo - ou ambos - que é venerado pelos maçônicos, há um nome que é conspícuo pela sua virtual ausência nas lojas maçônicas: o nome de Jesus, de uma maneira geral, não surge. Supõe-se que esta ausência é devido ao facto de os maçónicos não serem essencialmente uma organização cristã; é suficiente ser um teísta para aderir às suas fileiras. Mas, nesse caso, por que devem tanta fidelidade aos santos cristãos de nome João?

A ideia de que o Evangelho de João encerra segredos arcanos, ou de que existe uma outra versão dele, recorre nesta investigação. Diz-se que os cátaros possuíam uma alternativa herética, e Sir Isaac Newton ficou obcecado por ela. (Como escreve Graham Hancock: «[...] apesar das suas firmes convicções religiosas, por vezes, parecia ter considerado Cristo mais como um homem especialmente dotado [...] do que, propriamente, o Filho de Deus.»

Assim, tanto os maçônicos do Rito Escocês como os Templários da «Transmissão de Larmênio» podem ter preservado os segredos templários originais e ambos seguem o rasto dos Templários até à «seita joanina». Embora não exista nada explicitamente joanino nos ritos egípcios da Maçonaria, todos estes sistemas tiveram origem

na Estrita Observância Templária do Barão von Hund. E o Priorado de Sião associa-se a estes três sistemas.

Como vimos, Pierre Plantard de Saint-Claire descreveu o objetivo da Ordem do Templo como sendo «os guerreiros da Igreja de João e os porta-bandeiras da primeira dinastia, as armas que obedecem ao espírito de Sião».

O resultado deste grande plano deveria ser «um renascimento espiritual» que «voltaria a Igreja de cabeça para baixo». É evidente que isto não aconteceu - ainda, embora as nossas investigações mostrem que a revelação que podia provocar esta modificação aguarda, nos bastidores, o momento de fazer uma entrada dramática no cenário mundial, talvez sob a forma do Priorado ou das escolas de mistério associadas, como as joaninas.

Mas, seja como for, tínhamos conseguido uma coisa muito extraordinária: tínhamos partido da aparente obsessão de Leonardo com João Batista, seguíramos a ligeira sugestão de que o Priorado de Sião, de algum modo, também estava implicado com aquele santo.

Naquela fase, a implicação não tinha grande significado, mas, à medida que seguimos as pistas dos Templários até aos maçónicos, e prosseguimos até aos grupos ocultistas, uma ligação muito mais convincente começou a tomar forma ante os nossos olhos. A heresia joanina existia, sob os diversos aspectos do mundo secreto ocultista - e é a esta tradição que o Priorado declara pertencer.

Embora muitas perguntas importantes continuem sem resposta, um quadro coerente começava a emergir, um quadro que, de algum modo, ligava João Batista a uma tradição que, de forma complexa, se mantinha oculta. Mas isto era apenas uma parte do que emergia como uma heresia composta por dois elementos, sendo o outro elemento a veneração secreta de uma deusa, do princípio feminino.
É evidente que este último elemento é difícil de conciliar com as formas exteriores de organizações, como os maçônicos, que parecem ter uma orientação excepcionalmente masculina. Evidentemente que vale a pena possuir os segredos que estão por detrás destes dois elementos - o Feminino e os temas joaninos - porque eles têm sido defendidos, guardados e protegidos contra todas as eventualidades e parecem ter atraído a particular hostilidade da Igreja de Roma. Isto não é surpreendente, porque o segundo elemento destes antigos segredos esotéricos - a veneração do princípio feminino - revestiu a forma de magia sexual transcendental, com todas as suas implicações do poder inerente do Feminino.

CAPÍTULO VII
SEXO: O SACRAMENTO FINAL

Os velhos textos alquímicos estão cheios de imagens confusas e complicadas - de forma deliberada, porque se destinavam a desencorajar

os não-iniciados de descobrirem os seus segredos. No entanto, como vimos, a alquimia, no seu nível mais profundo, estava interessada na transformação pessoal, espiritual e sexual, e os seus segredos estavam relacionados com as técnicas destinadas à realização desta «Grande Obra». Na verdade, reconhecendo as profundas preocupações não materiais e sexuais da alquimia, o psicólogo C. Gustav Jung considerou-a a precursora da psicanálise.

Como vimos, a «Grande Obra» do alquimista era uma experiência rara e transformadora de vida e ninguém sabe, ao certo, a forma que ela revestia. Contudo, Nicholas Flamel (suposto grão-mestre do Priorado de Sião), que obteve este brilhante galardão, a 17 de Janeiro de 1382, em Paris, sublinhou que o conseguira em companhia da sua mulher, Perenelle. Parece que eles constituíam um casal muito dedicado: segundo parece, Perenelle também era alquimista - muitas mulheres o eram, em segredo. Mas Flamel sublinhou a sua presença, naquele dia fatídico, como indicação da verdadeira natureza da Grande Obra? Há uma sugestão de que ela revestia a forma de algum gênero de rito sexual?

Não há dúvida quanto à existência de, pelo menos, uma componente sexual na prática de alquimia, como revela o clássico texto alquímico A Coroa da Natureza, citado em Alchemy de Johannes Fabricius:

A dama de pele branca, amorosamente unida a

seu marido, de membros de cor rosa, envolvidos nos braços um do outro, na felicidade da união conjugal. Fundem-se e diluem-se quando atingem a meta da perfeição. Os dois tornam-se um só, como se fossem um só corpo.

Significativamente, existem duas disciplinas orientais que sublinham a transcendência religiosa e espiritual da sexualidade: o tantra indiano e o taoísmo chinês. Ambos são disciplinas antigas - e muito respeitadas nas suas culturas - e realçam o potencial de certas práticas sexuais para atingir o conhecimento místico, a regeneração física, a longevidade e a unidade com Deus. Actualmente, muitas destas ideias são largamente conhecidas, mas o que não é reconhecido, para além dos próprios grupos de iniciados, é que, surpreendentemente, tanto o tantra como o taoísmo têm um ramo alquímico. Como veremos, isso harmoniza-se com a verdadeira natureza da alquimia ocidental.
Por exemplo, no tantrismo, a terminologia «química» é interpretada como representação de práticas sexuais. Como afirma Benjamin Walker, um escritor ocultista, em Man, Myth and Magic:

Embora ostensivamente interessada na transmutação dos metais mais vis em ouro, nas retortas, instrumentos e aparelhos da actividade, e nos gestos rituais do alquimista, na sua sala de trabalho, esta alquimia ocorre, de facto, no interior do próprio corpo.

Ironicamente, os elementos sexuais da alquimia ocidental têm sido interpretados como metáfora dos processos químicos! Como comenta Brian Innes, no seu artigo de The Unexplained, acerca da alquimia sexual tântrica e taoísta:

A estreita semelhança das imagens - e das substâncias utilizadas - da alquimia de todas estas culturas é surpreendente. A grande diferença é igualmente surpreendente: a alquimia medieval europeia não parece ter tido qualquer base sexual explícita.

Existia, no entanto, uma grande diferença entre as imagens públicas e os níveis de aceitabilidade do Oriente e do Ocidente. Na China e na índia, a alquimia não era uma ciência proibida, e as atitudes em relação ao sexo não eram tão neuróticas e reprimidas como eram na Europa; por conseguinte, o trabalho era mais aberto e honesto.
Recentemente, a «sexualidade sagrada» foi «descoberta» pelo Ocidente. Essencialmente, é a ideia de que a sexualidade é o sacramento mais nobre, conferindo não só júbilo mas também a unidade com o Divino e o Universo. O sexo é considerado a ponte entre o Céu e a Terra, provocando a libertação de enorme energia criativa, além de revitalizar os amantes de forma única - mesmo ao seu nível celular. O conhecimento da sexualidade sagrada significa

que os velhos textos alquímicos podem, finalmente, ser inteiramente compreendidos no Ocidente, embora (como habitualmente) sejam os investigadores franceses que estejam mais empenhados na exploração deste seu aspecto. Dos poucos escritores anglo-saxônicos [Seguiam-se páginas não numeradas com imagens legendadas - para consultar, fazer Ctrl + clique] que não se mantêm afastados do tema, A. T. Mann e Jane Lyle escreveram no seu livro Sacred Sexuality (1995):
É difícil duvidar que os ensinamentos alquímicos escondam segredos sexuais mágicos, que estavam estreitamente aliados ao conhecimento tântrico. Devido à sua complexidade e diversidade, a alquimia certamente envolveu outros mistérios em alegoria poética, a qual apenas, a mente dos iniciados conseguia decifrar.

Um dos muitos autores franceses que escrevem sobre este tema, André Nataf, afirma que «[...] o segredo que a maioria dos alquimistas perseguia era um segredo erótico [...] a alquimia é simplesmente a conquista do amor, uma "liga" de erótico e espiritual».
Há muito que o tantrismo e o taoísmo são reconhecidos como as condutas da sexualidade sagrada da tradição oriental, mas não existiu uma tradição tão bem definida e facilmente detectável no Ocidente - a não ser que fosse conhecida simplesmente por alquimia.
As imagens sexuais dos textos alquímicos parecem demasiado banais a esta era pós- freudiana: a Lua

diz ao seu esposo, o Sol: «Oh, Sol, não fazes nada sozinho, se eu não estiver presente com a minha força, tal como um galo nada pode fazer sem uma galinha.» As experiências químicas revestem a forma de «casamentos» ou «cópulas», tal como foi denominado o panfleto The Chemical Wedding de Johann Valentin Andraea.

Certamente que estas imagens podiam ser simplesmente literais: sendo exactamente uma «cópula» e não havendo nenhum segredo oculto no simbolismo alquímico. Contudo, as palavras eram cuidadosamente escolhidas para transmitir instruções complexas, abrangendo um significado tanto sexual como químico. Essencialmente, os textos alquímicos continham lições de magia sexual e de química, simultaneamente.

Curiosamente, dado o óbvio tom sexual de grande parte da actividade, a idéia-padrão histórica da alquimia era a de uma actividade apenas química e que todo o simbolismo era apenas fantasia. Isto deve-se ao fato de não existir organização onde enquadrar toda a idéia da alquimia sexual, antes de os mistérios do Oriente serem mais largamente divulgados. Atualmente, no entanto, não temos esse problema, e este conceito está rapidamente a conquistar aceitação.

Barbara Graal Waiker capta o significado subjacente da alquimia:

Parte do segredo é revelado pela preponderância do simbolismo sexual da literatura alquímica. A «cópula de Atena e Hermes» podia significar

misturar enxofre [sic] e mercúrio numa retorta; ou podia significar a «atividade» sexual do alquimista e da sua namorada. As ilustrações dos livros alquímicos sugerem, com maior frequência, misticismo sexual. Mercúrio, ou Hermes, era o herói alquímico que fertilizava o Vaso Sagrado, uma esfera ou ovo, em forma de ventre, do qual nasceria o filium philosophorum. Este vaso pode ter sido real, um frasco ou uma retorta de laboratório; com maior frequência, parecia ser um símbolo místico. Dizia-se que o Diadema Real desta descendência aparecia no menstro meretricis, «no fluxo menstrual de uma prostituta», que podia ter sido a Grande Prostituta, um antigo epíteto da deusa [...]».

Walker, no entanto, engana-se quando passa a sugerir que, na busca do vas hermeticum - o Vaso de Hermes -, os alquimistas o identificavam com o vas spirituale, o Vaso ou Ventre Espiritual, da Virgem Maria. Porque, qual é a outra Maria que, habitualmente, é representada levando um vaso ou um jarro? Tradicionalmente, quem é representada envergando um vestido escarlate ou envolta no seu longo cabelo ruivo? Que outra Maria está associada à ideia de prostituição e sexualidade? Mais uma vez, encontramos a Virgem Maria como disfarce do culto secreto de Madalena. Atualmente, falamos de «química sexual», mas para os alquimistas este conceito tinha um significado muito mais profundo do que a idéia de atração imediata. Na revista esotérica francesa

L'Originel, Denis Labouré, uma autoridade em ocultismo, discute a noção de alquimia «interna» em oposição à alquimia «metálica» e o seu paralelismo com o tantrismo, mas insiste em que ela faz parte de uma «herança tradicional ocidental» (o itálico é nosso) e afirma:

Se a alquimia interna é bem conhecida do tantrismo ou do hinduísmo, os constrangimentos históricos [isto é, a Igreja] obrigaram os autores ocidentais a usar da maior prudência. No entanto, certos textos fazem claras alusões a esta alquimia.

Labouré passa a citar um tratado de Cesar della Riviera, datado de 1605, e acrescenta:

Na Europa, os rastos destes antigos ritos [sexuais] passam pelas escolas gnósticas, pelas correntes alquímicas e cabalísticas da Idade Média e da Renascença - quando numerosos textos alquímicos podiam ser lidos a dois níveis - até que os voltamos a encontrar nas organizações ocultistas, formadas e organizadas, sobretudo na Alemanha, no século XVII.

De fato, o uso do simbolismo «metalúrgico» remonta ao próprio começo da alquimia, na Alexandria do 1.°-3.° século. Metáforas metalúrgicas de sexo encontram-se nos encantamentos mágicos e um egípcios; os alquimistas limitaram-se a adotar as imagens. Este é um exemplo de um encantamento

amoroso, atribuído a Hermes um Trismegisto, que remonta, no mínimo, ao 1.° século a.C. e que se centra no forjamento simbólico de uma espada:

Tragam-ma [a espada], temperada com o sangue de Osíris, e coloquem-na na mão de Ísis [...] que tudo o que se forja nesta fornalha de fogo seja instilado no coração e fígado, nos rins e ventre de [o nome da mulher]. Conduzi-a à casa de [o nome do homem] e que ela ponha na mão dele o que está na mão dela, na boca dele o que está na boca dela, no corpo dele o que está no corpo dela, no seu bastão o que está no ventre dela.

A alquimia, tal como era praticada pela rede secreta medieval, nasceu no Egito dos primeiros séculos da era cristã. Ísis desempenhava um papel importante na alquimia daquela época. Num tratado intitulado Ísis, a Profetisa de seu filho Hórus, Ísis relata como obteve «de um anjo e profeta» os segredos da alquimia, através dos seus ardis femininos. Encorajou-o a alimentar o seu desejo por ela, até não poder ser contido, mas recusou entregar-se-lhe antes que ele lhe revelasse os seus segredos - uma clara referência à natureza sexual da iniciação alquímica. (Evoca a história do papa Silvestre II e Meridiana, discutida no Quarto Capítulo, em que ele obtém o seu conhecimento alquímico através do acto sexual com este arquétipo de figura feminina.)
Outro tratado primitivo, atribuído a uma alquimista, de nome Cleópatra - uma iniciada da

escola fundada pela lendária Maria, a Judia -, contém imagens sexuais explícitas: «Compreender a realização da arte na união da noiva e do noivo e na sua transformação num só.» É notavelmente semelhante a um texto gnóstico contemporâneo, que regista o seguinte:
Quando o homem atinge o momento supremo e a semente brota, nesse momento a mulher recebe a força do homem, e o homem recebe a força da mulher [...] É por este motivo que o mistério da união corporal é praticado em segredo, para que a conjunção da natureza não seja degradada por ter sido observada pela multidão que desprezaria a prática.

Os primitivos textos alquímicos estão saturados de simbolismo que sugere as técnicas secretas da sexualidade sagrada, provavelmente provenientes do equivalente egípcio do tantrismo e do taoísmo. A existência desta tradição é revelada no texto conhecido por Papiro Erótico de Turim (onde ele agora se encontra), o qual há muito é considerado um exemplo da pornografia egípcia. Novamente, no entanto, esta reacção é um exemplo primordial da má interpretação académica do Ocidente: o que é considerado pornográfico era, de facto, um rito religioso. Alguns dos mais sagrados ritos egípcios eram de natureza sexual - por exemplo, uma observância religiosa diária do faraó e da sua consorte implicava, provavelmente, que ele fosse masturbado por ela. Este ritual era a reencenação simbólica da criação do Universo pelo deus Ptá, a

qual ele realizara por processos semelhantes. As imagens religiosas dos palácios e dos templos representavam, de forma inequívoca, este acto; no entanto, ele foi considerado tão ultrajante pelos arqueólogos e pelos historiadores que apenas recentemente o seu significado foi reconhecido - e, mesmo assim, o tema ainda é discutido em tons hesitantes e apologéticos. É evidente que o Ocidente tem um longo caminho a percorrer até alcançar a total aceitação egípcia do sexo como um sacramento.

Esta relutância em aceitar o significado que o sexo tinha para os antigos não é um fenómeno novo. Para os eruditos do 1.º e 2.° séculos, o tema não era um problema, mas, como observa Jack Lindsay, no século VII, o simbolismo sexual das obras alquímicas é tratado de um «modo secretamente alusivo».

Assim, desde o início, a alquimia ocidental tem uma faceta fortemente sexual. Devemos acreditar que, na Idade Média, esta profunda e influente tradição se extinguira totalmente?

Algumas das primeiras seitas gnósticas - como os carpocratianos de Alexandria - praticavam ritos sexuais. Não é surpreendente que fossem declarados degradantes e repugnantes pelos padres da Igreja, e, na falta de registros menos hostis, não há maneira de saber exactamente que forma esses ritos revestiam.

Ao longo da história da Cristandade, surgiram seitas «heréticas» que incorporavam uma atitude mais libertária relativamente ao sexo, mas foram

invariavelmente condenadas e eliminadas - por exemplo, dizia-se que os irmãos e irmãs do Egito Livre, também conhecidos por adamitas, praticavam um «segredo sexual» que remontava aos séculos XIII e XIV. A filosofia dos adamitas teve uma notável influência no panfleto Schwester Katrai - que, como vimos, inclui provas de familiaridade com o retrato de Maria Madalena esboçado pelos Evangelhos gnósticos -, e a autora parece ter sido membro desta seita.
Outro grupo implicado no misticismo erótico - embora não conhecido como seita religiosa - era o dos trovadores, os famosos cantores do culto do amor do sudoeste de França cujos equivalentes alemães eram os minnesingers - sendo Minne uma mulher idealizada ou deusa. O amor do cavaleiro pela sua dama reflete uma devoção e uma reverência pelo Princípio Feminino. E o conteúdo dos poemas - um misto de «espiritualidade e carnalidade» - pode ser considerado uma série de alusões veladas à sexualidade sagrada. Mesmo a académica Barbara Newman, ao resumir esta tradição, não pôde fugir a usar uma linguagem evocativa da sexualidade sagrada:

[...] um jogo erótico, com uma espantosa variedade de mudanças: o poeta podia transformar-se na noiva de um deus ou no amante de uma deusa ou fundir-se totalmente com a amada e tomar-se divino [...].

Grande parte da tradição do amor cortês implica a

compreensão de técnicas específicas, por exemplo, a da maithuna, a retenção deliberada do orgasmo, para induzir sensações de beatitude e conhecimento místico.
Como afirma Peter Redgrove, autor e poeta britânico:

É possível reconstituir toda uma tradição de maithuna (sexualidade visionária tântrica) na literatura do conto medieval de cavalaria?

Os trovadores adotaram a rosa como símbolo, talvez porque o seu nome (em francês e em inglês) é um anagrama de Eros, o deus do amor erótico. Também existe a possibilidade de que a sua «onipresente» senhora - aquela que devia ser obedecida, embora a casta distância - se destinasse a ter outro significado, a nível esotérico, como sugere o nome alemão de minnesinger.
O arquétipo desta senhora não podia ter sido a Virgem Maria porque, embora a rosa fosse conhecida como seu símbolo, na Idade Média, o seu culto não precisava de se ocultar em códigos. Além disso, a flor mais descritiva das suas qualidades não era a rosa erótica, mas o mais sugestivo lírio do Oriente: belo, mas austero, sem nenhuma sugestão de carnalidade. Então, quem mais podiam celebrar as canções dos trovadores? Quem mais era uma «deusa», muito amada pelos grupos heréticos dessa época? Quem mais senão Maria Madalena?
As grandes rosáceas das catedrais góticas estão

sempre voltadas para Ocidente - tradicionalmente, a direcção consagrada às divindades femininas - e nunca estão longe de um santuário da Madonna (minha senhora) Negra. E, como vimos, estas enigmáticas estátuas são deusas pagãs, sob outra roupagem, uma personificação da antiga celebração da sexualidade feminina.
Além das rosáceas sagradas, as catedrais góticas também contêm outras imagens pagãs - por exemplo, o simbolismo da teia de aranha/labirinto de Chartres e de outras catedrais é uma referência directa à Grande Deusa, na sua manifestação de fiandeira e senhora do destino do Homem, mas muitas outras igrejas também contêm inúmeras imagens femininas. Algumas delas são tão vivas que, uma vez interpretadas, podem alterar a impressão que os cristãos têm das suas igrejas. Por exemplo, as grandes portas góticas, que gerações de cristãos atravessaram tão inocentemente, representam, na realidade, a parte mais íntima da deusa. Atraindo o crente as seu interior escuro e semelhante a um ventre, as portas são esculpidas em arestas afuniladas e quase sempre ostentam um botão de rosa, semelhante a um clítoris, no topo do arco. Uma vez no interior, o crente católico pára junto a uma pia da água benta, quase sempre representada por uma concha gigantesca, símbolo da natividade da deusa - como Botticelli, suposto grão-mestre do Priorado de Sião, imediatamente antes de Leonardo, tão espantosamente a representou em O Nascimento de Vênus. (E a concha de caurim,

outrora símbolo dos peregrinos cristãos, é reconhecida como sendo o símbolo clássico da vulva.) Todos estes símbolos foram deliberadamente empregues pelos adeptos do Princípio Feminino, e, embora comuniquem a nível subliminar, têm um efeito perturbador sobre o inconsciente. Aliados à grande sonoridade da música, à luz das velas e ao aroma do incenso, não admira que, outrora, a ida à igreja inspirasse um fervor tão peculiar!

Para os iniciados nos mistérios, o Feminino era um conceito carnal, místico e religioso simultaneamente. A sua energia e poder provinham da sua sexualidade, e a sua sabedoria - por vezes conhecida por «sabedoria da prostituta» - provinha de um conhecimento da «rosa», eros.

Segundo o ditado, «saber é poder», e segredos desta natureza exercem um poder sem igual, constituindo, por isso, uma ameaça única à Igreja de Roma e a todos os matizes de opinião católica. O sexo era - e, em muitos casos, ainda é - considerado aceitável apenas entre aqueles cuja união tinha probabilidades de resultar em procriação. Por esta razão, não existe conceito cristão de sexo apenas por prazer, para não referir a idéia - como no tantrismo ou na alquimia - de que ele possa proporcionar iluminação espiritual. (E, enquanto a Igreja Católica notoriamente proíbe a contracepção, outros grupos vão mais longe: por exemplo, os mórmones reprovam o sexo após a menopausa.)

O que todas estas regras inibitórias realmente

pretendem, no entanto, é o controlo das mulheres. Elas devem aprender a encarar o sexo com apreensão - ou porque é triste, o seu dever conjugal e nada mais, ou porque conduz, inevitavelmente, às dores do parto. Esta ideia era central no modo como as mulheres eram encaradas pela igreja, e pelos homens, em geral, ao longo dos séculos: se as mulheres perdessem o receio do parto, sem dúvida que o caos se instalaria.

Um dos principais motivos que inspirou as atrocidades da caça às bruxas foi o ódio e o medo das parteiras, cujo conhecimento do modo de aliviar as dores do parto era considerado uma ameaça para a civilização decente: Kramer e Sprenger, autores do infame Malleus Maleficarum - o manual dos caçadores de bruxas europeus - escolheram particularmente as parteiras como sendo merecedoras do pior tratamento possível às suas mãos. O terror da sexualidade feminina terminou com centenas de milhares de mortos, a maioria deles mulheres, ao longo de três séculos de julgamentos de feitiçaria.

Desde a época misógina dos primeiros padres da Igreja, quando ainda se duvidava de que as mulheres tivessem alma, tudo foi feito para as fazer sentir profundamente inferiores, a todos os níveis. Não lhes ensinavam apenas que eram pecaminosas, em si mesmas, mas que também eram a maior - por vezes, a única - causa de pecado do homem. Aos homens era ensinado que, ao sentirem genuíno desejo sexual, estavam

apenas a reagir às artimanhas diabólicas da mulher, que os enfeitiçava e os atraía para actos que, de outro modo, eles nunca teriam considerado. Uma expressão extrema desta atitude encontra-se na idéia da Igreja medieval de que uma mulher violada era responsável não só por provocar o ato contra si mesma mas também pela perda da alma do violador - perda que a mulher teria de reparar no Dia do Juízo Final.
Como escreve R. E. I. Masters:

Quase toda a culpa do horrível pesadelo que foi a mania das bruxas, e a maior parte da responsabilidade pelo envenenamento da vida sexual do Ocidente, cabe inteiramente à Igreja Católica romana.

A Inquisição - que fora criada para resolver o problema dos cátaros - adaptou-se facilmente ao seu novo papel de caçadora de bruxas, torturadora e assassina, embora os protestantes também aderissem com prazer. É significativo que o primeiro julgamento por feitiçaria se realizasse em Toulouse, quartel-general da Inquisição anti-cátaros. Foi apenas rancor por algum tipo de catarismo residual que conduziu a este julgamento crucial, ou foi um sintoma do medo que as mulheres do Languedoc provocavam aos Inquisidores, obcecados pelo sexo?
Subjacente ao ódio e ao medo das mulheres, estava o conhecimento de que elas tinham uma capacidade única para sentir prazer sexual. Os

homens medievais podiam não ter beneficiado da actual educação anatómica, mas a investigação pessoal não podia ter deixado de revelar a existência do órgão, curiosamente ameaçador, o clítoris. Essa pequena protuberância, tão inteligentemente - embora subliminarmente - celebrada como o botão de rosa, no topo dos arcos góticos, é o único órgão humano cuja função é unicamente dar prazer. As implicações deste facto são, e sempre foram, enormes e estão no âmago de toda a supressão patriarcal, por um lado, e de todos os ritos sexuais tântricos e místicos, por outro. O clítoris, que ainda hoje não é considerado um tema adequado a discussão, revela que as mulheres se destinavam a ser sexualmente extáticas, talvez ao contrário dos homens, cujo órgão sexual tem a dupla função de urinário e reprodutor.
Contudo, a tradição misógina do patriarcado judaico-cristão teve tanto sucesso que apenas no século XX se tornou aceitável, no Ocidente, a idéia de que as mulheres têm prazer sexual, e, ainda hoje, não é este o caso no que diz respeito à Igreja. Embora seja verdade que a desigualdade sexual e a hipocrisia não sejam criações exclusivas das três grandes religiões patriarcais, cristianismo, judaísmo e islamismo - basta observar o costume indiano de queimar a esposa -, no entanto, a ideia de que o sexo é inerentemente sujo e vergonhoso é uma tradição ocidental. E, em qualquer parte que esta atitude prevaleça, haverá sempre o tipo de desejo reprimido e de culpa que,

inevitavelmente, darão origem a crimes contra as mulheres, talvez mesmo a manias de feitiçaria. O ambiente puritano do Ocidente e o seu ódio e medo do sexo deixaram um terrível legado até ao fim do milénio, sob a forma de espancamento da esposa, pedofilia e violação. Porque, onde quer que o sexo seja olhado com desconfiança, o parto e as crianças também serão considerados intrinsecamente condenáveis, e os filhos serão vítimas de violência, tal como as mães.
O algo contraditório e irascível Jeová do Antigo Testamento criou Eva - e, manifestamente, teve ocasião de se arrepender.
Quase logo que «nasceu», ela revelou uma capacidade para pensar por si própria que ultrapassava muito a de Adão. Eva e a «serpente» formaram uma equipa poderosa: o que não é de admirar porque as serpentes eram o antigo símbolo de Sophia, representando a sabedoria e não a maldade. Mas ficou Deus satisfeito porque a mulher, que criara, mostrou iniciativa e autonomia ao comer da Árvore do Conhecimento - querendo aprender? Depois de ter revelado uma curiosa falta de previsão, relativamente às capacidades de Eva, especialmente para um omnipotente e omnisciente criador de universos, Deus condenou-a a uma vida de sofrimento, começando, deve observar-se, com a maldição da costura... (Porque ela e o infeliz Adão tiveram de fazer tangas de folhas de figueira para cobrir a sua nudez.) Assim, Adão e Eva conheceram a ideia de vergonha dos seus corpos e da sua sexualidade. Bizarramente,

somos levados a concluir que foi próprio Deus que ficou horrorizado com a visão da carne nua, o próprio Este mito simplista serviu de justificação retrospectiva para a degradação das mulheres e desencorajou o alívio das agonias ginecológicas e do parto. Negou voz às mulheres durante milhares de anos - e aviltou, degradou e mesmo diabolizou o acto sexual, que deveria ser jubiloso e mágico. Substituiu o amor e o êxtase pela vergonha e pela culpa e inculcou um medo neurótico de um Deus masculino que, aparentemente, se odiou tanto que abominou a sua melhor criação - a Humanidade.

Desta história perniciosa nasceu o conceito do pecado original, que condena até os recém- nascidos inocentes ao Purgatório; até recentemente, envolveu o espantoso milagre do nascimento num manto de embaraço e superstição e eliminou o poder único da mulher - que, evidentemente, foi a razão pela qual, em primeiro lugar, esta história foi inventada.

Embora, na nossa cultura, ainda exista um medo e uma ignorância espantosos em relação ao sexo, as coisas estão muito melhores do que estavam mesmo há dez anos atrás. Vários livros importantes abriram novas perspectivas - ou talvez renovassem antigas perspectivas. Entre eles encontram-se The Art of Sexual Ecstasy de Margo Anand (1990) e Sacred Sexuality de A. T. Mann e Jane Lyle (1995); ambos celebram o sexo como meio de iluminação e transformação espirituais.

Como vimos, outras culturas não sofrem do mesmo

problema (a não ser que fossem contaminadas pelo pensamento ocidental). E, em certas culturas, o sexo era julgado superior a uma arte: era considerado um sacramento - algo que habilitava os participantes a identificarem-se com o Divino. É esta a raison d'être do tantrismo, o sistema místico de união com os deuses, através de técnicas sexuais como a Karezza ou a obtenção da felicidade, sem orgasmo. O tantrismo é a «arte marcial» da prática sexual, implicando uma preparação espantosamente disciplinada e demorada, tanto para homens como para mulheres - sendo ambos considerados iguais.

A arte do tantrismo, no entanto, não é exclusiva do mundo exótico do Oriente. Actualmente, surgem escolas de tantra em Londres, Paris e Nova Iorque, embora o extremo rigor da arte afaste muitas pessoas; por exemplo, são necessários meses para aprender a respirar de modo correto. Mas o uso do sexo, como sacramento, não é novo no Ocidente.

Já vimos que as raízes da alquimia eram de natureza sexual e que o culto da rosa, praticado pelos trovadores, pode ser interpretado como a veneração de eros. Constatámos que os construtores das grandes catedrais, como a de Chartres, investiram fortemente no símbolo da rosa vermelha e ergueram santuários das Madonas Negras, com todas as suas poderosas associações pagãs.

Também podemos considerar que o Graal, como taça, é um símbolo feminino, e - numa atitude excepcionalmente gritante - , na história de Tristão

e Isolda, o grande herói do Graal, Tristão, muda o seu nome para tantris...
De fato, o romancista Lindsay Clarke descreve a poesia amorosa dos trovadores como os «textos tântricos do Ocidente».
Nas lendas do Graal, a maldição da Terra é devida à perda da potência sexual do rei, simbolizada, muitas vezes, por ter sido «ferido na coxa». Em Parsifal de Wolfran, ela é mais explícita; a ferida é nos órgãos genitais. Isto tem sido considerado como uma resposta à repressão da sexualidade natural, por parte da Igreja". A consequente estagnação espiritual só pode ser afastada por uma demanda do Graal, o qual, como vimos, está sempre especificamente associado às mulheres. Uma pintura italiana do século XV, que representa os cavaleiros do Graal a adorar Vênus (consultar a primeira secção de ilustrações), não deixa margem para dúvida quanto à verdadeira natureza dessa busca.
O que é sublinhado, nas lendas do Graal e na tradição do amor cortês dos trovadores, é a elevação espiritual das mulheres e o respeito por elas. É significativo, como sugerimos, que os dois ramos desta tradição tivessem, no mínimo, algumas das suas raízes no sudoeste da França.
A maior parte dos investigadores modernos pensam que o tantrismo chegou à Europa através do contacto com a seita mística islâmica dos sufis, que introduziram ideias da sexualidade sagrada nas suas crenças e práticas. É inegável que há um estreito paralelo entre as formas de linguagem

usada pelos trovadores e pelos sufis para expressar estas ideias. Mas o tantrismo enraizou-se na Provença e no Languedoc porque já existia uma tradição semelhante naquela área? Já vimos que o Languedoc tinha a tradição de apoiar a igualdade das mulheres. E quando a mania da bruxaria lançou a sua primeira sombra em Toulouse, o que se esperava, de facto, erradicar? De novo nos confrontamos com a personificação daquele culto do amor - Maria Madalena.
Outra mulher que avaliou o potencial místico do sexo foi St.ª Hildegard de Bingen (1098- 1179), relativamente desconhecida, até há pouco tempo. Como escrevem Mann e Lyle:

Grande visionária, Hildegard escreveu acerca de uma figura feminina, uma imagem inconfundível da deusa, que lhe surgiu durante uma profunda meditação: «Então, pareceu- me ver uma rapariga de incomparável beleza, cujo rosto irradiava um brilho tão esplendoroso que não pude contemplá-lo integralmente. Usava um manto mais branco que a neve, mais brilhante que as estrelas, e os sapatos eram de ouro puro. Na mão direita sustentava o Sol e a Lua, e acariciava-os com amor. No peito, tinha uma placa de marfim, na qual, em tons de safira, estava representada a imagem de um homem. E toda a criação chamava esta rapariga de senhora soberana. A rapariga começou a falar para a imagem que tinha sobre o peito: «Estava contigo desde o princípio, no alvorecer de tudo o que é sagrado, dei-te à luz

antes do nascer do dia.» E ouvi uma voz que me dizia: «A rapariga que contemplas é o Amor; a sua morada é na Eternidade.» Hildegard, como todos os amantes corteses medievais, acreditava que os homens e as mulheres podiam atingir a divindade através do amor recíproco, de modo que «toda a Terra se assemelhasse a um único jardim de amor». E este amor deveria ser total, uma expressão completa de união que envolvia o corpo e a alma, porque, segundo as suas palavras: «É o poder da própria eternidade que criou a união física e decretou que dois seres humanos se transformassem fisicamente num só.»

Hildegard era uma mulher notável: imensamente instruída, especialmente em assuntos médicos. O seu grau de educação é inexplicável - ela própria o atribui às suas visões. Talvez seja uma alusão velada a alguma escola de mistério ou a um idêntico repositório de conhecimento. Curiosamente, muitos dos seus escritos revelam familiaridade com a filosofia hermética.

Esta famosa abadessa também escreveu descrições pormenorizadas - e exatas - do orgasmo feminino, incluindo contrações uterinas. Parece que o seu conhecimento era mais do que teórico, o qual, segundo se afirma, era invulgar numa santa. Quaisquer que fossem os segredos da sua formação interior, ela teve uma grande influência em S. Bernardo de Clairvaux, patrono e inspirador dos Templários.

Estes guerreiros-monges podiam parecer constituir uma forte objeção à idéia de uma continuada

tradição secreta de um culto herético do amor. Ostensivamente celibatários (embora existissem persistentes rumores de uma larga prática de homossexualidade templária), parece improvável que eles fossem, no mínimo, expoentes práticos de uma filosofia que celebrava a sexualidade feminina. Mas existem claras indicações dessa ligação na obra de um dos seus mais devotados apoiantes - o grande poeta florentino Dante Alighieri (1265-1321).

Há muito que se reconheceu que os seus escritos contêm temas gnósticos e herméticos - por exemplo, no século passado, Eliphas Lévi descreveu o Inferno de Dante como sendo «joanino e gnóstico».

O poeta foi directamente inspirado pelos trovadores do sul de França e foi membro de uma sociedade de poetas, que se intitulam os fidele d'amore - «os fiéis seguidores do amor». Considerados, durante muito tempo, um círculo estético, os eruditos modernos começaram a descobrir que eles foram inspirados por motivações mais secretas e esotéricas.

O respeitado acadêmico William Anderson, no seu estudo Dante The Maker, descreve os fidele d'amore como uma itmandade secreta, empenhada em alcançar a harmonia entre o lado sexual e emocional das suas naturezas e as suas aspirações intelectuais e mística. Anderson apoia-se nas investigações de eruditos franceses e italianos, que concluíram que «as damas que todos estes poetas veneravam não eram mulheres

de carne e osso, mas que todas elas eram máscaras do ideal feminino, Sapientia ou Sabedoria Sagrada» e que a Senhora destes poemas era... uma alegoria da Sabedoria Divina, que também era desejada.
Anderson - assim como seu colega Henry Corbin - considera o caminho espiritual de Dante como a busca da iluminação através do misticismo sexual, tal como fizeram os trovadores. Henry Corbin afirma:

Os fidele d'amore, companheiros de Dante, professam uma religião secreta [...] a união que conjuga o possível intelecto da alma humana com a Inteligência Ativa [...] Anjo de conhecimento, ou Sophia-Sabedoria, é visualizado e experimentado como uma união de amor.

Mais notável, no entanto, é a ligação que Dante e os seus colegas místicos apresentam com os Templários. Foi um dos seus mais entusiásticos apoiantes, mesmo após a sua extinção, quando era desaconselhável estar ligado a eles. Na sua Divina Comédia, Dante estigmatiza Filipe, o Belo, como o «novo Pilatos», pelos seus atos contra os Cavaleiros. O próprio Dante é considerado como tendo sido membro de uma ordem Templária terciária, denominada La Fede Santa. Estas ligações são demasiado sugestivas para serem ignoradas - talvez Dante não fosse a exceção, mas a regra, dos Templários, que estavam envolvidos num culto do amor.

Anderson afirma:

Em face disto, os Templários, como ordem militar celibatária, pareceriam ser o canal de comunicação mais improvável para os temas dedicados a louvar as belas damas. Por outro lado, os Templários estavam impregnados da cultura do Oriente e muitos podem ter contactado com as escolas dos sufis [...]

Anderson passa a resumir as conclusões de Henry Corbin:

A ligação entre Sapientia [Sabedoria] e as imagens do Templo de Salomão, juntamente com as suas associações com a peregrinação do Grande Círculo, levam a colocar a hipótese de uma ligação entre os fidele d'amore e os Cavaleiros Templários, a ponto de os considerar uma confraria leiga da Ordem.
Juntamente com as provas revolucionárias descobertas por investigadores como Niven Sinclair, Charles Bywaters e Nicole Dawe, isto sugere insistentemente que, no mínimo, a ordem interna dos Cavaleiros fazia parte de uma tradição secreta que venerava o Princípio Feminino.
Do mesmo modo, o controverso ramo dos Templários - Priorado de Sião - sempre teve membros femininos, e a lista dos seus grão-mestres inclui quatro mulheres, o que é particularmente estranho no período medieval, quando se esperaria que o sexismo estivesse no

seu auge. Como grão-mestres, estas mulheres teriam possuído um verdadeiro poder - e, sem dúvida, este papel exigia alto nível de integridade e a capacidade para conciliar interesses e egos contraditórios, a vários níveis. Embora pareça estranho que as mulheres tenham estado ao leme de uma organização supostamente tão poderosa numa época em que a literacia feminina não era, de modo algum, comum parece menos peculiar no contexto de uma tradição secreta de adoradores da deusa.

Servindo de base a muitas das escolas de mistério posteriores, estavam os rosacrucianos, cujo interesse no misticismo sexual está presente no seu próprio nome: a conjugação da cruz fálica e da rosa feminina. Este símbolo de união sexual evoca a antiga cruz fendida dos egípcios (ankh): sendo a vertical o falo, e a fenda, em forma de amêndoa, a vulva. Os rosacrucianos, com o seu misto de sabedoria alquímica e gnóstica, compreenderam inteiramente os princípios subjacentes, como explicava o rosacruciano do século XVII, o alquimista Thomas Vaughan: «[...] a própria vida não é mais do que uma união dos princípios masculino e feminino, e aquele que compreender perfeitamente este segredo sabe... usar uma esposa...» (Recordemos a enorme rosa, aos pés da cruz, no mural de Cocteau, em Londres - uma clara alusão rosacruciana. E, curiosamente, a imagem rosacruciana encontra-se no túmulo templário de Sir William St. Clair...) Mesmo que existam, como vimos, evidências de que os

Templários, os alquimistas e o Priorado de Sião fossem especiais devotos de um culto do amor, parece haver poucas possibilidades de que esta linha de filósofos herméticos, decididamente masculina, tivesse qualquer ligação com uma organização feminina - ou talvez feminista. Aqui, também a sua imagem superficial é enganadora.
O próprio Leonardo tem sido considerado como um misógino homossexual, e é verdade que ele manifestou pouco amor pelas mulheres, tanto quanto sabemos. A mãe, a misteriosa Catarina, parece tê-lo abandonado na primeira infância, embora, muitos anos mais tarde, tenha vivido junto dele, até ao fim da vida - é certo que Leonardo tinha uma governanta, a quem se referia, ironicamente, por «La Caterina» e cujo funeral ele pagou. Leonardo pode ter sido homossexual, mas isso nunca impediu a adoração dos homens pelo Princípio Feminino - muitas vezes, é exatamente o contrário. Os ícones homossexuais são, classicamente, mulheres fortes e enérgicas, que tiveram vidas traumáticas - tal como Maria Madalena e a própria Ísis. Além disso, sabe-se que Leonardo era muito íntimo de Isabella d'Este, uma mulher inteligente e educada. Embora seja levar a especulação demasiado longe, sugerir que ela fosse membro do Priorado ou de alguma escola secreta «feminista», essa familiaridade pode implicar que, no mínimo, Leonardo aprovava a literacia feminina.
O hermético florentino Pico della Mirandola dedicou muitas palavras ao tema do poder

feminino. O seu livro La Strega (A Bruxa) narra a história de um culto italiano baseado em orgias sexuais e presidido por uma deusa. E, o que é mais significativo, ele compara esta deusa à «Mãe de Deus».

Mesmo Giordano Bruno, notoriamente masculino, estava profundamente envolvido com o feminino. Durante a sua estada em Inglaterra, entre 1583 e 1585, Mirandola publicou vários livros que delineavam a filosofia hermética que se encontra em qualquer compêndio de História. Contudo, o que é habitualmente ignorado é o fato de ele também ter publicado um livro de apaixonada poesia amorosa intitulado De gli eroico furori (Do Furor Heróico), dedicado ao seu amigo e patrono Sir Philip Sidney. Não é um hino a um entusiasmo passageiro nem um mero vislumbre da vida secreta, até então desconhecida, de um galanteador. Embora se reconheça que esta poesia tem um nível mais profundo, muitas autoridades consideram que ela é apenas uma expressão alegórica de vivência hermética. Na realidade, o amor expresso nestas obras não era alegórico, mas literal.

O furori do título é, para citar Frances Yates: «Uma experiência que torna o amor "divina e heróica" e que se pode comparar ao transe do furor do amor apaixonado.» Por outras palavras o que observamos, mais uma vez, é um conhecimento dos poderes transmutacionais do sexo.

Nestes poemas, Bruno referia-se a um estado alterado de conhecimento consciente, no qual o

hermético se apercebe da sua potencial divindade. Esta percepção é expressa como o êxtase da completa união com a outra metade. Como afirma Dame Frances: «[...] penso que o verdadeiro objetivo da vivência religiosa de Eroici furori é a gnose hermética, é a poesia de amor místico do homem mago, que foi criado divino, com poderes divinos, em vias de voltar a ser divino, com poderes divinos».
Contudo, considerando a tradição que Bruno seguia, é evidente que estes sentimentos não eram apenas metafóricos. Esta insistência na iluminação através do sexo era parte integral da filosofia e da prática herméticas. O conceito de sexualidade sagrada está totalmente de acordo com as palavras do próprio Hermes Trismegisto, em Corpus Hermeticum: «Se odiares o teu corpo, meu filho, não te podes amar a ti mesmo.» Herméticos, como Marsilio Ficino, identificaram quatro estados de conhecimento alterado, nos quais a alma se reúne com o Divino, cada um deles associado a uma figura mitológica: a inspiração poética, sob a proteção das musas; o entusiasmo religioso, associado a Dionísio; o transe profético, sob a protecção de Apolo; e todas as formas de amor intenso, sob a proteção de Vênus. Este último é o clímax, em todos os sentidos, porque é nele que a alma, na realidade, alcança a reunião com o Divino. Curiosamente, os historiadores sempre interpretaram literalmente os primeiros três destes estados alterados, mas optaram por interpretar o último, o rito de Vénus,

como simples alegoria ou um género de amor impessoal ou espiritual. Mas, se fosse esse o caso, os herméticos dificilmente o associariam a Vênus! O aparente recato dos historiadores, relativamente a este ponto, deve-se à ignorância generalizada da tradição secreta. Este é outro exemplo de conceitos, outrora considerados obscuros e que se tornam claros como cristal logo que a ideia de sexualidade sagrada é tomada em consideração.

O grande mágico hermético Cornélio Agripa (1486-1535) torna a questão mais explícita. Na sua obra clássica De oculta philosophia, Agripa escreveu: «Quanto ao quarto furor, proveniente de Vênus, transforma e transmuta o espírito do homem num deus, pelo ardor do amor, e torna-o inteiramente semelhante a Deus, como verdadeira imagem de Deus.» É de notar o uso do termo alquímico transmuta, que é geralmente tomado como referência à preocupação tola e fútil de tentar transformar chumbo em ouro. Aqui, no entanto, o que se procura é um bem precioso, de género muito diferente. Agripa também sublinha que a união sexual está «cheia de dons mágicos». O lugar de Agripa, nesta tradição herética, não devia ser subestimado. O seu tratado De nobilitate et praecellentia foeminei sexus (Da Nobreza e Superioridade do Sexo Feminino), que foi publicado em 1529, mas baseado na sua dissertação de vinte anos antes, é muito mais que um apelo, notavelmente moderno, aos direitos das mulheres. Esta espantosa obra de Agripa foi

menosprezada, até há muito pouco tempo, por uma razão lamentavelmente previsível. Porque advogava a igualdade de sexos - defendendo mesmo a ordenação de mulheres -, foi interpretada como sátira! É uma mancha sinistra na nossa cultura que esta obra veemente, a favor das mulheres, fosse considerada como um gracejo. Mas parece claro que Agripa não estava a gracejar.
Não defendia apenas a causa do que chamaríamos os direitos das mulheres - que o seu estatuto político fosse redefinido -, mas tentava transmitir o princípio que inspirou essa campanha. A professora Barbara Newman, da Universidade de Northwest, Pensilvânia, no seu estudo deste panfleto, escreve:

[...] mesmo um leitor compreensivo não podia ter a certeza se Agripa apelava a uma Igreja sem discriminação de sexos e com igualdade de oportunidades ou a uma forma de culto da mulher.

Newman e outros eruditos investigaram as várias raízes da inspiração de Agripa, as quais incluíam a cabala, a alquimia, o hermetismo, o neoplatonismo e a tradição trovadoresca. E, de novo, a busca de Sophia é citada como sendo uma influência importante.
Seria um erro pensar que Agripa apenas defendia o respeito e a igualdade das mulheres. Ele foi muito mais longe. Na sua perspectiva, a mulher

devia ser literalmente venerada:

Ninguém, que não seja completamente cego, pode deixar de ver que Deus reuniu toda a beleza de que o mundo inteiro é capaz na mulher, de modo a que toda a Criação ficasse deslumbrada com ela, a amasse e venerasse, sob muitos nomes.

(E é curioso que Agripa, tal como os alquimistas, acreditasse que o sangue menstrual tivesse uma particular aplicação prática e mística. Acreditavam que ele continha um elixir, ou produto químico, único, que, ingerido de determinado modo, usando técnicas antigas, garantia o rejuvenescimento físico e conferia sabedoria. É evidente que nada podia estar mais longe da atitude da Igreja.)
Agripa não era um simples teórico, e também não era cobarde. Não só casou três vezes como conseguiu o que podia ter parecido impossível: defendeu uma mulher acusada de bruxaria - e ganhou.
Vaughan, Bruno e Agripa eram homens, e é tentador suspeitar de que eles desfrutavam desta felicidade sexual apenas em benefício próprio, mesmo que fosse profundamente espiritual. Contudo, embora se possa afirmar que alguma mulher que ousasse escrever sobre estes temas seria presa por bruxaria, também é verdade que apenas se considerava que o rito de Vênus tinha «resultado» se os dois parceiros tivessem alcançado os mesmos objetivos. A ideia era a dos opostos e iguais, procurando o mesmo objetivo e

recebendo a mesma iluminação, como parceiros, tal como na idéia chinesa de o ser total ser composto de yin e yang.
Giordano Bruno não era homem para esconder as suas crenças. Nas suas últimas obras publicadas, empregou imagens sexuais ainda mais explícitas - mas mesmo estas foram ignoradas pelos historiadores; se são mencionadas em obras de referência, geralmente são explicadas como sendo alegóricas. Não só estas mas também outras referências explícitas - e associadas - das suas obras são, por hábito, ignoradas. Quando Bruno se refere a uma «deusa» como a dama anónima, a quem a sua poesia lírica é dedicada, essa referência é interpretada como sendo um epíteto afectuoso. E, mais tarde, quando fez a sua palestra de despedida na Alemanha, afirmando, sem rodeios, que a deusa Minerva era Sofia (sabedoria), esta afirmação foi tomada por outra alegoria. Mas as suas verdadeiras palavras foram, inequivocamente, as de um praticante do culto da deusa:

Amei-a e procurei-a, desde a minha juventude, e desejei-a para minha esposa, e tornei-me amante da sua forma... e supliquei... que ela fosse enviada para habitar comigo, e trabalhar comigo, para que eu pudesse conhecer o que me faltava [...]

Mais fascinante, no entanto, é o fato de na sua dedicatória de Eroici furori ele o comparar ao Cântico dos Cânticos". Novamente, somos

confrontados com o culto da Madona Negra e, por associação, com o de Madalena. (Outro grande escritor hermético/rosacruciano da época, que era conhecido por William Shakespeare, dedicou os seus sonetos a uma misteriosa Dama Negra cuja identidade tem alimentado intermináveis debates de gerações de críticos. Embora pudesse acontecer que ela fosse uma mulher verdadeira - ou mesmo um homem -, também é verosímil que ela representasse, au fond, a Madona Negra, a deusa negra. Na verdade, os herméticos simbolizavam um determinado estado alterado - um género de transe especializado - como a dama de pele negra.)

Os fortes ataques de Bruno à crença cristã conduziram-no a uma morte terrível e serviram de aviso a outras pretensas almas corajosas. O atroz holocausto dos julgamentos de bruxaria, como vimos, também reforçou, entre os «heréticos», a necessidade de circunspecção (e devemos recordar que, embora as mortes pelo fogo tivessem terminado há muito, a última acusação de uma mulher, ao abrigo da lei da Feitiçaria no Reino Unido, ocorreu apenas em 1944). Mas o conhecimento transcendental, como segredo específico do mundo secreto ocultista, não estava limitado aos indivíduos e não se extinguiu com eles.

Existe alguma dificuldade de reconstituir uma tradição directa da sexualidade sagrada da Europa, devido ao antagonismo da Igreja, face a essa tradição e à subsequente necessidade de

segredo entre os guardiães deste conhecimento. No entanto, nos séculos XVII e VVIII, a Alemanha parece ter-se transformado na pátria desta tradição, embora, até recentemente, ela tivesse sido muito pouco investigada. Segundo os modernos investigadores franceses - como Denis Labouré -, a prática da «alquimia interna» centralizou-se na Alemanha, em várias sociedades ocultistas. Outra investigação recente, incluindo a do Dr. Stephan E. Flowers, confirmou que o ocultismo alemão deste período era essencialmente de natureza sexual.

Um problema para os investigadores desta área é que as provas de cultos sexuais tendem a provir da Igreja, ou, no mínimo, daqueles que consideravam satanismo tudo o que estava relacionado com o sexo. Quando estes movimentos se vêem perseguidos, os seus registos são destruídos ou censurados e tudo o que resta é a versão dos acontecimentos relatada pelos seus inimigos. Isto aconteceu aos cátaros e aos Templários e atingiu o seu terrível auge nos julgamentos de bruxaria. Vemos que este processo se verifica sempre que se expressam ideias sobre a sexualidade sagrada - como voltou a acontecer em França no século XIX.

Nessa época, surgiram vários movimentos interligados que - embora florescessem no seio da Igreja Católica e se centrassem em pessoas que se consideravam bons católicos - incluíam conceitos de sexualidade sagrada e da elevação do Feminino (geralmente, sob a forma exterior da Virgem

Maria) e estavam associados a uma misteriosa sociedade «joanina» - desta vez, especificamente relacionada com João Batista.
Esta série de acontecimentos é muito difícil de esclarecer, principalmente porque, além das ideias heterodoxas e dos conceitos de sexualidade sagrada, que levaram o movimento a ser declarado imoral, eles também estavam ligados a causas políticas que despertaram a hostilidade das autoridades. Por conseguinte, quase todos os relatos de que dispomos provêm dos seus inimigos.
Os motivos políticos destes grupos estão fora do âmbito da presente investigação, embora fossem muito importantes para as pessoas envolvidas nessa época. É suficiente dizer que elas apoiavam as pretensões de um certo Charles Guillaume Naündorff (1785-1845), que se vangloriava de ser Luís XVII (que se pensava ter sido morto em criança, juntamente com seu pai, Luís XVI, durante a Revolução Francesa).
Um destes grupos era a Igreja do Carmelo, também conhecida por Oeuvre de la Misericorde (Obra de Misericórdia), instituída em meados do século XIX por um certo Eugène Vintras (1807-1875). Um pregador carismático e fascinante, Vintras atraiu a nata de alta sociedade para o seu movimento, o qual, não obstante, depressa se tomou foco de acusações de diabolismo. Sem dúvida que os seus rituais tinham um conteúdo de natureza sexual, no qual (segundo as palavras de Ean Begg) «o maior sacramento era o acto

sexual».
Para agravar a situação, no que dizia respeito às autoridades, Vintras e Naündorff passavam a responsabilidade um ao outro. Assim, inevitavelmente, Vintras viu-se envolvido num julgamento espectacular. Acusado de fraude - embora as alegadas vítimas negassem que existira qualquer crime -, foi condenado a cinco anos de prisão, em 1842. Quando foi libertado, partiu para Londres e foi então que um antigo membro da sua Igreja - um sacerdote chamado Gozzoli - escreveu um panfleto acusando-o de todo o género de orgias sexuais. Embora o panfleto possa ser considerado produto de uma imaginação exaltada, algumas das acusações podem ter sido baseadas em factos. Depois, em 1848, a seita foi declarada herética pelo papa e todos os seus membros foram excomungados. Como resultado, a seita tornou-se independente e exibiu sacerdotes masculinos e femininos - tal como os cátaros, embora não seja claro que o culto de Vintras seguisse os nobres princípios dos primeiros.
A apoiar Vintras e Naündorff encontrava-se uma seita misteriosa, conhecida por «Os Salvadores de Luís XVII» ou os Joaninos. Este grupo remonta a 1770 e parece ter participado na agitação civil que precedeu a Revolução. Ao contrário dos joaninos «maçónicos», já discutidos, este grupo não tinha dúvidas quanto ao S. João que venerava - era Batista.
Depois da Revolução, os joaninos interessaram-se pela restauração da monarquia. Foram os grandes

responsáveis pela promoção de Naündorff a pretendente ao trono e também apoiaram movimentos «proféticos» como o de Vintras.
Outro auto-intitulado «guru» da época - Thomas Martin, que, meteoricamente, ascendeu de camponês a conselheiro do rei - foi apoiado pelos joaninos que, além disso, parecem ter «encenado» certas aparições da Virgem - como as de La Salette, no sopé dos Alpes ocidentais, em 1846. É difícil dizer com exatidão o que estava a acontecer, mas é possível identificar os fios mais importantes que atravessam certos acontecimentos, aparentemente associados.
Em primeiro lugar, foi feita uma tentativa para regenerar o catolicismo, a partir do seu seio, o que implicava a substituição do dogma oficial - baseado na autoridade de Pedro - por um cristianismo místico e esotérico, uma crença de que estava a alvorecer uma era em que o Espírito Santo estaria em ascendente. Uma característica deste movimento era a elevação do Feminino, sob a forma exterior da Virgem Maria, mas que não tardou a adquirir um caráter abertamente sexual e começou a parecer fortemente hostil à Igreja. A visão de La Salette - que foi condenada pela Igreja - era central para este plano. E, de algum modo, o papel de João Batista nestes acontecimentos era crucial.
O movimento também estava ligado à tentativa de fazer reconhecer Naündorff como legítimo rei de França, provavelmente porque, se tivesse êxito, Naündorff teria sido favorável a esta nova forma

de religião (tendo já apoiado Vintras). Curiosamente, Melanie Calvet, a rapariga que teve a visão de La Salette, tinha-se declarado favorável a Naündorff. E é interessante que a Igreja tivesse reagido enviando-a para um convento de Darlington, no noroeste de Inglaterra, onde não podia causar mais danos. As formas combinadas da Igreja e do Estado impediram que se realizasse o grande plano do movimento, e tudo o que aconteceu, de fato, está agora soterrado por uma avalanche de escândalos e de insinuações. Mas, indubitavelmente, é significativo que a reacção da Igreja a esta ameaça fosse proclamar a Imaculada Conceição de Maria um artigo de fé, em 1854. (Esta doutrina iria ser convenientemente endossada pela própria Virgem Maria, quando apareceu a uma rapariga camponesa, Bernardette Soubirou, em Lourdes, quatro anos depois, embora a rapariga, de início, descrevesse a sua visão simplesmente como «aquela coisa».)

Profetas, como Martin e Vintras, parecem ter sido «manipulados» pelos joaninos e não fizeram, na realidade, parte da seita. O elo de ligação entre eles e Vintras foi a mentora deste, uma certa Madame Bouche, que residia em Paris, na Place St. Sulpice, e que tinha o nome, esplendidamente sugestivo, de «irmã Salomé». (A Igreja do Carmelo de Vintras ainda estava em actividade em Paris nos anos 40, e constava que existia um grupo em Londres, nos anos 60 deste século.)

Um outro movimento fundiu-se com a Igreja do Carmelo, mas fora fundado mais cedo, em 1838.

Eram os irmãos da Doutrina Cristã, movimento instituído pelos três irmãos Baillard, todos sacerdotes. Fundaram duas casas religiosas - também considerando-se católicos - nas montanhas: St. Odile, na Alsácia, e Sion-Vaudémont, na Lorena. Ambos eram lugares importantes nas suas regiões, e é um mistério o modo como os irmãos Baillard conseguiram adquiri-los.
Sion-Vaudémont era um importante lugar pagão da antiguidade, consagrado à deusa Rosamerta, e - como se deduz do seu nome - tem uma longa associação ao Priorado de Sião. De fato, uma Ordem de Notre-Dame de Sion, historicamente reconhecida, foi ali instituída, no século XIV, por Ferri de Vandémont, cujo alvará a ligava à abadia do monte Sião de Jerusalém - do qual o Priorado reivindica a origem do nome que adoptou. O filho de Ferri casou com Iolande de Bar, grã-mestra do Priorado entre 1480-1483, filha de René d'Anjou, o anterior grão-mestre. Iolande promoveu Sion-Vaudémont a importante centro de peregrinação, focando a sua Madona Negra. A estátua foi destruída durante a Revolução e substituída por uma Virgem medieval - não negra, retirada da igreja de Vaudémont, que é dedicada a João Batista. Assim, parece ser significativo que uma das novas igrejas dos irmãos Baillard estivesse situada naquele lugar. Estes tinham ideias semelhantes às de Vintras, incluindo a insistência na futura era do Espírito Santo e na sexualidade sagrada, portanto não é surpreendente que elas

tivessem a mesma origem. O movimento dos Baillard recebeu grande apoio, incluindo o da Casa de Habsburgo. Mas, em 1852, também foi eliminado.

Depois da morte de Vintras, em 1875, o movimento foi entregue à direção do abade Joseph Boullan (1824-1893) - uma figura ainda mais polémica. Anteriormente, Boullan seduzira uma jovem freira do convento de La Salette, Adèle Chevalier, e os dois fundaram a Sociedade para Reparação das Almas, em 1859. Esta sociedade era definitivamente baseada em ritos sexuais, a sua filosofia global era a de que a Humanidade encontraria a redenção através do sexo, se fosse usado como sacramento. Apesar da ideia, em si, parecer de pura natureza alquímica, Boullan, infelizmente, estendeu os benefícios deste rito ao reino animal.

Diz-se que Boullan e Adèle Chevalier sacrificaram o seu filho, ainda criança, durante uma missa negra, em 1860. Embora isto seja apresentado como um fato em toda a literatura moderna, é impossível confirmá-lo junto de uma fonte credível. Se Boullan era conhecido por ter cometido este crime, parece ter escapado à acusação. É verdade que, nesse ano, ele foi suspenso das suas funções de sacerdote, mas a suspensão foi revogada alguns meses depois. Em 1861, ele e Adèle foram presos por fraude (talvez a maneira mais habitual de as autoridades tratarem aqueles que detestam, mas a quem não podem acusar de nada). Ao ser condenado, Boullan foi novamente suspenso dos

seus deveres sacerdotais, mas, mais uma vez, a decisão foi revogada. Depois de ser libertado da prisão, apresentou-se voluntariamente ao Santo Ofício (na época, o nome oficial da Inquisição) em Roma, que o declarou não culpado e lhe permitiu regressar a Paris.
Enquanto esteve em Roma, Boullan registou as suas doutrinas num caderno (conhecido por cahier rose, notoriamente pela cor da sua capa), que foi descoberto pelo escritor J. K. Huysmans entre os seus papéis, depois da sua morte, em 1893. Os pormenores precisos do conteúdo são desconhecidos - embora tivesse sido descrito como um «documento chocante» - e o caderno está agora fechado à chave na Biblioteca do Vaticano. Todos os pedidos para o consultar são recusados. É evidente que a história de Boullan tem mais importância do que parece. Superficialmente, parece uma história de um clube de pervertidos. Contudo, parece que a Ígreja o protegeu, até certo ponto. Por exemplo, emitiu instruções para que ele não fosse molestado, e há indicações de que ele estava na posse de algum tipo de segredo, que o protegia. A história de Boullan adapta-se ao padrão clássico do agent provocateur, que se infiltra numa organização com o fim deliberado de a desacreditar - em benefício de outro grupo diferente. Isso explicaria as flagrantes discrepâncias da sua vida e das atitudes oficiais em relação a ele.
Depois de regressar de Roma, Boullan ingressou na Igreja do Carmelo de Vintras e tornou- se seu

chefe. A sua liderança provocou um cisma: os membros do culto, que o aceitaram, acompanharam-no a Lyons, onde estabeleceram o seu quartel-general. Seguiram-se cenas loucas de licenciosidade sexual - que, mais uma vez, parecem estar notavelmente em desacordo com a declaração de Boullan: ele era a reencarnação de João Batista.
Essa idéia pode ter inspirado, pelo menos, o nome escolhido por J. K. Huysmans (um devoto do culto da Madona Negra), que usou Boullan como modelo do «Dr. Johannès» (um dos pseudónimos de Boullan) do seu romance sobre o satanismo de Paris, Lá-Bas (Lá em Baixo) (1891). No entanto, seria um erro tirar a conclusão óbvia - o Dr. Johannès era retratado como um sacerdote que praticava magia para contra-atacar o satanismo e que foi mal interpretado pela Ígreja, a qual condenava toda a magia como sendo diabólica. Huysmans protegeu Boullan e passou algum tempo com ele, em Lyons, enquanto fazia pesquisas para o seu romance, mas, apesar de ser muito versado em magia, teoricamente, pelo menos, manteve-se sempre um verdadeiro filho da Igreja.
Página 183 Lá-Bas continua a ser evocado, sobretudo pela sua chocante descrição de uma missa negra, que parece ser o relato de uma testemunha ocular. Contudo, os verdadeiros vilões da peça são os rosacrucianos, devido à notória batalha mágica entre Boullan e membros de certas Ordens rosacrucianas que floresciam na França

dessa época. Podia parecer incongruente que fossem os rosacrucianos os grandes adversários de Boullan e de tudo o que ele representava. É evidente que o conflito possa ter sido apenas um daqueles choques de personalidade que habitualmente atingem estes movimentos - mas talvez certos rosacrucianos estivessem alarmados com a falta de reserva de Boullan relativamente aos seus segredos.
A França tornara-se o refúgio de numerosas lojas ocultistas. Várias Ordens rosacrucianas representavam uma continuação da fusão de movimentos templaristas - maçônicos - rosacrucianos do sudoeste de França. Embora não fossem estritamente Ordens maçônicas, eram, de certo, aliadas dos sistemas maçônicos ocultistas, como o Rito Escocês Retificado e os ritos egípcios. Tanto os grupos maçônicos como os rosacrucianos adoptaram a filosofia martinista - os ensinamentos ocultistas de Louis Claude de Saint-Martin. De facto, a importância do martinismo não deve ser facilmente subestimada: os maçônicos do Rito Escocês Rectificado actual recrutam os seus membros exclusivamente entre os martinistas A primeira destas organizações rosacrucianas parece ter sido uma ramificação de uma loja maçônica, algo irregular, conhecida por La Sagessa (Sabedoria ou Sophia) de Toulouse. Em 1850, um dos seus membros, o visconde de Lapasse (1792-1867), respeitável médico e alquimista, fundou a Ordem de La Rose-Croix, du Temple et du Graal (Ordem de Rosacruz, do Templo e do Graal). Um

subsequente dirigente desta ordem foi Joséphin Péladan (1859-1918), que também era de Toulouse e se transformou no que se podia designar por padrinho das sociedades rosacrucianas francesas daquela época.
Péladan era um grande perito em ocultismo, tendo sido inspirado pelo escritor francês Eliphas Lévi (o seu verdadeiro nome era Alphonse Louis Constant, (1810-1875). Péladan criou um sistema de magia que foi descrito como «catolicismo erótico-mágico» e organizou o popular Salon de La Rose + Croix. (Curiosamente, foi num cartaz que anunciava uma destas reuniões que Dante foi retratado como Hugues de Payens, primeiro grão-mestre dos Templários, e Leonardo é representado como guardião do Graal). Péladan pensava que a Igreja Católica era um repositório de conhecimento, que ela própria esquecera, e estava particularmente interessado no Evangelho de João. Também estava avançado, em relação à escolaridade moderna, ao ter a percepção de que os fidele d'amore eram uma sociedade esotérica, que ele associava especificamente aos rosacrucianos do século XVII.
Péladan conheceu outro ocultista, Stanislas de Guaïta (1861-1898), e os dois fundaram a Ordre Kabbalistique de La Rose-Croix (Ordem Cabalística da Rosacruz), em 1888. Foi Guaïta quem se infiltrou na Ígreja do Carmelo de Boullan e, juntamente com Oswald Wirth, um decepcionado membro daquele culto, escreveu o livro O Templo de Satã, que denunciava o movimento como

sendo diabólico. Esta denúncia provocou um combate de mágicos, no qual Boullan e Guaïta se acusaram mutuamente de usar meios mágicos para assassinar o outro.
Lamentavelmente, Boullan parece ter morrido de causas naturais, mas, inevitavelmente, a contenda provocou dois verdadeiros duelos, um entre Guaïta e um dos discípulos de Boullan, Jules Bois, e o outro entre o último e um dos rosacrucianos, Gérard Encausse (mais conhecido por Papus). Os dois duelos terminaram em empates.
Este episódio é um dos favoritos dos autores que escrevem sobre ocultismo, mas nunca foi satisfatoriamente explicado. Por que deveriam Guaïta e os rosacrucianos intentar uma vendeta contra Boullan? (Lembremos que, neste contexto, temos apenas a palavra de Guaïta e de Wirth, relativamente às alegadas provocações cometidas por Boullan e pelos seus adeptos.) Em face disto, não existe uma verdadeira ligação, ou razões para disputa, entre as lojas ocultistas e a Ordem de Boullan, essencialmente religiosa.
Contudo, um maior aprofundamento revela o motivo: De Guaïta e um tribunal rosacruciano já tinham condenado Boullan por «profanar» e revelar «segredos cabalísticos» - isto é, os ensinamentos que eram considerados domínio dos rosacrucianos. (E a condenação ocorrera a 23 de Maio de 1887, antes de Guaïta se ter infiltrado no grupo de Boullan). Esta foi a verdadeira razão que os levou a sentir que Boullan tinha de ser obrigado

a deter-se.
Parece que outros comentadores não notaram as implicações deste facto: se os ritos de Boullan fossem considerados como algo que pertencia aos rosacrucianos, então, também eles deviam ter praticado ritos sexuais. O erro de Boullan, a seus olhos, residia no facto de os tornar públicos.
A Paris do final do século XIX era centro de grande divulgação de ocultismo e de filosofia - refletindo, talvez, a demanda de fin de siècle de um significado mais profundo da vida. Atraía todo o género de pensadores e artistas, como Oscar Wilde, Debussy e W. B. Keats. (Como sempre, a verdadeira união europeia era uma irmandade secreta.) Os salões estavam cheios de caras famosas, que estavam tão ansiosas de aprender fórmulas mágicas como de tomar conhecimento de boatos, como Marcel Proust, Maurice Maeterlink e a cantora de ópera, Emma Calvé (1858-1942). Uma famosa beldade, Emma eventualmente organizava as suas próprias soirées para todos os que tivessem alguma coisa interessante para partilhar - de preferência, algum grande segredo oculto. Estes círculos também incluíam pessoas como Joséphin Péladan, Papus e Jules Bois (um dos muitos amantes de Emma Calvé).
Muitas das principais figuras destes círculos eram oriundas do Languedoc, incluindo a própria Emma Calvé. (O misticismo não lhe era desconhecido: fora uma sua parente, Melanie Calvet, que tivera a famosa visão de La Salette. E, curiosamente, Adèle Chevalier, a freira que fora seduzida por Boullan e

se tornara sua companheira, era uma das amigas de Melanie.) Era Emma Calvé que iria desempenhar um importante papel na complicada história do abade Saunière, pároco da aldeia do Languedoc, Rennes-le-Château, que discutiremos mais tarde.

Sugestivamente, em 1894, Emma comprou o castelo de Cabrières (Aveyron), próximo da sua terra natal, Millau, que, segundo se dizia, servira de esconderijo ao muito procurado livro do judeu Abraão e que fora usado por Flamel para realizar a Grande Obra. Na sua autobiografia, Calvé regista que o castelo «era o refúgio de um certo grupo de Cavaleiros Templários», mas, infelizmente, não acrescenta mais pormenores.

Outros importantes grupos ocultistas tinham surgido no Languedoc e vieram a relacionar-se com as sociedades rosacrucianas. Estas foram influenciadas pela Maçonaria da Estrita Observância Templária do Barão von Hund, embora a maior influência surgisse por intermédio do conde Cagliostro (1743-1795), uma figura muito difamada.

Geralmente conhecido como charlatão, este natural exibicionista era um genuíno investigador do conhecimento ocultista. Nascido Giuseppe Bálsamo, adoptou o título, pertencente a sua madrinha, de conde Alessandro Cagliostro. Foi iniciado no ocultismo aos 23 anos, durante uma visita a Malta, onde conheceu o grão-mestre dos Cavaleiros de Malta - alquimista e rosacruciano. O próprio Cagliostro adquiriu o gosto pelo ocultismo

e tornou-se alquimista e maçônico e foi muito influenciado pela Estrita Observância Templária de Hund. A sua introdução na Maçonaria ocorreu em Gerrad Street, no Soho de Londres, onde foi iniciado numa loja da Estrita Observância Templária, em Abril de 1777. Viajou por toda a Europa, mas passou a maior parte da vida na Alemanha, procurando especificamente o conhecimento perdido dos Templários. Também granjeou reputação de curandeiro.
Em 1789, depois de receber autorização do papa para visitar Roma, à chegada foi imediatamente entregue à Inquisição, sob a acusação de heresia e conspiração política - por ordem do papa - e condenado a prisão perpétua. Morreu nas masmorras da fortaleza de San Leo, em 1795.
Cagliostro instituíra o sistema de Maçonaria «Egípcia» (a loja-mãe foi fundada em 1782, em Lyons), que consistia em lojas masculinas e femininas, sendo as últimas dirigidas por sua esposa, Serafina. Lévi descreve este sistema como uma tentativa «para ressuscitar o misterioso culto de Ísis».
Os frutos das investigações de Cagliostro sobre as sociedades ocultistas da Europa formavam um corpo de conhecimento conhecido por Arcana Arcanorum (Segredo dos Segredos) ou AA. Esta expressão foi extraída do rosacruciano original do século XVII, mas a sua colecção de escritos consiste em descrições de práticas mágicas que sublinham especialmente a «alquimia interna». Como vimos, estas são essencialmente técnicas

sexuais, de caráter idêntico ao tantrismo - mas Cagliostro aprendera-as na Alemanha com os grupos rosacrucianos.
Foi com autorização de Cagliostro que o Rito de Misraïm foi criado em Veneza, em 1788. Em 1810, os três irmãos Bédarride introduziram o sistema em França, onde foi incorporado na Maçonaria do Rito Escocês Rectificado.
O Rito de Misraïm foi o antecedente directo do Rito de Mênfis - que, como vimos, fora fundado por Jacques-Étienne Marconis de Nègre, ao qual o Priorado de Sião se associou. (Os dois sistemas unificaram-se como Rito de Mênfis-Misraïm, durante o grão-mestrado de Papus, que manteve a sua direcção até à morte, em 1918.) O Rito de Mênfis também estava relacionado com uma sociedade secreta, os Filadelfianos, que fora fundada pelo marquês de Chefdebien, em 1780 - outra ramificação da Estrita Observância Templária de Hund, embora fosse especialmente destinada à aquisição de conhecimento ocultista. Marconis de Nègre reforçou a estreita ligação com os filadelfianos e denominou um dos graus do seu movimento «Os Filadelfos».
Nenhum dos ritos - de Mênfis ou Misraïm - era, por si mesmo, particularmente influente. Mas, em conjunto, como Mênfis-Misraïm, eram um poder a ter em consideração, e as suas influências alastraram, como uma onde gigantesca, pelo secreto mundo do ocultismo europeu. Entre os seus membros encontravam-se celebridades misteriosas, como o ocultista britânico Aleister

Crowley, e luminares místicos, como Rudolf Steiner. E também Karl Kellner, que, eventualmente, em conjunto com Theodore Reuss, iria fundar a Ordem dos Templários do Oriente, mais conhecida simplesmente por OTO.
Esta organização era - e é - explicitamente relativa à magia sexual. E, embora seja geralmente considerada como representação da ocidentalização do tantrismo, era também o desenvolvimento lógico dos segredos ensinados no Mênfis-Misraïm - os quais provinham do conhecimento transmitido a Cagliostro pelos grupos alquímicos rosacrucianos da Alemanha e pelas lojas da Estrita Observância Templária.
Crowley abandonou o rito Mênfis-Misraïm para aderir à OTO, tendo-se tomado seu grão- mestre, e Rudolf Steiner foi outra figura influente que abandonou o primeiro para ingressar na OTO. Steiner foi mais famoso pelo seu gênero «puro» de misticismo - antroposofia - e, deliberadamente, minimizou a sua associação com a OTO, com tanto êxito que muitos dos seus ardentes seguidores modernos não têm conhecimento dela. Quando morreu, no entanto, foi enterrado com as suas insígnias da OTO.
Curiosamente, Theodore Reuss escreveu que a magia sexual da OTO era: «a CHAVE que abre todos os segredos maçónicos e herméticos [...]». E acrescentou, sem rodeios, que a magia sexual era o segredo dos Cavaleiros Templários.
Outra ramificação do movimento Mênfis-Misraïm tomou forma em Inglaterra, no final do século XIX:

a ordem hermética Golden Dawn, cujos membros incluíam o empresário teatral Bram Stoker, mais famoso por ser o autor de Drácula, Aleister Crowley, o poeta, patriota e místico W. B. Yeats e a sociável Constance Wilde, esposa do condenado Wilde. Fundada em 1888 por Macgregor Mathers e W. Wynn Westcott, a sua linha directa de descendência remonta à Cruz Ouro e Rosa, a Ordem da Estrita Observância Templária da Alemanha, discutida no último capítulo, e muitos dos seus graus e rituais têm a mesma origem *81.
A Golden Dawn também praticava ritos provenientes de Mênfis-Misraïm. Afinal, a ordem devia o seu patromónio ao barão Von Hund - em última análise, as influências alemã e francesas remontam a Von Hund e aos seus ritos templaristas.
A Golden Dawn é muito mais conhecida no mundo de língua inglesa do que outros grupos europeus mais exóticos.
Tem reputação de grande integridade e parece, à primeira vista, ser uma sociedade de esotéricos, que gostam de vestir trajes de cerimônia e proferir encantamentos, mas que, basicamente, eram pouco mais do que ocultistas de altos ideais, que se reuniam depois de jantar. Contudo, entre os eruditos ocultistas franceses, a Golden Dawn tem uma reputação muito mais sinistra; quando inaugurou a sua filial parisiense, em 1891, admitiu muitas das figuras mais dúbias que já discutimos, incluindo o aparentemente ubíquo Jules Bois.
De fato, mesmo a Golden Dawn inglesa tinha um

aspecto pouco conhecido e mais profundo. Efetivamente, eram duas ordens distintas: por um lado, tinha um rosto público conhecido e respeitável, por outro, existia uma ordem interna, denominada a Rosa de Rubi e a Cruz de Ouro, na qual a iniciação era feita apenas por convite. A ordem externa parece ter atuado como campo de recrutamento para o secreto círculo interno, cujas práticas incluíam ritos sexuais.

É certo que a Golden Dawn guardava bem os seus segredos. Durante anos, mesmo os escritores, como Katan Shu'al, que fazem parte do mundo ocultista apenas podiam especular sobre os ritos sexuais daquela ordem. Contudo, parece que eles existiam, de fato, embora as provas sejam fragmentadas. Na realidade, parece que os elementos sexuais estiveram presentes desde a fundação da ordem. A Golden Dawn desenvolveu-se a partir de uma outra sociedade, a Societas Rosicruciana de Anglia, que teve entre os seus fundadores um certo Hargrave Jennings (1817-1890), cujos escritos eram tão explícitos quanto os de um cavalheiro vitoriano podiam ser sobre o tema da magia sexual. Na sua obra compacta The Rosicrucians: Their Rites and Mysteries (1870), Jennings, nas palavras do autor Peter Tompkins, «sugeria, o mais insistentemente possível, que estes ritos e mistérios eram de uma natureza fundamentalmente sexual». Por exemplo, ao discutir o simbolismo sexual dos triângulos interligados que formam o Selo de Salomão (ou a Estrela de David), Jennings acrescenta,

explicitamente:

[...] a pirâmide indica o correspondente poder feminino, tumefato ou emergente - não submisso, mas correspondentemente sugestivo, sincronizado no clítoris anatómico [...] esse minúsculo e excêntrico objeto, que significa tudo na anatomia rosacruciana.

A 18 de Julho de 1921, Moina Mathers - uma das fundadoras da Golden Dawn (e irmã do filósofo Henri Bergson) - escreveu a Paul Foster Case, tutor da filial nova-iorquina da ordem, ao saber que ele estava a ensinar ritos sexuais:

Lamento que alguma coisa sobre a questão sexual se tivesse registado no templo, nesta fase, porque nós apenas começamos a abordar diretamente questões sexuais, em graus bastante mais elevados [...].

Depois, quando a escritora ocultista e membro da Golden Dawn Dion Fortune (Violet Firth era o seu verdadeiro nome) escreveu artigos sobre sexo, Moina queria expulsá-la por trair os segredos da ordem. Mas, eventualmente, teve de reconhecer que Dion Fortune não os podia ter conhecido porque não atingira os graus necessários. Comentadores, como Mary K. Greer, admitem agora que há provas que apoiam a idéia de que a Golden Dawn praticava, na realidade, magia sexual, que é considerada demasiado poderosa

e preciosa para ser desperdiçada com os mais recentes membros recrutados e com graus inferiores.
Indicações sobre os segredos internos da Golden Dawn também se encontram nas palavras que descrevem uma visão conjunta que Florence Farr e Elaine Simpson, duas adeptas daquele sistema, tiveram em 1890. A primeira, uma famosa atriz do teatro londrino, também era célebre pelos seus casos amorosos com vários homens, incluindo George Bernard Shaw e o irmão ocultista W. B. Yeats. Florence e Elaine, sua colega de magia, empreenderam, em conjunto, uma viagem astral - uma espécie de aventura geminada nos Planos Interiores ou uma alucinação partilhada. Este fenómeno é uma parte muito comum da preparação mágica e faz parte da «trajetória» cabalística, uma espécie de projecção ou associação de imagens astral que se enquadra na clássica estrutura da «Árvore da Vida».
Florence e Elaine partiram para visitar a «esfera de Vênus», na sua visão mental conjunta. O culminar da sua viagem astral revestiu a forma de um encontro com um surpreendente arquétipo feminino, que disse, com um sorriso:
Sou a poderosa; a mais poderosa do mundo. Sou aquela que não combate, mas é sempre vitoriosa. Sou aquela Bela Adormecida que os homens sempre procuraram. Os caminhos que conduzem ao meu castelo estão rodeados de perigos e ilusões. Os que não me encontram adormecem; ou podem perseguir sempre a Fata Morgana, que

desencaminha todos os que sentem influência ilusória. Eu elevo-me nas alturas e atraio os homens para mim. Sou o desejo do mundo, mas poucos me encontram. Quando o meu segredo for revelado, será o segredo do Santo Graal [...]
Dei o meu coração ao mundo, que é a minha força. O Amor é a Mãe do Homem-Deus, dando a quinta-essência da sua vida para salvar a Humanidade da destruição e mostrar-lhe o caminho para a vida eterna. O Amor é a Mãe do Cristo-Espírito, e este Cristo é o amor supremo. Cristo é o coração do amor, o coração da Grande Mãe Ísis, a Ísis da Natureza. Ele está na expressão do poder dela. Ela é o Santo Graal, e Ele é o sangue vital do Espírito que se encontra na taça.

Estas palavras eram acompanhadas de vivas imagens de uma taça que continha um fluido cor de rubi e uma cruz de três braços.
À primeira vista, isto pode parecer uma trapalhada, típica da «New Age», com Jesus e a deusa egípcia Ísis confundidos com a noção do santo Graal, simplesmente porque parece arcano e místico. Mas, como escreveu o falecido perito ocultista Francis X. King, há dois pontos importantes nesta visão: «O primeiro é a identificação da Virgem Maria, `Mãe do Homem-Deus', com Vênus, deusa do amor - isto é, o amor sexual, eros, não agape. O segundo é a identificação do Graal... com Vênus, o arquétipo do yoni ou órgão de reprodução feminino."
Muitos leitores modernos talvez interpretassem

cinicamente a visão conjunta destas senhoras como uma espécie de realização desejada, uma fantasia sexual conjunta, especialmente se considerarmos a colorida reputação de Florence Farr, a contrapartida britânica de Emma Calvé. Contudo, foi suposto que a visão tivesse revelado um segredo, que estava de harmonia com a filosofia mágica da Golden Dawn, e Francis X. King mostrou-se intrigado quanto à origem das imagens que as duas mulheres referiram, considerando que a sociedade não estava, supostamente, relacionada com qualquer tipo de rito sexual. Esta visão, no entanto, sugere fortemente que estava, embora também estes ritos pareçam estar destinados apenas aos iniciados nos mais altos graus, o círculo interno.

É significativo que a visão associe Ísis ao Graal e ao sexo, o que não teria sido estranho aos alquimistas, aos gnósticos ou aos trovadores. Que o Graal - considerado aqui como a taça tradicional - seja um símbolo feminino é facilmente compreendido pela nossa sociedade pós-freudiana, mas era ainda uma revelação para os que a antecederam. Mas, aqui, o fluido vermelho, o sangue que ele contém, é transportado por Ísis...

Curiosamente, o tema da Bela Adormecida, mencionada no relato da visão das duas mulheres, também figura largamente em Le serpent rouge, o texto-chave do Priorado de Sião. A busca da Bela Adormecida é um tema repetido e está entrelaçado com o da demanda da rainha de um reino perdido. Como vimos, esse documento

também revela uma preocupação com Maria Madalena e Ísis, combinando as duas, de forma característica, na mesma figura.
A demanda de uma rainha é uma imagem alquímica, portanto não nos devíamos surpreender por encontrar estas personificações de sexualidade - Madalena e Ísis - como seu objeto. Curiosamente, embora, mesmo actualmente, o papel da sexualidade dos movimentos heréticos e ocultistas quase não seja reconhecido ou admitido, a sua importância dificilmente pode ser exagerada. O sexo nunca foi uma questão secundária ou um ponto fraco pessoal, mas esteve no âmago das mais poderosas organizações secretas.
A tradição que mais nos interessa, e que é o motivo desta investigação, está dependente, de facto, do conceito de sexualidade sagrada. Como vimos, esta tradição parece ser constituída por dois ramos principais - o da reverência pela Madalena e o da reverência por João Batista. Nesta fase da nossa investigação, encarámos a possibilidade de que Madalena fosse apenas uma figura simbólica, que representava a ideia de sexo sagrado, e que a sua imagem não estivesse relacionada com nenhuma personalidade histórica real. Em qualquer caso, a relação entre Maria Madalena e o sexo não é difícil de compreender e parece perfeitamente natural.
Mas não é assim, na realidade, quando consideramos o ramo de João Baptista e a ideia de sexualidade sagrada. O relato bíblico e a tradição

cristã criaram a imagem duradoira e fascinante de um homem que era extremamente ascético - uma espécie de imagem de John Knox -, de moral intransigente e de inflexível celibato. Como podia, exactamente ele, ter sido importante para qualquer culto baseado em práticas sexuais? Superficialmente, parecia que não havia, e nunca poderia haver, semelhante relação - mas, repetidamente, a nossa investigação revelava que gerações de ocultistas, pelo menos, acreditavam que ela existia. E, como vimos no caso da Golden Dawn, as primeiras impressões dos grupos ocultistas podem ser muito enganadoras. A sua verdadeira raison d'être pode ter implicações surpreendentes.

Florence Farr e os seus colegas da Golden Dawn pertenciam a um vasto círculo de ocultistas internacionais, que incluíam Pèledan e Emma Calvé. As sociedades a que estavam ligados eram extremamente influentes e foi aquela rede de sociedades que constituiu a estrutura de um dos mais famosos mistérios de França; um mistério que tem uma relação particular com o Priorado de Sião.

O foco de todos os Dossiers secrets e do material afim emanados do Priorado de Sião é, inequivocamente, o mistério de Rennes-le-Château. Por exemplo, Le serpent rouge fez repetidas alusões a lugares situados naquela aldeia e em seu redor. Dificilmente podíamos evitar voltar a nossa atenção para Rennes-le-Château, e encontramo-nos, mais uma vez, no

Languedoc - a pátria da heresia.

CAPÍTULO VIII
«ESTE É UM LUGAR TERRÍVEL"

Rennes-le-Château é um lugar-comum ocultista, quase - atualmente - na mesma «liga» do próprio Graal e igualmente elusivo. Contudo, é uma localidade real, e foi ali que nos encontrámos no desenrolar da nossa investigação. Este lugar pode ser comparado a Glastonbury, em Inglaterra, porque ambos parecem guardar profundos mistérios, apesar de ambos terem dado origem aos mais absurdos, mas muito divulgados, mitos e suposições.

Rennes-le-Château situa-se no departamento do Languedoc, conhecido por Aude, próximo da cidade de Limoux, que dá o seu nome ao famoso blanquette, ou vinho espumante, da área que, nos séculos XVIII e XIX, era conhecido por Razès. A partir da pequena cidade de Couiza, grandes letreiros indicam uma estrada secundária, anunciando o Domaine de Abbé Saunière. Seguindo estas indicações, os automobilistas encontram-se numa curiosa estrada em espiral que conduz à aldeia de Rennes-le-Château, situada no topo da colina.

Para nós, como para tantas pessoas, hoje em dia, esta é uma viagem excitante. Graças, principalmente, a The Holy Blood and the Holy Grail, mas também à lenda oral, esta simples subida de uma colina francesa rapidamente

adquire a sensação de uma iniciação. Mas o lugar, onde os visitantes geralmente param, é muito prosaico. A estrada de acesso conduz inevitavelmente ao solitário parque de estacionamento, através de uma estreita «grand rue», onde não existe nenhuma estação dos correios nem mesmo uma loja que vende de tudo - mas que exibe uma livraria esotérica, um bar-restaurante, o castelo em ruínas, que dá o nome à aldeia, e ruas estreitas que conduzem à famosa igrejinha e ao presbitério.
Este lugar tem uma história sinistra e uma reputação ainda mais sombria, embora um tanto vaga. Em resumo, segundo a lenda, François Bèrenger Saunière (1852-1917), um vulgar sacerdote, nascido e criado na aldeia de Montazels, apenas a três quilómetros de Rennes-le- Château, fez uma descoberta de certa natureza durante as obras de renovação da sua delapidada igreja paroquial do século X, exatamente há cem anos. Em resultado dessa descoberta - ou devido ao seu valor intrínseco ou porque o conduziu a algo que podia ser transformado em vantagem financeira -, ele tornou-se imensamente rico.
A especulação tem variado, ao longo dos anos, quanto à verdadeira natureza da descoberta de Saunière: muito prosaicamente, tem sido sugerido que ele encontrou uma horda de tesouros, enquanto outros acreditam que foi alguma coisa muito mais assombrosa, como a Arca da Aliança, o tesouro do Templo de Jerusalém, o Santo Graal - ou mesmo o túmulo de Cristo, uma idéia que

encontrou a sua mais recente expressão em The Tomb of God de Richard Andrews e Paul Schellenberger (1996). (Para a nossa discussão da teoria destes autores, consultar o II Apêndice).

Tivemos de ir a Rennes-le-Château porque, segundo os Dossiers secrets e The Holy Blood and the Holy Grail, o lugar tem particular importância para o Priorado de Sião - embora a razão exacta dessa importância permanecesse obscura. O Priorado afirma que Saunière descobriu pergaminhos, contendo informação genealógica que prova a sobrevivência da dinastia merovíngia, e afirma que certos indivíduos têm direito a reclamar o trono de França - tal como Pierre Plantard de Saint-Clair. Contudo, ninguém à margem do Priorado viu, de facto, esses pergaminhos, e toda a ideia da continuidade da dinastia merovíngia é dúbia, para não dizer mais, e há poucas razões para atribuir grande importância a esta pretensão.

Há ainda outra importante falha, uma inconsistência flagrante, na história do Priorado. Se eles existiram realmente, durante tantos séculos, unicamente para proteger os descendentes merovíngios, é curioso que tenham acolhido bem a informação que lhes indicava quem eram esses descendentes. Seguramente, eles conheciam aqueles que tinham jurado proteger - caso contrário, dificilmente teriam o tipo de zelo fanático que, ao longo dos séculos, mantivera a sua organização durante tanto tempo! Depender - aparentemente - do que é essencialmente uma

raison d'être retrospectiva é suspeito, para dizer o mínimo.
Contudo, ficamos intrigados pela importância investida na aldeia pelo Priorado. Há duas razões possíveis para isso: uma é que a aldeia é, na verdade, importante, mas não pelas razões apresentadas nos Dossiers - a outra é que a história de Saunière não tem qualquer verdadeira relação com o Priorado e que este se apoderou do mistério para servir os seus propósitos. Tínhamos de descobrir qual destas alternativas estava mais próxima da verdade.
Chegando ao parque de estacionamento da aldeia, somos confrontados com uma vista espantosa dos picos dos Pireneus, coroados de neve, para lá do Vale de Aude. É fácil compreender a razão por que, no passado, esta aldeola, aparentemente insignificante,
Página 194 era considerada de grande importância estratégica, porque, certamente, a observação de quaisquer aproximações inimigas teria sido, difícil de igualar. É esta a razão por que Rennes-le-Château foi outrora, uma importante fortaleza visigótica: alguns vão a ponto de identificar com a cidade perdida de Rhedae, que era semelhante Carcassonne e Narbonne - embora seja difícil imaginar uma cidade tão movimentada no atual aglomerado de casas, particularmente deserto. Mas o lugar ainda exerce uma influência magnética: menos de cem pessoas vivem agora em Rennes-le-Château, mas a aldeia recebe mais de 25 000 visitantes por ano.

A torre do reservatório de água, que emerge do próprio parque de estacionamento, ostenta os signos do Zodíaco - um tema que se repete acima das portas de algumas das pequenas casas. Mas todos os olhos se voltam para o bizarro edifício, semelhante a um pavilhão, que parece erguer-se da extremidade rochosa da aldeia, suspenso sobre o precipício. O edifício era a biblioteca e o gabinete de trabalho particular de Saunière, conhecido por Tour Magdala (a Torre de Magdala). Faz parte do seu domaine, recentemente aberto ao público. Semelhante a um pequeno torreão medieval, de um lado, a torre dá para os extensos baluartes que conduzem à estufa agora abandonada. Nas salas situadas abaixo dos baluartes, existe agora um museu, dedicado à vida de Saunière e ao mistério que o rodeia. Um jardim separa a torre da imponente casa que ele mandou construir com a sua riqueza inexplicável, a Vila Betânia; algumas das suas salas estão abertas ao público. Do outro lado, junto de um caminho de saibro, encontra-se uma pequena gruta, construída pelo próprio sacerdote com pedras trazidas especialmente de um vale vizinho e, presumivelmente, com grande esforço. Depois, chega-se ao cemitério da aldeia e à delapidada igreja. Esta é dedicada a Santa Maria Madalena.

Dada a fama da igreja, é espantoso verificar que ela é tão pequena, mas qualquer decepção é compensada pelo carácter bizarro e justamente famoso da decoração feita pelo abade Saunière. Nesta, pelo menos, o abade ainda consegue

surpreender.
Sobre o pórtico, com os seus quase ridículos pássaros de estuque branco, de segunda qualidade, e com as telhas amarelas quebradas, estão gravadas as palavras: Terribilis e St locus iste («Este é um lugar terrível»), uma citação do Livro do Gênesis (28:17) completada em latim sobre o arco do pórtico: «É a casa de Deus e a Porta do Céu.» Uma estátua de Maria Madalena ocupa um lugar de relevo sobre a porta, enquanto o espaço entre as cornijas está decorado com triângulos equiláteros e esculturas de rosas com uma cruz. Mas muito mais surpreendente é a visão de um demônio em estuque, horrivelmente contorcido, parecendo guardar a porta, do lado interior do pórtico. Com chifres e caricato, inclina-se de modo significativo enquanto carrega sobre os ombros a pia da água benta. Esta é encimada por quatro anjos, cada um deles fazendo um dos gestos implicados no sinal da cruz, enquanto, por debaixo deles, estão inscritas as palavras Par ce signe tu le vaincras («Por este sinal tu o vencerás»). Na parede do fundo vê-se um quadro que representa o baptismo de Jesus - que está representado numa posição que é exactamente a imagem reflectida do Demônio. Tanto o Demônio como Jesus olham para uma parte específica do pavimento, desenhado como um tabuleiro de xadrez. No quadro, João Baptista eleva-se acima de Jesus, derramando sobre ele a água de uma concha, repetindo, assim, o tema da pia da água benta, em forma de concha, que está colocada

sobre o Diabo. É evidente que se encontra algum paralelo entre os dois conjuntos de imagens, entre o Demônio e o baptismo de Jesus. (Em Abril de 1996, num dos muitos actos de vandalismo a que a igreja está sujeita, a cabeça do Demônio foi cortada - e roubada - por um atacante desconhecido.)
Pisando este pavimento, aos quadrados brancos e pretos, e olhando em redor desta pequena igreja paroquial de Santa Maria Madalena, ela parece, à primeira vista, bastante típica da sua época e lugar. Excessivamente ornamentada com vistosos santos de estuque - como St.º António, o Eremita e St. Roche -, ela contém a quota habitual de ornamentos eclesiásticos. Mas estes merecem um escrutínio mais cuidadoso, porque a maioria deles tem um toque, no mínimo, idiossincrático. Por exemplo, as estações da Via Sacra, invulgarmente, prosseguem em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio e incluem um rapaz, que enverga um saiote escocês, e uma pequena criança negra. E o dossel que encima o púlpito tem a forma do Templo de Salomão.
O baixo-relevo do frontal do altar era, dizem, o orgulho e a alegria de Saunière: ele próprio lhe dera os últimos retoques. Representa uma Madalena revestida de ouro, de joelhos, em oração, com um livro aberto à sua frente e uma caveira sobre os joelhos. Os dedos estão curiosamente entrelaçados, do modo que é geralmente descrito como latté. Uma cruz, aparentemente feita de uma delgada árvore verde

- com um rebento a meio da haste - ergue- se em frente dela, e para além da gruta rochosa, onde está ajoelhada, vê-se a forma nítida de edifícios recortados contra a linha do horizonte. Curiosamente, embora o livro e a caveira sejam elementos tradicionais da iconografia de Madalena, o usual vaso de unguento de nardo não se vê aqui.
Ela também surge nos vitrais, por cima do altar, onde é representada ajoelhada junto de uma mesa, para ungir os pés de Jesus com o precioso unguento. Ao todo, há quatro imagens de Madalena nesta igreja, o que, apesar da sua condição de santa padroeira, podia parecer excessivo para um edifício tão pequeno. O comprometimento de Saunière com ela é reforçado pela designação da sua biblioteca - a Torre de Magdala - e da sua casa - a Vila Betânia. Betânia era a residência bíblica da família que incluía Lázaro, Marta e Maria.
Há um quarto secreto, oculto por detrás de um armário da sacristia, mas este raramente é visitado pelo público. A sua única janela, que não se distingue claramente do exterior, parece representar, nos vitrais, a habitual cena da crucificação. Mas, como virtualmente tudo o mais neste «terrível lugar», esta cena não é exatamente o que parece. O olhar é atraído para a paisagem distante, que se avista sob os braços do homem crucificado; claramente, é ela o verdadeiro foco do quadro. Mais uma vez, ali está o Templo de Salomão.

Mesmo a entrada para o cemitério é invulgar: a arcada está decorada com uma caveira e dois ossos metálicos cruzados, um emblema dos Cavaleiros Templários - embora o toque bizarro seja dado pelo esgar que descobre vinte e dois dentes. As sepulturas, ornamentadas com complicados tributos florais e fotografias dos falecidos, como em tantos outros cemitérios franceses, incluem as da família Bonhommes. Em qualquer outro lugar, talvez isto não provocasse comentários mas aqui esta evocação linguística dos cátaros - Les Bonhommes - parece particularmente pungente. A sepultura de Saunière, com o seu perfil em baixo-relevo - levemente danificado pelo vandalismo dos tempos recentes - está situada junto à parede que separa o cemitério do seu antigo domaine. Marfe Dénarnaud, sua fiel governanta (se não bastante mais do que isso), está enterrada a seu lado.
Não é nosso objetivo rever, em pormenor, o que se transformou numa história banal. Mas, ao suspeitar de que o mistério de Rennes podia fornecer algumas pistas sobre a continuação da tradição secreta, não estávamos enganados nem ficámos decepcionados. Como vimos, encontrámos provas de uma complicada série de ligações que remontavam a uma tradição gnóstica da região, uma zona que foi sempre famosa pelos seus heréticos, sejam eles cátaros, Templários ou as chamadas «bruxas». Desde o trauma da Cruzada dos Albigenses, os habitantes locais nunca confiaram totalmente no Vaticano, de modo

que, a região constituiu o refúgio perfeito para ideias heterodoxas e também para aqueles que tinham interesses políticos minoritários. No Languedoc, com as suas longas e amargas memórias, a heresia e a política andaram sempre de mão dada, como talvez ainda andem.

Em Saunière, encontramos um sacerdote extrovertido e rebelde. Dificilmente podia ser considerado um típico pároco de aldeia, conhecia bem o grego e o latim e foi um assinante regular de um jornal alemão contemporâneo.

Se ele descobriu, ou não, um tesouro ou um segredo, e improvável que todo o «caso Rennes» seja uma completa invenção. Há, no entanto, várias razões para pensar que a história, tal como é contada, foi muito mal interpretada.

A sequência exacta dos acontecimentos é notavelmente difícil de reconstituir, porque ela se apoia mais nas memórias dos aldeões do que em provas documentais. Saunière aceitou o seu cargo de pároco no princípio de Junho de 1885. Passados alguns meses, teve problemas por ter pregado do seu púlpito um veemente sermão anti-republicano (durante as eleições daquele ano) e foi temporariamente suspenso do seu cargo. Reintegrado no Verão de 1886, recebeu uma doação de 300 francos, feita pela condessa de Chámbord, viúva de um pretendente ao trono francês - Henri de Bourbon, que reclamava o título de Henri V -, em reconhecimento dos serviços prestados à causa monárquica. Aparentemente, Saunière usou o dinheiro para recuperar a sua

antiga igreja e, segundo a maioria dos relatos, foi então que o pilar visigótico, que sustentava o altar, foi removido - dentro do qual, segundo se diz, ele encontrou certos pergaminhos codificados. Mas isto parece improvável, porque o seu comportamento excêntrico e projectos ambiciosos apenas começaram em 1891. Foi nessa altura que o sineiro, Antoine Captier, encontrou uma coisa importante. Segundo alguns era um cilindro de madeira, enquanto outros afirmam que era um frasco de vidro: fosse o que fosse, julga-se que ele continha um rolo de pergaminhos ou de documentos, que ele entregou a Saunière. E parece ter sido esta descoberta que deu origem aos atos peculiares do sacerdote.
Segundo a versão usual, Saunière apresentou os pergaminhos ao bispo de Carcassonne, Félix-Arsène Billard, o que precipitou uma viagem a Paris. Dizem que Saunière fora aconselhado a mandar descodificar os documentos por um perito, Émile Hoffet, então um rapaz que se preparava para o sacerdócio, mas já possuía um conhecimento profundo do ocultismo e do mundo das sociedades secretas. (Mais tarde, ensinou na igreja de Notre-Dame de Lumières, em Goult, um lugar da Madona Negra, especialmente importante para o Priorado de Sião.) O tio de Hoffet era director do seminário de Saint-Sulpice de Paris.
A igreja de St. Sulpice distingue-se pelo facto de o meridiano de Paris - que passa próximo de Rennes-le-Château - estar marcado por uma linha de cobre traçada sobre o pavimento. Construída

sobre os alicerces de um templo de Ísis, em 1645, foi fundada por Jean-Jacques Olier, que a mandou desenhar segundo o Meio Termo Ideal da geometria sagrada. Recebeu o nome de um bispo de Bourges, da época do rei merovíngio Dagoberto II, e a sua festividade é comemorada a 17 de Janeiro - uma data recorrente dos mistérios de

 Rennes-le-Château e do Priorado de Sião. Grande parte do romance satânico de J. K. Hysmans Là-Bas decorre em St. Sulpice, e o seminário, que lhe é anexo, foi notório pela heterodoxia (para dizer o mínimo) do final do século XIX. Também serviu de quartel-general à misteriosa sociedade secreta do século XVII denominada Companhia do Santo Sacramento que, segundo tem sido sugerido, servia de fachada ao Priorado de Sião.

Durante a estada de Saunière em Paris - que aconteceu no Verão de 1891 ou na Primavera de 1982 -, Hoffet introduziu-o na florescente sociedade ocultista, centrada em Emma Calvé e que incluía figuras como Joséphin Péladan, Stanislas de Guaïta, Jules Bois e Papas (Encausse Encausse). Segundo um rumor persistente, Saunière e Emma tornaram-se amantes.

Diz-se que Saunière visitou a igreja de Saint Surpice e estudou algumas das suas pinturas e - de acordo com a história habitual - comprou reproduções de pinturas específicas no Louvre (que serão discutidas mais tarde). Depois de regressar a Rennes-le-Château, começou a decoração da sua igreja e a construção do seu

domaine.
A visita a Paris é uma parte crucial do mistério de Saunière e tem sido sempre objeto de intenso escrutínio por parte dos investigadores. Não há prova directa de que ela tivesse acontecido. Uma fotografia de Saunière, que ostenta o nome de um estúdio de Paris, durante muito tempo tomada como prova da viagem, revelou, recentemente, ser uma fotografia do irmão mais novo, Alfred (também sacerdote). Também foi afirmado que a assinatura de Saunière surge no livro das missas, em Saint-Sulpice, mas isso nunca foi confirmado. O escritor Gérard de Sède *5, que possuiu alguns dos documentos de Émile Hoffet, afirma que eles contêm uma nota de um encontro com Saunière, em Paris (sem data, infelizmente), mas, tanto quanto sabemos, não há corroboração independente desse encontro. Como grande parte desta história, ele assenta nas memórias e testemunhos dos aldeões e de outras pessoas. Por exemplo, Claire Captier, filha de Corbu, o homem que comprou a Marie Dénarnaud o domaine de Saunière, em 1916 - esta continuou a viver com os Corbu até à sua morte, em 1953 -, afirma categoricamente que a viagem a Paris se realizou.
O que Saunière encontrou parece tê-lo tornado extrema e rapidamente rico. Quando assumiu o seu cargo, o seu estipêndio era de 75 francos por mês. Contudo, entre 1896 e a sua morte, em 1917, ele gastou uma larga soma de dinheiro - talvez não os 23 milhões de francos, que alguns pretendem, mas, certamente, não menos de

160.000 francos por mês. Tinha contas bancárias em Paris, Perpignan, Toulouse e Budapeste e investiu fortemente em acções e títulos do Estado - não era a habitual situação financeira de um sacerdote da província. Dizia-se que ele ganhou o dinheiro com o tráfico de missas (cobrando para celebrar missas que, supostamente, perdoavam ao pagador vários anos de Purgatório), mas, embora ele certamente procedesse deste modo, como afirma o historiador francês René Descadeillas - considerado o principal critico do caso Saunière -, isso não podia ter «rendido somas suficientes para lhe permitir edificar essas construções e, ao mesmo tempo, viver tão luxuosamente. Por conseguinte, havia qualquer coisa mais». Em qualquer caso, poder-se-ia perguntar por que razão tantas pessoas teriam desejado que as missas fossem celebradas por Saunière - um insignificante sacerdote rural de uma paróquia remota.
Ele e Maria provocaram criticas devido à sua luxuosa maneira de viver: ela vestia sempre as últimas modas de Paris (diz-se que foi essa a razão da sua alcunha de «La Madonne», e ofereciam recepções, em escala completamente desproporcionada com o seu rendimento ou posição social. Além disso, os ricos e famosos faziam a viagem, incrivelmente difícil, para Rennes-le-Château para os visitar. (Por alguma estranha razão, no entanto, Saunière apenas recebia visitas na Vila Betânia, preferindo viver no velho presbitério anexo à igreja.) Os visitantes

incluíam um príncipe de Habsburgo - que tinha o nome, curiosamente sugestivo, de Johann Salvator von Habsgurg - um ministro do Governo e Emma Calvé.
Mas não foi apenas o fausto da sua hospitalidade que provocou hostilidade: Saunière e Marie começaram a cavar no cemitério durante a noite. Embora, de modo geral, o que eles procuravam fosse matéria para especulação, é certo que eles apagaram as inscrições da pedra vertical e da placa que cobria a sepultura que ostentava o sugestivo nome de Marie de Nègre d'Ables - uma mulher nobre da região, falecida a 17 de Janeiro de 1781 -, presumivelmente para destruir a informação que ela continha. Mas eles não sabiam que todo este esforço era inútil - já existia uma cópia da inscrição graças a visitantes, membros de uma sociedade de antiquários locais. Mas, como veremos, a ansiedade de Saunière de destruir a inscrição tem grande importância para a nossa investigação.
Na época da alegada viagem a Paris, Saunière também encontrou a «Pedra do Cavaleiro», mas voltada para baixo, junto do altar, uma laje gravada, datando da época visigótica e que representa um cavaleiro acompanhado por uma criança. Parecia que ele tinha encontrado alguma coisa de grande importância - talvez outro esconderijo de documentos ou artefactos ou a entrada para uma cripta. Ninguém sabe, ao certo, porque Saunière mandou substituir o pavimento, mas o seu diário apresenta o enigmático registo, a

23 de Setembro de 1891: «Carta de Granès. Descoberta de um túmulo. Choveu.» As escavações nocturnas de Saunière provocaram um escândalo local, mas foi o seu tráfico de missas que, eventualmente, despertou a ira das autoridades da Igreja, a ponto de ser privado do seu cargo eclesiástico. Foi mesmo transferido para outra paróquia, mas recusou categoricamente obedecer, e continuou a viver em Rennes-le- Château com Marie. Quando a Igreja enviou outro sacerdote para a aldeia, Saunière celebrava missa, sem caráter oficial, para os aldeões, que se lhe mantinham fiéis.

De todos os mistérios que rodearam Saunière, talvez um dos mais persistentes seja aquele que se seguiu à sua morte. Adoeceu a 17 de Janeiro de 1917; morreu cinco dias depois e o seu corpo foi colocado numa cadeira, direito, nos baluartes do terraço do seu domaine, enquanto os aldeões - e outros, que já tinham feito viagens mais longas - desfilavam, arrancando pompons vermelhos do seu manto. A sua última confissão foi ouvida pelo sacerdote da vizinha aldeia de Espéraza, e o que foi dito teve nele um efeito tão profundo, que René Descadeillas afirma: «[...] a partir desse dia, o velho sacerdote nunca mais foi o mesmo homem; era evidente que ele recebera um choque».

Depois da sua morte, a fiel Marie Dénarnaud continou a viver na Vila Betânia. Saunière, que, como sacerdote, não podia possuir bens, comprara todas as terras em nome dela. Marte tornou-se

cada vez mais solitária e ganhou fama de irascível, resistindo às múltiplas tentativas para a convencer a vender o domaine, cada vez mais abandonado. Finalmente, em 1946, no dia da festividade de Maria Madalena, ela vendeu-o a Noël Corbu, um homem de negócios, na condição de poder lá viver o resto dos seus dias.
A filha de Corbu, Claire Captier, recorda-se de viver lá quando era criança. Segundo Claire, Marie visitava a sepultura de Saunière todos os dias - e a meio de todas as noites. Marie relatou à jovem Claire um fenômeno que acompanhava algumas dessas visitas. Costumava dizer: «Esta noite, fui seguida pelos fogos-fátuos do cemitério». Quando lhe perguntavam se tinha medo, Marie respondia: «Estou habituada... Se caminho lentamente, eles seguem- me... quando paro, eles também param, e quando fecho o portão do cemitério, desaparecem sempre.» Claire Captier também recorda que Marie dizia: «Com o que Monsieur le Curé deixou, podia alimentar toda a Rennes durante cem anos, e ainda sobraria.» E, quando lhe perguntavam por que vivia como pobre, se tinha herdado tanto dinheiro, ela respondia: «Não lhe posso tocar.» Em 1949, quando soube que o negócio de Corbu corria mal, Marie disse-lhe: «Não se preocupe tanto, meu caro Noël... um dia, revelar-lhe-ei um segredo que fará de si um homem rico... muito rico!» Infelizmente, nos meses que precederam a sua morte, provocada por um ataque súbito, em Janeiro de 1953, ela tornou-se senil, e o segredo morreu com ela.

A que dizia respeito a história de Saunière? Certamente, parece que ele estava a ser bem pago por um agente exterior para continuar a viver na aldeia (mesmo quando já era rico e já não era pároco, ele preferiu continuar lá), embora os pagamentos pareçam ter sido irregulares. A sua riqueza não consistia numa grande quantia, recebida de uma só vez, como alguns sugeriram, porque a sua liquidez monetária era variável. Por vezes, passava por períodos de carência, mas retomava a sua vida luxuosa numa questão de meses. Na época da sua morte, estava empenhado em novos e ambiciosos projetos, que custariam, no mínimo, 8 milhões de francos - construir uma boa estrada de acesso à aldeia, para o automóvel que tencionava comprar, canalizar água para todas as casas, criar uma pia baptismal exterior e erigir uma torre com setenta metros de altura, da qual tencionava chamar os fiéis à oração.

Fortes candidatos ao papel de pagador são os monárquicos, mas, nesse caso, há um mistério diferente. Que possíveis serviços podia Saunière ter-lhes prestado que resultassem em pagamentos em tão grande escala? Podia a sua obsessão com Madalena sugerir, de algum modo, a razão subjacente às generosas recompensas dos monárquicos? Certamente que a sua riqueza significava mais do que um envolvimento numa intriga política. E os seus poucos livros de memórias, nas palavras de Gérard de Sède, revelam:

Uma curiosa devoção à Bona Dea, ao princípio do eterno feminino, que, na boca de Béranger [Saunière], parece transcender a crença e a fé.

Mais uma vez, encontramos segredos que rodeiam o Princípio Feminino, personificados em Maria Madalena... e uma clara ligação com o Priorado de Sião, que declara venerar as Madonas Negras e Ísis. E, como veremos, a área circundante de Rennes-le-Château contém múltiplas pistas da continuação desta forma de culto da deusa.
E quanto aos famosos pergaminhos, supostamente encontrados por Saunière (segundo as fontes do Priorado)? Dizem que consistiam em duas genealogias, relativas à sobrevivência da dinastia merovíngia, e em dois extractos dos Evangelhos, nos quais certas letras, que estão destacadas, transmitem mensagens codificadas. Os pergaminhos nunca foram tornados públicos, mas alegadas cópias dos textos codificados foram largamente publicados, surgindo, pela primeira vez, em 1967, em L'or de Rennes de Gérard Séde e de sua mulher, Sophie. (De facto, embora ele não seja considerado como tal, Pierre Plantard da Saint-Claire declarou que fora co-autor deste livro.)
 Estes textos foram tema de milhares de palavras e de constante especulação. A partir do relato do Novo Testamento, acerca de Jesus e dos discípulos na seara, ao sábado, as letras destacadas, quando lidas por ordem, formam as seguintes palavras:

A DAGOBERT II ROI ET A SION EST CE TRESOR ET IL EST LA MORT

PARA DAGOBERTO II REI E PARA SIÃO É ESTE TESOURO E ELE É A MORTE

O outro texto descreve, de forma evidente, a unção de Jesus por Maria de Betânia, e a versão descodificada é apresentada como:

BERGÈRE PAS DE TENTATION QUE POUSSIN TENIERS GARDENT LA CLEF PAX 681 PAR LA CROIX ET CE CHEVAL DE DIEU J'ACHEVE CE DAEMON DE GUARDIEN A MIDI POMMES BLEUS

PASTORA NADA DE TENTAÇÃO QUE POUSSIN TENIERS GUARDA A CHAVE PAZ 681 PELA CRUZ E ESTE CAVALO DE DEUS EU COMPLETO [OU MATO] ESTE DEMO GUARDIÃO AO MEIO-DIA [OU NO SUL] MAÇÃS AZUIS

A decifração deste código foi muito mais complexa do que a primeira. Pela leitura das letras destacadas neste caso, obtemos «REX MUNDI» «Rei do Mundo», em latim - uma designação gnóstica do rei deste mundo, que foi usada pelos cátaros), mas também foram acrescentadas 140 letras estranhas, tornando muito tortuoso o processo de descodificação para obter a mensagem «Pastora nada de tentação». (Curiosamente, este sistema fora criado pelo

alquimista francês Blaise de Vignière, que fora secretário de Lorenzo de Medici.) A mensagem final é um perfeito anagrama da inscrição da pedra tumular de Marie de Nègre (que será discutida no capítulo seguinte).

Embora haja poucas dúvidas de que a descodificação da mensagem seja exacta, tem havido muitas tentativas engenhosas - e muito imaginativas - para a explicar ou compreender. Nenhuma delas foi completamente satisfatória. (A mais recente, de Andrews e de Schellenberger, é discutida no I Apêndice.)

O problema destes pergaminhos é que Philippe Chérisey, associado de Pierre Plantard de Saint-Claire (e seu provável sucessor, como grão-mestre do Priorado de Sião, em 1984), admitiu, mais tarde, que os forjara, nos anos 60. (Quando confrontado com a confissão de Chérisey, pelos autores de The Holy Blood and The Holy Grail, Plantard alegou que Chérisey simplesmente os copiara, o que não é inteiramente convincente.)

Seja qual for a maneira de considerar estes pergaminhos, tem de se admitir que têm grande êxito como passatempo clássico e que são demasiado duvidosos para apresentar directrizes importantes para uma investigação da história de Saunière.

Mas, se o sacerdote não encontrou pergaminhos, talvez encontrasse algum género de tesouro - como muitas pessoas firmemente acreditam. Encontrou, certamente, um pequeno esconderijo

de moedas e jóias antigas, na igreja, mas, como toda a área é rica em achados arqueológicos, tal descoberta dificilmente teria despertado o interesse que rodeou a história de Saunière. Muitas pessoas acreditam que ele descobriu uma verdadeira caverna de Aladino, com um suntuoso tesouro, que nem ele nem os seus simpáticos amigos conseguiram esbanjar, e que parte dele ainda ali se encontra, à espera de ser descoberto por algum investigador com iniciativa. Foi sugerido que o complicado simbolismo da igreja, juntamente com as várias mensagens codificadas, como a das «Maçãs Azuis», se destinavam a dar pistas ao investigador com iniciativa quanto ao lugar onde se encontrava o resto do tesouro.

Embora esta noção possa ser romântica, ela é absurda. Em primeiro lugar, este cenário não consegue explicar os seus recorrentes problemas de liquidez; em segundo lugar, ele elaborava os chamados mapas de tesouro - o simbolismo da igreja -, o que não era uma atitude muito inteligente, se ele tencionava reservar o dinheiro para si. Por último, se a igreja é, essencialmente, um enorme mapa do tesouro, então o simbolismo usado é extremamente bizarro e esotérico. Se ele queria reservar o dinheiro para si, dificilmente teria desenhado um mapa (embora fosse arcano) do tesouro, para consumo público, e se ele queria que apenas certas pessoas o encontrassem, então por que não as informou? E o facto de ter encontrado o tesouro dificilmente explicaria a razão por que as pessoas ricas e influentes o

desejavam visitar na sua remota paróquia, na encosta da colina.
Segundo tudo indica, parece que Saunière estava a ser pago por alguém, por alguma coisa - algum serviço que implicava a sua estada em Rennes-le-Château, onde ele insistia em viver, mesmo depois de receber ordens para se afastar. As suas atividades revelam que ele procurava, definitivamente, alguma coisa: as suas escavações nocturnas no cemitério, os demorados passeios pelas imediações e mesmo as viagens mais demoradas a lugares mais afastados, que duravam vários dias seguidos. Mas era tão importante que o julgassem ainda em Rennes-le-Château que, durante as suas ausências, Marie Dénarnaud enviava regularmente cartas já preparadas em resposta à correspondência recebida, insinuando que ele estava apenas demasiado ocupado, naquele momento, para responder pessoalmente. (Após a sua morte, foram encontradas algumas destas respostas em série entre os seus papéis pessoais.)
Um novo aditamento à história de Saunière surgiu em 1995, quando o esoterista André Douzet apresentou uma maquete, ou modelo em estuque, representando uma paisagem em relevo, que Saunière supostamente lhe encomendara pouco tempo antes da sua morte. O modelo apresenta colinas e vales, atravessados pelo que parecem ser estradas ou rios. Há um único edifício quadrado na encosta de uma colina. Aparentemente, ela representa a área em redor de Jerusalém, porque

são indicados lugares bíblicos, como o jardim de Getsemani e o Gólgota. Contudo, a paisagem da maquete não corresponde, de modo algum, à de Jerusalém: talvez represente, de facto, a área que circunda Rennes-le-Château. Teria Saunière planeado transformar a sua terra natal na Nova Jerusalém?

É possível passar uma vida inteira a estudar as possibilidades do mistério de Rennes-le-Château: na verdade, talvez seja essa a sua função - ser uma famosa pista falsa. Porque, apesar da sua indubitável importância, ela desvia a atenção das implicações de outras pistas, igualmente sugestivas, da área circundante.

Outros sacerdotes das paróquias vizinhas estavam implicados no caso, incluindo o superior de Saunière, Félix-Arsène Billard, bispo de Carcassonne. Alegadamente, ele enviou Saunière a Paris e fingiu ignorar o seu comportamento excêntrico e escandaloso. (Foi depois da morte de Billard, em 1902, e da nomeação do seu sucessor, que foi instaurado um processo a Saunière.) E o próprio Billard estava envolvido nalgumas transações financeiras duvidosas.

O mais famoso deste grupo de sacerdotes que rodeavam Saunière é o abade Henri Boudet (1837-1915), que era pároco de Rennes-le-Château desde 1872. Um homem sensato, erudito e reservado - temperamentalmente, o verdadeiro oposto de Saunière -, também se entregava a estranhas actividades. Em 1886, publicou um livro bizarro, Le vraie langue celtique et le cromleck de

Rennes-les-Bains (A Verdadeira Língua Celta e o Cromlech de Rennes-les-Bains), que sempre deixou os investigadores perplexos. Aparentemente, o livro trata dois temas: uma perversa teoria de que muitas línguas antigas - céltico, hebraico, etc. - derivam do anglo-saxónico, incluindo exemplos absurdos de topónimos das imediações de Rennes-les-Bains que, segundo ele, provinham de radicais ingleses; e uma descrição de vários monumentos megalíticos da área. Boudet era um respeitado historiador e antiquário local, e as teorias que ele propunha eram tão inverosímeis que muitas pessoas concluíram que elas deviam esconder uma mensagem mais profunda e secreta - uma contrapartida literária da decoração da igreja de Saunière. Segundo algumas sugestões, as duas completavam-se e, quando reunidas, codificavam as instruções para encontrar o «tesouro». Se é assim, ninguém chegou a uma decifração satisfatória e o livro de Boudet é tão intrigante agora como quando foi publicado. Mas as suas outras atividades também decorrem paralelas às de Saunière, porque se sabe que ele alterou inscrições das sepulturas do cemitério da sua paróquia e mudou a posição dos marcos limítrofes da área.
Algumas pessoas consideram Boudet como o mestre que inspirou a construção dos edifícios de Saunière, e têm surgido sugestões, como a de Pierre Plantard de Saint-Clair - até agora não provada -, de que Boudet era o «pagador» de

Saunière. Mas Boudet é também significativo para outro protagonista importante deste complexo mistério: o próprio Pierre Plantard de Saint-Clair escreveu o prefácio de uma edição fac-similada (1978) de Le vraie langue celtique et le cromleck de Rennes-les-Bains e possui terras próximo de Rennes-les-Bains. Também se pode ver, no cemitério da velha igreja de Boudet, uma placa indicadora do talhão que Plantard de Saint-Clair reservou para si.

O outro clérigo contemporâneo de Saunière era o abade Antoine Gélis, que era pároco da aldeia de Constassa, situada defronte de Rennes-le-Château, na outra margem do rio Sals. A 1º de Novembro de 1897, o velho Gélis (então com 70 anos) foi encontrado selvaticamente assassinado, tendo morrido devido a repetidas e graves pancadas na cabeça, aparentemente desferidas por um assaltante que ele deixara entrar no presbitério e com o qual estava a conversar. Gélis era amigo de Saunière - este regista um encontro com ele e com várias pessoas, no seu diário de 29 de Setembro de 1891, apenas oito dias depois do registo relativo à «descoberta de um túmulo». No período que antecedeu o seu assassinato, Gélis, aparentemente, vivia com medo, mantendo a porta fechada à chave e recebendo apenas a sobrinha, que lhe trazia as refeições. Recentemente, recebera uma grande soma de dinheiro - 14.000 francos -, que ninguém soube explicar. Escondera-o em sua casa e na igreja e encontraram-se papéis pessoais que revelaram os

esconderijos. Virtualmente, no entanto, todo o dinheiro se encontrava ali depois do seu assassinato. O criminoso - que nunca foi descoberto - deixara ficar quase 800 francos, que se encontravam em casa. Mais estranho ainda, ele amortalhou ritualmente o corpo, cruzando-lhe os braços sobre o peito e deixando um pedaço de papel em que estavam escritas as palavras: «Viva Angelina.» Nunca se descobriu o móbil deste crime.

Há dois elementos particularmente estranhos entrelaçados no assassinato de Gélis. A sua pedra tumular, no cemitério de Constassa, fora colocada - a única de todas as sepulturas - de modo a ficar voltada para Rennes-le-Château, que é claramente visível na encosta da colina fronteira. E, embora este brutal assassinato de um idoso e frágil sacerdote chocasse a população local, a diocese parecia querer que o assunto fosse esquecido tão depressa quanto possível. Quando Gérard de Sède tentou investigá-lo, no princípio dos anos 60, não encontrou nenhum registo do crime nos arquivos diocesanos de Carcassonne. Apenas em 1975, dois advogados reconstituíram a história a partir dos registos da Polícia e do Tribunal locais.

Foi mesmo sugerido que Saunière era responsável pela morte de Gélis, mas é mera especulação. Parece, no entanto, que se passava alguma coisa sinistra que envolvia os sacerdotes locais e que ultrapassava os limites de Rennes-le-Château.

Sem dúvida que a aldeia de Rennes-le-Château é importante por si mesma, mas talvez lhe tenha

sido atribuída demasiada importância porque toda a região envolvente está também impregnada d mistério. A maioria dos investigadores reconhecem o facto de existirem outros lugares igualmente fascinantes e estranhos nas imediações, mas têm tendência a considerá-los como um pano de fundo para a história de Saunière. Mas, se ele fez uma descoberta, há muitos lugares onde a podia ter feito. Além das suas várias e prolongadas ausências da aldeia, por vezes durante dias ou mesmo semanas, ele também era conhecido por dar longos passeios pelas redondezas. (E as suas entusiásticas excursões de caça e pesca também podiam encobrir outra atividade.)

Os Dossiers secrets informam apenas que Saunière estivera a trabalhar para o Priorado de Sião, mas há alguma prova da influência deste na área circundante? Vimos que Pierre Plantard de Saint-Clair possui terras na proximidade de Rennes-le-Château e que comprou ali um talhão do cemitério, mas as aparentes preocupações da organização refletem-se, de fato, na área? Dada a extraordinária cultura cruzada de sociedades secretas do Languedoc, seria extraordinário que não se reflectissem. De facto, um estudo da área próxima de Rennes-le-Château fornece indicações não só quanto ao Priorado mas também sobre uma tradição secreta, mais vasta - aquela que suspeitávamos que podia existir. Iríamos verificar que o que se podia chamar a Grande Heresia européia - a extrema veneração, mesmo o culto disfarçado de Maria Madalena e de João Baptista -

está aqui bem representado.
Há uma notável proliferação de igrejas dedicadas a João Baptista nesta região. Muitas vezes, encontram-se em grupos - por exemplo, há três igrejas de «Jogo» na pequena área de Belvèdere-du-Razès. (Curiosamente, uma grande parte desta área denomina-se La Magdalene.)
Também é interessante que a actual igreja de «Madalena» de Rennes-le-Château fosse, outrora, apenas a capela do castelo, enquanto outra igreja embelezava a aldeia - e que era dedicada a João Batista. Esta foi destruída no século XIV, quando Rennes-le-Château foi tomada pelas tropas de um nobre espanhol, sendo demolida pedra a pedra, na convicção de que algum tesouro estivesse escondido no seu interior.
Um volte-face inexplicável ocorreu na vizinha Arques, quando a primitiva igreja de S. João Batista foi novamente dedicada a Santa Ana; fato particularmente estranho, porque ela ainda conserva uma relíquia de Batista.
Arques e Couiza - onde existe outra igreja de «João» - foram propriedade da família de Joyeuse até 1646, quando Heuriette-Catherine de Joyeuse vendeu todas as suas terras do Languedoc à monarquia francesa. Curiosamente, ela era viúva de Charles, duque de Guise, cujo preceptor fora Robert Fludd - que fora mandado vir de Inglaterra especialmente para desempenhar esse cargo.
Outrora, em Couiza, ou em Arques, existira uma Madona Negra, conhecida por Notre- Dame de la Paix, que fora levada para Paris, em 1576, pela

família de Joyeuse, onde ainda se encontra, na igreja das Irmãs do Sagrado Coração. Estranhamente, Saunière correspondia-se com a superiora desta ordem, para a qual ele era alguém verdadeiramente especial. Numa carta que a irmã Augustine-Marie, secretária da ordem, lhe enviou, datada de 5 de Fevereiro de 1903, ela pede-lhe para celebrar missas, especificamente em honra da sua Madona Negra, oferece-se para lhe vender uma estátua do Pequeno Jesus de Praga (que ainda se encontra na Vila Betânia) - e, um tanto misteriosamente, agradece-lhe «a devoção que consagra ao nosso bom rei». Pode ser uma referência a algum pretendente ao trono francês ou a Jesus, embora, como veremos, existisse outro «rei» que era venerado por grupos heterodoxos. Contudo, há a sugestão de um significado diferente, talvez codificado, nas palavras da irmã Augustine-Marie, e a curiosa insinuação de que havia alguma coisa especial na paróquia (e nos paroquianos) de Rennes-le-Château.

A família de Joyeuse também mandou edificar a igreja de João Baptista de Arques, que foi construída a partir das ruínas do antigo castelo que fora destruído pelos soldados de Simon de Monfort. De facto, a atual torre do sino e a parede principal faziam parte da igreja que foi outrora dedicada a João Batista mas que é agora dedicada a Santa Ana - embora nem o presidente do município de Arques nos soubesse explicar a razão que motivara a alteração.

O seu antecessor, nos anos 30 e 40, foi Déodat

Roché, um grande estudioso da história esotérica da área, que foi o inspirador de uma das mais sérias tentativas de restaurar uma igreja cátara naquela área. Um dos tios de Roché era o médico de Saunière, e outro era o seu notário.
A meio caminho entre Rennes-le-Château e Limoux, encontra-se a cidade que é a estância termal de Alet-les-Bains. Antiga sede do bispado local (antes de ser transferida para Carcassonne), Alet era, na Idade Média, um famoso centro alquímico. A família de Nostradamus era oriunda desta cidade, e é possível que o famoso visionário tivesse lá vivido durante algum tempo. A cidade tem conexões templárias que remontam aos primeiros anos da ordem - vários decretos importantes que lhes concediam terras foram assinados em Alet, em anos posteriores a 1130 - e ainda se vêem símbolos templários gravados nas madeiras de algumas das pitorescas casas medievais; na realidade, o brasão da cidade ostenta uma cruz templária. A importante igreja de Santo André tem uma curiosa ligação com esta ordem. O escritor e investigador Franck Marie demonstrou que o seu desenho (como o da Capela Rosslyn) é baseado na geometria da cruz templária - contudo, a igreja foi edificada no final do século XIV, depois da extinção da ordem. O edifício também é notável pelas janelas que ostentam o símbolo da estrela de seis pontas, a Estrela de David. Além das óbvias associações judaicas (que são, no mínimo, extremamente invulgares numa igreja medieval), o símbolo também tem

conotações mágicas tradicionais - simbolizando a união dos princípios masculino e feminino.
A rua principal de Alet-les-Bains é a Avenida Nicolas Pavillon, o nome do seu mais famoso bispo (cuja incumbência se manteve desde 1637 até 1677). Pavillon foi uma figura importante, que esteve envolvida em acontecimentos relacionados com o Priorado de Sião. Pavillon, juntamente com dois outros clérigos, o famoso S. Vicente de Paulo e Jean-Jacques Olier (que edificou St. Sulpice) foram as forças que inspiraram a Companhia do Santo-Sacramento, também conhecida entre os seus membros por «a cabala do Devoto». Considerada uma organização caritativa, é agora reconhecida pelos historiadores como tendo sido uma sociedade político-religiosa secreta que manipulou proeminentes chefes políticos da época e que tinha mesmo influência sobre o monarca. A companhia escondeu tão bem os seus verdadeiros interesses que os historiadores ainda não estão de acordo quanto à sua verdadeira natureza - por vezes, parecem ser essencialmente católicos, mas, noutros casos, completamente heréticos. Tem sido afirmado que ela era, de facto, uma fachada para o Priorado de Sião. Como vimos, a sua sede era no seminário de St. Sulpice, em Paris.
Um destes conspiradores, o misterioso S. Vicente de Paulo (c. 1580-1660) - que afirmava, bizarramente, ter estudado alquimia -, é venerado noutro lugar, que é considerado um dos mais enigmáticos do Languedoc. É a basílica de Notre-Dame de Marceilles, situado a norte de Limoux,

muito próximo da cidade. Uma estátua de S. Vicente ergue-se no seu recinto, para assinalar o fato de ser ele o fundador da Ordem dos Padres Lazaristas, que, desde 1876, têm sido responsáveis pela basílica. (Curiosamente, o padre lazarista de Notre-Dame de Marceilles destacava-se entre os convidados de Saunière para as cerimônias de inauguração de várias partes do seu domaine.)

Este lugar tem muitas ligações intrigantes com as «heresias» que estamos a investigar . Para começar, apesar da diferença de grafia, esta «Marceilles» (cuja origem é desconhecida) evoca Madalena através da ligação com «Marseilles». A basílica foi edificada no local de um antigo santuário pagão, centrado numa fonte, famosa pelas suas propriedades terapêuticas, especialmente para os olhos. O nome da basílica tem origem numa Madona Negra do século XI, que ainda está exposta no interior da igreja e que foi associada a muitos milagres. Talvez, com aquele antecedente, não seja surpresa descobrir que aquele lugar pertencera aos Templários. Durante séculos, foi um centro de peregrinação.

Ao longo dos anos, por qualquer razão, sempre existiram lutas entre várias organizações religiosas pelo controle do lugar. Pertenceu, originariamente, à vizinha abadia beneditina de St. Hilaire, a qual, durante a Cruzada dos Albigenses, provocou comentários hostis devido à sua política de neutralidade face aos cátaros. (Toda a população de Limoux foi excomungada,

na mesma ocasião, por lhes dar proteção.) No século XIII, a luta travou-se entre o arcebispo de Narbonne, a Ordem Beneditina e os Dominicanos. Mais tarde, o rei teve de intervir numa disputa pela posse do lugar entre o arcebispo, o senhor de Limoux e Guillaume de Voisins, senhor de Rennes-le-Château. A 14 de Março de 1344 (o centésimo aniversário da misteriosa cerimónia cátara em Montségur, na última noite, antes de eles se entregarem às chamas), o papa Clemente VI entregou a igreja ao colégio de Narbonne, em Paris, em cuja posse se manteve até meados do século XVII, quando passou para o bispo de Alet-les-Bains. (Curiosamente, a principal fonte de receita do colégio de Narbonne provinha da igreja de Maria Madalena de Azille, no Aude.) Durante a Revolução, a igreja e as terras foram vendidas, mas a Madona Negra foi escondida por membros dum priorado da Ordem dos Penitentes Azuis, um curioso grupo que tem ligações com os maçônicos do Rito Escocês Rectificado e com a família Chefdebien - que, como veremos, são protagonistas importantes deste drama. Em 1795, a Igreja foi reintegrada como lugar de culto.
Outra disputa surgiu, no entanto, durante a época de Saunière e envolveu o seu superior, Monsenhor Billard, bispo de Carcassonne. O lugar pertencia, então, a vários proprietários, mas, através de uma série de argutas - e nem sempre éticas - jogadas, o bispo usou os serviços de um banqueiro, como estando «interessado na compra», para adquirir todas as acções. Estranhamente, a venda teve

lugar a 17 de Janeiro de 1893 (embora Bilard tivesse conseguido apoderar-se da Madona Negra, que estivera guardada em Limoux, durante um curto espaço de tempo). Em menos de quatro meses, o novo proprietário vendera a terra ao bispado e Bilard detinha o desejado controlo total.

Em 1912, o papa Pio X decretou que a igreja fosse elevada à categoria de basílica, uma honra rara e completamente inexplicável para um lugar relativamente modesto. A categoria de basílica, geralmente, é apenas atribuída a igrejas de significado especial - como é o caso da Igreja de St. Maximin, na Provença, que contém as (alegadas) relíquias de Maria Madalena.

A área circundante de Notre-Dame de Marceilles é também notável por ter sido, até muito recentemente, um lugar de particular interesse para os ciganos, que costumavam ter um acampamento no terreno entre a igreja e o rio Aude, que corre a alguns metros para ocidente.

Notre-Dame de Marceilles é especialmente mencionada no enigmático livro do abade Boudes Le vraie langue celtique et le cromleck de Rennes-les-Bains, e foi essa referência que trouxe o falecido investigador belga Jos Bertaulet a este lugar. Ele fez uma interessante descoberta: nas antigas terras da igreja, agora em mãos privadas, nas margens do Aude, existe uma cripta subterrânea. Esta cripta é formada por duas grandes câmaras que datam do fim do período romano ou do princípio do visigótico (século III-IV). Com cerca de seis metros de altura, a primeira

destas câmaras tem uma abertura de ventilação no teto abobadado, mas a única entrada é um túnel estreito, com a altura de um metro, aparentemente construído depois e que estava oculto numa pequena casa, agora em ruínas (que parece ter sido construída expressamente para esse fim). Desconhece-se a função da cripta. Tem-se especulado que ela servia de câmara funerária - apesar de estar agora vazia - ou de lugar de iniciação nalguma escola de mistério. Qualquer que fosse a sua função, há algumas provas de que ela foi utilizada até à primeira parte do século XX, embora a sua existência fosse tão secreta que - como iríamos descobrir em circunstâncias traumáticas - nem os sacerdotes da basílica conheciam a sua existência. Talvez fosse desta curiosa câmara subterrânea que Billard estava tão interessado em se apoderar.

Página 211 Durante uma viagem de investigação a França, no Verão de 1995, Clive Prince visitou a área acompanhado por seu irmão Keith. Tínhamos sido informados sobre a cripta, incluindo as instruções para a encontrar - o que se mostrou precioso, porque a entrada estava coberta por um enorme matagal de ervas daninhas -, pelo investigador belga Filipe Coppens. Jos Bertaulet tinha tapado, parcialmente, a abertura do tecto com placas de pedra para evitar acidentes. Havia, iríamos descobrir por experiência, uma queda abrupta de seis metros de altura.

Keith, tendo entrado na primeira câmara, descendo por uma corda (quaisquer escadas de

madeira tinham apodrecido há muito), tropeçou nos pedaços de pedras que cobriam o chão e caiu pesadamente. Caiu no escuro, entre os detritos acumulados pelo tempo; a princípio, pareceu que tinha partido uma perna, depois descobriu-se que tinha torcido apenas um ligamento: não podia levantar-se e muito menos trepar pela corda e sair da cripta. Clive não teve outra opção senão chamar os serviços de emergência (que chegaram em tão grande número, que parecia que o acidente de Keith era a coisa mais excitante que acontecia em Limoux desde há muito tempo). Depois de quatro horas, uma equipa de socorro içou-o, finalmente, através da abertura do tecto e transportou-o para o hospital de Carcassonne. (Este episódio revelou uma coisa: quando Clive foi pedir auxílio à basílica, os funcionários que lá se encontravam desconheciam a existência da cripta.)

Infelizmente, devido a este incidente, foi impossível continuar a investigação das câmaras subterrâneas. Talvez uma consequência mais grave fosse a ameaça das autoridades de mandar fechar as câmaras, para evitar futuros acidentes. Foi um alívio descobrir que isso, de facto, não acontecera, embora as entradas tivessem sido tapadas, quando lá voltámos com Charles Bywaters, na Primavera de 1996. Nesta ocasião, embora não fizéssemos nenhuma tentativa para explorar as câmaras principais, investigámos o túnel que lhes dava acesso - e fizemos uma descoberta muito importante.

O túnel parecia partir de uma parede vazia, mas, seguindo uma sugestão de Filip Coppens, examinámos a parede e verificámos que, outrora, ela fora uma porta. Fora deliberadamente tapada - aparentemente, há relativamente pouco tempo - e as barras de ferro, que estão inseridas na pedra, podem ter servido de puxadores da porta. A julgar pela manifesta ignorância das autoridades locais quanto à existência da cripta, não podiam ter sido elas a mandar tapar esta porta. Então, quem mandou - e, em todo o caso, porquê mandar fechar, deste modo, apenas uma das câmaras?
Pelo estado das barras de ferro, calculámos que a entrada da porta fora tapada aproximadamente há cem anos, quando Billard detinha o controle único da propriedade. Escondeu ele alguma coisa atrás daquela porta tapada com tijolos? Talvez escondesse, mas os seus actos revelavam um desespero virtual em se apoderar daquele determinado lugar, o que sugere que ele não andava a esconder, mas a procurar alguma coisa. E, fosse o que fosse, ainda devia haver, no mínimo, algumas pistas quanto à sua natureza naquele lugar úmido e secreto, porque ele se esforçou para o tapar.
Pouco tempo antes de morrer, vítima de cancro, em 1995, José Bertaulet afirmou ter descodificado a estranha obra de Boudet Le vraie langue celtique et le cromleck de Rennes- les-Bains e concluiu que ela referia que um relicário, contendo a cabeça de um «rei sagrado», estava escondido naquela cripta subterrânea. E acrescentou que Boudes

associara esta câmara às lendas do Santo Graal. Como vimos, o tema dos reis sagrados decapitados atravessa estas histórias (e Saunière recebera agradecimentos pela devoção que consagrara ao «nosso bom rei», enviados pelas Irmãs do Sagrado Coração de Paris). E, curiosamente, Notre-Dame de Marceilles foi, outrora, propriedade dos Templários.
Futuras investigações dependem da passagem pela porta tapada, e parece improvável - no momento em que escrevemos - que a autorização para essa passagem seja concedida. Mas muitos temas que são centrais para esta investigação parecem reunir-se neste lugar: Madonas Negras, Templários, Madalena e as lendas do Graal. E a história de uma cabeça decepada numa área tão repleta de igrejas, que lhe são dedicadas, seguramente evoca a figura de João Baptista. É evidente que a região, em geral, e o lugar de Notre-Dame de Marceilles, em particular, ainda guarda um segredo profundo.
É difícil compreender a maneira como Saunière se integra neste quadro, mas também parece que tinha de fazer parte dele. É muito provável que ele encontrasse alguma coisa de grande importância, mas é impossível saber, com alguma certeza, o que era. Contudo, a nossa investigação conseguiu várias pistas significativas a partir do gênero de pessoas com quem convivia e dos contatos que deliberadamente estabelecia. De facto, as provas que laboriosamente reconstituímos, relativas às verdadeiras filiações de Saunière, mudam radical

e definitivamente a clássica imagem do modesto sacerdote rural que depara com um tesouro. Qualquer coisa em que estivesse, de facto, envolvido, a sua importância ultrapassa muito os limites da curiosa aldeia de Rennes-le-Château.

CAPÍTULO IX
UM CURIOSO TESOURO

Os céticos afirmam que não existe nenhum mistério de Rennes-le-Château. Para eles, Saunière ganhou o dinheiro apenas com o tráfico de missas - ou, talvez, com outros negócios duvidosos - e a história do tesouro foi cinicamente inventada como atração turística. Quanto à importância que os Dossiers secrets atribuem à aldeia e ao seu mito, isso, dizem eles, é simplesmente o Priorado a revestir-se de um ar de mistério. Além disso, a história, tal como a conhecemos, remonta apenas a 1956, quando Noël Corbu abordou um assunto que se destinava a entreter os hóspedes da Vila Betânia, que ele transformara num hotel-restaurante.
Contudo, a investigação mostra que existe um mistério: na verdade, a aldeia era claramente um centro de interesse para os investigadores esotéricos antes dessa data. Por exemplo, em 1969, alguém foi lá especificamente para procurar o imaginário tesouro dos cátaros, que ele acreditava ter sido levado de Montsegur para Rennes-le-Château. Talvez isto também explique a presença, que, de outro modo seria estranha, de

oficiais alemães na Vila Betânia, onde estavam alojados, durante a segunda guerra mundial. Como muitas pessoas já sabem, os nazis tinham uma obsessão por artefactos ocultistas e religiosos e passaram muitos meses, durante a guerra, a fazer escavações em Montségur. Diz-se que eles procuravam o Santo Graal: certamente, Otto Rahn, o arqueólogo nazi, concentrara os seus esforços para o encontrar naquela área, nos anos 30.

Noël Corbu é um protagonista importante na história de Rennes-le-Château. O seu papel ultrapassa o de um hoteleiro local e de contador de histórias fantásticas - como se pode deduzir da sua participação na publicação dos famosos pergaminhos codificados. Como vimos, estes surgiram, pela primeira vez, num livro de Gérard de Sède publicado em 1967, mas, mais tarde, um colega de Pierre Plantard de Saint-Clair e membro do Priorado de Sião, Philippe de Chérisey, confessou tê-los forjado.

No seu mais recente livro sobre o caso de Rennes-le-Château, em 1988, Gérard de Sède declara que publicou os textos de boa-fé, tendo-lhe estes sido entregues por alguém relacionado com Rennes-le-Château que afirmava serem cópias que Saunière entregara ao presidente do município da aldeia antes de levar os originais para Paris. Mas De Sède tem o cuidado de evitar nomear este «alguém».

No entanto, a sua identidade é revelada na obra de Jean Robin: era Noël Corbu. Isto é importante

porque se De Chérisey forjou os pergaminhos, então Corbu apenas podia obtê- los através do contacto com o Priorado de Sião.
Quanto mais se investigam as circunstâncias em que Corbu veio a adquirir o domaine de Saunière mais intrigantes elas se tornam. Segundo a história usual, Corbu encontrava-se casualmente na aldeia, durante a segunda guerra mundial, tornou-se amigo da idosa Marie Dénarnaud e concluiu que a vila daria uma boa residência. Mas a verdadeira história parece ser que ele já estava interessado na história de Saunière desde há algum tempo, e, no princípio dos anos 40, fez os possíveis para estabelecer relações de amizade com Marie para obter mais informações.
A intriga adensa-se: a Igreja, por qualquer razão, sempre estivera muito interessada em se apoderar da antiga propriedade de Saunière, mas estava igualmente ansiosa por adquiri-la discretamente. De facto, fez várias tentativas para convencer Marie a vendê-la, mas ela recusava. Parece que, por intermédio de um sacerdote, chamado abade Gau, a Igreja convenceu Corbu a actuar em seu nome, tendo acordado, presumivelmente, que, quando Marie lhe vendesse a propriedade, ele lha trespassaria. Alguma coisa parece ter corrido mal: talvez Corbu renegasse o acordo com a Igreja.
Mais tarde, ele solicitou directamente uma concessão do Vaticano, que foi obviamente considerada de invulgar importância, porque o Vaticano enviou o embaixador papal, em pessoa,

para Carcassonne para obter da diocese as informações necessárias. E este embaixador não era outro senão o cardeal Roncali - futuro papa João XXIII (que, segundo The Holy Blood and The Holy Grail, podia ter sido um homem do Priorado). A diocese, aparentemente, deu um parecer negativo e recomendou que a concessão fosse recusada. Mas, estranhamente, o Vaticano concedeu-lha.

É evidente que a relação com Corbu é muito importante para a compreensão da história de Rennes-le-Château: o mistério não terminou com a morte de Saunière. E, como Corbu viveu com Marie durante sete anos, estava em boa posição para descobrir o segredo. Qualquer que ele fosse, Corbu não o inventou. (Curiosamente, tem-se afirmado que Corbu, com Pierre Plantard de Saint-Clair, foi inspirador do aparecimento do Priorado aos olhos do público, nos anos 60, mas estes rumores nunca foram confirmados.)

Vimos, no capítulo anterior, que Saunière foi apenas um indivíduo implicado num mistério muito vasto da área - em acontecimentos que envolviam grandes somas de dinheiro e que levaram algumas pessoas a recorrer ao assassínio.

Sem dúvida que o mistério também envolvia os grupos de Paris, com os quais Saunière estava em contacto. Mas é interessante que muitas das figuras principais dos círculos que rodeavam Emma Calvé fossem - como a própria Emma - de origem languedociana. Foi referido que não era, de fato, necessário que Saunière se tivesse

deslocado a Paris para conhecer a maioria dessas pessoas, porque elas visitavam com frequência Toulouse, o «berço do seu círculo». A pista conduz-nos, de novo, a pessoas e grupos cujos nomes já são familiares desta investigação.
Estas relações são excepcionalmente relevantes: não só lançam alguma luz, muito necessária, sobre o próprio Saunière mas também revelam que a história de Rennes-le- Château faz parte, de facto, desta investigação. Seguir o rasto do sacerdote até à complicada «árvore genealógica» dos grupos ocultistas, que já discutimos, iria oferecer-nos conhecimentos e revelações completamente inesperados sobre a verdadeira natureza do mais divulgado mistério languedociano, o qual, que saibamos, nunca foi publicado na Inglaterra.
Estranhamente, considerando todo o tempo e trabalho que foram investidos para tentar esclarecer o mistério, algumas das respostas saltam literalmente aos olhos do investigador. Indicações sobre a filiação particular de Saunière encontram-se na própria igreja de Rennes. Apesar de os céticos terem sugerido que toda a decoração aparatosa e peculiar podia ser atribuída ao mau gosto ou a uma aberração mental de Saunière, outra investigação mostra que há mais, e não menos, mistérios naquele «terrível» lugar.
Suspeitávamos de que a igreja e os seus arredores imediatos tinham sido planeados e projectados segundo um plano arcano muito específico. Os seus motivos dominantes parecem ter sido a

inversão, imagens invertidas e o equilíbrio dos opostos: por exemplo, a contrapartida da Torre de Magdala é a estufa, na outra extremidade dos baluartes. Enquanto a primeira é construída de pedra sólida e tem vinte e dois degraus, que conduzem ao topo do torreão, a segunda é de material insubstancial e os seus vinte e dois degraus conduzem a uma sala situada em baixo. E a disposição do jardim e o calvário, no exterior da igreja, configuram um padrão geométrico preconcebido - e, presumivelmente, significativo.
Estas nossas observações foram confirmadas por Alain Féral, um famoso artista que vive na aldeia - e que era protegido de Jean Cocteau. Féral, que vive na aldeia desde o princípio dos anos 80, fez as mais pormenorizadas medições dos planos da igreja e dos edifícios circundantes e concluiu que eles revelam temas recorrentes. (Pode não ter sido, evidentemente, o próprio Saunière o responsável por isso - pode ter sido Henri Boudet ou o arquitecto que ele encarregou de fazer a obra ou mesmo os superiores de qualquer grupo com que Saunière podia estar envolvido.)
Reforçando a nossa ideia do tema das imagens reflectidas, Féral refere que o pilar visigótico (que, anteriormente, sustentava o altar) ostenta uma cruz esculpida, que Saunière colocou ao contrário, no exterior da igreja. Também cita o significado do número vinte e dois: além das escadas da torre e da estufa, o número aparece em toda a parte do domaine. Dois lanços de escadas conduzem do jardim ao terraço, cada um deles com onze

degraus. As duas inscrições da igreja que mais atraíram a atenção - Terribilis e St locus iste, acima do pórtico, e Par ce signe tu le vaincras, acima da pia da água-benta - são ambas formadas por vinte e duas letras. (A frase latina, que é mais usualmente transcrita como Terribilis e St hic locus, e o le que é estranho à frase francesa parecem ter sido imaginadas para dar a cada uma delas vinte e duas letras.) Há uma boa razão para a importância de onze e vinte e dois: estes números são ambos «números básicos» do ocultismo. Têm particular significado nos estudos cabalísticos.
Assim, há um curioso padrão heterodoxo criado por quatro objectos, dois no interior e dois no exterior da igreja: o confessionário, que está diretamente voltado para o altar; o próprio altar; a estátua de Notre-Dame de Lourdes (com a inscrição de «Penitência! Penitência!»), no exterior da igreja, sobre o pilar visigótico invertido, e o «calvário» do pequeno jardim, que o próprio Saunière construiu com todo o esmero. Estes quatro elementos não só formam um quadrado perfeito como também transmitem uma mensagem simbólica. O confessionário e a inscrição «penitência» referem-se ambos a arrependimento e defrontam, respectivamente, o altar e o calvário, ambos simbólicos de salvação. Assim, cada grupo de pares parece simbolizar uma jornada, caminho ou iniciação espiritual - do arrependimento ao perdão e daí à salvação. Isto foi tão cuidadosamente concebido que devia ter

transmitido alguma mensagem. Saunière está a tentar dizer que o perdão e a salvação também se encontram fora da Igreja? E há aqui mais alguma indicação, alguma coisa relacionada com figuras que representem arrependimento e penitência - João Batista e Maria Madalena?
A frase «Penitência! Penitência!» foi a que, supostamente, a Virgem Maria proferiu durante as aparições de La Salette. Dos dois jovens visionários, um era uma pastora, Melanie Calvet, que era parente de Emma Calvé. (Emma alterou a grafia do seu nome quando se tornou cantora de ópera.) Durante algum tempo, a visão de La Salette ameaçou rivalizar com a de Lourdes, mas a Igreja Católica
 concluiu que ela era apenas uma mistificação. A visão de La Salette, no entanto, foi defendida pelo movimento joanino/Naündorff/Vintras (consultar o Capítulo 7). Saunière também escreveu em defesa das visões de La Salette.
Como vimos, é pouco provável que as célebres decorações da igreja sejam sinais indicadores da localização de algum grande tesouro. Se Saunière tivesse encontrado alguma coisa que o tornasse muito rico, dificilmente iria decorar a sua igreja com instruções codificadas que conduzissem ao lugar onde ela se encontrava. É mais provável que as decorações tentem esconder alguma coisa ou, no mínimo, fazer uma comunicação que seria óbvia apenas para um iniciado. A melhor analogia - e, nas circunstâncias, a mais apropriada - é com

um espaço de uma loja maçónica. Para um não-iniciado, os vários símbolos empregues nesses templos - os compassos, os esquadros e outras insígnias - não podem ser «descodificados» para revelar qualquer quadro coerente das intenções dos maçónicos. É preciso conhecer a filosofia, a história e os segredos subjacentes que eles simbolizam, para compreender a sua função ali.
Muitos observadores distinguem os símbolos de várias sociedades secretas e ocultistas - os rosacrucianos, os Cavaleiros Templários e os maçónicos - na decoração da igreja. As rosas e as cruzes do tímpano referem-se claramente aos rosacrucianos. Uma das anomalias das Estações da Via Sacra, que é citada com maior frequência, é a da Oitava Estação, em que Jesus (carregando a cruz sem esforço) encontra uma mulher que usa o que parece ser um véu de viúva e que tem o braço em volta de um rapazinho envolto no que parece ser um manto axadrezado. Isto é tomado como uma referência aos maçónicos, que se auto- intitulam os «Filhos da Viúva». (E talvez haja algum significado no facto de a Oitava Casa astrológica reger os mistérios do sexo, da morte e da reencarnação - e do oculto.) O pavimento da igreja, aos quadrados brancos e pretos, e o tecto azul, com as suas estrelas douradas acima do altar, evocam as decorações habituais de uma loja maçônica.
Em nossa opinião, um dos elementos mais importantes de toda a igreja é o primeiro com que o visitante depara ao entrar nela. O demónio,

recentemente vandalizado, foi sempre designado por «Asmodeus», aquele que tradicionalmente guarda tesouros escondidos - embora não haja nada nesta estátua que a associe explicitamente ao demónio daquele nome. Discutimos esta questão com Robert Howells, que, como gerente de uma das mais famosas livrarias ocultistas de Londres, tem um conhecimento extraordinariamente vasto do simbolismo esotérico e cujas investigações sobre o mistério de Rennes-le-Château são doutas, sensatas e de grande importância. Referiu a existência de uma antiga lenda judaica acerca da construção
Página 218 do Templo de Salomão, segundo a qual o rei impediu vários demónios de interferir na obra, de várias maneiras diferentes - um deles, Asmodeus, foi «submetido» obrigando-o a transportar água, o único elemento que podia ser usado para o controlar. É significativo que estas lendas tivessem sido incorporadas no saber maçónico, e não é coincidência encontrar este quadro na igreja de Saunière, onde Asmodeus está a ser controlado, carregando água, sob as palavras «Por este sinal tu o vencerás». E as decorações da pia da água-benta - anjos, salamandras, pia da água e demónio - representam os quatro elementos clássicos de ar, fogo, água e terra, que são essenciais em qualquer obra ocultista.

Se o elo de ligação com Asmodeus está correcto, então é muito curioso, porque o quadro do demônio e o de Jesus estão claramente destinados

a ser considerados em conjunto. Como o demónio está a ser subjugado pela água, está a acontecer a mesma coisa quando João derrama água sobre Jesus? Há também uma peculiar inversão da ordem habitual das duas letras gregas alfa e ômega, a primeira e a última, que são associadas a Jesus. Seria de esperar que alfa estivesse representado sob João - o alegado precursor - e ômega sob Jesus, a culminação. Mas, aqui, verifica-se o inverso.

A prevalência de imagens que sugerem o Templo de Salomão, tanto no interior como no exterior da igreja, podiam referir-se aos maçónicos ou aos Cavaleiros Templários. O fato de as letras anómalas da citação errada Par ce signe tu le vaincras, que se encontra entre os quatro anjos e o demónio, serem a décima terceira e a décima quarta (o «le» é completamente supérfluo e altera o significado da frase) tem sido considerado como evocativo do ano de 1314, quando Jacques de Molay foi queimado na fogueira.

Todo este simbolismo tem sido laboriosamente analisado por dúzias de investigadores competentes, ao longo dos anos, e os resultados têm sido outras tantas interpretações diversas. Mas as respostas podem ser muito simples e desanimadoramente óbvias. De fato, o simbolismo da igreja de Rennes-le-Château nunca foi um mistério para os que são versados no conhecimento maçónico. É simplesmente a indicação da filiação particular de Saunière, que era maçônica. Isto é confirmado pela sua escolha

do escultor para as Estações da Via Sacra e das outras estátuas - um certo Giscard, que vivia em Toulouse e cuja casa e estúdio, bizarramente decorados, ainda se conservam na Avenue de la Colonne daquela cidade. Giscard era um conhecido maçônico, embora reconhecidamente se especializasse em decorações de igrejas e outros exemplos da sua obra se encontrem por todo o Languedoc. Curiosamente, na igreja de João Batista, em Couiza, situada no sopé da colina abaixo de Rennes, encontram-se idênticas Estações da Via Sacra, que foram obra de Giscard - mas estas são versões monocromáticas e as anomalias, tão visíveis na igreja de Saunière, estão ausentes. É quase como se as duas igrejas, separadas apenas por dois quilômetros, se destinassem a ser comparadas para pôr em relevo as excentricidades da versão de Saunière.
Jean Robin, no seu livro sobre Rennes-le-Château, afirma que as filiações maçônicas de Saunière são confirmadas pelos registos dos arquivos da diocese. Como vimos, no entanto, a Maçonaria consiste em várias tradições distintas. A qual delas pertencia Saunière? Também neste ponto, investigadores franceses bem informados estão de acordo: a sua filiação era no Rito Escocês Rectificado, o ramo da Maçonaria «ocultista» que, especificamente, se reclama descendente dos Cavaleiros Templários.
Antoine Captier, neto do sineiro de Saunière, que actua como foco de investigação sobre Rennes-le-Château e o caso Saunière, disse-nos: «Sabíamos

que ele pertencia a uma loja maçónica. Foi enviado para um lugar onde havia alguma coisa [importante]. Ele encontrou certas coisas. Mas, mais uma vez, ele não estava sozinho. Ele não trabalhava sozinho.» Mais tarde, no decorrer da conversa, Captier foi mais preciso: as ligações de Saunière eram com o Rito Escocês Rectificado; mas acrescentou: «Não é segredo.» Foi esta também a conclusão a que chegou Gérard de Sède, que investigou o caso durante trinta anos. De fato, De Sède pensa que algum do simbolismo da Nona Estação da Via Sacra evoca o grau de Chevalier Bienfaisant de la Cité Sainte - o eufemismo de «Templário».

Há outra indicação da possível filiação de Saunière. A sua escolha das estátuas dos santos da sua igreja, à excepção das Madalenas, tem sido vivamente debatida pelos investigadores: St. Germaine, St. Roch, dois Antônios - de Pádua e o Eremita - e, por cima do púlpito, S. Lucas. Alain Féral observou que, se as estátuas forem dispostas com a forma M sobre o pavimento da igreja as suas iniciais formam a palavra graal.

Com os símbolos da Rosacruz nos tímpanos e a predominância de imagens do Templo de Salomão, isto aponta na direcção da Ordem da Rosacruz, do Templo e do Graal - uma ordem fundada em Toulouse, por volta de 1850, mais tarde presidida pelo próprio Joséphin Péladan, o padrinho dos grupos ocultistas eróticos da época.

No princípio da nossa investigação, tínhamos pensado que a tendência de muitos investigadores

para acreditar que todos os caminhos conduziam a Rennes-le-Château era errada. Mas, em certo sentido, eles têm razão, embora por razões erradas. Certamente, foi espantoso descobrir a intrincada rede de grupos ocultistas e maçónicos, que já discutimos, e seguir o seu rasto até Saunière e à sua aldeia. Isto não é coincidência: faz parte de um complicado e meticuloso plano que já estava bem implantado antes de Saunière nascer e que continua até hoje.
Vimos que Saunière revelava grande interesse pelo túmulo de Marte de Nègre d'Ables, senhora d'Hautpoul de Blanchefort, que foi erigido por Antoine Bigou, pároco de Rennes- le-Château, em 1791. Marte foi a última da descendência directa que detinha o título de Rennes-le-Château, embora outros ramos da família tivessem continuidade. Marte de Nègre d'Ables casara, em 1732, com o último marquês de Blanchefort, cujo nome derivava do vizinho «château» (embora ele pareça ter sido apenas um género de torre) de Blanchefort, cujas ruínas ainda existem. A família de Marie, no entanto, tinha algumas ligações muito interessantes. Já discutimos o influente Rito de Mênfis, que, mais tarde, se fundiu com o de Misraïm. Este foi fundado em 1838, por Jacques-Étiennes Marconis de Nègre, que era da mesma família da Marie da história de Rennes-le-Château. E foi um dos Hautpouls - Jean-Mane Alexandré - que contribuiu para a criação do grau de Chevalier Bienfaisant de la Cité Sainte, o eufemismo de Templários do Rito Escocês Rectificado, em 1778.

Alguns membros da mesma família tiveram um lugar de relevo na loja maçônica La Sagesse, que teve origem na Ordem da Rosacruz, do Templo e do Graal. O sobrinho e herdeiro de Marie de Nègre, Armand d'Hautpoul, estava relacionado com indivíduos ligados ao Priorado, incluindo Charles Nodier, que foi grão-mestre entre 1801-1844. Armand d'Hautpoul também foi preceptor do conde de Chambord, cuja viúva foi tão generosa para Saunière.
O Rito de Mênfis de Marconis de Nègre estava intimamente ligado à sociedade conhecida por Os Filadelfianos, que fora criada pelo marquês de Chefdebien - um Rito Escocês Rectificado maçónico - em Narbonne, em 1780. Esta é outra das sociedades maçônicas templaristas influenciada pelas ideias do barão Von Hund: Chefdebien assistira à famosa Convenção de Wilhelmsbad de 1872, que tentara resolver definitivamente a questão das origens templárias dos maçónicos. Os filadelfianos, como o Rito de Mênfis, estavam primordialmente interessados na aquisição de conhecimento ocultista - ambos tinham graus dedicados unicamente a esta missão. Os filadelfianos, além disso, pretendiam tentar esclarecer a complicada história da maçonaria, com a sua proliferação de hierarquias, graus e ritos rivais, numa tentativa de descobrir o seu objetivo e segredos originais. Eles transformaram-se num repositório de informação sobre a maçonaria e sociedades similares, que lhes foi transmitida de boa-fé ou que foi obtida

através de infiltração. Assim, é significativo que o irmão de Saunière, Alfred (também sacerdote), fosse preceptor da família - e que fosse despedido por ter roubado parte dos seus arquivos.
Alfred Saunière é, indubitavelmente, uma figura-chave dos estranhos acontecimentos em que o seu irmão mais velho - e mais famoso - estava envolvido e merecia maior investigação. Contudo, é difícil descobrir muita coisa a seu respeito, embora se saiba que foi amante da ocultista marquesa de Bourg de Bozas, uma das pessoas que visitavam a Vila Betânia. Alfred morreu em 1905, vítima de alcoolismo, após ter sido excomungado.
Depois da morte de Alfred, Saunière, numa carta ao seu bispo, referia-se a um sentimento local de que «devia expiar os erros do meu irmão, o abade, que morreu demasiado cedo».
Logo que tivemos conhecimento das ligações de Saunière com a maçonaria do Rito Escocês, grande parte do quadro mais vasto começou a tornar-se mais claro. E, longe de ser uma obsessão pessoal, a deferência especial de Saunière pela Madalena emergia verdadeiramente como fazendo parte da Grande Heresia europeia. A chave destas filiações residia nas pessoas que ele conhecia.
De facto, é possível ir mais longe e associar Saunière a Pierre Plantard de Saint-Clair, por intermédio de um só homem: George Monti. Também conhecido sob os pseudônimos de conde Israel Monti e Marcus Vella, ele é uma das mais

implacáveis e poderosas figuras das sociedades secretas do século XX - embora, de modo algum, a mais conhecida. À maneira clássica destes magi, ele preferia exercer a sua influência na sombra, em vez de procurar popularidade, à maneira do seu associado Aleister Crowley. Ao longo da vida, subiu nas hierarquias de muitas sociedades ocultistas, mágicas e maçónicas, por vezes para se infiltrar nelas por conta de outros. Foi também um agente duplo dos Serviços Secretos franceses e alemães; como no caso de John Dee e, possivelmente, também de Leonardo, os dois mundos da espionagem e do ocultismo andam frequentemente de mão dada. Monti levou uma vida tão complexa que é impossível determinar onde residia a sua fidelidade. Muito provavelmente, nele próprio e no seu amor de intriga e do poder pessoal.

Quaisquer que fossem os verdadeiros motivos de Monti, ele teve um êxito espantoso na sua vida secreta, ocupando, por vezes, altos cargos em sociedades que eram mutuamente hostis, ou porque uma desconhecia a existência das outras ou porque cada uma acreditava que ele se infiltrara noutros grupos em seu favor. Por exemplo, embora alguns desses grupos fossem, como Monti, nitidamente anti-semitas, ele também conseguiu ocupar uma alta posição em B'nai B'rith, uma sociedade judaica, semi-maçônica, fundada nos EUA - tendo-se mesmo convertido ao judaísmo com essa finalidade.

Página 222 Monti nasceu em Toulouse em 1880,

tendo sido abandonado pelos seus pais italianos e educado pelos jesuítas. Desde muito cedo interessou-se pelo mundo misterioso das sociedades secretas ocultistas. Viajou muito pela Europa e passou algum tempo no Egito e na Argélia. Entre as muitas sociedades a que aderiu, contava-se a Holy Vehm, uma organização alemã especializada em assassinatos políticos. Também se diz que ele «detinha a chave» da maçonaria italiana. Entre as muitas pessoas que conhecia encontrava-se Aleister Crowley - de fato, ele fora descrito como o «representante francês» de Crowley e foi membro da OTO, quando o excêntrico inglês era grão-mestre. Não é surpreendente que a vida duvidosa de Monti, eventualmente, o comprometesse e fosse envenenado em Paris, em Outubro de 1936.

Ele figura nesta investigação porque a sua primeira função no mundo ocultista parisiense foi a de secretário de Joséphin Péladan e, por conseguinte, íntimo do círculo de Emma Calvé. Como vimos, Saunière era conhecido por ter ligações com Péladan e o seu grupo e por ter conhecido Emma Calvé, portanto, devia ter conhecido Monti. Além disso, este era languedociano e vivera, por vezes, em Toulouse ou em qualquer outro lugar do Midi.

Em 1934, Monti fundou a Ordem Alpha-Galates, da qual Pierre Plantard de Saint-Clair se tornou grão-mestre em 1942, com a idade imatura - mas talvez significativa - de 22 anos. E, embora Plantard tivesse apenas 16 anos quando Monti morreu, ele conhecia-o. Anne Léa Hisler, ex-mulher de

Plantard, num artigo de 1960, escreveu inequivocamente que ele «conhecia bem o conde Georges Monti». Monti pode mesmo ter sido o seu professor e mentor ocultista.
Assim, parece que existia um claro elo de ligação entre Saunière e Plantard de Saint-Clair, sob a forma de Georges Monti, talvez representando a continuação de uma certa tradição secreta.
Então, que conclusão podemos tirar da história de Saunière? Eliminar todas as ofuscações, mitos e conjecturas não é tarefa fácil, mas parece que o sacerdote andara a procurar alguma coisa e que não agia sozinho. As provas apontam para a existência de um pagador secreto, muito possivelmente ligado às influentes sociedades ocultistas de Paris e ao Languedoc. Esta não é apenas a explicação mais lógica, é também a que o próprio Saunière apresentou. Quando o sucessor de Billard, como bispo de Carcassonne, exigiu que Saunière explicasse a sua extravagante maneira de viver, o sacerdote respondeu vivamente:

Não sou obrigado... a divulgar os nomes dos meus doadores. Torná-los públicos, sem autorização, correria o risco de trazer a discórdia a certas famílias ou casas... CUJOS membros fizeram doações sem o conhecimento dos seus maridos, filhos ou herdeiros.

Mais tarde, ele disse ao bispo que lhe revelaria os nomes dos seus doadores - mas apenas em segredo de confissão. A redação de uma carta de

apoio, escrita a Saunière por um amigo íntimo, em 1910, emprega uma linguagem mais sugestiva:

Recebeste o dinheiro. Não é qualquer pessoa que pode penetrar no segredo que guardas... Se alguém te deu o dinheiro, sob o compromisso de natural segredo, és obrigado a guardá- lo, e nada te pode libertar de guardar este segredo...

Parece que Alfred, o irmão de Saunière, também conhecia o segredo. Ao ser interrogado pelas autoridades sobre a sua extravagância, Saunière respondeu:

O meu irmão, sendo pregador, tinha numerosos contatos. Servia de intermediário a estas almas generosas.

Mas, embora Rennes-le-Château possa ter sido o ponto de partida da misteriosa investigação de Saunière - a qual, parece, foi empreendida em nome destes ilusórios desconhecidos -, parece que o objeto da pesquisa podia encontrar-se noutro lugar.
Recentemente, muitos investigadores encontraram indicações intrigantes sobre os verdadeiros interesses e motivações de Saunière, espalhados pelo seu domaine. Durante uma das nossas visitas à área, em 1996, fomos acompanhados por Lucien Morgan, um apresentador de televisão e autoridade em tantrismo, que ficou espantado por descobrir que a Torre de Magdala e os baluartes

eram construídos segundo os antigos princípios de um certo tipo de rito sexual. Ele acredita que Saunière e o seu círculo secreto praticavam rituais sexuais ocultistas, destinados a facilitar a clarividência, pô-los em contacto com os deuses - realizando, efectivamente, a Grande Obra dos velhos alquimistas - e assegurar poder e influência materiais. Outros reconheceram indicações de magia sexual: os autores britânicos Lionel e Patrícia Fanthrorpe citam o perito ocultista Bremna Agostini, que afirma que Saunière realizava um ritual mágico sexual conhecido por «Convocação de Vênus», em que participavam Marte Dénarnaud e Emma Calvé *30 No que respeita a esta investigação, a questão verdadeiramente importante de todas as edificações de Saunière em Rennes-le-Château é a importância que ele atribui a Maria Madalena. Na verdade, a igreja já lhe fora dedicada muito antes de Saunière nascer, mas isso não era mera coincidência, porque ela fora a capela da família local dominante - a de Marie de Nègre. Dada a íntima associação desta família com o Rito Escocês Rectificado, a dedicação da igreja parecia ser significativa. Saunière também dera o nome de Madalena à sua torre da biblioteca, e denominou a sua casa segundo aquela em que, de acordo com uma interpretação dos acontecimentos do Novo Testamento, ela vivera com seu irmão Lázaro e a sua irmã Marta. E, de todas as decorações da igreja, foi o baixo-relevo do frontal do altar, representando Madalena, que ele decidiu ser ele

mesmo a pintar.
Descobrimos que também mandara fazer uma pequena estátua em bronze de Madalena, que ele colocou no exterior da gruta, junto à igreja. A estátua media menos de um metro e pesava cerca de oitenta e cinco quilos, e era a imagem invertida do baixo-relevo, mas, sob outros aspectos, idêntica. Esta estátua desapareceu há muito tempo, mas André Galaup, um jornalista reformado, de Limoux, tem fotografias dela.
A legenda «Terribilis e St locus iste» destaca-se por cima da porta da igreja. Como Keith Prince nos indicou, a frase é do Gênesis 29:17 e relata que Jacob sonha com uma escada pela qual os anjos sobem e descem. Ao acordar, Jacob pronuncia estas palavras. Passa a designar aquele lugar por Betel, significando Casa de Deus. Mas, no Antigo Testamento, Betel transforma-se num centro de poder rival de Jerusalém - dando ao conceito de Betel a conotação de centro religioso alternativo ou rival do «oficial». Mas em França a implicação é mais óbvia: um dicionário francês define «Betel» como um templo de uma seita dissidente. Poderia ser isto que Saunière estava a tentar comunicar? Curiosamente, os Dossiers Secrets reclamam que Saunière, nos seus últimos anos, planeava implantar «uma nova religião» e empreender uma cruzada por toda a área. A última edificação planeada para o seu «domaine» - a grande torre e o baptistério exterior - faziam parte desta ambição.
Decidimos concentrar-nos no que Saunière encontrara quando chegou a Rennes-le-Château e

no que pode ter inspirado as suas pesquisas. Pondo de parte a falsa pista dos pergaminhos, a aparente contradição do comportamento de Saunière chamou-nos a atenção. Muitas pessoas pensam que ele tentava deixar indicações na decoração da sua igreja. Contudo, também se sabe que destruiu cuidadosamente certas coisas que lá encontrou - especificamente, as inscrições das duas pedras que assinalavam a sepultura de Marie de Nègre. Também as removeu da sepultura, o que sugere que ele desejava obscurecer a sua localização exata.
Como vimos, estas pedras - a pedra vertical e a placa horizontal - foram colocadas na sepultura de Marie de Nègre pelo abade Antoine Bigou, cerca de cem anos antes de Saunière chegar. Mas uma coisa estranha já estava implicada: Bigou erigiu as pedras em 1791 - dez anos depois da morte da mulher que, supostamente, estava na sepultura - ao mesmo tempo que mandava voltar ao contrário a «Pedra do Cavaleiro» da igreja. (O levantamento desta pedra parece ter sido um passo importante da pesquisa de Saunière.) Há ainda outro indicador de que Saunière estava, de algum modo, a seguir as pisadas de Bigou: antes de ser pároco de Rennes, Bigou exercera o cargo em Le Clat, uma pequena aldeia de montanha, a vinte quilômetros de Rennes. Saunière também fora sacerdote de Le Clat, imediatamente antes de vir para Rennes-le-Château. Poderia Saunière estar a procurar alguma coisa relacionada com Bigou e, portanto, com as famílias d'Hautpoul ou de Nègre?

O trabalho de Bigou na sepultura de Marie pode ter sido inspirado pelos acontecimentos em França, que ocorreram entre a morte de Marie e 1791 - o princípio do terror da Revolução Francesa. Os revolucionários eram hostis à Igreja Católica, e muitas relíquias, ícones e decorações foram destruídos ou saqueados neste período. Curiosamente, pouco depois do seu trabalho em Rennes-le-Château, Bigou, que era contrário à República, atravessou a fronteira e fugiu para Espanha, onde morreu em 1793.

Havia outra coisa estranha no sepultamento de Marie de Nègre. Os senhores de Rennes, a família d'Hautpoul, eram tradicionalmente sepultados na cripta da família, que se diz existir por debaixo da igreja. Então, por que razão o sepultamento de Marie não seguiu esta tradição? Sabemos que a cripta existia, porque ela é referida num registo paroquial que abrange os anos 1694-1726 e que está exposto no museu. Segundo este registo, a entrada para a cripta situa-se no interior da igreja. Contudo, a entrada já desapareceu, embora pareça certo que Saunière a descobriu; talvez os documentos que ele encontrou lhe indicassem o lugar onde devia procurá-la.

Segundo o relato da história de Saunière, registado pelos irmãos Antoine e Marcel Captier e baseado nas memórias da família, o sacerdote descobrira a entrada para a cripta, por debaixo da Pedra do Cavaleiro, e tinha, de fato, entrado nela. Mas voltara, depois, ocultar a entrada sob o novo pavimento da igreja, presumivelmente porque não

queria que a sua localização fosse conhecida. Antoine Bigou devia ter tido a mesma preocupação, porque foi ele, em 1791 quem mandou voltar a Pedra do Cavaleiro ao contrário. Por que estariam os dois sacerdotes, separados por um século, tão interessados em que mais ninguém entrasse na cripta dos senhores de Rennes-le-Château?

Há uma resposta simples. Se Saunière entrasse na cripta e encontrasse o túmulo de Marie de Nègre, onde, em primeiro lugar ele deveria estar, teria compreendido imediatamente que se passava uma coisa muito estranha: a mulher tinha duas sepulturas. Mas a segunda, a do cemitério, fora lá colocada por Bigou, dez anos depois da morte de Marie. Obviamente, Marie não estava enterrada no cemitério - nesse caso, quem, ou o quê, estava lá enterrado?

Uma hipótese aceitável é que Bigou, presumivelmente devido às convulsões sociais da Revolução de 1789, que o ameaçaram pessoalmente, escondera alguma coisa no cemitério de Rennes-le-Château antes de fugir para Espanha. Mas o que poderia ter sido - outro corpo, um objeto ou documentos de certa natureza? Talvez fosse alguma coisa que Bigou tivesse dificuldade em levar consigo para Espanha ou talvez fosse alguma coisa que, de fato, fazia parte de Rennes-le-Château. Podemos nunca saber, mas parece que Saunière soube, porque ele abriu a sepultura para a procurar. E ele tivera muito interesse em que a mensagem das duas

pedras tumulares se perdesse - pelo menos, a da placa horizontal, cuja inscrição ele fez desaparecer. Podia a mensagem dar alguma indicação sobre o que a sepultura, de facto, encerrara?
A inscrição da pedra principal da sepultura de Marie de Nègre apresenta muitos erros, que não podem ser apenas o resultado de um acabamento pouco cuidado. Há palavras com erros de grafia, letras suprimidas, espaços que são omitidos ou acrescentados onde não são necessários. Das vinte e cinco palavras da inscrição, nada menos de onze apresentam erros. Alguns parecem bastante inócuos, mas um, em particular, era tão grave que teria causado séria ofensa à família. As palavras finais deveriam apresentar-se como o convencional REQUESTA IN PACE - «descanse em paz» - mas aparecem como REQUIES CATIN PACE. A palavra francesa «catin» é a gíria de «prostituta». E é reforçada por um erro do nome de família do marido de Marie: D'Hautpoul aparece como DHAUPOUL. Este erro pode não alterar muito o significado, mas consegue chamar a atenção para a palavra. E poule (galinha) é outra designação de prostituta, em gíria; de facto, hautpoul podia significar «grande prostituta»... Do mesmo modo, o nome inscrito na pedra tumular faz eco de temas importantes desta investigação. Chega a ser tentador pensar que Marie de Nègre apenas existiu como nome, o código de alguma coisa absolutamente espantosa. Porque Blanchefort, embora seja o nome de um posto de fronteira

local, significa «torre branca» ou «branco forte» - um termo alquímico. E «Marie de Nègre» evoca as Madonas Negras, com as suas associações a Maria Madalena, o que é reforçado pela referência de hautpoul a «alta prostituição», a sabedoria da prostituta. Encontramos, novamente, aparentes associações que são sugestivas de sexualidade sagrada e talvez - no contexto de rumores de «tesouro» - dos aspectos sexuais da Grande Obra alquímica. E, ainda mais relevante talvez, há outro erro de grafia na pedra tumular: D'ABLES é representado como D'ARLES. Se é, como suspeitamos, uma referência à cidade de Arles, na Provença, pode evocar o fato de que ela foi um antigo centro do culto de Ísis. Seja como for, Arles fica muito próximo de Saintes-Maries-de-la- Mer.

O desenho da segunda pedra da sepultura de Marie de Nègre, a placa horizontal, é mais polémico porque existem algumas discrepâncias nos vários relatos do desenho, que foram publicados. Segundo a maioria das versões, ele ostenta duas inscrições: a frase - em latim, mas curiosamente inscrita em caracteres gregos - Et in Arcadia ego - e quatro palavras latinas: Reddis Regis Cellis Arcis, cruzando a pedra. O significado da última inscrição não é claro e tem sido tema de várias interpretações diferentes, mas parece referir-se a uma cripta ou túmulo real, talvez associado a Rhedae e/ou à aldeia de Arques. (A palavra Arcis tem muitos significados possíveis, desde palavras relacionadas com a inglesa «arco» a palavras que signifiquem «fechado» ou

«interior», ou podia ser simplesmente uma alusão a Arques, quer o seu antigo nome de Archis quer uma transcrição fonética do nome moderno.)
O mote Et in Arcadia ego também se encontra no túmulo do quadro de Nicolas Poussin (1593-1665), Os Pastores de Arcádia, o qual é notavelmente semelhante ao que parece sempre ter existido - sob uma forma ou outra - junto da estrada que, de Rennes-le-Château e de Couiza, conduz a Arques. (A mais recente versão foi dinamitada em 1998, porque o agricultor da terra em que ele se encontrava já não estava disposto a tolerar centenas de turistas que violavam a sua propriedade. Infelizmente, esta medida drástica foi em vão: agora os turistas vêm tirar fotografias do local onde o túmulo se costumava encontrar.)
Diz-se que Saunière trouxera de Paris reproduções de certas pinturas, uma das quais era Os Pastores de Arcádia de Poussin. Esta pintura, datando de cerca de 1640, representa um grupo de três pastores examinando um túmulo, observados por uma mulher que é geralmente considerada como sendo uma pastora. O túmulo ostenta a inscrição latina Et in Arcádia ego, uma frase estranhamente não gramatical que tem sido interpretada de várias maneiras, mas que, geralmente, se considera representar um memento mori, uma reflexão sobre a mortalidade: mesmo na terra paradisíaca da Arcádia, a morte está presente. Este mote tem uma estreita ligação com a história do Priorado de Sião e figura no brasão de Plantard de Saint-Clair. Também se diz, como vimos, que ele foi

incorporado na decoração da pedra horizontal da sepultura de Marie de Nègre. O tema da pintura não foi inventado por Poussin, sendo a primeira versão conhecida a de Giovanni Francesco Guercino, cerca de vinte anos antes. Contudo, o homem que encomendou a versão de Poussin, o cardeal Rospigliosi, parece também ter sugerido o tema a Guercino. E a primeira aparição artística da frase é numa gravura alemã do século XVI intitulada O Rei da Nova Sião destronado depois de ter inaugurado a Idade de Ouro... Ao discutir Poussin, é interessante considerar uma carta que o abade Louis Fouquet escreveu, de Roma, a seu irmão Nicolas, superintendente de Finanças de Luís XIV, em Abril de 1656:

[Poussin] e eu planejamos certas coisas de que te falarei em pormenor, brevemente, [e] que te darão, por intermédio de M. Poussin, vantagens que reis teriam grande dificuldade em obter dele, e que, depois dele, talvez ninguém dos séculos vindouros conseguirá recuperar; e o que é mais, seria sem grande despesa mas daria lucro, e estas coisas são tão difíceis de encontrar que ninguém desta terra podia ter agora uma fortuna melhor, nem talvez igual.

Curiosamente, foi Charles Fouquet, irmão de Louis e de Nicolas que, mais tarde, como bispo de Narbonne, assumiu o controlo exclusivo de Notre-Dame de Marceilles durante um período de catorze anos.

A pintura de Poussin tem interesse para os investigadores de Rennes porque a paisagem representada na pintura é muito semelhante à da área que rodeia o lugar do túmulo de Arques, e a própria Rennes-le-Château avista-se à distância. Mas a paisagem, embora semelhante, não é idêntica, o que é considerado por algumas pessoas como prova de que a semelhança é uma coincidência. Mas, na nossa opinião, a paisagem representada por Poussin é suficientemente próxima do original para admitir a possibilidade de ele tentar reproduzir a área circundante de Rennes.
Mas a intriga adensa-se: sabe-se que o túmulo de Arques data apenas dos primeiros anos do século XX. Foi construído em 1903 pelo proprietário de uma fábrica local, Jean Galibert, e vendido depois a um americano chamado Lawrence. No entanto, segundo alguns rumores, este túmulo limitou-se a substituir uma versão anterior que existira no mesmo lugar, a qual, por sua vez, substituíra a que existia anteriormente. O nosso amigo John Stephenson, que vivia há muitos anos nesta área, confirmou que os habitantes locais dizem que «sempre existiu um túmulo naquele lugar». Assim, é possível que Poussin se tivesse limitado a pintar o que vira naquele lugar. John Stephenson também nos informou de que a ligação com a pintura de Poussin era conhecida na área, há muito tempo, o que certamente contraria a ideia dos cépticos de que essa associação foi uma invenção dos anos 60 ou 70. O lugar foi sempre considerado importante.

Também tem sido afirmado que o mote Arcadia foi adotado por Plantard de Saint-Clair e pelo Priorado de Sião apenas no século XX, tal como a suposta ligação com a pintura de Poussin e o túmulo de Marie de Nègre. Mas a frase já fora associada à área, muito antes da época de Saunière. Em 1832, um certo Auguste de Labouïse-Rochefort escreveu um livro intitulado Voyage à Rennes-le-Bains, que incluía referências a um tesouro oculto, associado a Rennes-le-Château e a Blanchefort.
Labouïse-Rochefort escreveu outro livro, Les Amants, à Èléonore (Os Amantes, para Eleonore), que incluía a frase na página do título.
Localmente, o túmulo é conhecido por «túmulo de Arques», o que, embora seja mais exato que «túmulo de Poussin», ainda não é exactamente verdadeiro, porque a aldeia de Arques fica a três quilômetros, para leste, na estrada principal. Embora o túmulo esteja muito mais próximo da aldeia de Serres, a palavra Arques é demasiado semelhante a Arcádia para não ser explorada.
Segundo Deloux e Brétigny, no seu Rennes-le-Château: capitale secrète de l'histoire de France, a placa da pedra tumular de Marie de Nègre foi, de fato, colocada na sua sepultura pelo abade Bigou, retirada de uma versão anterior do túmulo de Arques. Admitindo que sim, isto cria uma possibilidade intrigante. Poderia Poussin ter pintado simplesmente uma coisa que, de fato, vira - um túmulo com as palavras Et in Arcadia ego inscritas?
John Stephenson relatou-nos uma lenda local

espantosa, relacionada com o túmulo de Arques: que ele era ou a sepultura de Maria Madalena ou serviria, de algum modo, de marco ou indicador dela - a inscrição na pedra horizontal de Marie de Nègre tinha, de facto, uma seta que partia do centro. Mas, infelizmente, a pedra fora removida, por isso já não sabemos em que direcção a seta apontava originariamente.

As provas sugerem que Saunière acreditava que o corpo de Maria Madalena se encontrava em qualquer parte; ou estava nas proximidades de Rennes-le-Château, ou a aldeia proporcionava algum género de indicação sobre o seu paradeiro. O que estava escondido no segundo túmulo de Marie de Nègre? A inscrição codificada que, aparentemente, se referia a uma «grande prostituta» indicava, de facto, Madalena? (Talvez o termo pudesse ser interpretado como «Grande-Sacerdotisa», associando, deste modo, o conceito de sexualidade sagrada a práticas ocultistas antigas, e não modernas).

Saunière, certamente, parecia andar em busca de alguma coisa especial e poderosa, alguma coisa preciosa que estava relacionada com a sua dileta Maria Madalena - e que podia haver mais precioso que os seus restos mortais? É evidente que isto podia ter sido apenas uma obsessão pessoal da sua parte e talvez ele imaginasse que as relíquias ainda não tinham sido encontradas. Por outro lado, como vimos, Saunière trabalhava para uma mais vasta e misteriosa organização, a qual, provavelmente, o financiava. Esta organização

estava igualmente iludida? Talvez não. A evidência sugere que o sacerdote trabalhava baseado em informação interna acerca de um objeto real.

A medida que a nossa investigação prosseguia, estávamos cada vez mais convencidos desta hipótese de Madalena, mas depressa descobrimos que - pelo menos, entre os investigadores britânicos deste tema - estávamos sozinhos. Assim, foi encorajador saber que investigadores franceses estavam a seguir a mesma orientação. Para eles, como para nós, não era inconcebível que Saunière e os seus misteriosos apoiantes andassem em busca da própria Maria Madalena.

Durante uma das nossas viagens a esta área, na Primavera de 1996, Nicole Dawe organizou um jantar para que conhecêssemos Antoine e Claire Captier, juntamente com Charles Bywaters. Antoine, neto do sineiro que encontrou os documentos que entregou a Saunière, viveu toda a vida com este mistério, assim como Claire, que é filha de Noël Corbu.

Antoine foi franco: não tinha interesse em adensar ainda mais o mistério. «Não vou dizer- lhes o que não sei», era esta a sua maneira de começar a discussão. Afirmou que considerava improvável que lhe fizéssemos alguma pergunta diferente, mas ficou surpreendido quando o interrogamos sobre a possível associação de Saunière ao culto de Madalena - porque este fora um ângulo que tinha sido ignorado até recentemente, mas o nosso interesse nele igualava estranhamente o de certos investigadores franceses.

Antoine informou-nos de que Saunière tinha investigado a lenda de Madalena, tendo, por exemplo, visitado Aix-en-Provence e a área circundante. Esta informação estava prestes a surgir na revista Cep d'Or de Pyla, publicada por André Douzet - o homem que encontrou a maquette já discutida no capítulo anterior - que reside em Narbonne. Douzet e o seu círculo são entusiásticos e competentes investigadores da história esotérica de França. Antoine disse que a próxima edição da revista «será interessante para vós... porque encontrarão alguma coisa mais profunda relativamente a Madalena».
De novo graças a Nicole, conhecemos André Douzet, que nos informou de que ele e outros, especialmente Antoine Bruzeau, tinham começado a investigar o interesse de Saunière por Madalena - mas parecia que a chave do mistério se encontrava a alguma distância de Rennes-le-Château. André não fora, inicialmente, atraído pelo mistério de Saunière, mas chegara até ele por um caminho indirecto: certos lugares que o interessavam, na sua cidade natal de Lyons, tinham-no conduzido até ali.
A associação remonta a Gérard de Roussillon - que no século IX fundara a abadia de Vézelay, na Borgonha, para onde, foi afirmado mais tarde, levara o corpo de Maria Madalena. Lembramos (consultar o Capítulo III) que esta reivindicação foi ultrapassada, mais tarde, por St. Maximin da Provença, quando os monges de Vézelay não conseguiram apresentar as relíquias. Também

recordemos que este acontecimento levou Charles II d'Anjou a empreender uma busca febril, convencido de que eles ainda se encontravam em qualquer parte da Provença.
Gérard de Roussillon era conde de Barcelona, de Narbonne e da provença - uma vasta região. A sua família também tinha propriedades na região de Le Pilat - agora, o Parque Nacional de Le Pilat -, a sul de Lyons. Eram fervorosos devotos de Madalena, e a área era um centro do seu culto. (Uma capela de Sainte-Madaleine, na região de Le Pilat, conservava as supostas relíquias de Lázaro.)
No século XIII, o conde reinante, Guillaume de Roussillon, morreu nas Cruzadas e a sua pesarosa viúva, Béatrix, retirou-se para as colinas de Le Pilat, onde fundou um mosteiro cartuxo, Sainte-Croix-en-Jarez, onde viveu o resto da sua vida. Mas, depois disso, o mosteiro parecia ter uma estranha associação com Maria Madalena.
Antoine Bruzeau afirma que a família possuíra as verdadeiras relíquias de Maria Madalena e que Béatrix as levara para Sainte-Croix. (Ou talvez ela tivesse simplesmente confiado à abadia o segredo da sua localização.) Ele também sugere que o verdadeiro lugar do desembarque de Madalena em França não foi a Carmarga, mas a costa do Roussillon, num lugar ainda chamado Mas de la Madaleine. De acordo com a sua teoria, ela não vivera o resto da vida na Provença, mas no Languedoc - em redor da área de Rennes-le-Château.
Por alguma razão, a família Roussillon sentiu que

era seu dever não só conservar as relíquias mas também mantê-las secretas. Isto é muito estranho, numa época em que as relíquias eram tão lucrativas, e sugere que eles tinham motivos diferentes da simples veneração de uma santa do Novo Testamento. Talvez fosse alguma coisa relacionada com o verdadeiro papel de Madalena.
No século XIV, um curioso mural foi acrescentado à abadia de Sainte-Croix, representando Jesus a ser crucificado em madeira viva. Mais tarde, este mural foi coberto de estuque, mas foi redescoberto em 1896 - pouco tempo antes de Saunière, pessoalmente, ter pintado o baixo-relevo do seu altar, representando Madalena a contemplar uma cruz feita de madeira ainda em crescimento.
Mais tarde, no século XVII, um dos frades de Sainte-Croix, Dom Polycarpe de Ia Rivière, um famoso erudito, empreendeu a recuperação do mosteiro, e talvez tenha descoberto alguma coisa. Ele estava particularmente interessado em Madalena - escreveu um livro acerca dela que, infelizmente, se perdeu, além de um outro sobre a área em redor de Aix-en-Provence, de St. Maximin e de Sainte-Baume, que o Vaticano suprimiu. De la Rivière também estava relacionado com Nicolas Poussin, e a investigação de Bruzeau sugere que ambos faziam parte de uma sociedade secreta conhecida por «Societé Angelique».
Nas colinas de Le Pilat, uma antiga estrada sobe o Mont Pilat até uma capela dedicada a Maria Madalena. A estrada começa na aldeia de Malleval,

cuja igreja contém estátuas de St. António de Pádua e de St.ª Germaine, que são idênticas às de Rennes-le-Château. O caminho passa por uma capela dedicada a St. Antônio Eremita - outro santo venerado na igreja de Saunière (e cuja festividade é a 17 de Janeiro). E na capela de Madalena existe um quadro, representando a santa na sua gruta, que é espantosamente semelhante ao de Rennes-le-Château. Bruzeau observa que, no fundo do retábulo de Saunière, há um arco com coluna: em céltico, o primeiro é Pyla; em latim, o segundo é pilla - apontando, foneticamente, para a área de Le Pilat. E os picos representados no horizonte parecem ser os da área circundante de Mont Pilat.
Sempre nos pareceu estranho que, no seu baixo-relevo, Saunière tivesse excluído o elemento mais característico da iconografia de Maria Madalena - o seu vaso de bálsamo santo ou sainte baume... Podia ser esta a sua maneira de dizer que as verdadeiras relíquias de Maria Madalena, afinal, não estavam em St. Maximin-le-Sainte-Baume da Provença?
Certamente, a julgar pelas facturas do aluguer de carruagem e cavalos na área de Lyons, em 1898 e 1899, parece que Saunière explorou a área de Le Pilat em busca do que restava da sua dilecta Maria Madalena.
A questão primordial é saber por que razão alguém se esforçaria tanto para encontrar o que seria, essencialmente, apenas uma caixa com ossos. Porque, embora os católicos sempre tivessem

predileção por cadáveres de santos, deve-se recordar que muitos dos que, aparentemente, procuravam os restos mortais de Madalena eram ocultistas ou católicos rebeldes. De qualquer modo, não parecem ter sido pessoas sentimentais e a época das relíquias como grande negócio já passara, há muito tempo - então, por que dedicaram tanto tempo e esforço a esta busca?
Talvez não fosse simplesmente um esqueleto que eles procuravam: talvez julgassem que o caixão, ou túmulo, continha algum segredo, quer alguma coisa relacionada com o próprio corpo quer alguma coisa que estava com ele. Henry Lincoln, presumivelmente com ironia, sugeriu à imprensa francesa que esta «alguma coisa» podia ser a certidão de casamento de Jesus e Maria Madalena.
Falando mais seriamente, o segredo tem de ser alguma coisa semelhante a isso - uma coisa comprovativa e inequívoca que, uma vez tornada pública, causaria um enorme furor.
Dado o interesse destes grupos específicos, que temos estado a investigar, tem de ser alguma coisa herética cuja natureza se revelaria profundamente inquietante para a Igreja oficializada. Mas o que teria a possibilidade de provocar esta ameaça? Por que razão uma coisa que tem - presumivelmente - 2000 anos, deveria ter alguma relação importante com a sociedade moderna?

CAPÍTULO X
ADIVINHANDO A CORRENTE SECRETA

Neste ponto da nossa investigação, fomos notavelmente confrontados com a aparente importância de Maria Madalena para uma rede secreta e herética. Fora daqui que tínhamos partido, com o astucioso e subliminar simbolismo da «Senhora M» da Ultima Ceia de Leonardo. Contudo, nos anos que tinham decorrido desde que nos tínhamos sentido atraídos pelo mundo misterioso da heresia europeia, tínhamos percorrido muito terreno, em todas as acepções da palavra. Era tempo de fazer uma avaliação: o que tínhamos descoberto?

A «Senhora M», que interpretámos como sendo Maria Madalena, era claramente de grande importância para Leonardo, que, diz-se, foi grão-mestre do Priorado de Sião. Certamente, os nossos inesperados encontros com membros do actual Priorado tinham reforçado a nossa suspeita de que ela era muito importante para eles. E o mesmo se aplica a João Baptista - uma figura que dominou a obra de Leonardo e que o Priorado venera com especial devoção.

As nossas múltiplas viagens ao Sul de França revelaram que havia algum fundamento para tomar a sério as lendas que referiam Madalena como tendo ali vivido, mas as suas associações com o culto da Madona Negra apontam para uma ligação pagã. Tudo na veneração de Madalena está carregado de sexualidade - uma coisa particularmente evidente na sua associação com o poema de amor erótico, o Cântico dos Cânticos.

Mas há um aparente paradoxo. Por um lado, há evidências de que Madalena fosse a esposa de Jesus - ou, no mínimo, sua amante - , mas, por outro, ela é persistentemente associada a deusas pagãs. Isto parece totalmente irracional - por que razão devia a esposa do Filho de Deus ser associada, deste modo, a figuras como Diana, a Caçadora, e à deusa egípcia do amor e da magia, Ísis? Foi uma pergunta que acompanhou as nossas pesquisas.

Ao longo desta investigação, encontrámos indivíduos e grupos, como os Templários, S. Bernardo de Clairvaux e o abade Saunière, que giravam em torno do tema central do Feminino. Embora, para alguns deles, este tema possa ter sido apenas um ideal filosófico, o próprio fato de lhe ter sido dado um rosto feminino reconhecível aponta para uma devoção mais específica. Ela era, se não Madalena, Ísis, a antiga rainha do Céu e consorte de Osíris, o deus que-morre-e-ressuscita. Certamente, esta cadeia de associações - Madalena/ Madona Negra/Ísis - foi sempre o objectivo do Priorado. Para eles, uma Madona Negra representava tanto Madalena como Ísis, simultaneamente. Contudo, isto é muito estranho, porque a primeira é uma santa cristã e a última uma deusa pagã: seguramente, não há nenhuma associação possível.

Como vimos, os cátaros pareciam defender idéias inaceitáveis e heterodoxas sobre Madalena: na verdade, toda a cidade de Béziers foi passada à espada devido a esta heresia. Para eles, ela fora

concubina de Jesus - uma idéia que, curiosamente, repercute a dos Evangelhos gnósticos, que a descrevem como a mulher que Jesus frequentemente beijava na boca, a quem amava acima de qualquer outra pessoa. Os cátaros acreditavam que isto era verdade, embora com a maior relutância, porque a sua própria versão do gnosticismo considerava todo o sexo e procriação como, no máximo, um mal necessário. Esta ideia da relação de Madalena com Jesus não tivera origem nos seus precursores bogomilos, mas era, de facto, corrente no Sul de França - numa cultura que procurava elevar o Feminino em todos os aspectos, como revela o florescimento da tradição trovadoresca. E, como vimos, o panfleto da «irmã Catarina» revela que as idéias sobre Maria Madalena, reveladas nos Evangelhos gnósticos, tinham, de algum modo, sido transmitidas ao século XIV.

Curiosamente, descobrimos que aqueles que eram aparentemente os mais masculinos dos homens, os Cavaleiros Templários - ou, pelo menos, a sua ordem interna -, também estavam fortemente empenhados na elevação do Feminino. A intensidade da sua veneração pelas Madonas Negras não era ultrapassada por nenhuma outra, e a sua demanda cavaleiresca do amor transcendental foi a inspiradora das grandes lendas do santo Graal.

Os Templários eram ávidos de conhecimento e a sua demanda era a sua principal força impulsionadora. Aproveitavam conhecimento em

qualquer parte que o encontrassem: com árabes aprenderam os princípios da geometria sagrada, e os seus aparentes contactos próximos com os cátaros acrescentaram uma aparência gnóstica extra às suas já heterodoxas idéias religiosas. Desde o princípio, os interesses desta ordem de cavaleiros foram, essencialmente, ocultistas. A história pouco convincente das suas origens, como protectores dos peregrinos cristãos da Terra Santa, apenas chama a atenção para as anomalias que rodeavam a ordem.

A maior concentração de propriedades templárias da Europa encontrava-se no Languedoc, essa estranha região do Sudoeste de França que parece ter atuado como um ímã para muitos grupos heréticos. O catarismo, no seu auge, tornou-se virtualmente a religião de estado da área, e foi ali que nasceu e floresceu o movimento trovadoresco. E a investigação recente revelou que os Templários praticavam a alquimia. Os edifícios de várias cidades do Languedoc, como Alet-les-Bains, ainda ostentam complexos símbolos alquímicos e têm também fortes associações templárias.

Depois dos sinistros acontecimentos que rodearam a extinção oficial dos Templários, a ordem tornou-se secreta e continuou a exercer a sua influência sobre muitas outras organizações. Como conseguiram os Templários fazer isso, e quem herdou o seu conhecimento, nunca se soube com certeza até aos últimos dez anos. Gradualmente, foi-se sabendo que os Templários continuaram a

existir como rosacrucianos e maçonaria, e o conhecimento que eles tinham adquirido foi transmitido a estas sociedades.
Descobrimos que o exame cuidadoso destes grupos revelava as preocupações subjacentes e consistentes dos Templários. Uma delas é uma grande, talvez mesmo excessiva, veneração por um ou ambos os santos de nome João - João Evangelista (ou o Amado!) e João Batista. Isto é intrigante porque os próprios grupos que parecem considerá-los tão sagrados dificilmente são cristãos ortodoxos, e parecem mesmo olhar Jesus com alguma frieza. Um destes grupos é o Priorado de Sião, mas o mais espantoso, neste contexto, é o fato de que, embora o Priorado denomine «João» os seus sucessivos grão-mestres, Pierre Plantard de Saint-Clair afirma que o título do primeiro desta dinastia - «João I» - está «simbolicamente reservado para Cristo". Não sabemos por que se prestaria uma honra a Jesus ao chamar-lhe João.
Talvez a resposta resida na idéia, partilhada por estas sociedades, de que Jesus transmitiu os seus ensinamentos secretos ao jovem S. João, e é esta tradição que é defendida tão zelosamente pelos Templários, rosacrucianos e maçónicos. E parece que João Evangelista se confundiu, aparentemente, de forma deliberada, com Batista.
O próprio conceito de ter existido um secreto Evangelho de João era comum entre os «heréticos», desde os cátaros do século XII ao Leivitikon. É curioso que este fio joanino atravesse todos estes grupos, de forma penetrante e

consistente, porque ele é também o menos conhecido. Talvez isto se deva apenas ao manto de secretismo que teve tanto êxito ao escondê-lo dos olhos do mundo durante tanto tempo.

O outro tema importante, que é continuado pelos vários tributários da «corrente secreta» da heresia, é o da elevação do Princípio Feminino e, especificamente, o reconhecimento do sexo como sacramento. A Grande Obra dos alquimistas, por exemplo, tem evidentes paralelos com os ritos sexuais tântricos - embora fosse apenas recentemente que essas conotações fossem compreendidas. Ironicamente, foi apenas quando a nossa cultura tomou conhecimento do tantrismo que as práticas de muitas tradições ocidentais antigas foram, finalmente, compreendidas.

A sabedoria feminina foi sempre muito desejada, tanto no sentido filosófico como no que se julgava ser conferido magicamente através do acto sexual. Esta demanda da sabedoria feminina - Sophia - é o fio que une todos os grupos que investigamos: por exemplo, os primeiros grupos gnósticos e herméticos, os Templários e os seus sucessores da Maçonaria do Rito Escocês Rectificado. O texto gnóstico, o Pistis Sophia, associa Sofia a Maria Madalena, e Sofia também estava intimamente associada a Ísis - talvez isto ajude a explicar a aparente confusão da santa com a deusa por parte do Priorado de Sião. Contudo, isto é apenas uma indicação; não é a resposta.

A continuada importância de Madalena não está em dúvida. Contudo, os seus restos mortais foram

procurados - e, possivelmente, ainda continuam a ser procurados - com inexplicável fervor. No século XIII, Charles d'Anjou empreendeu a sua busca com zelo fanático, embora ficasse claramente desiludido porque o seu descendente, o mais famoso Réne d'Anjou, dois séculos mais tarde, ainda continuava a procurá-los. Mesmo no fim do século XIX, o mesmo desejo ardente - encontrar os restos mortais da sua dilecta Madalena - parece ter consumido o abade Saunière de Rennes-le-Château.
De qualquer modo, Madalena detém a chave de um grande mistério, um mistério que foi guardado ciosa e implacavelmente durante séculos. E parte desse segredo envolve intimamente João Batista (e/ou talvez João Evangelista). Logo que compreendemos que esse segredo existia, desejamos sacudir as teias de aranha da história e lançar alguma luz sobre ele. Mas isso não foi tarefa fácil: os grupos e as organizações que guardaram este segredo, ao longo dos anos, criaram meios de manter os estranhos bem afastados da verdade. Embora alguns deles nos tivessem dado indicações ou pistas, ninguém ia revelar-nos o segredo central. Tudo o que sabíamos era que toda a evidência apontava para que o mistério fosse elaborado sobre uma base que, essencialmente, incluía Sofia e João. Estes temas eram centrais - mas não sabíamos porquê, embora se encontrasse uma indicação no facto de que, qualquer que fosse o segredo, certamente ele não iria reforçar a autoridade da Igreja. Na

verdade, esta grande heresia desconhecida constituiria a maior ameaça, não só ao catolicismo mas ao cristianismo, tal como o conhecemos. Os grupos que guardavam o segredo consideravam-se como tendo sido os detentores de uma informação sobre as verdadeiras origens do cristianismo e mesmo sobre o próprio Jesus.
Seja qual for a natureza deste segredo, é evidente que era alguma coisa importante - e significativa - para os séculos XIX e XX. Em Rennes-le-Château, Sanière recebia não apenas representantes da alta sociedade parisiense, como Emma Calvé, mas políticos e membros de famílias imperiais. Actualmente, Pierre Plantard de Saint-Clair e o Priorado de Sião têm sido associados a figuras como Charles de Gaulle e Alain Poher, um destacado estadista francês que, por duas vezes, foi presidente provisório. Recentemente, correram rumores que associavam o falecido presidente François Mitterrand a Pierre Plantard de Saint-Clair. Certamente, Mitterrand visitou Rennes-le-Château em 1981, quando foi fotografado na Torre de Magdala e junto da estátua de Asmodeus, no interior da igreja. Pode ser significativo que ele tivesse nascido em Jarnac, onde foi sepultado em cerimónia privada enquanto os líderes mundiais assistiam a um serviço religioso em Notre-Dame de Paris. Segundo os estatutos do Priorado de Sião de 1950, há muito que Jarnac era um dos seus centros.
Atribui-se ao Priorado verdadeira influência na política européia e mesmo mundial. Mas por que

deveriam as questões que estávamos a investigar, embora interessantes sob uma perspectiva histórica e filosófica, ter importância? Estas questões estão ligadas ao «voltar da Cristandade de cima para baixo» prometido pela união do Priorado de Sião e da «Igreja de João», que já discutimos?

A única coisa que Maria Madalena e João Baptista tinham em comum era o fato de serem santos e, aparentemente, figuras históricas do Novo Testamento. O único caminho lógico para continuar a investigação era o exame minucioso das suas vidas e dos seus papéis, na esperança de que eles revelassem a razão do seu contínuo fascínio para as tradições heréticas secretas. Se tínhamos alguma esperança de conseguir compreender a sua suprema importância para os iniciados dos grupos esotéricos mais importantes e mais bem informados, tínhamos de começar a ler a Bíblia a sério.

SEGUNDA PARTE
A TEIA DA VERDADE

CAPÍTULO XI
INEXATIDÕES DO EVANGELHO

Pela Páscoa de 1996, os media britânicos dedicaram muita atenção ao que parecia ser uma descoberta espantosa - a de ossários, encontrados em Jerusalém, que continham as ossadas de um pequeno grupo de pessoas, entre as quais estava

«Jesus, filho de José». As outras eram duas Marias (uma, cuja inscrição estava em grego) - neste contexto, possivelmente a Virgem e Madalena -, um José, um Mateus e um «Judas, filho de Jesus». Obviamente que estes nomes, encontrados todos juntos, desta maneira, provocaram alguma excitação entre os cristãos, embora as implicações desta descoberta não fossem necessariamente do seu agrado - afinal, o próprio cristianismo fora fundado sobre a ideia de que Jesus ressuscitou dos mortos e ascendeu corporalmente ao céu. Encontrar as suas ossadas seria devastador. Mas eram, de fato, as suas - e as da sua família?

Tem de se admitir que, com toda a probabilidade, não eram. Pode ter sido mera coincidência que os nomes tivessem particular ressonância para os cristãos, porque eram todos nomes comuns na Palestina do primeiro século. Mas a razão por que esta descoberta foi importante deveu-se à simples dimensão e intensidade do debate que ela provocou. Os programas de televisão e os jornais de qualidade agarraram-se à pergunta: se pudesse ser provado que elas eram aquelas ossadas específicas, qual seria o seu significado para o cristianismo? Para nós, um dos aspectos mais reveladores da questão foi o espanto e a indignação de muitos cristãos quando confrontados com a ideia de que Jesus possa ter sido um homem normal. Para muitos, foi mesmo uma surpresa que o seu nome fosse comum.

Apesar de ser compreensível que cristãos

confessos desejassem manter o seu conceito de Jesus como Filho de Deus e talvez decidir, por uma questão de estratégia, ignorar o que pessoas alheias pudessem dizer sobre ele, é estranho que tantos cristãos não saibam, de facto, até que ponto se provou que o relato do Evangelho é inexato. Nunca houve acesso a tanta informação: escreveram-se livros, nos últimos cinquenta anos, que adoptaram um largo âmbito de perspectivas sobre Jesus e o seu movimento e apresentaram muitas teorias diferentes (e, por vezes, divertidas). Entre elas, surgiram idéias como a de Jesus ser um pai divorciado, com três filhos, um maçónico um budista, um mágico, um hipnotizador, o progenitor de uma dinastia de reis franceses, um filósofo cínico, um cogumelo alucinogéneo - e mesmo uma mulher! Esta explosão de ideias estranhas e prodigiosas pode ser, em parte, uma consequência da tendência moderna para levantar questões, mas a razão por que estas ideias possam ter surgido deve-se ao facto de os estudos recentes terem revelado que a tradicional história de Jesus está radicalmente deturpada e, portanto, é pouco consistente. Mas, apesar de estas idéias florescerem porque este vácuo existe, elas dependem do facto de os Evangelhos terem de ser não só reinterpretados como virtualmente reescritos.

Este vácuo só pôde ser discernido quando a pesquisa de fundo apresentou um contexto para a história. Descobertas arqueológicas, como os textos de Nag Hammadi e os manuscritos do Mar

Morto, revelaram muito mais sobre a época e a cultura em que Jesus viveu - e, de súbito, parece que muitos aspectos do cristianismo, habitualmente considerados únicos, não eram assim. Mesmo os mais tradicionais e familiares conceitos cristãos são agora considerados como tendo um significado completamente diferente, no contexto da Palestina do primeiro século.
Por exemplo, um lema que os cristãos evangélicos gostam particularmente de exibir no exterior das suas igrejas é «Jesus Cristo é o Senhor». Para eles, esta frase encerra a ideia de que Jesus era literalmente divino - o Senhor, Deus encarnado. Foi extraída dos Evangelhos, na crença de que era um título concedido a Jesus pelos seus discípulos, em reconhecimento da sua posição única. Mas, como demonstrou Geza Vermes, o conceituado estudioso da Bíblia, esse título era apenas um termo respeitoso comum, como o que as crianças dirigiam ao pai ou uma esposa ao seu marido - o equivalente a «senhor». Não implica nada mais do que simples costume e, certamente, nada de espiritual ou divino. Mas, ao longo dos séculos, esta frase adquiriu vida própria e é considerada quase como prova de que Jesus é Senhor universal.
Outro exemplo de como a tradição cristã se transformou em facto histórico é o das principais festividades, como a Páscoa e o Natal. Todo os anos, milhões de cristãos de todo o mundo celebram o nascimento do Menino Jesus, a 25 de Dezembro. A história da Natividade é a mais

familiar do mundo: Maria era uma Virgem, que concebeu pela intervenção do Espírito Santo; na estalagem, não havia quarto para ela e para o seu marido José, por isso a criança nasceu num estábulo (ou numa caverna, segundo outras versões), os magos e os pastores vieram adorar o Salvador recém- nascido. Esta história pode não ser aprovada por cristãos mais sofisticados e pelos teólogos, Mas é uma das primeiras histórias que se contam às crianças e, na primeira infância, ela transforma-se em «Evangelho».

Quando o papa julgou prudente explicar que Jesus não nascera, de fato, a 25 de Dezembro, mas que essa data fora escolhida porque já era uma festividade pagã do equinócio, este anúncio causou alguma sensação. Para a maioria dos cristãos comuns, este anúncio foi uma grande revelação. Que este anúncio tivesse sido feito apenas em 1994 é quase incrível. Contudo, ele é apenas a ponta do icebergue porque os teólogos sabem há muito que toda a história do Natal é um mito.

O grau em que a maioria dos católicos é mantida deliberadamente na ignorância é maior, muito maior: a data do Natal, a 25 de Dezembro, não é apenas a do alegado nascimento de Jesus; foi também a de muitos deuses pagãos, como Osíris, Átis, Tamuz, Adónis, Dionísio e muitos outros. Também eles nasceram em lugares humildes como cavernas, pastores acorreram ao lugar do seu nascimento, que fora anunciado por sinais e maravilhas, incluindo o aparecimento de uma

nova estrela. E entre os seus múltiplos títulos contavam- se o de «Bom Pastor» e de «Salvador da Humanidade».
Quando confrontado com a evidência de Jesus ser apenas um de uma longa série de tradições de «deuses que morrem e ressuscitam», o clero tem tendência para se refugiar no conceito insatisfatório de que os pagãos da antiguidade, de certo modo, se aperceberam indistintamente de que, um dia, haveria um verdadeiro Deus salvador, mas tiveram de se limitar a um arremedo grotesco do futuro cristianismo.
Embora as verdadeiras origens do cristianismo sejam examinadas em pormenor, mais tarde, é suficiente dizer que a data comum do nascimento a 25 de Dezembro não é a única semelhança entre a história de Jesus e a dos deuses pagãos. Osíris, por exemplo - consorte de Ísis -, morreu às mãos dos perversos a uma sexta-feira e foi magicamente «ressuscitado», depois de estar três dias no Mundo dos Mortos. E os mistérios de Dionísio eram celebrados pela ingestão do Deus através de uma refeição mágica de pão e vinho, simbolizando o seu corpo e sangue. Estes «deuses-que-morrem-e-ressuscitam» há muito que foram reconhecidos como tal por teólogos, historiadores e estudiosos da Bíblia, mas parece ter havido uma conspiração tácita para ocultar esta informação ao «rebanho» da Igreja.
Com toda a confusão de novos elementos que estão a emergir sobre as origens do cristianismo, é demasiado fácil ser levado pelo entusiasmo e

abraçar uma determinada ideia sem a cautela e o discernimento necessários. Se a fonte material é mal interpretada, as conclusões alcançadas podem estar muito longe da verdade. Por exemplo, muitas palavras foram dedicadas aos manuscritos do Mar Morto, que foram descobertos em 1947; alguns deles parecem lançar nova luz sobre o primitivo cristianismo. Certas passagens dos manuscritos convenceram muitas pessoas de que Jesus e João Batista eram membros dos essénios, uma seita baseada em Qumran, junto do Mar Morto. Não é exagero dizer que esta convicção é agora julgada por muitas pessoas como estando irrefutavelmente provada.

De fato, não existe nenhuma prova de que os próprios manuscritos fossem de origem essênia - esta foi simplesmente a suposição imediata quando eles foram encontrados. Há uma hipótese: que os documentos fossem os escritos de uma única seita, quer dos essénios quer de uma das muitas seitas que se sabe terem-se retirado para aquela área. Contudo, o eminente professor de História Judaica Norman Golb, que analisou cuidadosamente a descoberta dos manuscritos do Mar Morto e o desenvolvimento do seu estudo, contestou, recentemente, esta hipótese. Demonstrou que a suposição de eles terem origem numa única comunidade - ou mesmo que alguma comunidade religiosa lá tivesse existido - não é apoiada pela evidência arqueológica nem pela evidência dos próprios manuscritos. Golb pensa que os manuscritos faziam, de facto, parte da

biblioteca do Templo, que fora escondida lá durante a Revolta judaica de 70 d.C. Se Golb tiver razão, e tudo indica que tem, então, virtualmente todos os livros escritos sobre os manuscritos do Mar Morto são redundantes. Essencialmente, o que muitos eruditos fizeram foi tentar reconstituir as crenças de uma hipotética seita a partir de uma colecção de textos que, de facto, tiveram a sua origem entre uma variedade de grupos diferentes. É como deduzir as crenças de alguém a partir dos livros que se encontram nas suas estantes: a nossa biblioteca pessoal, por exemplo, revela facilmente o nosso interesse por assuntos religiosos e esotéricos, mas, como os nossos livros abrangem uma variedade de perspectivas - céticas, racionais, crédulas -, não podem representar aquilo em que nós, de facto, acreditamos. (Por comparação, os textos de Nag Hammadi nunca foram considerados produto de uma única seita.)

Embora a ligação «essênia» dos manuscritos do Mar Morto seja falaciosa, apesar da sua categoria de mito moderno, eles permanecem de profunda importância histórica para a compreensão do judaísmo daquela época. Mas, como é pouco provável que sejam de grande utilidade para qualquer estudo das origens do cristianismo, os manuscritos não terão grande importância nesta investigação.

Os perigos de basear conclusões generalizadas em premissas imperfeitas são exemplificados por The Hiram Key de Knight e Lomas. De acordo com o

seu argumento, alguns dos manuscritos do Mar Morto contêm idéias que são semelhantes às da Maçonaria, e, como eles afirmam «que os autores dos manuscritos do Mar Morto... eram essênios, está agora fora de dúvida», então concluir-se-ia que os esénios foram os precursores da Maçonaria. Se acrescentarmos a isto a certeza dos autores de que Jesus era essênio, a conclusão é evidente: Jesus era maçônico.

Contudo, como vimos, os manuscritos não foram escritos pelos essênios e não se provou que Jesus fosse membro dessa seita, portanto todo o argumento se desmorona. Pelo menos, oferece ao investigador demasiado entusiasta um exemplo admonitório.

Tínhamos atingido o ponto em que compreendemos que uma reavaliação radical da posição de João Baptista e de Maria Madalena devia ter sido feita há muito tempo. Afinal, parecia que estas duas figuras históricas tinham algum direito convincente a serem consideradas muito a sério - pelo menos, por um persistente movimento secreto da Europa que incluíra algumas das mentes mais brilhantes de todos os tempos.

O tema dominante do que designamos pela Grande Heresia Européia era a inexplicável veneração - atingindo, nalguns casos, a verdadeira adoração - de Maria Madalena e de João Batista. Mas isso representava alguma coisa mais do que um género de não-ortodoxia deliberada, uma persistente rebeldia contra a Igreja, sem nenhum fundamento? Existia alguma coisa

substancial por detrás destas heresias? Para descobrir se havia alguma base factual para estas crenças, recorremos ao Novo Testamento, e em particular aos quatro Evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João.
Admitimos um espanto inicial por esta associação «herética» entre Batista e Madalena. Não apenas não existia nada na versão do cristianismo, reconhecida pela Igreja, que os associasse - além da sua aparente devoção a Jesus -, mas uma investigação superficial das próprias heresias também não conseguiu apresentar qualquer causa comum plausível. As suas imagens eram pólos opostos. João Batista surge como um asceta que morreu devido aos padrões morais inflexíveis, embora, talvez notavelmente, ele não morresse como um mártir cristão. (De facto, não existe nenhuma sugestão de que ele invocasse os ensinamentos ou a moral de Jesus quando tomou a sua posição fatal contra Herodes Antipas.) E, por outro lado, julga-se que Madalena tenha sido uma prostituta, embora, de acordo com a história tradicional, ela se tivesse convertido e passasse o resto da sua longa vida como penitente. De certo modo, João e Maria não parecem ter sido verdadeiros aliados: segundo os Evangelhos, certamente, não há nenhuma sugestão de que eles se tivessem conhecido.
No entanto, há indicações de que, provavelmente, eles tinham conhecimento um do outro. Os eruditos reconhecem que Batista tinha uma grande fama de pregador íntegro, na sua época e lugar,

que viera do deserto para chamar os homens ao arrependimento, enquanto Maria era uma das discípulas de Jesus, desempenhando um papel importante no seu movimento. E, segundo se pensa, Jesus e João eram primos, ou, pelo menos, pertenciam à mesma família. Lendo nas entrelinhas, pode imaginar-se que João tinha conhecimento de Maria Madalena como alguém que lavava os pés dos homens, lhes trazia toalhas limpas e lhes preparava as refeições. Talvez tivesse um conhecimento vago da sua antiga reputação e desaprovasse a sua presença «impura» - a não ser, claro, que ele a tivesse baptizado. Não existe nenhum registro disso, mas também não há registos de que os apóstolos, como S. Pedro, tivessem sido batizados.
Contudo, uma investigação mais profunda do ambiente da história da Bíblia dá algumas indicações sobre a ligação entre Madalena e Batista. O primeiro elo de ligação importante é o dos seus papéis complementares na carreira de Jesus como pregador. É João quem representa o seu princípio e Maria Madalena quem simboliza o seu fim.
É João quem inicia o ministério de Jesus através do rito do batismo. E Maria que é central para os acontecimentos que rodearam a sua morte e ressurreição. A grande associação é que eles celebraram uma espécie de «sagração». O baptismo com a água, celebrado por João, é claramente análogo à unção com o óleo de nardo celebrada por Maria de Betânia, que é geralmente

se supõe que seja a mesma que Maria Madalena, e foi a última quem ungiu o corpo morto de Jesus com mirra e aloés, para ser enterrado.
A grande semelhança entre estas duas personagens curiosamente fascinantes, no entanto, reside no fato de, apesar de ambos terem obviamente desempenhado uma importante função ritual na vida de Jesus, eles apenas foram incluídos na história do Evangelho por tolerância.
Eles surgem e desaparecem das páginas da Bíblia com tal brusquidão que criam uma nota particularmente discordante. Por um lado, os Evangelhos referem a execução de João às mãos dos soldados de Herodes, mas, por outro, não há nenhuma palavra sobre o pesar de Jesus por este facto ou de como exortou os seus discípulos a manifestar reverência pela memória de João. Madalena, de súbito, surge na história no momento da Crucificação, num papel que é claramente de alguma intimidade com Jesus, e é a primeira pessoa a testemunhar a Ressurreição - todavia, por que não é ela específica e anteriormente mencionada? Talvez porque os evangelistas foram obrigados a admitir que tanto João como Maria Madalena desempenharam papéis tão centrais na história de Jesus que não podiam ser totalmente excluídos da narrativa, mas, caso contrário, nunca teriam sido mencionados. Então, que havia em João Baptista e em Maria Madalena que era tão ofensivo para os evangelistas e os primeiros padres da Igreja?
É fácil compreender esta deliberada

marginalização no caso de Madalena. Por um lado, ela é claramente importante na história de Jesus, mas, por outro, não existe virtualmente nenhuma informação sobre ela nos Evangelhos. Exceptuando uma única referência, em Lucas, por exemplo, ela faz a sua primeira verdadeira aparição como testemunha da crucificação. Não sabemos como ela se tornou discípula, exceto a implicação da história de «expulsão de sete demônios» de que ela, em dada altura, teria sido curada por Jesus. Nem somos informados de qual era o seu exato papel, especialmente no enterro de Jesus.

De início, supusemos ingenuamente que qualquer discípula teria recebido este tratamento desdenhoso simplesmente porque era mulher e, portanto, cidadã de segunda-classe. no que dizia respeito aos judeus do século I. Mas, nesse caso, as coisas deviam ter mudado desde a época de Rute e Naomi, cujas vidas estão tão bem relatadas no Antigo Testamento. E há também a curiosa insistência no apelido ou título de Maria, Madalena. Embora a sua derivação seja discutida mais tarde, é possível ver, no próprio facto de ele ser usado pelos evangelistas, uma indicação de que ela era uma mulher de recursos próprios. Todas as outras mulheres dos Evangelhos são definidas pela sua posição de esposa, mãe ou irmã de algum homem importante. Mas, aqui, temos simplesmente Maria Madalena. É como se os evangelistas imaginassem que os seus leitores soubessem quem ela era.

Referindo-se às discípulas de Jesus, os Evangelhos dizem que elas «o serviam com os seus haveres» - indicando que elas tinham alguns haveres para o servir. Fazia ela parte de um grupo de mulheres independentes, com alguns meios, que sustentavam o grupo de Jesus? Certamente, muitos eruditos acreditam que era este o caso. Maria Madalena, quando é referida pelo nome, está sempre no topo da lista, mesmo antes de Maria, a Mãe - exceto quando há uma razão específica para colocar a Virgem em primeiro lugar.
O Priorado de Sião acredita que Maria Madalena e Maria de Betânia são uma e a mesma pessoa, a irmã de Lázaro e aquela que unge os pés de Jesus. Se for este o caso, então o tratamento brusco que lhe dão os evangelistas torna-se ainda mais evidente. Eles parecem ter tornado, de forma deliberada, a sua identidade e o seu papel ainda mais difícil de determinar. Os Evangelhos Sinópticos vão ao ponto de tornar anônima a mulher que unge Jesus, embora seja muito provável que os evangelistas soubessem quem ela era e por que razão era importante.
Este processo de marginalização parece também ter sido aplicado a João Baptista. Os modernos estudiosos do Novo Testamento reconhecem que a exacta relação entre João e Jesus é difícil de definir. Muitos deles apontam para a aparente e excessiva insistência de João no seu papel de simples precursor, sugerindo que ele «protesta de mais». De forma significativa, o Evangelho de

Marcos - que foi provavelmente o primeiro, e aquele em que Marcos e Lucas se basearam - é menos insistente no papel subordinado de João que os textos posteriores. Isto levou muitos estudiosos a concluir que a subserviência de João a Jesus, que é repetida ad nauseam, era, de fato, uma cobertura para a rivalidade entre os dois homens e os respectivos grupos de discípulos.
O escrutínio minucioso dos próprios Evangelhos revela indicações dessa rivalidade. Para começar, uma leitura imparcial revela que muitos dos primeiros - e mais famosos - discípulos de Jesus vieram das fileiras dos discípulos de João. Por exemplo, o jovem João, o Amado (que, como vimos, era central para muitas crenças «heréticas») é reconhecido como tendo sido um dos acólitos de João e podia mesmo ter adoptado o seu nome como um sinal de respeito por ele. Os discípulos de João, depois da decapitação do seu líder, continuaram como um grupo distinto: dizem-nos que alguns deles foram buscar o seu corpo, e há passagens do Novo Testamento em que os discípulos de Jesus discutem com os de João sobre as respectivas maneiras de viver.
Contudo, com maior significado, a história regista que João teve dúvidas sobre Jesus como Messias - numa passagem a que, sem surpresa, a Igreja dá pouca divulgação. Quando João está encarcerado na prisão de Herodes, ele envia dois dos seus discípulos para interrogar Jesus: «És tu o que devia vir ou temos de esperar por outro? Este episódio é particularmente embaraçoso para os

teólogos. Por um lado, eles consideram João Batista o enviado de Deus para preparar o caminho do Messias e indicá-lo como tal às multidões, reconhecendo também nele, deste modo, alguma medida de orientação divina - mas o «precursor» interroga-se, depois, se fez ou não a escolha certa!

Há alguns sinais menos óbvios, mas igualmente notáveis, da rivalidade que existia entre os dois homens, nas palavras de Jesus que a história registou. O primeiro encontra-se na famosa passagem em que Jesus parece elogiar João perante as multidões, dizendo-lhes que: «Não se levantou entre os homens nascidos de mulher maior que João Batista». Contudo acrescentou a intrigante reserva: «O menor do reino dos Céus é maior que ele.» O exato significado desta afirmação tem sido tema de muito debate. O eminente estudioso do Novo Testamento Geza Vernes comparou este uso da frase «o menor do reino dos Céus» com outros exemplos e concluiu que era um circunlóquio - uma frase formal e impessoal - que simboliza o próprio orador. Por outras palavras, Jesus dizia à multidão «João pode ter sido um grande homem, mas eu sou maior».

Há, no entanto, outra interpretação muito mais óbvia, que nunca vimos discutida por nenhum estudioso da Bíblia. Admite-se que a frase «nascido das mulheres» pudesse ser tomada como um insulto porque implicava fraqueza - nesse caso, toda a passagem adquire uma tonalidade completamente diferente. Talvez a declaração de

Jesus «entre os homens nascidos de mulheres não se levantou maior que João Batista» possa ser tomada como um insulto direto. Este insulto parece ser reforçado pelo comentário seguinte - «o menor do reino dos Céus é maior que ele». Se Geza Vernes tiver razão, e Jesus estava a afirmar que ele era maior, então dificilmente era um elogio a João Batista. Mas pode ter sido um insulto maior, significando «mesmo o menor dos meus discípulos é maior que ele».

Tem sido sugerido que há outra ofensa mal velada a João - que teria sido óbvia para os judeus do século I - nos comentários de Jesus, durante uma discussão entre os seus discípulos e os de João: «Nenhum homem ponha vinho novo em odres velhos.» Nessa época e lugar, o vinho era geralmente transportado em «garrafas» feitas de peles de animal - e João andava vestido com peles de animais... No contexto desta particular discussão, é muito provável que este comentário se referisse a João.

É evidente que esta rivalidade era bem conhecida dos evangelistas, pelo menos cinquenta anos depois da crucificação (a época aproximada em que os livros foram escritos). Talvez os quatro Evangelhos fossem, de fato, escritos com a ideia oculta de minimizar esta vergonhosa rivalidade e de assegurar que Jesus levasse a vantagem. De facto, não há dúvidas de que os evangelistas se teriam sentido muito mais felizes se pudessem ter excluído totalmente João.

Assim, é evidente que Baptista e Madalena -

aquele que batizou Jesus e aquela que foi a primeira testemunha da parte principal do cristianismo, a ressurreição - estão unidos pelo facto de os evangelistas se sentirem, no mínimo, constrangidos em relação a eles. Mas é possível descobrir porquê, reconstituir os seus verdadeiros papéis e restabelecer a sua importância original?

O principal problema é que os livros do Novo Testamento são uma fonte de informação muito duvidosa. Como todos os textos Antigos, foram, certamente submetidos a um processo incessante de edição, seleção, tradução e interpretação. Ao longo dos séculos, foram feitos aditamentos às obras originais, que são, por vezes, irrelevantes, mas, ocasionalmente, são muito significativas. Por exemplo, na Primeira Epístola de João, a frase «Porque há no céu três que dão testemunho, o Pai, a Palavra e o Espírito Santo, e estes três são um» sabe-se ter sido posteriormente acrescentada. Também a história da mulher «surpreendida em adultério» surge apenas no Evangelho de João - e as suas primeiras versões conhecidas não incluem este episódio. Se ele é ou não autêntico tem sido tema de grande debate.

Um exemplo importante da confusão provocada pelos caprichos da tradução é o da ideia errada de que Jesus era um humilde carpinteiro. A palavra aramaica original era naggar, que pode significar quer um trabalhador de madeira quer um estudioso ou um homem erudito. No contexto, o último faz mais sentido porque não há nenhuma sugestão, em parte alguma, de que Jesus fosse

um artesão de qualquer natureza - e a sua erudição provocou os comentários daqueles que o ouviam: a palavra naggar apenas é usada quando as pessoas discutem especificamente a erudição de Jesus. Mas a ideia de que Jesus era carpinteiro está agora tão indelevelmente gravada na história cristã como o fato de que ele nasceu a 25 de Dezembro.
As datas em que os Evangelhos foram escritos têm sido tema de grande debate e controvérsia. Como escreve A. N. Wilson:

Uma das características mais curiosas do conhecimento do Novo Testamento é o facto de que, apesar de homens eruditos se terem debruçado sobre documentos durante séculos, nunca conseguiram determinar, sem margem para dúvida, questões tão simples como: onde foram escritos os Evangelhos, ou quando foram escritos, e, ainda menos, quem os escreveu.

Os manuscritos mais antigos que se conhecem datam do século IV, mas são claramente cópias de textos mais antigos. Assim, os estudiosos tiveram de tentar determinar a sua proveniência, analisando a linguagem dos fragmentos dos Evangelhos que subsistem. Embora a questão não tenha sido resolvida de forma conclusiva, o actual consenso é que o Evangelho de Marcos é o mais antigo, tendo sido escrito talvez em 70 d.C. Também há consenso quanto a Mateus e Lucas se terem baseado largamente em Marcos, e, por isso,

devem ter sido compostos mais tarde, embora incorporem material de outras fontes. O Evangelho de João é considerado como sendo o último a ter sido escrito - talvez entre 90 e 120 d.C. O quarto Evangelho - o de João - sempre teve alguma coisa de enigmático. Mateus, Marcos e Lucas, conhecidos coletivamente como Evangelhos Sinópticos, narram mais ou menos a mesma história, apresentando os acontecimentos quase pela mesma sequência e representando Jesus de maneira semelhante - embora ainda existam discrepâncias e inconsistências em episódios individuais. Um bom exemplo disto é o número e os nomes diferentes das mulheres que visitaram o túmulo de Jesus, segundo os três autores. O Evangelho de João, no entanto, narra a história de Jesus por uma ordem muito diferente e também inclui acontecimentos que os outros não referem.

Dois exemplos são as bodas de Canã, em que Jesus realiza o seu primeiro milagre - transformando a água em vinho -, e a ressurreição de Lázaro, que se transforma, em João, num dos acontecimentos principais. Que os outros cronistas tivessem desconhecido episódios tão importantes sempre intrigou os historiadores bíblicos.

Contudo, o Evangelho de João também difere na imagem que apresenta de Jesus. Enquanto os Evangelhos Sinópticos narram a história de um mestre religioso e taumaturgo, que se ajusta perfeitamente a um enquadramento judaico, o Evangelho de João tem uma atitude mais mística e mais gnóstica, atribuindo maior importância à

divindade de Jesus. Também tenta explicar o significado implícito na história à medida que ela se desenrola.
Atualmente, a opinião corrente é que Jesus era um líder religioso judaico, que foi sobretudo rejeitado pelo seu povo. Muitos analistas modernos nem consideram que ele planeasse fundar uma nova religião e que o cristianismo aconteceu quase acidentalmente, porque os ensinamentos de Jesus vingaram no resto do Império romano. Isto explica, segundo afirmam, ideias como a deificação de Jesus: ele tinha de se tornar conhecido como o Filho de Deus - literalmente Deus encarnado - para apelar ao mundo romanizado, que estava habituado à idéia de que os seus governantes e heróis se tornavam deuses. Como o Evangelho de João insiste nestes temas, partiu-se do princípio de que ele fora escrito numa fase mais tardia do progresso do cristianismo, quando a nova religião começava a dar os primeiros passos no contexto mais vasto do Império romano.
O problema é que o Evangelho de João é o único que, de facto, reivindica ser baseado no testemunho ocular de alguém que assistiu aos principais acontecimentos da vida de Jesus - o «discípulo amado» que, tradicionalmente, é considerado ser o jovem João, daí a atribuição do Evangelho.
Certamente que o Evangelho de João contém os pormenores mais circunstanciais, como a atribuição de nome a indivíduos que surgem anonimamente nas outras versões. Assim, alguns

eruditos argumentam que João é o primeiro Evangelho, embora haja outras interpretações, que vão desde a idéia de que João era o mais imaginativo, até à de que usou testemunhos em primeira-mão, mas acrescentou, depois, a sua própria interpretação.
O Evangelho de João é, segundo qualquer critério, muito estranho, Tem confundido mesmo os estudiosos mais eruditos, devido às suas confusas mensagens: de fato, o seu tom - que é inconfundível - é redondamente contrariado pelos fatos que tem o cuidado de apresentar ao leitor. Devido à pormenorizada informação que oferece, o Evangelho de João é reconhecido como o de maior valor histórico, contudo, também considerado como o mais distante no tempo em relação à vida de Jesus. Revela um conhecimento mais preciso das práticas religiosas judaicas, mas é o menos judaico e o mais helenista na perspectiva adoptada. É indiscutivelmente o mais hostil aos judeus - as suas diatribes contra eles revelam verdadeiro ódio -, mas deixa mais claro que os outros Evangelhos que foram os romanos, não os judeus, os responsáveis pela execução de Jesus. É também o mais estridente na sua marginalização de João Baptista, dedicando muitas palavras à sua aparente inferioridade e ignorando completamente o destino subsequente de Baptista - todavia, ao contrário dos Evangelhos Sinópticos, revela-nos que Jesus recrutou os seus primeiros discípulos entre o grupo de João e que os apoiantes de ambos os líderes continuaram a ser

rivais, revelando assim que João era importante por direito próprio.
Mas esta evidente confusão é facilmente explicada pelas múltiplas fontes que foram usadas para compilar o Evangelho de João - incluindo o seu relato de testemunha ocular da missão de Jesus. E, como veremos, algumas destas fontes são particularmente reveladoras.
Muitos cristãos modernos acreditam que o Novo Testamento foi, de algum modo, divinamente inspirado. Contudo, os factos contrariam esta idéia: foi apenas em 325 d.C. que o Concilio de Niceia se reuniu para discutir quais os livros que seriam incluídos no que viria a ser o Novo Testamento. Não há dúvidas de que os homens presentes no Concílio incluíram na incumbência os seus próprios preconceitos e agendas, cujo triste fruto ainda estamos a colher. Eventualmente, o Concílio determinou que apenas quatro Evangelhos seriam incluídos no Novo Testamento e rejeitou, definitivamente, mais de cinquenta outros livros, com maior ou menor ou igual pretensão a serem considerados autênticos.
Num só rasgo, as idéias expressas, implícita ou explicitamente, no material rejeitado tornaram-se sinônimo de heresia. (De fato, a palavra heresia significava originalmente escolha.) Em certo sentido, o mesmo gênero de processo de selecção, semelhante ao que foi empregue pelo Concilio de Niceia, continua até hoje. O público, em geral, não está autorizado a decidir sobre os textos que restaram. Por exemplo, o Evangelho de Tomás,

cuja existência há muito era conhecida, só foi descoberto na sua versão completa quando os textos de Nag Hammadi foram desenterrados, em 1945. Mas qualquer regozijo pela sua descoberta deve ser moderado pelo reconhecimento da razão da sua aceitação pelos teólogos: está em concordância com os quatro Evangelhos existentes, e foi essa a razão por que foi permitida a sua inclusão no cânone não oficial (embora a própria Igreja Católica o declarasse herético). Outros textos, datando aproximadamente da mesma época, foram rejeitados porque os seus conceitos religiosos não estão em harmonia com o Novo Testamento. De modo geral, estes são textos que têm uma perspectiva gnóstica.

Os cristãos são educados no conceito de «verdade evangélica», significando que os factos são literal, inequívoca e divinamente inspirados. Muito poucos eruditos modernos, no entanto, aceitam que o Novo Testamento seja a palavra de Deus, porque sabem que as palavras do Novo Testamento não são mais nem menos válidas do que qualquer outro relato publicado cinquenta ou mais anos depois dos acontecimentos que descrevem.

É coincidência que os Evangelhos apenas fossem escritos depois do primeiro missionário, Paulo, ter evangelizado muitos países do Mediterrâneo oriental? É certo que nas cartas Paulo não dá nenhuma indicação de que tinha conhecimento de alguma coisa da vida e dos fatos de Cristo, além de que fora morto e ressuscitara. Assim, os Evangelhos foram criados para reforçar a sua

versão do cristianismo ou para a contradizer? Os seus autores dificilmente podiam ter desconhecido o ministério de Paulo.

Os relatos dos Evangelhos foram, como vimos, escritos pelo menos quatro décadas depois da crucificação, e as coisas tinham mudado desde então - pelo menos porque a «vinda do reino de Deus», como Jesus prometera, não se tinha, de fato, concretizado. Este próprio espaço de tempo, certamente, apresenta enormes problemas na avaliação da autenticidade dos Evangelhos, porque não há maneira de distinguir as passagens que se baseavam em verdadeiros fatos históricos, em boatos ou em extrapolações de boatos - ou em completa invenção. Muitas das palavras que agora consideramos como tendo saído da boca de Jesus podem não ter sido registadas textualmente ou podem nunca ter sido proferidas por ninguém. Algumas delas podem ter sido erradamente relembradas, mesmo pelos seus discípulos (embora seja possível que povos com uma tradição oral, como os judeus, as conservassem consideravelmente «mais puras», durante mais tempo, do que nós o faríamos atualmente), e palavras de alguém completamente diferente possam ter sido atribuídas a Jesus. Ironicamente, todavia, uma das poucas maneiras de verificar se uma palavra é genuína é o «princípio da dissimilaridade»: isto é, verificando se ela contradiz a mensagem global dos Evangelhos. Afinal, se ela vai contra o espírito da maioria dos textos, é improvável que o autor a tenha

inventado.
Durante a maior parte dos dois últimos milênios, supôs-se que os Evangelhos tinham sido divinamente inspirados e que continham a verdade autêntica sobre Jesus, os seus ensinamentos e mensagem para a Humanidade. Ele era, subentendia-se, o Filho de Deus, enviado para libertar o Homem dos seus pecados por um ato supremo de sacrifício e para instituir uma nova Igreja que suplantasse a religião do Antigo Testamento - e, por implicação, a de todos os pagãos do mundo grego e romano. É apenas nos últimos duzentos anos que a Bíblia tem sido submetida ao mesmo escrutínio crítico de outros documentos históricos e que se fez uma tentativa de enquadrar a vida e os ensinamentos de Jesus no contexto da sua época.
Podia esperar-se que este processo tivesse clarificado grande parte do caráter e da motivação de Jesus. De facto, verificou-se o contrário. Embora este método tenha revelado que muitas suposições estão erradas - por exemplo, Jesus não foi executado por iniciativa dos líderes religiosos judaicos mas porque foi acusado de intriga política pelos romanos -, falhou totalmente nas respostas a algumas das perguntas mais fundamentais acerca dele. Podemos afirmar o que Jesus não era, mas ainda é difícil afirmar o que ele era.
O resultado disto é que, hoje, o estudo do Novo Testamento está em crise. É incapaz de chegar a acordo sobre questões fundamentais como: Jesus proclamou ser ele o Messias? Proclamou ser o

Filho de Deus? Proclamou-se rei dos judeus? E é completamente incapaz de explicar o significado de muitos dos seus atos. Nem mesmo consegue apresentar uma explicação convincente para a sua crucificação, porque não há nada que Jesus tenha dito ou feito - segundo o relato dos Evangelhos - que tivesse ofendido quer os líderes religiosos judaicos quer os senhores romanos, a ponto de eles terem desejado o seu sangue". Muitos dos seus actos simbólicos, como o derrubar das mesas dos cambistas do templo ou mesmo o acontecimento crucial da instauração da eucaristia na última Ceia, não têm qualquer relação com o judaísmo.
O mais espantoso, no entanto, é o facto de o estudo do Novo Testamento ter grande dificuldade em explicar, em primeiro lugar, por que devia uma religião ter sido fundada em nome de Jesus. Se Jesus, de fato, fosse o tão esperado Messias judaico, então ele fracassou nesse papel, porque foi humilhado, torturado e morto. E, todavia, os seus discípulos continuaram não só a venerá-lo mas também foram levados, pela sua devoção por ele, a declararem-se diferentes dos outros judeus.
Um bom exemplo desta confusão académica encontra-se nas obras de dois dos mais eminentes estudiosos do Novo Testamento dos tempos recentes, Hugh Schonfield e Geza Vermes. Os paralelos entre os dois professores são espantosos. Ambos eram eruditos judeus que, desde muito cedo, se começaram a interessar pelas origens do cristianismo e dedicaram a maior parte das suas

vidas activas a esta questão. Ambos compreenderam que a maioria dos eruditos cristãos não tinha chegado a situar a investigação sobre o Jesus histórico no contexto mais amplo da cultura judaica da sua própria época e lugar. Ambos esperavam encontrar a resposta por meio de uma cuidadosa comparação dos relatos dos Evangelhos com o judaísmo da época de Jesus e ambos, além das suas várias obras académicas, publicaram livros que tiveram enorme sucesso popular e que apresentavam o resultado do trabalho das suas vidas - Schonfield com o seu The Passover Plot (1965) e Vermes com Jesus the Jew (1973). No entanto, as conclusões a que chegaram dificilmente podiam ter sido mais diferentes.
Vermes apresenta Jesus como um hassideanos - um dos herdeiros, muito semelhante aos xamãs, dos profetas do Antigo Testamento, que se distinguiram pela sua independência do judaísmo institucional e pelos seus milagres. Ele demonstra que não há nada no Novo Testamento que sugira que Jesus alguma vez proclamasse ser o Messias, ainda menos o Filho de Deus - estes títulos foram-lhe atribuídos, retrospectivamente, pelos seus discípulos. Schonfield, por outro lado, apresenta Jesus como uma figura essencialmente política, partidário da independência da Palestina relativamente a Roma e que conscientemente planeou a sua própria carreira para a adaptar à do esperado Messias, mesmo até ao ponto de, voluntariamente, engendrar a sua própria morte por crucificação.

The Passover Plot de Hugh Schonfield revelou ainda outras razões para aceitar a «verdade evangélica» com cautela. A sua obra demonstrou que, por detrás de Jesus e dos seus adeptos conhecidos, existia um outro grupo misterioso, com a sua agenda e interesses próprios na manipulação da sua história. Embora este argumento seja conhecido, vale a pena fazer aqui um breve resumo.

Em todas as histórias dos Evangelhos, Jesus defronta-se repetidamente com certas pessoas, que não são os seus discípulos mais próximos nem fazem parte do conjunto dos seus seguidores e que são geralmente pessoas abastadas - como José de Arimateia, que surge abruptamente, não se sabe de onde, para monopolizar os preparativos para o enterro de Jesus. As figuras centrais desta organização eram as do grupo de Betânia, a qual Schonfield denomina a «base de operações» de Jesus.

Este grupo parece ter assegurado que Jesus desempenhasse o papel do Messias esperado, especialmente a entrada em Jerusalém. O jumento que montava, cumprindo, assim, a profecia de Zacarias (9:9), fora previamente reservado, incluindo a senha para que fosse entregue - embora os discípulos de Jesus desconhecessem tudo. Também a sala para a última Ceia já está preparada, embora fosse a época do ano de maior movimento e Jerusalém estivesse apinhada de gente. Jesus manda os discípulos ir à cidade e procurar um homem que levava um cântaro com

água (o que constituiria um espetáculo notório, porque apenas as mulheres realizavam essas tarefas subalternas); de novo seriam trocadas senhas e o homem conduzi-los-ia, então, à sala do andar superior.
Isto indica que os discípulos não tinham conhecimento de grande parte do que, de fato, se passava e que Jesus agia segundo um programa pré-delineado, no qual os membros da família de Betânia eram os principais protagonistas. Este é outro exemplo de que os Evangelhos não apresentam um quadro completo da história de Jesus.
Muitas pessoas, actualmente, têm conhecimento de que foram atribuídos a Jesus motivos políticos. Hoje sabe-se que os seus discípulos incluíam membros de diferentes facções - alguns deles eram tão radicais que, hoje, lhes chamaríamos terroristas. A maioria dos eruditos considera que o apelido de Judas, geralmente indicado como «Iscariotes», deriva de sicarii, o nome de um desses grupos. Simão, o Zelota, é outro exemplo de como homens de violência estavam próximos de Jesus.
As obras de Schonfield e de Vermes são relativamente famosas e de fácil acesso. A obra de outro investigador bíblico, no entanto, apesar de merecer uma audiência muito mais vasta, teve, de facto, uma aceitação bastante menor.
Uma descoberta muito importante foi feita em 1958 pelo Dr. Morton Smith (subsequentemente professor de História da Antiguidade na

Universidade de Colúmbia, Nova Iorque) na biblioteca de Mar Saba, uma comunidade fechada e isolada da Igreja Ortodoxa Oriental, a cerca de doze milhas de Jerusalém. Smith já estivera no mosteiro durante a segunda guerra mundial quando, como estudante, ficara sem recursos na Palestina. Compreendendo a potencial importância dos documentos que se tinham acumulado naquela biblioteca, ao longo dos séculos, Smith voltou ao mosteiro em 1958.
A sua descoberta mais importante em Mar Saba foram alguns fragmentos de um «Evangelho Secreto» que se supunha ter sido escrito por Marcos. O que ele, de facto, encontrou foi a cópia de uma carta de um sacerdote da Igreja do século II, Clemente de Alexandria. A cópia datava, no mínimo, da segunda metade do século XVII e fora escrita na capa de um livro que datava de 1646 (uma prática comum quando os documentos muito antigos se começavam a deteriorar). Contudo, da análise do estilo - que continha muitas das conhecidas idiossincrasias de Clemente -, os paleógrafos concluíram que o original devia ter sido realmente escrito por ele. Há também peculiaridades nos extratos deste «Evangelho Secreto» citados na carta que tornam provável que eles sejam genuínos. (Por exemplo, descreve Jesus a ser dominado pela cólera.) De todos os Evangelhos canónicos, apenas o de Marcos atribui emoções humanas a Jesus - os restantes extirparam estes elementos dos seus relatos, e é algo que, dificilmente, padres da Igreja, como

Clemente, tivessem inventado.
A carta de Clemente é uma resposta a alguém chamado Teodoro, que lhe tinha escrito, aparentemente para lhe pedir conselho sobre a maneira de lidar uma seita herética conhecida como os carpocratianos (segundo o nome do seu fundador, Carpocrates). Este era um culto gnóstico cujas práticas incluíam ritos sexuais, que foram, naturalmente, condenados por Clemente e por outros padres da Igreja. As doutrinas desta seita pareciam basear-se num outro Evangelho de Marcos. Nesta carta, Clemente admitia que este Evangelho existia e que era autêntico - embora acusasse os carpocratianos de má interpretação e de falsificação de parte dele - e que representava um Evangelho escrito por Marcos, que continha os ensinamentos esotéricos de Jesus, que não se destinavam a ser revelados aos cristãos comuns. Este «Evangelho Secreto de Marcos» é muito semelhante à mais conhecida versão canónica, excepto por conter, no mínimo, duas passagens que foram deliberadamente extirpadas para não serem reveladas aos «não-iniciados».
Esta descoberta é importante por três razões. Em primeiro lugar, pelo conhecimento que revela dos anos de formação da Igreja Católica e dos métodos usados pelos padres da Igreja para instituírem o cânone do dogma cristão. Revela que os textos eram editados e censurados e que mesmo obras reconhecidas como tendo valor igual aos Evangelhos canónicos eram negadas aos crentes comuns. Além disso, revela que figuras

respeitáveis, como Clemente, estavam dispostas a mentir para impedir que esse material se tornasse mais conhecido: embora confesse a Teodoro que o Evangelho Secreto de Marcos existe, aconselha-o a negá-lo a toda a gente.
O segundo aspecto importante é a confirmação de que os Evangelhos Canónicos e os outros livros do Novo Testamento não apresentam um quadro completo das doutrinas e motivação de Jesus e que (como é sugerido por alguns relatos das suas palavras nos Evangelhos canônicos) havia, pelo menos, dois níveis de doutrina. Um era o exotérico, destinado aos discípulos comuns, e o outro era o esotérico, para os discípulos especiais - ou o verdadeiro círculo interno de iniciados.
O terceiro ponto importante da descoberta do Evangelho Secreto de Marcos - e um de particular relevância para a nossa investigação - é a natureza das duas passagens que Clemente cita na carta.
A primeira é um relato da ressurreição de Lázaro, embora nesta versão ele não seja designado pelo nome, sendo descrito apenas como um «jovem» de Betânia. A narração é muito semelhante à do Evangelho de João, exceto que, nesta versão, há um seguimento do milagre efectivo - revela que, seis dias depois, o jovem aproximou-se de Jesus «trazendo um pano de linho a cobrir-lhe o corpo nu» e permaneceu com ele uma noite, durante a qual «lhe foi revelado.. o mistério do reino de Deus». Mais do que uma ressurreição milagrosa, portanto, a ressurreição de Lázaro parece ter feito parte de algum género de rito iniciatório em que o

iniciado sofre uma morte e um renascimento simbólicos antes de lhe serem reveladas as doutrinas secretas. Um rito desta natureza é uma parte comum de muitas das religiões de mistério, que eram largamente praticadas nos mundos grego e romano - mas, como alguns leitores podem deduzir, ele não incluía também uma iniciação homossexual?
É certo que Morton Smith especulava que isto podia ter sido assim, a julgar pela alusão específica a um simples pano que cobria a nudez do jovem e pelo facto de ter passado uma noite sozinho com o seu mestre, Jesus. Na nossa opinião, contudo, parece-nos uma interpretação demasiado moderna - e demasiado apressada, porque as escolas de mistério implicavam habitualmente nudez e longas horas de isolamento com o iniciador, sem que isso envolvesse necessariamente qualquer actividade sexual.
O facto de este relato ser o da ressurreição de Lázaro é também importante. Como vimos, este é um dos episódios do Evangelho de João que não aparece em qualquer dos outros, e é citado pelos críticos como prova de que o Evangelho não é autêntico. O próprio fato de que apareceu uma vez, pelo menos, num dos outros Evangelhos, mas foi, depois, deliberadamente suprimido, apoia a autenticidade de João e explica por que foram censurados estes episódios relevantes, que davam indicações de uma doutrina secreta que fora reservada para o círculo interno de Jesus.
A outra passagem, mais curta, citada por

Clemente, também é interessante porque preenche uma conhecida lacuna da história, que já foi reconhecida pelos eruditos. No Evangelho canónico de Marcos (11:46) lemos a curiosa afirmação: «E eles [Jesus e os seus discípulos] chegaram a Jericó: e quando ele saía de Jericó, acompanhado pelos seus discípulos e por um grande numero de pessoas, o cego Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado junto da estrada, a mendigar.» Como não havia nenhum motivo para nos informar de que Jesus chegou a Jericó e partiu imediatamente, é óbvio que alguma coisa desapareceu deste relato. A carta de Clemente confirma que foi este o caso, ao revelar a passagem censurada, que é a seguinte:

E a irmã do jovem que Jesus amava, a mãe de Jesus e Salomé estavam lá, e Jesus não as recebeu.

O versículo omitido parece bastante inócuo, e não despertou o interesse da passagem de «Lázaro» - mas é, de facto, muito mais importante do que primeiramente parece. O «jovem que Jesus amava» é Lázaro, porque ele é referido por esta frase no Evangelho de João. (E, como a frase também é usada para o discípulo, em cujo testemunho o Evangelho se baseia - «João» -, há, pelo menos, um bom argumento para supor que o «discípulo amado» e Lázaro são a mesma pessoa.) As irmãs de Lázaro são Maria e Marta de Betânia, e, se aceitarmos que esta Maria é a mesma que Maria Madalena, então ela seria uma das três mulheres que Jesus evitou em Jericó.

Dada a sua brevidade, esta passagem não contém as implicações teológicas do relato mais longo, sobre Lázaro, acima citado. O que é importante, no entanto, é que, por alguma razão, esta frase aparentemente inofensiva devesse ter sido suprimida tão cedo. Que possível razão podiam ter tido os padres da Igreja para negarem aos seus adeptos o conhecimento de que existira algum género de situação que envolvia Jesus e a irmã de Lázaro - possivelmente Maria Madalena -, a mãe de Jesus e uma mulher chamada Salomé?
Os eruditos reagiram a este material, descoberto por Smith, ignorando as implicações e declarando-o demasiado insubstancial para ser devidamente analisado. Mas, na nossa opinião, ele levanta algumas questões interessantes.
Clemente acreditava que Marcos escrevera este «Evangelho Secreto» quando vivia na cidade egípcia de Alexandria. Considerando que o «mito da fundação» do Priorado de Sião e do Rito de Mênfis associa o sacerdote egípcio Ormuz a S. Marcos, podia ele ser uma alusão velada a esta tradição secreta?
A descoberta do Evangelho Secreto de Marcos confirma que os livros do Novo Testamento, tal como os conhecemos hoje, não são registos verdadeiros e imparciais de Jesus e do seu ministério. Até certo ponto, são obras de propaganda. Podia parecer impossível esperar reconstituir um quadro exato dos primeiros tempos do cristianismo a partir das suas páginas. A propaganda pode ser usada para tirar conclusões

racionais, contanto que ela seja reconhecida como tal. Pode ser forçada a revelar o que começou por esconder, se for cuidadosamente analisada - por exemplo, passagens suspeitas são aquelas onde existem ofuscações que são óbvias ou onde são omitidos nomes sem nenhuma razão aparente.
É encorajador, no entanto, saber que grande parte do material «proibido», que foi eliminado dos textos originais do Novo Testamento ou que aparecia nos Evangelhos completos que foram rejeitados pelo Concílio de Niceia, tem sido conservado secretamente pelos chamados «heréticos», cuja heresia, em muitos casos, se devia simplesmente ao fato de conhecerem a verdade sobre as passagens censuradas. Que poderia conter este material editado que fosse tão potencialmente prejudicial para a Igreja, que aqueles que o conheciam foram impiedosamente perseguidos e condenados à fogueira?
Seguindo as indicações resultantes da nossa investigação sobre os movimentos secretos europeus, iniciamos a reavaliação da história de Jesus e das suas doutrinas. Durante anos, tínhamo-nos debatido com o conjunto de informação diversa que tínhamos reunido a partir de diversas fontes - tudo, desde textos teológicos clássicos a entrevistas com os próprios «heréticos», desde as páginas do Novo Testamento e de textos apócrifos e gnósticos às obras de alquimistas e herméticos. Um padrão começou, eventualmente, a emergir - e era tão espantoso, tão diferente da versão dos

acontecimentos ensinada nas igrejas que, de início, duvidamos das nossas conclusões.
E se muitos dos chamados «heréticos», com o seu conhecimento secreto da história original de Jesus, fossem, de facto, os verdadeiros cristãos? Uma análise verdadeiramente imparcial da história de Jesus pode revelar-nos os graves acontecimentos da Palestina do século I? Era tempo de abandonar os antolhos de preconceito e olhar para além do mito.

CAPÍTULO XII
A MULHER QUE JESUS BEIJAVA

A mulher conhecida por Maria Madalena é claramente de importância enorme, embora inicialmente intrigante, para os antigos e secretos movimentos heréticos da Europa. As suas ligações com o culto da Madona Negra, com os trovadores medievais e as catedrais góticas, com o mistério que rodeia o abade Saunière de Rennes-le-Château - e com o Priorado de Sião - implicam que havia nela alguma coisa que foi sempre considerada perigosa pela Igreja.
Como vimos, muitas lendas rodearam esta mulher enigmática e poderosa. Mas quem era ela e qual é o seu segredo?
Há, como vimos, poucas referências explícitas a «Maria Madalena» nos Evangelhos do Novo Testamento. Mas é evidente, pela maneira como é referida, que ela era a mais importante das discípulas de Jesus - todas elas, ainda hoje, quase

totalmente ignoradas pela Igreja. Se esta chama a atenção para elas, é geralmente com a interpretação tácita de que, de algum modo, a palavra «discípulo» tem mais peso quando aplicada a homens. Na verdade, o papel das discípulas foi minimizado até ao ponto mais culpável pelos comentadores que se sucederam aos evangelistas. Porque, embora os judeus possam ter enfrentado problemas sociológicos e religiosos com o conceito de mulheres importantes devido à sua cultura, os críticos mais recentes não têm essa desculpa. Contudo, o debate sobre a ordenação das mulheres do ministério anglicano - para citar apenas um exemplo - mostra que pouco mudou em dois mil anos. Para todos os frequentadores das igrejas, «os discípulos» são automática e exclusivamente importantes personagens masculinas: Pedro, Tiago, Lucas, etc., e não «Maria Madalena, Joana, Salomé...» apesar do fato de estas mulheres serem referidas até pelos evangelistas.
Durante as intermináveis discussões sobre a ordenação das mulheres (mesmo as mulheres interessadas foram muito escrupulosas em não usar o termo «pagão» sacerdotisa), foram citadas extraordinárias deturpações como «prova» de que as mulheres não estavam destinadas a ser membros do clero. Por exemplo, foi dito que Jesus escolheu os seus discípulos apenas entre os homens, apesar do fato de, como vimos, estarem registados nomes de mulheres como fazendo parte do seu grupo e do facto de que a tradição judaica

da época significasse que, se tivesse sido possível aos evangelistas ignorá-las totalmente, eles tê-lo-iam feito. O fato de os seus nomes serem indicados significa que elas tiveram um papel inevitavelmente importante no ministério - o que foi certamente o caso das gerações seguintes de cristãos. Porque, como Giordio Otranto, um professor italiano de História da Igreja, e outros eruditos demonstraram conclusivamente, durante várias centenas de anos, as mulheres foram não só membros da congregação como foram, de facto, sacerdotes e mesmo bispos.
Como autoridade sobre o papel das mulheres na cristandade primitiva, Karen Jo Torsejn escreve em When Womem Were Priests (1993):

Sob um alto arco de uma basílica romana, dedicada a duas santas, Prudenciana e Praxédis, existe um mosaico que retrata quatro figuras femininas: as duas santas, Maria e uma quarta mulher, cujo cabelo está coberto com um véu e cuja cabeça está rodeada por uma auréola quadrada - uma técnica artística, indicando que a pessoa ainda estava viva na ocasião em que o mosaico fora pintado. Os quatro rostos olham serenamente, recortados contra um resplandecente fundo dourado. Os rostos de Maria e das duas santas são facilmente reconhecíveis. Mas a identidade da quarta é menos aparente. Uma inscrição cuidadosamente gravada identifica o rosto, à esquerda, como Teodora Episcopa, o que significa Bispo Teodora. Em latim, a forma

masculina de bispo é episcopus; a forma feminina é episcopa. A prova visual do mosaico e a prova gramatical da inscrição indicam inequivocamente que o bispo Teodora era uma mulher. Mas o a de Theodora foi parcialmente apagado por arranhões no vidrado do mosaico, levando à inquietante conclusão de que foram feitas tentativas para danificar a terminação feminina, talvez mesmo na antiguidade.

Os sacerdotes podem envolver-se em dificuldades lógicas para tentar minimizar estas representações gráficas de sacerdotes femininos - alguns tentaram mesmo reduzir Teodora à condição de mãe do bispo -, mas os factos falam por si. As mulheres não eram úteis apenas na confecção do equivalente do século I ao café e às sanduíches: elas celebravam a eucaristia e dirigiam a congregação durante o culto. Não havia nenhuma sugestão, nesses primeiros tempos, de que uma mulher menstruada maculasse o pão e o vinho simbólicos, como em tempos recentes.
Foi apenas em Novembro de 1992 que a Igreja de Inglaterra votou a espinhosa questão da ordenação de mulheres e, por uma simples margem de dois votos, decidiu autorizá-las a serem ordenadas.
Embora não seja nossa intenção insistir na controvérsia da ordenação de mulheres, expressamos a nossa simpatia com as muitas mulheres que tentaram, contra todas as dificuldades, explicar aos «superiores» masculinos que tudo o que pediam era um regresso ao

método que existia no princípio, não uma reinterpretação radical do século XX. Ao exigirem que lhes fosse permitido serem ordenadas, estas mulheres não pediam mais do que os direitos que teriam tido séculos atrás. (Espantosamente, a verdadeira situação das mulheres na Igreja primitiva parece ter sido conhecida no século XVI. O Tratado de Agripa sobre a superioridade das mulheres, discutido no Capítulo VII, inclui as palavras [nós não] ignoramos as muitas e santas abadessas e freiras que existem entre nós, às quais a antiguidade não desdenharia chamar sacerdotes.)

Há, no entanto, muito boas razões para as mulheres serem tão importantes no culto de Jesus - culto que, infelizmente, tornou inevitável que certos tipos de homens procurassem despromovê-las e denegri-las. Embora esta questão seja tratada mais tarde, é suficiente dizer agora que não há nenhuma dúvida de que as mulheres desempenharam um papel eclesiástico importante na primitiva Igreja cristã, um papel que era, no mínimo, igual ao dos homens.

Segundo uma das hipóteses mais condescendentes dos sacerdotes, as mulheres, cujos nomes estão registados nas epístolas e nos atos, eram apenas as que ofereciam hospitalidade aos apóstolos quando estes andavam a pregar e a baptizar. Mulheres com nomes como Luculla e Philippa recebem agradecimentos pelo seu patrocínio, e é evidente que muitas destas mulheres eram ricas e talvez surpreendentemente

independentes para a sua época e cultura. Embora possamos contestar a ideia de que esta fosse a sua única função, é evidente, pelo modo como Maria Madalena é descrita, que ela foi uma das primeiras patrocinadoras.
Ela e outras mulheres «serviam-nos [Jesus e os seus discípulos] com os seus haveres», indicando que elas os sustentavam financeiramente. As mulheres são sempre descritas como «seguindo-o», e as palavras originais, de facto, implicavam participação plena nas actividades e práticas do grupo.
Como vimos, Maria Madalena é a única mulher dos Evangelhos que não é identificada pela sua relação com um homem - como irmã, mãe, filha ou esposa. Ela é simplesmente indicada pelo nome. Embora isto possa refletir ignorância sobre a sua identidade, por parte dos cronistas, é mais provável que ela fosse tão conhecida no seu tempo que fosse inconcebível que qualquer dos primeiros cristãos não soubesse imediatamente que ela era.
Mas, apesar das suas relações com outros serem discutíveis, uma coisa emerge claramente dos relatos dos Evangelhos: Maria Madalena era uma mulher independente. E, como observa Susan Haskins, isto comporta uma clara implicação de que ela tinha «alguns meios».
Curiosamente, são raras as outras figuras do Evangelho que são referidas como Maria (a) Madalena, e, desse pequeno grupo, as duas que saltam aos olhos são Jesus, o Nazareno, e João, Baptista (ou, conforme a descrição preferida,

aquele que batiza).
O que significa o seu nome? «Madalena» parece significar «de Magdala», e sempre se considerou que esta designação se referia à cidade piscatória de el Mejdel da Galileia. Mas não há nenhuma prova de que seja assim ou de que a cidade fosse conhecida por Magdala no tempo de Jesus. (De fato, Josefo designou el Mejdel por Taricheia.) Havia, no entanto, uma cidade de Magdolum, no nordeste do Egipto, próximo da fronteira com a Judeia - provavelmente a Migdol mencionada em Ezequiel.
O significado de Magdala tem sido sujeito a várias interpretações possíveis, tais como «lugar da pomba», «lugar da torre» e «torre do templo».
Pode ser ainda que o nome de Maria fosse também uma referência a um lugar ou a um título, porque, no Antigo Testamento, existe uma expressiva profecia (Mica 4:8):

E tu, oh! Torre do rebanho, a fortaleza da filha de Sião, virá até ti, mesmo o primeiro domínio; o reino virá para a filha de Jerusalém.

Porque, como observa Margaret Starbird no seu estudo (1993) do culto de Madalena, The Woman with the Alabaster Jar, as palavras traduzidas por torre do rebanho são Magdal- elder, acrescentando:

Em hebraico, o epíteto Magdala significa literalmente torre ou elevado, grande, magnífico.

A ligação de Madalena com torres e, mais significativamente, com a restauração de Sião, foi conhecida durante a sua vida? Também é muito expressivo que Magdala significasse «torre do rebanho», com as suas implicações de torre de vigia ou guardiã de seres menores - talvez mesmo de ser uma «Boa Pastora».
Maria Madalena já causara agitação nos nossos dias quando, em The Holy Blood and the Holy Grail, foi afirmado que ela fora esposa de Jesus. Embora esta sugestão não fosse, de facto, nova, era a primeira vez que a maioria das pessoas tivera conhecimento dela, e, como era de prever, causou sensação. A culpa associada ao sexo está tão arraigada na nossa cultura que qualquer sugestão de que Jesus tivera uma companheira sexual - mesmo no contexto de um casamento monogamo e de amor - é considerada por muitos cristãos como tendo alguma coisa de sacrílego e chocante. O conceito de um Jesus casado continua a ser considerado, de maneira geral, como improvável, na melhor das hipóteses, e como obra do Diabo, na pior. Mas há muitas razões para acreditar que Jesus tivesse um relacionamento íntimo - e, muito provavelmente, com Maria Madalena.
Muitos comentadores têm referido que o completo silêncio, por parte do Novo Testamento, sobre o estado marital de Jesus é muito estranho. Os cronistas da sua época e lugar descreviam as pessoas, habitualmente, em termos do que as

tornava diferentes das outras - e, para um homem de mais de 30 anos, não ser casado teria sido virtualmente único. Devemos recordar que nos baseamos no quadro de Jesus pintado pelos evangelistas e nas suas fontes: a sua perspectiva era essencialmente judaica. Os judeus consideravam o celibato impróprio porque sugeria uma relutância em criar a próxima geração do povo eleito do Senhor, e era motivo da censura dos anciãos da sinagoga. Alguns rabis do século II, de acordo com Geza Vermes, «comparavam a deliberada abstenção de procriação ao assassínio». As genealogias da Bíblia, muitas vezes sem fundamento, provam que os judeus eram uma raça orgulhosamente dinástica e, na verdade, ainda dão grande importância aos laços familiares. O casamento foi sempre central para a cultura judaica - muito especialmente quando a nação estava ameaçada, tal como estava sob o domínio romano. Para um pregador carismático e famoso, não ser marido e pai teria sido um escândalo, e teria sido um milagre que o seu grupo tivesse subsistido durante muito tempo, principalmente para além da morte do seu fundador.

Segundo o Novo Testamento, Jesus e os seus discípulos tinham muitos inimigos. Contudo, não se conhecem acusações de eles serem um enclave homossexual - como, sem dúvida, teria havido se eles tivessem sido um grupo de homens celibatários: se tal escândalo tivesse existido, a notícia teria chegado a Roma e conhecê-la-íamos

hoje. Insinuações deste género não são exclusivas dos actuais tablóides - Pilatos e o seu grupo eram romanos sofisticados e mundanos - e os judeus reconheciam a existência da homossexualidade, embora apenas para a condenarem. Se Jesus e os seus discípulos fossem celibatários e pregassem o celibato, só isso teria causado sensação entre as autoridades.

Os eruditos evitam, geralmente, a questão do celibato, acreditando na Tradição da Igreja, segundo a qual Jesus não era casado. Mas, quando o assunto é discutido, as dificuldades de provar a sua situação marital emergem muito claramente. Por exemplo - como vimos Geza Vermes, na sua tentativa de definir o Jesus histórico, chegou à conclusão de que ele se ajustava melhor ao perfil dos Hasidim - os herdeiros dos profetas do Antigo Testamento. Deste modo, ele tenta - umas vezes com bastante êxito, outras nem tanto - explicar os atos e as doutrinas de Jesus em termos desse papel, comparando-os com os de outros conhecidos hassideanos dessa época e lugar. Contudo, quando aborda a questão do celibato de Jesus (que ele aceita) encontra dificuldades. Tem de admitir que os hassideanos individuais, que ele usa como comparação, eram casados e tinham filhos. De fato, ele apenas consegue encontrar uma figura piedosa daquela cultura que exaltasse o celibato - Pinhas ben Yair, que viveu um século depois de Cristo e nem era um hassideano. Espantosamente, foi o suficiente para Vermes concluir que Jesus

tinha uma maneira de viver semelhante, mas outras pessoas podem não ficar convencidas tão facilmente. O celibato de Pinhas era tão invulgar que o tornou conhecido apenas por esse motivo. Não há nenhuma sugestão de que a maneira de viver ou a mensagem de Jesus realçassem ou promovessem o celibato: se o tivessem promovido, certamente teríamos conhecimento disso.

É verdade que existiam algumas seitas judaicas, como os essénios, que eram celibatários - embora, mais uma vez, saibamos isso porque o celibato era tão invulgar que provocava comentários específicos. Algumas pessoas usaram este facto para defender o argumento de que o próprio Jesus era um essénio. Contudo, a seita nunca é mencionada no Novo Testamento, o que dificilmente teria acontecido se Jesus fosse o seu membro mais famoso.

A hipótese de Jesus ser casado tem sido citada por vários comentadores modernos, mas o silêncio dos Evangelhos sobre a questão tem outra interpretação possível. Ele podia ter tido uma companheira sexual que não era sua esposa ou contraído uma forma de casamento que não era reconhecida pelos judeus.

(Não devemos esquecer que a tradição herética frisava que Jesus e Madalena eram parceiros sexuais, não marido e mulher; como vimos, os Evangelhos gnósticos, os cátaros e outros movimentos de rede secreta referiam-na especificamente como «concubina» ou «consorte»

de Jesus ou têm a preocupação de usar palavras ambíguas como a sua «união».)

Quanto à evidência positiva do estado marital de Jesus, tem-se argumentado que a boda de Cana, na qual Jesus transformou a água em vinho, era, de fato, a sua. No relato, a sua posição parece ser a do noivo. Ele deve, por razões que de outro modo seriam inexplicáveis, fornecer o vinho para a festa da boda. E também é interessante que este acontecimento-chave, no qual Jesus realiza o seu primeiro milagre público, apareça apenas no Evangelho de João e não seja referido nos três restantes. Pode haver, no entanto, outra interpretação deste acontecimento, que discutiremos depois.

Contrabalançando estes argumentos, encontram-se as perguntas: se Jesus era casado, por que não existe nenhuma menção específica da sua esposa ou da sua família nos Evangelhos? Se fosse casado, quem era a sua mulher? Por que deviam os seus discípulos ter desejado eliminar qualquer referência a ela? Talvez eles a evitassem porque a sua relação com Jesus os ofendia e se revelava embaraçosa para a sua missão. Se eles não eram casados, mas tinham uma íntima relação sexual e espiritual, então os discípulos teriam preferido ignorá-la.

Esta é precisamente a situação descrita de forma tão viva nos Evangelhos gnósticos, em que a identidade da companheira de Jesus é clarificada. Maria Madalena era a companheira sexual de Jesus, e os discípulos ressentiam-se da sua

influência sobre o seu líder.
Quanto à razão por que a relação de Jesus com Madalena foi encoberta, o que, atualmente, pode parecer óbvio, não o era suficientemente no contexto do primeiro século. Podíamos pensar que o encobrimento se devia ao fato de a Igreja cristã ter sempre, aparentemente, julgado as mulheres subordinadas e considerado a procriação como um mal necessário. Contudo, a evidência é que esta atitude anti-casamento é o resultado deste encobrimento, não a sua causa. De fato, a Igreja primitiva, antes de se ter tornado uma instituição e instituído uma hierarquia, não tinha quaisquer preconceitos contra as mulheres, como já vimos.
Que existiu um encobrimento deliberado sobre Madalena e a sua relação com Jesus é evidente, mas a clara misoginia não o explica. Devia ter existido um outro factor que inspirou esta campanha anti-Madalena. Presumivelmente, este factor estava associado, de algum modo, ao seu carácter ou identidade, e/ou à natureza da sua relação com Jesus. Por outras palavras, não era o facto de Jesus ser casado, mas com quem estava casado, que constituía o problema.
Repetidamente, no decurso desta investigação, depararamos com indicações de que Madalena, de certo modo, tinha uma reputação desagradável. Agora, tínhamos de descobrir o que havia nela que criava esta aura de perigo, que outros factores, além da misoginia, inspiraram este curioso e antigo receio desta poderosa partidária de Jesus.

A identificação de Maria Madalena, Maria de Betânia (irmã de Lázaro) e a «pecadora anónima» que unge Jesus, de acordo com o Evangelho de Lucas, tem sido sempre acaloradamente debatida. A Igreja Católica concluiu muito cedo que estas três figuras eram a mesma pessoa, embora só recentemente, em 1969, invertesse esta posição. A Igreja Ortodoxa Oriental sempre considerou Maria Madalena e Maria de Betânia como figuras distintas.
Certamente, discrepâncias e contradições tornam a questão obscura - mas esta confusão é, em si mesma, significativa, porque os Evangelhos, como uma pessoa culpada, têm tendência para se tornarem obviamente evasivos quando tentam esconder alguma coisa. O facto de que estas evasivas rodeiam todas as descrições de Betânia, da família que lá residia - Lázaro, Maria e Marta - e dos acontecimentos que lá ocorreram torna todo este tema mais, e não menos, sugestivo.
Como vimos, a descoberta de Morton Smith prova que a supressão da história da ressurreição de Lázaro, no Evangelho de Marcos, foi um acto deliberado de censura. Contudo, na sua única versão canónica que subsiste - no Evangelho de João -, é um dos principais acontecimentos de toda a história. Então, por que razão os primeiros cristãos, que se esforçaram por eliminá-lo, pelo menos de outros Evangelhos, se sentiam tão constrangidos por ele? Ou era porque a história também incluía Maria? Ou o lugar, Betânia, também estava, de algum modo, maculado?

O Evangelho de Lucas (10:38) descreve um episódio em que Jesus visita a casa de duas irmãs, Maria e Marta, mas não há nenhuma referência a um irmão, nem - de forma significativa - é designado o nome do lugar. É chamado apenas «uma certa aldeia», de uma maneira tão brusca que levanta suspeitas imediatas. Afinal, não é como se o nome do lugar fosse totalmente desconhecido dos outros cronistas. Lázaro é também deliberadamente suprimido do Evangelho de Lucas. Mas que se passava com aquele lugar e com a família que lá residia? (Talvez haja uma indicação no facto de que João Baptista iniciou o seu ministério num lugar chamado Betânia.)

É também o Evangelho de Lucas (7:36-50) que apresenta a versão mais obscura da unção dos pés de Jesus. É o único dos evangelistas que situa o episódio em Cafarnaum, no princípio do ministério de Jesus, e não indica o nome da mulher que, aparentemente, interrompeu a sua refeição, ungindo-lhe a cabeça e os pés com o precioso bálsamo de nardo, e os enxugou com o seu cabelo.

O Evangelho de João (12:1-8), no entanto, é explícito sobre a questão. A unção ocorre em Betânia, na casa de Lázaro, Maria e Marta, e é Maria quem realiza a unção. O relato de João (11:2) sobre a ressurreição de Lázaro também frisa que Maria, a irmã de Lázaro, é a mulher que, mais tarde, unge Jesus.

Nem Marcos (14:3-9) nem Mateus (26:6-13) registam o nome da mulher em questão, mas

concordam que o episódio ocorreu em Betânia, dois dias (ao contrário dos seis de João) antes da última Ceia. No entanto, segundo eles, a unção ocorreu em casa de um certo Simão, o Leproso. Parece que tudo em Betânia e naquela família provocava grande inquietação nos cronistas sinópticos, a ponto de «iludir» a questão, embora tivessem de incluir o episódio. Sentiam-se incomodados com a história de Betânia - talvez pelas mesmas razões que a tornaram tão importante para o movimento secreto herético.

Betânia também é importante porque Jesus partiu dali para a sua jornada fatal para Jerusalém - para a Última Ceia, para a sua prisão e crucificação. E, embora os discípulos pareçam desconhecer a tragédia iminente, há indicações de que a família de Betânia não estava tão desprevenida, e, como vimos, fizera alguns preparativos, tal como providenciar o jumento que Jesus montava quando entrou na capital.

Maria de Betânia e a mulher anónima que unge Jesus são, evidentemente, a mesma pessoa - mas era também Maria Madalena? A maioria dos eruditos modernos acreditam que Maria de Betânia e Maria Madalena eram duas mulheres distintas. Mas a pergunta mantém-se: por que teriam pretendido os evangelistas «iludir» esta questão?

É certo que alguns eruditos são da opinião de que Madalena e Maria de Betânia eram a mesma pessoa. William E. Phipps, por exemplo, considera estranho que Maria de Betânia - que era

claramente uma amiga íntima de Jesus - não fosse especificamente referida pelo nome, quando assistiu à crucificação, e que Maria Madalena, de súbito, surja junto da cruz, sem qualquer referência prévia. Phipps também indica que é possível que dois epítetos distintos - «de Betânia» ou «de Magdala» - fossem aplicados à mesma pessoa, consoante o contexto, o que se torna ainda mais provável, se os autores estivessem deliberadamente a tentar obscurecer a questão.
Contudo, os eruditos, em geral, nem mesmo consideram a possibilidade de censura por parte dos evangelistas ou de deturpação deliberada de certos aspectos da história que tinham decidido relatar. (Alguns eruditos, especialmente Hugh Schonfield, admitem que há alguma coisa que os evangelistas ou nos estão deliberadamente a ocultar, acerca do grupo de Betânia, ou há alguma coisa nele que não sabem ou não compreendem.) Uma vez que é admitido este «iludir da questão», torna-se possível, então, que Maria de Betânia e Maria Madalena fossem a mesma pessoa.
Esta investigação começou com um exame da tradição secreta de que Leonardo da Vinci e a sua suposta irmandade, o Priorado de Sião, são um exemplo. Como vimos, a primeira vez que os leitores de língua inglesa ouviram falar do Priorado de Sião foi em The Holy Blood and the Holy Grail - e este livro demonstra inequivocamente que Maria Madalena e Maria de Betânia eram a mesma pessoa. Mas a edição revista, de 1996, apresenta novos elementos,

incluindo o «documento Montgomery», que, como vimos, parece reforçar toda a base de The Holy Blood and the Holy Grail. Especificamente, no contexto, o documento refere que Jesus era casado com Maria de Betânia e que esta foi para França e teve uma filha. É evidente que Maria se supõe ser Maria Madalena - embora, aqui, o ponto importante seja o facto de que os apologistas do Priorado acreditam que é este o caso. E não devemos esquecer que, em todos os relatos tradicionais da vinda de Maria Madalena para França - como The Golden Legend - se parte do princípio de que ela é a mesma que Maria de Betânia. Mas há alguma prova que apoie esta hipótese?

Há uma indicação em Lucas, o qual, depois de descrever a unção de Jesus pela «pecadora anônima», apresenta imediatamente Madalena pela primeira vez (8:1-3). Parece que, pelo menos inconscientemente, para Lucas, a associação era demasiado forte para ser ignorada.

É significativo que o próprio Jesus associe não só o acto da unção mas também a pessoa que o ungiu à sua morte próxima, como, por exemplo, em Marcos (14:8): «Ela fez o que podia: antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura.» Há uma associação implícita entre esta mulher de Betânia e Maria Madalena, porque é esta que vai ao túmulo, dois dias depois, ungir o corpo de Jesus para ser sepultado. Mas a unção de Jesus vivo e a unção futura do seu cadáver são atos rituais de grande significado e, no mínimo, eles associavam

as duas mulheres. Em todo o caso, é de suprema importância que a pessoa que unge Jesus - marcando-lhe o seu verdadeiro destino - seja uma mulher.
Apesar de não ser impossível que elas fossem a mesma pessoa, é preferível manter o espírito aberto sobre a questão, à medida que continuamos a aprofundar o relato bíblico das figuras e dos papéis de Maria Madalena e Maria de Betânia.
É significativo que a ideia persistente de que Maria Madalena era uma prostituta derive da tradicional associação (ou confusão) da sua figura com Maria de Betânia, que é descrita como «uma pecadora». É evidente que, se Maria de Betânia era uma pecadora e era a mesma pessoa que Maria Madalena, isso contribuiria muito para explicar a extrema precaução - e a deliberada ofuscação - dos evangelistas relativamente à última. Era necessário examinar a figura de Maria de Betânia e verificar que luz ela pode lançar sobre esta questão.
Nos Evangelhos sinópticos, não é referido o nome da mulher que unge Jesus, embora insistam que ela é uma pecadora, mas, no Evangelho de João, ela é explicitamente identificada como Maria de Betânia e a sua condição moral não é mencionada. Isto, em si mesmo, podia parecer um tanto suspeito.
Em Lucas, a mulher que unge Jesus é descrita como «uma mulher da cidade, que era uma pecadora». Embora o original grego de

«pecadora», neste contexto - harmartolos, significando a pessoa que transgrediu e se colocou fora da lei - não implique necessariamente prostituição, o outro realce associado ao uso do seu cabelo solto - algo que as mulheres decentes não faziam - implica alguma espécie de pecado sexual, pelo menos aos olhos dos evangelistas.
No contexto da cultura judaica daquela época, havia alguma coisa de escandaloso em Maria de Betânia, mas isso não sugeria necessariamente que ela fosse uma vulgar prostituta, exercendo a sua profissão na rua. (O unguento de nardo, extraído de uma planta indiana muito rara e valiosa, era tão excessivamente caro que estaria para além dos recursos de uma vulgar mulher de rua. Segundo William E. Phipps, o unguento de nardo custou-lhe o equivalente ao salário anual de um trabalhador agrícola.) Também parece improvável que, mesmo que Maria fosse a rica «madame» de um bordel, ela vivesse abertamente com os seus irmãos, Lázaro e Marta, e nenhum deles parece ter tido qualquer espécie de má reputação e eram claramente grandes amigos de Jesus, que os visitava. Assim, qual era a verdadeira natureza do seu «pecado»?
Harmartolos era um termo dos arqueiros que significava errar o alvo: neste contexto, significa simplesmente alguém que não adere à lei ou aos ritos religiosos judaicos - ou porque não cumpriu as práticas prescritas ou porque nem é judeu. Se a mulher não era, de facto, judia, isso explicaria, no

mínimo, a atitude dos evangelistas para com ela. Contudo, foi o pormenor de ela usar o cabelo solto - e a atitude dos discípulos para com ela - que deu origem à implicação de que a sua transgressão era, de algum modo, sexual.

E este aspecto desagradável que, intencionalmente ou não, diminuiu efectivamente o verdadeiro significado da unção de Jesus. Há um ponto importante deste acto que despertou muito pouca atenção, mas do qual depende, de fato, grande parte do cristianismo. É bem conhecido que o termo «Cristo» deriva do grego Christos, que, por sua vez, é uma tradução do hebraico «Messias». Mas, apesar da crença generalizada em contrário, ele não comporta nenhuma implicação de divindade: Christos significa apenas «ungido». (Usando esta interpretação, qualquer servidor do Estado que seja ungido é um «Cristo» - desde Pôncio Pilatos à rainha de Inglaterra). A idéia de um Cristo divino é uma interpretação posterior dos cristãos: o Messias judaico devia ser apenas um grande líder político e militar, apesar de eleito de Deus. No seu próprio tempo, o termo «Messias» ou «Cristo», quando aplicado a Jesus, teria querido dizer apenas «ungido».

Certamente que apenas uma unção de Jesus é referida nos Evangelhos. Algumas pessoas argumentam que a sua «unção» foi, de facto, o batismo celebrado por João, mas, baseado neste raciocínio, o grande número de pessoas que afluíram ao Jordão também teriam sido «cristos». O facto embaraçoso mantém-se: a pessoa que «o

tornou Cristo» foi uma mulher.
Ironicamente, a história regista que Jesus comentou a sua unção (Marcos 14:9), com estas palavras:

Em verdade vos digo que, em todas as partes do mundo onde este Evangelho for pregado, também o que ela fez será contado para a sua memória.

É curioso que a Igreja, que acredita tradicionalmente que a mulher que ungiu Jesus era Santa Maria Madalena, ignorou esta ordem formal. Considerando que Madalena é tratada com condescendência a partir dos púlpitos de todo o mundo, parece que as próprias palavras de Jesus são, como tudo o mais no Novo Testamento, submetidas a um incessante processo de seleção. Neste caso, as palavras de Jesus são quase totalmente ignoradas. Mas, mesmo nas raras ocasiões em que se lhe faz justiça por este episódio, há silêncio sobre as suas implicações.
O Novo Testamento apenas refere o nome de duas pessoas que celebraram ritos importantes na vida de Jesus: João, que o batizou no princípio do seu ministério, e Maria de Betânia, que o ungiu no fim. Mas, como vimos, estas duas pessoas foram marginalizadas pelos evangelistas - é como se eles as tivessem incluído apenas porque o que eles fizeram era demasiado importante para ter sido excluído. E há ainda outra razão importante: o baptismo e a unção implicam autoridade da parte de quem os celebrou. Porque, embora aquele que

baptiza e o que unge confiram autoridade - quase da mesma maneira que o arcebispo de Cantuária conferiu o estatuto real à rainha Isabel II em 1953 -, eles próprios teriam de ter autoridade para proceder assim.
Trataremos, mais tarde, a questão da autoridade de João, mas consideremos o facto curioso de o episódio da unção ter sido incluído nos Evangelhos. Se a unção de Jesus tivesse sido um gesto frívolo e sem significado, nunca teria sido registado. Contudo, somos informados de que os discípulos, especialmente Judas, condenaram Maria por ter usado o raro e dispendioso unguento de nardo, com o argumento de que podia ter sido vendido para conseguir dinheiro para os pobres. Jesus responde que pobres sempre haverá, mas ele nem sempre estará com eles (para ser venerado). Esta censura - além de ser um argumento contra a idéia de que Jesus era uma espécie de proto-marxista - não só justifica a acção de Maria mas também tem a forte implicação de que, de facto, só ele e ela a compreenderam. Os discípulos - como habitualmente - parecem ter dificuldade de compreender os desígnios mais subtis deste ritual altamente significativo e mostraram-se muito hostis às acções de Maria, embora o próprio Jesus se encarregasse de defender a autoridade dela. Este acontecimento tem uma outra importância: marcou o momento em que Judas se tornou traidor - imediatamente depois, ele vende Jesus aos sacerdotes.
Maria de Betânia tornou Jesus «Cristo» com o óleo

de nardo, um unguento que, muito provavelmente, tinha sido reservado para aquela ocasião específica e era uma unção associada a ritos funerários. O próprio Jesus comentou a unção (Marcos 14:8): «[...] e ela veio antecipadamente ungir o meu corpo para a sepultura.» Na sua mente, pelo menos, ela destinava-se a ser um ritual.
É evidente que a unção comportava um significado profundo - mas qual era a sua finalidade precisa? Dado o gênero e a reputação (embora imerecida) da pessoa que o ungiu, a cerimónia não é típica da prática judaica. Talvez haja uma indicação da verdadeira natureza da unção no «documento Montgomery».
Como vimos, este relato refere o casamento de Jesus com Maria de Betânia, que é descrita como «uma sacerdotisa de um culto feminino» - uma tradição do culto da deusa. Se for assim, pode explicar por que a unção parecia tão estranha aos outros discípulos, embora ainda haja o aparente problema do motivo por que Jesus foi tão tolerante com ela. E, se Madalena fosse realmente uma sacerdotisa pagã, isso explicaria a razão por que os discípulos a consideravam de caráter e moral duvidosos.
Se Maria de Betânia fosse realmente uma sacerdotisa pagã, por que estava ela a ungir Jesus? E, mais importante, por que permitiu ele que ela o ungisse? E existem muitos paralelos entre este ritual e os vulgarmente associados ao paganismo da época? De facto, há um antigo rito

que é extremamente relevante: a unção do rei sagrado. A ideia que apoia este rito era a de que um rei ou sacerdote verdadeiros só podiam receber o seu pleno poder divino através da autoridade da grande-sacerdotisa. Tradicionalmente, este rito revestia a forma do hieros gamos ou casamento sagrado: o rei - sacerdote - une-se à rainha - sacerdotisa. Era através da união sexual com ela que ele se tornava, de fato, rei confirmado. Sem ela, ele não era nada.
Não há nada na vida moderna do Ocidente que faça eco deste conceito ou prática e é difícil que as pessoas, hoje, comecem a compreender toda a noção do hieros gamos. Fora do mundo íntimo dos casais individuais, não temos nenhum conceito de sexualidade sagrada. Mas não se trata apenas de sexo ou erotismo, independentemente da importância que se lhe atribui: no casamento sagrado, o homem e a mulher transformam-se, de fato, nos deuses. É a grande-sacerdotisa que se transforma na própria deusa, que confere, então, a bênção final da regeneração - como na alquimia - ao homem, que encarna o deus. A sua união deveria infundir neles, e no mundo em seu redor, um bálsamo regenerador e repetir, de facto, o impulso criativo do nascimento do planeta.
O hieros gamos era a expressão última do que é designado por prostituição do Templo, quando um homem visitava uma sacerdotisa para receber a gnose - experimentar o divino, por si mesmo, através do acto sexual. E significativo que a

palavra original, que designava estas sacerdotisas, seja hierodula, que significa «serva sagrada a palavra «prostituta», com todos os juízos morais que implica, foi uma tradução vitoriana. Além disso, a esta serva do Templo, ao contrário da prostituta secular, reconhece-se o controle da situação e do homem que a visita, e ambos recebem benefícios em termos de poderes físicos, espirituais e mágicos. O corpo da sacerdotisa transformara-se, de um modo quase inimaginável para os atuais amantes ocidentais, numa porta de acesso aos deuses.
É evidente que nada podia estar mais longe mesmo da atitude da Igreja moderna, face ao sexo e às mulheres, porque não só a chamada prostituição do Templo conferia iluminação espiritual - um processo conhecido como horasis - mas sem «conhecimento» carnal da hierodule um homem permanecia espiritualmente não realizado. Por si, tinha pouca esperança de contato extático com os deuses, mas as mulheres não tinham necessidade de tal cerimónia: para estes pagãos, as mulheres estão naturalmente em contacto com o divino.
É possível que a «unção» realizada em Jesus fosse simbólica do acto sexual. Mas, embora não seja necessário pensar nestes termos para compreender a solenidade do ritual, há inevitáveis associações com os antigos ritos em que a sacerdotisa, que representava a deusa, era fisicamente preparada para receber o homem que fora escolhido para simbolizar o rei sagrado ou

deus salvador. Todas as escolas de mistério de Osíris, Tamuz, Dionísio, Átis, etc. incluíam um rito - desempenhado pelos seus substitutos humanos - em que o deus era ungido pela deusa antes da sua morte verdadeira ou simbólica, que voltaria a tornar a terra fértil. Tradicionalmente, era três dias depois dessa morte que, graças à intervenção mágica da sacerdotisa/deusa, ele ressuscitava e a nação podia soltar um suspiro de alívio até ao ano seguinte. (Nos autos de mistérios, a deusa diz: «Levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram» - virtualmente as mesmas palavras que foram atribuídas a Maria Madalena no horto e que discutiremos, em pormenor, mais tarde).

Indicações do verdadeiro significado da unção de Jesus encontram-se no livro do Cântico dos Cânticos (1:12) do Antigo Testamento, onde a «Amada» diz: «Quando o Rei se senta à sua mesa, o meu perfume de nardo exala o seu aroma.» Não devemos esquecer que o próprio Jesus associou a sua unção à sua sepultura, portanto o verso seguinte adquire outro significado: «Um ramo de mirra é o meu amado para mim: ficará toda a noite entre os meus seios.» Há uma clara ligação entre a unção de Jesus e o Cântico dos Cânticos. Muitas autoridades pensam que o Cântico dos Cânticos era, de fato, a liturgia do rito de um casamento sagrado, indicando as suas múltiplas semelhanças com as liturgias do Egipto e de outros países do Médio Oriente.

Há uma ressonância particularmente surpreendente: como afirma Margaret Starbird:

Versos, que são idênticos e paralelos aos do Cântico dos Cânticos, encontram-se no poema litúrgico do culto da deusa egípcia Ísis, a irmã-noiva do mutilado... Osíris.

A deusa/sacerdotisa une-se ao Deus/sacerdote no casamento sagrado por razões complexas. Superficialmente, é um rito de fertilidade, para assegurar a fecundidade pessoal e nacional, para garantir o futuro do povo e da sua terra. Mas é também através do êxtase e da intimidade do rito sexual que a deusa/sacerdotisa confere sabedoria ao seu companheiro. A analista jungiana Nancy Qualls-Corbett, em The Sacred Prostitute (1998), dá grande realce à associação entre a prostituta sagrada e o Princípio Feminino, simbolizado por Sophia (Sabedoria). Como vimos, Sophia ocorre repetidamente nas nossas investigações - ela era particularmente venerada pelos Templários - e é insistentemente associada à Madalena e a Ísis.
A unção de Jesus era um ritual pagão: a mulher que o celebrou - Maria de Betânia - era uma sacerdotisa. Considerando este novo cenário, é mais do que provável que o seu papel no círculo interno de Jesus fosse o de iniciadora sexual. Mas lembremos que tanto os heréticos como a Igreja Católica sempre acreditaram que Maria de Betânia e Maria Madalena eram a mesma pessoa: nesta figura de iniciadora sexual, temos finalmente a razão necessária para a confusão do verdadeiro papel e significado de Madalena na vida de Jesus.

Se ela fosse realmente uma hierodula, actuando no mundo patriarcal do judaísmo, seria inevitavelmente considerada uma prostituta moral. Mas, enquanto estivesse com Jesus, estava protegida, embora apenas dos efeitos dessa cólera justa, como provam claramente as suas várias trocas de palavras com Simão Pedro (como revelam os Evangelhos gnósticos).

O Priorado de Sião, como já observámos, é devoto da deusa - sob a forma da Madona Negra, como Maria Madalena ou a própria Ísis. O Priorado associa claramente Maria Madalena com Isis; esta associação é central para a sua própria raison d'être, embora, a princípio, pareça notavelmente complicado. Contudo, é evidente que eles consideram Maria Madalena como uma sacerdotisa pagã - no mínimo, este é outro paralelo entre ela e Maria de Betânia.

O papel de Maria Madalena como sacerdotisa pagã é reconhecido por Baigent, Leigh e Lincoln, mas, apesar de levantar a questão, eles parecem considerar que as suas implicações não justificam mais atenção. Por exemplo, embora defendendo que Madalena estava ligada a um culto da deusa, eles concluem que, «anteriormente à sua relação com Jesus, Madalena pode ter estado associada com esse culto». Depois esquecem a questão. Aqui, no entanto, a frase crucial é «anteriormente à sua relação com Jesus», partindo do princípio de que ele a convertera e fazendo eco da ideia tradicional de que ela era uma pessoa que se modificara devido à sua relação com ele. Mas esta

ideia pode parecer um tanto ingênua - embora contestá-la seja evocar um cenário alternativo e profundamente inquietante.

Qualls-Corbett também cita a ligação entre a Prostituta Sagrada, Sophia e a Madona Negra, associando, assim, os elos que descrevemos na Primeira Parte. Esta personificação multifacetada do Princípio Feminino lança uma luz sobre o grande, e ciosamente guardado, segredo erótico da tradição ocultista ocidental. Porque Sophia é a Prostituta, que é também a «Bem-Amada» do casamento sagrado, e que é Maria Madalena, a Madona Negra e Ísis. A sexualidade sagrada implícita na Grande Obra dos alquimistas é uma continuação direta desta antiga tradição, em que o rito sexual confere iluminação espiritual e transformação física. E depois desta experiência suprema com a deusa/sacerdotisa que o deus/sacerdote fica tão mudado que já não é reconhecível e «ressuscita» para uma nova vida.

É significativo, como Nancy Qualls-Corbett e outros comentadores recentes observam, que o retrato de Maria Madalena nos Evangelhos gnósticos seja o de iluminatrix e de iluminadora - Maria Lúcifer, a que traz luz -, a que confere iluminação através da sexualidade sagrada. Aliando esta observação às nossas conclusões sobre Maria de Betânia, parece que ela e Maria Madalena eram, na verdade, a mesma mulher.

Este cenário também reforça a ideia de que Maria era a esposa de Jesus, embora redefina essencialmente aquela palavra. Ela é sua

companheira num casamento sagrado, que não era necessariamente um casamento de amor. É interessante, como vimos, que o Cântico dos Cânticos seja a liturgia de um casamento sagrado - e este tem sido sempre associado a Maria Madalena.

A sexualidade sagrada - anátema para a Igreja de Roma - encontra expressão no conceito de casamento sagrado e «prostituição sagrada» nos antigos sistemas orientais do taoísmo e do tantrismo e na alquimia.

Como escreve Marvin H. Pope, no seu exaustivo trabalho sobre o Cântico dos Cânticos (1977):

Os hinos tântricos à deusa constituem um dos mais excitantes paralelos com o Cântico dos Cânticos.

E Peter Redgrove, em The Black Goddess (1989), ao discutir as artes sexuais do tantrismo, explica:

É interessante comparar isto com as práticas sexuais religiosas do Médio-Oriente e com a imagem que delas herdámos. Mari-Istar, a Grande Prostituta, ungia o seu consorte Tamuz (com o qual Jesus foi identificado) e, assim, tornava-o um Cristo. Era uma preparação para a sua descida ao mundo dos mortos, do qual regressaria por ordem dela. Ela, ou a sua sacerdotisa, era chamada a Grande Prostituta porque este era um rito sexual de horasis, de orgasmo integral que introduziria o consorte no contínuo do conhecimento visionário.

Era um rito de passagem, do qual ele regressaria transformado. Do mesmo modo, Jesus disse que Maria Madalena o ungiu para a sepultura. Apenas as mulheres podiam celebrar estes ritos em nome da deusa, e é a razão por que nenhum homem visitou o seu túmulo, apenas Maria Madalena e as suas companheiras. Um importante símbolo de Madalena na arte cristã era o vaso do óleo sagrado - o sinal exterior do baptismo interior vivido pelo taoísta...

Há mais alguma coisa que é de grande importância neste vaso do óleo com que Madalena ungiu Jesus. Como vimos, segundo os Evangelhos, era de nardo - um óleo excepcionalmente caro. O seu preço era muito elevado porque tinha de ser importado da Índia, terra da antiga arte sexual do tantrismo. E, na antiga tradição tântrica, diferentes perfumes e óleos eram destinados a áreas específicas do corpo: o nardo destinava-se ao cabelo e aos pés...
Na Epopéia de Gilgamesh dirigiam-se estas palavras aos reis sacrificiais: «A prostituta que te ungiu com óleo aromático chora por ti agora», enquanto uma frase semelhante era usada nos mistérios do rei-que-morre, Tamuz, cujo culto era preponderante em Jerusalém, no tempo de Jesus. E é significativo que os «sete demônios» que, alegadamente, Jesus expulsou de Madalena passam a ser os sete espíritos Maskim, sumero-acadianos, que dominavam as sete esferas e que tinham nascido da deusa Mari.

Na tradição do casamento sagrado, era a noiva do rei sacrificial - a grande-sacerdotisa - que escolhia o momento da sua morte, que o acompanhava à sepultura e cuja magia o fazia regressar do mundo dos mortos para uma nova vida. Na maioria dos casos, evidentemente, esta «ressurreição» é puramente simbólica, reflectida na nova vida da Primavera - ou, no caso de Osíris, na inundação anual do vale do Nilo, que renovava a fertilidade da terra.

Assim, podemos compreender o significado da unção de Maria Madalena - como um anúncio de que chegara o momento do sacrifício de Jesus e como uma escolha ritual do rei sagrado, em virtude da sua autoridade de sacerdotisa. Que este papel seja diametralmente oposto ao que, tradicionalmente, a Igreja Católica lhe tem atribuído já não deve constituir surpresa.

Na nossa opinião, a Igreja Católica nunca quis que os seus membros conhecessem a verdadeira relação entre Jesus e Maria Madalena, que é o motivo porque os Evangelhos gnósticos não foram incluídos no Novo Testamento e por que a maioria dos cristãos nem sabem que eles existem. O Concílio de Niceia, quando rejeitou os vários Evangelhos gnósticos e decidiu incluir apenas Mateus, Marcos, Lucas e João no Novo Testamento, não tinha nenhum mandado divino para proceder a este importante acto de censura. Agiram em auto-defesa porque, naquela época - o século IV -, o poder de Madalena e dos seus adeptos estava já demasiado generalizado para que o patriarcado o

enfrentasse com êxito.
Segundo aquele material censurado, que foi deliberadamente rejeitado para impedir que fosse conhecido o verdadeiro quadro, Jesus concedeu a Madalena o título de «Apóstola dos Apóstolos» e o de «A Mulher Que Conhece Tudo», e afirmou que ela se ergueria acima de todos os outros discípulos e governaria o Reino da Luz, que estava prestes a chegar. Como vimos, também lhe chamou Maria Lúcifer - «Maria, a Portadora de Luz» -, e afirmava-se que ele ressuscitara Lázaro simplesmente por amor dela, não havendo nada que não fizesse por ela, nada que lhe pudesse recusar. O Evangelho gnóstico de Filipe descreve que os outros apóstolos antipatizavam com ela e que Pedro, em particular, procurava discutir a sua posição junto de Jesus - perguntando-lhe mesmo, muito engenhosamente, numa ocasião, por que motivo ele a preferia a todos os outros discípulos e estava sempre a beijá-la na boca! No Evangelho gnóstico de Maria,
Página 277 Madalena afirma que Pedro a odiava e a «toda a raça das mulheres»; e, no Evangelho de Tomás, Pedro diz: «Que Maria nos abandone, porque as mulheres não são dignas de viver» - um prenúncio da sinistra batalha entre a Igreja de Roma, fundada por Pedro, e o movimento secreto herético, que pertencia a Maria. (E elucidativo lembrar que tudo começou por um confronto pessoal entre dois indivíduos - um dos quais era a consorte de Jesus.)
Curiosamente, o Evangelho gnóstico de Filipe (que

descreve, especificamente, Madalena como a companheira sexual de Jesus), está repleto de alusões a uniões entre homens e mulheres, entre noiva e noivo. A iluminação última é simbolizada pelos frutos da união do noivo e da noiva: aqui, Jesus é o noivo, a sua noiva é Sophia - o fruto da sua união é a vinda da gnose. (De modo curioso, mesmo nos Evangelhos canónicos, Jesus refere-se a si mesmo, com frequência, como o «Noivo»). O Evangelho de Filipe também associa claramente Maria Madalena a Sophia.
O Evangelho gnóstico enumera cinco ritos iniciatórios ou sacramentos: batismo, crisma (unção), eucaristia, redenção - e, o maior de todos, a câmara nupcial:

O crisma é superior ao baptismo... e Cristo é (assim) chamado devido ao crisma... Aquele que é ungido possui a Totalidade. Possui a ressurreição, a luz, a cruz, o Espírito Santo. O Pai concedeu-lhe tudo isto na câmara nupcial.

Se o rito do sacramento do crisma era superior ao baptismo, isso implica que a autoridade de Maria era, de facto, superior à de João Batista. E o que é mais significativo, no entanto, é que o Evangelho de Filipe torna claro que todos os gnósticos que aderiam àquele sistema, não apenas Jesus, se tornavam «cristos» pela sua unção. E o maior sacramento era o da «câmara nupcial» - que nunca é explicado e permanece um mistério para os historiadores. No entanto, à luz desta

investigação, podemos ter fortes razões para supor que as palavras deste trecho, certamente, contêm uma indicação quanto à verdadeira natureza da relação entre Jesus e Maria. Como vimos, esta era conhecida, nos Evangelhos gnósticos, como «a mulher que conhece o Todo». E o Evangelho de Filipe afirma sem reservas: «Vejam como é grande o poder da relação sem mácula."

A escritura gnóstica do século II., conhecida como Pistis Sophia, expõe o que se supõe serem as doutrinas de Jesus, doze anos após a ressurreição. Neste texto, Madalena é descrita no papel arquetípico de catequista, interrogando-o para deduzir a sua sabedoria - tal como Sakti ou a deusa oriental interrogando ritualmente o seu divino consorte. É notável que, em Pistis Sophia, Jesus usa para Maria o mesmo termo que era usado para aquelas deusas - «Bem Amada». Estas são também as palavras que um parceiro dirige ao outro num casamento sagrado.

A intimidade de Jesus e Maria contém outra profunda implicação. Uma comparação da sua relação com a de Jesus e os seus discípulos deixa poucas dúvidas quanto a ela ser comparticipante nas suas idéias, pensamentos e segredos. Os discípulos são, muitas vezes, descritos como sendo bastante obscuros. Repetidamente, eles «não compreendem o que ele diz» - uma qualidade pouco inspiradora nos homens que viriam, aparentemente, a fundar a Igreja do seu líder. Na verdade, os atos dos apóstolos referem o fogo divino do Pentecostes, que conferiu alguma

sabedoria e poder aos discípulos, mas os Evangelhos gnósticos falam de um discípulo que não tinha necessidade dessa intervenção divina. Segundo o material censurado, foi Maria Madalena que, depois da crucificação, reagrupou os abatidos discípulos e, apenas pela força das suas palavras vibrantes, encorajou-os a defender a causa que eles estavam mais do que dispostos a abandonar. Certamente que ela vira Jesus ressuscitado com os seus próprios olhos, mas, mais uma vez, ficamos com a curiosa sensação da falta de motivação, de fé e de coragem dos discípulos, em comparação com as dela.

Seria possível que os doze não fossem, de facto, o círculo interno dos adeptos de Jesus, mas, no máximo, apenas os mais leais dos seus discípulos não iniciados? Por exemplo, embora a morte e a ressurreição de Jesus fossem a quinta-essência da razão de toda a sua missão, estes homens não esperavam que ela acontecesse: «Não conheciam a escritura segundo a qual ele tinha de ressuscitar dos mortos."

Foi Maria Madalena e as suas companheiras que se dirigiram ao túmulo. Talvez as palavras da primeira ao «hortelão» - na verdade, Jesus ressuscitado - sobre o seu Senhor «ter sido levado e ela não sabia onde o tinham posto» pudessem significar que ela, tal como os homens, desconhecia o que se passava. Mas há razões fortes para considerar as suas palavras no contexto de ela ser participante dos mistérios internos, talvez uma sacerdotisa. Maria Madalena,

com toda a probabilidade, era a consorte de Jesus e a primeira dos apóstolos, e parece provável que o seu papel incluísse outro significado ritual mais pagão e mais antigo.
Os homens não deviam visitar o túmulo de Jesus, porque não era o gênero de actos que os homens praticavam nesses tempos. Mas, a julgar pelos relatos gnósticos da aturdida apatia dos discípulos, depois da crucificação, o simples costume não era explicação para a sua ausência. Na tradição dos mistérios, apenas as sacerdotisas proclamavam o clímax do sacrifício do rei - a sua miraculosa ressurreição.
Mesmo que se aceitem as aparentes semelhanças entre a unção, a morte e a ressurreição de Jesus e as tradições pagãs predominantes no seu tempo, a questão permanece: por que se teria um pregador judeu envolvido neste cenário? Porque, embora Maria Madalena pareça ter participado nalgum culto, que envolvia prostitutas sagradas, e a sua influência sobre o consorte fosse indubitavelmente grande, que possível razão podia ter tido Jesus para voltar as costas a séculos de arreigada tradição judaica? Como podia Jesus, exatamente ele, ter participado num rito pagão?
Esta mesma pergunta confronta-nos com uma possibilidade até então inimaginável. Como vimos, a realidade, que diz respeito a Jesus e à sua missão, pode ser muito diferente da que é ensinada pela Igreja. Mesmo pôr de parte a descrença e considerar «e se» como sendo a hipótese verdadeira é criar um cenário

completamente novo. E se Jesus fosse parceiro num casamento sagrado e, portanto, participante voluntário em ritos sexuais pagãos; e se Maria Madalena fosse realmente uma grande-sacerdotisa de um culto da deusa e, no mínimo, espiritualmente igual a Jesus, e se Pedro e os outros apóstolos não fizessem, de facto, parte do círculo interno do movimento de Jesus? Há uma outra pergunta a acrescentar, considerando - mesmo por hipótese - este novo enquadramento tão radical: que género de homem estava realmente no centro? Quem era o verdadeiro Jesus Cristo?

CAPÍTULO XIII
FILHO DA DEUSA

Como vimos, os modernos estudos históricos apresentaram um conjunto de novas e intrigantes descobertas sobre as origens da cristandade. Contudo, é crescente o abismo entre o que os estudiosos da Bíblia sabem sobre religião e o que os próprios cristãos conhecem. Burton L. Mack, professor de Estudos do Novo Testamento na Claremont School of Theology, Califórnia, recentemente lamentava «a terrível falta de conhecimento básico sobre a formação do Novo Testamento entre os cristãos típicos».
Que a análise do Novo Testamento, tal como a conhecemos, começasse apenas no século XIX reflecte a relutância quase supersticiosa em examinar os textos originais, que resultou da

antiga e duradoura proibição da Igreja quanto à leitura da Bíblia pelas massas. Durante séculos, apenas os sacerdotes liam as Escrituras - de fato, na maioria dos casos, eles tinham o monopólio da literacia. O nascimento do protestantismo venceu parcialmente esta exclusividade e concedeu a um número muito maior de pessoas acesso aos textos, que elas consideravam sagrados. Contudo, todas as formas extremistas do movimento protestante - desde o puritanismo até ao que é conhecido agora como fundamentalismo - têm insistido na inspiração divina por detrás das palavras do Novo Testamento, e. apenas com esse fundamento, têm condenado qualquer sugestão de que elas possam não ser a verdade literal. Até hoje, milhões de cristãos ignoram a evidência de o Novo Testamento ser uma mistura de mito, invenção, versões deturpadas de relatos de testemunhas oculares e de elementos retirados de outras tradições. Mas, ao evitar esta evidência, eles não só estão em erro como também mantêm um sistema de crenças que é progressivamente vulnerável à crítica.

Quando os estudiosos do século XIX começaram a empregar os mesmos critérios, habitualmente usados para analisar outros textos históricos, os resultados foram extremamente significativos. Um dos primeiros novos desenvolvimentos a emergir foi a asserção de que Jesus nunca existiu e de que os Evangelhos são simplesmente compostos por elementos míticos e metafóricos. Actualmente, são raros os eruditos que concordam com esta

idéia - embora, como veremos, ela ainda tenha defensores. A causa de um Jesus histórico é bastante sólida, mas vale a pena examinar o raciocínio dos que pensavam que não era; e que Jesus era uma completa invenção dos primeiros cristãos.

Os defensores desta ideia afirmam que, à margem dos próprios Evangelhos, não existe nenhuma prova independente de que ele tivesse, de fato, existido. (Esta ideia, só por si, constitui um choque para muitos cristãos que assumem que, porque ele é central para o seu mundo, devia ter sido muito famoso na sua época: na verdade, ele não é referido em nenhum texto contemporâneo.) Os outros livros do Novo Testamento - por exemplo, as Epístolas de Paulo - aceitam a existência de Jesus como verdadeira, mas não apresentam nenhuma prova sólida dela. Paulo, cujas cartas são os mais antigos escritos cristãos conhecidos, não apresenta quaisquer pormenores biográficos sobre Jesus, além dos que rodearam a sua crucificação - nada sobre os seus pais, o seu nascimento ou ambiente familiar. Mas Paulo, como os outros autores do Novo Testamento, está mais interessado na teologia, em manter o movimento de Jesus e em explicar as suas doutrinas do que na biografia do seu fundador.

Muitos historiadores do século XIX preocuparam-se com a ausência de quaisquer registos contemporâneos de Jesus. Como escreveu Bamber Gascoigne: «Durante os primeiros cinquenta anos do que chamamos a era cristã, não existe nem

uma palavra sobre Cristo ou os seus discípulos.» O escritor romano Tácito (nos seus Anais, c. 115 d.C.) regista o progresso do cristianismo - que ele denomina uma «superstição perigosa» - em Jerusalém e em Roma, e refere, de passagem, a execução do seu fundador, mas não apresenta pormenores e refere-se-lhe simplesmente pelo título de «Cristo».
Suetónio, nos seus Livros de César (c. 120), refere-se à agitação entre os judeus de Roma em 49 d.C., por instigação de «Cresto». Esta referência é muito citada como prova de um ramo romano do cristianismo, mas não é necessariamente assim. Havia muitos autoproclamados Messias entre os judeus dessa época, e todos podiam ser designados, em grego, «cristos», e Suetónio escreve como se este estivesse activamente, e em pessoa, a incitar à rebelião dos judeus de Roma nessa época.
Outro romano notável, que teve relações comerciais com os cristãos nos primeiros anos do século I, foi Plínio, o Moço, mas, para além de dizer que o seu movimento foi fundado por «Cristo», não dá outras informações sobre eles. Mas, neste relato, o que é particularmente interessante é o facto de ele revelar que este Cristo já era considerado um Deus.
Estes eram escritores romanos, e, como a Palestina era um lugar remoto do seu império, não é surpreendente que eles ignorassem Jesus e os primeiros tempos da Igreja cristã. (Além disso, os rebeldes e os criminosos não eram tão

prontamente trazidos às luzes da ribalta como são na nossa época, que se interessa pela celebridade. Mesmo à revolta do ex-escravo Espártaco foi concedido relativamente pouco espaço de crónica. Contudo, ter-se-ia imaginado que a vida e o ministério de Jesus tivessem sido citados nas obras de Flávio Josefo (38-c. 100), um judeu que mudou de partido na revolta judaica e escreveu dois livros, registando a crônica desse período.

Tempos Antigos dos Judeus (escrito por volta de 93 d. C.) menciona, de fato, outras figuras do Evangelho, especificamente João Baptista e Pôncio Pilatos. Há uma referência a Jesus, mas, infelizmente, há muito se reconheceu ter sido acrescentada à obra de Josefo por um escritor cristão, muito posterior, provavelmente no princípio do século IV - precisamente para vencer o silêncio, de outro modo embaraçoso, sobre o assunto. De fato, aquela referência a Jesus é tão reverente que os comentadores se têm interrogado sobre a razão por que Josefo, se realmente julgava Jesus em termos tão entusiásticos, nunca se converteu ao cristianismo!

A verdadeira questão, no entanto, era saber se esta inserção se destinava, ou não, a introduzir uma referência onde não havia nenhuma ou se era a substituta de outra, que era menos lisonjeira, relativamente a Jesus e ao seu movimento. Não podemos ter a certeza de nenhuma das alternativas, embora o peso da evidência a favor dela seja uma completa invenção; o trecho não está de acordo com o estilo de Josefo e não se

enquadra no fluxo da história. Além disso, o escritor cristão Orígenes, no fim do século III, não parece ter tido conhecimento de qualquer referência a Jesus na obra de Josefo. (Embora Eusébio cite a referência quando escreve no século seguinte.) Contudo, a referência de Josefo à pregação de João Baptista e à sua execução por Herodes Antipas não é posta em questão.
Evidentemente, a falta de referências contemporâneas a Jesus, à margem dos Evangelhos, não significa que ele não tivesse existido. Pode significar apenas que o seu impacte na sua época e lugar não foi suficientemente forte. Afinal, havia muitos outros supostos Messias na época, que não despertaram a atenção.
Há também outro problema: se essa pessoa não existiu, por que razão tantas pessoas teriam acreditado na história, a ponto de uma religião, em seu nome, ter florescido tão rapidamente? Como observa Geoffrey Asse, o conceito de personagens fictícias, que tem um tão grande papel na nossa cultura, não era familiar aos escritores antigos. Mesmo que escrevessem o que era essencialmente ficção, era sempre baseado em figuras reais, como Alexandre, o Grande. Apenas por esta razão, parece altamente improvável que Jesus fosse uma completa invenção - e, se tivesse sido simplesmente uma grande exigência cultural ou espiritual de um «deus-que-morre», havia muitos por onde escolher, como veremos. Não havia nenhuma necessidade de inventar mais um.
Também é significativo que os evangelistas

colocassem Jesus contra um fundo de conhecidas figuras históricas, como João Batista e Pilatos. Este facto também é um argumento a favor da sua existência real, e, além disso, nenhum dos primeiros críticos do cristianismo contestou a existência do seu fundador, o que certamente teriam feito se tivessem existido quaisquer dúvidas sobre a questão.

E o próprio modo como Jesus é retratado indica que ele era um homem real. Nenhum escritor se teria dado ao incómodo de criar um Messias fictício e, contudo, apresentá-lo como sendo tão ambíguo e ilusório quanto ao seu papel, nem teria deixado tantas frases e alusões impenetráveis entre as suas alegadas doutrinas. A ambiguidade, as aparentes contradições, os ocasionais arranjos de frases, completamente ininteligíveis, marcam os Evangelhos como os relatos - algo confusos - das palavras e dos actos de uma genuína figura histórica.

A falta de qualquer referência de pormenores biográficos de Jesus, nos escritos de Paulo, tem sido considerada pelos críticos como prova de que Cristo não existiu. Mas ninguém defende que o próprio Paulo fosse uma invenção - e ele, definitivamente, conhecia pessoas que se tinham encontrado com Jesus. Por exemplo, Paulo não só conheceu Pedro como se zangou com ele (e este comportamento quase inconveniente é prova de que eles eram autênticos - nenhum escritor daquela época teria tornado os seus heróis tão imperfeitos). Assim, parece verosímil que Jesus

existiu - mas, evidentemente, isso não significa, só por si, que tudo nos Evangelhos seja verdadeiro.
Mas havia outra razão para que muitos escritores do século XIX duvidassem da existência de Jesus. À medida que aumentava o conhecimento histórico e o Novo Testamento era submetido a uma crescente análise crítica, tornou-se óbvio que a história de Jesus tinha paralelos, misteriosamente estreitos, com os das famosas figuras mitológicas; especificamente, com os deuses-que-morrem-e-ressuscitam, do antigo Médio Oriente, que eram venerados nos cultos de mistério, que floresciam em simultâneo com o cristianismo e que de longa data o precediam.
Uma das mais eruditas e convincentes exposições deste argumento é Pagan Christs de J. M. Robertson, publicado em 1903. Na sua introdução a uma recente epítome, Hector Hawton resumiu a situação em forma de pergunta:

[...] ninguém defende seriamente que Adônis, Átis e Osíris fossem figuras históricas... então, por que se abriu uma exceção para o alegado fundador do cristianismo?

Estes paralelos relacionam-se com o cristianismo de duas formas. Primeiro, nos relatos dos acontecimentos da vida de Jesus, como a sua morte e ressurreição e com a instituição da eucaristia, na Última Ceia; em segundo lugar, no significado investido nestes acontecimentos pelos primeiros cristãos. Um breve resumo dos aspectos

considerados importantes por Robertson e por outros notáveis comentadores sublinha o facto de que muitas das partes mais sagradas da história de Jesus são idênticas às das outras religiões antigas.
Robertson escreve:

Como Cristo, e como Adónis e Átis, Osíris e Dionísio também morrem e ressuscitam. Identificarem-se com eles é a paixão mística dos crentes. São todos idênticos quanto aos seus mistérios conferirem a imortalidade. Do mitraísmo, Cristo retira as chaves simbólicas do céu e assume o papel de Saoshayant, nascido de uma virgem, o destruidor do Mal... Nos princípios, portanto, o cristianismo é apenas o paganismo reformulado.

O mito cristão desenvolveu-se através da absorção de pormenores dos cultos pagãos... como a imagem do menino-deus do culto de Dionísio, ele foi representado enfaixado, numa manjedoura. Nasceu num estábulo, como Hórus - o estábulo do templo da deusa virgem Ísis, rainha do céu. E, como Dionísio, transformou a água em vinho; como Esculápio, ressuscitou homens e deu vista aos cegos; e, como Átis e Adónis, foi chorado e festejado por mulheres. Como Mitra, ressuscitou de um túmulo na rocha... Não há nenhuma concepção associada a Cristo que não seja comum a alguns, ou a todos, os cultos do Salvador na Antiguidade.
Se é espantoso que as questões levantadas por

Robertson, e outros, tivessem tão pouco impacte na época, é ainda mais surpreendente que elas ainda continuem a ser largamente ignoradas. Uma voz mais recente sobre o assunto é a de Burton L. Muck, que, em 1994, escreveu:

Estudo após estudo têm demonstrado que o cristianismo primitivo não era uma religião invulgar, mas que fora influenciada pelas religiões dos fins dos tempos da antiguidade... inquietante era a descoberta de que o cristianismo primitivo apresentava uma nítida semelhança com os cultos de mistério helenísticos, particularmente no mais importante, nomeadamente nos seus mitos de deuses que morrem e ressuscitam e nos seus rituais de baptismo e de refeições sagradas.

Hugh Schonfield escreve em The Passover Plot:

Os cristãos ainda continuam a ser perturbados pelas doutrinas contraditórias da Igreja, que tiveram origem na tentativa infeliz de combinar ideais pagãos e judaicos incompatíveis.

Eruditos, como Robertson, consideram inconcebível que fosse uma coincidência que tantos elementos dos cultos dos deuses, que morrem e ressuscitam, se encontrassem na história de Jesus. Concluíram que os Evangelhos tinham extraído os acontecimentos-chave das histórias de Osíris, de Átis e de outros idênticos, e enxertaram-nos num herói «nacional» - Jesus -

que nunca existiu.
Um recente defensor desta idéia é Ahmed Osman que, em House of the Messiah, apresenta a teoria de que os Evangelhos registam, de facto, um drama sagrado que remonta aos tempos do Antigo Egito. Como os seus predecessores, Osman fundamenta os seus argumentos nos surpreendentes paralelos entre o mito de Jesus e as histórias da antiga religião egípcia e nas dúvidas sobre a existência histórica de Jesus.
Mas por que deveria alguém apoderar-se de um drama religioso de outra tradição e introduzir nele pessoas reais como João Batista? Osman pensa que a história dos Evangelhos foi uma invenção dos partidários de João Baptista. Segundo a sua tese, eles inventaram Jesus para cumprir a profecia do seu mestre sobre aquele que deveria vir depois dele e cujo anunciado advento era, presumivelmente, conspícuo pela sua ausência. Contudo, esta tese é implausível por várias razões: os discípulos de João dificilmente teriam inventado uma história em que o seu amado mestre fosse marginalizado - apenas sendo incluído para preparar a cena para a glorificação de outrem. E, como veremos, de modo algum é certo que João tivesse feito a famosa profecia sobre um maior, que deveria vir depois dele.
Segundo Osman, ninguém teria conhecido a missão de Jesus como redentor, antes de ele ter morrido, porque não teria tido muitos partidários durante a sua vida. É evidente que Osman pensa que os judeus esperavam um Messias que

morresse por eles. Mas não é o caso - os judeus nunca esperaram que o seu rei-herói fosse sacrificado ou humilhado desta maneira. Toda a ideia da morte redentora, tal como a conhecemos, foi uma interpretação cristã posterior.
Atualmente, são raros os eruditos que duvidam da existência de Jesus, embora a maioria deles ainda tenha problemas com os claros exemplos de referências de escolas de mistério nos Evangelhos. Verificando que é impossível conciliá-los com os elementos judaicos mais óbvios, eles têm tendência a rejeitar as alusões pagãs. Afirmam que estas foram acrescentadas quando os primeiros cristãos entraram em contacto com o Império romano mais vasto, particularmente em resultado das viagens de Paulo. Segundo a ideia oficial, a Igreja de Jerusalém, dirigida por Tiago, o Justo, irmão de Jesus, representava a forma «pura» e original do cristianismo. Infelizmente, devido a um acidente da história, a igreja de Tiago foi aniquilada durante a revolta judaica, assim, a natureza das suas crenças tem de permanecer matéria para especulação. Sabemos, contudo, que os seus seguidores prestavam culto no Templo de Jerusalém, portanto, é razoável pensar que as suas crenças eram baseadas nas práticas judaicas. Depois do colapso da Igreja de Jerusalém, a cena estava livre para ser ocupada por Paulo. Aparentemente, este fato parece oferecer uma solução airosa para o problema de se encontrarem tantos elementos de escolas de mistério nos Evangelhos, tal como os

conhecemos.
Podia haver outra explicação - se o argumento fosse invertido. E se a versão do cristianismo de Paulo estivesse mais próxima das doutrinas de Jesus e fosse a Igreja de Jerusalém que estivesse errada? Os irmãos não se compreendem inevitavelmente uns aos outros, e certamente havia uma acentuada frieza entre Jesus e a sua família, portanto não há razões para supor que o cristianismo de Tiago estivesse mais próximo das doutrinas originais de Jesus que o de Paulo.
A idéia oficial do progresso do cristianismo primitivo não explica por que razão Paulo, sendo um judeu, terá sentido a necessidade de pregar uma forma paganizada da nova religião. A sua famosa conversão na estrada de Damasco aconteceu, provavelmente, nos primeiros cincos anos, no máximo, após a crucificação - e, como o seu papel anterior tinha sido o de perseguidor de cristãos, presumivelmente ele tinha uma ideia sólida do motivo por que os perseguia.
As nossas descobertas sobre Madalena ter sido uma iniciadora numa escola de mistérios comportavam a implicação de que o próprio Jesus fosse também um iniciado - talvez porque ela o iniciasse. Mas como poderia ele estar tão profundamente envolvido com um culto pagão, quando todos sabem que ele era judeu?
Descobrimos que nada deve ser aceite como verdadeiro nesta história. Julgámos que valia a pena desafiar frontalmente as habituais ideias preconcebidas sobre a formação religiosa de

Jesus. Como Morton Smith afirma com ironia em *Jesus, the Magician* (que iremos discutir em pormenor):

Certamente que Jesus era judeu, assim como todos os seus discípulos - presumivelmente. A presunção não é certa, para começar, vale a pena perguntar como «sabemos» estas coisas sobre Jesus.

A ideia acadêmica de Jesus, acima discutida, baseia-se em duas hipóteses que tentam explicar a evidente contradição entre os elementos judaicos e pagãos na sua história.
A primeira hipótese é que Jesus fosse judeu - embora a que seita exatamente pertencia seja uma questão discutível. Como vimos, a segunda hipótese é de que os aspectos manifestamente pagãos e de culto de mistérios das histórias dos Evangelhos fossem consequência de invenções posteriores. O argumento é que, como o cristianismo começou a divulgar-se em comunidades não judaicas do mundo romano, foram notadas e assimiladas afinidades com os mistérios, especialmente porque podiam ajudar a minimizar o conspícuo fracasso de Jesus no desempenho do papel do Messias judaico.
Causou-nos um choque compreender que estas eram apenas hipóteses e não factos solidamente comprovados. Nenhuma delas se baseia na qualidade de evidência normalmente exigida pelos historiadores. Não há nenhuma prova sólida

de que os elementos pagãos tiveram origem em Paulo. Podem, evidentemente, ter surgido através de algum dos seus colegas missionários - a expansão do cristianismo não foi, apesar do sucesso da publicidade de Paulo, inteiramente devida a ele. Quando chegou a Roma, por exemplo, descobriu que já lá existiam cristãos.

Parece que, mesmo no céptico século XX, há uma aceitação tácita tão generalizada da história cristã que mesmo os académicos, normalmente críticos, não reconhecem as suas próprias ideias preconcebidas. Por exemplo, A. N. Wilson, geralmente um comentador arguto e analítico, escreveu estas duas frases, uma após outra, sem notar aparentemente a contradição entre elas:

[...1 é necessário, antes de começar [a tentar responder às perguntas sobre o Jesus histórico], esvaziar a mente e não aceitar nada como verdadeiro. O centro da doutrina de Jesus era a sua fé em Deus e a sua fé no judaísmo.

Decidimos ver o que aconteceria se questionássemos estas hipóteses.

A versão oficial dos primeiros progressos do cristianismo parte da premissa básica de que Jesus era de religião judaica, o que significava que muitos aspectos, de outro modo intrigantes, da história dos Evangelhos fossem automaticamente rejeitados. Examinámos com maior minúcia a hipótese do judaísmo - que implica, certamente, um fundo étnico e religioso - de Jesus, e, em

breve, estávamos a contestá-la. (Jesus pode ter sido etnicamente um judeu, mas não de religião judaica: com vista a este argumento, usaremos o termo «judeu», quando referido a Jesus, apenas no último sentido, salvo indicação contrária.)

A nossa contestação desta hipótese não era, evidentemente, destituída de receio. Afinal, estávamos a assumir todo o peso de mais de um século de estudo do Novo Testamento. Assim, ficámos muito aliviados ao descobrir que a mais recente tendência dos estudos do Novo Testamento se baseava exactamente na mesma pergunta: Jesus era realmente judeu?

A primeira destas obras a alcançar popularidade foi The Lost Gospel (1994) de Burton L. Mack, embora vários outros eruditos publicassem as suas investigações neste sentido, em revistas da especialidade, desde o fim dos anos 80.

Mack abordou o problema sob a perspectiva das doutrinas de Jesus e não da história da sua vida. Baseia o seu argumento na fonte perdida dos Evangelhos sinópticos, conhecida como Q (do alemão Quelle, que significa «fonte»), ou do que dela pôde reconstituir a partir de uma comparação destes Evangelhos. Conclui que as doutrinas de Jesus não tiveram origem no judaísmo, mas estão mais próximas dos conceitos, e mesmo do estilo, de certas escolas filosóficas gregas, especialmente a dos cínicos.

Há garantias de que Q tivesse sido uma compilação das máximas e das doutrinas de Jesus, correspondendo perfeitamente ao gênero de

escritos contemporâneos conhecidos como «literatura da sabedoria», que se sabia ter existido em hebraico antigo, mas que, de modo algum, era única da religião ou cultura judaicas. Também era popular no mundo helenístico, no Próximo Oriente e no Antigo Egito. Uma autoridade, Kloppenborg, demonstrou que Q segue de muito perto o modelo dos «manuais de instruções» helenísticos. Q difere desses manuais pela inclusão de elementos proféticos e apocalípticos, mas Mack pensa que apenas a «literatura da sabedoria» constituía a Q original e que os outros elementos foram incluídos posteriormente.

Mack e outros eruditos, que seguem a mesma orientação, baseiam as suas conclusões nas doutrinas e máximas de Jesus. Continuam a rejeitar os acontecimentos, tal como os Evangelhos os registam, porque não estão de harmonia com as tradições dos judeus ou dos cínicos e sugerem que os temas do Deus que-morre-e-ressuscita e das escolas de mistérios são invenções posteriores dos cristãos primitivo.

Fizemos a nós mesmos a seguinte pergunta: há alguma evidência que prove que Jesus não era judeu? Por outro lado, havia alguma evidência que provasse, de forma conclusiva, que era? Os elementos da escola de mistérios tornam as coisas mais fáceis ou mais difíceis de explicar?

É reconhecido que o ministério de Jesus ocorreu num contexto judaico - a Judeia do primeiro século - e a maior parte dos que o seguiam também eram judeus. Os seus discípulos imediatos e os que

escreveram os Evangelhos pareciam ter acreditado que ele era judeu. Contudo, os seus adeptos parecem tê-lo considerado um tanto enigmático - por exemplo, eles não tinham a certeza de ele ser o Messias - e os evangelistas fizeram um esforço evidente para conciliar os elementos contraditórios da sua vida e da sua doutrina. parecem não ter a certeza quanto ao modo de tratar com ele.

À primeira vista, pareceria haver um bom argumento para acreditar que Jesus era judeu. Referia-se, com frequência, a figuras religiosas do Antigo Testamento, como Abraão e Moisés, e entrava em debate com os fariseus sobre aspectos da lei judaica - se ele não fosse judeu, seguramente não havia razão para que o fizesse tão obsessivamente.

Mas a maioria dos eruditos concorda que estes trechos são os que têm menor probabilidade de ser as palavras genuínas de Jesus. Foram incluídos mais tarde, porque os apóstolos começaram a debater pontos da lei judaica e sentiram necessidade de criar uma justificação retrospectiva dos seus argumentos, usando o próprio Jesus. A prova disto é que os antagonistas das histórias do Novo Testamento são geralmente fariseus, que não tinham, de facto, nenhuma função ou autoridade especial - notavelmente, na Galiléia - na época de Jesus, ao passo que estavam em ascensão quando os Evangelhos estavam a ser compilados. Como escreve Morton Smith:

Quase todas as referências dos Evangelhos aos fariseus podem ser comprovadas como tendo origem nos anos 70, 80 e 90, os últimos anos da edição dos Evangelhos.

A única maneira de compreender as verdadeiras origens de Jesus é situá-lo no contexto do seu tempo e lugar. Embora haja um debate continuado sobre o lugar onde nasceu e cresceu, como veremos, os Evangelhos estão de acordo em que ele iniciou a sua missão a partir da Galiléia. Mas é improvável que ele fosse um habitante local, porque, enquanto os Evangelhos referem o sotaque caracteristicamente galileu dos discípulos - que era considerado comicamente rústico pelos habitantes da Judeia -, curiosamente, esta referência não era feita a Jesus.
O que sabemos da Galileia do tempo de Jesus? Mack resume, de forma perfeita, a actual visão acadêmica desse tempo e lugar:

No mundo da imaginação cristã, a Galileia pertencia à Palestina, a religião da Palestina era o judaísmo, logo todos os habitantes da Galileia deviam ter sido judeus. Uma vez que este quadro está errado... o leitor tem de ter em mente um quadro mais verdadeiro.

O que consideramos judaísmo da época de Jesus - a partir do quadro apresentado pelos Evangelhos - era, de facto, apenas o judaísmo do templo da Judeia, cujo culto se centrava no Templo de

Jerusalém. Foi instituído pelos judeus depois do seu traumático cativeiro da Babilónia e estava num estado de constante fluxo. Mas nem todos os judeus tinham estado exilados, e a sua versão do judaísmo desenvolveu-se de forma distinta e era muito diferente da dos ex-cativos que regressaram. A religião dos não-exilados era praticada, particularmente, na Samaria e na Galileia, a norte, e na Idumeia, a sul da Judeia.
A Galileia, no entanto, não era um viveiro de judaísmo fervoroso - de qualquer tipo. De facto, apenas durante um curto espaço de tempo, ela fizera parte do reino de Israel, muitos séculos antes de Jesus, e desde então sofrera a influência de várias culturas distintas. Não era por acaso que a Galileia era considerada a «pátria dos pagãos». Era mesmo mais cosmopolita que a Samaria, situada entre a Judeia e a Galileia. Como escreve Mack: «Seria errado imaginar a Galileia como subitamente convertida a uma lealdade e cultura judaicas."
A Galileia, com o seu bom clima para a agricultura e pesca lucrativa no lago da Galileia, era uma área rica e fértil. Tinha vastas associações comerciais com as outras culturas do mundo helenístico e encontrava-se no centro de uma rede de rotas comerciais que conduziam à Síria, Babilônia e Egito. Era a pátria de gentes de muitas terras e culturas, e mesmo os membros das tribos beduínas eram visitantes habituais. Como indica Morton Smith, as principais influências na religião da Galileia dessa época eram «nativas,

palestinianas, pagano-semitas, gregas, persas, fenícias e egípcias».
Os galileus eram famosos pela sua feroz independência. Mas, nas palavras de Mack, a área não tinha «cidade capital, nem templo e nem hierarquia de sacerdotes». Curiosamente, a mais antiga sinagoga da Galileia data apenas do terceiro século da era cristã.
A região fora anexada a Israel em 100 a.C. e, pouco depois, em 63 a.C., os romanos conquistaram toda a Palestina e transformaram-na numa província do seu império. Quando Jesus nasceu, Israel inteiro era governado pelo rei títere dos romanos, Herodes, o Grande - que era, na verdade, um idumeu politeísta -, mas, na época do seu ministério, o país fora dividido entre os três filhos de Herodes. Herodes Antipas governava a Galileia e (depois de seu irmão Arquelau ter sido forçado a retirar-se para as propriedades da família Herodes, no Sul de França) a Judeia era governada directamente por Roma, por intermédio de Pôncio Pilatos.
No tempo de Jesus, a Galileia era uma região rica e cosmopolita - muito diferente do lugar remoto e rústico da imaginação popular - que nem era predominantemente judaica e para a qual as autoridades de Jerusalém não teriam sido mais populares que os seus senhores romanos.
Uma vez que se tenha compreendido que a Galileia tinha sido muito diferente da imagem tradicional do lugar onde Jesus iniciou o seu ministério, imediatamente se levantam perguntas

sobre os seus verdadeiros objectivos e motivações. Se a Galileia fosse realmente uma cultura sofisticada, sem quaisquer preconceitos fanáticos anti-romanos e pró judaicos, então estava Jesus realmente a tentar incitar a sua população à revolta contra os romanos, como sugerem alguns comentadores modernos? E era a Galileia o lugar mais indicado para lançar qualquer tipo de campanha para reformar o judaísmo, como outros pensam?

Embora existissem judeus na Galileia, havia também muitas outras religiões que coexistiam numa invejável atmosfera de tolerância. Havia mesmo formas «heréticas» de judaísmo que lá floresciam, o que torna ainda mais implausível que a Galileia fosse solo favorável à implantação de qualquer género de reforma judaica. Numa área em que, segundo parece, virtualmente tudo estava associado à religião, uma tentativa de redefinir o judaísmo oficial teria caído em solo improdutivo. E teria feito ainda menos sentido o culminar da missão de Jesus em Jerusalém.

Como afirma Schonfield em The Passover Plot:

[...] os judeus consideravam a Palestina do norte como a pátria natural da heresia... Não conhecemos muito da antiga religião israelita, mas dir-se-ia que ela absorvera muito do culto dos sírios e dos fenícios que não foi erradicado na mesma medida, como aconteceu no sul, pelo zelo reformista de Ezra e dos seus sucessores.

Outro território do norte, que iria ser importante para Jesus, era Samaria, tornada famosa pelo episódio do Bom Samaritano. Devido aos inumeráveis sermões sobre o tema, os fiéis julgam que os samaritanos eram injuriados pelos outros judeus, e que o samaritano que atravessou a estrada para socorrer a vítima de uma agressão, um exemplo perfeito da necessidade de reconhecer o potencial de toda a gente para o bem.

Mas há outra razão para levar a sério o samaritano, no contexto desta investigação. Os samaritanos tinham as suas próprias expectativas de um Messias iminente, a quem chamavam o Ta'eb, e que era bastante diferente da versão judaica. No Evangelho de João (4:6-10), lemos o relato do encontro de Jesus com uma mulher samaritana junto a um poço; a mulher reconheceu-o como o Messias - presumivelmente, como Ta'eb -, o que sugere que o judaísmo de Jesus era, no mínimo, não ortodoxo. Talvez Jesus inventasse a parábola do Bom Samaritano como uma forma de agradecimento pelo apoio dos samaritanos.

Outro conceito errado sobre os antecedentes de Jesus é a idéia de que ele era «Jesus de Nazaré» - isto é, que viera da cidade daquele nome, que existe no Israel moderno. Mas, de facto, não existem registos de tal lugar até ao século III. A palavra deveria ser nazoreano, que identifica Jesus como membro de uma das várias seitas que, coletivamente, usavam o mesmo nome - mas não

como seu fundador. Os nazoreanos eram um grupo de seitas associadas sobre as quais pouco se conhece. Contudo, a palavra, em si, é significativa porque deriva do hebraico Notsrim, que significa «guardiães ou defensores... aqueles que mantinham a verdadeira doutrina e tradição ou que guardavam certos segredos, que não divulgavam a outros... ».
Isto, em si mesmo, está em oposição a um dos maiores princípios do cristianismo: a religião é para todos e não tem segredos - o pólo oposto das escolas de mistérios, que ofereciam diferentes graus de conhecimento ou de iluminação aos que subiam os degraus, cada vez mais íngremes, da iniciação. Para estes cultos, a sabedoria apenas é concedida se for merecida, e um discípulo recebe o conhecimento apenas quando os seus mestres espirituais o consideram preparado para ele. Este era um conceito muito comum no tempo de Jesus: as escolas de mistérios da Grécia, Roma, Babilônia e do Egito aplicavam, como rotina, estes métodos estruturados e guardavam ciosamente os seus segredos. Atualmente, o método das escolas de mistérios é aplicado por muitas religiões orientais e escolas filosóficas (incluindo o budismo zen) - e também por grupos, como os Templários e os maçónicos. Toda a noção de iniciação é também o que deu o nome a oculto, porque, como vimos, a palavra significa apenas «escondido» - os mistérios permanecem secretos até que seja o momento certo e o discípulo esteja preparado. Se a doutrina de Jesus não era destinada às massas,

então, pela sua própria natureza, era elitista e hierárquica - e oculta. E, como vimos, ao reavaliar a verdadeira posição de Maria Madalena, há demasiadas semelhanças entre as escolas de mistérios e o movimento de Jesus para serem ignoradas.
Há muitas outras idéias erradas sobre Jesus. Por exemplo, a história do Natal é, na sua maior parte, um conto de fadas - fazendo parte dos mitos da natividade dos deuses-que-morrem -, mas há dúvidas de que Jesus tenha nascido em Belém. De facto, o Evangelho de S. João (7:42) declara explicitamente que Jesus não nasceu lá.
Enquanto a maioria dos elementos da natividade derivaram, claramente, dos mitos do nascimento dos deuses-que-morrem-e-ressuscitam, a visita dos magos do Oriente baseou-se num relato contemporâneo da vida do imperador Nero. Estas figuras, por vezes, são conhecidas como magos, que é um título específico atribuído a uma tradição de magos persas - ou mágicos. Parece muito estranho ver o equivalente a três Aleister Crowley a visitar o Menino Jesus para oferecer presentes, sem qualquer palavra de crítica ou censura dos Evangelhos. Sem dúvida que se espera que fiquemos impressionados pela história dos feiticeiros oferecendo a Jesus ouro, incenso e mirra. (Mas, como vimos, Leonardo da Vinci, na sua Adoração dos Magos, omitiu o ouro, símbolo de realeza e perfeição.)
Como vimos, Jesus é referido como um naggar, que significa um carpinteiro e um estudioso ou

homem erudito - neste caso, provavelmente, o último significado. Nem era provável que os mais famosos discípulos de Jesus fossem os humildes pescadores da lenda: A. N. Wilson observa que eles, de facto, possuíam uma empresa de pesca no lago da Galileia. (Além disso, como comenta Morton-Smith, alguns dos discípulos eram claramente não judeus: Filipe é um nome grego, por exemplo.)

Muitos comentadores usaram as parábolas como prova de que Jesus era oriundo de um ambiente humilde: habitualmente, usava analogias que giravam em torno de situações quotidianas rurais e domésticas, e esse fato é tomado como prova de que ele tinha experiência dessas coisas. Outros, no entanto, observaram que as suas imagens revelam apenas um conhecimento superficial das realidades terrenas da vida - como se ele fosse, de fato, uma pessoa muito mais importante, que tentava deliberadamente dirigir-se às massas, como um aristocrata. Um candidato conservador a discursar para eleitores da classe operária em termos que ele espera que lhes sejam familiares.

Ainda que a boda de Cana não fosse, como alguns acreditam, a ocasião do seu casamento com Maria Madalena, mesmo assim revela que ele frequentava círculos «sociais», a julgar pelo grau das celebrações. E o incidente dos soldados romanos que, aos pés da cruz, lançaram sortes sobre as vestes de Jesus implica que valia a pena ganhá-las. Ninguém joga a dinheiro por pedaços de pano inferior.

Assim, começa a emergir um quadro do ambiente básico de Jesus que é muito diferente daquele a que nos habituámos. A questão seguinte é saber se há alguma hipótese que tenhamos razões para colocar. Por exemplo, há alguma prova positiva, nos Evangelhos, a ideia de que Jesus era um não judeu?

Depois do seu batismo, Jesus retirou-se para o deserto, onde foi posto à prova pelo Diabo, que tentou convencê-lo a revelar a sua divindade. Mais uma vez, no entanto, este episódio não é, de modo algum, fácil de compreender. Tem sido sugerido que a tentação revela nada menos do que a implícita rejeição de Jeová por parte de Jesus, Pode ser discutível, mas um episódio reflete, de forma definitiva, a sua atitude em relação ao Deus judaico.

Num dos mais famosos episódios do Novo Testamento, Jesus, cheio de justa cólera, ao ver os cambistas do templo, derruba-lhes as mesas. Apesar de este episódio parecer ser fácil de compreender, levanta um problema importante, um problema que há muito foi reconhecido, tanto pelos teólogos como pelos estudiosos do Novo Testamento.

Embora os atos de Jesus sejam usualmente explicados pelo seu horror ao ver um lugar tão sagrado conspurcado por transacções financeiras, esta é uma atitude muito ocidental e, além do mais, recente. Porque o câmbio de dinheiro, para comprar animais para sacrificar no Templo de Jerusalém, não era nem corrupção nem abuso. Era

uma parte fundamental do culto do templo. Como sublinha John Dominic Crossan, professor de Estudos Bíblicos da Universidade de Chicago: «Não há uma única sugestão de que alguém estivesse a fazer alguma coisa financeira ou sacrificialmente inapropriada.» E acrescenta que foi «um ataque à própria existência do templo... uma negação simbólica de tudo o que... o Templo representava».

Têm sido feitas tentativas para explicar este acto - que foi essencial para o ministério de Jesus - demonstrando que ele expressou o seu desagrado com o regime contemporâneo do Templo. Mas, no contexto dessa época e lugar, teria sido uma reacção tão excessiva que sugeria desequilíbrio mental. Fazendo uma analogia moderna: seria como se um anglicano, que se opunha à ordenação de mulheres, expressasse o seu protesto entrando na Abadia de Westminster e pisando a cruz do altar. Isto não aconteceria, simplesmente porque os crentes sabem traçar a linha divisória entre a acção que é apropriada - embora possa ser simbólica - e o protesto que é, de facto, sacrílego. Jesus fez o segundo.

Assim, o judaísmo de Jesus era, no mínimo, não ortodoxo, o que deixa o campo livre para novas sugestões quanto ao que, de fato, ele era. E há claras indicações de que ele fazia parte de uma escola de mistérios. Mas há alguns episódios dos Evangelhos que indiquem que se poderia tratar deste caso?

No princípio da nossa investigação, foi quase um

choque descobrir que raros investigadores parecem ter feito uma das perguntas que, para nós, era absolutamente fundamental: isto é: «Onde obteve João Batista o ritual do batismo?»
Novas investigações revelaram que ele não tinha absolutamente nenhum precedente no judaísmo, embora referências a abluções rituais - repetidas imersões, simbolizando purificação - se encontrem nos manuscritos do Mar Morto. Contudo, não é exacto descrever estes ritos como «batismos»; o que João defendia era um único e transformador acto de iniciação, precedido por confissão e arrependimento dos pecados. O facto de que este ritual não tinha precedente judaico é indicado pelo título ou cognome de João - João Batista -, o único, não um entre muitos. Na verdade, este ritual tem sido tomado como invenção sua, embora haja, de facto, muitos precedentes e exactos paralelos à margem do mundo judaico.
O baptismo, como o símbolo exterior e visível de uma renovação espiritual, era uma característica de muitos dos cultos de mistérios que existiam no mundo helenístico da época. Tinha uma tradição particularmente longa no antigo culto de mistério egípcio de Ísis e, curiosamente, o batismo, nos seus templos das margens do Nilo, era precedido de arrependimento público e confissão dos pecados ao sacerdote. (Isto será discutido mais a fundo no próximo capítulo.)
Além disso, este foi o único período da longa história da religião de Ísis durante o qual se enviaram missionários para além das fronteiras do

Egito; assim, parece provável que João tivesse sido particularmente influenciado pelo seu ritual de batismo. Pode, como veremos, ter tido experiência pessoal da religião dos egípcios no seu solo pátrio, porque, segundo velhas tradições cristãs, a família de João fugiu para o Egito para escapar à ira de Herodes - tradições que encontraram expressão na Virgem dos Rochedos de Leonardo.

O batismo de Jesus apresenta vários problemas. Em primeiro lugar, e, de modo algum, o menos importante, está a ideia de que um filho de Deus inocente não precisava que o lavassem dos seus pecados. Não é suficiente, para diminuir a sua importância, como muitos têm tentado fazer, explicar que Jesus estava a dar um bom exemplo aos seus adeptos, porque em parte alguma dos Evangelhos isso é considerado importante. Há também, no entanto, anomalias relevantes nas próprias imagens empregues nos relatos dos Evangelhos quando descrevem o baptismo de Jesus celebrado por João. Enquanto Morton Smith observa que a imagem da descida da pomba não tem nenhum paralelo ou precedente na tradição judaica, Desmond Stewart vai mais longe, encontrando ligações definidas com o simbolismo e as práticas do Egipto, e escreve:

Embora Jeová, supostamente, enviasse corvos para alimentar um profeta, não costumava manifestar-se em descidas de aves. As pombas, em todo o caso, eram sagradas para a deusa pagã do amor, quer fosse conhecida por Afrodite ou

Astarte...
Para o que Jesus julgou ver, o Egito oferece melhor orientação... Quando Ré [ou Rá, o deus egípcio do Sol] tomou o seu predilecto, o faraó, nos braços, fê-lo sob a forma de Hórus, cujo símbolo mais comum era o falcão... A adopção, num rito baptismal, de um mortal por uma divindade não punha nenhum problema importante aos egípcios.
Uma importante divindade egípcia, geralmente associada ao símbolo de uma pomba, era, mais uma vez, Ísis, que era conhecida por «rainha do céu», «estrela do mar» (stella Maris) e «mãe de Deus», muito antes de a Virgem Maria ter nascido. Ísis era frequentemente retratada a amamentar Hórus, descendente mágico dela própria e de Osíris morto. Era no festival anual, que assinalava a sua morte, e, três dias depois, a sua ressurreição, que o Sol era descrito como tendo enegrecido quando Osíris morreu e desceu ao Mundo dos Mortos. (E é um sol negro que ilumina a cena da crucificação no mural de Jean Cocteau, em Londres.)
Considerando o extraordinário zelo missionário de alguns grupos de adoradores de Ísis da época e a proximidade geográfica do Egito - para não referir a natureza cosmopolita da Galileia -, não é surpreendente que João, Jesus e aqueles que os seguiam tenham sido influenciados pelo culto de Ísis.
O que é notável é que a maioria dos cristãos ainda seja encorajada a considerar a sua fé como sendo totalmente e, em todos os aspectos, unicamente,

não corrompida por qualquer outra filosofia ou religião, quando, claramente, não é esse o caso. Vejamos, por exemplo, a Ultima Ceia, durante a qual Jesus teria instituído a refeição sagrada de pão e vinho, que iria representar o seu corpo e o seu sangue sacrificiais.
A. N. Wilson escreve: «Isto sugere nitidamente os cultos de mistérios do Mediterrâneo e tem pouco em comum com, o judaísmo.» Depois, usa isto como prova da sua ideia de que a Ultima Ceia foi uma invenção dos evangelistas - mas se ela tivesse realmente acontecido como um ritual pagão?
Desmond Stewart reforça o paralelo, afirmando:

[Jesus] tomou o pão e o vinho, elementos da sociabilidade quotidiana que, no entanto, assinalam o auge do simbolismo osiriano e transformam-nos, não num sacrifício, mas numa ligação entre dois estados de ser.
Os cristãos consideram a refeição sagrada de pão e vinho - o clímax da comunhão protestante e da missa católica - como sendo única de Jesus. De facto, ela já era uma prática comum de todas as mais importantes escolas de mistérios do deus-que-morre, incluindo as de Dionísio, Tamuz e Osíris. Em todos os casos, ela era interpretada como um meio de o crente se identificar com o respectivo deus e de alcançar elevação espiritual (embora os romanos expressassem horror pelo canibalismo implícito que o rito envolvia). Todos estes cultos estavam bem representados na

Palestina, na época da Última Ceia, portanto é compreensível a sua influência.
Dos quatro Evangelhos, é talvez significativo que seja o de João que refere a ceia, mas omite qualquer referência à cerimónia do pão e do vinho - talvez porque não fosse nessa ocasião que ela, de fato, foi instituída. Noutro ponto do Evangelho de João (6:54), é sugerido que a refeição sagrada de pão e vinho foi promovida desde os primeiros dias da carreira de Jesus, na Galileia.
O próprio conceito de comer e beber o Deus - o ritual da missa - é odioso para os judeus. Como escreve Desmond Stewart:

A noção de que o trigo era Osíris, era comum para os egípcios, enquanto uma noção semelhante estava ligada [às deusas] Deméter e Perséfone da própria Hellas [Grécia].

Outro paralelo com as escolas de mistérios - e aquele que não tem paralelo com a fé ou prática judaicas - é a história da ressurreição de Lázaro. Esta é claramente um ato iniciatório: Lázaro é «ressuscitado» na morte e renascimento simbólicos, que era uma característica comum das escolas de mistérios da época e que tem eco em certos rituais da maçonaria moderna. O único Evangelho canônico que regista este episódio - o de João - torna-o milagroso, uma literal ressurreição dos mortos. Mas o Evangelho Secreto de Marcos torna claro que era apenas um acto simbólico, assinalando a «morte» do antigo ser de

Lázaro e o seu renascimento como ser mais espiritual. Possivelmente, este episódio foi suprimido nos outros Evangelhos porque era uma alusão demasiado óbvia às atividades das escolas de mistérios. Mas, no que diz respeito a esta investigação, o aspecto mais significativo deste ritual é que o seu mais direto paralelo era com as cerimónias de «renascimento» do culto de Ísis do Egito. Como afirma Desmond Stewart (referindo-se à mística isiana do primeiro século):

[...] a evidência de Betânia indica que Jesus praticava uma espécie de mistério semelhante à que Lúcio Apuleio experimentou no culto de Ísis.

Mesmo a crucificação reforça a negação judaica de que Jesus fosse o Messias esperado, porque morrer em circunstâncias tão humilhantes era a última coisa que se esperava que um Messias todo-poderoso fizesse. Este facto, por si mesmo, não preocupa excessivamente os cristãos, porque eles afirmam que o seu messianismo ultrapassou, em termos espirituais, o que os judeus esperavam dele. Contudo, há outros problemas com o relato do Novo Testamento sobre a morte de Jesus. Parece que a sua interpretação cristã, como sendo o supremo sacrifício místico, foi, de fato, inventada mais tarde para explicar a discrepância entre o que eram as expectativas judaicas do seu Messias e o que, de facto, aconteceu a Jesus.
Tem sido sugerido que Jesus e os membros do seu

círculo criaram o seu próprio conceito do Messias, incorporando nele o ideal do Justo Sofredor, segundo a figura de José dos escritos judaicos apócrifos. Mas, curiosamente, no norte herético da Palestina - a Galileia - o José «Sofredor» tinha absorvido algumas das características do culto sírio de Adônis- Tamuz. Os eruditos registaram também a influência do Deus-pastor Tamuz no Cântico dos Cânticos, que é, como vimos, tão importante para o culto da Madona Negra. É provável que Jesus se intitulasse o Bom Pastor, à maneira de Tamuz, e que os seus adeptos dessa época estivessem familiarizados com a designação - Belém era um importante centro do culto de Adônis-Tamuz. (É curioso que cristãos, como S. Jerônimo, ficassem exasperados com a existência de um templo de Tamuz no suposto lugar de nascimento de Jesus, em Belém.)

No entanto, é extraordinário que, embora muitos comentadores modernos reconheçam a presença de fortes influências pagãs na vida e nas doutrinas de Jesus, não as explorem para além de uma referência superficial. Por exemplo, como escreve Hugh Schonfield:

Foi necessário que um nazoreano da Galileia compreendesse que a morte e a ressurreição eram a ponte entre as duas fases [a do justo sofredor e a do rei messiânico]. A própria tradição da terra em que Adónis morria e ressuscitava anualmente parecia exigi-lo.

Também Geoffrey Ashe reconhece: «Cristo tornou-se salvador com uma perceptível semelhança com os deuses mortos-e-ressuscitados dos mistérios, Osíris, Adónis e os restantes. Mas o arquétipo que melhor corresponde à vida e à história de Jesus, tal como chegou até nós, é o do deus egípcio Osíris, consorte de Ísis. Tradicionalmente, ele era morto numa sexta-feira e ressuscitava três dias depois. E há indicações de que, nos primeiros tempos do cristianismo, o título «Christos» se confundiu com outra palavra grega, «Chrestos», que significa afável ou bondoso. Mas «Chrestos» era um dos epítetos tradicionais de Osíris - e, curiosamente, existe também uma inscrição em Delos dedicada a «Chreste Ísis». O grito de Jesus, na cruz, é também susceptível duma interpretação pagã. A versão de Marcos, «eloi, eloi!», e a de Mateus, «eli, eli!», são traduzidas como «Meu Deus! Meu Deus! [Por que me abandonaste?]», embora a história registe que algumas das pessoas presentes interpretaram mal a palavra e pensaram que Jesus invocava o profeta Elias, o qual o próprio Jesus associara especificamente a João Batista. Mas, em aramaico, «Meu Deus» deveria ter sido ilahi. Desmond Stewart sugere que a palavra era, de facto, Hélios - o nome do deus-sol, o que é particularmente interessante porque o grito estava associado ao período anômalo de escuridão, ao meio-dia. De facto, segundo um dos mais antigos manuscritos conhecidos do Novo Testamento, os circunstantes pensaram que ele clamava por Hélios, cujo culto - generalizado na

Síria até ao século IV - foi cristianizado com a substituição do nome Elias. E, obviamente, um deus-sol é a quinta-essência da morte e ressurreição cíclicas.
Assim, podemos verificar que Jesus se harmoniza facilmente com a tradição do deus-que- morre, mas este arquétipo não constitui o quadro completo dos antigos mistérios. O deus - Osíris, Tamuz, Atis, Dionísio ou qualquer dos outros - estava inevitavelmente associado à sua consorte, a deusa, que desempenhava, usualmente, o principal papel do drama da sua ressurreição. Como sugere Geoffrey Ashe:

Sempre o deus-companheiro era o trágico e condenado amante da deusa, o qual morria anualmente com a vegetação da natureza e renascia na Primavera...

Era evidente que, se Jesus estivesse realmente a cumprir uma tradição do «Deus Morto», aparentemente havia alguma coisa que não estava presente. Como continua a expor Geoffrey Ashe:

No seu papel de salvador morto-e-ressuscitado, não era fácil compreender que estivesse sozinho. Normalmente, estes deuses nunca estiveram sós... Era impossível imaginar Osíris sem Ísis ou Átis sem Cibele.

Os críticos podem alegar que, porque Jesus não

tinha uma figura de deusa-companheira, não podia ter estado a representar o papel de um deus-que-morre. Ele era, como dizem, único na sua verdadeira divindade e não tinha necessidade de que uma mulher a compartilhasse com ele. Mas... e se ele tivesse uma companheira? E é evidente que teve, e é esta informação que tem sido acalentada, em segredo, por gerações «de heréticos». A Ísis de Jesus era Maria Madalena.
Os egípcios invocavam a sua rainha Ísis como «senhora dos deuses... tu, senhora de vestes vermelhas... dona e senhora do túmulo ...». Tradicionalmente, Madalena tem sido descrita como tendo envergado um vestido vermelho, o que tem sido considerado uma referência a ela ter sido uma prostituta. E foi Madalena que presidiu às cerimônias no túmulo de Jesus.
Interpretemos isto, e muito do que se perdeu e foi deliberadamente obscurecido e distorcido ajusta-se, finalmente, no seu lugar, incluindo a própria natureza do que se pode designar por verdadeiro cristianismo.
Apesar das primeiras impressões, o princípio feminino não está ausente dos Evangelhos - pelo menos, na sua forma original. As famosas palavras iniciais do Quarto Evangelho são: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.» Apesar de o conceito de Verbo (Logos) derivar das ideias do filósofo judaico neo-platônico Filo de Alexandria, contemporâneo de Jesus, nesta versão - a de João - ele parece ser explicitamente Feminino. Logos é um substantivo masculino, mas,

paradoxalmente, o conceito que ele representa parece ser feminino. E evidente que alguma confusão ocorreu quando o Evangelho foi extraído da sua colectânea de textos - e, mais tarde, viemos a compreender o significado das verdadeiras origens deste trecho.
A frase «e o Verbo estava com Deus» é um erro fundamental de tradução, que muda completamente o verdadeiro sentido, mas, ao fazê-lo, elimina convenientemente algumas implicações embaraçosas. Porque as palavras originais gregas são pros ton theon que, literalmente, significam «dirigindo-se para Deus», e têm implícito o significado de um homem procurando a união com uma mulher. Como escreve George Witterschein:

[...] podemos mesmo usar a palavra erótico para descrever um desejo de unicidade para vencer a separação... A chave de tudo isto... era a atração entre homem e mulher, que iguala... a atracção entre o Verbo e Deus.

Por outras palavras, o Verbo é feminino. E, curiosamente, a tradução exata das primeiras linhas do Evangelho de João é:

No princípio era o Verbo, e o verbo procurava Deus, e Deus era o que o Verbo era. Ele estava com Deus, no princípio.

Por conseguinte, o Verbo era uma força

completamente distinta de Deus. É significativo que o Verbo e o Espírito Santo sejam geralmente entendidos como idênticos, embora a designação original do último seja ambiguamente feminina. Era Sophia.
Os conceitos evocados nestas linhas são claramente não judaicos Mas também não são originais dos primeiros anos da «nova» religião do cristianismo emergente. O antropólogo americano e professor de História Religiosa Karl Luckert, que fez um importante estudo da religião egípcia e da sua influência nos conceitos teológicos e filosóficos futuros, não tem dúvidas sobre a sua verdadeira origem quando escreve:

[...] em toda a literatura religiosa, desde o chamado período helenístico, não há melhor epítome da antiga teologia ortodoxa egípcia que o prólogo do Evangelho de João.

Desmond Stewart, em The foreigner, argumenta que Jesus foi educado, se não mesmo nascido, no Egipto. Contudo, ele podia ter sido judeu, porque, nessa época, havia grandes e florescentes comunidades judaicas no Egito. Stewart aponta muitas coisas em Jesus, desde a falta de sotaque galileu à ênfase e implícito ambiente das suas parábolas, que sugerem uma educação egípcia. E, evidentemente, o Novo Testamento relata que Maria, José e o menino Jesus fugiram para o Egipto para escapar à ira de Herodes. Excluindo o incidente em que Jesus interroga os doutores do

Templo de Jerusalém, com a idade de 12 anos, não há nenhuma referência à sua juventude. No entanto, este episódio é claramente uma invenção, porque apresenta Maria e José a expressarem a sua ignorância da divindade de Jesus - imediatamente a seguir à história do seu nascimento miraculoso, que eles teriam conhecido melhor do que ninguém! Assim, nos Evangelhos canônicos, não há nada autêntico sobre Jesus, desde a sua infância até à maturidade. Onde estivera? Por que razão há este silêncio sobre a sua infância e juventude? Se esteve fora do país e envolvido noutra cultura, os autores podem ter sentido que não lhes competia - ou, mais provavelmente, ultrapassava o seu talento - inventar toda uma série de incidentes para preencher a lacuna.

Outras fontes confirmam esta idéia. O livro sagrado judaico, o Talmude, não refere Jesus como sendo natural da Galileia ou como oriundo de Nazaré, mas declara dogmaticamente que ele veio do Egito. Além disso, e talvez mais significativo, o Talmude afirma, de forma inequívoca, que o motivo da prisão de Jesus foi uma acusação de feitiçaria e que ele era um iniciado da magia egípcia. Este conceito foi também o principal impulso do livro de Morton Smith, Jesus The Magician (1978), em que Smith sugere que milagres como a transformação da água em vinho e caminhar sobre as águas eram tão característicos do repertório habitual dos mágicos egípcios como o truque indiano da corda é

dos faquires.
Smith apresenta muitos exemplos de semelhanças entre os milagres de Jesus e os feitiços e encantamentos mágicos que se encontram nos textos dos papiros contemporâneos, assim como estabelece um paralelo com a vida e obras do famoso mágico Apolónio de Tiana (um contemporâneo, mais jovem que Jesus) e com Simão, o Mago. A estes dois homens eram atribuídas capacidades quase idênticas às de Jesus.
Os cristãos podiam alegar que foi apenas uma má interpretação das massas crédulas que deu origem à imagem de Jesus como um ocultista: os seus milagres foram, na verdade, um dom do Espírito Santo. Contudo, esta é uma interpretação tão subjetiva como a anterior e tem, de facto, poucos argumentos em seu favor. Morton Smith chama a atenção para um grande paradoxo do cristianismo:

[...] temos de ter em consideração uma tradição que não só tentava ilibar Jesus da acusação de magia mas que também o venerava como um grande mágico.

Havia muitos mágicos-feiticeiros-itinerantes, de maior ou menor celebridade, no mundo greco-romano da época de Jesus, e a cura e o exorcismo eram um número habitual do seu repertório, como acontece, hoje, com os homens santos indianos e os sacerdotes vodus, entre outros. (Que as

alegadas curas fossem genuínas é uma questão a debater, mas o espanto das multidões é bastante real e o relato oral contribui muito para criar a reputação de Taumaturgo.)
Smith sugere que a designação «Filho de Deus» - que sempre confundiu os teólogos e os estudiosos do Novo Testamento, porque não tem qualquer precedente judaico e não era um conceito associado ao Messias - teve a sua origem na tradição greco-romano-egípcia. O mágico de sucesso adquiria as suas capacidades devido ao seu consentimento em se transformar no canal de expressão de um Deus, como sucede com os xamãs tribais. Assim, sugere Smith, Jesus tornou-se o Filho de Deus em consequência de uma possessão mágica pela divindade.
O milagre da «transformação da água em vinho» das bodas de Cana revelou-se suspeitosamente semelhante a um relato de uma cerimónia dionisíaca, realizada em Sídon, até mesmo nas palavras usadas. E, no mundo helenístico, Dionísio era explicitamente associado a Osíris. Smith cita também dois textos mágicos egípcios que são semelhantes à eucaristia, a comunhão ritual do pão e do vinho, que é considerada tão sagrada pelos cristãos como tendo sido incentivada unicamente por Jesus. Smith escreve - e os itálicos são seus:

Estes são os textos conhecidos mais semelhantes ao texto da eucaristia.
Neles, como neste último, um deus-mágico

entrega o seu próprio corpo e sangue àquele que os recebe e que, ao absorvê-los, ficará unido com ele, em amor.

Mesmo as palavras proferidas por Jesus são semelhantes às destes textos mágicos.
Há outras indicações - de fato, nos próprios Evangelhos - de que Jesus, na época, era geralmente considerado um mágico. No Evangelho de João, as palavras dirigidas a Pilatos, quando Jesus lhe é entregue, são que ele era «um malfeitor». Na lei romana, esta era a designação de feiticeiro. O aspecto mais significativo da investigação de Morton Smith, neste contexto, é o fato de que, embora baseadas inteiramente numa comparação entre os Evangelhos e os papiros mágicos, as suas conclusões correspondem exactamente ao modo como Jesus é descrito no Talmude judaico e nos primitivos textos rabínicos. Estes nunca descrevem Jesus como o judeu que criou uma forma herética de judaísmo, como muitos cristãos modernos o consideram. Em vez disso, estes textos judaicos consideram-no um judeu que se converteu inteiramente a uma nova religião ou como alguém que nunca foi judeu. De fato, eles denunciam-no especificamente como praticante da magia egípcia. O próprio Talmude afirma especificamente que Jesus passou a primeira parte da sua vida adulta no Egipto, onde aprendeu artes mágicas.
Numa narrativa da literatura rabínica, Jesus é comparado a uma figura anterior, Ben Stado. Este

era um judeu que tentara introduzir o culto de diferentes divindades pagãs em paralelo com o de Jeová e que, especificamente, trouxera práticas mágicas do Egito. A narrativa frisa que, do mesmo modo, Jesus dera a conhecer aos judeus práticas mágicas do Egito. Outros textos rabínicos são igualmente explícitos neste ponto: Jesus «praticava magia e enganou e desencaminhou Israel».
É evidente que os judeus, contemporâneos de Jesus, o consideravam um adepto da magia egípcia. O seu crime, aos olhos dos judeus, era ter tentado introduzir ideias pagãs e deuses pagãos em terras judaicas.
O Talmude e outras compilações de textos rabínicos podem ser investigados apenas até ao século III d.C., dando origem a acusações de difamação deliberada por parte dos inimigos de Jesus, os judeus. Contudo, estas acusações do que é essencialmente feitiçaria podiam não ter surgido por pura malícia, como, à primeira vista, podia parecer. A acusação de feitiçaria é uma acusação curiosa para ter sido inventada - e há evidências de que estas ideias sobre Jesus já eram conhecidas.
O mártir Justino, escrevendo c. 160 d.C., relata uma discussão com um judeu, Trifo, que considera Jesus um «mágico galileu». O filósofo platônico Celso, escrevendo c.174 d.C., afirma que, embora Jesus crescesse na Galileia, fora, durante algum tempo, trabalhador assalariado no Egito, onde aprendeu as técnicas da magia.
Como vimos, os evangelistas não viram nada de

indigno ou chocante em registar que os magos prestaram homenagem a Jesus com os seus presentes de ouro, incenso e mirra. Enfaticamente, eles não eram apenas magos ou reis, mas membros de uma irmandade específica e secreta oriunda da Pérsia. E, embora alguns comentadores possam tentar explicar este facto como o reconhecimento simbólico de superioridade do filho de Deus recém-nascido, por parte dos feiticeiros, não há nenhuma sugestão de tal interpretação nos Evangelhos, onde a visita dos magos se destina claramente a provocar espanto e admiração.

Morton Smith observa que - embora a história tenha tendência a minimizá-lo -, os primeiros cristãos, especialmente os do Egito, praticavam magia. Alguns dos mais antigos artefactos cristãos são amuletos mágicos, ostentando imagens de Jesus e inscrições mágicas. A implicação é evidente: a primeira geração dos adeptos de Jesus consideravam- no um mágico, ou porque sabiam que ele o era ou simplesmente porque ele se ajustava perfeitamente ao papel.

Há, no entanto, um rumor muito mais sinistro, que era corrente durante a vida de Jesus, sobre o seu envolvimento com a feitiçaria, um rumor que apenas reforça o dos textos rabínicos, mas que, se fosse verdade, ajudaria a resolver um persistente problema bíblico. Esta bizarra e chocante acusação, que discutiremos depois, pode demonstrar deter a chave de grande parte do mistério que rodeia a relação de Jesus com Batista

e a possível razão da importância de João para os grupos secretos ao longo dos séculos.

Como vimos, há paralelos extraordinariamente evidentes entre a vida de Jesus e a história de Osíris. Mas, talvez ainda mais significativo, muitas das suas palavras autênticas parecem ter saído inalteradas da tradição da religião egípcia. Por exemplo, Jesus disse (João 12:24): «Se um grão de trigo, caindo na terra, não morrer, ficará só: mas se morrer: dá muito fruto.» Esta imagem e conceito provêm inegavelmente do culto de Osíris. E as palavras de Jesus «Na casa de meu Pai há muitas moradas» (João 14:2), que têm intrigado gerações de cristãos, são explicitamente osirianas e provêm diretamente do Livro dos Mortos egípcio.

Mais propriamente chamada Acontecendo de Dia, esta obra era composta por uma série de palavras mágicas com as quais as almas podiam vencer os terrores da vida ulterior e que eram lidas aos moribundos por um sacerdote ou uma sacerdotisa. O conhecimento que Jesus tinha de Acontecendo de Dia sugere familiaridade não só com os textos religiosos do culto de Ísis/Osíris mas com a sua magia - como vimos, religião e magia eram idênticas para os egípcios.

Osíris foi morto numa sexta-feira e o seu corpo desmembrado foi dispersado; Três dias depois, ressuscitou - graças à intervenção mágica de Ísis, que chorara a sua morte pelo país. Nas representações anuais dos mistérios osirianos do Egito, a grande-sacerdotisa, que representava o papel de Ísis, lamentava-se: «Homens perversos

mataram o meu amado, e não sei onde está o seu corpo»; quando, finalmente, volta a reunir o seu corpo desmembrado, ela diz: «Eis que te encontrei jazendo ali... Oh, Osíris, faz viver, ressuscita o infeliz que jaz ali! Eu sou Ísis.» O sacerdote que representava o papel de Osíris levantava- se e mostrava-se aos seus adeptos, que manifestavam a sua dúvida e espanto por esta ressurreição milagrosa.
Comparemos a primeira frase com as palavras de Maria Madalena dirigidas ao «hortelão» (que vem a ser Jesus): «Levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.» (Naquela cultura, «meu Senhor» era uma expressão usada pela esposa relativamente ao marido.) Talvez também fosse celebrado no túmulo de Jesus um ritual em que Maria Madalena proferisse as palavras da deusa egípcia antes de tratar os seus ferimentos. Nos mistérios do deus-que-morre, é a deusa, acompanhada pelas suas servas, que vai ao Mundo dos Mortos para trazer o deus ressuscitado e que esse tenebroso Hades era geralmente representado como um túmulo.
Como, na nossa opinião, Jesus e Madalena estavam a viver a história da morte e ressurreição de Osíris, a opção pela crucificação faz perfeito sentido - porque a cruz já era um antigo símbolo osiriano.
Foi Maria Madalena e as suas companheiras que assistiram ao enterro de Jesus, não apenas porque, como tem sido sugerido, essa tarefa incumbia às mulheres, naquela época, mas

porque eles estavam a desempenhar conscientemente os seus papéis na história de Osíris. Jesus desempenhava o papel de um deus-que-morre e que era ressuscitado graças à intervenção - mágica ou não - da sua «deusa», a sua companheira sexual e espiritual. Maria Madalena. Foi ela quem lhe conferiu o messianismo, ungindo-o ritualmente com o perfume de nardo, e, se estiver correcta a ideia de que ela era rica, talvez a sua influência tornasse possível o rito iniciatório e mágico da crucificação. Com a sua forte confiança nas imagens osirianas e no suposto ambiente egípcio. Jesus pode ter-se submetido voluntariamente aos horrores da crucificação, mas por razões algo irónicas, considerando o conceito que dele fazem os cristãos. Para eles, Jesus é Deus encarnado, mas talvez ele acreditasse que, através de uma morte e renascimento simbólicos, podia tornar-se um deus. A crucificação podia ter sido deliberadamente imaginada e organizada - com o auxílio de determinados subornos - para que Jesus, como Lázaro, pudesse renascer, à maneira das escolas de mistérios osirianas, sob a forma do próprio Osíris. Isto é tanto mais provável se Jesus, de facto, se considerasse de descendência real - a descendência de David - porque um faraó morto transformava-se automaticamente «num Osíris», e tornava-se rei dos céus e devastador do Reino dos Mortos, devido à intervenção mágica de Ísis. Jesus esperava emergir do túmulo impregnado de poder divino? Talvez esta ideia explique um dos mais

persistentes mistérios da cristandade - se Jesus morreu, ou não, na cruz.
Muitas pessoas acreditam que Jesus não morreu. Certos Evangelhos gnósticos, o Corão e alguns dos primeiros cristãos heréticos - e, talvez, o Priorado de Sião - adoptaram a ideia de que um substituto (possivelmente Simão de Cireneia) tomou o seu lugar, enquanto outros pensam que ele sofreu a crucificação mas foi descido da cruz vivo e que a sua «ressurreição» se referia apenas a ser curado dos ferimentos. Certamente que Leonardo acreditava que ele vivia quando foi descido da cruz: o sangue ainda corre na imagem do homem representado no seu forjado «Santo» Sudário de Turim, e o sangue não circula num cadáver. (Mesmo que a nossa tese esteja errada, e que Leonardo não forjasse o sudário, quem o forjou também devia ter acreditado que Jesus não morrera na cruz - e se, contra todas as evidências, for realmente o Sudário de Jesus, então ele prova claramente que Jesus estava vivo no túmulo.)
É evidente que podia ser por acidente que Jesus tenha sido retirado ainda vivo e que a versão oficial da sua morte e crucificação esteja mais próxima da verdade do que nós estamos. Mas há demasiadas objecções lógicas. Os soldados romanos invasores eram pessoas práticas, e os seus funcionários eram torturadores e carrascos experientes. Contudo, somos informados de que eles concluíram apressadamente as execuções daquela sexta-feira - quebrando as pernas dos ladrões crucificados, por exemplo, para que

estivessem enterrados antes que o sábado começasse. Devemos acreditar seriamente que, exactamente os romanos, se preocupassem a esse ponto com o costume judaico, ou, embora se preocupassem, eles se esqueceriam de que o crepúsculo de sexta-feira assinalava o fim da tortura da crucificação, mesmo que ela tivesse começado apenas algumas horas antes?
A crucificação era a pior das mortes imagináveis, porque a vítima demorava dias a morrer. Era esse o objectivo. Então, nesse caso, por que foi alguém crucificado numa sexta-feira, quando teria de ser descido da cruz, vivo ou morto, ao pôr do Sol desse mesmo dia?
É certo que houve um julgamento e houve uma crucificação. Mas parece que Jesus e o seu círculo interno - que incluía a «família de Betânia» - engendraram deliberadamente os acontecimentos para realizar algum plano particular. The Passover Plot de Hugh Schonfield explica elegante e convincentemente como isso aconteceu, mas não explica por que razão, se Jesus pretendia apresentar-se como o Messias, escolheria ser crucificado, porque uma morte tão humilhante nunca teria sido o destino do tão esperado herói judaico.
Contudo, a encenação ultrapassa fazer prender e crucificar Jesus. Há anomalias nos Evangelhos que despertam graves suspeitas. O espaço de tempo concedido à crucificação de Jesus foi, como vimos, notavelmente curto e, enquanto aos ladrões teve de ser dado o coup de grace, pelos soldados

romanos, para que morressem antes do sábado, Jesus prestou-lhes o favor de morrer antes do pôr do Sol. Muitas pessoas têm sugerido que alguma droga - um poderoso narcótico - tenha sido administrada a Jesus na esponja, quando pendia da cruz, o que lhe deu a aparência de morto. Neste caso, devemos presumir que os conspiradores tinham subornado os guardas para fingirem não ver. Estas pistas sugerem que a conspiração estava relacionada com a montagem de uma representação muito cínica: a crucificação era a maneira mais pública de anunciar uma morte, e, depois de a ter anunciado, qualquer aparente regresso à vida seria considerado milagroso.

A própria natureza deste plano revela por que tinham de ser os romanos, não os judeus, a prender e condenar Jesus. Se os judeus o tivessem declarado culpado, ele teria sido apedrejado, e teria sido impossível simular uma morte por apedrejamento.

Mas o que esperavam conseguir os conspiradores com este complicado - e arriscado - subterfúgio? Afinal, como vimos, um criminoso crucificado nunca podia ser reconhecido como o Messias: os judeus não esperavam que o Messias fosse crucificado nem que ressuscitasse dos mortos. Esta interpretação das suas expectativas simplesmente não existia.

O plano, por conseguinte, não correspondia aos moldes da tradição judaica. Contudo, adaptava-se a um conceito não judaico, o do deus-que-morre-e-ressuscita, que estava no âmago dos cultos das

grandes escolas de mistérios. Os judeus recusavam este conceito: para eles, existia apenas um Deus e era inconcebível que ele fizesse parte de um culto de derramamento de sangue, porque consideravam, impuro e repulsivo tudo o que se relacionasse com sangue e a sepultura. Contudo, os países do Médio Oriente e do Mediterrâneo estavam repletos do culto destas divindades.
Nunca é de mais frisar que a história da morte e da ressurreição de Jesus não era, de modo algum, única. No contexto da proliferação dos cultos do deus-que-morre daquela época, Jesus pretendia, obviamente, ser associado a um deles. Mas com qual? E que esperava ele ganhar com este doloroso e perigoso plano?
Como já vimos, o grito de Jesus, na cruz, pode ser interpretado como sendo «Helios! Helios!» («Oh, Sol, oh Sol!»). A morte de Osíris, tradicionalmente, é representada como um sol negro - por outras palavras, o abandono da luz, que tem, pelo menos, igual direito ao grito de Jesus: «Oh, Sol! Oh, sol! Por que me abandonaste?"
É evidente que parece que Jesus estava, de algum modo, a viver a história de Osíris naquela longínqua sexta-feira.
Há muitas perguntas sobre a Ressurreição a que não se pode responder, partindo do princípio de que a ideia cristã da morte verdadeira e de ressurreição literal de Jesus está errada. Por exemplo, em que estado se encontrava quando foi descido da cruz - estava em coma, no túmulo, ou

apenas ferido mas consciente? O que lhe aconteceu depois? Partiu da Palestina, como alguns sugeriram, e viajou para lugares distantes, como a índia? O que aconteceu à sua relação com Madalena, que parece ter embarcado para a Gália sem ele? Seja qual for a verdade da questão, o Jesus dos Evangelhos desaparece da história após a sua alegada ressurreição.

Essencialmente, os Evangelhos divergem após a descoberta do túmulo vazio. Os relatos do Novo Testamento sobre as aparições de Jesus ressuscitado e a sua alegada ascensão ao céu são uma irremediável confusão - inconsistentes, mesmo como mitos. É evidente que os não-cristãos aproveitam esta confusão de histórias como prova da sua invenção, e nós estaríamos de acordo. Contudo, apesar desta confusão, como observa Hugh Schonfield, pode discernir-se, claramente, uma fonte: o encontro de Jesus ressuscitado com dois discípulos, na estrada para Emaus, foi extraído da obra isiana de Lúcio Apuleio, O Asno de Ouro.

Embora o conceito de uma futura ressurreição física faça parte da fé judaica, o que aconteceu, quando Jesus alegadamente ressuscitou, não se adapta ao pensamento judaico. A ideia tradicional é que os justos ressuscitarão todos juntos, no fim dos tempos: Jesus, aparentemente, desafiou este plano, ressuscitando, enquanto os seus seguidores ainda jazem nos seus túmulos. Depois, ascendeu ao céu, sem deixar vestígios físicos, embora prometesse que o seu ser espiritual ficava

acessível aos seus seguidores - na verdade, esta continuada presença espiritual foi um dos motivos principais por que a nova religião cristã se mostrou tão atractiva para o mundo romano, e, em grande parte, por que ela ainda tem tanto poder sobre milhões de corações e de mentes.
Como observa Karl Luckert, os modernos comentadores, apesar de reconhecerem que este conceito da continuada presença espiritual de Jesus não é judaico, não apresentam quaisquer idéias sobre o seu contexto e antecedentes. Então, de onde veio esta ideia?
A análise erudita de Luckert mostra, de forma conclusiva, que o conceito duplo da ressurreição única de Jesus e da sua continuada presença espiritual remontam, sem sombra de dúvida, à teologia egípcia. Como ele explica, a teologia egípcia:

[...] tornou possível acreditar que o filho de Deus ressuscitou... e, assim, regressou para junto do pai. Explicava também por que, durante algum tempo, antes de ter ascendido definitivamente ao céu, se verificaram algumas aparições de Cristo... Também em harmonia com a lógica egípcia estava o conceito de que, embora Cristo Jesus já tivesse voltado para junto do pai, ele permaneceria, não obstante, eternamente presente entre os seus seguidores.

Mais uma vez, vemos que conceitos, que são centrais para a religião cristã - que têm sido

acalentados como prova da singularidade e divindade de Jesus -, não resultaram, completamente formados, da sua vida e das suas doutrinas. Nem nasceram do tipo de judaísmo herético, que é tão frequentemente evocado para explicar a sua gênese.

O conceito de ressurreição individual e da vida eterna do espírito depois da morte veio do Egito: ali, ele era aceite como um fato. E a noção da presença continuada e reconfortante do espírito, depois da morte, foi extraída directamente das crenças que rodeavam a morte dos faraós, os quais, segundo se supunha, guiavam o povo a partir do mundo invisível.

Vimos que os acontecimentos cruciais da vida de Jesus parecem estar em harmonia com a história de Osíris e que o papel da sua companheira, Maria Madalena, condizia com o de Ísis. Mas há ainda outro ponto a considerar neste contexto.

Enquanto o arquétipo de Osíris corresponde claramente ao desempenho consciente do papel por Jesus - «morrer» a uma sexta-feira, a sua morte ser chorada por «Ísis» e ressuscitar três dias depois -, era a deusa que, através da magia, tornava a ressurreição possível. Nunca é de mais frisar que o seu papel não era um papel secundário.

Ísis era considerada a Criadora: como narram as Escrituras egípcias: «No princípio era Ísis, a Mais Antiga das Antigas.» Ela era a deusa «da qual todas as coisas nasceram» e, segundo uma invocação tradicional: «[...] tu és a criadora de

todas as coisas boas.» E, mais do que isso, Ísis - não Osíris - era a salvadora original, sendo descrita por Aristides, um iniciado nos seus mistérios, como «uma Luz e outras coisas inexprimíveis, conducentes à salvação», enquanto Lúcio Apuleio a invocava assim:« Tu, Santa e eterna Salvadora da raça humana... tu dás a luz ao Sol... Tu calcas a morte a teus pés.» Os eruditos admitem que os primeiros cristãos introduziram no seu movimento certos aspectos do culto de Ísis, tal como o conceito de que uma crença na deusa conferia a vida eterna. Também se apoderaram de muitos dos seus templos. Um desses santuários era o de Sais, uma antiga capital do Egito, que foi transformado numa igreja da Virgem Maria no século III. Mil anos antes, como templo da grande deusa Ísis, ele ostentara a inscrição «Eu sou tudo o que era, o que é, e o que ainda virá» - a qual, muito mais tarde, foi introduzida no Livro da Revelação (1:8), como palavras de Jeová.
A influência do culto de Ísis encontra-se patente até nos Evangelhos canónicos. Por exemplo, uma das mais famosas máximas de Jesus é:«Vinde a mim, todos os que estais sobrecarregados, e eu vos aliviarei.» Devido à sua proposta de conforto e de amor, no meio da luta da vida, esta máxima é afixada em cartazes, no exterior de muitas igrejas, e precedida da frase «Jesus disse». De facto, esta mesma frase - palavra por palavra - foi integralmente extraída das máximas de Ísis. Ainda hoje pode ser vista inscrita acima da porta de um templo de Dendera, que lhe era dedicado. De

qualquer modo, o socorro proposto na frase é, certamente, o de uma mãe.
Se, como pensamos, Jesus e Maria Madalena eram iniciados do culto de Ísis e dos mistérios de Osíris, então, o «cristianismo» devia ter sido muito diferente da religião patriarcal e de temor a Deus em que ele depressa se transformou. E os seus antecedentes, essencialmente pagãos, lançam, finalmente, alguma luz sobre alguns dos mais persistentes enigmas do Novo Testamento.
O dilema básico foi sempre tentar conciliar a existência de um Jesus histórico com os elementos óbvios das escolas de mistérios egípcias, que se encontram nas histórias sobre Jesus. Em consequência directa deste problema, os comentadores seguiram um de dois caminhos: ou, como Ahmed Osman, concluíram que Jesus não existiu ou, como A. N. Wilson, afirmam que as referências de escolas de mistérios nunca fizeram parte da história original, mas foram introduzidas mais tarde.
No entanto, estes dois elementos, aparentemente inconciliáveis, podem, como já demonstramos, fazer sentido, se considerados em conjunto. A hipótese de que Jesus era de religião judaica é que tem impedido que uma solução clara e simples seja reconhecida. Se, por outro lado, a sua religião era estranha à tradição judaica, então tudo se explica.
Não se pretende afirmar que os discípulos de Jesus não eram judeus nem que a sua campanha não fosse deliberadamente dirigida aos judeus. Mas,

como vimos, é evidente que havia um «grupo-mestre-títere» por detrás do movimento, do qual fazia parte, certamente, a «Família de Betânia».
O movimento de Jesus compreendia um círculo interno e outro externo, as versões esotérica e exotérica do culto. Ironicamente, a maioria dos discípulos e as fontes das quais os Evangelhos foram extraídos faziam parte do último, o grupo que, deliberadamente, Jesus mantinha na ignorância da sua verdadeira mensagem e agenda. Por radical e bizarro que possa parecer a princípio, é esta exactamente a situação retratada nos Evangelhos de forma repetida - em que discípulos, como Pedro, se confessam totalmente perplexos com as doutrinas e as intenções de Jesus. Mais crucialmente, o círculo exterior dos discípulos não tinha a certeza das ambições de Jesus, nem mesmo do seu verdadeiro papel.
Os eruditos têm-se confessado perplexos com esta questão básica: por que razão o cristianismo - entre todos os cultos do Messias daquela época e lugar - teria sido o único a sobreviver e a florescer. Como vimos, a razão por que o movimento de Jesus foi quase o único destes grupos a ganhar terreno e a subsistir, para além da Judeia, era o facto de ele já ser reconhecível como um culto de mistério. O segredo da sua atração residia no facto de ser totalmente um híbrido, uma mistura de certos aspectos do judaísmo e de elementos pagãos das escolas de mistérios. O cristianismo era único porque era tranquilizadoramente familiar a muitos judeus, e também aos pagãos,

sendo, ao mesmo tempo, excitantemente diferente.
O cristianismo, como uma nova religião, nasceu da dinâmica que se gerou quando os convertidos de várias etnias e religiões tentavam fazer a sua própria interpretação dos elementos individuais - e, por vezes, contraditórios - deste híbrido.
Os seus seguidores eram constantemente confrontados com a luta para adaptar o arquétipo do deus-que-morre-e-ressuscita ao molde clássico do Messias, e vice-versa; e foi esta mistura impossível que se tornou o Cristo da Igreja.
É evidente que muitos podiam contestar os antecedentes egípcios do cristianismo, citando o tom, geralmente, judaico dos Evangelhos. Logicamente, podiam apontar que este tom é a prova de que dispomos relativamente à natureza da primitiva religião e que implica, certamente, que ela tinha raízes judaicas. No entanto, os Evangelhos do Novo Testamento não incluem a única prova disponível, embora sejam tudo o que a Igreja gostaria que conhecêssemos. Como vimos, o vasto conjunto de obras conhecidas colectivamente como Evangelhos gnósticos foi ocultado aos cristãos durante muitos séculos - e o quadro dos primeiros tempos do cristianismo, evocado por eles, não é, certamente, o de uma seita cismática judaica. O que os Evangelhos gnósticos descrevem é uma escola de mistérios egípcia. Alguns eruditos, como Jean Doresse - no seu estudo dos documentos de Nag Hammadi -, reconhecem a influência difusa da teologia egípcia

nos textos gnósticos. Repetidamente, nestes Evangelhos, tanto tempo ignorados, encontramos óbvios conceitos egípcios, que são mais notáveis em Pistis Sophia, cuja cosmologia está em harmonia com a do Livro dos Mortos egípcio. Os Evangelhos gnósticos usam até a mesma terminologia; por exemplo, usam a palavra egípcia Amente, que significa «Inferno».

Durante séculos, os cristãos acreditaram que os Evangelhos do Novo Testamento estavam «certos» - histórica e espiritualmente - enquanto os livros gnósticos estavam «errados». Supunha-se que Mateus, Marcos, Lucas e João tivessem sido divinamente inspirados, enquanto os outros (se, de facto, os conhecessem) eram considerados como um absurdo. Mas, como esperámos demonstrar, há fortes razões para considerar que as obras gnósticas são, pelo menos, igualmente dignas da nossa atenção.

Os Evangelhos gnósticos foram rejeitados pelos padres da Igreja por razões de autodefesa, porque estes textos apresentavam uma imagem muito diferente do cristianismo; uma imagem que não seria do seu interesse apoiar. Estes livros excluídos não só têm tendência a acentuar a importância de Maria Madalena (e das outras discípulas) mas apresentam também uma religião que tinha as suas raízes - ao contrário da dos livros do Novo Testamento - na teologia egípcia. O cristianismo não se destinava a ser um patriarcado nem um desenvolvimento, embora herético, do judaísmo. É inegável que os Evangelhos do Novo Testamento

foram escritos pelos discípulos judeus de Jesus, mas, ironicamente, eles parecem ser os que têm menor compreensão do que ele representava, os que tentaram explicá-lo no seu próprio contexto cultural e religioso. Por outro lado, parece que os Evangelhos gnósticos apresentam um quadro mais autêntico das origens da sua religião - e mesmo dos antecedentes e crenças do próprio Jesus.

Mas a questão permanece: o que esperavam ganhar Jesus e o seu círculo interno com a divulgação do que era, essencialmente, uma mensagem pagã na pátria do judaísmo?

A religião original dos hebreus era, como a de todas as outras culturas antigas, politeísta - venerando deuses e deusas. Só mais tarde emerge Jeová como a divindade proeminente, e os sacerdotes reescrevem efectivamente a sua história para eliminar - não muito compreensivelmente - o antigo culto das deusas. (E, em consequência, o estatuto das mulheres enfraqueceu acentuadamente, tal como aconteceu no primitivo cristianismo, pela mesma razão.)

O antropólogo Raphael Patai, de naturalidade húngara e estudioso da Bíblia, na sua importante obra The Hebrew Goddess, demonstrou, de forma conclusiva, que os judeus veneraram outrora uma divindade feminina. Entre os muitos exemplos do culto hebraico da deusa, ele cita o exemplo do Templo de Salomão: apesar da tradição, ele não foi construído apenas em honra de Jeová, mas para celebrar também a deusa Asherah. Patai escreve:

[…] o culto de Asherah, como consorte de Jeová… era um elemento integral da vida religiosa do antigo Israel, anteriormente às introduzidas pelo rei Josiah, em 621 a.C. O Templo de Salomão foi construído segundo o modelo dos templos fenícios, os quais, por sua vez, tiveram como modelo os do antigo Egito. Vários eruditos acreditam que as imagens gravadas na Arca da Aliança representavam Jeová e uma divindade feminina. Os querubins, representados na arca, eram também imagens da deusa - as gravuras dos dois querubins encontrados no palácio do rei Ahab, na Samaria, são idênticos às representações clássicas de Ísis.

Judeus heréticos, veneradores da deusa, continuaram a florescer em várias áreas, especialmente no Egito. Mesmo no judaísmo oficial, a deusa sobreviveu «escondida», sob duas formas principais. Uma é a personificação de Israel como uma mulher; a outra, a figura da Sabedoria - Chokmah, em hebraico, ou Sophia, em grego. Embora geralmente explicada como uma alegoria da sabedoria divina de Deus, é evidente que Chokmah tem outro significado: a sabedoria é retratada como mulher e como tendo coexistido com Jeová desde o princípio.
Esta figura é, actualmente, reconhecida como tendo a sua origem nas deusas das culturas circundantes. Em particular, Burton L. Mack descobriu a influência das deusas egípcias Maat e

Ísis.
No tempo de Jesus, o judaísmo não perdera completamente as suas origens pagãs: em todo o caso, alguns judeus converteram-se a religiões estrangeiras durante o período do domínio grego e romano - por exemplo, a Revolta dos Macabeus, no meado do século II a.C., estava relacionada com a cisão provocada por judeus apóstatas que veneravam, entre outros, o deus Dionísio.
O elemento pagão do culto da deusa, no judaísmo herético, podia explicar muito sobre Jesus, os seus verdadeiros motivos e a sua missão. Sem esta consideração, há uma aparente contradição: enquanto, se for considerado isoladamente, virtualmente tudo o que Jesus disse ou fez pode ter a sua origem numa escola de mistérios - provavelmente, a de Ísis e/ou Osíris - também há evidências de que ele desempenhou conscientemente o papel de Messias judaico e de que a maioria das pessoas que o seguiam o consideravam como seu rei. Até alguns eruditos, muito respeitados, rejeitaram todo o material messiânico sempre que ele não correspondia às suas hipóteses: se o seu procedimento estiver correcto, então Jesus era certamente um iniciado de uma escola de mistérios. Mas, para nós, a rejeição deste material é insatisfatória, porque ela significaria que vários episódios dos Evangelhos - como a entrada de Jesus em Jerusalém, montando um jumento - são puras invenções. Embora haja alguns episódios demonstravelmente fictícios nos Evangelhos (principalmente os relacionados com a

infância de Jesus), há provas convincentes de que estas partes são autênticas. Como vimos no Capítulo XI, os acontecimentos que conduzem à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém parecem ter sido planeados de antemão, por exemplo, no suprimento do jumento que Jesus devia montar, em cumprimento das profecias messiânicas. A prova destes preparativos encontra-se nos próprios relatos dos Evangelhos, contudo, os autores não compreendem o seu significado. Se os evangelistas tivessem inventado este episódio, certamente não teriam inventado esta evidência.

Assim, quais eram os verdadeiros objectivos e motivos de Jesus? Ele podia estar a aproveitar a mania messiânica, corrente na época, para reintroduzir o culto da deusa - afinal, mesmo que ele fosse, como foi reivindicado em seu nome, da descendência real de David, isso não seria um obstáculo, porque o próprio rei David fora um venerador do culto da deusa, assim como o fora o rei Salomão. Talvez Jesus fosse um sacerdote adorador de Ísis que tentava apresentar uma versão aceitável da religião de Ísis/Osíris aos judeus ou usar o desejo de um Messias para favorecer planos mais secretos, a longo prazo, e que envolviam iniciações esotéricas, talvez culminando na crucificação. E, como Jesus, o Nazoreano, ele fazia parte de uma «família» primitiva de seitas heréticas que, segundo se supõe, transmitiram a forma original de religião. Podemos apenas especular sobre a natureza das crenças nazoreanas, mas, no que dizia respeito a

Jesus, elas harmonizavam-se perfeitamente com as suas convicções de escolas de mistérios. Seja qual for a verdade da questão, Jesus não era tanto o filho de Deus como um dedicado filho da deusa.
A idéia de que Jesus tentava reintroduzir o culto da deusa, junto do povo de Israel, é uma boa solução, e é exactamente a ideia atribuída Jesus no Levitikon, o texto-chave do movimento joanino. Nele, Jesus é um iniciado adorador de Osíris que compreende que a religião original de Moisés e das tribos de Israel era a do Egipto e que os judeus tinham esquecido que existia também uma deusa. É evidente que nada disto constitui prova definitiva, mas há - como veremos no próximo capítulo - forte apoio a esta hipótese, vindo de quadrantes muito surpreendentes.
Por espantoso que possa parecer, as semelhanças entre o cristianismo primitivo e o culto de Ísis e Osíris foram, de fato, reconhecidas pela Igreja primitiva. Na verdade, as duas religiões eram concorrentes declaradas aos corações e mentes das mesmas pessoas; exceptuando a insistência dos cristãos em que o seu fundador era um homem verdadeiro, as duas religiões eram virtualmente idênticas.
O culto de Ísis, que existia no tempo de Jesus, não era exactamente o mesmo que florescera no Egipto antes da ascensão do império helenístico - os seus atributos tinham mudado, à medida que ele absorvia os das outras deusas. No século IV a.C. durante o domínio grego do Egipto, emergiu um novo culto de Ísis e Serápis (a forma grega de

Osíris), que era essencialmente uma mistura de diferentes escolas de mistérios. Este culto atingiu Roma antes do ano 200 a.C., tendo já grande expansão no império. O principal centro de culto, no entanto, mantinha-se no Egipto, no Serapeu de Alexandria, embora existisse outro centro em Delos.
As classes populares de Roma amavam o culto de Ísis e abraçaram-no sinceramente. Estes movimentos de massas foram sempre encarados com suspeita pelas autoridades, que viam neles o potencial para a subversão em grande escala; portanto, os adoradores de Ísis de Roma foram vítimas de frequentes perseguições. Por fim, o Senado decretou a destruição dos templos de Roma dedicados a Ísis e a Serápis - mas, apesar de conhecerem as consequências, não se encontrou nenhum trabalhador para executar a tarefa. O culto foi oficialmente abolido por Júlio César.
Contudo, em 43 a.C., o triunvirato, inesperadamente, ordenou a construção de um novo templo de Ísis-Serápis. Esta ordem pode ter sido consequência direta da famosa ligação amorosa entre Marco António e Cleópatra - ela fazia-se representar como Ísis e o seu amante como Osíris ou Dionísio. O próprio Marco António preferia ser conhecido como o novo Dionísio. Durante o seu reinado, Cleópatra assegurou-se de que o culto de Ísis fosse a religião nacional do Egito.
A mais severa perseguição dos adoradores de Ísis de Roma aconteceu durante o reinado do

imperador Tibério, em 19 d.C., quando os sacerdotes foram crucificados e 4.000 adoradores de Ísis foram expulsos. Esta perseguição coincidiu com a dos judeus de Roma. A razão desta dupla reacção excessiva não é clara. Josefo regista a história, atribuindo-a a um escândalo em que um dos sacerdotes adoradores de Ísis ajudara um nobre romano a seduzir a esposa de outro homem no seu templo, mas, considerando o padrão habitual da moral da alta sociedade romana, este acontecimento dificilmente teria causado algum espanto. Parece que Josefo tentava fazer a distinção entre a perseguição dos adoradores de Ísis e a dos judeus, mas a verdadeira razão parece ser o facto de os primeiros terem estado envolvidos num tumulto civil.
Nessa época, uma coisa extraordinária acontecia à religião de Ísis. Como escreve R. Merkelbach, em Man, Myth and Magic:

É evidente que a «igreja» de Ísis tinha uma missão durante o período imperial... Não há, por conseguinte, qualquer dúvida de que estava a ser feita propaganda.

No primeiro século d.C., a sorte favoreceu o culto, e ele ganhou algum apoio junto das classes mais elevadas e mesmo dos imperadores. Calígula - que dificilmente é um bom exemplo - promoveu a construção de templos e instituiu festivais adoradores de Ísis. Cláudio e Nero sentiram-se atraídos pelos cultos das escolas de mistérios, em

geral, e interessaram-se pelo de Ísis. Vários dos últimos imperadores de Roma foram seus devotos.
O culto de Ísis continuou publicamente, até ao fim do século IV, mas o seu maior rival foi o cristianismo. Em 391 d.C., os cristãos destruíram o Serapeu de Alexandria e tomaram medidas para suprimir o culto, onde quer que fosse praticado. O último festival de adoradores de Ísis oficial da antiguidade foi celebrado em Roma, em 394.
Por que era tão popular o culto de Ísis - que tinha ele a oferecer aos seus seguidores?
Como vimos, ele estava relacionado com a salvação e a redenção pessoais e conferia aos seus devotos as bênçãos de uma vida eterna depois da morte. Como escreve Sharon Kelly, em The Cult of Ísis among Women in the Graeco-Roman World (1975).
Ísis, eventualmente, transformou-se numa deusa salvadora, no sentido essencial da palavra. A redenção individual podia obter-se através da participação nos seus mistérios. A crença na possibilidade de conseguir a imortalidade era a mais persistente das suas doutrinas.
Também Merkelbach comenta o culto de Ísis:

Era popular porque apelava ao desejo de salvação individual (como o cristianismo). E ideias filosóficas platónicas associaram-se a ele [como aconteceu com o cristianismo].
Os pecados eram confessados e perdoados através da imersão em água...

S. G. F. Brandon sublinha que os dois conceitos - imersão para simbolizar a purificação espiritual e a consequente regeneração - estavam reunidos nos rituais das escolas de mistérios de Osíris do Egito e que:

Este processo duplicado de obtenção de uma imortalidade abençoada não volta a encontrar- se até à emergência do cristianismo.

Na verdade, há estreitos paralelos entre a descrição do baptismo, tal como é feita por Paulo, e a das escolas de mistérios osirianos.
Como no cristianismo, a salvação pessoal do crente estava ligada ao seu arrependimento. De facto, no mundo romano posterior, apenas estas duas religiões partilhavam esta ênfase no arrependimento.
Há outra semelhança surpreendente - e única - entre as práticas do culto de Ísis e as da futura cristandade católica. Era o conceito de confissão: o devoto confessava os seus erros ao sacerdote, que, em nome do crente, implorava o perdão de Ísis.
Outro costume que a Igreja primitiva partilhava com os adoradores de Ísis - apesar da má interpretação moderna - é o papel activo desempenhado pelas mulheres, embora algumas estimativas sugiram que, em ambos os casos, o número de sacerdotes excedia o de sacerdotisas. Mesmo assim, em termos de participação e de estatuto espiritual, os sexos eram considerados

iguais.
O culto de Ísis, de modo geral, enfatiza o aspecto maternal da deusa, celebrando os seus atributos de mãe e de esposa, embora não ignorasse os outros aspectos da natureza feminina. Consequentemente, como vimos, a trindade familiar de Ísis, Osíris e Hórus exercia uma forte influência sobre a vida do crente: homens, mulheres e crianças, todos se sentiam compreendidos pelos seus deuses. Os leigos, em geral, desempenhavam um papel activo na religião - ao contrário do controlo total exercido pelos sacerdotes de Roma - e existiam muitas associações «leigas», ligadas ao templo.
Sexualmente, os adoradores de Ísis eram encorajados a serem monogamos e a preservar a santidade da família. E, embora vários autores romanos os condenassem pelo seu comportamento imoral, os mesmos autores também se queixavam dos períodos regulares de abstinência sexual exigida pelas suas amantes devotas do culto de Ísis.
No apogeu da religião egípcia, a maior celebração isiana tinha lugar a 25 de Dezembro, quando se comemorava o nascimento de Hórus, filho de Ísis - e, doze dias depois, a 6 de Janeiro, o de Aion, o outro filho de Ísis. Estas duas datas foram adoptadas pelos cristãos - a Igreja Ortodoxa celebra o Natal a 6 de Janeiro. No Egito, os cristãos do século IV celebravam a epifania de Jesus nessa data, adotando também elementos do festival de Aion, incluindo os ritos baptismais, usando água

do Nilo. Em Man, Myth and Magic, S. G. F. Brandon observa a «influência evidente do festival de Ísis nos costumes populares associados à Epifania».
No entanto, muitos dos cultos de mistérios do tempo de Jesus implicavam práticas semelhantes. Por exemplo, era comum declararem que os seus iniciados tinham «renascido», e como escreve Marvin W. Meyer em The Ancient Mysteries:

Normalmente, os mystai [iniciados] partilhavam o pão e o vinho das celebrações rituais, e, por vezes, podem ter-se identificado com o divino ao participarem numa refeição sacramental, análoga à eucaristia cristã. Dizia-se, por exemplo, que as desregradas bacantes de Dionísio comiam a carne crua de um animal nas suas omophagia, ou festas da carne... as descrições das festas da carne crua sugerem que os participantes acreditavam que estavam a consumir o próprio Deus... Nos mistérios de Mitra, os iniciados participavam numa cerimónia que era tão evocativa da «ceia do Senhor» cristã que provou ser um embaraço para o mártir Justino, apologista cristão. Segundo Justino, os mystai mitríacos comiam e bebiam água (talvez uma taça de água misturada com vinho) numa refeição iniciatória - em diabólica imitação, apressa-se a acrescentar, da eucaristia cristã.
Contudo, por muito semelhantes à Igreja primitiva e às doutrinas de Jesus que os outros cultos de mistérios possam parecer, é o de Osíris que tem maior direito a ser a sua inspiração mais directa. S. G. F. Brandon descreve Osíris como «um

protótipo de Cristo».

A história da Igreja primitiva, no Egito, é muito sugestiva no que diz respeito às semelhanças entre o cristianismo e as escolas de mistérios de Ísis/Osíris. Os historiadores reconhecem que há um grande mistério sobre as origens e evolução do cristianismo do Egipto: de tudo o que têm a certeza sobre a questão é que ele foi uma ramificação, muito precoce, do movimento. Na verdade, para uma metrópole tão grande e influente, Alexandria foi virtualmente ignorada pelos autores do Novo Testamento, sendo mencionada apenas uma vez. (Mas essa referência, como veremos, é de particular significado para a nossa investigação.) Verifica-se também uma completa ausência de registos escritos sobre a Igreja, até ao século III d.C.: os eruditos atribuem este fato à completa destruição dos arquivos pela facção cristã dominante. É evidente que havia alguma coisa que inspirava aversão no ramo egípcio do movimento. Talvez uma indicação sobre a sua natureza esteja implícita no facto de que, quando o Serapeu foi destruído, em 391 d.C., muitos crentes se transferiram para a Igreja cristã copta (egípcia). A Igreja copta permanece uma entidade distinta, independente da Igreja de Roma ou da Igreja ortodoxa oriental. Curiosamente, as suas doutrinas são uma mistura óbvia de crenças tradicionais egípcias e cristãs - e ambas foram assimiladas com extraordinária facilidade. Depois de 391, a Igreja

copta adoptou a ankh - a cruz fendida egípcia - como seu símbolo, e ainda o mantém. Mircea Eliade afirma, sem rodeios: «Os coptas consideram-se os verdadeiros descendentes dos antigos egípcios.» Foi na mesma época e no mesmo lugar que tiveram origem tantas peças essenciais do nosso problema. A Alexandria dessa época era um cadinho da síntese de muitos conhecimentos e de muitas ideias, da qual surgiu o hermetismo, o gnosticismo dos textos de Nag Hammadi e a alquimia, na sua forma «moderna». Todos eles eram, na essência, expressões da mesma ênfase no poder transcendental do Feminino e da magia da associação das deusas ao seu deus.

A triste realidade é que, apesar de todas as ligações entre o cristianismo e a religião de Ísis/Osíris terem sido bem conhecidas dos eruditos há, pelo menos, sessenta anos, poucos cristãos têm conhecimento delas. Evidentemente, eles podem não se importar que Jesus fosse um de uma longa série de salvadores, de deuses-que-morrem-e-ressuscitam, porque, para eles, a fé é mais importante que o facto histórico. Por outro lado, muitos cristãos modernos sentiram-se distintamente enganados pela Igreja, porque fizeram estas descobertas por si mesmos.

O cristianismo não era a religião fundada pelo filho único de Deus que morreu por todos os nossos pecados: era o culto de Ísis e de Osíris com uma nova embalagem. No entanto, ele tornou-se rapidamente um culto da personalidade centrado

em Jesus.

Mas, se ele foi essencialmente um missionário egípcio, era apenas um altruísta que trabalhava a favor dos seus deuses? Era suficiente para Jesus conquistar os corações e as almas das massas? Há qualquer coisa que está ausente deste quadro, alguma coisa central para a nossa compreensão do homem e da sua missão. É evidente que Jesus também tinha em vista um objetivo temporal: existia uma agenda política, que corria paralela às suas ambições de prosélito adorador de Ísis e adorador de Osíris. Não era por acaso que ele era um líder proeminente e que levava a sua mensagem a muitas partes da Palestina, chegando ao maior número possível de pessoas. Naquela época e lugar, a política e a religião eram inseparáveis. Ser um grande líder religioso era ser também um poder político a ter em consideração.

Contudo, todas as campanhas com tão grandes interesses enfrentam, inevitavelmente, contestações à sua liderança; levantam-se vozes dissidentes. Neste caso, a voz era a que viera antes, a voz que se ouvia a clamar no deserto. E é para essa voz - para João Batista - que nos voltamos agora.

Na Primeira Parte, identificamos dois fios principais - centrados em Maria Madalena e em João Batista - que corriam, como correntes subterrâneas, através de todas as heresias que investigámos. E, evidentemente, estes dois fios escondiam alguma informação importante e perigosa, alguma coisa que ameaçaria a Igreja, caso ela fosse tornada

pública. É certo que, no caso de Maria Madalena, a nossa investigação provou que isso era verdade. A própria Madalena é agora apresentada como uma solução essencial dos segredos de Jesus há tanto tempo ocultos. Através dela, finalmente compreendemos que ele era um sacerdote da religião egípcia, um adepto da magia, que ela iniciou através do rito do sexo sagrado. É isto que o culto herético de Madalena realmente significava e o que está efetivamente codificado para as gerações de heréticos. Ela não representava apenas a tradição pagã à qual ela e Jesus pertenciam; no que diz respeito aos movimentos secretos heréticos, Maria Madalena era a deusa Ísis.
Mas os heréticos mantinham outro fio em segredo, e este estava personificado e codificado em João Batista. E, tal como no caso de Madalena, ele era uma pessoa real que conhecia e interagia com Jesus. Então, que revelações tem ele a fazer?

CAPÍTULO XIV
JOÃO CRISTO

Quando investigamos o papel de Leonardo da Vinci na mistificação do Sudário de Turim, ficamos espantados com a frequência com que João Batista surge na história do artista. Não só o próprio

Leonardo era um grande admirador do santo, mas muitos lugares associados ao maestro eram, talvez por coincidência, dedicados ao santo. Entre eles destacava-se Florença, a cidade que Leonardo amava e que ostenta o extraordinário Batistério, na sua parte central. Em 1996, quando realizávamos um documentário televisivo sobre o Sudário, visitamo-lo com uma equipa de filmagem, a qual - o acrónimo mágico «BBC» é virtualmente um «abre-te Sésamo» - conseguiu que tivéssemos o lugar à nossa disposição durante algum tempo, antes de as portas serem abertas ao público. O Baptistério é um estranho edifício octogonal que data do período da Primeira Cruzada e que talvez deva a sua forma invulgar aos Templários, que (assim como as suas características igrejas redondas) também promoveram a forma octogonal, baseada no que eles pensavam ter sido o Templo de Salomão em Jerusalém. Tínhamos um interesse especial em o visitar porque a única escultura existente de Leonardo (uma obra conjunta com Giovanni Francesco Rustici) decorava uma parede exterior deste estranho edifício octogonal. Era, é claro, uma estátua de João Batista. E, como em todas as representações de João Baptista criadas por Leonardo, ele está representado com o indicador direito levantado.

Como vimos, a heresia europeia está parcialmente centrada em Batista, embora as suas verdadeiras razões sejam deliberadamente mantidas obscuras; na verdade, quando começámos a investigar este assunto, há alguns anos, depressa se tornou

aparente que essas razões constituíam um segredo interno de organizações como os Templários e os maçónicos. Mas por que é ainda considerado prudente manter este segredo tão zelosamente guardado?
O tradicional conceito cristão de João Batista é bastante claro. É opinião unânime que o seu baptismo de Jesus marcou o princípio do ministério do último - de fato, dois dos Evangelhos canônicos iniciam-se com a pregação de João junto do rio Jordão. A imagem de João, criada pelos autores, é a de um evangelista ardente e ascético que emerge de uma existência de eremita do deserto para exortar o povo de Israel a arrepender-se dos seus pecados e a ser baptizado. Desde o princípio, há alguma coisa tão inflexível e fria em João que provoca constrangimento no leitor moderno; na verdade, não há nada nos Evangelhos que justifique a extrema veneração que lhe é prestada por gerações de heréticos - certamente, não aquela que lhe é prestada por homens de suprema inteligência, como Leonardo da Vinci.
Os relatos dos Evangelhos, de facto, revelam pouco sobre Bapista. Referem que o baptismo que celebrava era um sinal exterior de arrependimento e que muitos responderam à sua chamada e foram ritualmente imersos no Jordão - incluindo Jesus. Segundo Mateus, Marcos, Lucas e João, Baptista proclamava-se apenas como o precursor do anunciado Messias e que reconheceu ser Jesus essa figura. Tendo desempenhado o seu papel,

desaparece quase inteiramente da história, embora haja indícios de que continuou a baptizar durante algum tempo.
Segundo o Evangelho de Lucas, Jesus e João eram primos, e, entrelaçado com o relato da concepção e do nascimento do primeiro, faz uma descrição dos de João - que são semelhantes aos de Jesus, mas são notavelmente menos miraculosos. Os pais de João, o sacerdote Zacarias e Isabel, são idosos e não têm filhos; contudo, são informados pelo anjo Gabriel de que tinham sido escolhidos para gerar um filho, e, pouco depois, a estéril Isabel concebe. É a Isabel que Maria se dirige quando sente que vai ser mãe de Jesus. Isabel está no sexto mês de gravidez e, na presença de Maria, o seu filho ainda não nascido «saltou no seu ventre»; deste modo, ela sabe que o filho de Maria será o Messias. Isabel louva Maria, o que a inspira a proferir o «cântico» conhecido agora como o Magnificat.
Os Evangelhos relatam que, pouco depois de ter baptizado Jesus, João foi preso e encarcerado por ordem de Herodes Antipas. A razão apresentada é o facto de João ter condenado publicamente o recente casamento de Herodes com Herodíades, a anterior esposa do meio-irmão de Herodes, Filipe - um casamento que, dado que ela se divorciara de Filipe, era contra a lei judaica. Depois de um período, não especificado, na prisão, João foi executado. Segundo a conhecida história, Salomé, filha de um anterior casamento de Herodíades, dança para o padrasto, na festa de aniversário

deste, que fica tão encantado que lhe promete tudo o que ela quiser, até «metade do seu reino». Incitada por Herodíades, Salomé pede a cabeça de João Batista numa bandeja. Não podendo voltar atrás com a sua palavra,
Herodes acede com relutância - porque já admirava Batista - e manda decapitar João. Os seus discípulos são autorizados a levar o corpo para ser sepultado, embora seja pouco claro se este incluía, ou não, a cabeça.
A história tem tudo - um rei tirano, uma madrasta perversa, uma dançarina núbil e a morte horrível de um famoso homem santo - e, por conseguinte, constituiu material fértil para gerações de artistas, poetas, músicos e dramaturgos. Parece exercer um eterno fascínio, o que é talvez curioso para um episódio que consiste em poucos versículos dos Evangelhos. Duas adaptações, em particular, escandalizaram o público no princípio do século XX: a ópera de Richard Strauss, Salomé, retratava uma rapariga promíscua tentando seduzir João na prisão, e, ao ser tratada com desprezo, exigindo a sua cabeça como vingança, e, mais tarde, beijando, triunfante, os seus lábios sem vida. A peça de Oscar Wilde com o mesmo título teve apenas uma representação devido ao horror provocado pela sua pré-publicidade, que se centrava sobretudo no facto de o próprio Wilde desempenhar o papel do título. Contudo, o famoso cartaz de Aubrey Beardsly para a publicidade da peça mantém a descrição gráfica da interpretação da história bíblica, segundo Wilde, e, mais uma

vez, centra-se na suposta luxúria necrofílica de Salomé.

Esta capitosa mistura de erotismo imaginado tem pouca ligação com o inexpressivo relato do Novo Testamento, cujo único objetivo parece ser demonstrar, em termos não equívocos, que João era o precursor de Jesus e seu subalterno espiritual - e também para desempenhar o profetizado papel de Elias reencarnado, que precederia o advento do Messias.

Contudo, há outra fonte de informações sobre João, de fácil acesso: Antiguidades dos Judeus de Josefo. Ao contrário da sua referência a Jesus, a autenticidade desta informação não é contestada porque se enquadra naturalmente na narrativa e é um relato impessoal que não elogia João e que, de modo significativo, difere dos relatos dos Evangelhos.

Josefo regista a pregação e o baptismo de João e o facto de que a sua popularidade e influência sobre as massas alarmava Herodes Antipas, que mandou prender e executar João, num «golpe preventivo». Josefo não dá pormenores sobre a sua prisão nem sobre as circunstâncias ou modo da sua execução e não fez qualquer referência às alegadas críticas ao casamento de Herodes. Salienta o enorme apoio popular a João e acrescenta que, pouco depois da sua execução, Herodes sofreu uma severa derrota numa batalha - que o povo tomou como sinal de castigo pelo seu crime contra Baptista.

Que podemos concluir sobre João a partir dos

relatos dos Evangelhos e de Josefo? Para começar, a história do seu baptismo de Jesus deve ser autêntica, porque a sua inclusão demonstra que ela era demasiado conhecida para ser completamente ignorada - já observámos a tendência dos evangelistas para, em caso contrário, marginalizar João sempre que possível.
João atuava em Pereia, a leste do Jordão, um território que, assim como a Galileia, era governado por Herodes Antipas; o Evangelho de João é mais específico e regista o nome de duas pequenas povoações onde João batizava: Betânia, na outra margem do Jordão (1:28) - uma aldeia junto da principal rota comercial - e Aenon, a norte do vale do Jordão (3:23). Os dois lugares ficavam bastante afastados. Assim parece que João viajou muito durante a sua missão.
A impressão de ascetismo eremítico alimentada pelas traduções inglesas dos Evangelhos pode, de fato, ser uma idéia errada. O grego original eremos, traduzido por «deserto» ou por «região desabitada», pode significar qualquer lugar de solidão. A mesma palavra, curiosamente, é usada acerca do lugar onde Jesus alimentou as cinco mil pessoas. Carl Kraeling, no seu estudo de João, que é considerado o texto acadêmico clássico, também demonstra que a dieta de «gafanhotos e mel», que dizem ter sido a preferida de João, não é prova de um estilo de vida especialmente ascético.
Também é provável que a missão de João não se confinasse unicamente aos judeus. No relato de

Josefo, embora ele inicialmente apresente João a exortar «os judeus» à piedade e a uma vida de virtude, ele acrescenta que «outros se juntaram [isto é, à volta dele] (porque estavam extremamente interessados em ouvir as suas doutrinas)». Alguns eruditos pensam que estes «outros» apenas podiam ser não-judeus, e segundo o estudioso bíblico britânico Robert L. Webb:

[...] não há nada no conteúdo que sugira que eles não pudessem ter sido pagãos.

A localização do ministério de João sugere que ele podia ter tido contatos com os pagãos que percorriam as rotas comerciais do Oriente, assim como os pagãos que habitavam na região da Transjordânia.
Outra idéia errada é a da idade de João, que se supõe ser aproximadamente a mesma de Jesus. Contudo, a implicação dos quatro Evangelhos é que João já pregava há vários anos, antes de baptizar Jesus, e que era o mais velho dos dois, talvez por larga margem. (A história do nascimento de João, no Evangelho de Lucas, é, como veremos, grandemente imaginada e é improvável que tenha qualquer semelhança com os fatos.)
Tal como a de Jesus, a mensagem de João era um ataque implícito ao culto do Templo de Jerusalém - não apenas à possível corrupção dos seus membros, mas a tudo o que ele representava. O

seu apelo ao batismo pode ter exasperado as autoridades do templo, não apenas porque João o declarava superior aos seus ritos mas porque era gratuito.
Há, também, as anomalias das descrições da sua morte, especialmente quando comparadas com o relato de Josefo. Os respectivos motivos atribuídos a Herodes - receio da influência política de João (Josefo) e cólera pela sua crítica ao casamento do rei (os Evangelhos) - não se excluem mutuamente. Os planos maritais de Herodes tiveram, de facto, implicações políticas, mas não devido à pessoa com quem casara. O problema residia na pessoa de quem se divorciara para casar de novo. A sua primeira esposa era uma princesa do reino árabe de Nabateia e o notório insulto a esta família real precipitara uma guerra entre os dois reinos. A Nabateia confinava com o território da Pereia, governado por Herodes, onde João pregava. Portanto, a condenação do casamento, por parte de João, colocava-o ao lado do rei inimigo, Aretas, com a implícita ameaça de que, se a populaça concordasse com ele, as multidões podiam acabar por apoiar Aretas contra Antipas.
Talvez pareça uma hipótese acadêmica, mas é intrigante que os Evangelhos «atenuassem» o verdadeiro motivo de Herodes para mandar matar João. Se reconhecermos que eles são essencialmente obras de propaganda e que, quando obscurecem algum acontecimento, o fazem deliberadamente, a alternativa suscita

perguntas sobre o motivo por que, neste caso, os evangelistas se deveriam preocupar.
Os relatos dos Evangelhos cometem um erro. Referem que João criticava Herodes Antipas porque este casara com a ex-mulher do seu meio-irmão Filipe. Mas, apesar de as circunstâncias do casamento serem historicamente exactas, o meio-irmão em questão era outro Herodes, não Filipe. Era este Herodes que era pai de Salomé. Apesar do fato de João - como Madalena - ter sido deliberadamente marginalizado pelos evangelistas, ainda se encontram indicações sobre a sua influência nos contemporâneos de Jesus. Num episódio, cuja implicação não parece atingir a maioria dos cristãos, os discípulos de Jesus dizem-lhe: «Senhor, ensina-nos a rezar como João ensinou os seus discípulos.» Este pedido pode, de facto, ser interpretado de duas maneiras: como «ensina-nos orações como João ensinou aos seus discípulos» ou «ensina-nos as mesmas orações que João ensinava... ». depois, lemos que Jesus lhes ensinou o que se tornou conhecido como a Oração do Senhor (Pai nosso, que estais no Céu, Santificado seja o Vosso nome...).
Já no século XIX, o grande egiptólogo Sir E. A. Wallis Budge registrou as origens das primeiras palavras da «Oração do Senhor»: uma antiga oração egípcia a Osíris-Ámon começa assim, «Ámou, Ámon que estais no céu...» Claramente, esta oração precedeu em séculos João e Jesus, e o «Senhor» que é invocado não é Jeová nem o seu alegado filho, Jesus. Em qualquer caso, a «Oração

do Senhor» não foi composta por Jesus.
Geralmente, supõe-se que João foi dominado pelo temor, mal viu Jesus, antes de o ter batizado. Ficamos com a impressão de que toda a sua missão, talvez toda a sua vida, estava ligada a este único acontecimento. Contudo, há, de fato, claras indicações de que João e Jesus, embora intimamente associados no princípio da carreira do último, eram grandes rivais. Este facto não passou despercebido a muitos dos mais respeitados comentadores bíblicos atuais. Como escreve Geza Vermes:

O objetivo dos evangelistas era, sem dúvida, dar a impressão de amizade e estima mútua, mas as suas tentativas sugerem superficialidade, e um exame minucioso das evidências, notoriamente fragmentárias, indica que, pelo menos a nível dos respectivos discípulos, os sentimentos de rivalidade não estavam ausentes.

Vermes também descreve a insistência de Mateus e de Lucas na precedência de Jesus em relação a João como «rebuscada». Na verdade, para os leitores objectivos, há alguma coisa muito suspeita na repetida, e mesmo chocante, ênfase de João na superioridade «daquele que vem depois». Aqui, temos um João Baptista que se humilha, de fato, perante Jesus.
Contudo, como afirma Hugh Schonfield:

Segundo as fontes cristãs, sabemos que havia uma

considerável seita judaica, rival dos seguidores de Jesus, que consideravam que João Batista era o verdadeiro Messias...

Schonfield também regista a «grande rivalidade» entre os respectivos adeptos, mas acrescenta que a influência de João sobre Jesus era demasiado conhecida: «Eles não podiam, por conseguinte, denegrir Batista, e tiveram de recorrer à imaginação para enfatizar o seu lugar secundário». (Sem uma compreensão desta rivalidade, não se pode entender o total significado dos verdadeiros papéis de João e de Jesus. Além das profundas implicações para a própria teologia cristã, a incapacidade de reconhecer a hostilidade Jesus/João torna extremamente insatisfatórias as novas teorias radicais. Por exemplo, como vimos, Ahmed Osman argumenta que Jesus foi inventado pelos discípulos de João para que se cumprisse a sua profecia sobre aquele que haveria de vir.
Do mesmo modo, The Hiram Key, de Knight e Lomas, vai a ponto de defender que Jesus e João eram co-Messias, agindo em associação, uma teoria que exige que os dois pregadores fossem colegas próximos; mas nada podia estar mais longe da verdade.)
A conclusão mais lógica é que Jesus começou por ser um dos discípulos de João e afastou- se, depois, para formar o seu próprio grupo. (É muito provável que ele tivesse sido batizado por João, mas como um acólito, não como Filho de Deus!) É certo que os Evangelhos registram que Jesus recrutou os

seus primeiros discípulos entre as hordas dos discípulos de João.

De fato, o famoso estudioso bíblico inglês C. H. Dodds traduz a frase do Evangelho de João «Aquele que virá depois de mim» (ho opiso mou erchomenos) como «aquele que me segue». Pela sua ambiguidade, podia ser o mesmo que em inglês e significar «discípulo». Na verdade, Dodds pensa que era esse o caso.

A mais recente critica da Bíblia aponta para a noção de que João nunca fez a sua famosa declaração sobre a superioridade de Jesus, nem que tivesse sugerido que este fosse o Messias. Esta ideia é apoiada por vários aspectos.

Os Evangelhos (bastante ingenuamente) registam que João, quando estava preso, questionou a autoridade do messianismo de Jesus. Por implicação, ele duvidava se tivera razão na sua aprovação inicial de Jesus, mas este também podia ser outro exemplo do facto de os evangelistas terem de adaptar um episódio real de modo a servir os seus objectivos. Seria possível que João tivesse inequivocamente negado que Jesus era o Messias - talvez mesmo condená-lo?

Na perspectiva da mensagem cristã, as implicações de todo o episódio são - ou deveriam ser - profundamente perturbadoras. Por um lado, os cristãos aceitam que João fora divinamente inspirado a reconhecer Jesus como o Messias, mas a interrogação de João, na prisão, revela, no mínimo, que ele tinha dúvidas. E evidente que o seu encarceramento lhe dera tempo para pensar,

ou talvez a inspiração divina o tivesse abandonado.
Como veremos, futuros adeptos de João, que Paulo enfrentou durante o seu trabalho missionário em Éfeso e Corinto, desconheciam a alegada proclamação de João sobre uma figura maior que viria depois dele.
A prova mais convincente de que Baptista nunca proclamou Jesus como o Messias prometido é o facto de os próprios discípulos de Jesus nunca o reconhecerem como tal, pelo menos, no princípio do seu ministério. Ele era o seu líder e o seu mestre, mas nunca há qualquer sugestão de que eles o seguissem, a princípio, porque acreditavam que ele era o tão aguardado Messias judaico. A identidade de Jesus como Messias parece ter ocorrido aos discípulos, de forma gradual, à medida que o ministério de Jesus avançava. Contudo, Jesus começou a sua missão depois de ser batizado por João: então, se João realmente anunciara o messianismo de Jesus, por que razão mais ninguém nessa ocasião tinha conhecimento disso? (E os próprios Evangelhos deixam claro que as pessoas o seguiam, não porque ele era o Messias mas por qualquer outra razão.)
Depois, há outra consideração muito intrigante. Quando o movimento de Jesus começou a ter impacto, Herodes Antipas atemorizou-se e parecia pensar que Jesus era João ressuscitado ou reencarnado (Marcos 6:14):

E o rei Herodes ouviu falar dele (porque o nome de

Jesus se tornara notório) e disse: João Baptista ressuscitou dos mortos e por isso estas maravilhas operam nele.

Estas palavras foram sempre uma fonte de perplexidade. Que queria Herodes dizer com elas - que Jesus era, de algum modo, João reencarnado? Mas não devia ser isso, porque João e Jesus viveram ao mesmo tempo. Mas, antes de analisar melhor esta história, consideremos algumas importantes implicações das palavras de Herodes.
A primeira é que é evidente que ele não sabe que João profetizara que «um maior que ele» viria depois dele, caso contrário, teria tirado a conclusão óbvia de que Jesus era essa pessoa. Se a vinda do Messias fora uma parte notável da doutrina de João - como os Evangelhos afirmam - então Herodes devia ter tido conhecimento dela.
A segunda é que Herodes diz que «João... ressuscitou... e, por conseguinte, estas maravilhas operam nele [Jesus]». Isto implica que João gozara reputação própria de taumaturgo. Esta, contudo, é completamente negada nos Evangelhos - de fato, no Evangelho de João (10:41), ela é tão enfática que sugere um encobrimento. João Baptista tinha transformado água em vinho, tinha alimentado milhares de pessoas a partir de um punhado de alimentos, tinha curado os doentes - tinha até ressuscitado os mortos? Talvez tivesse. Mas uma coisa é certa: o Novo Testamento, sendo a propaganda de Jesus, não é lugar em que possamos esperar ler a descrição desses milagres.

Outra explicação possível para as palavras de Herodes, de outro modo confusas, acerca de João ter, de algum modo, renascido através de Jesus é, no mínimo, superficialmente incrível - tanto literal como metaforicamente. Mas lembremos que estamos a lidar com uma cultura e uma era tão diferentes das nossas que, em muitos aspectos, parecem ser um mundo completamente diferente. Karl Kraeling, em 1940, comentou que as palavras de Herodes apenas fazem sentido se forem interpretadas como reflexo das ideias ocultistas que eram correntes no mundo greco-romano do tempo de Jesus. Esta sugestão foi aproveitada e desenvolvida por Morton Smith, em Jesus the Magician, em 1978. Como já vimos, Smith concluiu que a resposta ao enigma da popularidade de Jesus residia nas suas exibições de magia egípcia.

Nessa época, acreditava-se que, para praticar magia, um feiticeiro devia ter poder sobre um demónio ou um espírito. De facto, esta alusão encontra-se numa passagem dos Evangelhos em que Jesus se refere a João ser acusado de «possuir um demónio». Isto não se refere, como poderia parecer, à possessão por um espírito mau, mas antes à afirmação de que João tinha poder sobre um espírito.

De acordo com a sugestão de Kraeling, neste contexto, as palavras de Herodes Antipas podiam ser interpretadas como uma referência a este conceito, porque não era apenas um demónio que podia ser assim «escravizado» mas também o

espírito de um ser humano, especialmente um que tivesse sido assassinado. Um espírito, ou uma alma, assim escravizados cumpririam, segundo se supunha, as ordens do seu senhor. (Mais tarde, esta acusação foi feita a Simão, o Mago, que, segundo se dizia, tinha «escravizado» o espírito de um rapaz assassinado.)
Kraeling escreve:

Os detratores de João aproveitaram a ocasião da sua morte para lançar a sugestão de que o seu espírito desencarnado servia Jesus como instrumento de realização de obras de magia negra, o que não era pequena concessão aos poderes de João.
Tendo em consideração esta explicação, Morton Smith interpreta assim as palavras de Herodes:

João Batista ressuscitou dos mortos [pela necromancia de Jesus; Jesus agora domina-o]. E, por conseguinte, [dado que Jesus-João os controlam] os poderes [inferiores] operam [as suas maravilhas] por ele [isto é, por sua ordem].

Em apoio desta ideia, Smith cita o texto mágico de um papiro que se encontra agora em Paris. A invocação é dirigida - talvez com algum significado - ao deus-sol Hélios:

Concede-me a autoridade sobre este espírito dum homem assassinado de cujo corpo possuo uma parte.

Especialmente interessantes, neste contexto, são os dons que a actuação mágica se destina a conferir ao mágico: a capacidade de curar e de predizer se uma pessoa doente irá sobreviver ou se morrerá e a promessa de que «serás adorado como um Deus...»
Um outro episódio serve para sublinhar o facto de que a popularidade de João era maior que a de Jesus. Este episódio ocorre próximo do fim do ministério deste, quando ele pregava às multidões no templo de Jerusalém. Os sumos-sacerdotes e os anciãos vêm enfrentá-lo publicamente e fazer-lhe perguntas astuciosas, na esperança de o fazer cair numa armadilha - perguntas que Jesus evita com a vivacidade de um político experiente. Quando lhe pedem que identifique a autoridade com que fala, Jesus responde com uma contra-pergunta: «O batismo de João, donde vinha? Do céu ou do homem?» Esta resposta faz hesitar os seus antagonistas:

E eles discutiam entre si dizendo: «Se dissermos "do Céu", ele dir-nos-á: "Então, por que não acreditais nele?"» Mas, se respondermos: "Dos Homens", receamos as pessoas; porque todos consideram João como um profeta.

Confrontados com este dilema, recusaram responder. O que é significativo nesta troca de palavras é que Jesus usou, contra os sacerdotes, o medo que eles tinham da popularidade de João, e

não da sua, junto das multidões. Como vimos, Josefo realçou o grau da influência de João e do seu apoio junto do povo: é evidente que Baptista não era um vulgar pregador itinerante, mas um líder de grande carisma e poder que, por qualquer razão, dispunha de elevado número de partidários. De fato, segundo Josefo, judeus e pagãos «estavam extremamente interessados em escutar as suas doutrinas».
Um curioso episódio do Evangelho apócrifo, denominado Livro de Tiago ou o Proto-Evangelho, indica que João era importante por direito próprio. Admite-se que este Evangelho fosse compilado bastante tarde e que incluísse episódios da infância de Jesus que ninguém leva a sério - mas ele incorpora material de várias fontes e podia, assim, incluir, no mínimo, indicações de tradições famosas. E difícil compreender que alguém familiarizado com os Evangelhos canónicos as tivesse inventado.
Neste episódio das infâncias de Jesus e de João - depois da conhecida história do nascimento de Jesus e da visita dos reis magos -, Herodes ordena a matança dos inocentes. Até aqui, tudo parece idêntico à versão que se encontra no Novo Testamento. Contudo, depressa ela toma um rumo completamente diferente.
Quando Maria tem conhecimento do massacre, a sua reacção é apenas envolver o filho em faixas e colocá-lo numa manjedoura - presumivelmente, para o esconder dos soldados. Mas parece que é João o objeto da busca. Segundo o relato, Herodes

envia os seus homens para interrogar o pai de João, Zacarias, e estes comunicam a Herodes que Zacarias não sabe onde se encontram a mulher e o filho:

Herodes ficou irado e disse: «O filho dele será rei de Israel.»

Nesta versão, é Isabel que foge do país, com João. Aqui, há claras indicações de uma «Sagrada Família» paralela, talvez mesmo rival.
Como vimos, João tinha um grande movimento popular que, como o de Jesus, era formado por um círculo de discípulos que o acompanhavam para toda a parte e por membros de um público geral que vinha ouvir as suas palavras. Também, como no caso de Jesus, depois da morte de João, os seus discípulos começaram a escrever relatos da sua vida e dos seus ensinamentos, no que foram efetivamente as escrituras de João.
Os eruditos reconhecem que existia esse corpo da «literatura de João» - outrora, porque já não existe agora. Possivelmente foi destruído ou conservado secreto pelos «heréticos». Parece, contudo, que ele devia ter incluído alguns elementos que não estavam de acordo com os relatos do Novo Testamento sobre João e Jesus - caso contrário, ele teria sido mantido no domínio público, sob qualquer forma.
O relato de Lucas sobre as concepções «associadas» de Jesus e de João é extremamente interessante. De uma análise da história, os

eruditos concluíram, sem margem para dúvida, que esta é realmente uma combinação de duas histórias distintas, uma referindo a concepção de João e a outra a de Jesus, que «estão (segundo Kraeling) unidas por elementos que, basicamente, não têm relação com o fio de qualquer das séries». Por outras palavras, Lucas (ou a fonte que ele usou) tomou duas histórias distintas e tentou associá-las usando o artifício literário do encontro das duas futuras mães, Isabel e Maria. A conclusão lógica é que a história da infância de João era originariamente independente do Evangelho, e é provável que precedesse a história da Natividade de Jesus. Isto comporta importantes implicações. A primeira é que as histórias referentes a João já existiam. A segunda é que a versão da natividade, segundo Lucas, foi especificamente evocada para prevalecer sobre a versão corrente acerca de João. Afinal, o «milagre» do nascimento de João consiste no facto de ter nascido de pais tão idosos, ao passo que Lucas apresenta Jesus como tendo nascido de uma virgem. E o único motivo que podia ter levado Lucas a apresentar esta versão da história é o fato de os discípulos de João já existirem como rivais dos de Jesus.

Esta teoria é apoiada por outro facto, que foi demonstrado pelos eruditos - mas que permanece desconhecido da maioria dos cristãos. O muito apreciado «cântico» de Maria, o Magnificat, era, de fato, o de Isabel, e referia-se ao seu filho. A linguagem associa a mulher a Hannah, uma figura

do Antigo Testamento, que foi estéril até uma idade avançada, portanto, é mais adequado à situação de Isabel. De fato, alguns dos primeiros manuscritos do Novo Testamento referem que é o cântico de Isabel, e Ireneu, padre da Igreja, também refere que foi Isabel, e não Maria, quem proferiu aquelas palavras.
Do mesmo modo, na cerimônia da circuncisão de João, seu pai, Zacarias, profere uma «profecia» ou hino, conhecido como o Benedictus, em louvor do seu filho recém-nascido. Obviamente que este hino devia ter feito parte da história original da natividade de João Baptista. Tanto o Magnificat como o Benedictus parecem ter sido «hinos» a João, que foram incorporados num «Evangelho de João» que foi, depois, adulterado por Lucas para o tornar mais aceitável aos discípulos de Jesus. Isto indica que as pessoas não só escreviam relatos da vida de João como o elogiavam em cânticos e em versos. Mas estas tradições sobre João ofereceram, de facto, aos futuros evangelistas o material que serviu de base aos seus relatos sobre Jesus? Como escreve Schonfield em Essene Odyssey:

Contatos com os discípulos de João Batista... deram a conhecer aos cristãos as histórias da natividade de João, nas quais ele figura como o Messias infante das tradições sacerdotais, nascido em Belém.

Além disso, os primitivos textos da Igreja,

conhecidos como as Declarações Clementinas, também referem que alguns discípulos de João acreditavam que ele era o Messias. E Geza Vermes pensa que alguns episódios dos Evangelhos e dos Actos indicam que os discípulos de João consideravam que ele era o Messias.
O conhecimento de que existiu, de facto, uma «literatura de João» apresenta uma solução para muitos problemas suscitados pelo Quarto Evangelho - aquele que foi atribuído ao discípulo João. Como vimos, há várias contradições internas neste Evangelho. Embora seja o único baseado no relato de uma testemunha ocular - uma pretensão apoiada pelos pormenores circunstanciais do próprio texto -, ele contém elementos notoriamente gnósticos que estão em contradição com os outros Evangelhos e com o tom objetivo do resto do próprio livro. Isto é particularmente notório no «Prólogo», relativamente a Deus e ao Verbo. O Evangelho de João é o mais clamorosamente anti-Batista dos quatro e, no entanto, e o único que refere, de forma explícita, que Jesus recrutou os primeiros discípulos entre os adeptos de João - incluindo o suposto autor e testemunha ocular, o próprio «discípulo amado».
Mas estas contradições não invalidam, necessariamente, o Evangelho. É evidente que o autor compilou o texto a partir de várias fontes que ele entrelaçou e interpretou segundo as suas ideias pessoais sobre Jesus, reescrevendo o material quando considerou necessário. Quem quer que fosse o autor, o Evangelho parece conter

o testemunho do «discípulo amado» em primeira-mão. Mas muitos dos mais influentes estudiosos do Novo Testamento pensam que o autor também usou alguns textos escritos pelos discípulos de Batista, os quais, de acordo com uma autoridade sobre estudos do Médio Oriente, Edwin Yamanchi, «O quarto evangelista... suprimiu o carácter mítico e cristianizou».
O material referente ao Baptista é principalmente o prólogo e alguns dos chamados «discursos da revelação» entre Jesus e os discípulos. O notável estudioso da Bíblia, o alemão Rudolf Bultmann, afirmava que estes discursos eram:

[...] considerados os documentos originais dos discípulos de João Batista, que exaltaram João e lhe atribuíram o papel de redentor, enviado do mundo da Luz. Assim, uma parte considerável do Evangelho de João não começou por ser de origem cristã, mas resultou da transformação de uma tradição baptista.

É de notar que estes elementos do Evangelho de João são os mais gnósticos; e, por conseguinte, causaram a maioria dos problemas aos historiadores, no que diz respeito ao Evangelho. Tem-se partido do princípio de que, como estes elementos não estão em harmonia com a teologia dos outros Evangelhos e com o resto do Novo Testamento, este livro devia ter sido escrito muito mais tarde do que os outros. Contudo, reconhecer que eles provieram de uma fonte que não eram os

discípulos de Jesus altera o quadro, e vários comentadores associaram o Quarto Evangelho a «uma fonte gnóstica pré-cristã» que foi adaptada pelo autor. Essa fonte parece ter sido João Batista e os seus discípulos, que pareciam ter sido gnósticos.
(Estas descobertas podem apresentar uma solução para a controvérsia sobre a data do Evangelho de João. Como vimos, a opinião geral, considerando o material gnóstico e não judaico deste Evangelho, é que ele foi escrito depois dos Evangelhos sinópticos. Contudo, se Jesus não era judeu, e como grande parte do material deriva dos discípulos de João Baptista - que, como veremos, era gnóstico -, é inteiramente possível que este Evangelho seja contemporâneo dos outros ou mesmo anterior.)
Durante a sua vida, João teve um grande número de devotos partidários, e esse número continuou a aumentar depois da sua morte, de um modo que é curiosamente paralelo à expansão do cristianismo. Há provas de que o movimento de João se transformou numa Igreja por direito próprio e que não se confinava à Palestina. A. N. Wilson, em 1992, escreve no seu livro Jesus:

Se a religião de João Batista (e sabemos que ela existiu) se transformou no culto dominante do Mediterrâneo, mais do que a religião de Jesus, devíamos sentir que sabíamos mais do que sabemos sobre esta fascinante figura. O seu culto sobreviveu, pelo menos, até próximo de 60 d.C.,

como o autor é suficientemente sincero para revelar... Em Éfeso, consideravam que «O Caminho» (como era conhecida a religião destes primeiros crentes) significava seguir «o baptismo de João». Se Paulo tivesse sido uma personalidade mais fraca... ou nunca tivesse escrito as suas epístolas, teria acontecido facilmente que o «baptismo de João» tivesse sido a religião que captasse a imaginação do mundo antigo, mais do que o batismo de Cristo... O culto podia mesmo ter evoluído até ao ponto em que os atuais joaninos, ou baptistas, teriam acreditado que... João era divino... Este acidente da história, no entanto, não se verificaria.

Assim, até o Novo Testamento descreve a existência da Igreja de João para além das fronteiras de Israel. Bamber Gascoigne escreve:

Um grupo de pessoas que Paulo conheceu deu-lhe uma intrigante visão do potencial crescimento desta religião - aquela que Paulo rapidamente abafou à nascença.
Esse grupo de pessoas pertencia, evidentemente, à Igreja de João. A sua própria existência como entidade distinta, após a morte de Jesus, demonstra que João nunca pregara sobre «um maior» que viria depois dele ou, mesmo que o tivesse feito, essa pessoa nunca podia ter sido Jesus. Parecia que, quando os joaninos encontraram Paulo, não faziam nenhuma ideia de tal profecia. O seu culto não era insignificante.

Tinha sido descrito como «um movimento internacional» e estendia-se da Ásia Menor a Alexandria. Os Actos registam que a religião de João fora introduzida em Éfeso por um natural de Alexandria chamado Apolo - suspeitosamente, esta é a única referência a Alexandria em todo o Novo Testamento.
Assim, João Baptista tinha um movimento próprio, distinto e forte, que sobreviveu como uma verdadeira Igreja. No entanto, tem-se partido do princípio - tal como nos comentários de A. N. Wilson, atrás citados - de que, desde muito cedo, ele foi absorvido pela Igreja cristã. Algumas das suas comunidades, como as que Paulo encontrou, foram suplantadas pela sua versão pessoal do movimento de Jesus. Mas há fortes evidências de que a Igreja de João, de fato, sobreviveu.
Este conjunto de evidências, contudo, enfatiza o papel de uma figura que, a princípio, podia parecer deslocada nesta história, alguém que tem sido injuriado em toda a história cristã como «o pai de todas as heresias» e adepto da magia negra da pior espécie. Alguém que até deu o seu nome a um pecado: o de tentar comprar o Espírito Santo: simonia. Estamos a referir-nos, evidentemente, a Simão, o Mago.
Ao contrário das outras duas figuras importantes que temos estado a discutir - Maria Madalena e João Batista -, Simão, o Mago, não era alguém que tivesse sido marginalizado pelos primeiros cronistas cristãos, mas foi-lhe permitido figurar, de forma proeminente, nos primeiros textos cristãos.

Contudo, ele ainda é inequivocamente declarado mau, como o homem que tentou imitar Jesus e que, a dado momento, se infiltrou na Igreja embrionária para conhecer os seus segredos - até, evidentemente, ser denunciado pelos apóstolos.
Por vezes conhecido como «o primeiro herético», Simão, o Mago, é considerado um caso perdido, sem redenção. Mas uma indicação quanto a este julgamento reside no fato de os primeiros padres da Igreja considerarem a palavra gnóstico como sinônimo de herético - e Simão era gnóstico (embora não, como eles pensavam, o fundador do gnosticismo).
Simão faz apenas uma breve aparição no Novo Testamento, nos Actos dos Apóstolos (8:9- 24). Curiosamente, ele era um samaritano, que, segundo os Atos, usara artes mágicas para «enfeitiçar» o povo da Samaria. Quando o apóstolo Filipe ali pregava, Simão fica tão impressionado que é baptizado por ele. Mas isto vem a revelar-se ser um estratagema astucioso para conseguir obter o poder do Espírito Santo. Oferece dinheiro para o comprar a Pedro e a João, e é severamente censurado. Então, Simão, receando pela sua alma, arrepende-se e pede-lhes que rezem por ele.
Contudo, os primeiros padres da Igreja conheciam melhor esta figura e os seus relatos contradizem a lição moral do livro dos Atos. Ele era natural da aldeia de Gitta e era famoso pelos seus dons de mágico (daqui, o seu título de Mago). Durante o reinado de Cláudio (41-54 d.C., isto é, nos dez

anos imediatos à crucificação), foi para Roma, onde foi venerado como um deus, tendo-lhe sido mesmo erguida uma estátua. Os samaritanos já o tinham reconhecido como um deus.
Simão, o Mago, viajava com uma mulher de nome Helena, uma antiga prostituta da cidade Fenícia de Tiro, a quem ele chamou a Primeira Idéia (Ennoia), a Mãe de Tudo. Isto tem origem nas suas crenças gnósticas: ele ensinava que a «primeira idéia» de Deus - tal como a figura judaica de Sabedoria/Sophia, já discutida - fora feminina e que fora ela que criara os anjos e os semi-deuses, que são os deuses deste mundo. Eles criaram a Terra, segundo as suas instruções, mas revoltaram-se e aprisionaram-na em matéria, o mundo material. Ela ficou prisioneira numa série de corpos femininos (incluindo o de Helena de Tróia), cada um deles sofrendo humilhações cada vez mais insuportáveis e terminando, eventualmente, como prostituta no porto marítimo de Tiro. Mas nem tudo estava perdido, porque Deus também encarnara, sob a forma de Simão, o Mago. Ele procurara-a e encontrara-a.
O conceito de um sistema cosmológico, que incluía uma série de mundos e planos superiores e inferiores, já nos é familiar. Embora os pormenores precisos variem, é a crença gnóstica comum que chegou até aos cátaros medievais e que está subjacente à cosmologia hermética que é a base do ocultismo ocidental, continuando na alquimia até ao hermetismo da Renascença. Há também paralelos exatos e surpreendentes com outros

sistemas que já discutimos. O mais importante é a semelhança com o texto gnóstico copta Pistis Sophia, no qual é Jesus quem procura a prisioneira Sophia, uma figura explicitamente associada, nesse texto, a Maria Madalena. (Simão também chama a Helena a sua «ovelha perdida».)
A personificação da Sabedoria como uma mulher - e, além disso, uma prostituta - é algo com que já estamos familiarizados nesta investigação e que, ao longo dela, se estende como um fio. No caso de Simão, esta personificação era literal, na pessoa de Helena.
Como escreve Hugh Schonfield:

[...] os simonistas veneravam Helena como Atena (deusa da Sabedoria), a qual, por sua vez, era identificada com Ísis, no Egipto.

Schonfield também associa Helena com Sophia e com Astarte.
Segundo Karl Luckert, o conceito de Simão acerca de Ennoia encarnada em Helena remonta a Ísis. Geoffrey Ashe concorda, acrescentando: «[Helena] inicia o caminho de regresso à glória como Kiria ou rainha celestial".
Outra fonte apócrifa, datando aproximadamente de 185, descreve Helena como sendo «negra como uma etíope» e apresenta-a dançando acorrentada, acrescentando: «Todo o Poder de Deus e de Simão reside nesta mulher que dança.
Ireneu registra que os sacerdotes-iniciados de Simão «viviam imoralmente», mas,

lamentavelmente, não acrescenta mais nada. Mas é óbvio que eles celebravam ritos sexuais, como revela Epifânio na sua obra monumental Contra a Heresia:

E ele sentia prazer nos mistérios da obscenidade e... no derramamento dos corpos, emissionum virorum, feminarum menstruorum e que se reuniam para celebrar os mistérios da forma mais obscena.

(G. R. S. Mead, um autêntico vitoriano, deixou estas frases latinas na sua tímida tradução, mas parece que a seita de Simão praticava magia sexual, envolvendo sémen e sangue menstrual.)
É óbvio que os padres da Igreja tinham grande receio de Simão, o Mago, e da sua influência, que parecem ter sido uma séria ameaça à Igreja primitiva, o que pode parecer estranho - até se compreender quanto Simão tinha, de fato, em comum com Jesus.
Os sacerdotes esforçaram-se por explicar que, embora Simão e Jesus dissessem e fizessem quase as mesmas coisas, incluindo milagres, a fonte dos respectivos poderes era diferente. Simão atuava através de feitiçaria pecaminosa, enquanto Jesus agia pelo poder do Espírito Santo. Com efeito, Simão era uma imitação satânica de Jesus. Assim, encontramos, por exemplo, Hipólito, que afirma, sem rodeios. a respeito de Simão: «Ele não era Cristo."
Epifânio escreve, de forma mais reveladora:

Desde o tempo de Cristo até hoje, a primeira heresia foi a de Simão, Mago, e, embora ela não tivesse correcta e distintamente nome cristã causava grandes danos devido à corrupção que provocava entre cristãos.

Além disso, segundo Hipólito:

[...1 ao resgatar a liberdade de Helena, ele oferecia, assim, a salvação aos homens pelo conhecimento que lhe era próprio.

Outro relato atribui a Simão a capacidade de operar milagres, incluindo a transformação de pedras em pão. (Isto pode explicar a Tentação de Jesus, quando lhe é oferecido o poder para fazer o mesmo, mas ele recusa-o. Contudo, sabemos que, mais tarde, ele deu de comer a cinco mil pessoas, a partir de cinco pães e dois peixes, o que é quase a mesma coisa.)
Jerônimo cita uma das obras de Simão:
Eu sou a Palavra de Deus, eu sou o glorioso, eu sou o Paracleto, o Todo-Poderoso. Eu sou o todo de Deus.

Por outras palavras, Simão proclamava-se divino e prometia a salvação aos seus discípulos.
Nos Atos Apócrifos de Pedro e Paulo, Simão, o Mago, e Pedro entram em contenda para ressuscitar um cadáver. Simão, no entanto, apenas consegue reanimar a cabeça, enquanto

Pedro tem um êxito completo. Há muitas histórias apócrifas de batalhas de magia entre Simão, o Mago, e Simão Pedro, terminando todas com o necessário triunfo cristão. Mas o que elas revelam, no entanto, é que o primeiro era tão influente que as histórias tinham de ser imaginadas para contrariar o seu poder sobre as massas.

O Mago não era um mero feiticeiro itinerante, mas um filósofo que registou as suas idéias. É inútil dizer que os seus livros originais se perderam, mas existem alargadas citações deles nas obras dos padres da Igreja, onde foram incluídas para serem redondamente condenadas. Mas estes fragmentos revelam o gnosticismo de Simão e enfatizam a existência de duas forças opostas mas complementares - uma masculina e outra feminina. Por exemplo, esta citação da sua Grande Revelação:

Do universal evo há duas extensões... uma manifesta-se do alto, que é o Grande Poder, a Mente Universal que ordena todas as coisas, masculina, e a outra de baixo, a Grande Idéia, feminina, que cria todas as coisas. Por isso, juntando-se, elas unem-se e criam o Espaço Central... nele está o Pai...

É ele que sempre existiu, existe e existirá, um poder masculino-feminino do preexistente Poder Ilimitado...

Aqui, encontramos ecos do hermafrodita alquímico, do andrógino simbólico que tanto

fascinariam Leonardo. Mas de onde vieram estas ideias de Simão, o Mago?
Karl Luchert faz remontar as «raízes ideológicas» das doutrinas de Simão às religiões do antigo Egipto e parece que elas, de facto, refletem, e talvez mesmo continuem, de forma adaptada, aqueles cultos. Embora, como vimos, as escolas de Ísis/Osíris enfatizem a natureza oposta e igual das divindades femininas/masculinas, supõe-se que esta natureza esteja, por vezes, combinada no caráter e corpo de Ísis. Ela é retratada, ocasionalmente, usando uma barba, e julga-se que ela teria afirmado: «Embora seja uma mulher, transformei-me num homem... ».
Simão, o Mago, e Jesus eram, no que dizia respeito à Igreja primitiva, perigosamente semelhantes nas suas doutrinas, razão porque Simão foi acusado de tentar usurpar o conhecimento dos cristãos. Havia um reconhecimento tácito de que as suas doutrinas eram, de fato, compatíveis com as de Jesus - até de que fazia parte do mesmo movimento. As implicações deste reconhecimento são perturbadoras. Os ritos sexuais de Simão e de Helena, por exemplo, também eram praticados por Jesus e Maria Madalena? Segundo Epifânio, os gnósticos tinham um livro, chamado As Grandes Perguntas de Maria, que se supõe continham os segredos internos do movimento de Jesus, que revestiam a forma de cerimónias obscenas.
Podia ser tentador ignorar estes rumores como maledicências grosseiras - mas, como já vimos, há evidências de que Madalena era uma iniciadora

sexual da tradição da prostituta do Templo, cuja função era conferir aos homens os dons de horasis: iluminação espiritual através do acto sexual.
John Romer, no seu livro Testament, explica o paralelo:

Helena, a prostituta, como os cristãos lhe chamavam, era a Maria Madalena de Simão, o Mago.
Mas há também outra acusação: a das prováveis origens egípcias de ambos. Karl Luckert comenta Simão:

Como «pai de todas as heresias», ele deve ser estudado agora, não só como adversário mas como notório rival de Cristo, na primitiva igreja cristã - possivelmente até como potencial aliado...

Do fato da herança egípcia de ambos pode ter derivado a força da ameaça de Simão, o Mago. O perigo incluía a possibilidade de ele ser confundido com a própria figura de Jesus ...

E Luckert encontra um estreito paralelo no que ele considera ser a missão dos dois homens. Ele reconhece a aparente dicotomia da pregação de Jesus como uma mensagem essencialmente egípcia destinada a um público judaico, mas admite a estreita ligação entre a original teologia hebraica e a do Egito. A respeito de Simão, o Mago, Luckert escreve:

[ele]... considerou que era a sua missão corrigir o que... devia ter falhado; nomeadamente, o afastamento de toda a dimensão feminina de Tefnut-Mahet-Nut-Ísis da divindade masculina.

É este, evidentemente, o motivo que tínhamos colocado como hipótese para a missão de Jesus na Judeia e que lhe é atribuído no Levitikon. Luckert conclui que Jesus triunfou de Simão, o Mago, apenas por ter recorrido ao extremo de incluir a sua própria morte no contexto. A ênfase muda radicalmente, no entanto, se tomarmos em consideração a ideia de que a crucificação pode não ter terminado na morte de Jesus.

Além destes paralelos com Jesus, há um outro facto inquietante - e, para nós, revelador acerca de Simão, o Mago: ele era discípulo de João Batista. E não só, ele foi, de fato, nomeado por João Baptista como seu sucessor (embora, por razões que apresentaremos, não fosse uma sucessão direta).

As implicações desta nomeação são espantosas. Porque Simão fora sempre conhecido como feiticeiro e mágico sexual, e não apenas nos anos imediatos à morte de João. Não é o caso de um discípulo que ultrapassa as marcas logo que o puritano guru é removido da cena. João deve ter conhecido e aprovado a doutrina de Simão. E, se Simão era membro do círculo interno de João, ele teria aprendido as suas artes mágicas com Batista - como teriam outros discípulos, na mesma situação. Como, por exemplo, Jesus...

A citação seguinte é extraída das Aprovações Clementinas do século III:

Foi em Alexandria que Simão aperfeiçoou os seus estudos de magia, sendo partidário de João, um hemerobaptista [«Batista da Luz» - pouco se conhece sobre esta designação], através do qual ele veio a conhecer as doutrinas religiosas. João era o precursor de Jesus... De todos os discípulos de João, Simão era o favorito, mas, quando o seu mestre morreu, ele encontrava-se em Alexandria e, portanto, Dositeus, um co-discípulo, foi escolhido para chefe do movimento.

Este relato entra em razões numerológicas extremamente convolutas para explicar o motivo por que João tinha trinta discípulos - presumivelmente, apenas no círculo interno - embora fossem, realmente, vinte e nove e meio, porque um deles era uma mulher, que não contava como pessoa inteira. Chamava-se Helena... Isto é interessante porque implica, no contexto, que esta era a Helena de Simão, o Mago, e que ela também fora discípula de João. Tudo isto deixa a sensação, extremamente incómoda, de que Batista, que sempre foi apresentado como um puritano ascético e monástico, era, de facto, outra coisa muito diferente.
Quando Simão regressou de Alexandria, Dositeus entregou-lhe a liderança da Igreja de João, embora não pacificamente. Mais uma vez, constatamos que a cidade egípcia de Alexandria é importante

nesta história, talvez porque foi ali que os protagonistas principais aprenderam a sua magia. Dositeus tinha também uma seita com o seu nome, a qual conseguiu sobreviver até ao século vi. Orígens registra:

[...] um certo Dositeus dos samaritanos apresentou-se e disse que era o Cristo das profecias: a partir desse dia até hoje, há dositeístas que escrevem sobre Dositeus e contam histórias sobre ele, como se ele não tivesse sofrido a morte, mas ainda estivesse vivo.

É possível encontrar continuadores de Simão até ao século III. O seu sucessor imediato foi um certo Menander.
Os dositeístas veneravam João Batista «como seu legítimo mestre ... dos últimos Dias». Mas as seitas de Simão e de Dositeus foram eventualmente erradicadas pela Igreja.
A implicação evidente é que João Batista não era o pregador ocasional das multidões: ele era o chefe de uma organização - que tinha a sede em Alexandria. Como vimos, os primeiros prosélitos de Jesus ficaram surpreendidos ao descobrir uma «Igreja de João» em Éfeso, e que fora lá instituída por Apolo de Alexandria. Foi esta metrópole que também serviu de base a Simão, o Mago - sucessor oficial de João e conhecido rival de Jesus - e que era também samaritano. Curiosamente, os cristãos veneravam o túmulo de Batista em Samaria até ser destruído, no século IV, por ordem

do imperador Juliano, o que, no mínimo, sugere uma primitiva tradição que associava João Baptista àquela terra. (Talvez a parábola do bom samaritano fosse uma tentativa subtil de apaziguamento dos discípulos de João ou de Simão, o Mago.)
Contudo, não há nenhuma sugestão de que Simão, o Mago, fosse judeu, nem mesmo natural da Samaria. Até nos ataques mais violentos que lhe fizeram, os padres da Igreja nunca o atacaram por ser judeu - e, dada a violência com que os judeus, ao longo dos séculos, têm sido atacados por terem assassinado o filho de Deus, isto é particularmente significativo. Como vimos, João pregava aos não judeus e atacava o culto do Templo de Jerusalém - o verdadeiro alicerce da religião judaica. Ele tinha, com todas as probabilidades, fortes laços com Alexandria - mas, o que é mais significativo, o seu sucessor era também um pagão. Tudo isto implica que o próprio João não era judeu e que estava familiarizado com a cultura egípcia.
É particularmente estranho que os primeiros padres da Igreja, como Ireneu, fizessem remontar as origens das seitas «heréticas» precisamente a João Batista. Afinal, segundo os Evangelhos, ele inventou o batismo e, virtualmente, viveu para preparar o caminho de Jesus. Mas eles conheciam a verdade sobre João Baptista? Compreenderam que ele não era um precursor, mas um grande rival, que era venerado, por direito próprio, como Messias? Reconheceram o fato espantoso de que João, afinal, não era um cristão?

Com efeito, os evangelistas vingaram-se de João. Reescreveram-no e, no processo, subjugaram-no e realinharam-no, para que o antigo rival - talvez mesmo inimigo - de Jesus fosse visto ajoelhado perante ele, temeroso da sua divindade. Suprimiram os verdadeiros motivos, palavras e atos de João e substituíram-nos por aqueles que melhor se adequassem à imagem que, deliberadamente, criaram de Jesus e do seu movimento.
Como peça de propaganda, teve um sucesso espantoso, embora este talvez se deva, em parte, à antiga tendência da Igreja para responder a quaisquer questões «heréticas» com a tortura e a fogueira. A história cristã, em que hoje acreditamos, é o resultado de um anterior reino de terror, tanto como da propaganda dos Evangelhos.
Mas, muito afastados da influência sinistra da Igreja oficial, alguns dos fiéis discípulos de João mantinham viva a sua memória de «verdadeiro Messias.» E eles ainda existem hoje.

CAPÍTULO XV
OS DISCÍPULOS DO REI DA LUZ

No século XVII, missionários jesuítas que regressavam da área circundante do Baixo Eufrates e Tigre, no que é o actual Iraque, trouxeram histórias de um povo a que chamavam «cristãos de S. João». Embora este grupo vivesse no mundo muçulmano e estivesse rodeado de

árabes, eles ainda aderiam a uma forma de cristianismo em que João Batista era proeminente. Todos os seus ritos religiosos eram centrados no baptismo, que não era uma cerimónia que se realizava apenas uma vez para iniciar e acolher um novo membro na congregação, mas que desempenhava um papel importante em todos os seus sacramentos e rituais.
Mas, desde estes primeiros contactos, tomou-se aparente que a designação «cristãos de S. João» não era apropriada. Esta seita tinha uma veneração especial por João Batista - mas os seus membros não podiam, de modo algum, ser chamados cristãos no sentido habitual. Consideram Jesus um falso profeta, um mentiroso que, deliberadamente, enganou o seu povo e outros. Mas, tendo vivido durante séculos sob a ameaça constante de perseguições de judeus, muçulmanos e cristãos, eles adotaram a estratégia de se apresentarem aos visitantes na forma menos ofensiva. Foi por esta razão que adotaram o nome de «cristãos de S. João». A sua orientação religiosa está contida nestas palavras do seu livro sagrado, o Ginza:

Quando Jesus vos oprimir, dizei-lhe: «Pertencemos-te.» Mas não o reconheçais nos vossos corações, nem negueis a voz do vosso Mestre, o grande Rei da Luz, porque ao falso Messias o oculto não é revelado.

Atualmente, esta seita - que ainda sobrevive nas

regiões pantanosas do Sul do Iraque e, em menor número, no sudoeste do Irão - é conhecida como os mandeístas. São um povo profundamente religioso e pacífico, cujo código proíbe a guerra e o derramamento de sangue. Vivem sobretudo nas suas aldeias e comunidades, embora alguns deles tenham partido para as cidades, onde, tradicionalmente, trabalham como ourives, trabalho em que são exímios. Conservam a sua linguagem e escrita próprias, ambas derivadas do aramaico, a língua falada por Jesus e João. Em 1978, o seu número foi calculado em menos de 15.000, mas a perseguição movida aos árabes das regiões pantanosas por Saddam Hussein, depois da Guerra do Golfo, quase os condenou à extinção - as circunstâncias políticas do Iraque tornam impossível ser mais exato sobre a questão. Literalmente, o nome mandeístas significa gnósticos (de manda, gnose) e refere-se apenas aos leigos, embora se aplique, por vezes, à comunidade em geral. Os seus sacerdotes são chamados nasorenos. Os árabes designam-nos por subas, e surgem no Corão com a designação de sabeus.

Até 1880 não tinha sido feito nenhum estudo sério sobre os mandeístas. Mesmo assim, os estudos mais vastos continuam a ser os de Ethel Stevens (futura Lady Drower), nos anos imediatamente anteriores à segunda guerra mundial. Os académicos continuam a confiar no material que ela compilou e que inclui muitas fotografias dos seus rituais e cópias dos livros sagrados

mandeístas. Embora recebam bem os estranhos, eles são naturalmente - e com boas razões - um povo fechado e reservado, e Lady Drower precisou de muito tempo para ganhar a sua confiança, a ponto de lhe revelarem as suas crenças, doutrinas e história e de lhe facultarem o acesso aos seus manuscritos secretos, que contêm os seus textos sagrados. (No século XIX, eruditos franceses e alemães tentaram, sem sucesso, quebrar esta muralha de secretismo.) Mas é indubitável que existem mistérios internos que ainda não foram revelados a estranhos.

Os mandeístas têm vários textos sagrados - toda a sua literatura é religiosa - sendo os mais importantes o Ginza (Tesouro), também conhecido por Livro de Adão; o sidra d'Yahya ou Livro de João (também conhecido como o Livro dos Reis), e o Haran Gawaita, que é a história da seita. O Ginza, certamente, data do século VII, ou é mesmo anterior, enquanto o Livro de João deve ter sido compilado a partir dessa data. João, referido no título, é Batista, que, no texto mandeísta, é referido por dois nomes, Yohanna (que é mandeísta), e Yahya, o nome árabe com que surge no Corão. O último é mais usado, indicando que o livro foi escrito depois da conquista muçulmana da região, embora o material seja muito mais antigo. A questão importante é o grau da sua antiguidade.

Era hábito pensar que os mandeístas tinham criado o Livro de João e elevado Batista à posição de seu profeta como um estratagema astucioso para

evitar as perseguições dos árabes, que apenas toleravam aqueles a quem chamavam «povo do livro» - isto é, povos que tinham um livro sagrado e um profeta; de outro modo, eram considerados pagãos. Contudo, os mandeístas surgem no próprio Corão, sob o nome de sabeus, como um «povo do livro», provando que eles eram reconhecidos como tal, muito antes de estarem sob a ameaça do domínio muçulmano. Em todo o caso, eles sofreram perseguições, particularmente no século XIV, quando os seus dominadores islâmicos quase os exterminaram.

Em constante fuga às perseguições, os mandeístas chegaram, finalmente, ao seu actual território. As suas lendas e os estudos modernos revelam que eles vieram da Palestina, donde foram expulsos no século I d.C. Ao longo dos séculos, foram recuando para leste e para sul, deslocando-se à medida que sofriam perseguições. O que temos hoje é, efectivamente, o remanescente de uma religião muito mais divulgada.

Hoje, a religião mandeísta é, francamente, uma miscelânea desesperadamente confusa: fragmentos vários de judaísmo do Antigo Testamento, formas gnósticas heréticas de cristianismo e crenças dualistas iranianas, todos misturados nas suas teologia e cosmologia. O problema reside na averiguação de quais eram as suas crenças originais e quais as que surgiram depois. Parece que os próprios mandeístas esqueceram muito do significado inicial da sua religião. Mas é possível fazer algumas

generalizações acerca dela, e uma análise laboriosa permitiu aos eruditos chegar a algumas conclusões sobre as suas crenças de um passado distante. Foi esta análise que nos ofereceu algumas indicações excitantes sobre a importância de João Batista e a sua verdadeira relação com Jesus.

Os mandeístas representam a única religião gnóstica sobrevivente do mundo: as suas ideias relativamente ao Universo, ao acto da criação e aos deuses são conhecidas crenças gnósticas. Acreditam numa hierarquia de deuses e de semi-deuses, tanto masculinos como femininos, com uma divisão fundamental entre os da luz e os das trevas.

O ser supremo dos mandeístas, que criou o Universo e as divindades menores, aparece sob várias designações que se traduzem por «Vida», «Mente» ou «Rei da Luz». Ele criou cinco «seres da luz», os quais automaticamente deram origem a cinco seres das trevas, iguais mas opostos. (Esta ênfase na luz ser igualada ao maior bem é caracteristicamente gnóstica: virtualmente todas as páginas do Pistis Sophia, por exemplo, usam esta metáfora. Para os gnósticos, ser iluminado é literal e figurativamente entrar num mundo de luz.) Como nos outros sistemas gnósticos, foram estes semi-deuses que criaram e governaram o universo material e esta Terra. A Humanidade foi também criada por um destes seres, chamado (dependendo da versão do mito) Hiwel Ziwa ou Ptahil. Os primeiros humanos são os somáticos

Adão e Eva - Adão Paghia e Hawa Paghia - e os seus duplos «ocultos», Adão Kasya e Eva Kasya. Os mandeístas consideram-se descendentes de pais oriundos de ambos os «conjuntos», físico e espiritual - Adão Paghia e Hawa Kasya.
O seu mais próximo equivalente do Diabo é a sinistra deusa Ruha, que governa o reino das trevas, mas ela é também considerada o Espírito Santo. Esta ênfase em forças iguais e opostas de bem e mal, masculinas e femininas, é caracteristicamente gnóstica e está exemplificada nestas palavras:

[...] a terra é como uma mulher e o céu como um homem, porque ele torna a terra fecunda.

Uma deusa importante, a quem são dedicadas muitas orações nos livros mandeístas, é Libat, que foi identificada com Istar.
Para os mandeístas, o celibato é um pecado: os homens que morrem solteiros estão condenados a reencarnar - mas, caso contrário, os mandeístas não acreditam no ciclo do renascimento. Na morte, a alma regressa ao mundo da luz de onde os mandeístas são originários, e a alma é ajudada no seu caminho com muitas orações e cerimónias, muitas das quais têm origem evidente nos ritos funerários egípcios.
A religião impregna todos os aspectos da vida diária dos mandeístas, mas o seu sacramento-chave é o batismo, que figura nas cerimônias de casamentos e mesmo de funerais. Os baptismos

mandeístas são imersões completas em tanques especialmente criados, que estão ligados a um rio conhecido como Jordão. Uma série de apertos de mão, entre os sacerdotes e os que estão a ser baptizados, fazem parte de todos os rituais.
O dia santo dos mandeístas é o domingo. As suas comunidades são dirigidas pelos sacerdotes, que assumem também o título de «rei» (malka), embora alguns serviços religiosos possam ser realizados pelos leigos. O sacerdócio é hereditário e consiste em três estratos: os sacerdotes comuns, que são chamados «discípulos» (tarmide), bispos e um supremo «chefe do povo» - embora, há mais de um século, ninguém tivesse sido considerado digno de desempenhar este papel.
Os mandeístas afirmam que já existiam muito antes da época de Batista, que eles consideram o grande líder da sua seita, mas nada mais. Dizem que deixaram a Palestina no século I d.C., tendo a sua origem numa região montanhosa que eles denominam Tura d'Madai, ainda não identificada pelos eruditos.
Quando, pela primeira vez, os jesuítas os encontraram, no século XVII, partiu-se do princípio de que eles eram os descendentes dos judeus que João batizara, mas, agora, as suas pretensões de que já existiam antes dessa época e noutro lugar são tomadas a sério pelos eruditos. Ainda conservam vestígios da sua permanência na Palestina do primeiro século: a sua escrita é semelhante à da Nabateia, o reino árabe limítrofe de Pereia onde João surgiu pela primeira vez.

Indicações do Hawan Gawaita sugerem que eles deixaram a Palestina em 37 d.C. - aproximadamente a data da crucificação, mas se isso foi uma mera coincidência é impossível saber. Foram expulsos pelos seus rivais, o movimento de Jesus?

Até recentemente, os académicos consideravam inexata a negação dos mandeístas quanto a terem tido origem numa seita judaica separatista, mas, agora, reconhece-se que eles não têm nenhuma raiz judaica. Porque, embora os seus textos incluam os nomes de algumas figuras do Antigo Testamento, eles desconhecem genuinamente os costumes e as observâncias rituais judaicos - por exemplo, os seus varões não são circuncidados e o seu sétimo dia não é o sábado. Tudo isto indica que, outrora, eles viveram próximo dos judeus, mas nunca fizeram, de facto, parte deles. Uma coisa que sempre intrigou os eruditos, relativamente aos mandeístas, foi a sua insistência em que vieram originalmente do Egito. Na verdade, nas palavras de Lady Drower, eles consideram-se, nalguns aspectos, «correligionários» dos antigos egípcios, como afirma um dos seus textos que «o povo do Egipto era da nossa religião». A misteriosa região montanhosa, a Tura d'Madai, que eles citam como seu território original, foi onde a religião surgiu - entre o povo, dizem eles, que viera do Egito. O nome do seu semideus que governa o mundo - Ptahil - tem uma estranha semelhança com o do deus egípcio Ptá e, como já vimos, as suas

cerimónias funerárias parecem dever muito às dos antigos egípcios.
Após a sua fuga da Palestina, os mandeístas viviam nas terras da Pártia e da Pérsia, governadas pelos sassânidas, mas fixaram-se também na cidade de Harran - que, como veremos, tem alguma importância para esta investigação.
Os mandeístas nunca afirmaram que João Batista fosse o seu fundador ou que tivesse inventado o batismo. Nem o consideram nada mais do que um grande - de facto, o maior - líder da sua seita, um nasurai (adepto). Afirmam que Jesus era também um nasurai, mas tornou-se «um rebelde, um herético, que desencaminhou os homens, [e] traiu doutrinas secretas ... ». O seu Livro de João narra a história de João e de Jesus. O nascimento de João é profetizado num sonho e uma estrela surge a pairar sobre Enishbai (Isabel). O pai é Zakhria (Zacarias) e, como na história dos Evangelhos, são ambos idosos e não têm filhos. Depois do seu nascimento, os judeus conspiram contra a criança, que é confiada à proteção de Anosh (Enoc) e escondida numa montanha sagrada, de onde regressa aos 21 anos. Então, torna-se o líder dos mandeístas - e, curiosamente, e representado como um talentoso curandeiro.
João é chamado o Pescador de Almas e o Bom Pastor. A primeira designação foi usada para Ísis e Maria Madalena, além de Simão Pedro - como Pescador de Homens, e a última para muitos dos antigos deuses mediterrânicos. O Livro de João

inclui a lamentação de Batista por uma ovelha perdida que fica enterrada na lama porque se inclina perante Jesus.

Na lenda mandeísta, João toma uma esposa, Anhar, que não tem um papel proeminente na história. Um elemento estranho desta lenda é que os mandeístas parecem não ter conhecimento da morte de João, que é, evidentemente, muito dramática no Novo Testamento. Há uma sugestão no Livro de João de que este morre pacificamente e que a sua alma é arrebatada pelo deus Manda-t-Hairy, sob a forma de uma criança, mas isto parece ser uma prefiguração poética do que eles pensam que deveria acontecer ao Batista. Muitos dos seus textos sobre João não se destinavam a ser considerados como facto biográfico, mas continua a ser intrigante que eles ignorassem o que foi, essencialmente, uma morte de mártir. Por outro lado, pode acontecer que o episódio seja central para os seus mistérios internos e mais secretos.

E quanto a Jesus, no Livro de João mandeísta? Ele surge sob dois nomes: Yeshu Messiah e Messiah Paulis (considerado derivado de uma palavra persa, significando «enganador»), e, por vezes, como «Cristo, o Romano». Ele surge na história pedindo para se tornar discípulo de João - o texto não é claro, mas a implicação é que Jesus não era membro da seita, mas um estranho. Quando se dirige ao Jordão e pede o baptismo, João mostra-se cético quanto aos seus motivos e merecimento, mas Jesus consegue convencê-lo. Quando Jesus é

batizado, Ruha - a deusa das trevas - surge sob a forma de uma pomba e lança uma cruz de luz sobre o Jordão.
No entanto, depois de se tornar discípulo de João - num paralelo surpreendente com as histórias contadas pelos cristãos sobre Simão, o Mago -, Jesus (nas palavras de Kurt Rudolph) «começa a perverter as palavras de João e modifica o baptismo do Jordão e torna- se sábio através da sabedoria de João».
O Hawan Gwaita denuncia Jesus nestas palavras:

Ele perverteu as palavras da luz e transformou-as em escuridão, converteu os que me pertenciam e perverteu todos os cultos.

No Ginza lemos: «Não acredites nele [Jesus] porque ele é adepto da feitiçaria e da traição.» Os mandeístas, na sua cronologia confusa, esperam a vinda de uma figura chamada Anosh-Uthra (Enoc) que «acusará Cristo, o romano, o mentiroso, filho de uma mulher que não é da luz» e que «desmascarará Cristo, o romano, como um mentiroso, ele será preso pelas mãos dos judeus, os seus devotos prendê-lo-ão, e o seu corpo será chacinado».
A seita tem uma lenda acerca de uma mulher chamada Miriai (Maria ou Maria), que foge de casa com o namorado e cuja família tenta desesperadamente fazê-la regressar (mas não antes de a censurarem, censura expressa em linguagem viva, chamando-lhe «prostituta» e

«gamela debochada». Filha dos senhores de Jerusalém, ela passa a viver com o seu marido mandeísta na foz do Eufrates, onde se torna uma espécie de profetiza, sentada num trono, lendo o Livro da Verdade. Se, como parece mais provável, a história é uma alegoria das viagens e perseguições da própria seita, ela indicava que uma facção judaica se aliara, em tempos, a um grupo não judaico, sendo os mandeístas o resultado da fusão. Contudo, o nome Miriai e a sua representação como uma «prostituta» incompreendida e perseguida sugerem a tradição de Madalena, tal como os pormenores sobre a sua partida da pátria e a sua transformação numa pregadora ou profetiza. Em todo o caso, é interessante que os mandeístas escolhessem uma mulher para seu símbolo.
Os mandeístas podem parecer ser apenas uma curiosidade antropológica, um povo perdido e confuso, parado no tempo, que, ao longo dos anos, adquiriu ideias bizarras.
Mas um estudo cuidadoso dos seus textos sagrados revela interessantes paralelos com outra literatura antiga que tem relação com a nossa investigação.
Os seus manuscritos sagrados estão ilustrados com representações de deuses que têm uma extraordinária semelhança com os papiros mágicos gregos e egípcios - do gênero que Morton Smith usou na sua investigação. Fizeram-se comparações entre as doutrinas dos mandeístas e as dos maniqueus, os discípulos do mestre

gnóstico Mani (c. 216-75); na verdade, o consenso é de que a seita batismal dos Mughtasilah, a que o pai de Mani pertencia e entre os quais o próprio Mani foi educado, eram os mandeístas (durante o seu êxodo em direcção ao sul do Iraque ou nalguma comunidade já extinta). Sem dúvida que as doutrinas de Mani foram influenciadas pelos mandeístas - e foram as suas doutrinas que, por vezes, exerceram uma forte influência nas seitas gnósticas europeias, incluindo os cátaros.

Alguns eruditos, como G. R. S. Mead, apontaram as surpreendentes semelhanças entre os textos sagrados mandeístas e o Pistis Sophia. De facto, uma secção do Livro de João, chamada Tesouro de Amor, é considerada por Mead como «os ecos de uma fase anterior» daquela obra. Estes textos apresentam também acentuados paralelos com os documentos de Nag Hammadi, que foram associados aos «movimentos baptismais» que existiam na época. Também se verificaram estreitas semelhanças entre a teologia dos textos mandeístas e a de alguns dos manuscritos do Mar Morto.

Outra associação intrigante é a da cidade de Harran, na Mesopotâmia, com os mandeístas, que se sabe terem-se lá fixado. Até ao século X, esta cidade era o centro de uma seita, ou escola, conhecida por Sabeus, que são muito importantes na história do esoterismo. Eram filósofos herméticos, herdeiros do hermetismo egípcio, e foram extremamente influentes em seitas místicas muçulmanas, como os sufis, cuja

influência, por sua vez, pode ser acompanhada até à cultura do sul de França na Idade Média - por exemplo, no caso dos Templários. Como escreve Jack Lindsay em The Origins of Alchemy in Graeco-Roman Egipt:

Uma estranha bolsa de crenças herméticas, incluindo muitas ligadas à alquimia, perdurou entre os sabeus de Harran, na Mesopotâmia. Os sabeus sobreviveram como seita pagã dentro do Islão, no mínimo, durante dois séculos.

Os mandeístas, como vimos, ainda são denominados «sabeus» (ou subas) pelos muçulmanos modernos, portanto, é evidente que era a sua filosofia que era tão influente em Harran. E, além do seu hermetismo, que outro legado deixaram aos Templários? Transmitiram-lhes a sua veneração pelo Batista e talvez mesmo algum conhecimento secreto?

Todavia, as associações mais excitantes são com o enigmático Quarto Evangelho. Kurt Rudolph, provavelmente a maior autoridade em mandeísmo, escreve:

Os mais antigos elementos da literatura mandeísta reservaram-nos um testemunho do meio social do primitivo cristianismo oriental, que podem ser utilizados para interpretar certos textos do Novo Testamento (em particular, a coleção de escritos joaninos).

Já vimos que muitos dos mais respeitados e

influentes estudiosos do Novo Testamento, no século XX, consideram algumas partes do Evangelho de João - especialmente o prólogo «No princípio era o Verbo» e algumas das discussões teológicas - como tendo sido «plagiadas» de textos escritos pelos discípulos de João Batista. Muitos destes acadêmicos concordam que esses textos tinham uma origem comum: os livros sagrados dos mandeístas. Já em 1926, H. H. Schaeder sugeriu que o prólogo do Evangelho de João - com o seu verbo feminino - era um «hino mandeísta com origem nos círculos batistas. Outro erudito, E. Schweizer, chamou a atenção para os paralelos entre a dissertação sobre o Bom Pastor do Evangelho de João, no novo Testamento, e o capítulo do Bom Pastor do Livro de João dos mandeístas, e concluiu que eles provinham da mesma fonte original. É evidente que esta fonte original não aplicava esta analogia do Bom Pastor a Jesus, mas a João Batista. O Evangelho de João, no Novo Testamento, efectivamente, usurpou-a aos mandeístas/joaninos.
Alguns comentadores, como Rudolf Bultmann, concluíram que os modernos mandeístas são os verdadeiros descendentes dos discípulos de Batista - eles são a elusiva Igreja de João, que já foi discutida. Embora estas sejam razões poderosas para pensar que os modernos mandeístas são apenas um ramo da Igreja joanina sobrevivente, é elucidativo registar as conclusões de Bultmann, resumidas por W. Schmithals:

Por um lado, [o Evangelho de] João revela contatos estreitos com a concepção gnóstica do mundo. A fonte dos discursos, que João assume ou à qual adere, é de concepção gnóstica. Tem o seu mais estreito paralelo nos textos mandeístas, e os mais antigos estratos das tradições mandeístas remontam ao tempo do primitivo cristianismo.

De forma ainda mais abrangente, sempre se defendeu que o material apocalíptico de Q, o documento-fonte dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, provém da mesma fonte que o Ginza mandeísta - e foi até sugerido que o baptismo cristão nasceu dos ritos mandeístas.
São espantosas as implicações deste plágio relativamente às escrituras. Seria possível que muito do material, tão acarinhado por gerações de cristãos como relativo, ou mesmo representativo, das verdadeiras palavras de Deus, se referisse inteiramente a outro homem? E era esse outro o seu grande rival, o profeta que não anunciou a vinda de Jesus, mas que era venerado como o próprio Messias - João Batista?
A continuação da investigação revela cada vez maior evidência de que os mandeístas representam uma descendência direta que remonta aos discípulos originais de João. De facto, a primeira referência aos mandeístas data de 792 d.C., quando o teólogo sírio Theodore bar Konai, citando o Ginza, afirma explicitamente que eles descendem dos dositeístas. E, como vimos, os dositeístas eram uma seita herética fundada, de

facto, por um dos primeiros discípulos de João, paralela ao grupo de Simão, o Mago.
Mas há mais. Já vimos que Jesus era chamado «o Nazoreno» ou «Nazareno», que era também um nome aplicado aos primeiros cristãos - embora ele não fosse inventado para os descrever. Era um termo que já existia e designava um grupo de seitas associadas das regiões da Samaria e da Galileia, que se consideravam os defensores da verdadeira religião de Israel. Quando usado em relação a Jesus, o termo «Nazoreno» identifica-o como membro de um culto que, segundo outras evidências, parecia já existir há, pelo menos, duzentos anos antes de Jesus nascer.
Mas recordemos que os mandeístas chamavam também aos seus adeptos «nasurai»: e não é coincidência. Hugh Schonfield, ao discutir os nazorenos pré-cristãos, afirma:

Há boas razões para acreditar que os herdeiros desses nazarenos... sejam os atuais nazorenos (também conhecidos por mandeístas) do Baixo Eufrates.

O grande erudito bíblico, o britânico C. H. Dodds, concluiu que os nazorenos eram a seita a que João Batista pertencia - ou, mais corretamente, dirigia - e que Jesus começou a carreira como discípulo de João, mas passou a fundar o seu próprio culto e levou o nome com ele.
É possível que os mandeístas não estejam confinados exclusivamente ao Iraque e ao Irão,

actualmente (se, na verdade, eles conseguiram sobreviver às destruições de Saddam), mas podem também ser representados por uma outra seita, altamente secreta, que ainda existe na Síria moderna. São os nusairiyeh ou nosairi (também conhecidos, por vezes, por alavitas, segundo o nome da cordilheira de montanhas onde vivem). É óbvio que o nome é muito semelhante a «nazoreno». Aparentemente islâmicos, sabe-se que eles adoptaram os aspectos exteriores dessa religião para evitar persrguições. Embora se saiba que eles têm uma «verdadeira» religião, que mantêm secreta, os seus pormenores - por razões óbvias - são difíceis de conhecer. Supõe-se, no entanto, que sejam alguma forma de cristianismo.

Um dos raros europeus que conseguiram aproximar-se das doutrinas secretas dos nosairi é Walter Birks, que fez um relato sobre eles em The treasure of Montségur (escrito em colaboração com R. A. Gilbert). Birks passou algum tempo na zona, durante a segunda guerra mundial, e estabeleceu relações de amizade com alguns dos sacerdotes. O seu relato é muito circunspecto, porque sempre respeitou o juramento de segredo que lhes prestou, mas, pelo que ele diz, parecia muito possível que fossem uma seita gnóstica, muito semelhante à dos mandeístas. O que é particularmente interessante é uma conversa entre Birks e um dos sacerdotes nosairi, depois de terem discutido o tema dos cátaros e da possível natureza do Graal (Birks notara que alguns dos seus rituais se centravam no uso de um cálice

sagrado). O sacerdote revelou-lhe que «o maior segredo» da sua religião era este: «O Graal, a que se refere, é um símbolo e representa a doutrina que Jesus revelou apenas a João, o Discípulo Amado. Ainda a conservamos.» Lembremos a tradição «joanina» de algumas formas de maçonaria ocultista europeia e do Priorado de Sião - que os Cavaleiros Templários tinham adoptado a religião dos «joaninos do Oriente» que era formada pelas doutrinas secretas de Jesus, tal como foram reveladas a João, o Discípulo Amado. Logo que fique claro que o Evangelho de João era, na sua origem, material batista, a aparente confusão, que já notámos, entre João, o Amado, e João Batista, está clarificada.
As tradições mandeístas, relativas a João Baptista e Jesus, adaptam-se extraordinariamente bem às conclusões que delineamos no capítulo anterior: originariamente, Jesus era discípulo de João, mas implantou-se por direito próprio, levando consigo, no processo, alguns dos discípulos de João. As duas escolas eram rivais, tal como eram os respectivos líderes.
Considerado em conjunto, tudo isto forma um quadro notavelmente consistente. Sabemos que João Batista era uma figura muito respeitada, com um grande número de discípulos - uma verdadeira Igreja, de fato - que, no entanto, desaparece dos registos «oficiais», depois de uma breve referência nos Actos. Mas este movimento tinha uma literatura própria, que foi eliminada, embora alguns dos seus elementos fossem «aproveitados»

pelos Evangelhos cristãos, especificamente a «Natividade de João», por Lucas (ou pela sua fonte) e o «Magnificat», o cântico de Maria. Mais espantosa é a evidência, que já apresentámos, do mito do massacre dos inocentes, ordenado por Herodes, que, embora fictício, fora anteriormente associado ao nascimento de João, o qual Herodes receava que fosse o verdadeiro «rei de Israel».

Dois outros movimentos, que constituíam uma grande ameaça para a Igreja cristã emergente, foram fundados por outros discípulos de João - Simão, o Mago, e Dositeus; os dois movimentos eram seitas gnósticas influentes em Alexandria. Curiosamente, o «material» de Batista, que foi incorporado no Evangelho de João, no Novo Testamento, também é gnóstico, e os mandeístas são gnósticos. A conclusão é óbvia: o próprio João Batista era também gnóstico.

Há também paralelos significativos entre os textos dos mandeístas, Simão, o Mago, o Evangelho de João e os textos gnósticos coptas, principalmente o Pistis Sophia, que tem um papel importante na nossa investigação sobre Maria Madalena.

Nenhuma das seitas - mandeístas, simonistas e dositeístas - que estavam associadas a João Batista faz parte da religião judaica, embora todas surgissem na Palestina, duas delas nas terras heréticas do Norte, na Samaria. E, se estes grupos não eram de religião judaica, a inferência óbvia é que João também não era judeu. Porque, embora a influência das ideias gnósticas se estendesse a outros lugares e culturas - notavelmente, o Irão -,

há uma clara linha de influência da religião do antigo Egito. É ali que encontramos os paralelos mais próximos com as ideias e actos de Jesus, e, curiosamente, os mandeístas fazem remontar a sua ascendência ao Egito.
Apesar do estado confuso dos seus textos, muito do que os mandeístas se atribuem é comprovado pelos estudos modernos - que, inicialmente, se mostravam cépticos quanto às suas pretensões.
Os mandeístas afirmam que os precursores da sua seita eram oriundos do antigo Egipto, embora a seita surgisse na Palestina. Não eram judeus, mas viviam na sociedade judaica. A sua seita, conhecida, então, como os nazorenos, era dirigida por João Batista, embora já existisse há muito tempo. Curiosamente, eles veneram-no, mas não o consideram nada mais do que um líder e profeta. Sofreram perseguições, primeiro dos judeus, depois dos cristãos, e foram expulsos da Palestina, afastando-se cada vez mais para oriente, em direção ao seu precário território atual.
A perspectiva mandeísta de Jesus - que era mentiroso, impostor e feiticeiro - está de acordo com a do Talmude judaico, em que ele é condenado por «desencaminhar» os judeus e em que a sua morte é atribuída à sua condenação por ocultismo.
Todas as seitas associadas a João, apesar de serem relativamente pequenas, individualmente, se consideradas em conjunto, formavam um enorme movimento. Os mandeístas, os simonistas, os dositeístas - e, discutivelmente, até

os Cavaleiros Templários - foram impiedosamente perseguidos pela Igreja Católica devido ao seu conhecimento e à sua reverência, relativamente ao Batista, restando apenas o pequeno grupo do Iraque. Em qualquer outra parte, especialmente na Europa, os joaninos tornaram-se um movimento secreto, mas continuam a existir.

Nos círculos ocultistas europeus, dizia-se que os Templários tinham adquirido os seus conhecimentos junto dos «joaninos do Oriente». Outros movimentos esotéricos e secretos, como os maçônicos - especialmente aquelas ordens que se reclamam descendentes diretas dos Templários, e também os ritos egípcios - e o Priorado de Sião, sempre tiveram uma veneração particular por João Batista. Resumindo os pontos principais da tradição joanina:

1. Dá ênfase especial ao Evangelho de João porque afirma que ele contém as doutrinas secretas reveladas a João Evangelista (o discípulo amado) por «Cristo».
2. Há uma evidente confusão entre João Evangelista (o presumível autor do Quarto Evangelho) e João Batista.
3. As «tradições secretas» referidas são especificamente gnósticas.
4. Embora reclamando representar uma forma esotérica de cristianismo, a que conserva as «doutrinas secretas» de Jesus, a tradição revela uma grande falta de consideração pelo próprio Jesus. No máximo, parece considerá-lo apenas

mortal, ilegítimo e talvez vítima de ilusões de grandeza. Para os joaninos, o termo «Cristo» não significa qualquer condição divina, mas é considerado como um mero termo respeitoso - de fato, todos os seus líderes são conhecidos por «cristos». Por essa razão, quando um membro destes grupos se intitula «cristão», isso pode ter um significado diferente do aparente.

5. A tradição considera que Jesus era adepto da escola egípcia de mistérios de Osíris, e os segredos que ele revelou eram os do círculo interno adorador de Osíris.

Na sua forma original, o Evangelho de João, no Novo Testamento, não era uma escritura do movimento de Jesus, mas um documento que, originalmente, pertencia aos discípulos de João Batista. Isto explica não só as razões da grande consideração que os joaninos têm por este Evangelho mas também a confusão entre João Batista e João Evangelista. No entanto, esta confusão era deliberada.

Não há provas de que um movimento de «joaninos» orientais tivesse formado uma Igreja esotérica, fundada por João Evangelista. Há, no entanto, bastantes evidências de uma tal igreja fundada por João Batista. Esta ainda é representada pelos mandeístas e, talvez, pelos nosairi. É indubitável que os mandeístas se encontravam noutros pontos do Médio Oriente - não se conhecem as localizações -, mas, actualmente, estão confinados a pequenas

comunidades do Iraque e do Irão. É mais que possível que eles ainda existissem na época das Cruzadas, e, por conseguinte, podiam ter entrado em contato com os Templários, e também é possível que a Igreja ocidental de João se tornasse secreta nos primeiros tempos da era cristã.
Apesar do tratamento atroz que receberam dos cristãos, é difícil explicar a razão por que, pelo menos, os mandeístas continuam a manifestar um ódio ardente contra o próprio Jesus. Na verdade, eles consideram-no um falso Messias, que usurpou os segredos do seu mestre João e os usou para desencaminhar alguns dos seus próprios membros; mas, passado todo este tempo, a pura veemência da sua hostilidade parece inexplicável. Nem a sua história de perseguições explica suficientemente o motivo por que continuam a desferir ataques contra a pessoa de Jesus com tanta veemência. Que poderia ele ter feito para merecer esta continuada humilhação, século após século?

CAPÍTULO XVI
A GRANDE HERESIA

Estamos conscientes de que grande parte dos últimos capítulos pode ter causado um choque a muitos leitores, especialmente àqueles que não estão familiarizados com os recentes estudos bíblicos. Afirmar que o Novo Testamento fez uma interpretação errada de Batista, como subordinado a Jesus, e que o sucessor oficial de João foi o mágico sexual Simão, o Mago, está tão

em contradição com a história «tradicional» que sugere uma completa invenção. Mas, como vimos, estudiosos do Novo Testamento altamente respeitados fizeram estas descobertas com total independência: limitamo-nos a confrontá-las e a comentá-las.
A maior parte dos eruditos bíblicos modernos concorda que João Baptista era um destacado líder político cuja mensagem religiosa, de algum modo, ameaçava destabilizar o status quo da Palestina dessa época - e há muito que se reconheceu que Jesus era uma figura semelhante. Mas como se relaciona esta dimensão política da sua missão com o que descobrimos sobre os seus antecedentes de escolas egípcias de mistérios?
Devemos lembrar que a religião e a política eram uma e a mesma coisa, no mundo antigo, e que qualquer líder carismático que arrastasse multidões era, automaticamente, considerado uma ameaça política pelos poderes vigentes. E estas mesmas multidões seguiriam a orientação do seu líder, o que, no mínimo, deveria perturbar as autoridades. A mistura de religião e política está exemplificada no conceito de rei divino ou César divinizado. No Egito, os faraós eram considerados divindades desde o momento da sua sucessão: começavam por Hórus encarnado - o descendente mágico de Ísis e Osíris - e, terminados os ritos sagrados da morte, tornavam-se Osíris. Mesmo nos tempos do Império romano, a família reinante do Egipto, a dinastia grega dos ptolomeus - da qual Cleópatra é o membro mais famoso - era

muito escrupulosa em manter a tradição do faraó-como-deus. A rainha do Nilo identificava-se muito com Isis e era, por vezes, retratada como deusa.
Um dos mais persistentes conceitos associados a Jesus é a sua realeza. «Cristo-Rei» é frequentemente alternado com a designação «Cristo, o Senhor», e, embora ambas sejam usadas simbolicamente, persiste um sentimento difuso de que, de certo modo, ele pertencia à realeza - e a Bíblia está de acordo.
O Novo Testamento é inequívoco neste ponto: Jesus era descendente directo do rei David, embora não se possa comprovar a exactidão desta afirmação. O ponto crucial é que o próprio Jesus se considerava de estirpe real ou queria que os discípulos o considerassem. Seja como for, não há dúvida de que Jesus pretendia ser o rei legítimo de todo o Israel.
Em face disto, tudo pareceria estar em contradição com a nossa ideia de que Jesus era de religião egípcia - porque prestariam atenção os judeus a um pregador não judaico, quanto mais aceitá-lo como seu rei legítimo? Como vimos no Capítulo XIII, muitos discípulos de Jesus pareciam considerá-lo judeu: presumivelmente, isso era uma parte essencial do seu plano. Contudo, a questão permanece - por que desejaria ele ser rei dos judeus? Se tivermos razão, e ele desejasse recuperar o que julgava ser a religião original do povo de Israel, para restituir ao feroz patriarcado a deusa perdida do Templo de Salomão, que melhor maneira que instaurar-se nos corações e

nas mentes das massas como seu legítimo governante?
Jesus pretendia poder político: talvez isto explique o que ele esperava conseguir pela submissão ao rito iniciatório da crucificação e à subsequente «ressurreição» através da intervenção da sua sacerdotisa e companheira do casamento sagrado, Maria Madalena. Talvez acreditasse que, «morrendo» e ressuscitando, se transformaria - à maneira clássica dos faraós - no próprio deus-rei Osíris. Como imortal divinizado, Jesus teria, então, poder material ilimitado. Mas, obviamente, alguma coisa correu mal.
Como exercício gerador de poder, a crucificação teve qualquer coisa de colapso, e, presumivelmente, o esperado afluxo de energia mágica não se materializou. Como vimos, alguns eruditos, tal como Hugh Schonfield, sugerem que é improvável que Jesus tivesse perecido na cruz ou em consequência directa dos suplícios sofridos. Mas parece ter saído derrotado, ou mesmo incapacitado, não só porque o grande arranque para o poder não se materializou mas também Madalena deixou o país, chegando eventualmente a França. Podemos especular que, sem Jesus - o seu protetor -, ela sentiu-se subitamente ameaçada pelos seus velhos opositores, Simão Pedro e os seus aliados.
A ideia de que algum judeu se tivesse mostrado receptivo a um líder não judeu parece improvável à primeira vista. Contudo, esse cenário não é impossível - porque ele, de fato, aconteceu.

Josefo, em A Guerra Judaica, registra que, aproximadamente vinte anos depois da crucificação, uma figura conhecida na história apenas por o Egípcio, entrou na Judeia e levantou um considerável exército de judeus para expulsar os romanos. Referindo-o como um «falso profeta», Josefo escreve:

Chegando ao país, este homem, um impostor que se fazia passar por profeta, reuniu 30.000 ingênuos, conduziu-os por regiões desertas até ao monte das Oliveiras, e daí estava preparado para forçar a entrada em Jerusalém, dominar a guarnição romana e apoderar-se do poder supremo, tendo os seus companheiros do ataque como escolta.

Este exército foi desbaratado pelos romanos, comandados por Félix (o governador que sucedeu a Pilatos), embora o egípcio fugisse e desapareça completamente da história.
Embora existissem colônias judaicas no Egipto e este aventureiro estrangeiro pudesse ser judeu, este episódio é instrutivo porque alguém que era, pelo menos, considerado egípcio pôde reunir um número substancial de judeus no seu próprio país. Outras evidências, no entanto, sugerem que este líder não era judeu: esta mesma figura é mencionada nos Atos dos Apóstolos (21:38). Paulo acabara de ser salvo da populaça, no Templo de Jerusalém, e colocado «sob protecção» pelos romanos, que estão claramente duvidosos da sua

identidade. O capitão da guarda pergunta-lhe:

Não és tu o egípcio que há pouco tempo provocou um tumulto e conduziu para o deserto quatro mil homens que eram assassinos?
Paulo responde: «Eu sou um homem que é um judeu de Tarso... »

Este episódio levanta algumas perguntas interessantes: por que deveria um egípcio dispor-se a encabeçar uma revolta palestiniana contra os romanos? E talvez uma pergunta mais pertinente: por que teriam os romanos associado Paulo - um pregador cristão - a um agitador de multidões egípcio? Que teriam eles em comum? Há outro ponto importante: a palavra traduzida por «assassinos», na versão do rei James, é, de fato, sicarii, o nome dos nacionalistas judeus mais activos, que eram notórios pelas suas táticas terroristas. O fato de, nesta ocasião, poderem agrupar-se a seguir um estrangeiro, demonstra que é possível que o tivessem feito no caso de Jesus.
A nossa investigação sobre Maria Madalena e João Batista lançou alguma luz sobre Jesus. Apercebemo-lo, agora, como radicalmente diferente do Cristo da tradição. Parece haver dois fios principais no conjunto da informação que emergiu sobre ele: um que o liga a um quadro não judeu, especificamente egípcio - e outro em que ele é considerado como rival de João. Se combinarmos os dois fios, que quadro irá emergir?

Os Evangelhos são muito cuidadosos em apresentar um Jesus que era literalmente divino; portanto, toda a gente - incluindo João - era espiritualmente inferior em relação a ele. Mas, quando isso é considerado como mera propaganda, a história, finalmente, faz sentido. A primeira grande diferença, em relação à história geralmente aceite, é que, pondo de lado as ideias pré-concebidas, ele não foi distinguido, desde o princípio, como Filho de Deus, nem o seu nascimento foi acompanhado por hostes angélicas. De fato, a história da sua milagrosa natividade era, em parte, um completo mito e, em parte, «plagiada» da história (igualmente mítica) do nascimento de João.
Segundo os Evangelhos, a missão de Jesus começou depois de João o ter baptizado, e os seus primeiros discípulos foram recrutados entre os de João Baptista. E é também como discípulo de João que Jesus figura nos textos mandeístas.
Contudo, é muito provável que Jesus fosse membro do círculo interno de Baptista - e, apesar de João nunca ter proclamado que ele era o esperado Messias, a história pode fazer eco de alguma genuína recomendação feita por ele. Existe mesmo a possibilidade de que ele fosse realmente o herdeiro aparente de Batista, durante algum tempo, mas alguma coisa muito séria aconteceu que fez João reflectir e nomear Simão, o Mago, em vez de Jesus.
Parece ter havido um movimento de ruptura com o grupo de João. Presumivelmente, foi o próprio

Jesus quem liderou o cisma. Os Evangelhos registam o antagonismo entre os dois grupos de discípulos, e sabemos que o movimento de João continuou depois da sua morte, independente do culto de Jesus. Certamente, houve alguma grande disputa ou luta de poder entre os dois líderes e os seus discípulos: testemunhemos as dúvidas de João, na prisão, sobre Jesus.

Há dois cenários possíveis. O cisma podia ter acontecido antes de João ser preso e ter sido uma ruptura completa. Há esta sugestão no Evangelho de João (3:22-36), mas não nos outros (apenas se concentram em Jesus após o seu baptismo). Em alternativa, depois da prisão de João, Jesus podia ter tentado assumir a liderança - por iniciativa própria ou como legítimo lugar-tenente de João. Mas, por alguma razão, ele não foi aceite por todos os discípulos de João.

Como vimos, Jesus parecia ter motivos complexos, mas é inegável que, conscientemente, representou dois importantes dramas religioso-políticos, um esotérico e outro exotérico - respectivamente, a história de Osíris e o profetizado papel de Messias judaico. O seu ministério sugere uma estratégia definida, que foi aplicada em três fases principais: primeiro, atrair as massas através da realização de milagres e curas; depois, logo que as massas começassem a segui-lo, fazendo discursos, prometendo-lhes uma Idade de Ouro (o «Reino dos Céus») e uma vida melhor; e, finalmente, levando-as a reconhecê-lo como o Messias. Devido à hiper-sensibilidade das

autoridades relativamente a potenciais agitadores, sem dúvida teve de afirmar o seu messianismo de forma implícita e não proclamá-lo abertamente.
Muitas pessoas, actualmente, admitem que Jesus tinha uma agenda política, mas que ainda é considerada secundária em relação à sua doutrina. Compreendemos que era necessário colocar as nossas hipóteses sobre o seu carácter e ambições no contexto do que ele pregava. A ideia de que ele defendia um sistema ético coerente, baseado na compaixão e no amor, é tão divulgada que é considerada provada.
Virtualmente para toda a gente, da maioria das religiões, Jesus é a epítome da suavidade e da bondade. Actualmente, ainda que ele não seja considerado como o filho de Deus, ainda é julgado um pacifista, um campeão dos excluídos e do amor pelas crianças. Para os cristãos, e para um grande número de não-cristãos, Jesus é apercebido como a pessoa que quase inventou a compaixão, o amor e o altruísmo. Evidentemente, não é o caso; é óbvio que sempre existiram boas pessoas, em todas as culturas e religiões, mas, especificamente, a religião dos adoradores de Ísis da época dava grande ênfase à responsabilidade e moralidade pessoais, à defesa dos valores familiares e ao respeito por todas as pessoas.
Um exame objetivo dos episódios dos Evangelhos revela algo muito diferente do coerente mestre de moral, que se supõe que Jesus tenha sido. Apesar de os Evangelhos serem efectivamente

propaganda pró-Jesus, o quadro que eles apresentam do homem e das suas doutrinas é inconsistente e elusivo. Em resumo, as doutrinas de Jesus, tal como o Novo Testamento as apresenta, são contraditórias. Por exemplo, ele exorta os seus discípulos a oferecerem a outra face, a perdoarem aos seus inimigos e a entregarem todos os seus bens ao ladrão que roubar alguns deles *4 - mas, por outro lado, declara: «Eu não vim trazer a paz, mas a espada» *5. Defende o mandamento «Honrarás pai e mãe», mas também afonia:

Se alguém vier até mim, e não odiar o seu pai e mãe, esposa e filhos, e irmãos e irmãs, e a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.

Os seus discípulos podem ter sido incitados a odiar as suas próprias vidas, mas, ao mesmo tempo, são exortados a amar os seus próximos como a si mesmos.
Os teólogos tentam explicar estas discrepâncias alegando que algumas máximas devem ser interpretadas literalmente, mas outras, metaforicamente. O problema desta afirmação, no entanto, é que a teologia foi inventada para enfrentar estas contradições. Os teólogos cristãos partem do princípio de que Jesus era Deus. Este é um exemplo primordial de raciocínio vicioso: para eles, tudo o que Jesus diz tem de estar certo, porque ele o disse, e disse-o porque estava certo. Contudo, a teoria cai por terra, se Jesus não fosse

Deus encarnado e as flagrantes contradições das palavras que lhe são atribuídas pudessem ser analisadas à crua luz do dia.
Os cristãos atuais têm tendência para pensar que a imagem de Jesus se manteve imutável durante dois mil anos. De facto, a sua imagem atual é muito diferente da imagem de há dois séculos, quando a ênfase era colocada no conceito de juiz severo. A sua imagem muda de era para era, de lugar para lugar. Jesus, como juiz, foi o conceito que inspirou atrocidades, como a cruzada cátara e os julgamentos por feitiçaria; mas, desde a época vitoriana, passou a ser o «suave Jesus, manso e humilde». Estas imagens contraditórias são possíveis porque as doutrinas de Jesus, tal como os Evangelhos, podem ser tudo para todos os homens.
Curiosamente, esta mesma qualidade nebulosa pode, de fato, deter a chave da compreensão das palavras de Jesus. Os teólogos tendem a esquecer que ele se dirigia a pessoas verdadeiras que viviam num contexto político real. Por exemplo, os seus discursos pacifistas podem ter sido uma tentativa para dissipar as suspeitas das autoridades quanto ao seu potencial subversivo. Dada a agitação da época, os agrupamentos dos seus partidários teriam incluído informadores e ele tinha de ter cuidado com o que dizia. (Afinal, João fora preso devido a suspeitas de que pudesse vir a provocar uma rebelião.) Jesus tinha de ser muito cuidadoso: por um lado, tinha de conseguir apoio popular, mas, por outro, tinha de se fazer notar

como não representando qualquer ameaça ao status quo - até que estivesse preparado.
E sempre importante compreender o contexto de qualquer afirmação que Jesus faz. Por exemplo, a frase «Deixai vir a mim as criancinhas" é quase universalmente considerada como um belo exemplo da sua suavidade, acessibilidade e amor pelos inocentes. Ignorando o facto de que os políticos sempre beijaram criancinhas, devemos lembrar que Jesus gostava de desafiar as convenções - acompanhava com mulheres de moral duvidosa e mesmo com cobradores de impostos. Quando os discípulos tentavam deter as mães e as crianças, Jesus interveio e mandou-as avançar. Este podia ser outro exemplo do seu prazer em não respeitar as convenções ou simplesmente mostrar aos discípulos quem dava as ordens.
Do mesmo modo, quando Jesus se refere às criancinhas:

Qualquer um que escandalizar um destes pequeninos, que crêem em mim, melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma mó de moinho e fosse lançado ao mar.

A maior parte das pessoas interpreta estas palavras como uma afirmação do amor do seu Deus pelas crianças. Mas poucas pessoas notam a qualificação - «que crêem em mim». Nem todas as crianças estão habilitadas ao seu amor, apenas aquelas que pertencem aos seus discípulos. De

fato, ele está a abusar da insignificância das crianças dizendo, com efeito, «mesmo uma criança que me segue é importante». A ênfase não é nas crianças - é na sua própria importância.

Como vimos no caso da Oração do Senhor, as palavras de Jesus mais conhecidas - e mais famosas - são também, ironicamente, as mais discutíveis. «Pai Nosso, que estais no Céu» não era uma expressão inventada por Jesus: parece que João também as usava, na época, e, seja como for, elas tinham origem nas orações a Osíris-Amon. E é também o caso do Sermão da Montanha - como escreve Bamber Gascoigne, em The Christians, «Nada no Sermão da Montanha é exclusivamente original de Cristo». Mais uma vez, verificamos que Jesus profere palavras que já tinham sido atribuídas a João Baptista. Por exemplo, no Evangelho de Mateus (3:10), João diz «[...] toda a árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo». Depois, mais tarde, no mesmo Evangelho (8:19-20), no Sermão da Montanha, Jesus repete esta metáfora, palavra por palavra, acrescentando: «Porque pelos frutos as conhecereis.» Embora seja improvável que Jesus tivesse feito o sermão conhecido por Sermão da Montanha, é provável que ele representasse os pontos-chave da sua doutrina - como ela foi interpretada pelos evangelistas. Embora um desses elementos, pelo menos, já fosse reconhecido como pertencente à mensagem de João, o sermão é, sem dúvida, complexo: inclui declarações éticas, espirituais - e mesmo

proféticas - e, portanto, merece um exame mais atento.
A evidência de que Jesus tinha uma agenda política é excepcionalmente forte. Partindo deste princípio, muitas das suas elusivas máximas fazem sentido. O Sermão da Montanha parece ser formado por uma série de curtas frases que são particularmente reconfortantes devido à autoridade com que são proferidas, tais como «bem-aventurados os puros de coração porque eles verão Deus». Contudo, os cínicos podem considerá-las apenas como uma série de lugares-comuns, ou melhor, de promessas absurdas («bem-aventurados os humildes porque eles possuirão a Terra»). Afinal, todos os revolucionários da história tentaram tornar-se populares junto das pessoas vulgares, apelando especialmente aos descontentes e aos pobres, tal como um político podia, atualmente, fazer promessas aos desempregados. Tudo isto se ajusta, como um todo, à agenda de Jesus: os seus repetidos ataques aos ricos são uma parte essencial do seu apelo ao apoio popular, dado que os ricos sempre foram o foco de descontentamento.
Permanece o facto de que as palavras de Jesus - «amai os vossos inimigos /bem- aventurados os pacíficos /bem-aventurados os misericordiosos - parecem ser as de um homem genuinamente misericordioso, afetuoso e solícito. Fosse, ou não, o filho de Deus, ele parece ter encarnado um espírito notável. Se aparentamos expressar algum

cinismo sobre o homem e os seus motivos, só o fazemos porque acreditamos que a evidência sugere que ele é justificado. Para começar, e como vimos, as palavras de Jesus - pelo menos, tal cornos os Evangelhos as registam - eram geralmente ambíguas, algumas vezes completamente contraditórias, e, ocasionalmente, pode provar-se que foi João Batista o seu autor.
Mesmo assim, as nossas sugestões podiam ser consideradas contraditórias: por um lado, questionam os motivos e mesmo a integridade de Jesus, enquanto, por outro, o alinham firmemente ao terno e misericordioso culto de ísis. Contudo, não há qualquer contradição: ao longo da história, homens e mulheres foram atraídos por um grande número de religiões ou de sistemas políticos e tornaram-se seus adeptos fervorosos e só mais tarde os usaram para promover as suas próprias causas, talvez mesmo convencidos de que visavam os melhores interesses da sua organização. Tal como a história revelou que o cristianismo - que se proclama a religião do amor e da misericórdia - criou filhos e filhas que viveram vidas menos do que exemplares, também a religião de Ísis sofreu as depredações da natureza humana ao longo dos anos.
Assim, Jesus era um mágico taumaturgo que atraía as multidões porque as entretinha. A expulsão de demónios devia ter sido espectacular e garantia que o exorcista fosse motivo de conversas durante meses, depois de ter abandonado a aldeia. Tendo captado a atenção das multidões, Jesus

começou a doutriná-las para se instituir como Messias. Mas, como vimos, Jesus começou por ser discípulo de João, o que sugere a pergunta - Batista tinha as mesmas ambições? Infelizmente, dada a escassa informação disponível, é impossível ir além da especulação. E, embora a imagem que temos de João dificilmente seja a de um ativo organizador político, a nossa concepção daquela figura, severamente justa, provém das páginas da propaganda do movimento de Jesus - os Evangelhos do Novo Testamento. Por um lado, Herodes Antipas mandara prender João (segundo o mais fiável relato de Josefo) porque o considerava um subversivo potencial, mas a prisão foi mais um gesto de antecipação do que uma reacção a alguma coisa que ele tivesse dito ou feito. Por outro lado, os discípulos de João, incluindo os mandeístas, não parecem reconhecer ao seu líder qualquer ambição política, mas talvez isso se deva ao fato de João ter sido preso antes de se ter podido manifestar - ou apenas porque desconheciam os seus motivos secretos.

O acontecimento que marcou o momento em que Jesus entrou em ação parece ter sido o da multiplicação dos pães. Os Evangelhos descrevem-no como um piquenique milagroso, com um espantoso número de pessoas e a multiplicação do magro recurso de cinco pães de centeio e dois peixes, de forma a alimentar cinco mil pessoas - mas, na época, a história tinha um profundo significado, que se perdeu: primeiro, o milagre é totalmente diferente de todos os outros atribuídos

a Jesus - os outros milagres, que se destinavam ao público em geral, diziam respeito a curas de vários géneros. Em segundo lugar, os próprios Evangelhos sugerem que há alguma coisa importante neste episódio que nem eles próprios compreendem. O próprio Jesus reforça esta sugestão com estas palavras misteriosas: «Vós procurais-me, não porque compreendais os sinais mas porque comeis os pães.» No Evangelho de Marcos, pelo menos, ninguém se mostra assombrado pelo acontecimento. Como escreve A. N. Wilson:

O milagre, ou sinal, concentra-se na comida e não na multiplicação do pão. Na verdade, é notório que, no relato de Marcos, ninguém revela o menor espanto por este incidente. Quando Jesus cura um leproso ou um cego, toda a gente tem conhecimento disso. Em Marcos, não há absolutamente nenhum assombro.

A importância da multiplicação dos pães não era a sua natureza paranormal. É possível que os evangelistas inventassem a parte milagrosa da história, porque eles sabiam que deviam realçá-la, embora não soubessem exactamente porquê.
O ponto-chave é que se encontravam lá, segundo o Evangelho, cinco mil homens - também podia haver um número não especificado de mulheres e crianças, mas elas são irrelevantes nesta história. O relato pode começar por referir as cinco mil pessoas, mas, mais tarde, especifica que esta era

uma multidão de homens. Há nisto um significado especial: é realçado que Jesus os mandou sentar todos juntos. A. N. Wilson escreve:

Que os homens se sentem! Que se sentem os esśenios! Que se sentem os fariseus! Que se sente Iscariotes... que se sente Simão, o Zelota, com este grupo de guerrilha terrorista! Sentem-se. Oh! Homens de Israel!

Com efeito, Jesus fazia sentar, de forma pacífica, facções até então inimigas para partilharem uma refeição ritual. Como defende A. N. Wilson, parece ter sido literalmente uma reunião de clãs - um grande agrupamento de velhos inimigos, temporariamente, pelo menos, reunidos por Jesus, o antigo discípulo de João Batista.
A própria linguagem de Marcos (6:39-40) é altamente sugestiva dum acontecimento militar:

E ordenou [aos discípulos] que fizessem sentar a todos, em grupos, sobre a erva verde. E eles sentaram-se em grupos de cem e de cinquenta.

Segundo o Evangelho de João (6:15), foi em consequência direta do «milagre dos pães» que aqueles homens quiseram fazer de Jesus rei. Evidentemente, foi um grande acontecimento, mas parece ter mais importância que o significado óbvio - porque ele acontece imediatamente após a decapitação de João. Mateus (14:13) relata assim a história:

E Jesus, ouvindo isto [a morte de João], retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, afastado, e, sabendo-o o povo, seguiu-o a pé desde as cidades.

Jesus pode ter ficado tão sucumbido pela dor, ao receber a notícia da morte de João, que necessitasse da paz de uma região deserta, que, infelizmente, em breve foi abalada pela chegada de uma multidão de pessoas que queriam ouvi-lo pregar. Talvez as pessoas desejassem assegurar-se de que os ideais de João não tinham morrido com ele e de que a sua continuidade estava assegurada através de Jesus.
Seja como for, a morte de João foi muito importante para Jesus. Preparou-lhe o caminho para se tornar líder do grupo e, possivelmente, para tomar a direção de toda aquela gente. E provável que ele já tivesse tomado a direcção do movimento de João, depois da prisão deste, e, quando as pessoas tiveram a notícia da subsequente execução de Baptista, acorressem a seguir o seu lugar-tenente, Jesus.
Surgem muitas perguntas sem resposta relacionadas com todo o episódio da prisão de João: mais uma vez, parece que os evangelistas estão a esconder alguma coisa. Segundo os Evangelhos, João foi preso por ter condenado publicamente o casamento ilegal de Herodes com Herodíades, enquanto o relato de Josefo afirma que João foi preso por ser considerado uma ameaça,

efectiva ou potencial, ao governo de Herodes. No seu relato, Josefo não apresenta pormenores das circunstâncias da morte de Baptista nem do modo como foi executado. E há também a mudança de opinião, aparentemente súbita, de João sobre o messianismo de Jesus: talvez tivesse sabido alguma coisa sobre Jesus enquanto estava na prisão, e que lançasse dúvidas sobre ele. E, como vimos, há alguma coisa claramente insatisfatória nas razões apresentadas para a morte de João: segundo os Evangelhos, Herodes foi persuadido por Herodíades a mandar matar João, tendo Salomé como intermediária.

A morte de João, segundo a versão dos Evangelhos, apresenta vários problemas. Referem que Salomé, agindo segundo as instruções da mãe, Herodíades, pede a Herodes a cabeça de João Baptista - e ele acede, embora com relutância. Este é um cenário extremamente improvável: dado o que se conhece sobre o grau da popularidade de João, dificilmente Herodes seria suficientemente tolo para o mandar matar por um capricho tão perverso. João Baptista, enquanto vivo, pode ter constituído uma ameaça, mas talvez se tivesse tomado muito mais perigoso como mártir. Herodes, evidentemente, pode ter considerado que valia a pena correr o risco e ter exercido a sua autoridade, independentemente da grandeza do movimento de Batista. Nesse caso, teria mandado executar João, por sua ordem inequívoca: certamente, não teria actuado numa questão grave simplesmente para satisfazer uma

enteada sádica. Dadas as circunstâncias, parece estranho que não tivesse havido uma enorme agitação civil ou mesmo uma revolta. Como vimos, Josefo regista que o povo atribuiu a esmagadora derrota sofrida, pouco depois, pelo exército de Herodes a castigo divino pela morte de João, o que, no mínimo, revela que a tragédia teve um forte e duradoiro impacte.

Contudo, não houve nenhuma revolta. Em vez dela, toda a tensão foi dissipada por Jesus, que, como vimos, imediatamente presidiu à multiplicação dos pães. Jesus acalmou a multidão? Conseguiu reconfortá-la pela morte do seu amada Batista? Pode tê-lo feito, mas, nos Evangelhos, não há qualquer referência a esse respeito. Mas é evidente que muitos dos discípulos de João aperceberam Jesus como tendo revestido o manto do seu líder morto.

Assim, a morte de João, segundo a versão dos Evangelhos, faz pouco sentido. Por que teriam eles achado necessário inventar uma história tão complicada? Afinal, se a sua intenção fosse simplesmente minimizar a grandeza do movimento de João, podiam tê-lo transformado no primeiro martírio cristão. Deste modo, descrevem-na como a consequência de uma sórdida intriga palaciana. Mas por que fariam os evangelistas os possíveis por insistir em que Herodes surgisse como um homem decente, persuadido por mulheres astuciosas a ordenar um acto tão terrível? Parece, portanto, que existira uma intriga palaciana que rodeava a morte de João, e que era demasiado

conhecida para que os evangelistas a ignorassem. Mas, ao reescrever a história para servir os seus propósitos, os evangelistas, involuntariamente, criaram um absurdo.
Herodes Antipas não beneficiou, de modo algum, com a morte de João - a condenação do seu casamento era, presumivelmente, muito conhecida e o mal estava feito. No entanto, verificava-se o inverso: a morte de João tornava-lhe a situação mais difícil.
Então, quem beneficiou com a morte de João? Segundo a teóloga australiana Barbara Thiering, tinham circulado rumores, na época, que atribuíam a responsabilidade à facção de Jesus.
Por chocante que possa parecer, de início, nenhum outro grupo conhecido teria beneficiado mais com o afastamento de João Batista. Apenas por esta razão, os apoiantes de Jesus não deviam ser ignorados, se - como suspeitamos - a morte de João fosse, de fato, um assassínio inteligentemente planeado. Afinal, conhecemos a identidade do líder rival sobre o qual ele decidiu levantar dúvidas enquanto estava na prisão, no que deve ter constituído a sua última declaração pública.
Contudo, albergar suspeitas é uma coisa e encontrar provas que as apoiem é outra muito diferente. Depois de terem passado dois mil anos, evidentemente que é impossível encontrar pistas novas e directas sobre a verdade desta questão, mas ainda é possível descobrir o esboço de um quadro de provas circunstanciais que, certamente,

nos fazem reflectir. Afinal, como vimos, deviam existir razões específicas para a tradição joanina, para - na melhor das hipóteses - a frieza dos heréticos, em relação a Jesus, e, na mais extrema, para a forte hostilidade dos mandeístas em relação a ele. As razões deviam residir nas circunstâncias que rodearam a morte de João.
Curiosamente, embora este seja um dos mais famosos de todos os episódios do Novo Testamento, apenas conhecemos o nome da filha de Herodíades - Salomé - graças a Josefo. Os evangelistas evitaram cuidadosamente referi-lo, embora registem os nomes de todos os outros protagonistas principais desta cena. Seria possível que eles estivessem deliberadamente a escondê-lo?
Jesus tinha uma discípula chamada Salomé. Contudo, apesar de o seu nome ser referido como uma das mulheres que se encontrava junto da cruz e que acompanhou Madalena ao túmulo, no Evangelho de Marcos, em Mateus e Lucas - que usou Marcos como fonte -, ela desapareceu misteriosamente. Além disso, já vimos a curiosa omissão do episódio, aparentemente inócuo, do Evangelho de Marcos, que é revelado em The Secret Gospel de Morton Smith:

Depois ele entrou em Jericó. E a irmã do jovem que Jesus amava estava lá, acompanhada pela mãe de Jesus e por Salomé, mas ele recusou recebê-las.

Ao contrário da omissão da ressurreição de Lázaro,

não há nenhuma razão óbvia para excluir este incidente. Assim, parece que os evangelistas tinham motivos próprios para não se referirem a Salomé. (Ela surge, no entanto, no Evangelho de Tomás - um dos textos de Nag Hammadi - deitada num sofá com Jesus, no chamado Evangelho Perdido dos Egípcios e na Pistis Sophia, onde é retratada como discípula e catequista de Jesus.) Sabe-se que Salomé era um nome vulgar, mas o próprio fato de que era suficientemente importante para que os evangelistas o eliminassem, com tanto cuidado, tem o efeito de chamar a atenção para a Salomé que seguia Jesus.
Certamente, João Baptista tinha-se tornado um embaraço para o movimento cismático de Jesus. Mesmo na prisão, ele conseguira expressar as suas dúvidas sobre a posição do seu antigo discípulo - que eram tão preocupantes que, como vimos, o seu sucessor oficial não foi Jesus, mas Simão, o Mago. Depois, este carismático profeta, com um considerável movimento, é morto devido a um capricho da família Herodes, que não podia ser tão ingênua que subestimasse a reacção potencial do povo.
Como vimos, alguns eruditos, tal como Hugh Schonfield, defendem, de forma convincente, que existia um grupo-sombra que parece ter facilitado a missão de Jesus - e que podia ter considerado prudente afastar definitivamente Batista. A história está cheia de exemplos de mortes convenientes, as de Dagoberto II e de Thomas Becket, que, de uma só vez, afastaram os dissidentes e o

obstáculo final à ambição do novo regime. Talvez a execução de João se enquadre nesta categoria. Este grupo teria concluído que era tempo de afastar da cena o grande rival de Jesus? É evidente que Jesus podia ter ignorado totalmente o crime cometido em seu proveito, tal como Henrique II nunca pretendeu que os cavaleiros matassem o arcebispo Thomas Becket.

O grupo que apoiava Jesus parece ter sido rico e influente, portanto, podia ter tido contactos no interior do palácio de Herodes. Sabemos que isto não era impossível, porque mesmo os discípulos imediatos de Jesus tinham, pelo menos, um contato conhecido dentro do palácio: os Evangelhos referem o nome da discípula Joana como sendo a mulher de Chuza, o mordomo de Herodes.

Seja qual for a verdade da questão, o fato é que havia alguma coisa que corria muito mal na relação entre Baptista e Jesus, alguma coisa em que os heréticos acreditaram durante séculos e que os eruditos estão, por fim, a começar a reconhecer, ainda que seja apenas o fato de que eram rivais. No mínimo, a antipatia dos heréticos por Jesus pode basear-se na ideia de que ele não passava de um oportunista sem escrúpulos, que explorou a morte de João em proveito próprio, assumindo a liderança do movimento com uma prontidão indecorosa - especialmente quando o legítimo sucessor de João era, realmente, Simão, o Mago. Talvez o mistério que rodeia a morte de João apresente a solução para a ênfase, de outro modo

inexplicável, na veneração de João, superior à de Jesus, entre os grupos que discutimos ao longo desta investigação.
Como vimos, os mandeístas veneram João como o «Rei da Luz», enquanto depreciam Jesus como um falso profeta que desencaminhou o povo - exactamente como é retratado no Talmude, onde também é descrito como feiticeiro. Outros grupos, como os Templários, adoptaram uma perspectiva menos radical, mas, todavia, veneravam João acima de Jesus. Esta veneração encontrou suprema expressão na Virgem dos Rochedos de Leonardo e é reforçada por elementos de outras obras, que discutimos no Capítulo I.
Quando, pela primeira vez, reparámos na obsessão de Leonardo pela supremacia de João Batista, interrogamo-nos se ela seria apenas uma fantasia da sua parte. Mas, depois de examinar minuciosamente o conjunto de evidências da existência de um culto mais vasto de João, fomos forçados a concluir que não só esse culto existia mas também que sempre existira, paralelo à Igreja, mantendo o seu segredo bem guardado. A Igreja de João teve vários rostos, ao longo dos séculos, como o dos antigos guerreiros-monges e o do seu braço político, o Priorado de Sião. Secretamente, muitos veneravam João quando dobravam o joelho perante «Cristo» - como vimos, o Priorado de Sião, que confere aos seus grão-mestres o título de «João», deu início a esta tradição com «Jean II». Pierre Plantard de Saint-Clair explica este facto com o que parece ser uma

non sequitur: «João I» está reservado para Cristo.
Evidentemente, apresentar bons argumentos a favor da existência de grupos que acreditaram que Jesus era um falso profeta, ou mesmo que tivera participação no assassínio de João Batista, não é, de modo algum, a mesma coisa que provar que estas coisas foram, de facto, assim. O que é certo é que as duas Igrejas existem lado a lado há dois mil anos; a Igreja de Pedro, que venera Jesus não só como o único homem perfeito mas também como Deus encarnado - e a Igreja de João, que considera Jesus como exactamente o oposto. Talvez nenhuma delas tenha o monopólio da verdade e que o que vemos reflectido nestas facções opostas seja apenas a continuação da antiga contenda entre os discípulos dos dois mestres.
Contudo, o próprio facto da existência de uma tradição, como a Igreja de João, demonstra forçosamente que há muito devia ter sido feita uma reavaliação radical das personagens, papéis e legados de João Baptista e de Jesus «Cristo». Mas aqui está em jogo muito mais do que isso.
Se a Igreja de Jesus assentar na verdade absoluta, então, a Igreja de João assenta numa mentira. Mas, se invertermos a situação, somos confrontados com a possibilidade de umas das mais terríveis injustiças da História. Não estamos a afirmar que a nossa cultura tenha venerado o Cristo errado, porque não há nenhuma prova de que João Batista pretendesse esse papel ou de que ele tivesse existido, tal como o interpretamos hoje,

até que Paulo o inventasse para Jesus. Mas, em todo ocaso, João foi morto devido aos seus princípios, e acreditamos que eles tinham origem directa na tradição da qual ele adoptou o ritual do batismo. Esta era a antiga religião da gnose pessoal, da iluminação, da transformação espiritual do indivíduo - os mistérios do culto de Isis e Osíris.

Jesus, João Batista e Maria Madalena pregavam, essencialmente, a mesma mensagem - mas, ironicamente, não era aquela que a maioria das pessoas supõe ser. Este grupo do século I introduziu a sua forma de intenso conhecimento gnóstico do divino na Palestina, baptizando os que desejavam possuir este conhecimento místico - iniciando-os na antiga tradição ocultista. Também faziam parte deste movimento Simão, o Mago, e a sua consorte Helena, cuja magia e milagres eram, como os associados a Jesus, parte intrínseca das suas práticas religiosas. O ritual era central para este movimento, desde o baptismo até à representação dos mistérios egípcios. Mas a suprema iniciação acontecia através do êxtase sexual.

Contudo, nenhuma religião, seja qual for o seu credo, garante superioridade moral ou ética. A natureza humana sempre se manifesta, criando o seu próprio sistema híbrido, ou, nalguns casos, a religião torna-se num culto de personalidade. Este movimento, na essência, pode ter sido isiano, com toda a ênfase no amor e na tolerância que a religião pretende instilar; mas, mesmo na pátria, o

Egipto, registaram-se muitos casos de corrupção entre os sacerdotes e as sacerdotisas. E nos dias turbulentos da Palestina do século I, quando os homens ansiavam por um Messias, a mensagem confundiu-se com uma vaga de ambições pessoais. Como sempre, quanto mais alta é a posição mais provável é o abuso do poder.

As conclusões e implicações desta investigação serão novidade para a maioria dos leitores, e, sem dúvida, chocantes para muitos. Contudo, como esperávamos demonstrar, estas descobertas surgiram gradualmente, à medida que examinávamos as evidências. Em muitos casos, existiu o que muitas pessoas considerarão um forte apoio dos estudos modernos. E, no final, o quadro que emerge é, no mínimo, muito diferente daquele a que estávamos habituados.

O novo quadro das origens do cristianismo e do homem, em cujo nome foi fundada uma religião, comporta implicações de profundidade surpreendente. E, embora estas implicações sejam novidade para muitas pessoas, elas foram reconhecidas por um estrato particularmente obstinado da sociedade ocidental, desde há séculos. E estranhamente perturbador considerar, mesmo por um momento, a possibilidade de os heréticos terem razão.

CAPÍTULO XVII
DO EGITO

Dois mil anos depois de Jesus, João e Maria

Madalena terem vivido as suas vidas, estranhamente importantes, num lugar remoto do Império romano, milhões de pessoas ainda acreditam na história, tal como ela é narrada nos Evangelhos. Para elas, Jesus era o Filho de Deus e de uma virgem, que encarnou como judeu, João Baptista era o seu precursor e subordinado espiritual e Maria Madalena era uma mulher de reputação duvidosa que Jesus curou e converteu.
Contudo, a nossa investigação revelou que o quadro era muito diferente. Jesus não era o filho de Deus nem de religião judaica - embora, etnicamente, possa ter sido judeu. A evidência aponta para a sua pregação de uma mensagem estrangeira na terra em que ele montou a sua campanha e começou a sua missão. Certamente, os seus contemporâneos consideravam-no um adepto da magia egípcia, uma perspectiva que também encontra expressão no Talmude judaico.
Pode ter sido apenas um boato malicioso, mas vários eruditos, notavelmente Morton Smith, concordaram que os milagres de Jesus faziam parte integrante do repertório típico do mágico egípcio. Além disso, ele foi entregue a Pilatos com as palavras de que era «um malfeitor» - na lei romana, elas significavam, especificamente, um feiticeiro.
João não reconheceu Jesus como Messias. Pode tê-lo baptizado porque Jesus era um dos seus discípulos que tivesse subido na hierarquia e se tornasse o seu lugar-tenente. Contudo, qualquer coisa correu mal: João mudou de opinião e nomeou

Simão, o Mago, como seu sucessor. Pouco depois, João foi morto.
Maria Madalena era uma sacerdotisa companheira de Jesus num casamento sagrado, tal como Helena era a de Simão, o Mago. A natureza sexual da sua relação é atestada em muitos dos textos gnósticos que a Igreja impediu que fossem incluídos no Novo Testamento. Ela era também a «Apóstola dos Apóstolos» e uma pregadora famosa - reagrupando os discípulos desmotivados depois da crucificação. Simão Pedro odiava-a, como odiava todas as mulheres, e ela talvez tivesse fugido para França porque receava o que ele lhe pudesse fazer. E, embora seja impossível saber exactamente qual era a sua mensagem, é certo que ela teria apresentado pouca relação com o que é hoje conhecido por cristianismo. Fosse ela o que fosse, Maria Madalena não era uma pregadora cristã.
Na história dos Evangelhos, a influência egípcia é inegável: Jesus pode ter desempenhado conscientemente o papel de Messias judaico para ganhar apoio popular, mas ele e Maria Madalena parecem ter estado também a representar o mito de Ísis e Osíris, provavelmente para fins iniciatórios.
A magia egípcia e segredos esotéricos inspiraram a sua missão, e o seu mestre foi João Batista. Dois dos seus discípulos - o seu sucessor e a ex-prostituta Helena - eram o exacto paralelo de Jesus e Maria Madalena. Talvez se pretendesse que o fossem. O conhecimento subjacente era sexual -

o de horasis, iluminação através do sexo transcendental com uma sacerdotisa e que era um conceito familiar ao Oriente e também para além da fronteira do Egito.
Apesar das pretensões da Igreja, Pedro não era o mais próximo aliado de Jesus, nem - a julgar pelas repetidas vezes que não compreende as palavras do seu mestre - fazia parte do círculo interno. Se alguém era o sucessor de Jesus, era Madalena. (Devemos lembrar que eles divulgavam activamente as doutrinas e as práticas do já muito antigo culto de Ísis/Osíris e não qualquer gênero de heresia judaica, como muitas vezes se pensa.)
Maria Madalena e Simão Pedro seguiram caminhos distintos, terminando um deles a fundar a Igreja de Roma e o outro a confiar os seus mistérios às gerações daqueles que compreenderam o valor do Princípio Feminino: os «heréticos».
João, Jesus e Maria estavam inextrincavelmente associados pela sua religião (a do antigo Egito), que eles adaptaram à cultura judaica - tal como estavam Simão, o Mago, e Helena, que escolheram a Samaria como alvo da sua mensagem.
Quem, definitivamente, não fazia parte deste círculo eram Simão Pedro e o resto dos doze.
Maria Madalena era venerada pelo movimento secreto europeu porque ela fundou a sua «Igreja» - não um culto cristão, no sentido geralmente atribuído ao termo, mas baseada na religião de Ísis/Osíris. Alguma coisa muito semelhante tinha

sido pregada por Jesus e João. João era venerado pela mesma tradição de «heréticos» porque eles eram os descendentes espirituais directos daqueles que o consideravam o seu «rei sacrificial», o mártir da sua causa que fora eliminado no seu apogeu. O choque e a atrocidade da sua morte foram sublinhados pelas circunstâncias muito duvidosas que a rodearam e pelo que foi considerada a subsequente manipulação impiedosa dos discípulos de João pelo seu velho rival.

Esta história, no entanto, tem outro aspecto. Como vimos, durante a vida de Jesus, corriam rumores de que Jesus praticara magia negra sobre Baptista morto. Certamente, a obra de Carl Kraeling e de Morton Smith revelou que Herodes Antipas acreditava que Jesus escravizara a sua alma (ou consciência) para adquirir poderes mágicos, porque era a crença entre os mágicos gregos e romanos que o espírito de um homem assassinado era presa fácil para os feiticeiros - especialmente se eles possuíam uma parte do corpo da vítima. Se Jesus praticou, ou não, algumas destas cerimónias mágicas, os rumores de que a alma de João continuava a viver sob o controlo do seu inimigo de outrora não teria prejudicado o movimento de Jesus. Naquela era de magia, esse boato teria virtualmente assegurado que a maioria dos discípulos de João passaria a seguir Jesus, particularmente porque ele parecia possuir poderes milagrosos. E, como Jesus já dissera aos seus discípulos que João fora a encarnação do

profeta Elias, as massas reconhecer-lhe-iam uma maior autoridade.
No entanto, apesar da noção peculiar dê um Jesus que era suposto ter detido o controlo das almas de, pelo menos, dois outros profetas, o segredo da tradição secreta não está relacionado com ele. De facto, embora os heréticos venerem João e Madalena como verdadeiros indivíduos históricos, eles sempre os consideraram representantes de um antigo sistema de crenças. Para eles, o mais importante era o que eles representavam - como sumo-sacerdote e sacerdotisa suprema do Reino da Luz.
As duas tradições - uma centrada em Baptista, a outra em Madalena - só se tornaram realmente discerníveis por volta do século XII, quando, por exemplo, os cátaros emergiram no Languedoc e os Templários atingiram o auge do seu poder. Há um aparente vazio na transmissão das tradições: é como se desaparecessem num buraco negro, entre os séculos IV e XII. Foi por volta de 400 d.C. que os textos de Nag Hammadi - que enfatizam o papel de Maria Madalena - foram enterrados no Egipto: como vimos na Primeira Parte, ideias espantosamente semelhantes sobre a sua importância persistiam em França, tendo alguma influência sobre os cátaros. E, embora a Igreja de João aparentemente desaparecesse depois de 50 d.C., a continuação da sua existência pode deduzir-se das censuras dos padres da Igreja contra os sucessores de João - Simão, o Mago, e Dositeus - durante mais de duzentos anos. Depois,

no século XII, esta tradição volta a emergir na veneração mística de João por parte dos Templários.
É impossível saber o que aconteceu às duas tradições durante aqueles anos perdidos, mas, no fim da nossa investigação, podemos arriscar formular uma hipótese. A «linha» de Madalena continuou no Sul de França, embora os registos comprovativos tivessem sido destruídos durante a devastação sistemática da cultura languedociana, que acompanhou a cruzada cátara. Mas os ecos desta tradição chegaram até nós através das crenças cátaras sobre a relação de Madalena com Jesus e do panfleto schwester Katrei, de influência cátara, cujas ideias foram, em parte, inspiradas palos textos de Nag Hammadi. É possível que a tradição de João sobrevivesse autonomamente no Médio Oriente, através dos antepassados dos mandeístas e dos nosairi, contudo, sabemos que, séculos depois, ela chegou à Europa. Quem compreendeu o seu valor e decidiu manter, secretamente, as suas crenças? Mais uma vez, encontramos a resposta nos guerreiros-monges, cujas operações militares no Médio Oriente escondiam as suas investigações, orientadas para o conhecimento esotérico. Os Cavaleiros Templários introduziram a tradição joanina na Europa para a combinar com a de Madalena, dando sentido, assim, ao que podia parecer serem mistérios masculinos e femininos distintos. E devemos lembrar que os primeiros nove Cavaleiros Templários emergiram da cultura do

Languedoc, o coração e a alma do culto de Madalena - e, segundo a tradição ocultista, eles aprenderam os seus segredos «com os joaninos do Oriente».
Na nossa opinião, é muitíssimo improvável que o facto de os Templários unirem estas duas tradições fosse uma mera coincidência. Afinal, o seu objectivo primordial era encontrar e aplicar o conhecimento mais arcano. Hughes de Payens e os seus oito cavaleiros-monges partiram para a Terra Santa com um propósito em mente: partiram em busca do poder do conhecimento e podiam também ter procurado algum artefacto de grande valor, que não era provável que fosse apenas monetário. Os Templários pareciam conhecer a existência da tradição joanina antes de a encontrarem, mas ninguém sabe como tiveram conhecimento dela.
É evidente que estava em jogo muito mais do que uns vagos ideais religiosos: os Templários não passavam de pessoas práticas - primordialmente interessados na aquisição de poder material - e o castigo por proteger as suas crenças secretas foi inconcebivelmente horrível. Nunca é de mais insistir em que estas crenças não eram apenas umas noções espirituais que eles decidiram adoptar para o bem das suas almas. Estas eram segredos mágicos e alquímicos que, no mínimo, lhes deram a vantagem do que, actualmente, chamaríamos ciência. Certamente, a superioridade do seu conhecimento em matérias como a geometria e a arquitetura sagradas

encontram expressão nas catedrais góticas, que ainda existem, esses livros secretos de pedra que contêm os frutos das suas aventuras no esotérico. Com a sua rede de arrasto do conhecimento do mundo, os Templários pretendiam alargar a sua compreensão de astronomia, de química, de cosmologia, navegação, medicina e matemática - cujos benefícios são evidentes.
Mas os Templários eram ainda mais ambiciosos na sua demanda do conhecimento escondido - oculto: eles procuravam as respostas para as grandes questões eternas. E, na alquimia, eles podem ter encontrado, pelo menos, algumas dessas respostas. Essa ciência misteriosa que eles abraçaram foi sempre considerada como a fonte dos segredos do prolongamento da própria vida, da longevidade, se não mesmo da verdadeira imortalidade física. Longe do simples alargamento dos seus horizontes filosóficos ou religiosos, os Templários pretendiam o poder último: o verdadeiro domínio do próprio tempo, da tirania da vida e da morte.
Aos Templários sucederam-se gerações e gerações de «heréticos» que aceitaram o desafio e continuaram a tradição com igual fervor. Estes segredos fanaticamente perseguidos, obviamente, tinham um fascínio que inspirou números incalculáveis de pessoas a arriscar tudo - mas o que era? O que havia nas tradições joanina e de Madalena que despertava tanto zelo e devoção?
Não há uma resposta a estas perguntas, mas há três respostas possíveis.

A primeira é que as histórias de Madalena e de João Baptista revelam, entre si, o que o «cristianismo» - a missão original de ambos - devia ter sido, em forte contraste com o que, de fato, se tornou.

Enquanto à sua volta homens e mulheres eram aviltados e sexualmente degradados e os sacerdotes detinham as chaves do Céu e do inferno, os heréticos procuravam conforto e iluminação nos segredos de Baptista e de Madalena. Por intermédio destes dois «santos», eles podiam aderir secretamente à linha ininterrupta de crentes gnósticos e pagãos que remontava ao antigo Egito (e, possivelmente, ainda mais antiga): como explicava Giordano Bruno, a religião egípcia era muito superior ao cristianismo, em todos os aspectos; e, como vimos, um Templário, pelo menos, rejeitou o símbolo primário do cristianismo, a cruz, por ser «demasiado nova».

Em vez do severo patriarcado de Pai, Filho e Espírito Santo (agora masculino), os adeptos desta tradição secreta encontravam o equilíbrio natural na antiga trindade de Pai, Mãe e Filho. Em vez de se sentirem culpabilizados relativamente ao sexo, eles sabiam, por experiência própria, que ele era, de facto, uma porta de acesso a Deus. Em vez de os sacerdotes os informarem sobre o estado das suas almas, eles encontraram a salvação pela gnose direta ou conhecimento do divino. Tudo isto era punível com a morte durante grande parte dos últimos dois mil anos, e tudo isto provinha das

tradições secretas de Baptista e de Madalena. Não admira que eles tivessem de ser mantidos secretos.
A segunda razão do continuado fascínio destas tradições é que estes heréticos também mantinham vivo o conhecimento. Atualmente, é muito fácil subestimar o simples poder de aprender ao longo da maior parte da história. A invenção da imprensa causou furor e mesmo a capacidade de ler e escrever - especialmente no caso das mulheres - era rara e considerada pela Igreja com a mais grave suspeita. Contudo, esta tradição secreta encorajou activamente um desejo ardente de conhecimento, mesmo entre as mulheres: os alquimistas, tanto homens como mulheres, trabalhavam longas horas atrás de portas fechadas, para descobrir grandes segredos que cruzavam as fronteiras entre magia, sexo e ciência - e, frequentemente, pareciam tê-los descoberto.
A linha ininterrupta desta tradição secreta incluía os construtores das pirâmides, talvez mesmo os que ergueram a esfinge, os que construíam segundo os princípios da geometria sagrada e cujos segredos encontraram expressão na impressionante beleza das grandes catedrais góticas. Estes eram os criadores de civilização, protegendo-a através da tradição secreta. (Certamente, não é por coincidência que se supunha que Osíris tinha concedido à Humanidade o conhecimento necessário para a cultura e a civilização.) E, como revelam as recentes obras de

Robert Bauval e Graham Hancock, os antigos egípcios possuíam conhecimento científico que ultrapassava o da nossa época. Uma parte inextricável desta sucessão de cientistas heréticos eram os herméticos renascentistas, cuja exaltação de Sophia, demanda de conhecimento e fé na natureza divina do Homem se tinham desenvolvido, originariamente, a partir das mesmas raízes do gnosticismo.
Alquimia, hermetismo e gnosticismo, todos remontavam inevitavelmente à Alexandria do tempo de Jesus, onde fermentava uma extraordinária mistura de idéias. E, assim, verificamos que estas mesmas ideias impregnam a Pistis Sophia, o Corpus Hermeticum de Hermes Trismegisto, o que resta das obras de Simão, o Mago, e os textos sagrados mandeístas.
Como vimos, Jesus fora explicitamente associado à magia do Egipto, e Baptista e os seus sucessores, Simão, o Mago, e Dositeus também foram referidos como «graduados» das escolas ocultistas da Alexandria. E todas as tradições esotéricas ocidentais remontam à mesma raiz.
Seria um erro, no entanto, considerar que o conhecimento procurado pelos Templários, ou pelos herméticos, fosse apenas o que, actualmente, chamaríamos filosofia - ou mesmo ciência. É verdade que estas disciplinas faziam parte do que eles desejavam ardentemente, mas a tradição secreta tem uma outra dimensão, que seria errado omitir. Subjacente a todos os esforços arquitetônicos, científicos e artísticos dos

heréticos, havia uma apaixonada demanda de poder mágico. A indicação quanto ao motivo por que este poder era tão importante para eles podia residir nos rumores da «escravização mágica» de João, praticada por Jesus? Talvez seja significativo que os Templários cuja veneração pelo Batista era conhecida como inultrapassável fossem acusados de adorar uma cabeça decepada, nos seus rituais mais secretos.

A questão da validade e eficácia (ou não) da magia cerimonial ultrapassa o âmbito deste livro: o que importa é o que outros acreditaram ao longo dos séculos e que papel desempenhou nos seus motivos, nas suas conspirações e nos planos que puseram em prática.

O ocultismo era a verdadeira força motivadora que inspirou pensadores aparentemente «racionalistas» - tal como Leonardo da Vinci e Sir Isaac Newton - e o círculo interno de organizações como os Templários, alguns capítulos da maçonaria e o Priorado de Sião. E esta longa sucessão de mágicos secretos - magos - pode ter incluído Batista e Jesus.

Segundo uma das menos conhecidas histórias do Graal, o objeto da demanda é a cabeça decepada de um homem com barba, colocada sobre um prato. Era isto uma referência à cabeça de João, ao estranho poder encantado que se supunha possuir e conferir a quem a encontrasse? Mais uma vez, é demasiado fácil ceder ao cepticismo do final do século XX. O que é importante é que, de algum modo, a cabeça de João era considerada

não só sagrada mas também mágica.
Os celtas também tinham uma tradição de cabeças decepadas, mas, de modo mais pertinente, no Templo de Osíris, em Abydos, conservava-se uma cabeça decepada que era suposto fazer profecias. Noutro mito associado, a cabeça de outro deus-que-morre-e- ressuscita, Orfeu, deu à costa de Lesbos, onde começou a profetizar o futuro. (E é apenas mera coincidência que um dos mais enigmáticos e surrealistas dos filmes de Jean Cocteau fosse Orphée?)
No falso Sudário de Turim, Leonardo representou «Jesus» como decapitado. A princípio, pensámos que isso não era mais do que um recurso visual para transmitir a ideia de que, na opinião joanina herética de Leonardo, aquele que foi decapitado estava (moral e espiritualmente) «acima» do que foi crucificado. Certamente, a linha de demarcação entre a cabeça e o corpo do «homem do Sudário» era deliberada, mas Leonardo podia estar a sugerir outra coisa. Talvez a linha fosse uma referência à ideia de que Jesus possuía a cabeça de João e que, de algum modo, ele o absorvera, tornando-se - nas palavras de Morton Smith - «Jesus-João». Lembremos que, no cartaz do Salon de la Rose Croix, no século passado, Leonardo é representado como Guardião do Graal.
Vimos que, na obra de Leonardo, o indicador levantado simboliza Batista: João faz este gesto na última pintura de Leonardo e na sua escultura de João, que se encontra em Florença. Este gesto não é muito invulgar, porque outros artistas

representaram João deste modo, mas, na obra de Leonardo, outras figuras além do próprio João são representadas fazendo este gesto, no que se destina claramente a ser um sinal para lembrar Batista. Na Adoração dos Magos, a figura que se encontra junto das grandes raízes da alfarrobeira (que, tradicionalmente, simboliza João) aponta o dedo na direcção da Virgem e do menino; Isabel, mãe de João, faz o mesmo gesto, apontando para o rosto da Virgem em A Virgem e o Menino com Santa Ana, e, na Última Ceia, o discípulo, que de forma tão rude está a olhar para Jesus, aponta o indicador de forma inequívoca. E, embora possa estar a dizer, de fato, «Os discípulos de João não esquecem», este motivo repetido pode ser também uma referência a uma relíquia verdadeira - ao dedo de João, considerado como uma das mais preciosas das supostas relíquias dos Templários.

(Na pintura de Nicolas Poussin La Peste d'Azoth - A Peste de Azoth -, uma enorme estátua representa um homem com barba que tem uma mão e a cabeça decepadas. Mas o dedo indicador da mão decepada é representado fazendo especificamente o «gesto de João».

No decurso desta investigação, tivemos conhecimento de uma suposta máxima templária - «aquele que possui a cabeça de João governará o mundo» - e, a princípio, considerámo-la fantasiosa ou, na melhor das hipóteses, de certo modo metafórica. Mas não devemos esquecer que certos objectos, ao mesmo tempo míticos e reais, sempre tiveram um enorme poder sobre os

corações e as mentes humanas - entre elas a «Vera Cruz», o Santo Sudário, o Graal e, claro, a Arca da Aliança. Todos estes objectos envolvem uma mística curiosamente poderosa, como se fossem portas de entrada para o cruzamento dos mundos humano e divino, objetos reais e concretos que existem em duas realidades ao mesmo tempo. Se é suposto que artefactos como o Graal possuam poder mágico, muito mais procurados são os verdadeiros restos mortais de pessoas consideradas como tendo personificado energia sobrenatural e possuído poder oculto.
Certamente, vimos que as relíquias de Madalena eram de suprema importância para os adeptos da tradição secreta, e talvez também elas sejam consideradas como possuidoras de verdadeiro poder mágico. Em todo o caso, os restos mortais de Madalena pareciam ser objecto de grande veneração, e, tal como a macabra relíquia de João, actuavam, sem dúvida, como um totem que congregava os heréticos. Com, ou sem, o conceito de poder mágico, contemplar a cabeça de João ou os restos mortais de Madalena teria um enorme impacto nos adeptos da tradição secreta: seria um momento carregado de grande emoção, considerar que estavam ali, juntos, os restos mortais de dois seres humanos que foram tratados com uma injustiça tão implacável e calculada ao longo dos séculos e por cujos nomes tantos heréticos sofreram.
A terceira razão deste persistente fascínio da tradição secreta é a sua certeza moral

espontânea: estes heréticos acreditam que estão certos e que a Igreja oficial está errada. Mas eles não estavam apenas a manter viva outra religião numa cultura «diferente». Eles mantinham vivo o que julgavam ser a chama sagrada das verdadeiras origens e objectivos do «cristianismo». Todo este penetrante sentido de justiça, no entanto, quando confrontado com o que eles consideram a «heresia» da Igreja Católica, explica apenas a razão por que teve tanto poder no passado. Na nossa época, com a sua perspectiva muito mais tolerante da religião, por que seria necessário que esta tradição se mantivesse secreta?

Começamos esta investigação com o exame do moderno Priorado de Sião e das suas continuadas actividades. Sejam quais forem os planos desta organização, Pierre Plantard de Saint-Clair revelou que ela tem um programa definido que prevê a realização de certas mudanças concretas do mundo, em geral, embora a natureza precisa dessas mudanças seja apenas uma questão para especulação.

Seja qual for o plano original do Priorado, ele parece estar relacionado com a heresia que descobrimos. Na verdade, ocultas nos Dossiers secrets, encontram-se certas declarações bastante inequívocas, com o significado geral de que o Priorado foi responsável, ao longo dos séculos, pelo controlo da tradição secreta. Estas declarações, que aludem directa, ou indirectamente, ao Priorado, incluem: «[Eles são]

os apoiantes de todas as heresias..., passando pelos cátaros e os Templários até à maçonaria... »,*6 «agitadores secretos contra a Igreja...». Outro documento do Priorado, Le cercle d'Ulysse (O Círculo de Ulisses), publicado em 1977, sob o nome de Jean Delande, inclui as palavras ameaçadoras:

O que está o Priorado a planear? Não sei, mas ele é capaz de assumir o Vaticano em dias futuros.

E, como já vimos, a obra Rennes-le-Château: capitale secrète de l'histoire de France, inspirada no Priorado, ao discutir as ligações deste com «a Igreja de João» refere-se a acontecimentos que «voltarão a Igreja ao contrário."
No princípio desta investigação, considerámos a possibilidade de que o Priorado fosse vítima de ilusões de grandeza colectivas, e - como a maior parte das pessoas - achamos difícil considerar que gênero de segredo o Priorado podia ter guardado tão ciosamente, um segredo que teria o poder de ameaçar uma entidade tão vasta e tão bem organizada como a Igreja de Roma. Agora, depois de todas as nossas investigações e experiências, chegámos à conclusão de que a agenda do Priorado - seja ela qual for - devia, no mínimo, ser levada a sério.
De facto, o conceito de uma força organizada, que jurou deitar abaixo a Igreja, não é novo. Por exemplo, no século XVIII, quando começaram a surgir as sociedades secretas que se afirmavam

descendentes dos Templários, a paranóia varreu a Igreja e vários Estados europeus. A França, em particular, sentia-se aterrorizada pela sombra vingativa de Jacques de Molay - os Templários estavam de volta, literalmente, para se vingar? Corriam rumores de que os cavaleiros eram os inspiradores da Revolução francesa.
Contudo, o cenário da vingança templária levanta problemas. Nenhuma organização inteligente manteria o ódio ao rubro, com todas as desvantagens e ao longo dos séculos, simplesmente para eliminar um futuro monarca francês e um papa individual, nenhum deles tendo nada a ver com a extinção da ordem séculos atrás. Esta ideia toma a extinção dos Templários como sendo a razão do seu ódio à Igreja - mas, se eles já a odiassem, por princípio? (E, segundo o Levitikon, os Templários foram contra a Igreja desde o princípio da ordem e não pelo modo como foram extintos.)
A nossa investigação revelou que os Templários não só se consideravam possuidores de conhecimento secreto mas também como seus verdadeiros e legítimos guardiães. Devemos lembrar que os Templários e o Priorado de Sião estiveram sempre inextrincavelmente ligados: qualquer plano ou programa de um deles é muito provável que pertença também ao outro. E, no Priorado de Sião, encontramos uma organização na qual se reúnem os dois fios da heresia - o de Madalena e o de Batista.
Pode ser que os Templários/Priorado estejam a

planear oferecer a uma cristandade assustada alguma forma de prova das suas velhas crenças, algum suporte tangível para a sua tradição joanina de adoração à deusa. Mesmo dada a sua aparente obsessão com a procura de relíquias, é difícil imaginar o que esta concreta evidência poderia ser ou - à primeira vista - que objecto poderia ameaçar a Igreja.
Mas, como já vimos no caso do alegado Santo Sudário, as relíquias religiosas possuem uma forte e singular influência sobre os corações e as mentes dos crentes. De facto, qualquer coisa supostamente associada às personagens principais do drama cristão está investida de uma ressonância singularmente mágica - mesmo as «anti-relíquias» das ossadas, recentemente encontradas em Jerusalém, tornaram-se o foco imediato de um intenso debate e de uma emoção cristã generalizada. É elucidativo imaginar o grau que o interesse público atingiria se as ossadas tivessem sido associadas, de forma mais convincente, a Jesus e à sua família. Certamente, teriam desencadeado uma histeria massiva entre os cristãos, que se teriam sentido traídos, roubados e espiritualmente destabilizados.
As pessoas gostam de andar em demanda de alguma coisa - a busca de algo que é desesperadoramente fugidio, mas que talvez ainda se possa alcançar. A demanda de um Santo Graal ou de uma Arca da Aliança, sempre fugidios, parece estar quase programada em nós, como revela o entusiasmo com que foi acolhido The Sign

and the Seal de Graham Hancock. Contudo, no íntimo, também reconhecemos que estes objetos, apesar de poderem - emocionantemente - existir, de facto, algures, são apenas símbolos, focos de interesse ou personificações de alguns segredos arcanos. Apesar de o Priorado de Sião e os seus aliados se prepararem para revelar alguma justificação concreta das suas crenças, a própria história, como esperamos demonstrar, revela algumas indicações quanto à solidez dessa justificação.

E evidente que esses planos são do maior interesse, mas já não são necessários para compreender a hipotética ameaça à Igreja - e, por implicação, às raízes de toda a cultura ocidental. Na história cristã, muita coisa se baseia em hipóteses, muita emoção, intensamente pessoal, se investe em conceitos, como o de um Jesus que era Filho de Deus e da Virgem Maria, um humilde carpinteiro que morreu pelos nossos pecados e ressuscitou. A sua vida de humildade, tolerância e sofrimento tornou-se a imagem da perfeição humana e modelo espiritual para milhões de cristãos. Jesus Cristo, do seu lugar celestial à direita do Pai, contempla os pobres e os oprimidos e oferece-lhes conforto - porque ele não disse «Vinde a mim, todos os que estais sobrecarregados e eu vos aliviarei»?

De fato, apesar de ser muito provável que Jesus proferisse estas palavras, não é verdade que ele seja o seu autor. Porque, como vimos, estas palavras - e, presumivelmente, muitas outras

semelhantes - provieram das palavras atribuídas a Chreste Ísis: a suave Ísis, a suprema deusa-mãe dos egípcios. Para Jesus, como para qualquer outro sacerdote adorador de Ísis, essas palavras teriam sido muito familiares.

Como vimos, a maioria dos cristãos modernos está espantosamente mal informada sobre os progressos dos estudos bíblicos. Para muitos, noções como a de Jesus ser um mágico egípcio ou a rivalidade entre Jesus e João Baptista devem parecer quase uma blasfêmia - contudo, elas não são invenções de escritores de ficção ou dos inimigos da sua religião, mas conclusões de eruditos respeitados, alguns dos quais são cristãos. E foi há mais de um século que os elementos pagãos da história de Jesus foram, pela primeira vez, reconhecidos.

Quando começamos a estudar o tema, ficámos surpreendidos com o grau em que os eruditos questionaram a história cristã oficial, apresentando argumentos pormenorizados e minuciosos a favor de uma versão quase irreconhecível de Jesus e do seu movimento.

Ficámos particularmente surpreendidos ao descobrir que já existiam abundantes provas acadêmicas de que Jesus não era judeu - e de que, de facto, ele não era de religião egípcia. Mas, como a nossa hipótese cultural de que Jesus era judeu é tão forte, mesmo os que reuniram estas provas não deram o último passo lógico e não concluíram que o peso deste material revela, de facto, que a religião de Jesus não era a judaica,

mas a egípcia.
São muitos os que deram uma contribuição importante para a criação de um quadro radicalmente novo de Jesus e do seu movimento. Desmond Stewart argumenta magnificamente, em The Foreigner, que Jesus fora influenciado pelas escolas de mistérios egípcias, mas Stewart interpreta a conexão egípcia apenas como uma modificação de judaísmo essencial de Jesus. E o professor Burton L. Mack, embora defendendo que Jesus não era de religião judaica, também rejeita o material das escolas de mistérios dos Evangelhos, argumentando que ele foi um aditamento posterior - uma hipótese que não é reforçada por qualquer prova.
Mesmo o professor Karl W. Luckert escreve:
Estas dores do nascimento [do cristianismo]... foram, todavia, verdadeiras dores de parto da mãe da cristandade, a moribunda religião do antigo Egito. A nossa velha mãe egípcia morreu nos séculos durante os quais a sua vigorosa descendência emergia e começava a prosperar no mundo mediterrânico. As suas dores de parto foram as suas dores da morte.

Ao longo da sua vida de quase dois milênios, esta filha cristã, nascida de mãe egípcia, manteve-se relativamente bem informada sobre a sua antiga tradição hebraica paterna... [mas] até hoje, não conhece a identidade da sua defunta religião-mãe...
Tendo demonstrado magnificamente que as raízes

do cristianismo são egípcias, Luckert ainda consegue falhar o objetivo. Considera indirecta a influência egípcia, um eco distante das próprias origens egípcias do judaísmo. Mas, se Jesus ensinava elementos das escolas de mistérios, certamente faz mais sentido que os aprendesse em primeira-mão, do outro lado da fronteira, em vez de os reconstituir a partir de alusões fragmentárias e imprecisas do Antigo Testamento.
De todas estas autoridades, apenas uma ousou dar o último passo lógico. Morton Smith, em Jesus The Magician, afirma inequivocamente que as crenças e práticas de Jesus eram as do Egipto - e, curiosamente, apoiou a sua asserção em material de certos textos mágicos egípcios.
A obra de Morton Smith, embora completamente ignorada por muitos comentadores bíblicos, foi recebida por alguns com aprovação cautelosa. Contudo, as ideias dos académicos não são, como vimos ao longo da nossa investigação, de modo algum, o quadro completo. Ao longo dos séculos, muitos grupos partilharam uma crença secreta nos antecedentes egípcios de Jesus e de outras personagens do drama do século I - e estes «heréticos» também nos proporcionaram muitos outros conhecimentos sobre as origens do cristianismo. É interessante que estas ideias sejam agora confirmadas pelos estudos modernos do Novo Testamento.
Se o cristianismo for realmente um ramo da religião egípcia, e não a missão única do Filho de Deus - ou mesmo uma evolução radical de uma

forma de judaísmo, então as implicações para toda a nossa cultura são tão básicas e enormemente profundas que apenas podem ser afloradas aqui.
Por exemplo, ao voltar as costas às suas raízes egípcias, a Igreja perdeu a compreensão fundamental do arquétipo da igualdade dos sexos, porque Ísis era sempre contrabalançada pelo seu consorte Osíris, e vice-versa. Em princípio, pelo menos, este conceito encorajou o respeito devido igualmente a homens e mulheres, porque Osíris representava todos os homens e Ísis todas as mulheres. Mesmo na nossa época secular, ainda estamos a sofrer as consequências desta negação do ideal egípcio: porque, embora o sexismo não seja um fenômeno exclusivamente ocidental, as suas manifestações directas, no Ocidente, devem muito às doutrinas da Igreja sobre o lugar das mulheres.
Além disso, ao negar os seus antecedentes egípcios, a Igreja rejeitou também -frequentemente, com especial violência - todo o conceito de sexo como sacramento. Ao instituir um filho de Deus celibatário no topo de um patriarcado misógino, a Igreja perverteu a mensagem «cristã» original. Porque os deuses que o próprio Jesus venerava eram parceiros sexuais, e esta sexualidade era motivo de celebração e de emulação entre os seus crentes - mas, curiosamente, os egípcios não eram conhecidos como um povo particularmente licencioso, mas eram notáveis pela sua espiritualidade. As

consequências da atitude da Igreja face ao sexo e ao amor sexual foram, como vimos, terríveis para a nossa cultura: a repressão em grande escala foi responsável não só pelo tormento pessoal e apreensão desnecessários mas também por inumeráveis crimes contra mulheres e crianças - muitos dos quais as autoridades preferiram ignorar.
Houve outros frutos amargos deste grande erro de uma Igreja cristã que negou as suas verdadeiras raízes. Durante séculos, a Igreja cometeu atrocidades regulares contra os judeus, baseadas na crença de que o cristianismo e o judaísmo eram rivais. Tradicionalmente, a Igreja considerava os judeus blasfemos por negarem o messianismo de Jesus - mas, se Jesus não fosse judeu, ainda havia menos razão para os horrores cometidos contra milhões de judeus inocentes. (A outra grande acusação usada para justificar os ataques aos judeus - que eles tinham matado Jesus - há muito que foi reconhecida como falaciosa, simplesmente porque foram os romanos que o executaram.)
Há um outro grupo que, ao longo dos anos, despertou a hostilidade da Igreja. No seu fervor de se instituir como única religião, o cristianismo sempre perseguiu os pagãos. Destruíram- se templos, pessoas foram torturadas e mortas, desde a Islândia à América do Sul, desde a Irlanda ao Egipto, em nome de Jesus Cristo. Contudo, se estivermos certos, e o próprio Jesus fosse pagão, então este fervor cristão não era apenas uma nova negação da humanidade comum mas também dos

princípios do seu fundador. Esta questão ainda é relevante porque os modernos pagãos continuam a ser hostilizados pelos cristãos da sociedade atual.
Toda a nossa cultura é inquestionavelmente reconhecida como judaico-cristã, mas o que significaria se tivéssemos razão e ela fosse, de fato, egípcio-cristã? É evidente que esta apenas pode ser uma pergunta hipotética, mas é talvez mais fascinante basear os nossos sonhos de religião na magia e no mistério das pirâmides do que na ira de Jeová. Certamente, a religião que tem a sua Trindade de Pai, Mãe e Filho deve sempre exercer uma poderosa atracção e um profundo sentido de conforto.
Investigámos a continuidade da linha da crença «herética» da Europa, a corrente secreta do mistério da deusa, da alquimia sexual e dos segredos que rodeiam João Batista. Os heréticos detiveram, na nossa opinião, as chaves da verdade sobre a história da Igreja de Roma. Nestas páginas, apresentamos os seus argumentos, passo a passo, à medida que fazíamos as descobertas, e, da confusão da informação - e, na verdade, da desinformação -, vimos emergir o quadro global.
Acreditamos que, no geral, os heréticos têm bons argumentos a seu favor. Certamente, uma grande injustiça foi feita às figuras históricas de João Batista e Maria Madalena e há muito que o registro devia ter sido corrigido. É preciso compreender o respeito pelo princípio feminino e por todo o conceito de alquimia sexual, se a

Humanidade ocidental tiver esperança de entrar no novo milénio livre de repressão e de culpa.
No entanto, se é possível colher alguma lição da jornada que empreendemos, não é tanto a de que os heréticos estavam certos e a Igreja estava errada. É que há a necessidade não de mais segredos ciosamente guardados, nem de mais guerras santas, mas de tolerância e de uma abertura a novas idéias, livre de preconceitos e de parcialidades. Sem limites à imaginação, ao intelecto ou ao espírito, talvez seja a nossa vez de transportar o facho que, outrora, foi mantido aceso por luminares como Giordano Bruno, Cornélio Agripa e Leonardo da Vinci. E talvez cheguemos a apreciar inteiramente o velho adágio hermético: Não sabeis que sois deuses?

APÊNDICE I
A MAÇONARIA CONTINENTAL OCULTISTA

Investigar a expansão da maçonaria, desde as ilhas Britânicas ao continente, e o seu progresso na Europa é um processo complicado, que é dificultado tanto pelo desejo da moderna maçonaria «oficial» de se dissociar das suas origens esotéricas como pela relutância dos historiadores em encarar o assunto a sério.
As primeiras lojas maçónicas francesas oficialmente reconhecidas foram fundadas a partir de 1720, sob o controlo da Grande Loja de Inglaterra. Contudo, nessa altura, já existiam lojas em França, que deviam as suas origens aos

apoiantes (predominantemente escoceses) de Carlos I, que fugira para França em 1650. A história da maçonaria francesa tem duas correntes distintas, a que descende de lojas inglesas (que fundou a sua Grande Loja de Paris em 1735) e a que descende das lojas escocesas, com períodos de mútua hostilidade, alternando com tentativas de conciliação. A fundação da Grande Loja de França, em 1735, representou uma ruptura com a Grande Loja Inglesa, sendo a fonte de fricção precisamente as objeções de Londres às «suas» lojas que mantinham boas relações com as lojas escocesas.
A maçonaria escocesa parecia ter estado mais próxima do caráter original da maçonaria como sociedade secreta ocultista, ao passo que, em Inglaterra, ela se transformara numa associação de solidariedade e progresso ou, na melhor das hipóteses, numa sociedade filosófica. Certamente, a maçonaria escocesa sempre teve um carácter acentuadamente ocultista.
A criação da Estrita Observância Templária, pelo barão Von Hund, no meado do século XVIII, representou um progresso no seio da maçonaria escocesa. Von Hund afirmava que a sua autoridade advinha de membros dos apoiantes de Stuart exilados em Paris, um círculo centrado em Charles Edward Stuart (1720-1788), o Jovem Pretendente. Se é verdade - e a recente pesquisa tende a apoiar as suas reivindicações -, o seu sistema derivava dos mesmos círculos que o sistema escocês já existente.

Embora Von Hund fosse iniciado em Paris e começasse a promover o seu sistema em França, a Estrita Observância teve o seu maior sucesso inicial na sua Alemanha natal, onde, de início, foi conhecida por Irmãos de S. João Batista. (O título «Estrita Observância Templária» só foi adoptado em 1764, sendo o sistema anterior chamado simplesmente «Maçonaria Retificada».) Von Hund criou a primeira loja alemã, a «Loja dos Três Pilares», em Kittlitz, a 24 de Junho (dia de João Baptista) de 1751. As lojas alemãs tinham estreitas ligações com as sociedades rosacrucianas, particularmente a Ordem da Cruz Ouro e Rosa (consultar o Capítulo VI).

Em França, uma autoridade rival da Grande Loja, o Grande Oriente, foi criada em 1773. O principal ponto de discórdia entre os dois sistemas era o envolvimento de mulheres na maçonaria - o Grande Oriente incluía lojas exclusivamente femininas. Contudo, o Grande Oriente estava mergulhado em grande agitação devido ao que foi tomado como uma tentativa da Estrita Observância Templária para o dominar. A resistência foi, em parte, devido ao nacionalismo, porque ele era considerado um sistema estrangeiro, alemão. Em consequência, um novo sistema «escocês», o Antigo e Reconhecido Rito Escocês (que, subsequentemente se iria tornar muito popular nos EUA), foi criado em 1804. (Para tornar o caso mais confuso, existe hoje uma Grande Loja Nacional francesa - distinta da Grande Loja de França - a qual, embora

represente uma minoria de lojas, está aliada à Grande Loja Inglesa.)
Martinès de Pasqually (1727-1779) fundou outra forma de maçonaria ocultista, a Ordem dos Eleitos Cohens, em 1761. Muito pouco se conhece sobre os antecedentes de Pasqually, embora, provavelmente, fosse espanhol.
Alguns investigadores pensam que Pasqually estava ligado à ordem dominicana - a antiga Inquisição - e que podia consultar o material herético e mágico dos arquivos da ordem. Também conseguiu apresentar, para a Grande Loja de França, uma licença concedida a seu pai por Charles Edward Stuart, a qual o liga à maçonaria escocesa que apoiou o barão Von Hund.
O secretário de Pasqually era Louis-Claude de Saint-Martin, um importante e influente filósofo ocultista, que era conhecido como o «Filósofo Desconhecido». Saint-Martin formou um novo sistema de maçonaria escocesa, o Rito Escocês Reformado, que se uniu ao ramo francês da Estrita Observância Templária na Convenção de Lyons de 1778, uma reunião de maçónicos do Rito Escocês, que também incluía representantes da maçonaria suíça. A principal força impulsionadora do encontro de Lyons foi Jean Batiste Willermoz (1730-1824), que foi também membro dos Eleitos Cohens. Na reunião, a Estrita Observância Templária de Von Hund e o Rito Escocês Reformado de Saint-Martin uniram-se, sob o nome de Rito Escocês Retificado. (A filosofia de Saint-

Martin - martinismo - foi uma influência importante no renascimento ocultista francês do Página 389 final do século XIX, especialmente nos grupos «rosacrucianos», discutidos no Capítulo VII, e as ligações entre as ordens martinistas e o Rito Escocês Rectificado mantêm-se estreitas até hoje.)

A Estrita Observância Templária foi abolida na Convenção de Wilhelmsbad de 1782, embora o sistema do Rito Escocês Rectificado (que era essencialmente a Estrita Observância sob um novo nome, com a adição de certas crenças martinistas) fosse declarado legítimo.

A Estrita Observância Templária continuou a exercer a sua influência sobre outra forma de maçonaria «ocultista», os ritos egípcios, que foram criados pelo Conde Cagliostro (consultar o Capítulo VII). Depois da sua admissão numa loja (Esperance 369) da Estrita Observância Templária de Londres, em 1777, Cagliostro criou o seu próprio sistema que incluía ideias alquímicas e outras que aprendera com os grupos ocultistas alemães. Criou a «loja-mãe» do Rito Egípcio em Lyons, em 1782. A característica distintiva deste sistema - além do seu uso de antigo simbolismo egípcio - era a igualdade do papel das mulheres.

A data da fundação deste sistema é também importante. Os céticos atribuem a fundação da maçonaria do Rito Egípcio à voga europeia de todas as coisa egípcias, que se seguiu à campanha de Napoleão no Egito (durante a qual foi descoberta a famosa Pedra da Roseta).

Contudo, esta voga ocorreu nos anos 1789-1799, por instigação do sistema maçônico.
O Rito de Misraïm foi criado em Veneza, em 1788, ao abrigo de uma licença concedida por Cagliostro. Este rito foi introduzido em França em 1810, por três irmãos da Provença - Michael, Joseph e Marcus Bedarride.
Estes fundaram um grande capítulo em Paris e negociaram a adesão ao Grande Oriente. Também estabeleceram ligações com o Rito Escocês Retificado - o reconhecimento das origens comuns dos dois sistemas na Estrita Observância Templária. Os quatro graus mais elevados do Rito de Misraïm eram chamados os Arcana Arcanorum.
Outro importante rito egípcio era o de Mênfis, criado em Montauban, em 1838, por Jacques-Étienne Marconis de Nègre (1795-1865), antigo membro do Rito de Misraïm. Este sistema tinha também estreitas ligações com o Rito Escocês Retificado.
Em 1899, os Ritos de Mênfis e de Misraïm foram associados por Gérard Encausse (Papus), que já tinha fundado e dirigido a ordem martinista (consultar o Capítulo VII).
Assim, o Rito Escocês Rectificado, os ritos egípcios e as ordens martinistas formam um grupo interligado de sociedades, todas devendo a sua origem à Estrita Observância Templária do barão Von Hund - a qual, por sua vez, deriva dos Cavaleiros Templários Escoceses - e às lojas rosacrucianas da Alemanha.

APÊNDICE II
RENNES-LE-CHÂTEAU E O «TÚMULODE DEUS»

Quando preparávamos o plano final deste livro, Rennes-le-Château voltou aos títulos dos jornais com a publicação de The Tomb of God de Richard Andrews e Paul Schellenberger. Segundo a sua tese, altamente polémica, o segredo descoberto pelo sacerdote Bérenger Saunière era nada menos do que o lugar do túmulo de Jesus, que os autores acreditam que se encontra em Pech Cardou, uma montanha a cinco quilômetros a leste de Rennes-le-Château. Mas o cristianismo, evidentemente, exige a fé na ascensão corporal de Jesus aos Céus, portanto, não deveria existir nada para enterrar. A própria idéia de o corpo de Jesus existir em qualquer parte é profundamente chocante - e ameaçadora - para a cristandade ortodoxa.
A idéia de que o túmulo de Jesus se encontra na área de Rennes-le-Château não é nova. É quase um lugar-comum em França, onde já existem dois livros e meia dúzia de teorias inéditas que afirmam a mesma coisa, embora cada um deles favoreça uma localização diferente. (De facto, uma delas sugere que a sepultura do filho de Deus se encontra sob os modernos lavabos públicos do parque de estacionamento de Rennes-le-Château!)
A ideia provém do simples significado do suposto segredo e da crença existente de que ele está ligado a um túmulo (como, por exemplo, em Pastores da Arcádia, de Poussin, que tem um

túmulo como motivo central.) E que poderia ser mais importante do que a descoberta do túmulo de Jesus? Mas como explicam as teorias de Andrews e de Schellenberger a solução do mistério de Rennes-le-Château? As conclusões dos autores baseiam-se na descoberta de complexos desenhos geométricos, ocultos em dois «pergaminhos codificados», supostamente encontrados por Saunière, e em várias pinturas que têm sido associadas a esta história, como Pastores da Arcádia de Poussin. Os autores interpretam-nas como um conjunto de «instruções» que, quando aplicadas ao mapa da área de Rennes-le-Château, conduzem ao lugar Pech Cardou, onde o «segredo» pode ser descoberto.

Esta conclusão apresenta, no mínimo, um sem-número de problemas. Primeiro, embora o «código» geométrico pareça existir em várias obras (mas não todas), não é, de modo algum, óbvio que estas instruções se destinem a ser um mapa - podiam ter algum significado esotérico baseado nos princípios da geometria sagrada. Em segundo lugar, mesmo que os autores estejam certos, as suas razões para aplicar estas «instruções» da maneira que as aplicam são obscuras e, por vezes, arbitrárias. De facto, são apenas os pergaminhos que estabelecem a ligação entre a geometria e a paisagem e, como vimos no Capítulo VIII, estes são de proveniência extremamente duvidosa.

Mesmo que Andrews e Schellenberger tivessem

descoberto o local exacto, a sua dedução final - que o segredo é Jesus estar ali enterrado - é notavelmente fraca. Interpretam a famosa mensagem das «Maçãs Azuis» como um conjunto de instruções cuja finalidade é encontrar estas «maçãs azuis». Afirmam que esta frase, da qual depende grande parte da sua argumentação, é a gíria local para designar «uvas». Infelizmente, este termo não é, de modo algum, a designação de uvas na gíria local. E, mesmo que fosse, é preciso um espantoso salto de lógica para afirmar que, de fato, maçãs azuis se referem a Jesus! Os autores confundem o leitor quando escrevem «... o simbolismo do corpo inerente à mensagem maçãs azuis...» - ou quando fazem a afirmação sem fundamento «das uvas que simbolizam o seu corpo [de Jesus], as maçãs azuis.
Os autores também reivindicam a confirmação do seu raciocínio na sua interpretação pessoal do mote Et in Arcadia ego... Partem do princípio de que devia ser completado com a palavra sum - que transformam num anagrama de Arcam Dei tango Jesu (Eu toco no túmulo de Deus, Jesus). Mas isso depende da hipótese de ser um anagrama e da adição de uma palavra que tem de ser imaginada.
Andrews e Schellenberger interpretam a mensagem das «Maçãs Azuis» como referência a vários lugares que, quando ligados no mapa, formam um quadrado perfeito. No entanto, estas interpretações são muito forçadas. Por exemplo, os numerais latinos, correspondentes a 861, são

interpretados como uma referência à altitude específica de um lugar, a nordeste de Rennes-le-Château. Esta referência surge apenas na actual edição do mapa do ING (o equivalente ao mapa dos Serviços Cartográficos Britânicos). Todas as outras edições, e um marco no próprio lugar, indicam a altitude correta de 680 metros. Este facto leva Andrews e Schellenberger a concluir que algum «iniciado» do Institut Géographique Nationele falsificou a actual edição para corresponder à mensagem. (Não teria sido mais fácil indicar a altitude correcta, em primeiro lugar?)
Depois, Andrews e Schellenberger ignoram o facto de que a mensagem codificada é um perfeito anagrama da inscrição da pedra tumular de Marie de Nègre, datado de 1791. Seria uma obra verdadeiramente espantosa dos codificadores transformar uma inscrição do século XVIII numa mensagem que indica precisamente estes quatro lugares - um dos quais é uma moderna referência de altitude e outro é uma ponte ferroviária construída depois de 1870!
Além deste raciocínio tortuoso, os autores também recorrem às já gastas falácias da história de Saunière. Por exemplo, repetem o boato segundo o qual Marie Dénarnaud encomendou o caixão de Saunière vários dias antes da sua morte - enquanto ele estava de perfeita saúde. Além do fato de o seu estilo de vida excessivo ter arruinado a sua constituição, os investigadores de Rennes já sabem que a história resulta de um erro da leitura

da data do recibo de pagamento do caixão: 12 Juin (Junho) foi tomado por 12 Jan (Janeiro).
Os autores afirmam que se interessaram por este mistério, em primeiro lugar, devido à intriga que rodeava as mortes suspeitas de três sacerdotes desta área - o próprio Saunière e os abades Gélis e Boudet. Andrews e Schellenberger acreditam que o trio foi assassinado porque todos conheciam o grande segredo. Na verdade, seria tema para um romance policial verdadeiramente emocionante, exceptuando o facto de que apenas um destes sacerdotes foi assassinado: o abade Gélis. Como vimos, o estilo de vida de Saunière garantia-lhe uma morte relativamente precoce, e Boudet morreu de causas naturais, numa idade avançada (numa casa de repouso, sem nada de misterioso).
Assim, a solução dos autores para o persistente mistério de Rennes-le-Château é completamente insatisfatória. Mas a hipótese sobre o corpo de Jesus é válida?
Andrews e Schellenberger apresentam três cenários alternativos: Jesus sobreviveu à cruz e fugiu para a Gália, onde viveu o resto da vida; a sua família e/ou os discípulos trouxeram os seus restos mortais para França; ou os Templários descobriram os restos mortais em Jerusalém e trouxeram-nos consigo para o Languedoc. Apesar de nenhum destes cenários ser impossível, os autores não apresentam qualquer prova directa ou convincente que confirme qualquer deles.
A idéia de Jesus estar enterrado no Sul de França é plausível, embora se pudesse argumentar que ela

faz mais sentido no contexto das nossas próprias conclusões. É possível que Madalena levasse consigo o corpo de Jesus ou que fosse mesmo acompanhada por ele. (Andrews e Schellenberger, à maneira cristã oficial, ignoram-na completamente.) Contudo, não encontramos nenhuma evidência, mesmo de uma tradição que apoie esta ideia dos autores: todas as tradições que existem dão forte ênfase a Maria Madalena. A corrente secreta herética do Sul de França era, e é, acima de tudo, um culto de Madalena e não de Jesus.

Mas, ainda que fosse descoberto um corpo, que talvez pudesse ser o de Jesus, como podia ser positivamente identificado como tal? Andrews e Schellenberger, mais uma vez, aplicam a sua lógica única ao problema. Embora descrevam as práticas funerárias judaicas do século I (para eles, Jesus era um judeu essênio) de recolher as ossadas dos cadáveres e colocá-las num vaso de pedra ou ossário, subitamente passam a discutir o corpo embalsamado de Jesus. (Irrelevantemente, referem que os Templários conheciam a técnica do embalsamamento; seria demasiado tarde para embalsamar o corpo de Jesus.) Sugerem ainda que o corpo podia ser identificado comparando-o com a imagem do Sudário de Turim. Evidentemente, qualquer especulação sobre o túmulo de Jesus tem de se limitar ao domínio das suposições até que, ou a não ser que, ele seja, de fato, encontrado e investigado. Andrews e Schellenberger não afirmam tê-lo encontrado, mas

apenas tê-lo localizado. Eles advogam uma escavação arqueológica em larga escala, que, segundo esperam, confirmará a sua hipótese.
Contudo, as tradições locais estão primordialmente relacionadas com duas pessoas: Maria Madalena e João Batista e não com Jesus. A luz da nossa investigação, os rumores de os restos mortais de Cristo se encontrarem naquela área podem, de facto, referir-se a alguém mais próximo dos corações dos habitantes locais do que Jesus.